
AUTHOR OF THE *NEW YORK TIMES* BESTSELLING SPLINTERED SERIES
A. G. HOWARD
ONCE UPON A NIGHTMARE, HER FAIRY TALE BEGINS . . .
Stain

Salem Witches
Traduções

Staff

Moderadora
Sancta Astra

Tradução - Sancta Astra

Revisão Inicial - Lay

Revisão Final & Conferência - Medusa

Formatação - Sancta Astra



Novembro, 2019

Avisos



A presente tradução foi efetuada pelo grupo Salem Witches (SW), de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra, incentivando posteriormente a aquisição.

O grupo não tem o objetivo de obter lucros, seja direta ou indiretamente.

Selecionamos livros que estão sem previsão de publicação no Brasil, assim, afim de preservar direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo poderá retirar sem aviso prévio, suspender o acesso aos livros que serão lançados por editoras.

Prezem pelo grupo, não distribuam livros feitos por nós em blogs, páginas do facebook e grupos abertos.

Nunca falem sobre livros que foram feitos por nós para autores(as), digam que leram no idioma original.

Prestigiem sempre que puderem os autores comprando seus livros, afinal eles dependem disso não é mesmo?

Sinopse

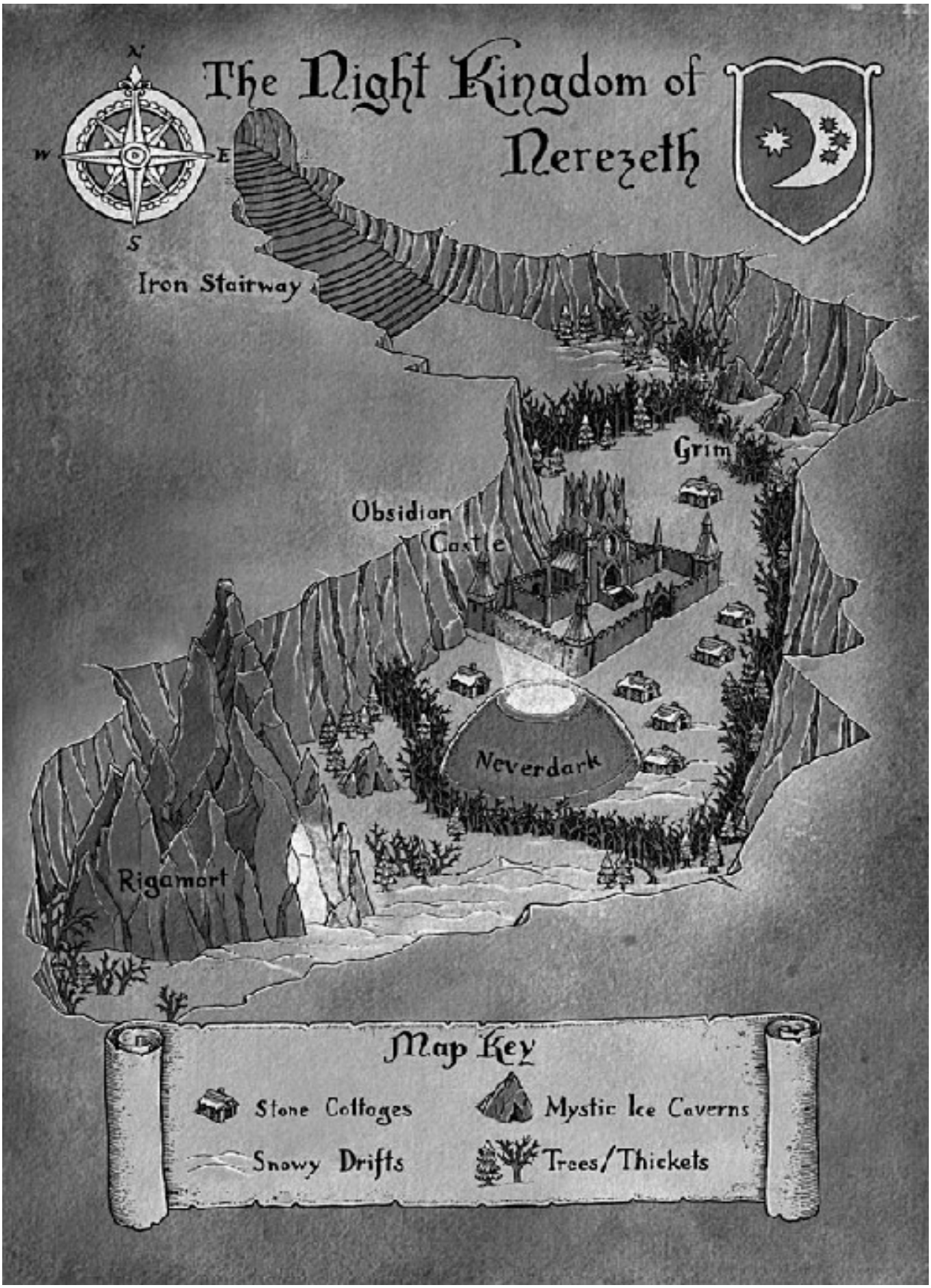


Era um pesadelo, seu conto de fadas inicia.

Depois que Lyra - uma princesa incapaz de falar - é expulsa de seu reino de luz por sua tia perversa, uma bruxa salva sua vida, rouba suas memórias e a cria em uma floresta encantada, disfarçada como um menino conhecido apenas como Stain[1].

Enquanto isso, no reino rival de Lyra, o príncipe dos espinhos e da noite está morrendo, e a única maneira de ele quebrar sua maldição é se casar com a princesa da luz do dia, pois ela é sua verdadeira igual. Enquanto Lyra redescobre sua identidade, uma princesa impostora se prepara para roubar seu príncipe prometido e sua coroa. Para reconquistar seu reino, salvar o príncipe e fazer as pazes com a terra da noite, Lyra deve ser forte o suficiente para ser ouvida sem voz e forte o suficiente para passar por uma série de testes - em última análise, provando que ela é tudo que uma princesa tradicional não é.


The Day Kingdom of Eldoria
N
E
S
Mt. Astra
Iron Stairway
Panacea Roses
Crystal Lake
Ivory Castle
Ashen Ravine
Map Key
Fields / Gardens
Cottages / Homes
Barns / Silos
Sylph Elm
Stables
Mountains
Meadows / Forests
Panacea Roses


The Night Kingdom of Nerezeth
N
W
E
S
Iron Stairway
Grim
Obsidian Castle
Neverdark
Rigamort
Map Key
Stone Cottages
Mystic Ice Caverns
Snowy Drifts
Trees/Thickets

Parte um

Em que o espinho
Estrangula a rosa

Prólogo



Era uma vez uma terra humilde, cercada por um oceano e flutuando dentro de sua esfera celeste como uma ilhota, onde o sol e a lua compartilhavam o céu. A luz mais forte reluzia no campo a cada dia, e a mais suave fornecia o alívio da escuridão a cada noite. Juntos, dia e noite foram completos, como amantes unidos. Mas uma guerra mágica irrompeu entre os dois reinos. No final da batalha, um reino arrastou a noite para a barriga da terra, junto com sombras, inverno e gelo, e aquelas criaturas atraídas pela escuridão ou pelo frio. Lá, no subsolo, a lua fez sua jornada através de um novo firmamento, atravessando de oeste a leste, e de leste a oeste, para nunca mais descansar. O outro reino manteve-se firme até o dia anterior - acumulando o sol e sua infindável campanha pelos céus, com as estações mais amáveis e todas as variantes da vida tornando tudo brilhante e colorido. Um limite encantado se encaixou entre os dois planos, permitindo um clarão de aurora no reino da noite e uma névoa de crepúsculo durante o dia, uma ocorrência rotineira duradoura apenas o tempo suficiente para lembrar o reino de cada passagem do tempo e do que havia sido perdido. Embora as pessoas parecessem prosperar em sua separação, sem o dia e a noite, elas estavam incompletas, e o descontentamento fermentava abaixo da superfície. Pelo que haviam esquecido, eles logo se lembrariam: a dissociação gera preconceito, amargura e apatia - emoções muito monstruosas para qualquer reino em qualquer terra e poderosas demais para serem derrotadas apenas pela magia.

01
De espinheiros e Manchas



Em uma história encantada, um príncipe procura desesperadamente uma princesa para se casar e governar ao seu lado. Mas quando seu destino chega aos degraus do castelo, ela deixa de parecer parte da realeza, ficando encharcada e desamparada depois de enfrentar um aguaceiro em sua jornada. Para satisfazer a rainha, mãe do príncipe, ela deve provar que é uma princesa de verdade, com uma constituição tão delicada, a mais leve protuberância debaixo de uma torre de colchões de edredom - um caroço não maior que uma ervilha - machuca sua carne e impede seu sono. Somente uma menina tão tenra como uma rosa florescente pode se casar com o filho real e se tornar uma rainha por direito próprio.

No entanto, essa narração antiquada negligencia um detalhe vital: as rosas precisam de espinhos, assim como os espinhos precisam de rosas. Se olharmos atentamente para a parceria, eles podem ver a balança que um espinho fornece - suficientemente brutal para proteger dos predadores, mas gentil o suficiente para compartilhar o caule e nunca romper a frágil flor. Somente se esse espinho perder sua rosa, torna-se feio, sem propósito, cruel e vil, com más intenções para

expandir seu alcance e dominar à custa de tudo o mais.

Esta é a história de duas princesas muito diferentes - uma que perdeu a rosa e outra que ganhou seus espinhos. Suas jornadas para provar seu valor se desenrolam dentro de um conto de fadas enredado entre as urzes[2].

Começa com “Era uma vez” e um toque mórbido para dar o tom...



Era uma vez um pesadelo, uma princesa nasceu no reino da luz do sol perpétuo, um bebê de ossos finos que matou sua mãe rainha em sua entrada no mundo.

No entanto, isso não é inteiramente verdade. A rainha Arael adoecera sete meses antes, depois de espetar o dedo em uma roseira espinhosa que produz lavanda na base da montanha Astra, a montanha mais alta de Eldoria.

A rainha adorava flores, e essa rosa a chamava com uma sedutora nuance de sombras e mistério, e seus dias ensolarados, regiamente regidos, estavam faltando. Ela não parou para considerar que suas raízes se espalham profundamente sob a terra, longe o suficiente para se alimentar do alter-mundo de Nerezeth, terra da noite eterna. Uma voz travessa e acetinada sussurrou ao vento e fez cócegas em sua orelha. Convencida de que era a sua própria consciência que a inspirava, ela ignorou qualquer sentimento de destruição iminente e arrancou o caule. Alguns disseram que no momento em que o espinho perfurou a pele da rainha, seu sangue se encheu de uma maldição de demônio, uma escuridão que penetrou em todas as facetas do seu ser, invadindo o bebê que ela carregava. Sua morte ao dar à luz só validou o boato para aqueles tolos o suficiente para acreditar em tal loucura.

Naquele dia de perda e vida, um silêncio triste caiu sobre o castelo de marfim de Eldoria. A irmã do rei, a bela dama Griselda - elegante como uma estátua esculpida nas pedras de marfim que revestem as lagoas do jardim, com cabelos brilhantes, tanto carmesim quanto preto - deu um passo à frente para ser a governanta da princesa.

Embora Griselda demonstrasse compaixão por seu irmão, seu coração se encheu de inveja, pois ela tinha três filhas pequenas que jamais se sentariam no trono, agora que uma herdeira nascera do rei. Sua mente amargurada não perdeu tempo inventando alguns meios para emendar essa injustiça.

Se o bebê tivesse morrido com sua mãe gentil, seu destino teria sido mais gentil do que o que estava reservado.

O rei Kiran, da casa de Eyvindur, tão dominado pela tristeza, ainda não havia olhado para sua nova filha. Chorando, ele pressionou os lábios na mão fria e flácida do corpo de sua adorável esposa. O perfume do solo e das flores ainda se agarrava à sua pele verde-oliva de seu tempo no jardim mais cedo naquele dia. — Se ao menos Arael pudesse ter ficado tempo suficiente para ver o bebê, mais uma vez.

—Melhor que a mãe não tenha visto. — O olhar de Griselda, escura e dura como ferro forjado, fixou-se em seu irmão enquanto ela enrolava o embrulho enrolado em um cobertor de renda que coçava. — Ela é bem incomum. Seus cílios... eles são brancos como os ossos. E mais longos e mais numerosos que as pernas de uma centopeia. — Os cílios escuros e grossos de Griselda tremiam como se tivessem pena. — É surpreendente.

A recém-nascida gritou com o tratamento severo de sua tia. O grito cortou o silêncio e ecoou por todos os corredores. Cada empregado dentro da sala - daqueles recolhendo lençóis ensanguentados para os que limpavam as manchas vermelhas dos azulejos brancos - fez uma pausa e prendeu a respiração. Pois o som era tudo, menos intrusivo. Os gemidos da criança formavam uma melodia que envolvia cada partícula de ar, em prata ressonante e pureza - como o trinado de um pássaro em um dia de primavera ameno. Outros criados que haviam se ocupado em outro lugar se reuniram em volta da porta para espiar lá dentro.

As lágrimas do rei diminuíram, e pela primeira vez ele se virou para olhar para o bebê, tomando-a gentilmente das mãos de sua irmã.

— Tão lírica. Sua voz é música. Vou chamá-la de Lyra. — Ele assentiu com a cabeça, a coroa de ouro branco cintilando à luz das velas, já que as

cortinas haviam sido projetadas para oferecer privacidade enquanto a rainha lutava para dar à luz. — Arael teria gostado disso.

O bebê se aconchegou nos braços gentis de seu pai.

—Aqueles olhos, aquela pele. — Griselda observou o bebê ao redor do ombro robusto do irmão; a minúscula princesa se contorcia dentro do cobertor de renda, uma criatura tênue e azulada que lembrava uma sombra em um pires de creme coalhado. — Não há como negar que ela foi tocada pelo luar. Ela não terá escudo do sol. E ela parece doentia; deve ser a doença do sangue da rainha. Um contágio da terra amaldiçoada da escuridão e do gelo eternos.

—Ela tem uma beleza rara e melancólica, é verdade. — Seu irmão respondeu naquele tom profundo e sábio que o fez tão amado por seu povo, enquanto sua barba negra acariciou a cabeça leitosa do bebê. — Mas você mesma pode se relacionar com a pele sensível e como as aparências externas raramente refletem a força interior. Veja como ela agarra meu dedo. — A pequena mão pálida de Lyra se enrolou no meio do polegar de cor avermelhada e apertou. O rei riu. — Tal medula em uma tão pequena. Sim. Vou vê-la viver até uma idade madura. Ela é sangue do meu sangue e nasceu para presentear nosso mundo com música. Ela vai sentar no trono e reinar em graça e luz, assim como sua mãe. — Mesmo em meio ao desgosto com a perda, ele amava essa criança mais do que o próprio fôlego, e o sabor de suas lágrimas imprimia nos lábios de Lyra como o gosto de mais puro conforto.

Ao longo dos anos, à medida que a princesa crescia, as diferenças também aumentavam. Não se parecia em nada com as primas - um trio de beldades de olhos aveludados cujos cabelos brilhavam ruivos à luz de velas, cuja pele de marfim sardenta do tempo passado ao ar livre. As duas figuras mais velhas certamente seriam bem-feitas e sensuais como a mãe delas um dia, mas a prima mais próxima de sua idade, Lustacia, compartilhava a estrutura esbelta de Lyra.

No entanto, ninguém compartilhou suas características estranhas. Lyra tinha olhos iridescentes - prismas de madrepérola que mudavam do rico âmbar das folhas de outono para um lilás tão gentil e sereno que era quase transparente;

a pele enluarada - a cor das pétalas da hortênsia se desvanecia no tom mais claro de azul - também espectral para esconder a delicada rede de veias por baixo; e cabelos, sobrancelhas e cílios tão prateados e brilhantes, rivalizavam com as teias de aranha que cobriam os cantos do castelo, onde até a luz da vela não chegava a alcançar. Com o tempo, seus cílios cresceram tanto que se esticavam acima das sobrancelhas e muitas vezes emaranhavam em seus cabelos. Assim, quaisquer fios do rosto dela eram mantidos em tranças, permitindo que ela piscasse livremente.

Para todos, exceto seu pai amoroso, ela permaneceu uma criatura de estranheza sobrenatural. Sua pele queimava com uma dor excruciante quando cortada pelo menor fio de sol. Seus olhos nunca haviam derramado uma lágrima. Eles a guiavam pelos cantos sombreados e pelas antecâmaras, reluzindo ouro com a precisão de um gato, mas mudavam para o tom roxo e a deixavam cega como uma toupeira à luz do dia.

Fora do alcance do irmão, Griselda envenenou os criados contra a criança. — Seu sangue está contaminado. Ela caminha nas sombras como os moradores da escuridão. Já perdemos a rainha para ela. Agora suas artimanhas demoníacas enfeitiçaram meu irmão. E quando é sua vez de reinar, então o que? Que propósito ela pode servir para um reino onde o sol brilha eternamente de nossa vitória séculos atrás? Nós todos viveremos trancados dentro de casa, pegos à escuridão para o seu conforto? Ou ela vai dividir a terra para que a noite possa penetrar mais uma vez para contornar nossos céus?

No quarto aniversário de Lyra, ela desceu os corredores, o chão fresco e escorregadio sob os pés descalços. Cortinas pesadas cobriam as janelas; apenas velas foram acesas no lado norte do castelo de marfim em respeito à sua pele macia.

Três servos espiaram ao redor do canto, a luz fraca cintilando em seus rostos. Ao vê-los, Lyra acenou. Eles balançaram a cabeça.

—Eu sinto falta do brilho quente do sol. — Choramingou Brindle, o bobo da corte. Os sinos do chapéu tilintavam a cada prumo do queixo.

—Devemos sempre viver escondidos? — berrou Matilde, a cozinheira chefe, com os braços cruzados embalando uma concha de sopa que pingava com um aroma de dar água na boca.

—Só para ela? — Rosnou Mia atrás de uma cesta cheia de roupas de cama. Ela servia como empregada da dama de honra da rainha Arael, mas relutou em fazer o mesmo com a princesinha estranha.

Lyra não entendeu muito bem a mordida séptica de suas palavras. Tudo o que ela sabia era que seus murmúrios faziam cócegas em seus ouvidos como os minúsculos ratos tagareladores nos livros de histórias que seu pai lia. Ela correu para cumprimentá-los com uma risada melódica. Todas as expressões dos três funcionários mudaram, carrancas tornando-se sorrisos, olhos uma vez escurecidos com desconfiança iluminando com otimismo.

Matilde respirou fundo e Brindle girou no lugar, seus sinos tilintando alegremente.

—A voz dela, é como sentar à sombra de um manto de flores de primavera, não é? —Ele riu.

Mia pôs de lado sua cesta. — O que todos nós estamos procurando? É o aniversário da princesa e, como empregada de sua dama, pretendo a ver mimada.

Os outros dois servos concordaram. Matilde assou um bolo gelado e fez cócegas nos pés de Lyra com penas de ganso enquanto comia; Brindle fez um tilintar de triângulos brilhantes de lata pendurados sobre a pequena cama; e Mia deu-lhe um banho de espuma perfumado com magnólia rica e amadeirada e baunilha. Lyra riu quando as bolhas se ergueram sem peso em seus cílios e mãos, emocionada pelo brilho da vela capturado por dentro. Nada mais fascinava ela do que a luz.

Daquele ponto em diante, a cozinheira, o bobo da corte e a empregada visavam provocar o riso da princesa o mais rápido possível. Escondida de vista, Griselda observava a lealdade deles crescer e seu rancor queimava mais e mais escuro, marcando seu coração com uma mancha irreversível.

Mais três anos se passaram. Preocupado com as necessidades de sua filha,

o rei Kiran ficou alheio ao humor sombrio de sua irmã. Ele não notou quantas vezes Griselda ficava com suas filhas no lado leste do castelo, isolando sua pequena família e metade dos criados do castelo, onde as cortinas permaneciam abertas para o sol que nunca mudava.

Um dia, na ala norte, enquanto Lyra olhava tristemente para as pesadas cortinas nas janelas, o rei parou ao lado dela para acariciar seu cabelo acetinado. — Desejando pastos mais verdes, cordeirinho?

Ela abaixou a cabeça. Algo estava errado com a língua dela. Ela não conseguia formar palavras - apenas aqueles sons líricos que pareciam deixar todo mundo feliz ou confuso. Ela desistiu de tentar falar. Melhor não emitir som algum do que ser mal-entendida. Mas ela e seu pai tinham um vínculo especial. Ele podia ler seus gestos e expressões. Nenhuma resposta à sua pergunta era necessária; ela sabia que ele entendia melhor do que ninguém como ela queria sair e sentir o sol no rosto, ou o vento em seus cabelos.

—Bem. — O rei respondeu seu silêncio com uma nota alegre em sua voz. — Acontece que estou trazendo o pasto para você. Eu enviei para os três magos reais. Eles estão a caminho do pico do Montanha Astra para encontrar um meio para você ficar na luz.

Então, dominada pela felicidade, Lyra jogou os braços ao redor de sua perna e acariciou o aroma temperado de suas vestes reais.

Os irmãos trigêmeos imortais chegaram, andando descalços e sem som pelos corredores do castelo como espíritos presos. Seus pés e mãos brilhavam, parecendo areias bege claras que deslizavam por uma ampulheta. Descendidos de antigos serafins, eles eram tão brilhantes e bonitos que nenhum mortal podia olhar em seus rostos por medo de ficar cego. Assim, eles usavam vestes cintilantes e cobertas de capuz e máscaras semelhantes a pássaros. Lyra estudou-os com admiração reverente enquanto mediam a cabeça e o pescoço. Reconhecidos por combinar sua magia de maneiras inteligentes, os magos projetaram um capuz feito do céu noturno, um tecido nas mãos de costureiras encantadas - uma parte de sombras da meia-noite e uma parte de poeira estelar.

Sendo personalizada apenas para a princesa, ela seguia todos os seus movimentos sem se tocar, como um cardume de peixes correndo de um lado para o outro na cabeça.

Com o capuz no lugar, Lyra correu para uma janela que o pai abrira. Uma brisa floral perfumada flutuou através do tecido rodopiante e ela se deleitou em sua doçura. Ela gesticulou em direção a uma árvore no jardim com um tronco branco grosso e galhos retorcidos adornados com folhas vermelhas carmesins. Ele se destacou como uma chama no centro do cenário verde exuberante, tão brilhante que ela podia vê-lo através da tela abafada protegendo seu rosto.

O rei Kiran se ajoelhou ao lado dela. — Isso é um sílfalo. Antes do seu nascimento, as folhas ficaram vermelhas. Sua mãe me contou a lenda, que as folhas só sangram quando um olmo esconde as asas decepadas de uma sílfide. Se um elemental aéreo traz uma injustiça a alguém puro de coração, eles são amaldiçoados por estarem ligados à terra em suas duas formas inconstantes. — Ele fez uma pausa, e Lyra sentiu que ele tentava manter sua voz forte. Ela se perguntou se ele estava fazendo o que ela era: imaginando sua mãe no jardim agora. —Mas a sílfide pode ser libertada um dia, assim que todas as outras folhas se tornarem o ouro mais rico - a cor dos seus olhos encoberta pela sombra. — Ele torceu o nariz de Lyra. Ela deu uma risadinha, sabendo que o tilintar da melodia sufocaria sua tristeza. Seu sorriso de resposta foi sua recompensa. — Durante esse tempo - quando apenas duas folhas vermelhas permanecem entre o ouro - se a sílfide realiza uma ação altruísta a partir da bondade de seu coração, elas podem recuperar suas asas e retornar à sua verdadeira forma.

Como se solicitado por suas palavras, uma borboleta vermelha empoleirou-se no peitoril da janela. Esquecendo o perigo da luz, Lyra chegou mais longe do que deveria com a mão nua. Uma mecha de sol roçou sua pele enluarada. Seus dedos chiaram e carbonizaram. Ela uivou em agonia, seus próprios gritos zombando dela com lirismo alegre.

Mortificado, o rei a pegou e observou sombriamente enquanto os magos tratavam e enfaixavam suas bolhas. Ele encomendou um terno inteiro de céu

estrelado. No entanto, o capuz levou todos os materiais preservados em jarros de séculos antes. Os magos não encontraram nenhuma fonte atual de sombras ou estrelas nascidas na lua, porque Nerezeth estava acumulando as noites por centenas e centenas de anos.

—Reúna todas as sombras dos cantos e lareiras do castelo! Escave-os da masmorra, se precisar! — Gritou o rei.

—Sua alteza. — O trio de magos disse simultaneamente em vozes de baixo, barítono e tenor - pois sempre falavam em uníssono. — Apenas as sombras mais profundas do crepúsculo farão, já que elas detêm o ponto de virada da noite. E há a falta de estrelas, sem poeira para estabilizar as sombras e derrubá-las, elas simplesmente escaparão.

Nos cinco anos seguintes, Lyra teve que ficar satisfeita olhando por baixo do capuz. Mesmo com o corpo envolto em tecidos pesados do pescoço aos pés, o sol penetrava e queimava. Ela só podia ver a beleza de seu reino brilhante em tons suaves da segurança de sua casa. Assim, seu tempo favorito tornou-se aquele momento singular em que ela podia remover o capuz para olhar pela janela clara, desprotegida, depois do curso diurno do dia para o oeste. Quando aquele lampejo do crepúsculo suavizou a luz para uma névoa azul-púrpura, ela ficou livre por vinte respirações completas antes que o sol se iluminasse novamente para iniciar sua reversão oriental através do céu para o rumo da cessação.

Lyra amava a luz com tanto fervor que bastava, até o trágico momento em que se viu no espelho.

Avaricette, filha de quinze anos de Griselda, estava na cozinha ensolarada com suas duas irmãs. Lyra, de doze anos de idade, havia seguido, atraída pelo aroma de guloseimas recém-assadas. Coberta do pescoço aos dedos em tecido pesado, ela colocou xícaras na mesa na esperança de que seus primos pudessem se juntar a ela para uma festa do chá.

—Lyra, talvez estejamos muito velhas para jogar jogos tão infantis. — A filha mais estudiosa e mais brilhante de Griselda, Lustacia, ajustou os brilhantes

cachos ruivos que cobriam seus ombros e piscou seus olhos azuis. Ela sempre foi mais gentil do que as outras, sendo apenas um ano mais velha do que Lyra, por isso sua bronca gentil não desencorajou a princesa. Ela continuou a dobrar os guardanapos e colocá-los em pires, seu capuz de sombras surgindo e nadando em torno de sua cabeça.

—Como ela poderia saber de algo que é normal? — Avaricette disse antes de enfiar uma confeitaria de ameixa em sua boca. — Ela é muito solitária. — Avaricette estreitou os olhos castanhos e falou em torno da comida esmagada entre os dentes. — Ela nem consegue andar ao lado das janelas abertas sem usar luvas e embrulhar-se como uma múmia. A mãe diz que é uma mancha na nossa linhagem real.

—Sim, uma mancha. — Wrathalyne franziu a testa em desgosto enquanto ajustava os laços acetinados em seu vestido - o mesmo marrom-ferrugem como suas sardas. — Isso explica por que ela não pode falar. As manchas não têm línguas. Ela pertence, inversamente, às aranhas e centopéias da masmorra, entre os seus próprios tipos sodifóricos. — Wrathalyne se considerava muito bem falada para alguém de quatorze anos, muitas vezes inventando palavras em um esforço para provar isso.

Lyra parou de tocar então. Ela recuou para um canto e deixou cair uma colher com um tinido ao lado de seus pés - envergonhada, embora não muito certa do motivo.

—Silêncio. — Matilde entrou, seu rosto vermelho e enrugado franzindo o cenho. Ela cobriu as orelhas de Lyra. Aqueles dedos ásperos no trabalho eram doces e calmantes em comparação com as palavras afiadas que suas primas falaram. Como se sentisse o carinho de Lyra pela cozinheira, o tecido escuro envolvia as mãos da mulher idosa, permitindo o contato, depois fechou-se novamente sobre a cabeça de Lyra enquanto ela se soltava. Matilde levantou uma colher de pau e sacudiu-a na direção de Avaricette. — Se você falar de tal feiura sobre a princesa novamente, eu vou perder a receita para seus confeitos favoritos. Talvez eu vá esquecer de como fazer sobremesas por completo.

Wrathalyne estreitou seus olhos escuros de alcaçuz, preparados para soltar uma resposta de seu “corpulento vocabulário”, mas Avaricette pegou as mãos de ambas as irmãs e as arrastou da sala. Ter uma abundância de doces era de extrema importância para ela.

Na ausência delas, a insegurança fervilhava na cabeça de Lyra: ela era uma mancha? Tão medonha quanto as aranhas peludas dizem que moram na masmorra?

Ela nunca olhou para sua imagem, só tinha visto retratos pintados de si mesma, sua aparência alterada para alguma normalidade pelos artistas. Reflexões borradas em panelas de cobre e na água do banho não foram suficientes. Seu pai manteve os espelhos no castelo guardados por medo de que o vidro pudesse captar um raio de luz e ampliá-lo em sua pele.

Decidida a saber, Lyra subiu para uma das torres mais altas onde os itens da infância de sua mãe estavam guardados. Lá na escuridão, ela encontrou um espelho antigo dourado com detalhes acobreados. Ela empoleirou-se em uma pilha de livros, o nariz formigando de poeira, e tirou o capuz, os chinelos e as amarras, de modo que apenas sua camisa e calça jeans permaneceram. Depois de limpar uma névoa de pó do vidro, ela viu seu reflexo fantasmagórico. Seus olhos brilhavam âmbar na escuridão e iluminavam as pestanas. Elas se assemelhavam aos fios metálicos prateados de lantejoulas pendurados nos postes e portões para homenagear a vitória de Eldoria sobre o gelo e a neve durante o solstício de sol (uma celebração de três meses que ocorreu no que uma vez serviu de inverno séculos antes).

Lyra ficou olhando. Quão surpreendentes eram suas diferenças: tão distante dos retratos de sua mãe, seu pai, primos ou tia. Mesmo os empregados do castelo e os cidadãos de Eldoria - variados tons de marfim, rosa, ouro, cobre e ébano - não combinavam com sua palidez anêmica.

Diferente de seus lábios que tinham a forma de sua mãe, uma picada de abelha como seu pai costumava provocar, ela parecia com ninguém e nada que ela já tivesse visto, exceto a massa de biscoito açucarada que Matilde tingia com

uma gota de xarope de centáurea azul antes de assar. Se ao menos ela pudesse assar até a perfeição dourada, para que pudesse ficar de pé ao sol, descalça e forte, e finalmente abraçar a luz que amava. Se ela fosse um biscoito.

Mancha, ela repetiu em sua mente, embora não ousasse tentar falar em voz alta. Desejando que pudesse de alguma forma prender sua imagem grotesca dentro do vidro, Lyra esticou o capuz sobre a moldura do espelho. Ela puxou as costuras, puxando com tanta força que o espelho se desequilibrou. O vidro quebrou, rasgando o tecido astral ao meio. Como as sombras são propensas a fazer quando soltas, elas escaparam para os cantos mais distantes da sala, deixando nada além de uma pilha de poeira dourada no chão.

Lyra se arrependeu do acidente imediatamente. Pingos mornos molhavam seu rosto e ela olhou para o espelho quebrado. Lágrimas de tinta violeta arrastavam suas bochechas. Ela tinha visto outras pessoas chorarem - riachos claros como água.

Até as lágrimas dela estavam manchadas.

Foi demais. Soluçando, ela saltou descalça no pó e no vidro. Os cacos perfuraram sua pele tenra, e pequenas pegadas manchadas de sangue a arrastaram enquanto ela corria escada abaixo pelo castelo.

—Lyra! — Quando ela virou uma esquina, o rei a pegou em seu forte abraço. Ele a segurou, sangrando e chorando. O púrpura escuro de suas lágrimas parecia mais inquietante e terrível para ele do que os cortes em seus pés, e ela se perguntou se uma contusão estava se esvaindo de sua alma. Ele a levou para a cozinha, onde até mesmo seus biscoitos de açúcar favoritos não conseguiram consolá-la.

Se a preciosa filha do rei Kiran não tivesse ficado arrasada e não tivesse sua capa da noite fora arruinada, talvez ela não tivesse começado outra guerra. Mas, como frequentemente acontece nos contos de fadas - como na própria vida - a ondulação de uma pequena tragédia pode ser ampla e generalizada.

O rei enviou seus melhores cavalos e homens para arrancar as espinhosas trepadeiras na base do Montanha Astra, que marcava a escada de ferro para o escuro reino de Nerezeth, a mesma roseira que manchara a saúde da rainha e a levara a morrer. Ele pretendia recuperar as noites à força - junto com suas sombras e estrelas da meia-noite - para que ele pudesse finalmente garantir a felicidade e o bem-estar de sua filha.

As pessoas da noite defenderam suas fronteiras com uma vigorosa determinação que correspondia ao desespero do rei. Não parecia haver nenhum vencedor à vista. Griselda viu sua oportunidade e pegou.

—Você mesmo deve ir para os campos de batalha. — Disse ela para o irmão enquanto ele andava de um lado para o outro depois de falar com o chefe de campo um dia. — Peça uma trégua temporária para que você possa descer a escada de ferro de Nerezeth. O rei Orion esteve doente, mas você pode negociar com a rainha dele. Faça-a entender o sofrimento da sua filha. O filho deles é apenas alguns anos mais velho que Lyra; Príncipe Vesper, a estrela da noite, eles o chamam. Há rumores de que ele tenha causado algum tipo de transtorno. Talvez essa comunhão possa gerar compaixão, se não uma aliança. — Ela riu em seu coração negro, sabendo que a paz não seria tão facilmente vencida. A vida de seu irmão estaria em perigo, e se por alguma terrível chance ele morresse, Griselda seria regente para o reino até Lyra atingir a maioridade. Tudo o que ela teria que fazer era se livrar de sua sobrinha e um dia suas filhas reinariam.

O rei hesitou, temendo que algo desse errado e que sua pequena Lyra ficasse órfã.

Griselda não cedeu. — Você vê a nossa princesa? Cada dia ela chora suas lágrimas escuras. Cada dia ela recua um pouco mais nos cantos da casa, tornando-se uma com a escuridão. Arael ficaria aflita se ela estivesse aqui. Sua rainha insistiria em estancar a desesperança de Lyra antes que ela perdesse seu amor pela luz.

Em menos de quinze dias, o rei partiu para os campos de batalha com três dos mais fiéis guardas do reino, escolhidos a dedo por Griselda. Ele carregou

três presentes para a Rainha Nova como prova de sua filha: uma trança grossa e trançada do cabelo branco prateado de Lyra, um frasco cheio de lágrimas violetas e um eco de sua voz de canto dos pássaros capturada dentro de uma concha enfeitada sobre um suporte prateado.

Numa manhã chuvosa de outono, quinze dias depois, surgiram notícias de um tratado, mas só o rei sabia dos detalhes, pois havia sido um encontro particular entre ele e a rainha. Diziam que ele estava atrás do mensageiro, então Lyra esperava na janela, envolta nas pesadas cortinas, imaginando o corcel vermelho do pai trotando pelo caminho.

Na ausência do rei, os criados tinham sido nomeados para várias tarefas por Griselda, mantendo-os ocupados, de modo que tivessem pouco tempo para Lyra. Nem uma vez ela tinha adormecido ao toque suave de uma mão tenra, ou ouvido uma voz gentil praticando escrita ou leitura com ela. Ela estava sozinha. Um beijo em sua cabeça de seu pai, e tudo estaria certo novamente.

A porta se abriu em uma rajada encharcada pela chuva, e era tudo o que a princesa podia fazer para se afastar para que o sol filtrando através das nuvens não a pegasse. Mas o rei Kiran não entrou. Seu corpo mole foi carregado por dois de seus três guardas. Sua armadura estava amassada e suas cabeças feridas e sangrando, assim como as do rei.

No minuto em que a porta se fechou, Lyra tropeçou na direção deles, tocando os olhos fixos de seu pai que pareciam passar por ela em um olhar distante. Sem emoção. Sem vida. Uma sensação penetrante beliscou seu coração, como se um espinho atravessasse as paredes do órgão. Seus dedos emaranharam em seus cabelos, gelados pelo couro cabeludo. Ela sufocou os gritos de angústia crescendo dentro dela até que ela temesse que ela sangrasse notas musicais de seus olhos e ouvidos. Ela não podia deixar nem uma escapar, pois sua música era muito exultante para esse dia monstruoso.

Explicações abundaram: Os Devastadores da Noite, os pálidos mercenários de cara de caveira do Reino Inferior, atacaram-nos. Os guardas tentaram salvar o rei, mas estavam em menor número; o terceiro perdeu a vida na luta.

A guerra nunca terminaria agora. Nem a tristeza de Lyra.

Na cerimônia de enterro de seu pai, dois dias depois, ela disse adeus ao corpo dele, que estaria enterrado sob o solo onde os raios lunares, absorvidos no solo do reino noturno, amorteceriam sua cessação eterna.

Ele foi embora para sempre. Assim como a mãe dela... assim como o capuz da noite.

Eles realizaram o serviço no grande salão do castelo com todas as cortinas fechadas. O cheiro de cera de vela que uma vez confortou Lyra estava pendurado em sua garganta, e a fumaça ardia em seus olhos.

Os dois guardas que haviam lutado para salvar o rei foram condecorados por Griselda por sua bravura. Eles ficaram na cabeça e no pé do caixão, enfeitados com brilhantes medalhas de ouro e pedras preciosas.

Lyra olhou para o corpo do pai uma última vez, afundado no interior do forro de cetim vermelho, lembrando-se de como se sentia segura dentro de seus braços fortes. Como ela era querida, apesar de suas diferenças.

Pétalas secas de lavanda corriam sobre ele, borrifadas por seus súditos reais para homenagear sua rainha perdida que amava tanto a planta que a matou. A mesma planta que envenenou a vida de Lyra desde o começo. Inspirada pela cascata floral, lágrimas escuras caíram a seus pés, uma chuva violeta respingando o mármore branco.

Griselda ficou nas sombras mais profundas da sala, onde apenas Lyra podia ver. Os lábios de sua tia se curvaram para cima, revelando os dentes tão enervantes quanto os ossos descorados no fundo de um riacho. Dentro daquele sorriso, a princesa viu a inclinação mortal de seu futuro, e pela primeira vez em sua vida, ela conheceu o medo.

02

Um sopro da morte



Toda terra tem um lugar onde o mal se reúne. Como uma ferida aberta, cheira a podridão espiritual, um fedor que chama àqueles de semelhante infidelidade e desordem.

Em Eldoria, esse lugar era o Rochedo Pálido.

A profunda fissura no terreno havia sido causada séculos antes, quando Nerezeth recuou do subsolo com a noite e todos os seus ocupantes a reboque. A terra foi suturada, mas não se curou completamente. Então, a natureza e a magia se juntaram, formando uma floresta mística para cobrir a ferida.

Árvores grandes e arrojadas cresceram quase da noite para o dia - seus galhos e raízes com pontas de espinho dobraram-se e contorceram-se, como se não conseguissem decidir em que direção crescer, pois se alimentavam da noite lá de baixo e do dia de cima. Os baús, negros como breu, curvados como velhos enferrujados, tinham a ilusão de um eterno jovem com folhas que nunca se desvaneciam ou mudavam quando a primavera se rendia ao verão e do verão ao outono.

Como a crina dos leões, a folhagem engrossava com o tempo, até que o sombrio veludo cinza-esverdeado bloqueava a luz do sol. Sob o dossel conjunto, qualquer malfeitor poderia encontrar refúgio. Assim, tornou-se uma metrópole para contrabandistas, assassinos, degenerados e proscritos. As folhas

funcionavam como uma esponja para absorver os pecados dos ocupantes da ravina, e elas se tornavam cada vez mais espessas e mais densas a cada dia, até que, finalmente, as árvores não podiam mais suportar todo o seu peso.

A maldade começou a deslizar pelos troncos em trilhas cobertas de musgo - peludas e pulsantes – um ressentimento vivo e ofegante. Ele alcançou o chão, carregando o fedor de decomposição, e fez montanhas ardentes de qualquer bondade e beleza - flores de Columbine[3], Coração-Sangrando[4] e Larkspur[5] - conseguiram se adaptar ao terreno sem sol. Logo, um tapete cinza de cinzas oscilantes varria a base e se movia de árvore em árvore, resultando no título da ravina.

Essa era a intermediária, uma grande rachadura na terra se estendendo por centenas de léguas. Começando na base norte do Montanha Astra, ele esculpia uma cicatriz distante do outro lado do Lago de Cristal e do exuberante vale montanhoso onde o castelo de marfim e seu município se aninhavam, fecundos e abundantes, com fazendas, casas de campo, jardins e lojas. A rachadura então continuava a oeste nas ondas do oceano interminável.

Mesmo com seus troncos encurvados, a floresta da ravina ficava alta. Tão íngreme era esse fosso que, olhando para baixo da torre mais alta do castelo, as copas das árvores pareciam niveladas com o chão, e a rachadura lembrava uma coisa viva que deslizava ao sol com escamas frondosas mudando de cinza para verde. Aventurar-se lá dentro era arriscar uma queda fatal, a menos que alguém seguisse o caminho íngreme e sinuoso sem se perder - uma tarefa nada fácil com os perigos da floresta à espreita para distrair o andarilho viajante.

No dia seguinte ao enterro do rei Kiran, Crony emergiu desse terreno tóxico e venenoso que ela chamava de lar.

Ela era a única da sua espécie: uma bruxa angustiante. Ela existia muito antes de a grande batalha mágica ter ajustado a terra e separado a noite do dia séculos antes. Muito antes de os cidadãos de ambos os reinos serem alterados pela magia para se adaptarem aos seus novos mundos e terrenos. Os que estavam

em Nerezeth ficaram altos e esbeltos e aprenderam a falar mentalmente para que pudessem pisar com agilidade e quietude nas nevascas; no mesmo instante, absorveram o luar e a luz das estrelas - um prateado que começava no cabelo e na pele e depois iluminava os olhos de âmbar. Os Eldorianos, em contraste, mantiveram suas construções robustas e compleições variadas, tornando-se mais duráveis, capazes de enfrentar a radiância do sol sem dor. Crony tinha vivido o suficiente para sentir as mudanças que afetavam seu próprio conforto.

Ela tinha muitas razões para querer o céu como era antes - uma mudança cortês da luz para a escuridão - e algumas se emaranhavam de arrependimento. Ninguém acreditaria que uma bruxa pudesse sentir tal emoção, então ela nunca falou sobre isso.

Segurando o pescoço de sua capa no lugar, Crony subiu ao longo do caminho que levava para fora da ravina, em direção à entrada onde as folhas se diluíam para deixar passar a luz amarela acinzentada.

Ela fez uma pausa ao ouvir um grito de gelar o sangue e virou-se para a direita, onde uma poça borbulhante deslizou pelas cinzas - espalhando pó de cada lado - em busca de um esquilo marrom. Raramente havia um inseto, pássaro, roedor ou animal carnívoro aqui, sendo pouca vegetação ou carne podre para eles se alimentarem. O Sudário coletivo nas terras baixas deixava apenas os ossos de suas presas que geralmente caíam nas poças - engolidas inteiras e digeridas - não deixando restos a serem reivindicados: o próprio destino a cair sobre esse patético roedor que ousara se aventurar.

Crony desceu do caminho, sabendo que já era tarde demais. Quando ela alcançou o esquilo, apenas sua cauda podia ser vista em meio à espuma fedida e borbulhante, batendo como uma bandeira espessa. Balançando a cabeça, Crony usou sua magia para libertá-lo. A poça arrotou um rosnado em sua direção, em seguida, virou-se e fugiu, sendo avessa ao sabor da madeira. O esqueleto do roedor dissolveu-se, deixando apenas o apêndice peludo - a extremidade mais grossa e pegajosa de lodo. Crony enfiou a cauda atrás dela, na corda presa ao redor de sua cintura, pensando em usá-la para o comércio no mercado negro.

Ela retomou sua jornada até a entrada. No lado do desfiladeiro da abertura coberta de trepadeiras, uma trilha de luz gelatinosa e gotejante cobria os troncos. Contrabandistas do sol, do reino da noite vinham com frequência para reunir a substância pegajosa e quente em potes de luz e calor. A magia distorcida deste lugar não só fazia da luz uma mercadoria que podia ser colhida, mas também afetava o tempo e a distância através da floresta. A extensão deve levar semanas para ser percorrida, mas de alguma forma as cinzas em movimento agiam como impulso - os galhos das árvores se aglomeravam como propulsão - e uma pessoa podia vagar de um lado para o outro em meros dias enquanto se movia em um ritmo normal.

A bruxa puxou o capuz de grandes dimensões mais apertado em torno de suas múltiplas tranças cinzentas em antecipação ao brilho da claridade aberta. Sua forma era humana o suficiente - descontando os chifres de obsidiana, semelhantes a um carneiro, espiralando para fora de cada lado de sua cabeça - mas a semelhança parava ali.

Ela não tinha íris, apenas pupilas da cor de lama que cobria todo o conjunto de seus olhos. Eles ofereciam uma visão panorâmica e intuições sobre as profundezas de uma alma, mas pouca proteção contra o brilho. E suas pálpebras translúcidas ajudavam pouco a esse respeito. Claro, para uma criatura imortal que não tinha necessidade física de sono, não havia razão real para invejar sua falta de pálpebras tradicionais. Foi a memória ligada a perdê-los que causou sua desgraça.

Espinhos deslizavam ao redor de seus tornozelos e pés nus, roendo-os como se parecesse com presas em um esforço para arrastá-la para fora do caminho. Ela os expulsou. Seu couro lembrava um chapéu de bolota - marrom e áspero com escamas - e estava quase impenetrável.

Alguns disseram que o mesmo aconteceu com o coração dela. Impenetrável.

Ela deu uma gargalhada para distrair da pontada sempre presente em seu peito. Se apenas os tolos estivessem certos.

Usando o crânio empalado em seu bastão para derrubar os arbustos que cortavam a entrada, ela mergulhou, fora do fedor enjoativo da ravina e no ar fresco. Seu capuz protegeu os olhos enquanto se ajustava ao sol. Erguendo a bainha de seu manto, ela foi para os subúrbios montanhosos da cidade de Eldoria.

A torre de marfim mais alta do castelo erguia-se no meio de uma clareira, envolta em suaves nuvens brancas. Os banners dourados habituais que batiam no topo de cada torre, estampadas com um sol vermelho e laranja e um pássaro laranja, tinha sido substituído com sólidas bandeiras de luto com cores azul marinho pela morte do grande rei, honrando sua vida nobre. Sentinelas, usando longas capas no mesmo tecido azul marinho, foram postadas em garanhões regentes de sangue no portão e ao redor da grande parede branca que cercava o castelo. Tradicionalmente, o preto poderia ter sido uma cor mais apropriada, mas Eldoria se recusava a usar qualquer coisa que pagasse tributo as próprias bandeiras de preto e prata de Nerezeth.

Longe da vista ao longe, os soldados praticavam manobras - tiro com arco, combate corpo-a-corpo e jogo de espadas - em preparação para retornar à base do Montanha Astra, onde a escada de ferro de Nerezeth descia à terra. Quando todas as raízes das rosas foram arrancadas sob o comando do rei Kiran, o solo abaixo se tornou instável. Agora, com toda a chuva dos últimos dias, uma avalanche enlameada havia selado a escada e prendido os Nerezethites em seu domínio gelado.

Esse acontecimento inesperado comprou Eldoria tempo suficiente para reforçar as ameias e escorar as paredes do pátio externo. Mas foi apenas um alívio temporário; a infantaria de Eldoria planejava seu caminho. O bater distante dos cascos na terra, o barulho das espadas e homens gritando, estalava no ar e abafava o canto dos pássaros nas árvores como prova. A retaliação pelo assassinato do rei Kiran foi ordenada por lady Griselda. O sangue de um rei para o sangue de um rei.

Orion, o rei de Nerezeth, já estava de cama morrendo. Que bem fez para

acelerar o inevitável? Crony, de todas as criaturas, conhecia o benefício da paciência nessas coisas.

Ela estava preocupada com a forma como a guerra havia sido agitada de novo. Como os soldados do rei Kiran arrastaram as flores de lavanda. Como eles arrancaram o único símbolo de paz entre os dois reinos sem considerar as consequências.

Crony e sua turma precisariam ser cautelosos agora; eles não poderiam se dar ao luxo de serem capturados com Lady Griselda como regente. A irmã do rei não aceitava tolerância para ninguém a quem não servisse o castelo, principalmente seres mágicos. E, como Crony havia aprendido há tempos, havia sacrifícios a serem feitos quando sob o emprego de qualquer reino. Assim, ela não ousou prometer fidelidade a ninguém além dela mesma. Na ausência dos julgamentos justos do rei Kiran para todos os prisioneiros, tal recusa poderia justificar a morte. Ou, no caso de um imortal, tortura implacável.

O perigo era uma queimadura ácida na parte de trás de sua língua.

Um flash de cores vivas chamou a atenção de Crony enquanto ela contornava uma colina. Ela se abaixou sob um afloramento de arbustos, encolhendo-se quando pedaços de vidro na bolsa em sua cintura se chocaram. Dividindo os galhos, ela espiou a raposa vermelha e prata alguns metros à frente, sentou-se sobre as coxas e lambeu a pata. Um bando de cisnes subiu ao céu, subindo em sua jornada diária para o Lago de Cristal. A raposa ficou atenta e observou-os. Alguém poderia pensar que ele estava faminto por carne, mas seu desejo era por voar - o vento fluindo por baixo de ossos ocos e asas franjadas.

Ele se chamava de ilusão; Crony o chamou de Luce. Em sua verdadeira forma etérea, as sílfides eram elementais do ar imperceptíveis a olho nu. Elas provocavam problemas, aproveitando os frutos de sua travessura de uma vista aérea. Luce, no entanto, foi amaldiçoado, e só podia ter suas formas humanas e bestiais agora. Quando Crony o encontrou há mais de doze anos, ela foi evitada por sua própria espécie por perder suas asas para o siclófono nos jardins reais.

Ela fez amizade com ele porque ele a fez sorrir - um feito corajoso,

considerando que seus sorrisos poderiam florescer. E sua natureza sobrenatural significava que ele ajudava sua ocupação sombria sem reclamar. Eles tinham um parentesco, pois seus pecados eram tão severos quanto os dela.

Ou então ela o deixava acreditar...

Ninguém nesta terra afetada pelo sol sabia de seu mais grave passo em falso; mas havia alguém que compartilhara a experiência e mantinha aquele segredo próximo, vivendo sob seus pés em Nerezeth.

O cheiro não natural da raposa - uma mistura de pelos de animais, homens e criaturas voadoras - flutuou em direção a Crony na brisa morna, fazendo cócegas no nariz chato e encovado. Sentindo-a, ela olhou para cima - seus olhos cor de laranja iluminados por brasas de inteligência. Seu longo focinho se abriu em um sorriso que poderia dobrar como um rosnado de dentes afiados.

Crony saiu de seu esconderijo. — Bom diurno para você.

—Hã. Levou tempo suficiente. — Respondeu a raposa. Não importava qual forma ela escolhesse usar, a mesma voz de barítono e seda sempre a cumprimentava. — Só pode passar muito tempo enfeitando os parasitas do próprio rabo. — Ela disse. — Cauda. — E ficou parada, sacudindo a grama e a sujeira do pelo até ele brilhar como uma maçã de verão polida.

—Sim. — Crony deu a volta em torno de seu companheiro de quatro patas, seu cajado brincalhão rebatendo o pingente em volta do pescoço dele - um talismã de proteção formado por seu próprio cabelo. — Mas nós dois sabemos que você é um pouco calejado demais para qualquer parasita a quem se apegar.

Seus bigodes prateados se contorceram. — Se isso fosse verdade, você nunca teria cavado seu caminho debaixo da minha pele.

Crony sorriu, e a grama alta ondulando, murchando com a visão. Ela foi a corte da morte por tanto tempo, havia um resíduo nela.

A raposa passeava silenciosamente para alcançar seus tornozelos. — Eu vejo que você finalmente criou um rabo próprio. Sempre soube que você invejava o meu. — A direção de seu divertido olhar indicava os restos do esquilo em seu cinturão.

Ela bufou. — Se você não pode salvar o bicho, você salvará os restos.

—Bem feito. Winkle deveria estar interessado em um negócio. — Dito isso, as orelhas triangulares da raposa se aninharam e ela cheirou o ar. Ter um nariz de sangue e morte fez dela um parceiro ideal para a bruxa. — Nossa presa está logo acima do outro lado da cordilheira. Carne fresca, mas amadurecendo rápido neste calor.

Crony assentiu. O sol batia, quente e implacável para aqueles que passavam a maior parte dos dias em cinzas e sombra. No entanto, mesmo a sombra não poderia oferecer uma ideia da paz que eles já tiveram. Mais de setecentos anos se passaram, e ela ainda podia se lembrar do ar frio do luar perfumado com jasmim e carregando os chilres dos grilos. A noite tinha sido seu santuário – e de todas as suas criaturas.

Agora Eldoria tinha apenas o dia. As segundas doze horas não eram diferentes das primeiras, exceto aquele singular abrandamento do sol depois de seu curso diurno leste-oeste, antes de reverter sua trajetória pelo céu.

Os cidadãos de Eldoria gostavam de se gabar de que eram superiores em seus ganhos. Certamente Nerezeth ficou frio em seu inverno eterno; com certeza, tinham sede e fome sem a promessa de colheitas abundantes, cascatas e folhagens nascentes da primavera. O que poderia ser semeado, colhido ou admirado naquele terreno gelado e sombrio? Isso não explicava por que havia contrabandistas carregando luz do sol para Nerezeth, mas ninguém aqui se aventurava naquela terra escura para roubar seus raios lunares?

Sim, quão pouco Eldoria precisava da noite.

A mandíbula de Crony encostou na bochecha dela. Com que facilidade Eldoria se esquecera daqueles primeiros anos, quando tantos caíram na loucura pela falta de sono e procuraram sombra no rochedo Ashen, dando seu ânimo à floresta amaldiçoada e tornando-se mortalhas - silhuetas de meia-vida que almejavam a carne que antes tinham. Quão facilmente Eldoria havia esquecido que era por isso que os ancestrais reais do rei Kiran iniciaram o curso de cessação: um toque de recolher de nove horas estabelecido em todo o reino,

exigindo por lei que, após o brilho do anoitecer, as pessoas se retirassem para dentro de casa, onde cortinas pesadas a luz, para que eles pudessem descansar e dormir. Com que facilidade Eldoria havia esquecido a respiração calmante da lua e a música restauradora do rouxinol.

Até agora. Com o nascimento da princesa e suas peculiaridades, Eldoria foi forçada a lembrar. E tudo havia sido derrubado.

—Por aqui. — A raposa disse, sua língua longa e rosada pendendo no calor.

Juntos, Crony e seu companheiro se arrastaram por um caminho íngreme e rochoso, dividindo um campo de urzes roxas e perfumadas. Ela seguiu enquanto ele desaparecia através de um salgueiro chorão, em seguida, avistou sua cauda, a ponta brilhando como uma nuvem de fumaça de prata.

Lá, nas patas dianteiras da raposa, um cavaleiro estava morrendo, meio escondido dentro de uma moita de sabugueiro. Grevas manchadas de lama se estendiam sobre suas canelas, sua superfície metálica captando lampejos de luz. Crony arrastou as pernas pesadamente revestidas para o meio do mato, onde o capacete e o peitoral, em relevo com o símbolo do sol de Eldoria, foram deixados de lado. O resto de sua armadura estava dobrado e amassado na grama - tão inútil para ele agora quanto o luxuoso ouro branco de onde eram forjados. Respingos de sangue seco estragavam o metal brilhante e formavam uma crosta na pele de ébano. Crony deu uma pancada em alguns mosquitos que pastavam em suas feridas.

—Curioso. — A raposa ofegou. — Os três guardas que acompanhavam o rei foram contabilizados. Dois cavaleiros por sua bravura. Ele lambeu um pouco de baba escorrendo de seu focinho. — Um previsto para descansar no cemitério real.

—Que se deixe enganar alguém. — Crony se ajoelhou o suficiente para que o cheiro salgado e azedo da infecção dominasse o perfume da vegetação que os rodeava. — Ou, deixe que este homem tenha seu próprio conjunto de ordens, além dos outros.

As orelhas da raposa se animaram. — Então, ou ele é um traidor ou um herói desconhecido. Eu estou supondo o último. Eu me lembro dele do meu tempo no castelo. Ele é o primeiro cavaleiro do rei. Um homem honrado, mesmo em sua juventude.

Um grande buraco irregular no peito do cavaleiro vomitava sangue fresco a cada tosse do seu coração. Seu crânio havia cedido com algum trauma contuso e esmagado suas pálpebras permanentemente fechadas.

As próprias pálpebras de Crony ficaram pesadas. Ela se viu desejando pela milésima vez que, ao fechar, a dela pudesse oferecer um santuário - um esquecimento da escuridão. Em vez disso, as abas finas apenas suavizavam sua visão. Era sua maldição, nunca deixar de ver o mundo: seu ódio, sua amargura, seus erros.

Seu companheiro circulou o corpo, um gracioso toque de vermelho e prata, depois lambeu o ouvido direito do moribundo, a única parte de sua cabeça que permaneceu tão perfeita quanto a de um bebê.

O olhar da raposa se transformou em Crony, afiado e desafiador. — Você não vai afugentar a morte deste, se ele provar ser um herói? Isso não vale outra chance na vida?

Crony sabia que a raposa não estava pedindo altruísmo. Seu coração não era puro o suficiente, senão ele estaria voando no ar aonde ele pertencia.

Luce queria entretenimento, para ver Crony executar o talento que ela sabia que ela possuía e que ela nunca usou. Não importava quantas vezes ela alegasse que nenhuma se provava digna do milagre da ressurreição, Luce insistiu que um dia alguém o faria.

Ele não sabia o que lhe custaria quando aquele dia chegasse, e por que ela aguentou rápido pelo tempo apropriado.

Crony afastou o peitoral para se ajoelhar ao lado do cavaleiro.

— Este homem viveu sua vida completa fora. — Ela cutucou seu companheiro de lado, estabelecendo seu cajado e puxando para trás seu capuz. Suas tranças caíram sobre seus ombros. — Você não vai ver o truque hoje.

Luce soltou uma risada. — Eu, um vira-lata? Estou ferido.

O brilho vermelho e a fumaça prateada envolveram sua forma. Seus ouvidos e focinho se encolheram, suas feições vulpeanas se embaçaram e depois se abriram para as maçãs do rosto salientes e um semblante masculino; a explosão de magia feriu em torno dele, transformando seu pelo em coberturas que se estendiam para acompanhar o deslocamento das costelas, pelos anteriores e posteriores até o torso, braços e pernas de um homem. Ele se levantou, sacudindo seu cabelo ruivo.

Uma faísca maliciosa acendeu em seu olhar laranja. Junto com os dentes pontudos e brancos, seus olhos e ouvidos eram a única parte que mantinha quaisquer qualidades caninas. De outro modo, ele era desumanamente humano no caminho de todos os elementais do ar: jovem, de ossos finos como um pássaro, alto e esguio, com pele luminosa e mãos delicadas. As únicas coisas que faltavam eram suas asas de penas e a capacidade de andar na linha entre o espiritual e o corpóreo - o próprio traço que havia contribuído para o seu exílio em primeiro lugar.

Luce alisou as rugas da camisa branca felpuda, jaqueta vermelha e calções que antes serviam de couro, mantidas intactas por um truque de glamour. Ele se curvou na cintura, o talismã trançado balançando em seu pescoço. — Justa Lady Cronatia. Posso apresentar meu lado cavalheiresco aqui para servir?

Cronatia. Ninguém usara seu nome dado há séculos; o som disso a deixou nostálgica. O fato de que Luce tivesse adivinhado sem que ela compartilhasse, a fez sacudir a cabeça em um esforço para não sorrir. Já havia morte suficiente neste matagal sem murchar as plantas. — Elegante ou não, você ainda tem cheiro de cachorro.

—Ah, mas agora eu tenho polegares opositores. — Ele contorceu os dedos longos e elegantes.

—E lembra-se como usá-los? — Crony arqueou uma sobrancelha e alisou um pano no peito do moribundo, para não se distrair com o pulso exposto.

Os lábios finos e bonitos de Luce ergueram-se para um sorriso de dentes

afiados quando ele juntou o resto da armadura caída e empurrou-a para um espaço entre uma grande pedra e algumas ervas altas. Era seu trabalho tirar qualquer coisa de valor de seus cadáveres, para que os tesouros pudessem ser levados para a ravina assim que Crony terminasse sua tarefa. O dia de hoje foi o melhor que eles conseguiram em anos. O ouro branco podia ser derretido em barras ou moedas, e usado como moeda no mercado negro.

Acordado pelos preparativos, o cavaleiro choramingou.

Crony tocou dois dedos nos lábios do homem, os bigodes de sal e pimenta fazendo cócegas na pele dela. — Você está a dois suspiros do túmulo. — Disse ela com uma voz áspera que foi feita para raspar uma alma agonizante como a língua de um gato - um conforto atrito. — Eu pergunto a você, não os desperdice. — Ele tentou novamente falar assim ela apertou a palma dela pela boca dele e nariz, subjugando ele com o cheiro dela de mirra e flores deterioradas. Assim como ela trabalhava na morte, ela também cheirava a isso. — Qualquer coisa que você precise dizer pode ser compartilhada com as skellies no cemitério. Eu tenho coisas importantes para fazer. Agora salve suas respirações.

Crony desatou a bolsa em sua cintura e a colocou no chão. Ela retirou um plano triangular fino de vidro para segurar a boca do cavaleiro. — É hora de lembrar. Deixe que os momentos mais importantes de sua vida passem diante de seus olhos. — Ele exalou, sua respiração embaçando a superfície clara. Crony soprou seu próprio fôlego e depois os prendeu colocando outro triângulo de vidro no topo do primeiro. Selou com um estalo branco de magia. Ela fez o mesmo para o último suspiro do homem e embrulhou a bugiganga, colocando-a na bolsa. Quanto à primeira lembrança que ela preservou, ela fica perto, sussurrando uma invocação sobre a forma agonizante do cavaleiro para liberar seu espírito.

Um humor mal-humorado tomou conta de Luce enquanto ele esperava que a vida do homem se esvaísse completamente. Então, sem preâmbulo, ele enfiou a mão no peito do cavaleiro e puxou seu coração. O órgão liberou-se com um

horrível chupão. Sangue escorria das válvulas e veias penduradas - vermelhas e pegajosas nas mãos humanas de Luce. Ele lambeu com fome, seu olhar desviado de Crony. Ela virou as costas para dar privacidade ao sílfide, sabendo como ele desprezava o predador que ele se tornara - uma besta que ansiava pela nutrição de órgãos crus, sangue e carne.

Elementais do ar dependiam da luz do sol e do luar e ficavam embriagados com a chuva e o vento. Em sua forma etérea invisível, Luce uma vez sussurrava nos ouvidos dos seres ligados à Terra, enganando-os a pensar que ele era sua consciência, persuadindo-os a perder suas inibições e fazendo coisas - não contra sua natureza - mas contra seu melhor julgamento. Ele odiava estar amarrado à terra e suas regras agora, não mais capaz de tais coisas. Ainda mais, ele odiava ter perdido sua imunidade para a passagem do tempo. Os Sílfides não eram imortais, mas seus estilos de vida aerotransportados os mantinham jovens. Sem voo, ele só poderia ultrapassar a idade alimentando-se da morte.

Crony ignorou os jatos e a comilança e caminhou em direção a uma abertura nos galhos onde os raios de sol filtravam. Ela segurou o primeiro suspiro do cavaleiro em sua moldura de vidro, esperando que uma imagem se revelasse.

Luce suspirou profundamente por trás - mais um som de desdém do que continha. Ela espiou por cima do ombro. Ele limpou o rosto com uma manga, depois espalhou as folhas e o solo sobre o buraco vazio no peito do cavaleiro, tão ansioso para encobrir sua gula quanto o cadáver.

—Então, o que você tem então? — Luce ficou de pé, toda a leviandade desapareceu de sua expressão.

Crony voltou-se para sua bugiganga. A altura da sílfide permitia que ele olhasse por cima da cabeça e em volta dos chifres.

—Um vislumbre de uma infância querida? — Ele perguntou, perto o suficiente de sua respiração quente e perfumado de sangue em sua têmpora. — O amor de uma mulher bonita?

Dentro dos planos imprensados, uma multidão de formas monótonas

dançava em câmera lenta. Crony aproximou o copo. — Paciência, meu elegante canino. A imagem ainda está se formando.

Nesse estado bruto, uma lembrança capturada só podia ser vista pelos olhos dela. Mesmo depois que ela dava vida ao quadro para que qualquer um pudesse vê-lo se desdobrar em todo o vidro, apenas sua magia poderia ligar o momento à mente do outro e imprimi-lo ali, tornando-o seu. Pelo menos neste reino. Havia um outro com magia suficiente para gerenciar uma animação de memória ou tecer. Mas Crony não teve contato com ele em séculos.

Esmagando os pensamentos melancólicos, Crony se concentrou em seu prêmio. Ela esperava que as suposições de Luce estivessem corretas sobre as últimas memórias de seu moribundo. A felicidade era a mais lucrativa. Os clientes que procuravam seus produtos eram almas ambiciosas, sempre ansiando pela satisfação que nunca tiveram.

No entanto, memórias violentas e perturbadoras também tinham o seu lugar. Aqueles que ela salvou para que as armas disparassem contra os inimigos - uma tática que lhe valeu um status temido e reverenciado entre os mais cruéis canibais que ocupavam o barranco.

Por fim, a cena desordenada se desdobrou com clareza e o som chegou aos ouvidos dela em sincronia com as imagens. O rei, junto com o cavaleiro morto deitado atrás dela, falou em voz baixa. A lembrança chegou ao fim quando o rei e seu confidente foram atacados pelos mesmos três guardas de Eldor que levaram o rei Kiran ao campo de batalha e voltaram.

Crony assobiou. — Traidores.

—Quem? — Perguntou Luce. — Diga-me o que você vê.

Tão chocada com a memória do homem, Crony não notou os passos que se aproximavam. Os sentidos vulpinos de Luce começaram antes que os quatro soldados Eldorianos passassem pela folhagem ao redor deles. Ele se transformou na raposa e pegou a sacola de Crony com os dentes, escapando para o mato.

—O que temos aqui? — Um dos soldados - quente e suado de exercícios militares - pegou Crony no pescoço por trás. Sua bugiganga de vidro caiu no

chão e quebrou. A respiração presa liberada em um punhado de flocos brilhantes. Crony inalou antes que pudesse explodir e ser uma lembrança perdida para sempre. Segurado segura dentro dela, ela teria os meios para imprimi-la em alguém ainda, se a hora chegasse.

—Parece ser uma bruxa da selva. — Um soldado respondeu enquanto levantava o cajado esquelético. A mulher enrugou o nariz sujo de sujeira ao ver o rabo do esquilo enfiado na cintura do Crony. — Ela cheira a coisas mortas.

—E roubo para arrancar. — Acrescentou um terceiro soldado, encontrando a armadura do cavaleiro enfiada na borda da rocha.

Crony se lançou para escapar, mas estava impotente contra o torno de seu captor.

Ninguém havia descoberto o cadáver do cavaleiro até o quarto soldado quase tropeçar nele. Ele se ajoelhou para limpar as folhas e a terra. Seu rosto empalideceu. — Sir Nicolet.

Os outros três soldados ofegaram em uníssono.

—Lady Griselda tem procurado por ele. — Disse o homem segurando Crony. Ele apertou ainda mais quando ela ficou tensa. — Assassina!

Crony lutou contra as mãos ásperas lutando contra ela no chão, mas não falou uma palavra em defesa quando uma bolsa escura caiu sobre sua cabeça, bloqueando toda a luz. Por que reclamar? Pelo menos ela teve seu esquecimento.

03

O esplendor do

Veludo e do verme



Depois da morte do rei Kiran, a escuridão castigou os espíritos de Eldoria - uma zombaria em uma terra onde o sol nunca diminuía.

Apenas um dia depois do enterro, e a guerra mais uma vez apareceu. Logo, a infantaria iria a pé até a escada de ferro de Nerezeth com ordens de abrir caminho até os portões. Havia rumores de que o rei Orion, que estava de cama, estava ligado de alguma forma às rosas cor de lavanda que foram arrancadas há mais de um mês, e agora sua luta para viver teria diminuído e ele seria fácil de aniquilar. Griselda queria garantir que a morte ocorresse nas mãos de Eldoria. Ninguém no tribunal acreditava na alegação de Nerezeth de ser inocente do sangue do rei Kiran, e havia uma declaração a ser feita.

Dentro do castelo, uma declaração estava sendo feita também. Junto com suas filhas, Griselda estava se movendo para a ala norte.

— Eu deveria ficar perto da minha sobrinha. — Disse ela. — Eu devo mantê-la segura.

Lyra se sentia segura daquele lado da imponente fortaleza de marfim, onde as cortinas ficavam esticadas e as sombras deslizavam para dentro e para fora, brincando de esconde-esconde com as chamas das velas. Aqui, ela podia escapar do fardo de pesadas armadilhas e correr pelos corredores sinuosos e escadas meio vestida, desmascarada, descalça e livre para ser ela mesma. Durante toda a sua vida, foram apenas os conselheiros dela e de seu pai - junto com seu cavaleiro mais confiável, sir Tristan Nicolet - ocupando a torre, as câmaras e os corredores do Norte. Este lugar tinha servido como seu playground nas horas de vigília, e um refúgio quando tempo para descansar. Mas quando Sir Nicolet não

compareceu ao funeral do rei nem retornou ao castelo, surgiram rumores de que ele também havia sido vítima dos Destruidores da Noite. Agora, com ele e seu pai fora, uma mudança arrepiante estava no ar que cheirava a úmido e mofado, como a solidão - apesar de todas as pessoas se aproximando.

Lyra entrava e saía de cantos escuros enquanto os empregados que mal reconhecia marchavam de um lado para o outro com baús e cestos. Cruzar seus caminhos ganhou seus olhares medrosos e olhares curiosos, mais mordazes do que os raios do sol já tinham sido. Os criados de sua tia moravam com ela no lado leste, deixando-os tão estranhos para Lyra quanto estranhos para eles.

Encontrando um local seguro debaixo de uma escada, ela espionou uma camareira loira caminhando ao lado de outra com cabelo escuro e um andar manco, ambas carregando cestos de roupa de cama e flores secas que cheiravam almiscarado e doce.

—Você já ouviu? — A loira perguntou à morena, indiferente à presença de Lyra. — Brindle e Matilde foram exilados nos alojamentos dos criados. Elas só saem para preparações de refeição. A Regente Griselda diz que elas esqueceram seus lugares, passando horas trabalhando com a princesa.

—Isso parece certo o suficiente. — Respondeu a outra. — Um cozinheiro pertence à cozinha preparando comida, e um bobo da corte no refeitório fazendo piadas para ajudar na digestão. Não sei por que alguém escolheria estar aqui na escuridão com aquela feroz fera mesmo assim. Um silencio tão sobrenatural... e aqueles olhos, o jeito que eles brilham? É o suficiente para te dar pesadelos por semanas.

Lyra se apoiou mais embaixo da escada, abaixando o olhar para mantê-la escondida.

A loira parou e olhou em volta para ter certeza de que ninguém havia escutado. — Bem, entre você e eu, estou aliviada por não ter sido designada para participar. Há rumores de que os cílios são feitos de aparas de metal. É por isso que eles são tão irregulares e prateados. Você pode imaginar ser cortado por todos eles?

Lyra tocou seus cílios, sua suavidade desmentindo as acusações das empregadas. Ela queria dizer a elas como estavam erradas. Mas como elas poderiam ouvir quando ela não tinha palavras? Ela poderia escrever-lhes uma nota, mas nem todos no castelo podiam ler.

A morena estremeceu. — Quem vai cuidar dela então? Eu pensei que o regente teve um desentendimento com Mia.

—Abaixe o pé, é tudo. Disse a Mia que ela ainda teria permissão para ser a empregada pessoal da princesa, mas apenas no começo e no fim do curso de cessação. Para ajudar a banhar-se e preparar para a cama, e nas manhãs para se vestir para o dia. Mas a regente disse que ficaria de olho nas coisas, então Mia não poderia estar entre Lyra e sua verdadeira família.

Lyra cambaleou em uma corda bamba de emoções - ansiosa para pular e defender Mia, mas ao mesmo tempo tentada a fugir como uma boneca de pano indesejada. Quando elas passaram, ela se comprometeu e deslizou de seu esconderijo para segui-las silenciosamente.

Sua pequena procissão parou no quarto de sua mãe. Sua tia insistira em que os aposentos da rainha fossem dela, “até que a princesa tenha idade suficiente para apreciar seus esplendores”.

Lyra se escondeu atrás das camareiras, sem ser vista, enquanto sua tia fazia uma demonstração: sacudindo a poeira das cortinas pesadas até que vários criados espirraram; recolhendo a colcha de brocado para forrar os lençóis com sabonetes almofadados e almiscarados de âmbar preto e jasmim - a fragrância de Griselda; e abrindo o guarda-roupa para afugentar as mariposas, para que ela pudesse arejar os vestidos de damasco, veludos e sedas de contas de madrepérola e joias.

As mãos de Griselda já brilhavam com anéis de rubi e braceletes de ouro branco - roubadas da caixa de joias da realeza - quando ela tirou um vestido e segurou-o contra si mesma. Embora perturbada pela imagem, Lyra não conseguiu escapar de como sua tia parecia pertencer a essa sala. Como sua confiança e postura favoreciam sua mãe rainha em retratos mais do que Lyra

faria. O quanto mais real a pele de marfim de sua tia aparecia naquelas cores quentes e exuberantes, comparadas com a palidez fantasmagórica de Lyra.

No entanto, no fundo do guarda-roupa, restavam alguns roupões de cor pálida, de citrino, pervinca e espuma de mar que Lyra pretendia usar um dia.

Ela olhou para o seu próprio vestido de chiffon sem adornos. Laços cravejados de ouro enfeitavam as mangas onde eles beijavam os cotovelos, e uma bainha do mesmo roçava o chão em seus tornozelos - tempo suficiente para que seus pés descalços só pudessem ser vistos em trechos quando ela andava.

Em uma lembrança de seu pai, Lyra o seguiu até o quarto da costureira e escutou enquanto ele pedia vestidos especiais para ela.

— É de extrema importância que ela esteja confortável. Tecidos arejados e sem ornamentos. Nada para pesar nela. Já carrega o suficiente, embrulhada em capas para poder frequentar outras partes do castelo. E nenhuma daquelas cores profundas que estão na moda no tribunal. Algo suave e delicado. Pastéis, talvez. Eles vão bajular sua coloração e ser gentil com seus olhos.

Embora seu coração estivesse no lugar certo, seu guarda-roupa especial tinha o efeito indesejado de aumentar suas diferenças, fazendo Lyra se destacar como um lírio desbotado em um campo de papoulas brilhantes e flores silvestres.

—Deste ponto em diante, vamos visitar nossos assuntos diariamente nos comuns, acompanhados pelos guardas reais. — A declaração de Griselda recapturou a atenção de Lyra enquanto as duas camareiras a ajudavam a vestir um vestido de damasco preto. Uma vez que os cordões no espartilho foram apertados para caber suas curvas, ela girou de modo que o tecido requintado farfalhou e girou em torno dela. Quando o vestido parou, uma costureira ajustou o alfinete de diamantes ao redor do corpete. — É hora de reformar nossos guarda-roupas. Nossa falecida Rainha Arael não gostaria que suas coisas não fossem usadas, juntando poeira. — Griselda ergueu os braços teatralmente, transmitindo o discurso como se fosse uma grande audiência, embora fossem apenas Lyra, suas primas e um punhado de servos restantes. Griselda olhou de

relance para as filhas que estavam sentadas na cama. — Vamos desconstruir alguns de seus vestidos menos elegantes e fazer as costureiras reprisarem seus adornos e pedras preciosas, para que você também tenha novos acessórios. E esse colchão... — Griselda pegou a tesoura da costureira e fez uma abertura na cama da rainha Arael, revelando o recheio de penas de ganso. — Peça ao camareiro que nos traga lã de carneiro para substituir esse recheio. — Ela dirigiu a camareira loura. — Eu não vou sofrer dormindo em cima das penas.

Ao pensar naquelas mesmas tesouras rasgando as coisas bonitas de sua mãe, Lyra saiu do esconderijo e gritou: —Não, por favor! — A sala ficou completamente silenciosa. Como sempre, as palavras dela não tinham forma. Mesmo para seus próprios ouvidos, o som repercutiu em notas musicais, e a única emoção que as músicas retrataram foi alegria... um trinado de pássaro, apesar de seu coração chorar em desespero melancólico.

Todos na sala pararam suas atividades para olhar para ela. As mariposas que estavam se escondendo desde que foram expulsas do guarda-roupa saíram para pairar ao longo do teto - atraídas pelo som encantador.

Derrotada, Lyra caiu contra a cabeceira almofadada.

O foco afiado de Griselda penetrou nela. Ela arrastou a trança lateral carmesim e preta para pendurar no corpete do vestido de Arael. — Talvez nossa princesa enxugue o beicinho de seus lábios. — Lyra abaixou os cílios, escondendo-se da atenção. — Embora você não possa nos acompanhar em nossas procissões diurnas, tenho certeza de que pode ficar satisfeita em aguardar aqui nosso retorno. Cada um de nós está fazendo sacrifícios, minha querida. A nossa é a mais substancial, vivendo aqui no lado escuro do castelo. Mas estou disposta a fazer isso, pois assim como nosso reino precisa ver que sua linhagem real ainda é próspera e forte, minha sobrinha precisa ter certeza de que não sou apenas regente em relação a Eldoria, mas também sobre ela. Eu sou sua mãe agora.

Os rápidos batimentos cardíacos de Lyra negaram a mentira, mesmo quando as primas conversavam de acordo.

Wrathalyne classificou os livros da Rainha Arael empilhados na cama. — Mãe, já que vamos ter uma irmã extra agora, devemos nos mudar para a câmara de Sir Nicolet. É o maior do chão do que o do rei. Pode ser um parentesco de irmãs reais!

—Irmã. — Avaricette corrigiu em torno de um bocado de confeitos enquanto empurrava um léxico do topo da pilha de livros em direção a sua irmã. — E posso sugerir que você comece com este livro e leia de frente para trás?

Enquanto as primas brigavam, nova tristeza surgiu em Lyra, lembrando-se da ausência de Sir Nicolet. Ele, o pai dela e a tia haviam crescido juntos, o que o tornara a coisa mais próxima de um tio que Lyra já teve. Ela adorava como a pele e os olhos dele eram um ébano rico, uma profundidade reconfortante que a lembrava de lugares seguros, mas como ele também sorria como fios de sol cada vez que revelava seu sorriso de dentes brancos. No dia em que seu pai viajaria para Nerezeth para negociar com a rainha Nova, Lyra secretamente se escondia embaixo da cama nos aposentos do rei para ficar perto dele até ele ir embora. Sir Nicolet tinha visitado para falar em particular com o rei enquanto ele sentava na mesa, colando os pedaços do espelho quebrado de sua mãe. — Você vai ficar para trás e vigiar Lyra. — Insistiu seu pai. — Quando você souber do meu retorno, espere no nosso local de encontro secreto onde eu lhe darei uma atualização.

Lyra manteve a conferência clandestina para si mesma e esperava que Sir Nicolet ainda estivesse esperando naquele lugar secreto e saísse em breve.

Griselda disse às suas filhas —Não haverá mudança para a câmara de Sir Nicolet. Ele é um cavaleiro experiente. Nós devemos ter fé que ele retornará ileso. Agora, venham escolher seus enfeites favoritos.

Avaricette deixou cair o prato de geleia de cereja que ela estava mastigando, enviando-os rolando pelo chão; Wrathalyne separou um dos livros de jardinagem da Rainha Arael que ela acusou de ser “mundano e pedante” e Lustacia ficou de classificar rubis, esmeraldas, safiras e diamantes. Seus olhos encontraram os de Lyra e brilharam com algo parecido com compaixão antes de

se juntar às irmãs. A luz de velas ricocheteava nas fechaduras habilmente penteadas enquanto elas se juntavam no guarda-roupa, encontrando os vestidos favoritos para serem usados como material de sucata para si próprias.

Lyra fez uma curva em um canto onde as mariposas se reuniram - onde as sombras rodavam grossas como uma capa preta.

As mariposas, aranhas e ratos ocasionais que ocupavam o castelo eram as únicas criaturas noturnas deixadas para trás após a vitória de Eldoria sobre Nerezeth. Desde então, a maioria de seus parentes viscosos, de pernas esguias e de asas difusas tinha migrado para o reino estrelado. Lyra ficou agradecida por alguns terem escolhido ficar. Eles eram excluídos como ela e ela compartilhava o desejo de permanecer escondidos.

Seu pai sempre lhe disse:

—Cuidado com a luz. — Ao longo de sua vida, ela passou a entender o verdadeiro significado: —Cuidado com a luz, para aqueles que amam e odeiam você.

Assim como esse pensamento lhe ocorreu, o bater das asas das mariposas misturou-se a um murmúrio: —*Ser-ser-ser-mercadoria-mercadoria, ser-ser-ser-mercadoria-mercadoria.*

Lyra olhou para eles, atordoada. Sua prima Lustacia se mexeu para admirar uma sobrescrita de ameixa bordada com hera dourada, como se também estivesse ouvindo o mantra aéreo. Seu olhar se fixou em Lyra por três piscadas, então ela franziu a testa e olhou para baixo, como se convencida de que tinha imaginado.

Mas não era imaginário. O queixo de Lyra tremeu. As asas das mariposas ecoaram o que estava em sua mente, como se fossem as boquilhas para sua língua defeituosa. Pela primeira vez em sua vida, suas palavras não ditas chegaram aos ouvidos de alguém.

Um sentimento de pertencimento brotou, enchendo espaços vazios desde o nascimento. Ela decidiu que amava traças, e elas a amavam, até mais do que sua família.

Griselda estava ao lado do colchão rasgado da mãe, arrancando penas de ganso e jogando-as no ar. Dançando sob as penas, suas primas invadiram todos os cantos do quarto da Rainha Arael. Jóias, vestidos e tapeçarias espalhavam-se pelo chão de mármore - um arco-íris exuberante e violento. Wrathalyne e Avaricette derrubaram bugigangas e malhas que antes eram importantes para a mãe de Lyra por algum motivo sentimental que ela nunca conheceria.

As artimanhas de suas primas aproximavam-se cada vez mais de uma rosa de lavanda em vaso sobre a cômoda - aquela flor tentadora que a rainha Arael trouxera de volta depois de ter sido picada por seu espinho. Era a única parte restante das roseiras que o rei Kiran mantinha viva, embora escondida. Na mente supersticiosa de sua rainha, ela acreditava que seu alcance mágico não se limitava à morte, mas à vida também, muito parecido com o sílfalo no jardim. E essas coisas devem sempre ser protegidas. Então o rei honrou seu desejo de deixá-la viver, mantendo-a dentro de seu quarto e abrindo as cortinas para dar sol.

Lyra não podia confiar em sua tia para continuar a tradição. Sob sua fortaleza, a rosa morreria de negligência. Então, antes que o vaso de flores pudesse tombar, Lyra se lançou para a luz de velas, varrendo-a.

Ninguém notou. Os criados tinham ido embora, e suas tias e primas chutavam as gomas de cereja derramadas em cima da pilha de vestidos pastel da coleção da rainha, que Griselda proclamara desfavorável e fora de moda; em breve, todos os doces foram pisoteados, e pegadas vermelhas espalharam-se pelos tecidos, na esteira dos primos dançarinos de Lyra.

Os olhos de Lyra arderam. Griselda havia repreendido-a duramente ontem por manchar o mármore intocado do grande salão com suas lágrimas descoradas no enterro de seu pai. Para salvar o chão da mãe, Lyra se esgueirou ao longo da parede, abraçando os braços do vaso com força. Somente quando ela estava a dois passos da porta, percebeu que as sombras se aglomeravam ao seu redor, camuflando seus movimentos. Ela sentiu um carinho por elas desde a primeira vez que vestiu o capuz da noite, mas até hoje, não sabia que elas sentiam o

mesmo.

Um meio sorriso levantou os lábios de Lyra quando ela saiu do quarto e entrou no corredor vazio com as mariposas e as sombras ao seu lado. Ela cantou em sua mente: *Quieta, quieta. Seja a fera feroz que eles dizem que você é.*

Silenciosa, quieta e silenciosa. As asas agitadas dos insetos ecoaram o comando. Ouvir suas palavras sobre os farfalhares fez seu sorriso florescer.

Na ponta dos pés, ela acariciou a rosa perfumada, tomando cuidado para evitar os espinhos que subiam pelo tronco. As pétalas cheiravam a neve, como a neve recém-caída. Ela não deveria saber tal detalhe. Talvez seus companheiros sombrios e alados transmitissem uma sabedoria que compartilhavam com todas as outras criaturas noturnas. Ou talvez a flor contasse a si mesma - como o sussurro tentador que atraiu a mãe a tocá-la em primeiro lugar.

O aroma da frieza congelou o coração de Lyra, de modo que nenhum medo poderia penetrar. Ela enfrentou-se dando uma volta para uma parte do castelo que seu pai a proibiu de explorar. Era o único lugar seguro para as traças e as sombras que a seguiam, o único lugar seguro para ela chorar suas lágrimas violetas, o único lugar onde as primas diziam que ela pertencia e o único refúgio que ela deixara naquela fortaleza que fora sua casa.

Quando a escada em espiral apareceu abaixo, ela não hesitou. Juntos, Lyra e seus novos amigos enfrentaram a descida fria nas profundezas da masmorra.

Nenhuma das tochas estava acesa, mas os olhos de Lyra penetraram na escuridão, e ela encontrou o caminho sem tropeçar nem cair.

Não havia prisioneiros, o que significava não haver guardas. Ela tinha todas as quarenta celas para si mesma. A mais próxima ficava entreaberta devido a um bloqueio preso. Sem saber onde guardavam as chaves, Lyra se acomodou no quarto quebrado. Empurrou a porta e as dobradiças enferrujadas se lamentaram e derramaram uma poeira avermelhada, acolhendo-a como um velho conhecido chorando lágrimas de felicidade.

Seguindo sua pequena escolta de asas e antenas peludas, Lyra entrou.

O fedor de urina velha e o suor velho desapareceram na lembrança da brisa fresca que uma vez foi compartilhada com seu amado pai enquanto estava de pé junto a uma janela e falando de sílfides. Ela chorou por ele durante todo o sono. Agora ela queria lembrar de seus tempos mais felizes.

Lyra deixou de lado a rosa de sua mãe, confiante de que Mia poderia ajudar a encontrar um local ensolarado em algum lugar. A poeira no chão escorregou no fundo de seus pés, e ela patinou de uma parede para outra, da mesma forma que as crianças atravessavam o gelo nas histórias que papai costumava ler. As sombras se juntaram e formaram uma trilha na ponta dos pés; Lyra as perseguiu, como se seguisse as silhuetas de peixinhos dourados embaixo de um lago congelado - algo que ela havia visto em uma pintura na parede da biblioteca.

Fingiu que as mariposas cinzentas que rodeavam a cabeça eram borboletas cravejadas de pedras preciosas, como as que sir Nicolet costumava colecionar em caixas de sombra - safira, topázio e esmeralda - com cores tão vívidas que faziam cócegas nos olhos, alegres e sem fôlego. Mas estas não estavam presas a um apoio, ou silenciados por um capuz noturno. Estas estavam voando livres ao ar livre, como ela era.

Enquanto dançava, o calcanhar chutou uma taça de lata. Uma aranha correu por baixo. Uma onda de bebês seguiu. Suas pernas logo seriam esguias e longas como as de sua mãe, como os cílios de Lyra. Sua onda graciosa encheu a parede - como pingos de chuva chuviscando uma vidraça ao contrário.

Erguendo a taça de lata, Lyra reuniu a rosa e levou os dois para onde uma caixa de madeira vazia estava ao lado de um catre. Ela virou a caixa para servir de mesa, nem mesmo parando quando uma lasca cruel rasgou seu polegar e a fez sangrar. Ela quis a dor, determinada a fazer uma festa do chá como as que costumava ter com Mia, Matilde e Brindle.

Suas primas se achavam muito velhas para jogos de fingir. No entanto, seu pai havia encorajado sua imaginação. Ele acreditava que, sem a lousa em branco

de um céu noturno para abrir suas mentes para as possibilidades de outros reinos e culturas, os Eldorianos não podiam mais imaginar em qualquer lugar ou qualquer outra pessoa além de seus eus mais simples em seus próprios lugares fixos. Poeira estelar acendia os passos dos heróis e heroínas da antiguidade: aqueles que conquistaram dragões e basiliscos; aqueles que fizeram amizade com imortais, feiticeiros e magos; aqueles que construíram os dois reinos mágicos com um equilíbrio de lógica e visão. Em comparação, as duras vigas amarelas do sol inspiraram o lado sensível de uma mente.

Tia Griselda culpava a incapacidade de Lyra de enfrentar o sol por deixar seu lado sensível desnutrido. Lyra levantou o queixo, orgulhosa disso. Essa era uma parte de si mesma que seu pai amava.

Rodeada por paredes cinzas e sujeira, ela girou seus jogos dentro do esplendor da solidão. Seus novos amigos não se importavam quando a bainha e os pés rendados ficavam tingidos de sujeira, ou quando o sangue de seu polegar manchava o corpete de seu vestido. Na escuridão, ela esqueceu os problemas do mundo lá fora, até ouvir um clamor descendo a escada que perseguia as sombras, as aranhas e as mariposas para os seus esconderijos.

O peito de Lyra se apertou. Ela não reconheceu as vozes dos homens, mas a voz de Griselda queimou suas orelhas e derreteu os tentáculos gelados que ela enrolou em seu coração, deixando-a exposta.

Amontoada em cima do catre com a rosa da mãe e a xícara de lata, Lyra se esforçou para ouvir.

—Então, nós trouxemos a prisioneira aqui. Como sabíamos, você gostaria de questioná-la.

—E você não contou a ninguém mais sobre sua captura ou suas descobertas? — A investigação de Griselda ecoou pelo corredor ao lado de ondas de luz.

—Como você instruiu, Sua Graça. Você deixou bem claro que qualquer notícia sobre Sir Nicolet deveria vir direto para você.

Lyra engoliu um suspiro satisfeito. Sir Nicolet estava voltando! Ela iria até

ele sobre as coisas da mãe. Ele a ajudaria a resgatar tudo o que restava.

Lyra foi para a cela. Desde que a trava de sua cela foi quebrada, ela assumiu que os soldados escolheriam uma das outras salas para a prisioneira. Quando os passos se aproximaram, ela empurrou a rosa em vaso embaixo do catre e procurou um esconderijo melhor para si mesma. Ela só conseguiu dobrar seu corpo embaixo da caixa quando eles entraram com lanternas. Havia um buraco nas ripas largas o suficiente para ela espiar. Os soldados acenderam as tochas em cada parede, perseguindo as sombras ainda mais nos cantos.

Lyra abafou um suspiro quando os homens tiraram uma sacola da cabeça da prisioneira. Um conjunto de chifres negros se projetava de um rosto sujo e reptiliano, seguido por dentes afiados e olhos desprovidos de branco - sua cor escura como água suja. A prisioneira sibilou para os guardas enquanto eles lutavam com as algemas de pulso e tornozelo presas à parede.

Griselda andava de um lado para o outro no chão de pedra suja, fora do alcance das correntes. — Você viu ela fazer isso? — Sua voz falhou ligeiramente na última palavra da pergunta.

—Bem. — Respondeu o soldado mais alto. — Na verdade, Sir Nicolet estava morto antes de chegarmos lá. Seu coração foi arrancado.

Lyra mordeu a bochecha para abafar um soluço. As lágrimas que ela havia mantido na baía se precipitaram por suas bochechas, unindo-se ao sangue que já manchava seu vestido.

—A bruxa deve ter comido ou algo assim. — O soldado atarracado em pé ao lado da porta acrescentou.

—Ouvi dizer que eles são os órgãos mais poderosos para os rituais. — O primeiro soldado entrou na conversa novamente.

Griselda ergueu a mão pedindo silêncio, depois olhou diretamente para a prisioneira. — Você falou com o cavaleiro antes de roubar o coração dele, bruxa?

—Sim, eu sou uma grande ouvinte. — A resposta da prisioneira sacudiu como areia espalhada por uma vidraça, enviando um calafrio na espinha de Lyra.

—Você é agora? — O perfil de Griselda ofereceu um vislumbre de sua carranca, embora sua arrogância habitual contivesse um ar trêmulo. — E o que ele disse?

—Meus ouvidos estão em sintonia com a respiração de uma alma morrer, não suas palavras. — A bruxa fez uma careta em troca, seus dentes presos mordendo o lábio e tirando sangue. Sua língua bifurcada arrancou o líquido negro e escorrendo, deixando seus lábios viscosos como minhocas.

Lyra mal conseguiu olhar para a assassina de Sir Nicolet. Com suas escamas e língua dividida, a prisioneira era uma visão horripilante. Suas feições e pele atraentes lembravam desenhos de lendários drasilisks nos pergaminhos da história do reino - criaturas híbridas gigantescas que tinham a cabeça, as asas e as patas dianteiras de um dragão, o longo e serpenteante e as presas venenosas de um basilisco.

—Sujeira e falta. — Griselda olhou para os soldados. — Você não sabe de nada? Esta bruxa é uma imortal, descendente de gárgulas. Ela tem uma pele impermeável e é imune ao veneno. Ela não envelhece e não pode ser morta. Como vamos forçá-la a admitir qualquer coisa?

—Nós poderíamos tentar tortura, Sua Graça. Sua língua é vulnerável o suficiente. A pêra de estrangulamento pode ser útil. — Lyra observou o soldado derrubar uma ferramenta de prata pendurada na parede. Quatro lâminas de metal, curvadas para dentro para se encontrar no centro, separaram-se como pétalas afiadas quando ele girou um parafuso no topo. — Não sei exatamente como usá-lo. Poderíamos mandar para o mestre da masmorra e fazer com que ele trouxesse novas tochas também. Aqui é obsoleto e úmido. A luz não durará muito mais.

—Bah. Nós temos tempo demais. — O outro soldado pegou a ferramenta de tortura da mão de seu companheiro. — Qualquer simplório pode usá-lo. Nós enfiamos essa ponta na garganta, giramos o parafuso e tiramos a verdade.

Lyra estremeceu com o pensamento horrível, apertando os braços ao redor de suas pernas apertadas para silenciar os farfalhar de seu vestido.

—Não! — Os olhos escuros de Griselda refletiam as chamas das tochas.

Ela pegou a pêra do estrangulamento. — Uma torção longe demais, e você poderia aleijar sua língua e deixá-la sem fala. Já não tenho tantas bobagens na minha vida? Vá buscar tochas frescas e os magos reais. É preciso magia para quebrar a magia.

—Deixe-se correr o risco de quebrar, sua graça. — A ameaça da bruxa fez com que os soldados parassem na porta. — Deixe-se fazer uma barganha para salvar seu eu perfeito.

Griselda soltou uma gargalhada rouca - um som que levantou os cabelos no pescoço de Lyra. — Você não tem autoridade para exigir barganhas. Você não está sob o emprego deste reino, então sua magia não é sancionada e você é acusada de assassinar o Primeiro Cavaleiro do Rei Kiran!

—Eu sigo a morte, mas não a trago. Se deseja testemunhar-me o caráter, pode questionar a raposa que comeu seu bom coração de Sir Nicolet.

Passando um sorriso presunçoso por cima do ombro para os soldados, Griselda girou o parafuso na peruca, forçando as pétalas de prata a se separarem. — Que inconveniente para você. Seu animal de estimação é sua única testemunha? Uma besta simples do campo não consegue articular seus pensamentos melhor do que minha sobrinha.

Os olhos de Lyra ardiam com mais força em suas palavras.

A bruxa piscou seus próprios olhos castanhos nebulosos - um lampejo de pele ao mesmo tempo inquietante e hipnotizante.

— Ah, mas essa raposa não é um animal de estimação. E eu sou dada a entender que você já falou com ele longamente, muitas vezes, antes de suas folhas de olmo ficarem vermelhas no jardim. Que ele não tenha lhe mostrado seu lado de quatro patas. Ele não tinha muito uso para isso - o que quando ele poderia voar. Mas agora isso serve, bem o suficiente.

Griselda empalideceu e lançou outro olhar por cima do ombro para os soldados. — Eu não mandei os magos serem trazidos? Por que vocês dois ainda estão aqui?

—Você tem certeza que deveria ficar sozinha com ela, Sua Graça? —

Perguntou o mais alto. — Ela está falando em enigmas. E nós não sabemos quais feitiços ela é capaz de fazer.

Griselda se virou para encarar o prisioneiro. — Sua magia é limitada àqueles que já estão morrendo. Mais um truque de salão do que qualquer coisa. Ela obviamente não pode usar suas palavras para desaparecer no ar ou quebrar suas correntes. Caso contrário, você nunca teria conseguido arrastá-la até aqui.

Os dois homens trocaram olhares e depois se curvaram para Griselda. — Ao seu comando. — Eles deixaram a cela, puxando a porta pela metade.

—E traga o mestre da masmorra também! — Griselda gritou atrás deles.

—Você não vai precisar de nenhum mago ou mestre. — A voz rouca da bruxa raspou ao longo das paredes de pedra enquanto os passos dos homens subiam as escadas. — Fico feliz em dizer o que eu sei.

Griselda bateu na palma da mão com a pêra do estrangulamento, sorrindo. — Claro. A promessa de tortura pode dobrar a vontade de qualquer criatura. Mas, só para você entender, depois de confessar, você ainda será nossa convidada. O mestre da masmorra precisa de um novo brinquedo. E eu quero ouvir mais sobre isso, Raposa.

A bruxa bufou. — Não. Eu não vou ficar esperando por sua hospitalidade. Você me libertará antes que seus soldados retornem.

—E por que eu faria isso? Eu não tenho medo dos pesadelos que você tem.

—Minha arma é a realidade. Seu cavaleiro estava vivo o suficiente para compartilhar seus momentos finais com seu irmão real. Eu ouvi os detalhes do tratado - antes dos dois serem atacados. Se você quiser ouvir quem os matou, ou melhor ainda, manter o que nós duas sabemos entre eu e você, eu ofereço que façamos uma barganha agora.

Lyra enrugou o nariz com as provocações enigmáticas da bruxa. Doeu ouvir a menção de seu pai, mas parecia importante que ela ouvisse.

Griselda ficou rígida, a mão apertada com força em torno da pêra do estrangulamento, com os nós dos dedos inchados. — Eu acho que vou arrancar sua língua para que você nunca mais fale.

—Eu não preciso de uma língua para imprimir uma memória. E esta memória vai ganhar elogios para eles a quem segurá-la, tenho certeza. As últimas palavras do rei para seu cavaleiro salvarão seu reino de outra guerra, nem você nem o reino da noite poderão vencer.

Uma pausa tensa se estendeu entre Griselda e a prisioneira. Os braços e pernas de Lyra se contorciam de suas posições desajeitadas sob a caixa e a poeira ameaçava suas narinas com um espirro, mas ela se forçou a ficar rígida.

—Tudo bem, entregue a memória para mim e eu vou libertar você. Com o entendimento de que sempre precisarei de seus serviços, você retornará e pagará sua dívida. — Embora as palavras de Griselda fossem um comando, Lyra nunca ouvira sua voz tão insegura.

—Não, a dívida não é sua. Pertence à semente real do rei Kiran. E eu não estou vendo a filha dele aqui. Apareça. — A bruxa inclinou a cabeça na direção de Lyra. — A não ser que a respiração dela esteja encoberta debaixo daquela caixa.

Lyra bateu a palma da mão nos lábios. As traças dispararam de seus esconderijos e se agitaram ao redor de Griselda enquanto ela se aproximava da esquina de Lyra. Ela as espalhou com a pêra do estrangulamento, depois jogou-a para baixo com um barulho. Lyra não teve chance de protestar antes que o esconderijo dela fosse retirado.

—Sua miserável furão! Sempre a princesa perfeita. De pele macia e dócil. Nunca ouvi, só vi... — Griselda parou de repente ao ver as mãos sujas de Lyra, os pés descalços e as roupas arruinadas. — Por que, basta olhar para você! — Ela pegou o cabelo de Lyra e puxou com força o suficiente para ficar na ponta dos pés. Lyra gritou com o latejar no couro cabeludo, mas o belo som só alimentava a raiva de Griselda. — Jogando na masmorra como a sujeira que você é. Você não é princesa de verdade. Você é uma mancha no nome do nosso reino! Eu colocarei você em exibição para todos verem... Prenda-a como um lençol sujo e deixe que todos lhe batam.

Lyra cobriu o rosto. Não havia escapatória sem arrancar o cabelo pelas

raízes. As cadeias do prisioneiro tilintaram e chamaram a atenção de ambos.

—Melhor deixá-la ir. — Os olhos cheios de lama da bruxa pareciam rodopiar sob a luz fraca das tochas - hipnótica. Seus lábios escorregadios se abriram em um sorriso de dentes afiados tão aterrorizante que se podia olhar, Lyra sentiu os joelhos enfraquecerem. As pernas de Griselda realmente se dobraram, mas ela conseguiu manter o equilíbrio usando Lyra como adereço. — Sem essa criança, seu reino será condenado. — Ao contrário do sorriso sombrio dela, a voz da bruxa era solene e baixa, como uma advertência. — O rei Kiran fez um pacto de sangue com a rainha Nova... que seja o tratado de paz: a filha dele se case com o filho dela quando a princesa for de idade. Há uma profecia, revelada pela grande feiticeira do mundo escuro. — A bruxa estremeceu com isso, depois continuou. — Equilíbrio, mantido nas mãos unidas de um príncipe e princesa que não pertenciam aos seus, mas iguais entre si em todos os sentidos. Sozinhos, eles conquistam o mundo um do outro. Uma vez unidos, cada um será completo e abraçará suas esquisitices para trazer o sol e a lua juntos novamente. Um menino-estrela de olhos vermelhos forjado de luz do sol, e uma menina cantora de cabelos prateados que comanda as sombras. Não há dúvida de quem será esse último. — Ela gesticulou com as mãos algemadas, as correntes chocalhando no ar. — As criaturas da noite já consideram sua sobrinha a pena de fidelidade.

Lyra não teve tempo de processar a proclamação da bruxa de uma profecia ou de um compromisso arranjado, pois sua mente estava nas sombras que se desprendiam das paredes.

Griselda choramingou, soltando o cabelo de Lyra enquanto as silhuetas disformes pairavam no lugar, aguardando instruções. Lyra hesitou apenas o tempo suficiente para esfregar o couro cabeludo, depois assentiu. As sombras se curvaram ao redor das tochas agonizantes e apagaram cada chama trêmula, uma a uma, até que todas ficaram na escuridão total.

As correntes da prisioneira tilintaram e tiniram no chão. Os olhos de Lyra se iluminaram, lançando olhares de âmbar ao longo das paredes - pequenos

holofotes passando sobre as algemas agora vazias e as sombras saindo dos buracos de fechadura como fumaça negra. Seu olhar parou na porta aberta onde a prisioneira estava livre. A bruxa inclinou a cabeça, seus chifres de obsidiana refletindo os olhos brilhantes de Lyra enquanto ela puxava o capuz para o lugar.

—Obrigado, pequena princesa. — Seu sorriso irregular se estendia a comprimentos assustadores, dentes brilhando amarelo. Ela redirecionou sua atenção para Griselda, que caiu de joelhos ao vê-la sorrir. — Como esta criança seja sua única luz neste lugar muito escuro, eu ficaria do lado bom dela, se eu fosse você.

Com isso, a bruxa saltou da cela e Lyra fechou os olhos, acolhendo a escuridão mais uma vez.

04
Jantar sobre flores
E chamas

Enquanto em Eldoria a morte de um rei estava sendo lamentada, na terra de gelo, céu cheio de estrelas e meia-noite, outro rei lutava para passar desta vida e seu filho pequeno lutava para não odiar. O príncipe Vesper, filho de Orion Astraeus e herdeiro do trono, inclinou-se para a frente em sua sela. O cheiro de

almíscar irradiava da juba tingida de purpurina de Lanthe. Vesper soltou as rédeas, guiando a montaria com os joelhos na subida de uma colina. Ele tinha sido o único a quebrar o jumentinho, um presente de seu pai no dia do nome de Vesper, usando medidas suaves para ganhar a confiança do animal a partir do momento em que foi alimentado. Agora, dois anos depois, Lanthe respondia a Vesper com o menor empurrão. Quando chegaram ao topo, Vesper puxou as rédeas e as girou, tomando um momento para admirar a vista abaixo.

—O local perfeito para o esporte sangrento, você não diria, Lanthe? — Ele perguntou, e o garanhão grunhiu em resposta.

Neverdark - o arboreto de Nerezeth - sempre foi um farol no mundo da meia-noite. Além da janela de vidro no topo, que permitia uma visão do céu noturno externo e do piscar do amanhecer que acontecia uma vez por dia, o espaço abobadado era forjado de ferro maciço e cheio de luz do dia. Ou pelo menos uma fração razoável. Milhares e milhares de vaga-lumes - alimentados com uma mistura especial de pólen e sol líquido contrabandeados do reino do dia - flutuavam como estrelas infinitesimais ao longo do telhado curvado do santuário e em todos os lugares os jardins e prados floresciam. Seus fios cintilantes eram comparáveis ao sol real, embora mais fracos, muito parecidos com raios espreitando das nuvens pesadas. A luz homogeneizada violeta-dourada não tinha o brilho para cegar os olhos ternos ou irritar a pele enluarada - fragilidades das quais apenas Vesper estava isento - mas oferecia fluorescência suficiente para nutrir ervas e outras plantas.

Esses terrenos abarcavam centenas de acres e, apesar do peso emocional que caía sobre os ombros e o peito de Vesper, ele ainda se aquecia ao ver as colinas iluminadas como um dia nublado de primavera. Prados perfumados com árvores frutíferas e arbustos se destacavam em tons exuberantes de lilás e lavanda. Na extremidade leste, ao lado de pastos e estábulos de cavalos, havia jardins de frutas, legumes e flores comestíveis que floresciam o ano todo, irrigados pela neve derretida. De onde Vesper se encontrava, os lagos de água salgada - canalizados de longe abaixo de onde os oceanos rodeavam a parte de

baixo do mundo - tremeluziam de turquesa e vicejavam com criaturas aquáticas que deslizavam pela superfície como fantasmas luminescentes. Quando capturado e assado, o peixe brilhante oferecia outro nível de nutrientes para a dieta Nerezethite. Como havia neve infinita para congelar a água potável e tomar banho, os lagos nunca foram retirados e nunca secaram.

Os alegres cantos de pássaros e os ocasionais grasnidos, berros ou gritos de um animal aumentavam a ilusão da vida - robusta e florescente. Vesper engoliu a amarga ironia, pois aquele refúgio que uma vez alimentara seu povo estava matando alguns. O arboreto tinha sido a ideia da feiticeira real, Madame Dyadia - juntamente com um punhado dos melhores horticultores de Nerezeth séculos atrás - como um meio de proporcionar aos habitantes da noite um alívio de seu terreno sombrio enquanto oferecia uma paisagem livre de geada mais propícia a colheita de vegetação, treinamento de gralhas mensageiras e pastoreio de gado.

No entanto, a mesma irradiação manufaturada que coloria os tons de roxo da flora começava a ter o mesmo efeito nos cabelos pertencentes a animais ou humanos. Os casacos cremello brilhantes dos cavalos reais agora tinham uma coloração perenifólia de séculos de criação dentro das pastagens fechadas. Na cauda dessa descoberta, certos cidadãos começaram a mostrar intolerância à vegetação cultivada na luz homogeneizada - um mal-estar pulmonar que causava a morte.

As rosas de panacéia do terreno de Eldoria - uma flor que crescia apenas acima do solo sob a luz do sol selvagem, pura e não domesticada - foram fundamentais para combater os efeitos. Um chá medicinal, feito a partir das raízes, mantinha o rei Orion e outros vivos. Agora as rosas foram extintas. Todos elas desenraizados e mortos pela mão do rei Kiran. Graças à guerra, passara-se um mês desde que as rosas foram devastadas, desprotegidas em fardos que murchavam na dura luz solar de Eldoria. As raízes - podres e irrecuperáveis - não podiam mais ser plantadas para produzir um novo suprimento.

Um jorro de raiva queimava a carne de Vesper sob suas vestes reais de montaria. Ele forçou seu olhar para o edifício de treliças à distância: o santuário

onde estava a forma inerte de seu pai. Ao redor da estrutura de estilo gazebo, uma assembléia de guardas e cidadãos, carregados com peles, esperava para escoltar a família real de volta ao castelo através da tundra do lado de fora uma vez que eles se despedissem do rei. Alguns do grupo cantavam hinos assombrando as estrelas.

Vesper procurou seu melhor amigo entre a multidão de cabelos prateados e pele iluminada pelo luar. O sobretudo preto e prateado de Cyprian era fácil de identificar, sendo novo e nítido, como ele só recentemente tinha entrado na guarda. Seus olhares se encontraram ao longe e Cyprian fez uma pergunta mental que Vesper se recusou a reconhecer. Em vez disso, o príncipe desejou que todo o público cativo olhasse em sua direção. Ele queria a atenção deles para este grande gesto, já que o próximo seria realizado na solidão. Ninguém jamais esperava que seu estranho príncipe, cego à noite, cabelos escuros, pele acobreada e atormentada, fizesse o que era certo. Muitos esperavam o pior dele desde o seu nascimento, e ele fez o seu melhor para não decepcioná-los. Ele lhes daria um último ato impulsivo antes de provar que estavam errados.

Em uma clareira no sopé da colina, esperava uma figura - envolta em um manto improvisado do rei com as cores de Eldoria, com uma corda presa no pescoço logo abaixo da cabeça bulbosa. Vesper não tinha lanças; não precisava de uma. Os guerreiros de seu mundo usavam seus corpos como armas contra os monstros que ameaçavam seu sustento. Concentrado no objeto de seu desprezo, ele imaginou o rei Kiran. Vesper o tinha visto a distância quando o homem veio propor um tratado a sua mãe rainha. Ele se lembrava de todos os ângulos de seu rosto bronzeado, de toda a cabeleira escura, de todos os flashes de dentes brancos. Lembrou-se tão vividamente quanto a aspiração ofegante da morte de seu próprio senhor, ofegante.

Alguém havia levado a vida do rei dos Eldorianos antes que Vesper pudesse. Ao contrário do boato, nenhum Destruidor Noturno estava envolvido. Eles só foram enviados acima do solo em busca de criminosos Nerezethite. Eles nunca se envolveram na guerra.

Nada disso importava. Pois, apesar de o rei do sol ter recebido sua devida recompensa, Vesper ainda sofria por justiça.

—Você está pronto para voar, Lanthe? — Ele perguntou. As orelhas do garanhão tremeram ansiosamente.

Movendo-se na sela, o príncipe ergueu um punho enluvado e gritou: — Para o rei Órion! Viva a lua e as estrelas! — Ele apertou os joelhos e um entusiasmado arrebentou-se da garganta de Lanthe quando juntos mergulharam.

Descendo a colina, eles correram, a fúria de Vesper acelerando seu pulso em um rugido estrondoso que combinava com os cascos de sua montaria. Pedaços de grama, arrancados do chão, atirados para cima e atirados neles. O ritmo duro de Lanthe sacudia os ossos de Vesper, uma dor que alimentava sua determinação. Ele estreitou os olhos contra a corrente ascendente de vento chicoteando através de seus cabelos na altura dos ombros.

O canto parou ao longe, e vários gritos se acenderam em alarme. Eles temiam que o herdeiro de Nerezeth quebrasse seu pescoço; mas não era o pescoço dele no laço.

Vesper envolveu uma das mãos enluvadas na juba de Lanthe e deslizou para o lado, segurando-se com as pernas. Eles encontraram a figura cativa em uma rajada de vento. Gritando, Vesper pegou a corda em volta do pescoço com a mão livre e puxou quando eles passaram. A cabeça se soltou e se jogou no chão - se abrindo com um respingo de sementes e uma pasta de abóbora pegajosa.

Vesper girou o cavalo e desmontou. — Uma decapitação adequada. — Ele resmungou. —Termina com uma evisceração.

Pegando seu sabre, ele dividiu o corpo decapitado do manequim da justa do pescoço até a virilha, arrancando o recheio, sem qualquer graça de forma, até que tudo o que restou foi um invólucro de ouro, laranja e pano branco sobre a inclinação bêbada de uma estaca. O príncipe ficou ali de pé e ofegou - suor escorrendo na testa, onde fios tão roxos como uma ameixa de inverno pendiam de seus olhos. Dominado pelo cheiro de abóbora crua, ele se sentiu cruel e insatisfeito.

Uma mão segurou seu ombro por trás, e só então percebeu que as pessoas permaneciam em silêncio, enquanto pássaros assustados enchiam o ar.

—Espectacular, sua graça.

Vesper ficou rígido com a voz severa de Sir Andrian Nocturn, o capitão da guarda do pai. O príncipe voltou-se para as características serenas e delicadas que o lembraram mais de Cyprian todos os dias. — Eu não sinto vergonha.

—Isso é o que me preocupa.

As orelhas de Vesper coraram com o calor; ele não estava sendo totalmente honesto. Ele sabia que sua exibição tinha sido indiferente e imprudente. Mas havia um propósito para isso. — Meu povo precisa saber que eu sempre vou me vingar.

Houve movimento na multidão quando Cyprian saiu da fila de guardas para fazer o seu caminho.

—Um verdadeiro líder inspira harmonia e fornece ancoragem para seu povo. — Disse Sir Andrian. — Há um tempo para a vingança, sim. Mas não é agora. Este é o momento para você liderar. — Silêncio embaraçoso seguiu enquanto aguardavam Cyprian.

Na chegada, o amigo de Vesper ofereceu-lhe um sorriso simpático. Sir Andrian soltou Vesper e deu um tapinha nas costas de Cyprian. Sem dúvida, o capitão considerou-se abençoado pela noite por ter um filho tão calmo e razoável. Então, ao contrário de seu príncipe.

Vesper rangeu os dentes.

—A rainha pede a sua presença no santuário. — Disse Cyprian a Vesper, compaixão escurecendo seus olhos arroxeados. — A passagem do seu pai está à mão.

O príncipe esmagou uma casca de abóbora sob um salto enquanto lutava contra a dor que queimava seu coração e obscurecia sua visão. — Eu deveria ver primeiro Lanthe. — Ele acariciou o flanco de tons arroxeados de seu garanhão. O cavalo mordiscou um pouco de grama, parecendo não se importar, apesar de sua corrida apressada. — Ele precisa de uma massagem.

—Isso não é para os noivos fazerem. — Sir Andrian pegou as rédeas de Lanthe. — Vou levá-lo para os estábulos. Vá agora, seja o homem sua família, seu reino, precisa de você.

Vesper não respondeu, embora pretendesse fazer exatamente isso. Assumindo o passo com Cyprian, eles seguiram o caminho que levava ao santuário.

—Tome coração. Meu pai não aprecia a arte da pantomima. — Cypriano aliviou a tensão com seu bom humor habitual. — Eu, no entanto, sou um entusiasta, e eu digo que foi um bom retrato do soberano caído de Eldoria.

Um sorriso hesitante puxou os lábios de Vesper. Quanto tempo passou desde que ele sorriu?

Cyprian bateu nas suas costas. — Devo limpar seus restos para você?

—Deixe isso para os pássaros. — Respondeu Vesper. Ele olhou por cima do ombro para os corvos negros e gralhas roxas acinzentadas reunidas no chão, bicando sementes e juntando recheio que soprava suavemente na brisa. — Suas entranhas vieram do meu colchão de edredom. Deixe-os aninhar no luxo real.

Ao chegarem à estrutura da treliça, Cyprian retornou à linha de guardas. Vesper fez questão de não olhar para os rostos, depois abaixou-se pela abertura alta e arqueada do quadro. Ele parou lá dentro, tomando cuidado com os animais de estimação reais. Os brilhantes grilos brancos e pretos se agitaram, seus cantos cantando o único conforto neste lugar de tristeza. Sua irmã, a princesa Selena, ajoelhou-se com a dama da mãe no leito de morte do rei: uma plataforma formada de flores e galhos enrolados em óleo de canela. Um dossel de teias de aranha cristalizadas pairava sobre seu corpo enfermo.

Sendo mais jovem que Vesper por dois anos, e adorada pelo pai deles, Selena estava tomando essa tragédia mais do que qualquer um. Ela colocou um buquê de flores de lua no travesseiro ao lado da coroa de ferro do rei e beijou um rosto parecido com o de Vesper. Durante os anos mais jovens de Vesper, rumores viciosos abundaram que ele era um filho bastardo, que sua mãe rainha tinha sido infiel. O rei Orion nunca acreditou em uma palavra e foi recompensado por sua

fé, pois, à medida que Vesper se tornava homem, ninguém poderia discutir sua relação. Além das diferenças em sua coloração, o príncipe era a imagem espelhada de seu pai: viril e aristocrático com as mesmas maçãs do rosto salientes, nariz longo e reto e queixo angular. Embora agora, com os músculos atrofiados e a pele apertada e afundada, o grande rei parecia magro. O rendilhado das veias que corriam por baixo de sua pele diáfana do pescoço e das orelhas até as bochechas e pálpebras pareceu se contorcer quando as suas inalações abafadas deram lugar a uma tosse chata.

—Pai! — Selena lamentou em sua luta inconsciente para pegar outro fôlego. Ela passara tanto tempo aqui e nos jardins, seus longos e claros cachos tremeluziam na penumbra, alguns tons mais claros que suas lágrimas violetas.

A Rainha Nova ajudou a filha a se levantar e acenou para os três guardas com uma armadura preta esmaltada atrás de Vesper. Um deu um passo para ajudar a rainha, mas oscilou em um esforço para perder um grilo. Vesper instintivamente estendeu a mão para firmá-lo. Os olhos do guarda se arregalaram sob o grande elmo - a expressão dele ficou entre o medo e a repulsa.

—Obrigado, meu jovem senhor. — Ele murmurou enquanto se retirava rapidamente do aperto do príncipe. A tensão na voz dele não combinava com a gratidão das palavras. Ele tentou esconder o ato de esfregar o braço com uma mão enluvada. Mesmo através do couro, ele considerou o toque do príncipe manchado.

Vesper reprimiu um grunhido. Ele não pediu para nascer tão inútil que seu povo teve que mudar seu modo de vida. Para postes de luz a serem erguidos onde ninguém costumava estar. Para que mais árvores fossem cortadas para que pudessem ter tochas a cada esquina - um grampo para o único príncipe Nerezethite que nasceu cego à noite em séculos.

Franzindo a testa, Vesper se afastou para que o guarda pudesse levar sua irmã chorosa para fora. O príncipe agarrou a mão de Selena quando ela passou. Eles trocaram olhares significativos, então ela apertou seus dedos enluvados antes de liberá-lo. Ele tomou seu lugar ao lado de sua mãe, enquanto os outros

dois guardas retomaram suas posições na entrada do santuário.

O incenso fumegante e as ervas terapêuticas ao redor do leito de morte picaram o nariz de Vesper. A pontada ofereceu uma explicação menos vergonhosa para suas lágrimas. Ele limpou os fluxos claros de suas bochechas.

—É hora de liberar o nosso rei para o seu descanso eterno, meu filho. — Disse a rainha Nova com um nó na garganta. — Ele não pode acender sua estrela no firmamento escuro até que todos nós dissermos nossas despedidas. — Suas pontas dos dedos gentilmente seguraram a mão de Vesper onde ele apertou a bainha sob sua capa de zibelina.

Comparado com a espada larga incrustada de sodalita azul do rei, pendurada tão pesada quanto um saco de maçãs de um gancho na armação do dossel, o florete de Vesper era uma lâmina de aço personalizada - pequena o suficiente para aparar graciosos e estocadas - com um aperto estreito para as palmas das mãos mais jovens. Momentos antes, ele usou para encenar sua raiva em um manequim de pano. A arma do seu pai agora pertencia a ele, e ele tinha planos para quebrá-la também. Assim como sua mãe não sabia nada sobre sua performance justa ainda, ele não queria que ela testemunhasse o segundo ato que ele teve que jogar também.

A rainha Nova apertou a mão dele. Ele não podia sentir falta da severidade de sua carne branco-azulada contra sua luva negra. Descoberto, o contraste entre a pele deles era igualmente surpreendente. Vesper soltou a bainha e entrelaçou os dedos.

Garanto-lhe que não deixaremos sua passagem ser em vão - os pensamentos de sua mãe tocaram sua mente em particular, com os lábios pressionados e a língua imóvel - *que você honrará seu legado e trará o sol de volta a Nerezeth; do contrário, mais pessoas do nosso povo morrerão da doença que o atingiu.*

Dois anos atrás, a cabeça de Vesper já estava alinhada com a da rainha. Naquela noite, ele era quase tão alto quanto seu pai tinha sido e tinha que olhar para baixo para ver em seus olhos. A calma resignação ali era tão diferente da

inquietação que enchia sua alma quanto suas pálidas íris de urze eram dele - de um castanho tão profundo que eram quase negras. Ela sempre disse que o olhar dele era enervante, feroz e inflexível como o de um corvo. Ele usou isso a seu favor agora, para enfatizar uma recusa em responder.

Sua mão endureceu na dele. *Por anos, Eldoria se afastou quando nós drenamos o dia de seus céus. Agora devemos nos afastar de suas ofensas.*

Não, mãe. Ele se concentrou nela, então só ela podia ouvir sua resposta. *Eles não se afastaram. Eles estão com medo de procurar nossos contrabandistas na Ravina Ashen. Os Eldorianos são covardes, temerosos das mortalhas carnívoras criadas por sua própria insanidade inerente. Covardes tão malévolos que arrancaram toda uma plantação de rosas cujo único crime foi picar a carne de uma dama. Sua rainha deveria ter senso suficiente para usar luvas.*

O desenraizamento foi feito na ignorância, não na maldade. Vesper podia sentir a vibração na resposta de sua mãe dentro do próprio cérebro. *É dever de um nobre rei deixar de lado seu orgulho. Ele deve pensar em seu reino, fazer concessões para o bem maior, aprimorar as relações para garantir um futuro pacífico.*

Vesper libertou-se de seu toque. O cabelo espesso e prateado que combinava com o cristal reluzente de sua coroa caiu por cima dos ombros e escondeu a decepção em seu rosto. Ele estava feliz por isso, já que isso poderia tê-lo influenciado pela ternura. Mas por que ceder a uma emoção tão fraca? A raiva era muito mais produtiva.

Antes de seu assassinato, o rei Kiran prometeu à rainha Nova que uma das preciosas rosas de panacéia ainda existia - viva e intacta - dentro das muralhas do castelo. O pacto de sangue entre seus reinos dependia disso.

Vesper fez uma careta e retomou sua conversa mental com a sua mãe. *Um tratado nunca deveria ter sido promulgado sobre meu futuro reinado sem meu conselho ou consentimento. Uma profecia esculpida pelas sombras sobre as paredes das cavernas de gelo místicas não deveria ser o roteiro para o resto da minha vida. Talvez eu não queira casar quando for coroado. Talvez eu não*

queira casar. Por que eu deveria tornar-me rei de alguma forma no estado civil?

A rainha Nova apertou os lábios. *Você está sendo totalmente irracional.*

Por que eu deveria ser diferente? Você nem vai me contar os detalhes da profecia. Quais foram as palavras exatas?

Deixe de lado seu cinismo e eu lhe direi. Até lá, isso só vai te deixar mais irritado.

O príncipe não pôde refutar seu ponto. Depois de ter ido a madame Dyadia sete anos antes, implorando a ela que o fizesse como todo mundo, depois de ter se recusando a ajudar, insistindo que ele tinha nascido como ele era por algum motivo monumental e ainda não visto, ele perdeu toda a fé nas forças da feitiçaria, adivinhação e coisas do tipo. Praticantes - sejam eles magos, bruxas, necromantes ou mágicos - eram volúveis, escolhendo apenas os projetos que promoviam seu ganho pessoal. Caso contrário, por que eles não usaram seus talentos para salvar um rei nobre ou para abrandar o coração de um povo em relação às diferenças de seu príncipe?

Sua mãe rainha acariciou os caules do buquê de flores da lua, seu dedo se desviando para acariciar uma mecha do cabelo do rei com amor. *Seu pai teria concordado com a lógica do conselho, com minha decisão. Eldoria vai replantar a única panacéia remanescente no solo acima da escada de Nerezeth. Depois de uma colheita saudável ter crescido, nós forneceremos todas as sombras da meia-noite e a poeira estelar que Eldoria precisa para manter sua princesa vestida de noite. Em troca, seus três magos reais nos suprirão com a luz solar líquida, de modo que não haverá mais contrabando. Fora isso, ficamos juntos até você ter idade para se casar. Essa união será de benefício mútuo - uma abertura para o nosso reino te aceitar, e também para alterar as relações com Eldoria. Dizem que a princesa deles precisa de sombras tanto quanto precisamos da luz.*

Vesper bufou. *Ela é obviamente muito mimada. Todos os cidadãos de Nerezeth são sensíveis ao sol, mas não é nada que uma mistura de bálsamo de obsidiana e roupas em camadas não consiga resolver. Não é como se os contrabandistas do sol chamusquem cinzas a cada vez que atravessam a ravina*

Ashen para coletar fios de luz do dia. Pelo menos a menina pode se esconder do sol dentro de suas paredes do castelo intocada. Precisamos de parcelas de sol para cultivar alimentos e remédios, para que sua "necessidade" de conforto não seja comparável.

O que aconteceu com o seu espírito benevolente? Você esquece onde você está? Sua mãe repreendeu.

Ele se mexeu desconfortavelmente em suas botas. Este santuário era santificado - um tributo à meditação, gratidão, luto e comunhão. Quando Vesper era menor, o próprio Neverdark, vivo com topiarias mágicas e folhas animadas que dançavam em seus galhos para provocar uma brisa natural, era o único lugar que o fazia se sentir esperançoso. Até mesmo as passarelas - construídas de rochas encantadas que aqueciam a água e aqueciam o ar perfumado - representavam um caminho para o crescimento, um meio de levar os pés para outro lado, onde ele poderia deixar de ser o defeito aberrante nesse reino e se tornar o herdeiro que seus pais desejavam ter, o príncipe que seu povo precisava.

Como você pode nutrir tal ressentimento, a voz da rainha interrompeu suas reflexões, *quando todos à nossa volta são símbolos de paz?*

Ele não tinha resposta. Até mesmo os insetos à deriva e sua serena lavagem de luz pareciam diferentes neste momento, alimentando sua raiva, prometendo poder sobre uma situação impotente. A atenção de Vesper se estabeleceu na cabeça do leito de morte. Soldado a um suporte ornamental que chegava ao seu esterno, um grande globo de cobre oco - perfurado por formas estreladas - imprimia uma galáxia no rosto do rei. A luminária era estritamente cerimonial e emanava radiantes raios dourados, embora não de uma chama. A mesma mistura especial de pólen e luz do sol que alimentava os vaga-lumes enchia a luminária e alimentava sua luz, simbolizando o céu estrelado do mundo ao qual seus mortos retornariam depois de serem queimados até a cinza.

Aquela mistura deslumbrante chamou Vesper mais perto. Ele se inclinou sobre a fonte de calor e uma nova linha de suor umedeceu sua linha do cabelo. Ele varreu alguns fios atrás da orelha, em seguida, passou o polegar pelos

cabelos brancos prateados de seu senhor, esparramados no travesseiro preto sob a cabeça. Sua falta de cor não era um sinal de idade ou doença, mas sim outra qualidade inerente que diferenciava Vesper de todos os membros de sua família, de todo o seu reino.

O que você teria me feito fazer? Os pensamentos de sua mãe o cutucaram novamente, uma tentativa óbvia de sacudi-lo de seu silêncio. *De que outra forma você se propõe a trazer luz solar genuína ao nosso mundo, nas quantidades crescentes de que precisamos para nossa população crescente?*

Vesper manteve a troca entre suas duas mentes para que os guardas não ouvissem: *eu ordenaria que a princesa entregasse a última panacéia, e então a amarrasse dentro dos arbustos de cadáveres.* A sugestão perversa fez seus lábios se contorcerem. As selvagens e espinhosas criaturas espinhosas que deslizavam como esqueletos viperinos por toda a terra poderiam sangrar o sol em faixas vermelhas de fogo de suas veias. *Deixe sua carne macia e perfurada fornecer nossa luz natural.*

Ver o choque no rosto de sua mãe só fortaleceu sua determinação, e ele acrescentou em voz alta para que todos pudessem ouvir: —Eu preferiria governar sozinho do que com um caminhante do dia ao meu lado. Como ela sobreviveria às selvas?

Os olhos da rainha encontraram os dele. — A selva da sua terra ou do seu coração?

Ele considerou sua pergunta. A única semelhança que ele compartilhava com os cidadãos de Nerezeth eram suas construções lúcidas, altas e mais fadas do que humanas - características confundidas com fraqueza. Suas espinhas, no entanto, eram de aço e seus espíritos glaciares - homens e mulheres. Foi preciso coragem para enfrentar as místicas cavernas de gelo e as paisagens escuras e frias, para resistir à picada gélida de um escorpião de rime, para sobreviver à mordida de uma aranha de osso, obtida de presas do tamanho de um leopardo nebuloso, ou para arriscar um encontro com morcegos, cujo estrume poderia incendiar se inflamado por uma tocha. Os invernos mais amenos eram opulentos e cênicos. Mas os cidadãos competentes de Eldoria não eram fortes o bastante para enfrentar as marés noturnas, onde a neve caía como maremotos. Em alguns lugares, as vagas se elevavam tanto quanto qualquer castelo e desmoronavam sob pés desajeitados como a areia movediça mais faminta. E então havia o ar morto, tudo abafado pela neve frouxamente empilhada, e avalanches esperando para cair, para que ninguém se movesse graciosamente como um gato e transmitisse seus pensamentos sem som para preservar o silêncio.

Vesper teve sua resposta. — A nossa é uma terra para a ousadia, e só o brutal de coração pode sobreviver.

Ele alisou o estandarte de seda onde ele envolvia a metade inferior da forma inclinada do rei. Admirando a bandeira de Nerezeth: um fundo preto por trás de uma lua crescente prateada, alta e majestosa ao lado de uma estrela prateada de nove pontas, corpos celestes representativos do rei e da rainha; três pequenas estrelas de obsidiana - a mesma tonalidade contrastante do fundo escuro - sombreavam o meio da lua, reflexos negros de seu irmão prateado. Essas estrelas representaram as três gerações que primeiro moldaram Nerezeth, aqueles que reinaram durante os primeiros e traiçoeiros anos, aqueles cuja sabedoria e coragem transformaram a terra em algo sustentável.

—Aqueles dos céus ensolarados têm bocas batendo e ossos pesados. — Elaborou Vesper. — Eles são fracos, moles e mimados. Tez lisa, sem cicatrizes ou queimaduras por congelamento. Eu ouvi que a casa real é tão rígida e perfeita

quanto as estátuas de bronze e marfim intocadas pelos elementos.

E a verdade do seu ódio nos olha tanto na cara, sua mãe respondeu silenciosamente.

Vesper apertou a mão maior do pai dele. Ele não admitiria que ela estava certa. Que ver o rei Kiran foi como olhar para o espelho. Um espelho que Vesper teria uma vez quebrado em mil pedaços, para rolar dentro dos cacos até que eles o deixassem para baixo, até que sua carne se estreitasse e suas veias subissem à superfície. Qualquer coisa para passar como uma das crianças da meia-noite - a pele forjada do luar, tão fina, os caminhos de seus batimentos cardíacos foram mostrados como mapas para todos verem, e olhos de brilho cintilante que poderiam perfurar qualquer escuridão.

Ele mesmo havia olhado para a trança prateada de cabelo e o frasco de lágrimas violetas que o rei Kiran trouxera como prova da situação trágica de sua filha. O rei do sol chamara isso de doença. Vesper rosnou. Doença... Houve um tempo em que ele teria trocado sua futura coroa para contrair tal doença; para finalmente ser aceito e abraçado sem medo, suspeita ou admiração.

Agora, de pé ao lado da forma caída do seu senhor, o desafio que Vesper queriaa a tanto tempo envolvia para ficar quente e desgastado pelos fios. Ele precisava fornecer ancoradouro para seu povo, como Sir Andrian disse. Ele ganharia o respeito que veio com a coroa, garantindo a devoção e o amor de seu reino, como o rei que havia governado antes dele.

E suas diferenças desempenhariam um papel maior do que qualquer um imaginara.

Apenas Vesper poderia equipar Nerezeth com a luz do sol necessária. Mas um pacto de sangue com seu reino rival não era o caminho para conseguir isso.

Com a visão embaçada, o príncipe ergueu a mão flácida do pai e colocou-a no topo da cabeça. Três meses atrás, na comemoração de seu décimo quinto ano, esta mesma palma tinha arrepiado seus cabelos quando Vesper derrotou um parceiro de treino e aplaudiu quando o príncipe e Lanthe se moveram como um só e atingiram todos os alvos no centro da competição de arco equestre.

Fazendo seu pai sorrir, ganhando seu toque laudatório, tais momentos foram poucos e distantes entre si. Esta noite era a última oportunidade. Embora o rei tivesse escorregado para o grande sono e perdido a capacidade de se conectar, vocal ou telepaticamente, talvez ele ainda pudesse sentir o que o rodeava.

Farejando, Vesper devolveu a mão do rei ao peito afundado e aproximou-se da luminária, aquecendo-se em seu esplendor, tirando força de seu potencial soberano - algo que ele sempre se sentiu indigno, mas estava pronto para reivindicar como seu.

—Eu ficaria sozinho para meditar. Você pode liderar a procissão. — Ele olhou para os guardas, para garantir que sua mãe também os levasse. Os dois olhares dos homens diminuíram no momento em que foram recebidos pelos dele.

—Você não vai nos acompanhar? — A rainha perguntou, uma sobrancelha prateada erguida.

—Deixe uma lanterna para minha pele. Meu lugar é ao lado do meu rei, até seu último suspiro.

Os lábios da rainha Nova formaram um som de assobio - chamando os grilos brancos e pretos para ela. Eles saltaram sobre suas saias de seda, formando camadas alternadas com as penas do rouxinol e as rendas de aranha já no lugar. A combinação de tecido e natureza brilhava e sussurrava quando ela caminhou até a porta.

Vesper pousou a mão na bainha de novo.

—Deixe seu pai, seu rei, orgulhoso. — Dua mãe murmurou, em algum lugar entre um pensamento e uma palavra. — Deixe-o deixar este mundo em uma cama de tranquilidade, sabendo que você aceitou suas diferenças como as bênçãos que elas são e abraçaram sua obrigação para com o nosso reino.

—Isso é exatamente o que eu pretendo fazer, Mãe.

Ela deu a ele um último olhar, como se medisse sua sinceridade, então disse:

—Eu vou deixar Cyprian esperando na porta de ferro para acompanhá-lo de volta ao castelo. — Ela saiu com os guardas em seus calcanhares. A

assembleia de pessoas do reino seguiu o seu caminho.

Vesper esperou o tempo suficiente para que eles estivessem fora do alcance da voz. Deixando de lado suas luvas, ele abriu as palmas das mãos - marcadas por batalhas com arbustos de cadáveres e queimaduras de gelo - e então olhou para as costas de suas mãos e pulsos. Sob suas roupas, o resto dele refletia a mesma profundidade marrom-avermelhada, como se ele gastasse todo momento fora no reino do dia, apesar disso, ele vivia em uma terra misteriosa e nunca havia enfrentado a verdadeira luz do sol. Essa contradição não mais amortecia seu espírito. Em vez disso, deu-lhe coragem.

Ele arrastou a espada larga de seu senhor do gancho. Levou as duas mãos para levantá-la e cada músculo em movimento para balançar. Ele se esforçou contra o peso e martelou a luminária. Clangas duras reverberaram através de seus braços e espinha. Com três sucessos sólidos, ele quebrou o selo do latão. A grande bolha de ouro continha sua forma. Usando a ponta da espada, ele perfurou a membrana e o líquido incandescente começou a vazar como geléia derretida.

Vesper deixou cair a lâmina. Se alguém tivesse ouvido o seu clangor, não havia tempo a perder. Ele se ajoelhou e segurou as mãos para capturar o fluxo pegajoso. Não estava insuportavelmente quente, apenas quente o suficiente para chamuscar. Ao segurá-lo até os lábios, sentiu o cheiro do pólen - néctar e cru com uma borda assada - e sua boca ficou cheia de água para saboreá-lo.

Se um pequeno inseto pudesse suportar a mistura e canalizar sua radiação, por que ele não poderia?

Seus olhos se concentraram na bandeira de Nerezeth novamente, na grande estrela prateada sentada ao lado da lua, no fundo e nas estrelas menores - tão eternamente negras quanto o céu. Por quinze anos, ele questionou sua existência, porque ele parecia tão diferente. Por que ele era o único em seu reino que não conseguia encontrar seu caminho no escuro. O tempo todo ele deveria ter questionado por que ele era o único que nunca foi afetado pela luz.

Por fim, ele entendeu o que Madame Dyadia quisera dizer, qual seria o seu

chamado “monumental”. Ele não nasceu para ser a estrela da noite de Nerezeth. Ele nasceu para ser seu sol. Puro e não filtrado. E depois desta noite, eles nunca precisariam confiar em Eldoria para mais nada.

Ele inclinou a cabeça para trás e despejou a essência da luz do dia e das flores em sua boca, engolindo-a até que seu corpo se transformou em chamas e sua mente em cinzas.



Ele acordou com flashes ofuscantes de luz. Gritos de horror ecoaram em seus ouvidos, a voz de Cyprian se misturando com os guardas, antes que ele sucumbisse à escuridão novamente. Um pesadelo se dobrou ao redor dele como tinta manchada de água, vermelho brilhante e sombrio cinza em turnos - um céu de verão perseguindo o inverno. O fogo envolveu suas veias e ele se contorceu em agonia. Um arrepio de corpo inteiro seguiu, ossos e pele em chamas com queimaduras. O fedor de carne assada, cabelos chamuscados e sangue queimado chamuscou seu nariz.

Quando a dor se tornava tão excruciante que ele morreria, ele ouviu alguém cantarolar - uma voz antiga e perspicaz. O som o elevou, e seus olhos se abriram para descobrir que ele flutuava acima de seu corpo, um espírito amarrado. A magia estava em ação aqui: um véu de névoa cinza tão grande quanto o vidro ficava entre sua consciência e os acontecimentos abaixo. Dois contornos estavam em sua forma nua, onde ficava no topo de um altar ao lado de um fundo de gelo brilhante. Ele foi levado para as cavernas místicas.

—Você contou a ele os detalhes da profecia? — Era a voz que estava cantando, e pertencia a Madame Dyadia, a feiticeira real.

—Ele estava sendo teimoso demais para escutar. — A segunda voz - frenética e com remorso - era de sua mãe rainha. — Se eu tivesse! Isso teria impedido isso.

—O resultado teria sido o mesmo. Uma profecia será cumprida, tomando o que for necessário. Nosso príncipe sem saber ajudou em seu esforço para provar

digno de seu reino. Embora ele tenha escolhido o caminho mais mortal para si mesmo.

A silhueta da feiticeira passou as mãos pelo corpo dele. Raios luminosos e avermelhados cor de laranja saltaram sob sua pele, iluminando suas veias e todos os órgãos trabalhando para mantê-lo vivo. Seu espírito permaneceu em segurança no alto - uma testemunha de sua própria ruína, onde nenhuma dor poderia alcançá-lo quando as nuvens de fumaça negra subiram de suas narinas. Chamas crepitavam em seus ouvidos e ouro derretido escorria das solas de seus pés, em seguida, espalhou-se dos dedos dos pés até os tornozelos, cobrindo-os com um brilho metálico.

A rainha soluçou, caindo de joelhos ao lado do altar. — Por favor, você pode salvá-lo?

—O dano não é fora, mas dentro. — A feiticeira retirou uma lâmina e fez uma incisão em sua pele acima do revestimento metálico. A sensação era distante, mais uma pulsação em um sonho. Sua pele retornou ao seu estado natural enquanto o ouro vazava da fenda, tornando-se a luz do sol líquida para ser coletada em um frasco. — Este é apenas o começo. — Madame Dyadia cortou vários fios de cabelo escuro de Vesper e os enrolou em um carretel onde eles se multiplicaram em um fio grosso. Usando uma agulha fina, ela costurou a abertura; no momento em que ela atou o fio, os pontos desapareceram e uma cicatriz totalmente curada ficou em seu lugar. — O sol tentará ultrapassar sua humanidade em incrementos. Ele deve ser forte o suficiente para suportar as batidas de ouro. Ele terá que sangrar de sua carne, como o veneno de uma cobra, para purificar seu sangue. Embora não possamos evitar, as incisões podem retardá-lo. E há uma maneira de eu poder oferecer a ajuda para parar agonia da intrusão.

—Sim. Por favor, pare seu sofrimento.

A feiticeira colocou a mão no ombro da rainha. — Eu entendo sua determinação em salvá-lo, de uma forma que poucos outros poderiam fazer. Mas se eu fizer isso, haverá repercussões. A chama ardente aderiu à sua selvageria,

orgulho e rebelião - incêndios emocionais alimentando isso. Essa parte dele deve ser expulsa.

—O que? Não! — O gemido da rainha Nova atravessou as profundezas geladas da caverna, alto o suficiente para sacudir os pingentes de gelo. — Eu o amo como ele é. Eu não posso tê-lo alterado para sempre!

—Não para sempre, sua graça. Apenas o suficiente. — Madame Dyadia tentou confortar. — A princesa é mais nova que ele. Cinco anos se passam entre agora e sua coroação. Deveríamos deixá-lo intacto, sua raiva poderia se transformar em algo ainda mais monstruoso do que já é.

A mãe dele pegou a mão dele, gritou com o contato e recuou. Ela esfregou as pontas dos dedos. — Se eu permitir isso, o que será dele? Como ele viverá como apenas metade de quem ele era?

—Ele não se lembrará de seu tempo nesta caverna ou saberá de sua peça que falta. Ele despertará para se sentir incompleto e convencido de que a princesa o fará completo novamente. Assim, ele estará focado em um objetivo: honrar seu compromisso com uma garota que ele nunca conheceu, ganhar sua mão a todo custo. Com sua rebeldia deixada de lado, ele vai aceitá-la. Que ele deve, para ser curado, pois apenas seu toque iluminado pela lua pode domar o sol em seu sangue. Não estamos matando nenhuma parte dele, simplesmente dando uma resolução e propósito mais nítidos, e o outro, uma nova embarcação - como proteção contra a queimação do sol.

—Ele pode um dia ser inteiro de novo?

—Mesmo se eu exilar sua rebelião e raiva, ele será atraído para ela, onde quer que ela esteja. A princesa vai desempenhar um papel em dar-lhe o foco, mas ele sozinho terá que enfrentar e conquistar seu verdadeiro eu. Só então ele estará completo mais uma vez.

—Muitos segredos; muito risco. Talvez se o deixarmos como ele é..

—Ele vai morrer.

Houve uma pausa.

—Então fazemos e suportamos as consequências. — Respondeu a rainha

Nova, embora sua voz tremesse de dúvida. — Nerezeth perdeu seu rei. Se também perdermos nosso príncipe e tudo o que é prometido por ele, nosso reino cairá.

A feiticeira cantava, palavras mais antigas que Vesper nunca ouvira, seguidas por cinco, ele compreendeu: —Saia daqui!

Uma sensação de ondulação percorreu seu peito quando uma parte de seu espírito ricocheteou de volta em seu corpo, arrancado do outro. Ele observava através dos olhos semicerrados, enquanto a parte liberada - trevas esvoaçantes e luz bruxuleante - pairavam ao longo do telhado da caverna, mergulhando e balançando, em guerra consigo mesma até encontrar uma forma. A mente do príncipe tentou dar um nome a aquilo, mas o objeto voou rapidamente para as selvas de inverno.

A ausência em seu núcleo ardia mais profundamente que as chamas. Lágrimas escorriam dos cantos externos de seus olhos, quentes como metal fundido. O brilho de uma concha apareceu dentro de seu periférico, onde a feiticeira estava em cima dele. Ela lançou uma música presa a ele: o trinado de um pássaro tão fluido, alegre e puro que saciou a solidão de seu coração e o fez esquecer sua metade perdida, imprimindo em sua alma um anseio pela música.

—Você vai conhecê-la pela voz dela. — A feiticeira sussurrou em seu ouvido.

Superado com a exaustão, ele jurou encontrar a fonte daquela bela canção um dia. Era a única maneira de ser curado, estar completo. Uma imagem do cabelo prateado da princesa Lyra e das lágrimas violetas dançava na parte de trás das pálpebras; depois, embalado pelo ambiente gelado, dormiu.

05
Uma senhora, Horripilante e Brilhante



No castelo de Eldoria, não haveria descanso para Lady Griselda, presa como estava na masmorra escura.

A bruxa escapou da cela, a sobrinha de Griselda fechou os olhos e lançou as duas na escuridão. Griselda procurou cegamente, tentando pegar o cabelo de Lyra para usar como uma corda de chumbo, mas a menina passou sem emitir nenhum som. No canto mais distante veio o arranhar de algo sendo arrastado de baixo da cama, depois a sensação de Lyra se mover pela cela novamente.

—Lyra... Eu sou sua mãe agora. Você deve me obedecer. Me ajude a encontrar meu caminho de volta.

A princesa parou na entrada da cela e abriu os cílios de centopéia, iluminando a rosa envolta da Rainha Arael embalada contra o peito. Griselda sorriu presunçosamente, convencida de que havia apertado o laço de aderência em volta do pescoço da garota, até que Lyra abriu os lábios com uma canção indecifrável. Griselda estremeceu quando as sombras se dispersaram com o comando de Lyra, batendo nas roupas e na pele, antes de sair pela porta.

Os passos de Lyra arrastaram-se confiantemente pelas escadas, levando

consigo seus olhos luminosos. A mandíbula de Griselda ficou frouxa. A criança recalcitrante a abandonara.

Na escuridão, Griselda congelou com a agitação de mariposas e aranhas roçando seus pés e cabeça. Ela prendeu a respiração até que eles também saíram do quarto, atraídos pela cantora.

Sozinha numa penumbra tão completa que pouco importava se os olhos permaneciam abertos ou fechados, Griselda sentou-se no catre e puxou os pés para cima, passando os braços ao redor das pernas. Ela enterrou o nariz no tecido nos joelhos para afastar o cheiro de urina absorvida pelas paredes de pedra. O pânico crescia em seu peito a cada inalação.

Quem não pode amar a si mesmo, não pode ser amado.

A voz - de uma vida inteira atrás - sibilou dentro dos ouvidos de Griselda como se o monstro sentasse ao lado dela. Griselda engoliu um grito, endurecendo o pensamento. Ela sabia intimamente o perigo que se escondia em lugares escuros. Sombras, aranhas, lacraias, escorpiões, salamandras... coisas que pertenciam à maldade e à noite, e permaneciam em silêncio enquanto estavam sujas, úmidas e escorregadias, fez sua pele rastejar. Se essas mesmas criaturas abomináveis obedecessem às canções de sua sobrinha como animais de estimação fiéis, seu reinado sobre a criança miserável terminaria. Talvez o passado dela tivesse chegado, talvez ela não tivesse escapado depois de tudo.

Uma bolha de desamparo e ódio subiu de seu peito e explodiu em um gemido animalesco em sua garganta. Ela colocou a mão sobre a boca no eco.

A bruxa provocou essas memórias, e sozinha e ansiosa, Griselda não pôde deixar de cair naquela época há muito tempo quando conheceu as criaturas da escuridão.

Griselda foi batizada de Glistenda após seu nascimento. Uma homenagem às colinas cintilantes de Eldoria e aos vales reluzentes todos os dias naquele momento em que o clarão do crepúsculo deixava em seu rastro uma onda de orvalho e o sol recuperava seu brilho.

Enquanto crescia, todos no reino concordavam que Glistenda era a

princesa mais deslumbrante de todos os tempos para adornar os salões do castelo com seus cabelos louros tão amarelos quanto a luz do sol e uma pele impecável de marfim, ambos herdados de sua mãe real. Sua beleza era tão absoluta, que ela poderia ferir simplesmente colocando-se sobre um colchão de penas - as farpas e os flancos sendo muito espinhosos para resistir.

O pai de Glistenda adorava sua delicada princesa, desde que ela estivesse corada, dócil e de fala mansa. Sua mãe rainha lhe ensinou que ser vista, não ouvida, era o chamado mais honrado de uma dama. Mas durante seu décimo sexto ano, o vazio da vaidade como uma aspiração atingiu Glistenda com força total, depois que ela testemunhou o rei caindo de seu corcel durante um evento. Depois, tudo o que ele podia fazer era deitar na cama, ser apoiado em seu trono ou ser carregado em uma liteira sobre a vizinhança. Kiran estava sempre ao seu lado - lá para aprender os caminhos de um reino caído sobre seus ombros jovens mais cedo do que se imaginava.

Glistenda raramente podia visitar o rei. O tempo de Kiran com ele era importante demais, urgente demais. Todos diziam que Kiran era a imagem da própria rusticidade de seu pai - também possuindo sua sabedoria, temperamento paciente e perspicácia militar.

Glistenda deveria estar disponível para aparições em família, mas nunca teria voz na política, no conselho legislativo ou na economia do reino. Seus pais reais, junto com todos os adultos no castelo, ficaram ocupados demais cuidando de seu irmão mais novo para pensar nela. Se ela tivesse nascido um filho, ela teria sido a herdeira, e todo coração e mente dela para consumir e comandar.

Em vez disso, ela não tinha voz; *Não diga nada*. Ela foi deixada por conta própria - reduzida para atrair a atenção através de jogos jogados com os jovens da corte. Ela usou suas artimanhas para obter a obediência e devoção que ela ansiava.

A única exceção era o único garoto que ela desejava acima de todos os outros: Tristan Nicolet - linda pele de ébano enrolada em um quadro robusto. O melhor amigo de seu irmão, e filho do cavaleiro mais confiável de seu pai,

Tristan frequentemente ficava entre ela e seus pretendentes. Ele se colocou no lugar de um irmão que estava muito ocupado se tornando rei para defender a honra de sua irmã. No entanto, não importa o quanto tentasse tentar Tristan em suas saias, ele a negou. O próprio código de honra que a fazia amá-lo tornou-se o espinho do lado dela.

Determinada a manchar sua resolução brilhante, ela inventou o plano perfeito.

Ela escolheu uma manhã que Tristan foi designado para aliviar o posto de seu pai na torre de vigia mais alta. Ela deixou um bilhete para ele, com partes iguais de drama e poesia, envolto em um lenço perfumado. Ela jurou que ele era o único garoto que ela amava, e se ele não apagasse o fogo em seu coração, ela iria apagá-lo com loucura e sombra no Desfiladeiro Cinzento.

Vestindo um uniforme de menino sobre suas roupas, ela pegou emprestado um pônei dos estábulos reais e iludiu os guardas no portão principal. Ela e sua montaria correram para a trilha que serpenteava no Lago de Cristal e terminavam na ravina. De sua torre, Tristan seria sua testemunha singular. Na metade do caminho, ela descartou as roupas do garoto, revelando uma camisa diáfana rosa com chinelos combinando. Colocando um aro de trança branca sobre o cabelo loiro, ela continuou até a entrada da ravina aparecer.

Ela deslizou da sela, surpresa quando a boca escura da floresta assombrada se abriu para ela, tendo ouvido rumores de como era difícil entrar. Uma brisa gelada arranhava sua pele como unhas fantasmas, carregando avisos sussurrados - coisas ofegantes e assombrosas - e um fedor podre, em algum lugar entre vegetação decomposta e carne rançosa.

Ela quase se virou, mas então Tristan a chamou por trás. Ela olhou por cima do ombro enquanto ele contornava o lago em seu potro ensanguentado. A presunção substituiu o medo. Sua lição seria melhor aprendida se ela realmente pisasse dentro da escuridão iminente. *Faça-o enfrentar os rumores de perigos. Faça-o ganhar seu afeto do jeito que ela teve que ganhar o dele.*

Deixou o pônei e logo deu um passo em direção ao barranco quando uma

videira preta e farpada estalou o tornozelo e a jogou na anca. Os espinhos cravaram em sua carne tenra, manchando a bainha da camisa com sangue. Incitado pelo perigo, o pônei dela recuou e galopou fora. Glistenda lutou para respirar quando a nuvem resultante de poeira desceu.

Ela soluçou em uníssono com o grito de pânico de Tristan quando mais duas videiras atacaram, agarrando seus pulsos. Seu corpo ficou entorpecido quando os espinhos bombearam veneno em suas veias, tornando-a incapaz de se mover ou gritar. As plantas serpentes arrastaram-na para o barranco.

Seu olhar se inclinou para trás quando as urzes formaram uma cortina sobre a abertura. Tudo o que podia ser visto do sol quente era uma substância gelatinosa que cobria os troncos das árvores. A sobrecarga de luz tornou-se nebulosa, deixando-a num mundo escuro e cinzento. O bater de cascos e a voz de Tristan foram abafados quando ele chegou. Um forte martelar metálico provou sua determinação de romper a barreira com sua espada. Glistenda lamentou momentaneamente por ter inventado uma farsa tão mesquinha.

Seu corpo saiu do caminho íngreme e sinuoso, um peso morto sem resposta, quando algo novo a arrastou por um tapete de cinzas em movimento. Pedaços de seu cabelo se agarravam a galhos e raízes de árvores, enredando-se e arrancando-lhe o couro cabeludo. Mais e mais, os gritos urgentes de Tristan aumentaram até que ela não o ouviu mais.

Glistenda parou em uma clareira escura com um dossel impenetrável de folhas no alto. Silhuetas negras esfumaçadas escorregavam para dentro e para fora dos troncos das árvores, mudando de humano para bolhas sem forma. A única constante eram seus brilhantes olhos brancos. Um soluço de terror entupiu sua garganta.

—Então, uma criança suave e ininterrupta nos agraciou com uma visita. — Uma silhueta deslizou para frente, sem forma, resolvendo o torso de uma mulher. Este mudou da cor da meia-noite para um branco nublado quando se inclinava sobre a forma paralisada de Glistenda. Os ossos de ônix se projetavam do rosto dela em forma de chifres. — Eu sou a Senhora Umbra, mãe do Coletivo

do Sudário. Nós somos seus ancestrais. Aqueles que perderam a mente para a promessa das trevas e descansam séculos atrás. Você tem duas escolhas: tornar-se uma de nós e fortalecer nossa estrutura cerebral, ou oferecer sua carne para consumirmos. Se você não escolher, nós escolhemos para você. — Uma multidão de mãos fantasmagóricas roçou o vestido manchado de Glistenda, tomando a forma de galhos irregulares que rasgavam o tecido transparente no centro do pescoço até a cintura.

Exposta, Glistenda assistiu seu coração chutar com tanta força em seu peito que ela pensou que iria quebrar através de seu esterno. Ela não podia falar, nem choramingar. Iimpaciente, a senhora Umbra apertou o pulso da vítima. A pressão fez contusões na delicada pele de Glistenda que se espalhou ao longo de suas veias em fios irregulares.

As linhas de tinta pareciam aranhas e escorpiões que afundavam sob sua carne a caminho do peito. Ela doía para se contorcer, para escapar da praga rasteira, mas não conseguia se mexer.

Ela estava se tornando vaporosa, sua mente entrando e saindo da consciência.

—Suficiente. — Uma voz de seda masculina rompeu seu tormento. — Você teve suas alegrias. Eu a quero agora. — Um homem apareceu do nada, sua forma era ágil e etérea, ainda mais substancial do que as mortalhas esfumaçadas ao seu redor.

—Por sua beleza? — perguntou a senhora Umbra. — Você é tão previsível.

Seu semblante brilhava sob uma juba vermelha e orelhas pontudas. — Há muito mais para esta. Existe um grande potencial para a maldade dentro desse lindo quadro.

—Ah, sim. — Ela sussurrou sua direção. — É tudo sobre entretenimento para o seu tipo. Quer ver o caos que a garota pode causar?

Um sorriso selvagem enfeitou sua boca, mostrando dentes brancos afiados. — O nosso não é questionar o porquê. O nosso é apenas desejar, rir e mentir.

—Sempre tão inteligente. — O aperto de várias mãos nos pulsos e braços de Glistenda ficou mais apertado e a infestação de aranha sob sua pele zumbiu dentro de sua caixa torácica, alimentando-se de seus batimentos cardíacos erráticos. Mestra Umbra gargalhou, como se compartilhasse a sensação e a fazia cócegas. — Você está muito atrasado. Nós capturamos esta jóia por conta própria. Ela tem gosto de realeza e nós a estamos mantendo.

As silhuetas sem forma espreitando por detrás das árvores se multiplicaram, os olhos brilhando e penetrantes. A traqueia de Glistenda se contraiu com um gemido que não conseguiu se soltar.

O homem abriu duas gigantesas asas vermelhas de penas, esticando-as até que ele apareceu alto e ameaçador sobre os assuntos macabros da Senhora da Umbra. — Você se esqueceu da nossa barganha? Posso pedir misericórdia a alguém, em troca de todas as almas pecaminosas que atraio para estas profundezas. Por todos os momentos meus sussurros tentadores alimentam seus apetites vorazes. Recuse-me, e não temos mais um pacto entre nós.

—Mas esta é de pele macia e tão jovem... — A mãe se encolheu meio choramingando, meio rosnando. — Ela pode nos fazer lembrar o que é ser carne, antes de enfermidade ou morte.

—Tome apenas uma parte dela então. Tome sua consciência. Sua capacidade de remorso é uma pequena fração, ela raramente ouve isso. Tire isso; se empanturrar com os pecados que ela comete, para que você possa se sentir humana novamente. Mas deixe a garota ir. Como você disse, ela é uma princesa, mas com grandes e vis ambições. Isso é uma coisa rara. Eu gostaria de ver como isso acontece.

A boca bizarra da senhora Umbra caiu. — Você sabe que não é tão fácil assim. Uma escolha deve ser feita por ela. Entre a carne e a morte.

—E você sabe que ela pode escolher uma terceira opção. — Disse o homem celestial. — Perder uma parte integral de sua alma, no lugar de sua carne.

—Ugh. Muito bem! — A senhora Umbra olhou para Glistenda, com os

olhos redondos e curiosos. — Você ofereceria para mim, criança? Sua consciência pela sua liberdade? Se você concordar, nunca conhecerá o amor verdadeiro. Não se pode amar sem consciência para medir seu próprio valor. E quem não pode amar a si mesmo, não pode ser amado.

Glistenda não pôde responder, mas ela sentiu o olhar da Senhora Umbra perfurando seu peito, arrancando a verdade do seu próprio coração*: Sim. Eu vou desistir de qualquer coisa para viver. O amor tornou minhas entranhas tão fracas quanto minhas externas, algo que eu nunca mais quero ser novamente.*

—Muito bem. Que seja assim. — A mortalha da mãe apressou suas mãos bambas sobre ela mais uma vez.

A pele de Glistenda retornou ao corpóreo. Ela engoliu uma respiração aliviada. A escuridão sob sua carne corria das pontas de seus dedos como tinta derramada. Seus braços e pernas se contraíram com o sentimento. Ela ficou tensa contra uma sensação de rasgar quando um bando de sombras de esmeralda se soltou de seu peito. Elas gritaram e se transformaram em estorninhos cheios de penas.

Ela se sentou, finalmente capaz de se mover.

—Saiba disso, princesinha — Sussurrou a senhora Umbra. — Nós vimos o seu destino se desenrolando em suas veias. Você se tornará poderosa e verá a sua maior esperança. Seu papel será essencial para devolver os céus ao seu glorioso esplendor. Mas nenhuma realização vai compensar o amor que você traiu. — Os dedos irregulares da criatura seguraram uma mecha do cabelo de Glistenda, e ela ficou tão preta quanto o próprio sudário, tingindo todos os outros fios para combinar. — Nós marcamos você como nossa, pois você virá novamente buscando companhia conosco nesta floresta, procurando um lugar onde você possa esconder seus pecados que torcem e se enroscam como os galhos de uma árvore. E nós mostraremos a mesma misericórdia que você praticou durante a sua vida. Nada mais, nada menos.

Ela aprendeu que ele era um sílfide chamado Elusion. Ele carregou seu corpo até a abertura da ravina e convenceu as urzes a se abrirem do interior, em

seguida, se esconderam para que Tristan pudesse encontrá-la.

Ela disse a ele que Tristan era o garoto que ela estava tentando ganhar.

—Você fez tudo isso para capturar o coração de alguém? — Perguntou seu companheiro, seus olhos cor de laranja iluminaram os incêndios florestais quando ele lhe entregou uma flor. — Valeu a pena?

Cheirando as pétalas de madressilva, Glistenda sacudiu a cabeça. Pois embora Tristan tivesse envolvido seu corpo mole e machucado em sua capa e levado para o castelo em seu cavalo, embora ele estivesse em vigília com sua família enquanto o médico e os magos reais limpavam seu sangue com sanguessugas, então a despertou com um elixir mágico, ele ainda não podia oferecer seu amor. Para ele, ela não passava de um prêmio a ser protegido e colocado em uma prateleira.

—Vou acabar com ele um dia. — Prometeu Glistenda, chocada e satisfeita por não sentir remorso pelo pensamento violento. — Ele espera que eu seja nada além de uma princesa silenciosa e costumeira para sempre?

Elusion sorriu - uma curva de lábios tão tentadora e bonita que lhe tirou o fôlego. — Você é mais do que habitual, e muito notável para perder tempo procurando afetos de um homem, criança.

Vendo a mudança em seu cabelo, Glistenda se preocupou com o que seu interior deveria parecer. Ela quase chamou os pássaros de volta - para recuperar aquela parte dela que ela deu. Mas ela não queria parecer fraca.

Ela esperou demais e as mortalhas sem forma - escondidas atrás das árvores - mergulharam para capturar os estorninhos em gaiolas de mãos e dedos magros e vaporosos. Eles afundaram no chão, tornando-se um com as cinzas.

Glistenda deu uma última olhada no homem, o ser sobrenatural, que a salvou, depois perdeu a consciência.

Quando ela acordou em seu quarto, ela pensou que tinha sonhado com tudo, se não fosse por seu cabelo de ébano, cílios e sobrancelhas. Até mesmo a família dela não conseguiu refutar essas mudanças. Uma semana depois, quando ela estava forte o suficiente para sair sozinha para o jardim do palácio, ela viu o

homem alado novamente, esperando em um bosque de madressilvas. Desta vez ele se tornou carne, estendendo a mão para ajudá-la a se sentar ao lado dele. Uma brisa soprou seu cabelo ao redor, descobrindo a ponta de uma orelha. Estava peluda e pontuda como uma raposa.

—Não importa. — Glistenda respondeu, girando uma mecha de cabelo escuro em volta do dedo. — Eu não posso mais ser amada. — Ela sentiu uma pontada ao admitir isso, mas foi temperada com liberdade. Confiança de que ela nunca teria que sofrer desgostos ou ser fraca novamente.

—Você não queria amor para começar. — Respondeu Elusion. — Era o poder que você procurava. E como mulher, a sua já é imensurável. — Ele se inclinou e segurou as têmporas para beijá-la. Sua boca quente e suave tinha gosto de vento, chuva e luz do sol, elementos que haviam estruturado o mundo desde o começo dos tempos. — Corações são coisas superficiais. A chama do amor desaparece com a idade. — Ele sussurrou isso contra o pescoço dela, acariciando-a. — Se você quiser fogo duradouro - uma ascendência que você pode passar para sua prole - aponte para a jugular. — Ele beliscou sua garganta, uma pitada de dentes afiados que excitava. Deixaria uma contusão. — Escolha seus homens com sabedoria. Rico, com posições marcantes no parlamento. Aqueles que lhe darão influência na política e na lei. Seja sutil e decisiva. Convença-os de que você é o pedaço de carne que eles desejam se empanturrar. Então seja a cartilagem que os sufoca.

Ela seguiu o conselho de Elusion ao pé da letra, mudando seu nome para refletir suas entranhas em oposição às suas externas. Ela tingiu várias mechas de seu cabelo preto a sangue, em homenagem ao seu conspirador de sílfide. A princípio, seus pais reais recusaram-se a reconhecer sua nova identidade, mas ela só responderia a Griselda. Logo eles não podiam fazer nada além de se acomodar, atribuindo seu comportamento bizarro como um meio de lidar com os horrores que encontrara naqueles mares profundos - uma experiência que eles haviam causado com sua própria negligência. Sua penitência e culpa eram absolutas, e eles observavam desamparados enquanto seu coração se tornava tão

horrível, hostil e cheio de espinhos quanto o Desfiladeiro Ashen, e sua mente tão astuta quanto uma raposa.

Ou um sílfide.

Ela convidou Elusion para seu quarto, onde ele passou cada curso de cessação por dois anos, saciando suas luxúrias e as dela. Foi ele quem a levou para as masmorras, onde ele encontrou uma porta escondida. Ao compartilhar o segredo para abri-la, ele a persuadiu a entrar em um túnel abrigando uma pequena sala de terra.

—Algumas grandes feiticeiras ocuparam este lugar. — Elusion disse a ela, apontando para as prateleiras cheias de ingredientes estranhos e místicos. Ele pegou um livro intitulado Grimório de Plebeus. — Há receitas para poções, cantos e venenos que combinam ingredientes místicos e naturais que podem ser usados mesmo quando não se tem habilidades mágicas inatas.

Griselda pegou o livro de suas mãos, sua mente sombria inventou todas as vantagens que tal ferramenta poderia lhe dar.

—Eu sabia que você ficaria contente. — Ele sorriu. — Eu tenho um pedido. Não use essas coisas a menos que eu esteja aqui para ajudar você. Haverá maldições ocultas nas páginas, e eu não gostaria de ver você se prender.

Griselda não gostava que lhe dissessem que ela precisava de alguém. Ela usou uma poção de amor para capturar o Chefe de Justiça - quinze anos mais velho - para aumentar sua posição na corte e garantir herdeiros para o trono, pois seu irmão e sua jovem noiva pareciam incapazes de produzir um deles. A ilusão deixou-a para sua vida de casada até o dia em que seu marido morreu, logo após o nascimento de sua filha mais nova.

Quando Elusion retornou, tendo perdido a cama de Griselda, ela se gabou de como ela usou o grimório sem a ajuda dele.

Aqueles eram seus dias de ouro. O reino bajulava suas princesas - apenas a mais jovem sofria de aflições facilmente contundentes, e todas as três eram apropriadamente chamadas de temíveis e formidáveis, não preciosas e previsíveis. Seu irmão confiava nela, buscando conselho para governar assuntos

domésticos e privados.

No entanto, alguns meses depois dessa vida nova e feliz, Lyra foi concebida, chocando e encantando a todos no reino, mas para Griselda o nascimento da criança custaria tudo o que ela assassinou, mentiu e planejou para ganhar. Elusion ofereceu-se para ajudar, mas depois desapareceu quando as folhas de santo-dos-elfos sangraram para um carmesim brilhante no jardim.

Nos últimos doze anos, Griselda se perguntara sobre a sincronicidade dos dois eventos. E hoje a bruxa havia dado a confirmação. Ela estava amarrada ao chão agora, pagando o preço por atrair a inocente Rainha Arael para picar o dedo sobre as rosas contaminadas, por ser a voz sedutora sussurrando ao vento em seu ouvido.

Irônico que Arael tenha vivido o suficiente para dar à luz a herdeira do rei: uma princesinha adequada, vista mas nunca falando, que logo ocuparia o trono sem qualquer esforço de sua parte além de nascer - apesar de ser uma menina. Todas as regras mudaram quando Kiran gerou uma filha.

Esse pensamento sacudiu Griselda de seu devaneio. Ela se levantou do chão da masmorra, recusando-se a ser nostálgica. Elusion escolheu seu caminho. Ela não forçou a mão dele mais do que a forçou a cometer mariticide. Agora ela tinha as asas sobre o olmo no jardim. Ela poderia jogar aquele cartão se necessário, mas por enquanto, havia trabalho a ser feito.

Ela sentiu seu caminho para fora da cela - as mãos deslizando pelas paredes pegajosas. Um grão de pó grudava entre seus dedos e sob as unhas, e sua bainha fora arrancada pelas correntes no chão. Ela engasgou ao pensar que seria mais imunda do que Lyra quando conseguisse encontrar as escadas.

Depois de dar o primeiro passo, ela subiu em uma espiral vertiginosa, suas mãos sujas conduzindo o caminho ao longo de pedras salientes da parede de retenção. Sua pequena sobrinha maliciosa havia apagado as tochas. Cada som não identificável reverberava em sua jornada negra e subia por sua espinha como pontas de dedos geladas arrancando uma harpa desafinada.

Ela tinha a estratégia perfeita para ganhar a coroa de suas filhas:

desenterraria a escada de Nerezeth, mataria o rei Orion; em seguida, alguns dias depois, encenar um contra-ataque por supostos “Devastadores da Noite” no castelo de Eldoria, no qual Lyra seria assassinada. Mas a confissão da bruxa tornou isso impossível.

Um tratado de paz, assinado em sangue por Kiran e a Rainha Nova, seria uma prova inegável de que Nerezeth não ordenou a morte de seu irmão. Por mais que os habitantes da penumbra precisassem da luz solar, eles não ousariam arriscar uma aliança tão benéfica.

Griselda estreitou os olhos, as unhas arranhando as pedras até que a manicure ficou em pedaços e o sangue escoava por baixo das pontas brancas e quebradas. Ela conseguiu finalmente punir Tristan Nicolet por não a amar. Mas mais uma vez, o irmão dela havia sujado sua chance pela coroa.

Ou ele tinha?

Griselda havia colocado uma mistura precisa de lobos, mamona e veneno de cobra no frasco de caça do marido há tantos anos. Enquanto ele estava fora com seu séquito, ele se convenceu de que tinha engolido uma colméia de abelhas que se soltou dentro de seu intestino, ardendo por dentro. Enlouquecido e delirante, ele se jogou em um cervo selvagem, banhando seus chifres em seu sangue e entranhas. Apenas Griselda sabia que ele não estava enlouquecido; ele estava desesperado para estancar a agonia intestinal e mental que ela havia empurrado para ele com a ajuda do grimório.

Dentro do mesmo livro, havia outra receita mais elegante com traços de baneberry; os efeitos fizeram com que a pessoa ficasse sonolenta e parasse a respiração em questão de horas, uma vez que dormiam. Por mais frágil e estranha que uma sobrinha fosse, ninguém questionaria a Lyra, que estava sofrendo de dor, escapulindo enquanto ela dormia.

Griselda pegou o último lance escuro de escadas, como se flutuasse no ar. Ela chegou ao topo, onde a escada se abria para um corredor silencioso. As cortinas haviam sido desenhadas em todas as janelas; globos azuis cobriam as arandelas nas paredes, suavizando a luz das velas. O curso de cessação havia

começado e todos no castelo estavam na cama.

O reinado de sombras e vermes de sua sobrinha terminaria no mesmo dia.

Ela fez uma pausa para limpar as mãos em suas saias ao ouvir uma corrida de passos. Sir Erwan e Sir Bartley apareceram de um canto, respirando pesadamente. Suas expressões se apertaram ao vê-la.

—Ouvimos dizer que havia uma prisioneira. — Disse Erwan, endireitando-se de uma profunda reverência. Cabelos pretos balançavam a testa larga e castanha. Ele empurrou os fios para o lado, revelando o pânico em seus profundos olhos cinzentos e angulosos.

—E que ela tinha informações sobre os momentos finais do rei Kiran. — Acrescentou Bartley, seu cabelo ruivo, rubor rosa e sardento nariz arrebitado lembrando Griselda de seu falecido marido.

—A bruxa escapou e não é mais uma preocupação. — Ela estendeu a mão para que ambos pudessem beijar o anel da rainha em seu dedo.

Bartley pressionou a boca no rubi, depois recuou com a sobrancelha erguida - como se houvesse mais.

—O que? Ela foi recapturada? — Griselda perguntou, esperando contra a esperança que ela não tivesse.

Os dois homens balançaram a cabeça, mas trocaram olhares preocupados, com as orelhas coradas para combinar com o sol vermelho bordado nos sobretudos brancos.

Griselda acenou com a mão para dispensar suas preocupações.

— Sim, ela tem a memória final de Sir Nicolet intacta dentro dela. Mas tudo o que ela queria era voltar para sua casa no barranco. Enquanto a deixarmos, ela não vai pisar aqui novamente. Ela não tem nada a ganhar com isso. Ela não pode causar danos para não gravar a memória em alguém que mora em Eldoria.

—Sua Graça. — Erwan mordeu o lábio inferior inchado. — Ela já fez.

Griselda quase perdeu o equilíbrio. Cada cavaleiro pegou a mão e arrastou-a para a parede para evitar que ela caísse na escada escura atrás dela.

—Um menino viu uma figura feminina encurvada em um manto com capuz encurralar o policial pelos estábulos. — Explicou Bartley. — Ela tocou de cada lado do rosto dele, como se fosse beijá-lo. Quando a figura foi embora, o garoto jurou que viu chifres fervendo com fagulhas brancas sob o capuz. O rosto do policial estava brilhando, como se tivesse sido atingido por um raio. O menino o seguiu quando ele encontrou um pregoeiro da cidade. A notícia está passando de casa para casa. Logo todo Eldoria saberá.

O sangue de Griselda ficou frio. — Conhecerá nossas conspirações?

—Não. — Erwan agarrou seu cotovelo suavemente em conforto. Era um gesto muito familiar para ser exibido em público, independentemente de o corredor ter sido abandonado. Erguendo-se, Griselda se livrou. Seu foco mudou para suas botas polidas. — Eles sabem do papel da sua sobrinha no futuro do reino, Sua Graça. O pregoeiro está prevendo a profecia. Nada mais, mas é o suficiente.

Bartley assentiu. — O medo que instilamos enquadrar os Devoradores da Noite foi realmente efetivo, pois os plebeus ficaram aterrorizados com os pensamentos da batalha se movendo para a vila e os portões do castelo. Agora as pessoas estão se levantando, insistindo que a princesa é a mercadoria mais preciosa do reino. Lyra deve ser protegida e reverenciada como tal até sua coroação, quando ela amadurecer para se casar.

Griselda provou fumaça em sua língua quando as brasas de seu mais novo plano se apagaram. Sua sobrinha estaria sob constante supervisão. Por cinco anos.

Se algo acontecesse com ela, acidentalmente ou não, Griselda seria responsabilizada como regente do reino. A profecia especificava Lyra por sua própria descrição. E, por mais supersticioso que esse reino fosse, ninguém mais poderia cumprir os requisitos. Apenas uma princesa de cabelos prateados com lágrimas violetas. Com uma música em sua garganta, seu único som.

Como era o caminho de tais assuntos, dentro de uma semana, Nerezeth usaria seu caminho alternativo para o dia através do desfiladeiro, enviando um

delegado para falar publicamente sobre o conselho do tribunal e garantir que o pacto fosse mantido.

—Devemos cancelar o ataque a Nerezeth. — Disse Griselda. — Os soldados que encontraram o corpo de Nicolet hoje podem atestar que a bruxa foi responsável pelo assassinato do primeiro cavaleiro de Kiran, e a lógica ditará que ela matou o rei também. Vamos acompanhar de perto as fronteiras da ravina. Se a bruxa colocar um pé no nosso reino, nós a capturaremos e a manteremos aprisionada, para que ela não cause mais estragos.

Griselda ficou surpresa por a prisioneira ter escolhido não compartilhar tudo o que a lembrança continha. Ela suspeitava que a bruxa tinha algum motivo oculto para abrigar os detalhes das mortes de seu irmão e Sir Nicolet, mas não conseguia pensar nisso. Havia coisas suficientes para se preocupar.

—Então o que devemos fazer, Sua Graça?

—Nós dormimos. — Ela respondeu com os dentes cerrados, olhando para o corredor vazio. O estresse da subida da masmorra e seu confronto com a bruxa resultaram em lembranças que pesavam sobre seus ossos. — No dia seguinte, vou pensar em um novo plano.

Os cavaleiros acompanharam Griselda até a câmara da rainha, três lances para cima. Ela segurou a porta, fechando nos rostos preocupados. Além de água fresca no jarro, a sala estava exatamente como ela havia deixado quando os dois soldados a mandaram mais cedo: cortinas pesadas fechadas; porta do guarda-roupa pendurado torto; jóias, vestidos e penas de ganso espalhadas pelo chão de mármore; bugigangas e malhas quebradas; e o mais belo de tudo, as pegadas escarlates de suas filhas, onde elas atravessaram a herança real de Lyra.

Griselda tirou as joias, esfregou e enxaguou a sujeira da masmorra de sua pele, vestiu suas roupas de dormir e escovou os cabelos. Respirando o perfume de jasmim e lavanda, ela estudou a sala com o suave brilho azul dos castiçais de parede. Ela impediu os empregados de limpar enquanto ela estava fora. Ela desejara olhar seus espólios novamente.

No entanto, as pequenas pegadas vermelhas mais pareciam prenúncios do

sangue do rei que Griselda havia derramado, o mesmo sangue que pulsava nas veias de Lyra, a única coisa entre Griselda e sua maior vitória. Suspirando, ela puxou as cobertas para tentar dormir, curiosa se o colchão estava cheio de lã de carneiro como ela havia ordenado. Ela teria a cabeça do camareiro, se não tivesse.

Então ela os viu: pequenas coisas de oito patas, rastejantes, soltas em sua cama. *Infestação.*

Um grito queimava dentro dela. Ela tropeçou para trás, quase batendo no guarda-roupa. A porta pendurada se abriu por dentro e as mariposas voaram para fora. Griselda se abaixou para a esquerda e para a direita, arrasada de repulsa.

Lá no guarda-roupa, no rastro das mariposas, estava Lyra, comandando tudo. Com um braço, a princesa abraçava a rosa em vaso. Com o outro, ela apontou para a porta da câmara, uma exigência para Griselda sair.

Ela estava reivindicando o quarto e posses da Rainha Arael como dela mesma.

Griselda gemeu e se dirigiu para a entrada, esquivando-se dos insetos que voavam e arranhavam. Ela abriu a porta e cambaleou para trás da sala. Ela parou no corredor vazio, olhando para o redemoinho de mariposas e sombras. Suas rajadas e asas formaram um estranho sussurro, inconfundível em sua mensagem: *Não... minha... mãe.*

O cabelo de Lyra ondulava na corrente descendente como uma cachoeira prateada em cascata, e seus lábios gordos e gelados pressionados em uma carranca. Seus olhos brilharam em triunfo de âmbar enquanto suas sombras obedientes se apressavam para bater a porta no rosto de Griselda.

Filetes soltos do cabelo de Griselda batiam sobre suas têmporas e bochechas. Ela tremeu, encostando-se na porta para traçar a maçaneta de rubi, mesmo quando sua carranca se ergueu para um sorriso de escárnio.

A princesinha tinha crescido uma espinha. Griselda estava quase impressionada, mas - mais ainda - se compadeceu da ironia. Pois uma espinha serve um pequeno propósito a um cadáver.

06
Um Compêndio de Poesia e Sangue



Na semana seguinte, os súditos de Lyra abandonaram a superstição e a receberam de braços abertos. Era uma sensação que ela nunca experimentou, e que às vezes sobrecarregava. Todos os servos do castelo, mesmo aqueles que já tinham sido estranhos, reuniram-se em torno dela, dedicados ao seu conforto. Nenhuma cortina em qualquer lugar foi deixada aberta. Mesmo os lados leste, oeste e sul permaneciam em perpétua escuridão, iluminados apenas pelo brilho inofensivo da luz de velas. Novos painéis de vidro foram criados para as janelas da torre, tingidos com tinta azul. Quando um céu nublado se apresentou, as cortinas foram abertas para que Lyra pudesse olhar com segurança para seu reino abafado.

Ouviram-se gritos alegres quando Lyra espiou por detrás das cortinas do lado sul da torre, alto o suficiente para ser visto pelos plebeus. Ela olhou para o mar de mãos agitadas, respirou fundo e voltou a se esconder. Em sua infância, a única vez que ela alcançou um dedo em direção a uma janela, ela foi escaldada pelo sol. Aqueles que estavam na luz sempre foram separados dela. Isso mudou com o noivado com o príncipe da noite, a estrela da noite de Nerezeth.

Lyra tentou imaginar o príncipe Vesper com apenas a profecia: um menino de estrelas forjado de luz do sol. Era de tirar o fôlego imaginar - raios dourados brilhando em seus olhos, sua carne e cabelos tão brilhantes como o sol brilhando na água, como nas pinturas que enfeitavam os corredores do castelo.

Ela mal seria capaz de olhar para ele, muito menos tocá-lo. Apesar de como ela desejaria, pois em seu coração mais secreto, nunca deixara de amar o sol, mesmo que a odiasse.

Algumas semanas depois dessa nova vida, Mia chegou certa manhã para acordar a princesa. A empregada tirou os globos azuis das velas para iluminar a sala, então cutucou os pés de Lyra gentilmente, como era seu ritual, em memória de como Matilde costumava fazer cócegas nos dedos dos pés com penas de ganso. Lyra acordou com um sorriso que desapareceu tão rapidamente quanto as mariposas dispararam em direção às chamas que subiam nas mechas. Mia havia se acomodado no guarda-roupa para tirar os vestidos da rainha Arael.

Lyra tirou as cobertas para ficar em pé, com os pés gelados no chão de mármore. Mia olhou por cima do ombro quando ela dobrou um vestido de veludo. A princesa encolheu os ombros - uma pergunta não dita.

—Algo surpreendente ‘como aconteceu’. — O rosto de Mia irradiou de felicidade. — As pessoas da cidade, elas estão mudando. Oh, como é a majestade que seu pai adoraria ver. — Suas bochechas redondas e cheias coraram. — As crianças do reino fingem ser feitas de luar. As garotas estão cobrindo os cabelos com o lodo que escorre por baixo das pedras prateadas ao longo das margens do Lago Crystal, cortando as sobrancelhas e os lábios com creme feito de pérolas de pervinca esmagadas. Alguns até estão usando para

colar penas de ganso em suas pálpebras como cílios. E eles estão jogando com seus irmãos nas caves da raiz, comandando sombras acenando velas no ar e lançando silhuetas ao longo das paredes. — Ela riu profundamente em seu peito. — Não ficaria surpresa se trocassem seus gatos e cachorros de estimação por pardais. Eles estão todos imitando os cantos dos pássaros, em vez de soarem como você - embora nenhum deles possa capturar a pureza de sua voz. — Mia piscou.

A amiga alegre de Lyra tirou um vestido de damasco. As sobrancelhas da princesa se esticaram em dúvida quando ela apontou para as roupas dobradas se acumulando ao lado dos pés de Mia, ainda confusas sobre o que isso tinha a ver com as coisas de sua mãe.

—Oh, isso. — Mia suspirou - um som aliviado. — Só vou tirar algumas e guardá-las a salvo. Mas preciso abrir espaço. Você está prestes a receber um novo guarda-roupa. Nós todos estamos! Os confeccionistas estão lutando para atender às demandas por túnicas, vestidos, roupas e corpetes em tecidos leves como o seu. Os tons mais profundos estão sendo expelidos para tons de pastel. Eles dizem que é melhor compensar as flores da primavera e do verão.

Lyra fez seu cabelo em uma trança lateral apressada - o símbolo de sua tia Griselda que ela vinha usando há anos com seu pai e Mia.

Mia riu novamente. — Ah, bem. Foi a reação da grande regente. — Ela enfiou o nariz no ar e agitou-se ao redor do quarto, segurando um vestido antiquado na frente dela. — Tsk. Eu simplesmente não consigo entender por que demorou tanto tempo para todos. — Mia parodiou a voz dominante de Griselda e os maneirismos altivos à perfeição. — Eu sempre disse que os conjuntos de Lyra são mais suaves do que os pesados veludos e brocados do passado. Este reino seria muito mais suave se todos me escutassem!

Lyra passou a mão pela boca, mas não foi rápida o suficiente para abafar uma gargalhada musical. Mia colocou um dos anéis de rubi de Arael para pendurar frouxamente no polegar de Lyra. — Você vê, meu pequeno prazer, você deu ao reino uma razão para ser curiosa. Um motivo para pensar sobre o

que perdemos todos esses séculos. Você está abrindo caminho para o seu príncipe da noite trazer de volta a lua para o céu. Venha mais cinco anos, e eles estarão colocando tijolos de ouro branco para seus pés pisarem quando ele vier reivindicar sua mão.

Lyra estremeceu. Ela devolveu o anel da mãe para a caixa forrada de cetim, os dedos ainda pequenos demais para pedras preciosas. Ela sabia pouco sobre casamento. Tanto o pai como a tia tinham perdido os cônjuges cedo. Mas ela leu poemas românticos suficientes para saber que o namoro envolvia o toque de lábios, mãos e dedos. Pele pressionada contra a pele. Estar ligada a um homem tão brilhante quanto o sol significaria uma vida de dor excruciante.

Se chegasse a esse ponto, ela escolheria sofrer a agonia de seu toque iluminado pelo sol. Ela já teve solidão suficiente em seu passado para saber que não queria isso em seu futuro.

Mia soltou a mão da princesa e começou a dobrar a roupa novamente. Lyra estendeu a mão para ajudá-la a suavizar as rugas nos tecidos pesados, embora não conseguisse endireitar a franja na testa.

—Eu sei o que você teme. — Disse Mia, seus olhos escuros e intuitivos, suaves no brilho da vela. — Mas talvez a profecia não seja literal no final do príncipe. Embora sua parte seja inegavel.

Lyra não tentou esconder sua nova amizade com as criaturas da noite. As cortinas sempre sendo desenhadas permitiam que seus assistentes de sombra a acompanhassem a todos os lugares, mesmo durante as sessões do tribunal, as refeições e o ocasional banquete ou baile formal. As pessoas aceitaram a estranha visão - pois esta era a profecia. No entanto, Lyra não perdeu os olhares desconfortáveis quando as sombras dela se elevaram altas e finas dos cantos, então ela as manteve encolhidas; ela queria que eles se sentissem à vontade com ela também.

Ela também manteve seus percevejos bem escondidos. Como temiam ser espezinhados, seguir as novas rotinas diárias de Lyra com pessoas os assustava. Além disso, Griselda se transformou em uma massa de ossos trêmulos ao ver as

criaturas da noite, então tê-los protegendo a câmara da rainha era a melhor maneira de manter as coisas de sua mãe seguras.

Lyra ainda não mostrara a mais ninguém, nem a Mia, como seus animais de estimação poderiam ser usados como porta-voz quando estivessem no quarto com ela. Era algo que ela mantinha em segredo entre ela e Griselda, para chocar e comandar a atenção mais uma vez se o dia fosse necessário. Afinal, Lyra queria honrar seu pai sendo uma grande governante - como ele e sua mãe. Ela precisava de energia para isso, e seus atendentes estranhos ofereciam isso. Mas havia mais a ser uma majestade do que poder; ela precisava aprender a tomar decisões do dia-a-dia do reino e foi convidada pelo primeiro-ministro Albous a aprender.

—Sente-se aqui, pequena majestade. — O ministro dirigiu-a para uma longa mesa oval na biblioteca no final de uma tarde.

Apenas alguns tipos acadêmicos ocupavam a sala e estavam ocupados olhando seus próprios livros. Nenhum dos membros do conselho participou desta reunião.

Lyra apontou para os assentos vazios à mesa à luz de velas, indicando os membros desaparecidos do conselho.

—Hoje serão apenas nós dois. Eu pretendo te ensinar a falar, e não quero que você se sinta pressionada por uma audiência. — A pele de ébano do ministro a lembrou de Sir Nicolet. A maior diferença entre eles eram os olhos deles. Os de Albous eram de um verde reluzente que brilhavam quando ele ensinava Lyra, como se ele aproveitasse tanto o prazer de dar aulas quanto Lyra ao fazer.

Lyra se sentou e suas sombras imitaram seus movimentos antes de se estabelecer ao redor dela. Vários dos estudiosos da sala recuaram, mas o primeiro-ministro Albous nem sequer recuou. Ela apreciou seu esforço. Isso a fez se sentir menos diferente. Mas ela era diferente, inegavelmente, e apontou para a garganta para lembrar o professor disso.

Um sorriso brilhante iluminou seu rosto. — Estou ciente da sua voz. É um milagre e adorável isso. Não há necessidade de pensar nisso como um obstáculo.

Você vai falar com uma parte de si mesma que você já estava usando com seu pai. — Como se pegasse a tristeza que brilhou em seu rosto, o primeiro-ministro pegou uma das mãos dela. Deu forma a três de seus pálidos dedos em uma curva, depois mostrou-lhe como levantar a mão para cima em um gesto que terminou com o dedo mindinho erguido. — Rei Kiran. É assim que você diz o nome dele. Ele me pediu uma maneira de você se comunicar visualmente, com as mãos, por alguns anos agora. Uma linguagem especial que eu poderia ensinar a todos no conselho para entender. — O queixo de Lyra caiu enquanto ele desenrolava vários pergaminhos antigos. Cada um tinha sinais de mão desenhados sobre eles, com palavras ou letras singulares escritas por baixo. — Encontrei-os uma semana antes de ele partir para Nerezeth. Vocês deveriam aprendê-los juntos quando retornasse. Você vai me deixar te ensinar agora? O conselho pode juntar-se às nossas lições, quando você estiver confortável em falar.

O rosto de Lyra ficou quente, enquanto a esperança transbordava dentro dela. Com isso, ela poderia se comunicar, verdadeiramente ter conversas, falar sua mente! Ela assentiu com entusiasmo.

—Apenas o prazer de aprender que eu gosto de ver, pequena majestade. — O sorriso do primeiro-ministro se ampliou, e juntos, eles começaram.

Lyra praticava todos os dias. Durante os cursos de cessação, se ela teve problemas para dormir, ela tirou um volume de poesia e usou seus sinais para soletrar os versos. Era adorável, como se suas mãos e dedos estivessem valsando com as belas palavras. Ela pegou rapidamente, e com a ajuda do primeiro-ministro, seu vocabulário e compreensão da política também aumentaram.

Um dia ela tomaria o lugar de Griselda, presidindo a vida doméstica e brigas das pessoas dentro de sua fortaleza, usando a linguagem de sinais e a palavra escrita para arbitrar.

Lyra se perguntou se isso lhe causava ciúme. Nesse caso, Griselda escondeu-se bem, nunca mais se chamando de mãe de Lyra novamente, sempre tratando-a como um igual. No entanto, Lyra não se atreveu a baixar a guarda.

Seu couro cabeludo ainda se lembrava dos puxões no cabelo na masmorra, assim como a conversa enigmática entre a bruxa e sua tia ainda a assombrava.

Lyra não conseguia amarrar as peças, mas suspeitava que Griselda sabia mais sobre as mortes do pai e de Nicolet do que sobre o que ela demonstrava. Lyra não estava convencida de que a bruxa era totalmente responsável, apesar do que os soldados insistiam.

No entanto, seu ceticismo sobre a culpa da bruxa foi destruído quando o assassinato mais uma vez escureceu os corredores à luz de velas do castelo, alguns meses depois do próprio pai.

Tornou-se rotina para Lyra e suas três primas sentarem-se juntas no solar na hora do chá. Cortinas apertadas, elas praticavam bordados, cercadas pelo cheiro de cera derretida de vela, o vapor de chá e tortas de frutas, e as canções de pássaros enjauladas no canto.

Em Eldoria, era tradição que as damas de honra reais - qualquer garota relacionada à noiva - costurassem o véu, luvas e outros apetrechos para o casamento de sua rainha. Griselda já estava ensinando suas filhas a habilidade, e agora ela insistia em Lyra para supervisionar.

No passado, as noivas reais de Eldoria usavam veludo carmesim enfeitado com babados dourados, mas de acordo com o novo estilo, Griselda substituiu uma organza rosa com renda creme para embelezar a pele e a pequena estrutura de Lyra. As meninas estavam aprendendo a costurar restos do tecido fino e escorregadio antes de enfrentar o projeto real. Todas as tardes, uma vez instaladas, a tia se ocupava em outro lugar; as quatro garotas esperariam a saída de Griselda, com a agulha e o fio na mão, impacientes para compartilhar os boatos recém-aprendidos de fofoca do reino. Naquela tarde não foi diferente.

—Você vai querer ouvir isso, Lyra. — Avaricette fez uma pausa para guiar sua agulha enfiada por uma das pérolas cremosas que enchiam a tigela de porcelana na mesa entre elas. — Isso diz respeito a seu noivo. — Ela olhou para cima e seus olhos castanhos brilhavam com algo parecido com malícia.

A pele de Lyra se arrepiou. Sentindo seu desconforto, as sombras se

aproximaram. Mentalmente, Lyra ordenou que voltassem aos cantos. Ela introduziu uma pérola em sua própria agulha e a colocou no lugar em uma amostra de organza, pois ela se recusou a simplesmente supervisionar. Ela queria fazer parte de seus próprios preparativos para o casamento, não uma espectadora. Rangendo os dentes, ela esperou que sua prima mais velha continuasse.

Avaricette sorriu docemente, embora seu olhar se voltasse para sua irmã do meio. A julgar pelo sorriso no rosto de Wrathalyne, ela já sabia o que Avaricette tinha para compartilhar. — Eu estou no alto Sir Bartley falando com a mãe. Ele viu o príncipe Vesper com seus próprios olhos, meses atrás, quando acompanhou o rei Kiran a Nerezeth. Você tem desejado saber como ele é?

Lyra acenou com a cabeça novamente, seu fascínio pelo príncipe foi uma distração bem-vinda do golpe de agonia que o golpeou ao mencionar o pai.

—Sir Bartley disse que ele é tudo que um príncipe deveria ser. Impressionante e real. Alto e bronzeado, com cabelos da cor das asas de um corvo. Ele se parece mais com seus pais do que com você, o que significa que o reino não deveria ter problemas em aceitá-lo. — A insinuação da recepção duramente conquistada por Lyra entre seu próprio povo ficou suspensa no ar entre eles. — E eu tenho certeza que todo mundo ficará aliviado de que os retratos reais possam mais uma vez ter um pouco de tintura. — Os lábios de Avaricette se contraíram em um sorriso de escárnio.

Wrathalyne bufou. — Por que, se o pintor usa um fundo de ovo de pato azul, Lyra vai se misturar e todo mundo nos retratos será positivamente caleidosmático! — Completamente inconsciente de que misturar caleidoscópico e prismático a fazia soar como um palhaço, Wrathalyne sorria.

Avaricette soltou uma gargalhada sem graça e Wrathalyne se juntou - alheia que a piada era em parte sobre ela. A risada combinada sacudiu a tigela até as pérolas tremerem.

As bochechas de Lyra se aqueceram. Ela não gostava de corar. Cada vez que ela fazia, as veias por trás de sua pele diáfana se tornavam mais escuras,

mais proeminentes, fazendo-a parecer ainda mais próxima de uma aparição. Ela tinha acabado de saber que seu noivo não era literalmente feito do sol, o que significava que ela não tinha nada a temer fisicamente dele. Isso teria oferecido alívio se ela não tivesse sido deixada para questionar se seu reino se reuniria a ele como seu líder e a deixaria um pária mais uma vez.

Suas duas primas histéricas caíram no chão. Lyra permitiu que as sombras se estendessem ao longo das paredes, fechando-se. Os chifres tremulavam nervosamente em sua gaiola. Lyra teria tentado resolvê-los, mas apenas criaturas noturnas pareciam entendê-la, para responder a ela. Ela se concentrou em suas primas rindo.

O primeiro-ministro Albous falou muitas vezes de como o pai dela escolheu a misericórdia sobre a ira, a menos que o reino ou um ente querido estivesse em perigo. Foi por isso que ele nunca foi lutar com Nerezeth até temer pelo bem-estar de Lyra. Assim como Lyra só havia confrontado Griselda quando sua tia ameaçou a memória da mãe.

Wrathalyne e Avaricette já estavam se arriscando ao se contorcerem tão precariamente perto do carrinho de chá com rodas. Depois de tantos anos de insultos, Lyra debateu: por que resistir em agir quando tudo o que precisaria era de uma lufada sombria para derrubar a bebida fumegante em suas cabeças?

Colocando a costura na mesa, Lyra começou a se levantar. Uma mão em seu cotovelo a impediu. Lustacia havia deixado o seu lugar e se ajoelhou ao lado da cadeira. Ela era a única prima que não ria. Ultimamente, foi Lustácia quem caminhou com Lyra nos escuros corredores, em vez de entrar nos jardins iluminados pelo sol ou no aviário, onde a princesa não podia seguir; foi Lustacia que pacientemente compareceu, enquanto Lyra praticava seus gestos com o primeiro-ministro, embora não compreendesse bem a linguagem dos sinais.

—Lyra, espere, por favor. — Os olhos de Lustacia, sombreados de um azul mais profundo pelos cílios grossos, apertaram o braço de Lyra.

O contato físico a surpreendeu. Nenhuma de suas primas a havia tocado, como se temessem que ela fosse contagiosa. Pareceu-lhe tão pouco natural que

quase se libertou, mas a promessa de camaradagem derreteu-a de volta à sua cadeira. Com apenas um pensamento, ela enviou suas sombras afundando em seus cantos.

Lustacia deu um tapinha no cotovelo de Lyra e soltou-a. — Isso é melhor. Não deixe essas patetas atraírem você. Elas estão cegas pela inveja. Nenhuma delas jamais se casará com um príncipe. Sinceramente, ambas são tão insípidos, por que alguém as desejaria? — As irmãs mais velhas de Lustacia silenciaram e olharam para ela entre suspiros de ar, rostos corados de riso. — Ava comeu tantos doces que sua personalidade está apodrecendo junto com seus dentes. E Wrath, bem, se ela lesse apenas o léxico das palavras do quarto de sua mãe, ela salvaria a si mesma uma vida inteira de acessos de raiva porque ela não pareceria tão idiota o tempo todo.

Ambas as garotas estalavam, como se incapazes de fazer suas bocas funcionarem.

—Se vocês duas estão tão entediadas, não conseguem pensar em nada além de ser desagradável. — Disse Lustacia, em pé. — Posso oferecer uma opção. — Sem perder o ritmo, ela jogou a tigela de pérolas sobre o cabelo perfeitamente penteado.

—Como você se atreve! — Avaricette guinchou, balançando a cabeça para que as contas caíssem de seus cachos e batessem no chão como gotas de chuva petrificadas.

—Vou contar para a mamãe! — Gritou Wrathalyne, cuspindo três pérolas que haviam caído em sua boca que abriu-se em um suspiro durante o despejo.

—Oh, você vai? — Lustacia perguntou, inclinando-se sobre a mesa. — Ou vou dizer a mamãe como ofendeu nossa futura rainha? Somos tudo o que restou da família real. Vamos ser gentis e apoiar uma a outra agora. — Ela então apontou para as pérolas que deslizavam pela sala, algumas desaparecendo sob a espreguiçadeira e outras atrás da harpa e uma coleção de instrumentos encostados nas paredes. — Pegue a bagunça.

Avaricette e Wrathalyne rosnaram quando se ajoelharam, amortecidas pelos vários babados em seus vestidos de seda, e juntaram as contas,

devolvendo-as à tigela com pequenos grunhidos. Lustácia aproximou a cadeira de Lyra, colocando as irmãs fora do alcance do outro lado do solar, onde se uniram em seus esforços para recolher pérolas debaixo da espreguiçadeira.

Lyra sorriu de agradecimento.

—Você é bem-vinda. — Sua prima respondeu, como se tivesse decifrado as expressões de Lyra toda a sua vida. — Na verdade, houve boas notícias. Eu ouvi isso da minha mãe.

Lyra inclinou a cabeça, meio curiosa, meio desconfiada. Ela frequentemente andava neste pêndulo, oscilando entre pessoas confiantes e sua própria natureza cautelosa.

—As sombras da meia-noite e a poeira das estrelas chegaram de Nerezeth. — Lustacia pegou sua amostra de organza e retomou seu bordado de videira. Ela teve o cuidado de usar um dedal hoje, tendo machucado o polegar na semana anterior enquanto empurrava uma agulha pelo tecido. — As costureiras encantadas começarão a construção do tecido noturno em poucos dias. Há o suficiente para fazer um terno inteiro, então você logo nos acompanhará do lado de fora do castelo! — Ela fez uma pausa e seus cílios abaixaram. — E... O príncipe mandou uma nota para você. — Ela enfiou os dedos no punho rendado do pulso e tirou um cilindro de velino preto.

— Minha mãe pretendia guardá-la para quando você for mais velha, mas eu peguei enquanto ela não estava olhando. Vou precisar de volta, então ela não vai saber.

Lyra assentiu e pegou o cilindro macio e maleável; Parecia que usavam vitela de bezerro como os pergaminhos dos quais o primeiro-ministro Albous lhe ensinava a antiga língua de sinais. Embora o deles fosse tingido de preto. Enquanto ela desenrolava para ler, ela cheirava um cheiro de couro e algo frio e crocante, como o gosto do inverno que ela experimentava cada vez que ela segurava a rosa da panacéia de sua mãe. A nostalgia fez cócegas no nariz dela. Ela olhou para cima para garantir que suas outras duas primas ainda estavam preocupadas, em seguida, abriu em seu colo com a borda da mesa cobrindo-o

para proteção.

A tinta dourada ficou brilhante contra o pergaminho escuro e chamou-a. Ela traçou o roteiro elegante e inclinado - a ponta do dedo segurava logo acima dele. A tinta se moveu. Parecia atraído por ela, flutuando para cima através de sua pele em minúsculas partículas brilhantes, como partículas de poeira rodopiando em luz fraca, como se raios de ternura de sol vivessem em cada linha. Lyra engoliu um suspiro surpreso e olhou para Lustacia, mas sua prima observava suas irmãs com um olhar aguçado, apontando-as para o outro lado da sala, procurando algumas contas que tinham perdido quando se aproximavam demais.

Os brilhos picaram os dedos de Lyra com o calor - não desconfortável, mas intrusivo - como se quisessem enchê-la. Desorientada pela sensação, ela retirou a mão e a tinta caiu de volta no lugar sobre o pergaminho em uma camada de ouro, depois se misturou novamente em palavras.

Balançando a cabeça, Lyra respirou fundo. Ela manteve as mãos ao lado desta vez e concentrou-se apenas na mensagem.

Querida princesa Lyra

Minutos atrás, observei nosso céu noturno brilhar com aquele vislumbre passageiro do amanhecer. Por um instante, eu estava no seu mundo ao seu lado. As cores rodopiavam em um tumulto de violeta, lilás e prata, muito parecido com o seu cabelo e lágrimas. Ainda estou ansioso para ver seu rosto, mas conheço sua música. Ilumina minhas imaginações com a mesma maravilha que cada clarão de aurora traz. Eu ouvi o que seu reino pensa do meu, mas não deixe que eles façam você temer o nosso futuro. Eu vou te manter segura. E saiba disso: também há beleza aqui. É verdade que não temos zombarias, gaios azuis, andorinhas ou tordos. O que eles celebrariam, sem o sol para inspiração? No entanto, temos sinfonias próprias. Grilos, rouxinóis, corujas e lobos que louvam a glória da nossa lua coberta de neve. Até os morcegos se alegram com uma melodia única da noite. No seu décimo sétimo ano, levarei você a Nerezeth

para compartilhar tudo isso. Até lá, vou mantê-la abrigada nas sombras e na poeira escolhida pela minha própria mão, para que você possa conhecer o esplendor e o conforto de seu mundo de luz do dia dentro da segurança das trevas, e assim você pode confiar no escopo de minha devoção. Pense em mim toda vez que você vir a poeira do crepúsculo, como vou pensar em você a cada piscar de madrugada.

***Seu em noite e dia**,*

Príncipe Vesper

O pulso de Lyra acelerou para um estonteante vertiginoso, sua pele ficando quente, mas dessa vez não tinha nada a ver com brilhos intrusivos de tinta. Ela nunca leu essas palavras bonitas tão abertamente do coração - pelo menos não direcionadas a ela. Suas mãos cobriram suas bochechas para esconder as veias que deveriam estar brilhando através de sua pele pura. Ela queria responder a carta com uma das suas, mas Griselda nunca permitiria.

Lustacia recuperou o pergaminho e fechou-o sem emitir nenhum som. Ao fazê-lo, Lyra notou que a tinta não respondia a prima como tinha acontecido com ela. Ela passou a palma da mão no lado vazio para testá-lo mais uma vez. O roteiro se iluminou, mostrando através de trás da frente. Por um instante, as pontas dos dedos de Lyra brilharam em resposta, como se a luz que ela absorveu se lembrasse de sua fonte.

—Espero que você não se importe, mas eu olhei por cima do ombro de mamãe enquanto ela lia a missiva mais cedo. — Lustacia manteve sua atenção firmemente no rosto de Lyra enquanto ela colocava o cilindro no punho. — Não é maravilhoso? Ele está supervisionando todos os seus suprimentos!

Lyra abriu a palma da mão, preocupada demais com a estranha reação de sua pele à tinta para se importar com o fato de sua tia e prima terem lido o bilhete antes de ela. O brilho das pontas de seus dedos havia desaparecido e Lustacia parecia não saber que ele estava lá. Poderia Lyra ter imaginado isso? Talvez ela tenha sido arrastada para um mundo de faz de conta e desejos ao ler

os sentimentos poéticos do príncipe.

—Eu vejo que você está tão encantada como eu esotu. — Disse Lustacia em voz baixa, um sorriso sonhador suavizando suas feições. — As próprias mãos do príncipe se reuniram e envolveram as peças que formarão seu escudo contra o sol. Apenas quinze anos, e ele já está fazendo gestos românticos. Você pode imaginar como ele será como um homem adulto? Como marido? Como seu rei?

Romântico. Lyra não tinha um conceito real de tal coisa. Mas gentileza? Que ela sabia. Ela ansiara por tanto tempo para sair um dia, respirar o ar do verão e olhar para os cisnes enquanto eles se misturavam nas nuvens com suas penas iguais; observar rãs e peixes entrando e saindo do Lago de Cristal e pegar um jato de água fria no rosto dela através do capuz; para recolher os seixos prateados que cobriam as margens e os aninhavam dentro de caixas forradas de cetim, pois eles valiam mais do que todas as joias e pedras preciosas do tesouro do reino. Agora, finalmente, isso pode ser uma realidade - nas mãos do príncipe.

A esperança de tal dia era a razão pela qual seu pai havia insistido no fornecimento de materiais para tecidos noturnos no tratado de paz. Mesmo com ele fora, ele estava cuidando dela - ajudando-a a pertencer - e parecia que o príncipe compartilhava a compaixão de seu pai.

O feliz inchaço resultante em seu peito lembrou-lhe do fim da barganha de Eldoria, e como Nerezeth precisava das rosas de panacéia para remédios. Ela desistiu da lembrança de sua mãe para ser plantada em cima de sua escada de ferro. Ela precisava saber que valera a pena o sacrifício.

Lyra reuniu sua sucata de organza em dobras espiraladas para imitar pétalas e a estendeu para sua prima, uma pergunta em sua sobrancelha levantada.

Lustacia deu um nó no fio e soltou-o do bordado. Ela estudou a mão de Lyra, então seus olhos se arregalaram. — Oh, sim, as rosas. Eles estão indo bem. Há botões suficientes para que eu possa trazer de volta um recorte seu para encher o pote da sua mãe novamente. Eu devo?

Lyra assentiu entusiasticamente, depois franziu a testa, preocupada com o

bem-estar da prima. Ela pegou sua agulha e demonstrou ser picada no dedo.

—Oh, não se preocupe com os espinhos. Vou usar minhas luvas mais pesadas.

Lyra considerou isso, então apontou para a porta onde um guarda estava estacionado no corredor. Era proibido aos Eldorianos prenderem qualquer um dos botões. Apenas Nerezeth foi aprovado para colher a recompensa.

Lustacia inclinou a cabeça para perto, seu sussurro cheirando a peras e canela do chá. — Um pequeno talo não será perdido. Eu posso ser tão quieta quanto suas sombras, você vai ver. Vou envolver meu cabelo e me disfarçar de guarda. Durante o curso de cessação, os guardas jogam dados e bebem enquanto todos dormem. Eles dificilmente prestam atenção em qualquer coisa, exceto nas canecas e nas mãos de troca de dinheiro. — Ela lançou um olhar de soslaio para as irmãs que estavam voltando para a mesa. — Vamos manter isso em segredo, entre nós.

Wrathalyne e Avaricette chegaram depois, com uma tigela de contas na mão, e sentaram-se. Logo, a conversa caiu nas fofocas da corte mais uma vez.

O resto do dia passou sem eventos, mas durante o curso de cessação, os pensamentos da promessa de Lustacia mantinha Lyra acordada. Ela torceu na cama até que as mariposas abandonaram seus poleiros e se agitaram em torno de seu rosto e orelhas, suas asas silenciosas a embalando para dormir.

Em sua paisagem de sonhos, ela visitou o reino da noite onde as sombras a erguiam no ar para encontrar seu prometido - o sem-rosto, o príncipe Vesper; uma música líquida passou por suas cordas vocais em saudação, e uma tinta dourada cintilante saiu dos dedos dele. Inspirado por sua melodia, ele escreveu cada nota, escrevendo uma composição musical em fios de luz do sol no céu negro. E o sol e a lua dançaram em harmonia.

Lyra saiu do sono, acordada por gritos e soluços altos. Ela entrou no brilho azulado do corredor em nada além de sua camisola. Os dois cavaleiros de Griselda, vários guardas e um punhado de servos se reuniram em volta de uma pilha de soluços no chão. Wrathalyne e Avaricette também estavam lá, com o

rosto sonolento e de joelhos, tentando consolar a mãe que enrolava a posição fetal em torno de um lenço que pertencia a Lustacia - agora rasgado em pedaços e manchado de sangue. Griselda convulsionou e vomitou. O fedor de ácido azedo resultante dominou a cera derretida do candelabro pela entrada de Lyra.

Os servos sussurravam, questionando por que Lustacia se afastara tanto dos portões do castelo; por que uma rosa de panacéia foi encontrada ao lado do gorro ensanguentado de um garoto da guarda e seu cachecol na entrada da Ravina Ashen, mas todos os rapazes do castelo eram contabilizados dormindo em seus aposentos.

—Deve ter havido um conjurin 'de alguma força escura. Seduziu a garota através de seus sonhos. — Disse um deles.

—A atraiu para fugir com fantasias e colher flores? O que será de nós se nossas mentes forem presas de tais feitiços? A ravina ainda pode estar com fome. Todos nós poderíamos ser arrastados para as serpentes da manhã. — Respondeu outro.

Nenhum dos guardas havia testemunhado nada, e os restos e vestimentas de Lustácia não haviam sido encontrados, a não ser uma moita de seu lustroso cabelo ruivo - emaranhado e lamacento - ao lado do cajado esquelético da bruxa que antes tinha visto.

Os olhos de Lyra queimaram. Ela queria dar um passo à frente e ajudar no conforto, mas ela não pertencia... e pior, ela era a culpada. Não só ela libertou a bruxa da masmorra meses atrás, mas Lustacia tinha deixado um favor para ela.

Voltando para o quarto com as pernas trêmulas, Lyra fechou a porta e entrou no armário. Ela se selou, deixando a escuridão embalá-la. Seu peito se contraiu quando ela imaginou a pele suavemente sardenta da prima, contundida com marcas de mordida e espinhos, rasgada em pedaços como o lenço ensanguentado que eles encontraram. Os soluços de Lyra aumentaram em gemidos - um canto de pássaro abafado por um dos vestidos restantes de sua mãe em volta da cabeça e enfiado na boca.

Depois que a língua dela ficou seca contra o tecido e ela parou de cantar

enquanto chorava, ela se curvou em desespero silencioso - peito e pulmões doloridos e vazios.

Mia abriu o guarda-roupa algum tempo depois.

—Oh, princesa! — A empregada da senhora soltou Lyra de seu emaranhado de veludo. — Você nos deu um começo desses! Não conseguimos encontrar você e depois do que aconteceu com Lustacia. — Ela mordeu o lábio, como se não tivesse certeza do quanto Lyra sabia.

—Lá, lá, criança. — Mia acariciou o cabelo frouxo de Lyra. — Você vai estar segura. A Regente Griselda cuidará disso. Se algum bem poderia ter vindo dessa tragédia, é que os olhos de sua tia se abriram para o quão preciosa você é para todos nós. Vamos arrumar suas coisas. Você está indo para a masmorra.

07

Leite, torradas e Fantasmas infelizes



Para a maioria das princesas, as masmorras eram lugares frios e formidáveis. Lyra, no entanto, já havia encontrado consolo e socorro entre as

sombras e os vermes. Ainda assim, com o coração dolorido pela recente perda de seu pai, Sir Nicolet, e agora sua prima, ela se sentia mais sozinha do que nunca. A antecipação de ser afastada parecia uma punição em vez de proteção.

Lyra não contou a ninguém por que Lustacia deixou o castelo, mas Griselda de alguma forma sabia? Era a vingança da tia dela? Para prender sua sobrinha e garantir que ela seria esquecida por todos em seu reino?

Na manhã seguinte ao sangrento desaparecimento de Lustácia, Lady Griselda reuniu Wrathalyne, Avaricette e Lyra no estrado do grande salão. Cada uma delas estava adornada com solenes vestidos de marinha e amoreira para significar sua tristeza - Lyra pegou emprestado o guarda-roupa de sua prima morta, pois ela mesma não possuía esses estilos. O conselho, uma multidão de súditos e todos os criados entraram para ouvir.

—Este não foi o ato aleatório de alguma besta mágica vagando para fora do barranco e além das fronteiras da vizinhança. — Griselda começou, balançando o longo trem de seu vestido de seda enquanto examinava as pessoas na sala. — A criatura que atraiu minha filha foi a bruxa selvagem que tínhamos presa. Temos provas. — Ela ergueu o bastão esquelético e metade do público exclamou assustada.

Lyra engoliu o nó na garganta. Certamente Griselda a culparia pela fuga da bruxa, aqui e agora. O peso dos olhares de todos duplicou sua culpa e ela manteve seu olhar voltado para o mármore branco a seus pés, onde suas sombras fiéis esperavam, espelhando seus movimentos.

Sua tia continuou sem virar a direção. — A bruxa tem uma vingança comprovada contra a realeza de Eldoria. Ela matou, meu irmão senhor, nosso rei, então comeu o coração de seu amigo mais querido e cavaleiro mais leal, Sir Nicolet. Agora ela pegou minha preciosa Lusta. — A voz de Griselda ficou presa e ela soltou o cajado com um estalo que ecoou pelos corredores. Ela vacilou.

Preocupada com a possibilidade de que sua tia adoecesse de novo, Lyra deu um passo à frente, mas recuou ao lembrar-se de como Griselda sempre se arrepiava com o toque dela. Um dos cavaleiros, Sir Erwan, avançou para

oferecer o cotovelo como suporte. Griselda pegou, lágrimas rolando suas bochechas pálidas no brilho da vela.

Lyra observou, compartilhando sua tristeza, vendo sua tia sob uma nova luz. Griselda poderia ter apontado para todos que Lyra soltou a bruxa. No entanto, ela não fez.

Griselda respirou tremendo e continuou. — Como alguns de vocês sabem, os materiais noturnos também desapareceram.

Vários suspiros saltaram ao redor da sala escura, incluindo Lyra. Esta foi a primeira vez que ela ouviu falar de roubo. O fato de que os artigos que o príncipe Vesper tinha tomado cuidado ao enviá-lo agora a afetou sobre qualquer outra pessoa, um ataque óbvio contra ela pessoalmente.

Posicionada atrás das saias de sua tia e ao lado de suas duas primas fungando, Lyra fechou os olhos para que suas lágrimas não manchassem a gola de renda branca no vestido emprestado. Sabendo que Lustacia nunca mais a usaria, colocaria as coisas em perspectiva - quão tolo ficar triste por materiais perdidos. Pelo menos ela ainda tinha sua vida.

—É óbvio que a bruxa não está trabalhando sozinha. — Continuou Griselda, embora sua voz vacilasse. — Um espião negro assombra esses corredores. Temos que esconder nossa futura rainha. — Com isso, ela chegou para trás para guiar Lyra para frente e gentilmente colocou uma mão na cabeça - tão diferente da última vez em que ela havia tocado o cabelo. — Para garantir que ela viva até a idade da coroação, e que ela cumpra a profecia e o tratado como a noiva do príncipe de Nerezeth, ela deve ser escondida na masmorra a partir do alcance do Sol e protegida de inimigos invisíveis. Ninguém pode ser confiável para ficar com ela além da família. — Ela apontou para suas filhas e para si mesma. — Os dois cavaleiros que estavam guardando meu quarto quando Lustacia desapareceu são os únicos sujeitos com um álibi que posso corroborar. Com isso em mente, Sir Erwan e Sir Bartley protegerão nossa porta exclusivamente. Só eles vão entregar as nossas refeições, atender a quaisquer pedidos ou necessidades pessoais e transportar nossas roupas de e para as

lavadeiras. Uma vez que Nerezeth envia mais materiais para um terno feito de noite, nossos cavaleiros nos acompanharão pelo jardim murado para as Constituições diárias.

O primeiro-ministro Albous deu um passo à frente, seus olhos verdes se estreitaram de uma maneira que falava de profunda introspecção. — A princesa deve continuar seu treinamento comigo e com o conselho. Ela se tornou bastante proficiente na arte de assinar, mas há muito mais na política e em ter um reino do que uma simples comunicação. Como ela aprenderá a diplomacia e a administração da justiça, trancada apenas com a família?

O corpo de Griselda ficou tenso, mas para o choque de Lyra, ela respondeu com um tom uniforme. — A princesa Lyra e eu nos corresponderemos com o parlamento e o conselho por meio de cartas, para que possamos cumprir nossos deveres judiciais e reais. Ela ainda terá a mão na política e aprenderá a diplomacia, decidindo a ação apropriada sobre os fatos apresentados. Não vou tolerar nenhum argumento. Sua segurança é da maior importância. O sustento do nosso reino, o próprio equilíbrio dos nossos céus, depende disso. Assim, nós quatro permaneceremos em santuário até que a bruxa e seu espião sejam capturados e aprisionados. Mesmo que leve os próximos cinco anos.

Entre uma explosão de preocupações murmuradas, Griselda apertou os dedos de Lyra sem se encolher, surpreendendo-a pela terceira vez. Com a mão livre, Griselda guiou Wrathalyne, que se agarrou a Avaricette. Unidas, eles desceram a plataforma e se dirigiram para a porta com seus cavaleiros apontados flanqueando-as. A silenciosa peregrinação dos insetos de Lyra também se seguiu atrás das paredes.

Suas sombras varreram ao longo de seus pés, esticando e encolhendo como velas passando ditadas. Ela deu uma olhada final nos membros do conselho e servos - familiares como se tornaram - parando no primeiro-ministro. Seu coração doía já com a perda de seu tempo juntos, e ainda mais para ver que ele tinha ficado tão sem palavras como ela nunca tinha estado.

O resto da manhã, em meio a um turbilhão de preparativos, Lyra observou

os itens sendo levados para a maior cela no canto mais distante da masmorra: retratos de família, tapeçarias, livros, acessórios para escrever e costurar, móveis, um baú cheio de roupas (incluindo os restantes vestidos da Rainha Arael), roupa de cama, especiarias secas e sabonetes. Havia também um banho de quadril, penico e uma lareira de ferro forjado, para sua higiene e conforto.

Duas horas antes de o reino se retirar para o curso de cessação, ela desceu as escadas entrelaçadas ao lado de sua família para entrar em sua nova morada pela primeira vez.

Tapeçarias brilhantes - perfumadas com especiarias - cobriam as paredes de cima a baixo, habilmente dispostas para esconder pedras frias enquanto mascaravam o fedor. Um longo fio de ouro pendia do teto, conectando-os. Os cavaleiros de Griselda estavam encarregados desse arranjo antes que a cela fosse mobiliada. Eles explicaram que, se o cordão fosse puxado, as tapeçarias ficariam livres para simplificar a limpeza.

Duas enormes camas de dossel com colchões de lã encostavam-se a uma das paredes, as cortinas brancas de renda eram tão etéreas e transparentes que podiam ser fragmentos de nuvens abertas com laços de fita vermelha. O baú cheio de lençóis e suprimentos ficava ao pé da cama maior. Ao pé da menor havia uma longa caixa de pinho com uma tampa trancada para ser usada em qualquer roupa suja e lençóis que os cavaleiros precisariam levar para lavar.

Uma pequena mesa de jantar com quatro cadeiras acolchoadas e a lareira - completa com uma chaminé de cobre brilhante que se conectava a um abafador recém-perfurado para filtrar a fumaça do quarto - substituiu a cama e os dispositivos de tortura que um dia haviam sido os únicos móveis. A suave luz das velas tremeluzia nas lanternas presas em suportes altos. As chamas refletiam em um longo espelho - pendurado para girar no centro do teto - criando um efeito luminoso através das paredes, uma alternativa segura para as janelas.

Depois vieram as mudanças finais que transformaram a cela em algo como uma casa de campo em um conto de fadas. Recém-cortadas videiras madressilvas, para serem substituídas a cada dia, derramadas de grandes vasos.

Gaiolas em pé alojavam pássaros. O cheiro de néctar e os chiados líricos encheram a sala com a ilusão do ar livre.

Contra as sensações surreais que batiam em sua espinha, Lyra entrou. Os chinelos dela batiam levemente em tapetes de tecido brilhante e lençóis de pele de urso, em oposição direta à hesitação ponderada em seu coração. Por mais opulento que tudo fosse, ainda era apenas um cômodo a ser compartilhado com a tia e duas primas que antes eram tão cruéis. Isso era realmente onde elas viveriam pelos próximos cinco anos se a bruxa e seu espião não fossem capturados? No final de tudo, o reino de Lyra ainda precisaria dela mais?

Exaustas de chorar o dia todo, Wrathalyne e Avaricette cambalearam até a cama e de barriga cairam sobre cobertores macios.

Alguns servos permaneceram, reorganizando-se e endireitando-se até Griselda ordenar que saíssem. Mia se desviou para um canto onde os retratos da família real haviam sido colocados em uma pilha. A tia de Lyra insistiu em que eles fossem carregados, até a última imagem de Lyra e de seus pais, para que ela não os esquecesse com o tempo. Griselda até insistira em trazer o espelho quebrado da rainha Arael, tão cuidadosamente colado pelo pai de Lyra antes de partir para Nerezeth.

—Eu poderia encontrar um lugar para o espelho, Lady Griselda? — Mia perguntou.

—Não. Precisamos de algo para fazer para passar as horas. —Griselda respondeu enquanto lutava contra a mão da empregada. — Hora de você ir.

Mia tentou mais uma vez implorar sua fidelidade. — Eu servi a princesa toda a vida. Posso vir uma vez por dia pelo menos? À noite, para banhos ou para ler histórias e poesia. Fiz um compromisso vitalício para servir a monarquia de Eldoria, sua senhoria.

A expressão de Griselda se transformou de cansada em astuta. — Se você quiser continuar servindo, você pode ser nossa provadora de comida. Você é obviamente muito prática. — Ela apertou o antebraço gordo de Mia e a levou até a porta. Lá, os cavaleiros esperavam na beira do limiar, já tendo enviado os

outros servos pelo longo corredor de pedra e subindo as escadas sinuosas de volta ao castelo.

—Em um tempo como esse — Acrescentou Griselda. —As refeições são empreendimentos perigosos. Nós somos indefesas para as mãos de cozinheiros e da cozinha. Prove-se corajosa e leal, provando nossa comida e, com o tempo, confiarei em você o suficiente para permitir seu serviço dentro de nosso santuário. — Ela deu um empurrão em Mia, quebrando o contato visual que a empregada dama mantinha com Lyra.

A porta se fechou com um eco estrondoso de trincos e ferrolhos. A cacofonia metálica vibrava pelo chão, depois subia pelas pernas de Lyra até o peito. Parou ali e se encaixou, como se a gaiola de suas costelas se prendesse ao redor de seu coração.

Com os cavaleiros fazendo guarda do lado de fora, um silêncio absoluto caiu sobre a sala; até os pássaros silenciaram, deixando apenas a agitação de suas penas, o estalar das lanternas e os gemidos suaves das primas de luto de Lyra.

Griselda e Lyra se observavam, reflexos de chamas de vela girando em torno delas numa sequência vertiginosa. O lábio de sua tia se curvou, revelando os dentes cerrados em um sorriso miserável. Era a mesma expressão que agarrava o coração de Lyra no dia do enterro de seu pai.

Sua tia não a perdoou por liberar a bruxa que matou sua filha. De modo nenhum.

Lyra vacilou, depois olhou em volta. Estar em uma masmorra mal iluminada permitia poleiros infinitos para suas sombras. Elas pairavam nos cantos das paredes e sob a mobília, dando-lhe coragem. Ela tinha seus próprios guardas fiéis, assim como Griselda. Isso em mente, Lyra sinalizou mentalmente seus insetos, chamando-os do quarto de sua mãe na ala norte do castelo, pedindo-lhes que se apressassem para a masmorra, com a chance de precisar de reforços.

Griselda quebrou o olhar e arrumou os refrescos que os criados haviam deixado em uma bandeja ao lado da mesa. Ela derramou leite fumegante do jarro

de porcelana em xícaras de chá e persuadiu as meninas para ela. — Tem sido um dia angustiante. Nós não vamos esperar o curso de cessação para buscar o nosso descanso. Vamos tomar leite e torrada e depois ir para a cama. Lyra, você também, por favor. Eu tenho uma coisa para falar com você antes de dormirmos.

Cautelosamente, Lyra seguiu suas primas, sentando-se onde sua tia dirigia. Havia apenas lugares e cadeiras suficientes para cada uma delas. A ausência de uma quinta que teria acomodado Lustacia puxou as emoções de todos. Isso refletia vividamente nos olhos vermelhos, inchados e lábios enrugados das primas de Lyra, enquanto mordiscavam o pão de passas gelado em seus pratos. Lyra bebeu leite para aliviar o estômago, incapaz de se alimentar. O calor cremoso penetrou em seus ossos, embora ela ainda não pudesse relaxar.

Griselda tocou as cabeças das filhas em um gesto reconfortante. — Não teremos mais lágrimas hoje. Elas são para aqueles que são fracos e sem esperança. Mas nós, somos poderosas e temos esperança. — Ela saiu da mesa. O trem de seu vestido arrastou os tapetes em sua jornada em direção às gaiolas. — O que dizer que temos alguma música?

—É por isso que você trouxe nossas aves de estimação do aviário? — Perguntou Avaricette enquanto lambia a cobertura branca de sua crosta. — Elas estão para cantar nossa tristeza?

—Eu as trouxe para manter nossa casa livre de vermes. Você sabe como eu detesto a infestação. — O olhar escuro de Griselda deu a volta para encontrar Lyra. — Eles não comem desde ontem. Isso os torna melhores caçadores, mantendo-os à beira da fome.

Lyra engoliu o resto do leite com um gole doloroso quando Griselda abriu cada gaiola. Os pássaros agitaram-se no caos até encontrarem lugares para se instalarem: na cobertura da cama, na chaminé de cobre ligada à única parede não coberta por uma tapeçaria, no espelho pendurado no teto.

Surpreendida pela ingenuidade de sua tia, Lyra limpou o leite dos lábios com a manga. Sua mente chamou as mariposas e as aranhas que agora corriam atrás das paredes de pedra, proibindo sua entrada. Ela não podia arriscar que eles

saíssem apenas para serem comidos. Eles eram muito queridos para ela.

Depois de apontar um sorriso para o alto para os pássaros que cantavam, Griselda virou-se para o baú ao pé da cama maior.

—Você não pode sentar e tomar um refresco com a gente, mãe? — O queixo de Wrathalyne tremeu quando ela enxugou o rosto com um guardanapo.

—Não, minha querida. — Griselda traçou as esculturas do sol de Eldoria na tampa do porta-malas. — Aquele lugar não me pertence. É para a sua irmã.

O pulso de Lyra se mexeu. Ela se contorceu na cadeira, mantendo as sombras à distância, embora elas pressionassem para se aproximar. Certamente sua tia tinha perdido a cabeça para a dor, e toda essa pompa se desintegrariam em um ataque de choro e lamento.

—Você quer dizer, estamos salvando um lugar para o fantasma de Lustacia? — questionou Avaricette, segurando a mão de Wrathalyne sobre a mesa. As juntas das garotas ficaram brancas enquanto observavam os pássaros enfeitarem suas penas e balbuciarem baixinho.

—Não pareçam tão ansiosas, minhas queridas. Eu tive que manter isso em segredo de vocês. Vocês são muito excitáveis. — Ela balançou o dedo indicador. — Não poderia arriscar suas línguas correndo à frente do seu raciocínio. E sua dor tinha que ser genuína. Mas fiquem tranquilas, sua irmã não é mais um fantasma do que eu sou derrotada. — Com uma mão sobre outra mão, Griselda bateu na tampa do porta-malas três vezes. Três batidas responderam de dentro.

Lyra e suas primas ofegaram simultaneamente.

Griselda riu ao abrir a tampa. As dobradiças rangeram no ponto de parada. Alguma coisa passou por baixo da roupa de cama dobrada, procurando uma saída.

As folhas do tronco e deslizou para o chão. Lyra quase sacudiu o leite quando uma cabeça de longos cabelos prateados - idênticos aos dela - emergiu das profundezas do tronco. O rosto, com uma expressão triste, pertencia à muito viva Lustacia. Embora segurando um buquê murcho de rosas de panacéia, ela não tinha um arranhão nela.

Griselda ajudou a filha a sair - uma façanha facilitada pelo conjunto: as calças e a túnica rasgada que ela não conseguira encontrar na cena sangrenta de seu desaparecimento.

A mente de Lyra girou. Por que Griselda colocaria todo mundo na morte de Lustacia, por que fingir estar de coração partido ao ponto da própria doença da alma? E por que o cabelo de Lustacia era tão parecido com o de Lyra?

Na questão final, uma percepção sombria arrepiou-se dentro do peito de Lyra, como se ela tivesse inalado cacos de vidro. A resposta tomou forma - uma explicação tão vil e astuta que seus pulmões murcharam em um grito não reconhecido.

Wrathalyne e Avaricette saltaram de seus assentos e correram para abraçar sua irmã mais nova, despreocupadas com a lógica dela, apenas em êxtase por tê-la de volta novamente.

Tremendo, Lyra se levantou da cadeira. *Você...sou eu.* Ela imitou a acusação a Lustacia, enfatizando-a através de seus olhares unidos. Se apenas suas traças não estivessem escondidas, elas poderiam ajudá-la a transmitir as palavras em voz alta. Mas a atenção de Lustácia caiu para as rosas em sua mão, provando que ela não precisa ouvir Lyra sentir remorso por todas as mentiras que ela contou.

Griselda entrou na linha de visão de Lyra, bloqueando sua visão de suas filhas. — É uma pena que você não tenha nos acompanhado em todos esses passeios ensolarados pelo reino. Constitucionais têm um efeito tão revigorante no processo de pensamento de uma pessoa. Ora, apenas algumas semanas atrás eu me deparei com um grupo de moleques comuns brincando no Lago de Cristal, imitando o macabro da princesa, seu cabelo metálico. E eu tive uma gloriosa epifania. Eu disse para mim mesma: “Por que Griselda, apenas pense. Com tempo suficiente, qualquer um desses meninos de rua poderia parecer o papel da princesa na profecia. Ela simplesmente precisaria compartilhar sua estrutura óssea esbelta”.

Lyra olhou para o vestido de maraca e amoreira tão bem ajustado à sua

forma. Ela voltou para a mesa novamente, entorpecida. Elas planejavam isso há semanas, talvez meses. Griselda, ela esperava, mas Lustacia? Ela pensou que elas estavam se tornando amigas. Família.

Agonia entortou seu coração e chamuscou seus olhos.

Ela tinha sido uma tola. Ela não tinha família. Não mais. Nunca mais.

Wrathalyne e Avaricette correram em cima da cama menor. Seus rostos se iluminaram em deleite malévolo, hipnotizadas pela confissão de sua mãe.

—Esta era uma simples camada de areia prateada. — Griselda continuou. Lustacia se inclinou enquanto sua mãe acariciava seu cabelo pálido e lustroso, a miséria em suas feições desaceleradas se aprofundando. — Imagine o que posso fazer com um pouco de truque de alquimista. E os recursos de uma pessoa geralmente mudam à medida que amadurecem. Especialmente se eles estiverem fora de vista por alguns anos, nunca vistos, exceto por passeios no jardim, escondidos sob uma roupa de noite. Não seria tão difícil gerenciar um substituto. Além de algumas alterações enluaradas em sua coloração, todas as meninas precisariam ganhar Eldoria e os corações do príncipe e a voz de uma ave canora. — Griselda enfiou a mão no baú, tirando uma concha do mar presa a um suporte prateado. — Olhe para isso. Parece que as sombras da meia-noite a poeira estelar não foram os únicos artigos que faltam para os magos manterem ontem.

Lyra se sentou na cadeira, levada de volta para um dos últimos momentos que teve com o pai antes de partir para Nerezeth. Eles passaram um dia juntos na biblioteca. Pela centésima vez ele compartilhou a história tola de como conheceu sua mãe, e no instante em que Lyra lançou uma risada musical, ele prendeu o som em uma concha encantada.

—É apenas um pouco de magia. — Explicou quando ela estendeu a mão, pedindo para segurar o tesouro perolado. — Nossos magos pegam conchas e atraem a música do oceano com encantamentos, deixando-os ansiosos para serem preenchidos novamente. Hoje, você deu a este um tesouro mais raro e inestimável do que a respiração do mar. Eu vou compartilhar com a Rainha Nova. Ela vai se apaixonar por você ao ouvir isso, e não nos recusará nada.

Griselda estalou a língua, recuperando a atenção de Lyra. — Quando seu pai ecoou sua risada, ele lhe disse que se uma concha estiver cheia até a borda e selada com uma rolha de madeira de salgueiro revestida de sal marinho, pode-se escutar o som aprisionado soltando a rolha em incrementos até que tudo esteja esgotado, ou pode-se moer a casca, a cortiça e o sal em pó, combiná-lo com uma simples poção de transferência e engolir o som inteiro, tornando-o seu?

O queixo de Lyra caiu. De dentro dessa masmorra isolada, ninguém jamais ouviria seus gemidos musicais. Ela lançou um olhar desesperado para as pinturas da família real, não mais cobrindo as paredes do castelo, fixando-se nas do pai e de si mesma. Griselda não podia fazer todo mundo esquecer que sua verdadeira princesa existia, mas ela podia fazê-los esquecer o rosto de Lyra.

Um calafrio arrepiante começou dentro de sua cabeça e atravessou seus pés, deixando-a esgotada e fraca. Ela balançou em sua cadeira.

Griselda destrancou a caixa de pinho no final da cama menor e colocou a concha lá dentro. — Você está se sentindo mal, querida? Um pouco sonolenta? Eu tenho um lugar perfeito para você dormir.

Só então Lyra percebeu o quanto a caixa parecia um caixão.

—Eu devo admitir que você me impressionou por um momento. — Griselda bateu na borda aberta com o dedo anelar, e então sentou a banda de rubi da Rainha Arael. Ela deve tê-lo roubado do quarto de Lyra enquanto eles estavam empacotando. — No entanto, sua mente não é párea para a minha. A idade tem seus benefícios. Uma vida de sabedoria duramente conquistada vale mais do que toda a magia sombria em seu corpo frágil.

O quarto tremeu e Lyra pegou a borda da mesa para se equilibrar, fazendo as taças tremerem. Algo estava errado dentro de sua cabeça. Tudo parecia, embaçado. Fora do lugar e fora de alcance.

Ela chamou seus insetos, incapaz de lembrar qualquer razão para não fazê-lo. Quando os pássaros mergulharam sobre a intrusão de mariposas e aranhas, a trituração de exoesqueletos e asas quebradiças trouxe uma claridade trágica aos pensamentos de Lyra. Ela chamou suas sombras, alimentando-as com a raiva da

traição.

Aturdida, ela observou o lento e cauteloso eclipse - se fundindo de todos os cantos e móveis como nuvens de tempestade acumulando capacidade. Erguendo-se debaixo das camas, suas rajadas de vento açoitavam os cabelos empoeirados de Lustácia e rasgavam as roupas de Wrathalyne e Avaricette. As três garotas mergulharam sob as mantas, gritando. Imperturbável, Griselda correu para o meio da sala e puxou o cordão dourado que unia as tapeçarias. Simultaneamente, elas desceram das paredes para revelar painéis de cobre, do teto ao chão. A luz da sala refletia-se deles - sobre o espelho e de novo, ampliada dez vezes, e destruia as sombras de Lyra em pedaços.

Ela caiu de joelhos, incapaz de abrir os olhos para a dor crepitante. Os cabelos da nuca dela se ergueram quando ela sentiu Griselda inclinar-se para sussurrar em seu ouvido.

—Esse truque que você fez da última vez não vai funcionar aqui. Essas tochas já estavam morrendo. Estas lanternas são alimentadas por uma mistura de parafina e sol líquido. Seu brilho vai queimar por meses. A profecia é falha, veja você. Para uma princesa cujos assuntos mais dedicados são as sombras inconstantes que não podem ultrapassar cantos profundos e escadarias escuras, não há esperança de construir um exército num mundo de luz eterna.

A porta abriu e fechou, os passos pesados dos cavaleiros se aproximaram.

Protegendo o brilho da sala atrás de cílios lacrados, Lyra foi levantada, carregada em algum lugar por braços fortes envoltos em metal. Os passos de Wrathalyne e Avaricette se arrastaram ao lado e as garotas repreendiam-na por rasgar suas roupas com suas sombras. Quanto a Lustacia, apenas suas fungadas indicavam sua presença.

O cheiro de pinheiro rodeava Lyra ao ser colocada dentro da caixa dura e lascada.

—Deixe-os com ela, junto com as rosas. — Veio o comando de Griselda à distância. Sua voz tremeu com repulsa.

A potente fragrância de rosa fazia cócegas no nariz de Lyra, depois algo se

contorcia e eriçava sobre o peito, ardendo quando se enrolava em torno de seus pulsos, braços, tornozelos e pernas - como cordas feitas de espinhos. Então outra sensação - batendo em seu corpo e se espalhando enquanto liberava uma onda de alfinetadas flamejantes que atravessavam suas roupas.

Incapaz de abrir os olhos e encarar os agressores, Lyra gritou - sua angústia reduzida a melodias encantadoras. Em resposta, Wrathalyne e Avaricette explodiram em uma risada nervosa.

—Mãe! — A explosão de Lustacia rompeu. — Seu plano era mandá-la embora, usando o túnel secreto abaixo da masmorra.

—E eu vou.

—Mas você não iria machucá-la!

—O que você achou que aconteceria? A única chance que você tem de se tornar Lyra é que Lyra pare de existir. Nossos cavaleiros usarão o túnel para levar seu corpo até a boca do Desfiladeiro Ashen. Será um presente para a Mortalha Coletiva por me deixar viver todos esses anos atrás. Assim, se alguém violar o desfiladeiro em busca de seus restos mortais, eles não encontrarão nada além de uma pilha de ossos.

—Eu mudei de idéia! — Os gritos de Lustácia arranharam as orelhas quentes e picadas de Lyra.

—Então eu serei Lyra. — Disse Avaricette.

—Não, eu! — Wrathalyne entoou.

—Silêncio agora. Todos as três têm a beleza de uma rainha, mas sua irmã nasceu com a pele delicada de uma princesa e a perspicácia de um diplomata. Os sudários uma vez previram minha parte em reunir os céus. Eu percebi que o papel era treinar Lustacia. Ela já é adepta de forjar a caligrafia de Lyra e está aprendendo os sinais que nosso primeiro-ministro lhe ensinou. — Por trás das pálpebras de Lyra, a voz de Griselda chegou perto e longe - dentro e fora de foco. — O destino da sua irmã é inevitável e posto em movimento pela morte de Lyra. Ninguém pode envenenar alguém, afinal de contas.

A garganta de Lyra se apertou.

—Você não me disse que ia envenená-la! — O grito de Lustacia soou rouco. — Você não disse que iria expô-la a eles, essas coisas horríveis. — Sua declaração terminou em um soluço.

—Essas coisas horríveis são espinheiros de cadáveres e escorpiões de rime, indígenas ao reino de seus noivos. Meus cavaleiros pagaram um alto preço para tê-los contrabandeados. De que outra forma eu posso garantir a música da princesa para você, a menos que ela grite ela mesma?

—É demais, mãe.

—Oh, por favor. Lyra está mais em casa com criaturas da noite. Ela se deleita em me ameaçar com elas. Eu pensaria que tê-las cercando-a enquanto a vida se esvai seria um conforto. Você precisa ver a nota novamente? As palavras do príncipe para sua futura noiva? Você leu uma vez e perdeu seu coração. Você estava disposta a concordar com qualquer plano, se o resultado fosse sua mão. Você vai desistir dele agora? Você a ama mais do que a si mesma?

A ausência da resposta de Lustacia se estendeu interminavelmente quando Lyra lutou contra a névoa em seu cérebro, a febre sob sua pele e as fissuras se espalhando por seu peito.

—Lustacia. — O tom de Griselda se suavizou. — Pense nisso. Uma rainha governando ambos os reinos. Eu dei os melhores anos da minha vida para ganhar meu sangue direto para este trono. E agora, vou ser dupla para você. Aqui tudo é posto em ordem, porque eu sou a primogênita. Eu sofri e me sacrifiquei de maneiras que meu irmão mimado nunca fez. Eu entreguei minha própria consciência, e o poder foi mais facilmente ganho sem ela. Eu sugiro que você faça o mesmo, mas desde que você deseja amar e ser amada, você deve tê-la intacta. Então, me dê os trabalhos sujos e eu verei que seu coração tem o maior desejo que o meu nunca teve.

Os soluços de Lustacia aumentaram para lamentos.

Griselda suspirou. — Senhor Erwan, guarde a escada para a masmorra. Sir Bartley, leve Lustacia e suas irmãs para outra cela até que esteja terminado.

—Mas nós queremos assistir, mãe. — Choramingou Avaricette.

—Faça isso agora.

Um conjunto de passos agitou-se ao redor e depois ficou distante. A porta bateu e trancou as fechaduras no lugar.

A luz penetrante diminuiu quando a tampa da caixa se fechou, selando Lyra. Ela abriu os olhos para a escuridão - sempre amiga e consoladora - e observou os brilhantes escorpiões e espantadores atacarem com horrorizado fascínio. Apesar da dor de ferroar azul e espinhos brancos, eles pertenciam à noite, como ela.

Através das lágrimas, ela viu seus dedos iluminarem por um instante, lançando um brilho dourado. Isso a provocou, provocando a lembrança de tinta mágica manchando as pontas dos dedos e as palavras gentis escritas na mão de um príncipe: *eu vou mantê-la segura.*

Ela nunca o conheceria e ele nunca saberia que estava sendo enganado.

Lyra reprimiu um grito indignado, sua atenção voltou-se para a concha do mar aninhada ao lado de sua cabeça.

—Entregue-se à dor. Você vai se sentir melhor se gritar. — Griselda provocou do outro lado da tampa. — Que tal eu começar você, com uma música minha? — Ela limpou a garganta. — Veja a casca ao lado da sua cabeça, Encha até você estar morta. Seu pai levou apenas um grito musical, mas eu não paro até que você esteja sangrando.

Lutando para respirar, Lyra rangeu os dentes e se recusou a abrir os lábios.

—Apenas faça! — Griselda atacou a tampa com os punhos. As batidas ecoaram pelos ossos de Lyra, sacudindo-os. — Garota medonha, com cara de fantasma. — Sua tia fez uma pausa, recuperando a calma. — Eu sempre soube que você era apenas uma mancha manchando as paredes deste castelo. E que um dia eu te mataria, e você não mais nos perseguiria. Eu suponho que eu deveria te agradecer. Ao libertar a bruxa enquanto ainda tínhamos sua equipe, você tornou toda essa configuração possível. Então retribuirei o favor e lhe direi como tudo termina, já que você não estará aqui para ver por si mesma. Depois de desistir da sua voz, você ficará sonolenta e sua respiração diminuirá. Você não poderá ficar

acordada. E uma vez dormindo, você escapará. Não pense em seus assuntos fiéis. Qualquer pessoa que se torne curiosa ou preocupada será cortada uma a uma. Mia será a primeira. Alguém tentará envenenar nossa passagem e ela morrerá como uma heroína, provando sua lealdade a Eldoria de uma vez por todas. Quanto ao reino, Lustacia e eu temos isso em mãos. Você pode dormir em paz eterna sabendo disso, pequena princesa perfeita. Esse é o meu presente para você.

Lágrimas quentes corriam pelas bochechas de Lyra. Ela se contorcia sob o fogo que lanceava sua pele, atormentada pelo destino da querida Mia. Ela tinha que salvá-la. Ela tinha que estar aqui para o seu reino, para ser a rainha que seu pai sempre esperou que ela fosse. Um tumulto emocional fervia para alimentar as chamas que já queimavam suas veias. Mil feridas de punção cheias de veneno resplandeceram em sua mente e derreteram seus pensamentos em uma escória vermelha. Quanto mais ela tentava conter sua dor, mais quente sua febre aumentava. Gritos construíram atrás de seu peito e garganta até que a erupção se tornou sua última esperança de alívio.

Esticando a mandíbula, ela virou a cabeça e vomitou bile, veneno e leite contaminado. Então veio a purgação mais profunda, o musical gritando e gritando e gritando que raspou sua garganta até que nenhum som mais chegasse.

A dor vazia em sua garganta e o fedor da doença ficaram distantes quando suas sombras retornaram a ela na escuridão. Eles quebraram suas amarras, domesticaram os escorpiões e entorpeceram sua pele ferida com carícias leves. Seus olhos ficaram pesados enquanto suas sombras a levavam a um lugar de descanso - sem interrupção de pesadelos, sem medo de que novos horrores poderiam trazer amanhã. Ela pegou a mão que a Morte oferecia e adormeceu.

08

Pérolas em cinza



Na mesma hora em que Griselda mandou embora o corpo moribundo de sua sobrinha e se divertiu com seu triunfo mais cruel e profundo, Crony e seu companheiro vagavam pelo Desfiladeiro Cinzento em busca de novos animais. O suprimento de ervas e lembranças da bruxa estava diminuindo, já que ela não pusera os pés fora da ravina em meses, com medo de ser capturada novamente pelo regente real de Eldoria.

—Você tem certeza de que esses rumores são verdadeiros? — Crony explicou isso como mais uma ameaça do que uma pergunta. Se Luce a estivesse conduzindo através desses terrenos amaldiçoados em uma perseguição de cadáver quando ela deveria estar vendendo seus produtos em sua loja, ela teria sua pele.

A raposa escorregou para dentro e para fora da cinza rasteira à sua frente, levantando nuvens cinzentas. — Eu incentivei os detalhes eu mesmo. — Seu poder de persuasão era mais eficaz quando ele se aproveitava de um desejo mantido em segredo dentro da vítima. O que significava que o informante devia ser alguém que gostasse de fofocar.

Crony franziu a testa. — Sua fonte não é Dregs, não? Aquele duende idiota sempre conta histórias para compensar sua estatura. Ele jurou que viu um cavalo cuspindo fogo com asas queimando dois de seus conhecidos duendes para cinzas. Como se todo o Pégaso não tivesse sido comido séculos atrás pelos drasilisks.

—Nós dois vimos pegadas ultimamente.

Crony bufou, lutando contra a bainha da capa de um emaranhado de videiras irascíveis. A bolsa de vidro em sua cintura tilintou com o esforço. — Os Nerezethites percorrem esta floresta. Nós sempre estamos vendo as pegadas de

suas montarias.

Luce achatou seu corpo para se espremer através de um túnel de raízes mortas. Quando ele apareceu na outra extremidade, o vermelho de sua barriga e focinho estavam cobertos de cinzas, assumindo um branco empoeirado. — Mas há o tratado de paz. Eles já não contrabandeiam a luz do sol. Então eles não vêm por aí.

Crony revirou os olhos. Como se ela não estivesse ciente desse fato. Os contrabandistas do sol costumavam visitar sua barraca em suas excursões bimensais. Eles comprariam suas mercadorias para proteção contra as mortalhas da floresta. As criaturas vorazes sempre vigiam o sol líquido dentro da entrada. Memórias eram a única coisa que uma pessoa podia negociar para manter sua carne intacta, já que as mortalhas não resistiam a um vislumbre do que eram antes. Crony havia perdido os extras.

—Mas você deve estar ignorando o friso no conto de Dregs. — Ela retomou a conversa dela e Luce ao alcançá-lo. — Desde quando um cavalo com asas deixa pegadas?

—Estamos saindo do assunto, como sempre.

—Ah, mas eu pensei que você gostasse de coelhos.

Ele espirrou em escárnio antes de retomar sua jornada. — Um menino está morrendo na ravina, seu caixão se arrastou e se abriu com as serpentes. Ele parece ter sido açoitado com farpas. Sua pele está pior do que os farrapos de suas roupas. Mais de um olho viu isso.

—Múltiplos olhos. Então, não foi a palavra de um ciclope então. Seja bom isso. Eles têm uma boa visão sobre a maioria das coisas.

—Há — Luce saltou sobre uma poça de pêlo. A escuridão viva se espalhou em um esforço para prendê-lo. Ele navegou para o outro lado no último minuto, lutando para a esquerda em patas ágeis. A poça borbulhava de frustração, liberando um fedor pútrido. A raposa soltou uma gargalhada, o rabo de ponta de prata alto e orgulhoso.

Crony escolheu um caminho mais longo para escapar da poça e teve que se

abaixar para não enxergar galhos baixos pretos e duros como ônix. Seu chifre esquerdo enganchou em torno de um e puxou de volta. Com a cabeça latejando, ela se libertou antes de derrapar atrás de seu companheiro ao longo do caminho que se deteriorava para as terras baixas. Mesmo usando seu cajado para equilibrar, ela mal conseguia acompanhar as quatro pernas de Luce. — Você sabe que não seremos bem-vindos nesta parte da floresta. Eles me desprezam por não compartilhar minhas memórias roubadas. E você.

—E eu os falei de uma morte anos atrás, sugerindo que eles poderiam se alimentar de sua consciência. É minha culpa se eles perderam isso? As mortalhas estão prestes a tirar o menino da sua carne. O que resta disso. Eu assumi que você gostaria de reivindicar seus pensamentos de morte e talvez seus ossos. Você está precisando de uma caveira para seu novo cajado, sim? Podemos fazer uma barganha com uma de suas memórias finais.

—Hmmm. A julgar pelo primeiro e único barganho que você já conseguiu com eles, me arrisco a não serem tão receptivos. Fique em sua forma canina e eu faço as queixas.

—Mais uma vez, você subestima o meu charme. — A réplica de Luce abafou-se sob uma onda de sussurros e silvos inumanos. Ele contornou uma curva, suas orelhas pontudas empoleiradas.

Caindo de joelhos, Crony se agachou com ele atrás de um tronco caído. Ela agarrou a madeira retorcida, suas mãos de couro marrom se misturando. Seu cajado descansou sobre as cinzas que deslizavam sobre seus pés.

Mais à frente, as mortalhas caíam em uma clareira empoeirada - um círculo irregular desprovido de troncos e arbustos que ainda conseguiam ser claustrofóbicos, envoltos em escuridão pelo dossel espesso e baixo que se estendia das árvores ao redor. Um caixão foi aberto, seu pequeno ocupante pendurado na borda com os braços abertos sobre o chão, imóvel. O coletivo vaporoso ainda não havia notado seus dois visitantes. A sagacidade de um sudário costumava ser tão fina quanto sua silhueta esfumaçada, facilitando a ilusão quando se preocupava com a promessa de uma alimentação. Mas esta

situação era diferente, e apenas um olhar disse a Crony o porquê.

Cada vez que a Senhora Umbra avançava rapidamente para atacar a criança moribunda, uma fusão de sombras e escorpiões de rima azul-luminosa se elevava para defender a forma supina. O Coletivo do Sudário se encolheu atrás das árvores ao redor da clareira, os olhos brilhando em branco. Eles não tinham meios para passar, como criaturas disformes sem substância ou deslocadas para suas formas humanas. Por um lado, a barreira deles era tão vaporosa quanto eles e, do outro, ferrões venenosos esperavam para atacar. Era um impasse entre uma escuridão amaldiçoada e um exército designado. Um impasse que poderia durar horas.

A julgar pelo cheiro pútrido de infecção e toxinas no ar, a vítima não tinha esse tempo. E Crony detestava admitir, a vítima não era um menino. Mesmo com a criança depilada careca, até na túnica e na calça rasgadas de um garoto das guardas, com sua pele perolada exposta marcada por cinzas, lama e centenas de marcas de perfuração, Crony conheceria a herdeira soberana de Eldoria em qualquer lugar pela fidelidade de suas criaturas noturnas.

Virando-se para seu companheiro canino, Crony sussurrou: —Não é um menino. Essa é a princesa real, a que me libertou da masmorra de Eldoria.

Luce inclinou a cabeça e o focinho longo. Ele não estava feliz em deixar Crony naquele dia para ser capturado por soldados; mas os dois tinham um código: se algum deles fosse capturado, o outro faria o possível para escapar, para que pudessem ajudar do lado de fora. Luce estava tentando bolar um plano quando Crony encontrou o caminho de volta para a ravina.

No entanto, era mais do que a culpa daquele dia pesando sobre ele agora.

Seu nariz molhado e preto se contorceu. — Eu sei quem fez essa criança doente. Eu posso identificar a obra da mulher em qualquer lugar. E estou supondo que ela usou algum veneno para ajudar no crime dela.

Seus olhos cor de laranja brilhavam. Ele raramente falava de seu passado, mas havia alguns detalhes que ele havia divulgado. Ele uma vez voou acima do mundo com uma visão panorâmica dos humanos, deixando-o distante o

suficiente para aproveitar o coração puro da Rainha Arael sob o conselho de seu amante. Mesmo antes disso, ele era indiretamente responsável por uma morte humana, primeiro sugerindo que Griselda acabasse com sua consciência, fraca como era, e segundo, dando a ela um livro de feitiços, que ela usara para se livrar de seu marido.

Agora que ele estava de castigo, fazendo-o parte da ordem das coisas, ele teve que enfrentar as consequências de suas ações diárias, como qualquer humano faria.

Crony voltou-se novamente para o impasse etéreo, o nariz entreaberto cheirando o perfume de rosas de panacéia. Os braços macios da princesa embalavam o buquê roxo escuro. Crony recontou ao ver a criança segurando um vaso de flores durante seu período na masmorra. A Regente Griselda havia degradado e maltratado a princesa naquele dia - chamando-a de uma mancha. Ela deve estar gargalhando com seu coração harpia naquele castelo de pelúcia, convencida de que ela se livrou de sua sobrinha para sempre.

Pode deixar que essa seja a chance de Luce encontrar a redenção de sua parte e reconquistar suas asas. Crony poderia pagar sua própria dívida para a linhagem do Rei Kiran, para o sol e a lua - uma dívida conhecida apenas por ela e uma outra. Crony tinha feito um juramento sagrado de não intervir diretamente nos acontecimentos do reino, e é por isso que ela não tinha compartilhado quem matou o rei Kiran. Ela apenas doou a profecia da metade da memória para o guarda, informações que sairiam por conta própria através de missivas ou conversas entre reinos. Crony esperava que pudesse manter a garota segura até que ela atingisse uma idade de dois anos, mas aqui estava ela em estado pior do que antes.

Recuperar seu espírito dos mortos sem interferir levaria algum trabalho. Teria que haver um compromisso. Para salvar a vida da princesa, Crony teria que tornar a garota anônima, inconsequente - até para si mesma. Então Lyra teria que redescobrir sua verdadeira identidade sem que Crony lhe contasse.

Poderia corrigir as coisas em ambos os reinos. Permitir que os pedaços

quebrados da profecia encontrem seu próprio caminho de volta à conclusão - por mais confusa que seja a reconstrução.

Crony sussurrou novamente para Luce: —Eu não sei sobre você, mas eu estou sentindo uma nova sede em minhas raízes ultimamente. Devemos barganhar com os diabos sem carne e salvar a menina? Virar nossas velhas folhas de palha para uma chance de expiação? — Lançando-lhe um olhar de soslaio, ela esperou.

Sua longa língua rosa se abriu em um meio sorriso. — Você está dizendo o que eu penso? Você vai fazer o truque que supera todos os truques? Lembrar-se dela do outro lado da morte?

Crony reprimiu um tremor de pânico ao longo de sua espinha, desejando poder compartilhar sua ânsia. O que Luce não sabia era que convocar um mortal de volta dos mortos custava caro - sua própria imortalidade. Sua pele amaciaria com a idade; todos os anos que ela superarou a alcançariam. E suas entranhas não seriam mais imunes a doenças ou toxinas.

Esta informação ela levaria para seu túmulo. Se ele soubesse, seu companheiro sílfide tentaria convencê-la a sair disso, e ela precisava de toda a coragem que pudesse reunir. Se alguém merecesse uma segunda chance na vida, era essa criança quebrada, e verdade seja dita, Crony estava antecipando, e temendo, esse momento por séculos. — Se você deseja me ver em meu maior truque, primeiro você deve realizar um grande gesto a si mesmo.

Luce inclinou a cabeça de uma maneira puramente canina, a curiosidade clara em sua expressão de olhos de cachorrinho.

—Eu não posso estar assumindo essa responsabilidade sozinha. — Explicou Crony. — Você me ajudará? Aguarde a princesa naquele lugar? Esteja lá, se por algum motivo eu não puder.

—Por que você não estaria lá? Você sobreviverá a todos nós.

Ela apertou seu companheiro para o conforto. — Sou conhecida por fazer uma ou duas viagens de lazer. A senhora precisa de seus momentos privados para reflexão.

—Ha! Claro. Você é a essência de “toda mulher”. — Ele contraiu seus bigodes.

—Quanto à sua ajuda, você fará isso? Dê-me um rabo para sim, ou um latido para não.

Olhando para ela, Luce sacudiu uma orelha em aborrecimento. — Você sabe que eu posso falar.

Crony sorriu livremente. Aqui na ravina, tudo estava tão bem quanto morto, então não havia flores ou gramas para murchar.

— Sim, mas nós estamos fazendo um contrato. Preciso de sua garantia vira-lata da corte, que em qualquer forma, seu corpo inteiro estará disposto a ver isso até o fim. O final é sua cauda gorda e fofa.

Rosnando baixinho, Luce deu a cauda dois tremores, mas não mais. Ela estava feliz em aceitar isso. Deixe-o guardar o que restou de sua dignidade.

Quanto a si mesma, Crony estremeceu ao pensar em abrir mão de sua armadura; mas ela enforcava sua coragem com uma esperança: viver o suficiente para ver a garota ganhar seu príncipe, reivindicar seu trono e trazer as noites de volta. Valeria a pena, desde que Crony pudesse ouvir uma sinfonia de grilos na escuridão uma última vez antes de dar o último suspiro.

Sua sorte decidiu, Crony ficou de pé, com seu cajado na mão. Com o pêlo arrepiado, Luce rosnou um aviso, e juntos eles saíram de trás do toco e entraram no meio do coletivo.

A pequenina princesa morreu no instante em que seus improváveis salvadores terminaram de barganhar seus restos, embora a bruxa conseguisse capturar o final de seu último suspiro e a memória ligada a ela. Isso é tudo o que Crony precisava para oferecer a um espírito do além, e dividir um passado aberto para que ela pudesse esculpir a identidade escondida nos cantos e recantos da mente de uma pessoa.

Para alívio de Crony, as sombras e o exército de escorpiões recuaram

quando as mortalhas de carne se retiraram, parecendo entender que sua carga agora estava em mãos curativas. Crony e Luce deixaram a caixa de pinho e as rosas para trás. No momento em que Luce mudou para sua forma humana para transportar a princesa para fora das terras baixas, a respiração da garota havia recomeçado e seus cílios, tendo sido aparados em tocos, cresceram muito acima de seus próprios olhos. Luce estudou a cabeça raspada, o rosto perturbado e adormecido embalado na dobra do braço dele. Sua respiração arrepiou o cabelo vermelho em seu ombro.

Crony nunca tinha visto o silfide caprichoso parecer mais sombrio. Ela veria isso até o fim, apesar de seu passado egoísta. Ou pode deixar por causa disso.

Uma vez em casa, com a princesa inconsciente, a bruxa começou sua tarefa. Usando a memória capturada para atrair as outras, Crony as colocou entre triângulos de vidro finos como papel e as selou depois de soprar a respiração. Ela continuou o processo, juntando uma memória contida a outra com fios mágicos que fluíam como raios de seus chifres, semelhantes a uma aranha usando suas fiandeiras. Crony trabalhou, retirando a próxima e a próxima e a seguinte - centenas e centenas - em dois cursos de cessação e em um terceiro dia, enquanto Luce administrava seu estande no mercado e reabastecia suprimentos de ervas.

Ao terminar, Crony se afastou e viu a pilha de lembranças, dobradas por um fio brilhante em suas espinhas. Assemelhava-se a um livro gordo e em miniatura feita de vitrais. Se ela o animasse, no virar de cada página uma nova cena da vida da princesa se desenrolaria. Ela teve o cuidado de deixar as memórias da princesa de linguagem, comunicação, a palavra escrita e conhecimento do mundo natural intacta, de modo a não arriscar uma mente em branco e perspicácia atrofiada. Foi esse intrincado exame mental que fez limpar a memória um empreendimento tão desafiador.

Crony regava uma poção de cura entre os lábios sonolentos da princesa, como fizera nos últimos dois dias para mantê-la viva. A bruxa tomava um gole

para si mesma, sentindo um cansaço repentino, devido a sua própria troca - vantagem imortal para limitações mortais. Pela primeira vez em todos os seus anos, ela sofria profundamente dentro de seus ossos. Assim que Luce saiu para o mercado, Crony escondeu os olhos atrás de uma venda, enrolou-se no colchão e dormiu.

Na sala ao lado, a moça continuou a dormir também, não tendo mais nada a sonhar, mas o resíduo de lembranças em cores borradas e estímulos confusos: o sabor salgado das lágrimas; uma chuva aveludada de pétalas de rosa lavanda; uma árvore de folhas vermelhas em vigília num pátio tão austero que chamuscava o olho; vestidos transparentes em pastéis macios, verde-menta, amarelo amanteigado e azul açucarado; mariposas cinzentas difusas e amoreiras; e tinta dourada pegando fogo em papel preto e dedos curiosos.

O cheiro de folhas em decomposição, combinado com algo medicinal, penetrou na consciência da garota. Ela acordou com a sensação de suas mãos queimando.

Não, não apenas as mãos dela - todas as facetas de sua pele, coceira e bolhas. Ela tentou se mover, seus ossos lentos. Seus dentes se juntaram e ela gemeu, mas suas cordas vocais tremeram - tão ineficientes quanto um alaúde sem cordas. Ela puxou bandagens enroladas em torno de seus membros, pescoço e tronco, sob um vestido até o tornozelo e um cobertor puído, tentando lembrar onde, como. E mais essencialmente, quem.

Ela não conseguia se lembrar de um nome ou mesmo de seu próprio rosto. O desconhecido se sentou em seu peito, pesando-a e roubando sua respiração. Ela moveu a mão até a garganta, onde havia um colar sobre a clavícula. Levantando o feitiço circular, ela estudou-o na luz suave. Parecia ser uma trança de cabelo branco enrolada em si mesma. Foi importante para ela? Sentimental?

Um rugido distante e penetrante - feroz e desumano, como um cavalo cornudo de fúria - fez com que ela se arrastasse para se sentar, rebelando-se contra os músculos relutantes e a carne latejante. Ela podia ver seu entorno claramente, apesar do dossel espesso e frondoso esticado acima que sufocava a

luz. Era como se ela tivesse despertado dentro da barriga de um esqueleto. Não havia paredes aqui nem portas nem janelas. Apenas um quadro de madeira. No entanto, também não havia brisa, nenhum ar em movimento ou cantos de pássaros, nenhum som da natureza além de um farfalhar embaixo e ao redor de seu colchão - como se o próprio solo se movesse.

Um ronco suave, de uma figura vendada, enrolada e dormindo a poucos metros de distância, deu-lhe uma pausa. Ela não reconheceu o horrível rosto reptiliano, ou os negros chifres curvos, ou os lábios escuros e enlameados.

Pavor gelou o sangue em suas veias enquanto olhava para as ataduras. Algo terrível aconteceu. Essa criatura a capturou. Torturou ela.

O grito de clarim soou novamente, mas dessa vez a garota ouviu um grito entrecortado - uma voz rouca e masculina sublinhando a indefesa indignação do cavalo, como se eles falassem em uníssono. Ela respirou fundo, esticando os pulmões que doíam como se estivessem esculpidos. Seu captor dormia, tão firme em seu sono que nem mesmo um terceiro vizinho rugindo a acordou.

A garota recuou, empurrando cinzas quentes e finas através de um chão de pedra, evitando móveis em ruínas e tábuas de madeira até atravessar o limite para um pátio. Girando ao redor, ela tropeçou ao longo de um caminho, saindo do pequeno bosque e entrando nas árvores espessas. Com cada passo, seu corpo se acostumou a seus ferimentos, seus movimentos desajeitados, mas ganhando força.

Ela seguiu os zurros do cavalo emaranhados com os gritos masculinos e roucos. As duas canções de agonia, raiva e perda eram emoções com as quais ela podia se relacionar; eles se sentiam familiares.

No entanto, seus arredores encantados pareciam estrangeiros - claustrofóbicos e sombrios. O dossel hermético se estendia até onde os olhos podiam ver. Os raios solares penetravam intermitentemente, aquecendo a cobertura de solo fuliginosa que penetrava em seus pés como uma maré baixa. Ela contornou as áreas de luz enquanto avançava, descobrindo que, mesmo através de suas ataduras, elas queimavam sua pele. Pomadas estranhas e cruéis

surgiram do nada e seguiram até que ela as superou. Ela fez uma anotação para antecipá-los por seu mau cheiro.

Mais perto do duelo, ela fez uma curva. Um novo cheiro assaltou seu nariz quando ela tropeçou em uma moita de trepadeiras onde o dossel estava baixo. A menos que se fosse uma pequena criatura da floresta que pudesse entrar e sair do labirinto espinhoso, parecia não haver um caminho claro. Espinhos pegaram as ataduras e o vestido da menina, perfurando a pele já tenra. Ela gritou sem som, pensando em recuar, mas parou no meio do caminho.

Logo à frente, um garanhão negro lutava para se livrar de um pântano borbulhante no meio do matagal. Uma luz prateada brilhava dentro do líquido lamacento, parecendo elevar-se do fundo. O bosque abobadado absorveu a luz, tornando o ambiente mais brilhante do que a jornada aqui.

Os cascos da frente do cavalo, cobertos de sujeira, foram peneirados. Uma samambaia gigante brotou das profundezas, envolvendo em torno de seu pescoço. As folhas de samambaia trabalhavam com a lama para afogar suas presas - como se a língua de um sapo pudesse capturar uma mosca.

O lodo já havia reclamado sua cauda e flancos, o resto logo se seguiria, a cada movimento que ele afundasse mais. O cavalo poderia sair se conseguisse soltar o pescoço dele.

Pare de se mexer, por favor. Ela não podia dizer as palavras, só conseguia pensar nelas. Mas o cavalo parou em resposta.

Seu gracioso pescoço se esticou. Através da curta distância, um fogo se acendeu dentro das profundezas escuras de seus olhos, laranja e piscando atrás dos brancos de raiva e medo que os cercavam. Um reflexo das mesmas faíscas alaranjadas cintilou em sua juba. A garota ficou olhando boquiaberta enquanto as cinzas se agitavam em sua cernelha, onde algo se desenrolava.

Asas magníficas, douradas de brasas alaranjadas e douradas, abriam-se. Este não era um cavalo comum. Ele era algo mais raro que uma pérola negra, ele era um pégaso.

Este detalhe reviveu sua determinação. Ela franziu o nariz, elaborando

estratégias. Embora as videiras do briar estivessem muito baixas para ele voar, suas asas poderiam ajudá-lo a escapar; Com o impulso delas, ele poderia se arrastar para fora do pântano se ela desembaraçasse as amarras no pescoço dele.

Ela fez seu caminho para frente, pressionando os espinhos que rasgaram seu vestido e ataduras até que o tecido ficou em farrapos. Sangue fresco alisou os pés e a pele. Ela estremeceu em vez de choramingar, e mergulhou para encontrar-se cara a cara com o Pégaso, a poucos passos do poço pantanoso. Sua respiração quente dominava o fedor do pântano com uma fusão de almíscar, grama carbonizada e trevo doce.

Um indignado assopro cumprimentou-a e novamente ela ouviu a voz rude e masculina: *Perigo. Mate. Mosca.* Mas não foi em voz alta. Estava dentro da cabeça dela. Ela podia ouvir seus pensamentos, como ele podia ouvir o dela.

Suas asas trabalhavam com fortes baques - uma tentativa fútil de escapar da monstruosa samambaia que lhe segurava o pescoço - e enviava rajadas de vento pelo couro cabeludo dela. Ela esfregou a nuca com uma mão enfaixada. A calvície parecia peculiar e fora do lugar. Ela não teve tempo para considerar o motivo, porque os esforços do Pégasus para escapar tinham sugado ele mais fundo.

Pare de se mexer. Está te puxando para baixo. Segurando cinco dedos sangrentos, ela tentou acalmá-lo. *Você tem um nome?*

Ele bufou, cachos de fumaça fuliginosa saindo de suas narinas. *Eu não preciso de nome. Eu sou a destruição. Eu sou chama. Recue.*

Eu só quero te ajudar. Ela exalou um suspiro trêmulo.

Eu não preciso de ajuda. Eu vou me salvar. Recue ou vou chamuscá-la com suas cicatrizes.

Sua beleza selvagem a fascinava, e seu orgulho arrogante a fazia esquecer o sangue escorrendo dos dedos, o agonizante pulsar de sua carne. *Então não tenho nada a temer, pois já sou uma grande cicatriz.* De repente ela se lembrou de como sorrir. *Eu te chamarei de Scorch. E uma vez que eu te resgatar, você pertencerá a mim.* A possibilidade lhe dava esperança, ter um companheiro que pudesse montar - voar acima de toda essa desolação. Para deixar a confusão para trás.

A cabeça dele ergueu-se, jogando lama grudenta no rosto dela. *Eu não pertenço a ninguém além do céu.*

A gosma vazou em sua boca e ela cuspiu o gosto de podridão e de morte. Ela se debateu segurando uma videira espinhosa em sua mão. Lamentos soltos se acumularam em sua garganta estéril enquanto ela enrolava o comprimento ao redor de sua cintura para formar uma linha de ancoragem.

Scorch ficou ainda mais uma vez, observando-a. *Tola. Você é pequena demais para resgatar alguém.*

Ignorando suas depreciações, ela bufou. *Bem, sua força bestial parece ser mais um prejuízo do que uma ajuda. Pequeno poderia ser a vantagem aqui. Por que você está nessa bagunça para começar?* Ela não estava tentando distraí-lo tanto quanto a si mesma quando se esgueirou para o líquido viscoso e frio e os espinhos em sua cintura perfuraram sua carne como garras raivosas. A âncora permitia o movimento sem ser sugada, mantendo-a segura enquanto ossos flutuavam ao redor dela dentro da lama luminescente. Ela estremeceu.

Este lugar é chamado o pântano da lua. Quando o Pégaso respondeu dessa vez, havia algo mais gentil em sua voz interior, como se sentisse sua dor e terror. *Dizem que é uma janela para o reino da noite. Eu queria procurar por mim mesmo. Eu vivo por aventura.*

Bem, você pode muito bem morrer por isso hoje. A garota administrou a

réplica enquanto os espinhos se enterravam em sua cintura. Estranhamente, nenhuma lágrima viria apesar de como seus olhos ardiam. Apertando os dentes, ela rebocou-se em direção ao Pégaso. Ao alcançá-lo, ela puxou os emaranhados frondosos em seu pescoço com as mãos mutiladas.

Scorch aterrou seus cascos dianteiros mais profundamente no banco, mas segurou suas asas dobradas para lados de levantamento, esperando. Ela sentiu sua impaciência nas contrações musculares, sua desconfiança nos bufos de hálito quente. O calor que irradiava de seu corpo coberto de suor e seu tamanho imenso a assustou, mas ela não se esquivou.

Por fim, ela quebrou o apoio da samambaia. Ele bateu suas grandes asas, acidentalmente batendo em sua cabeça. Ela virou e seu corpo mergulhou abaixo da superfície.

O Pégaso subiu livre e a escuridão se elevou, impulsionando-a para a superfície. Ela sufocou por ar. Os espinhos se enterraram mais fundo em sua cintura quando algo puxou a videira, arrastando-a para cima.

Ela agarrou a âncora, deixando as farpas apertarem as palmas das mãos para aumentar a alavancagem. Uma vez que ela surgiu, ela caiu no banco ao lado de cascos empinados. Ela deitou lá ofegante em sua barriga, roupas úmidas grudadas em sua carne chorando, um lado de seu rosto enterrado em cinzas.

Você é feroz, pequena coisa insignificante. O focinho de Scorch, sangrando da sarça que ele costumava arrastá-la para fora, cutucou o colar estranho que envolvia a parte de trás do pescoço dela. Ele fungou para cima em direção à cabeça dela - gentil contra a calvície dela. *Mas eu ainda pertenço apenas ao céu.*

Assim que ela rolou para discutir, ele se levantou, seus cascos perdendo seu crânio por centímetros. Instintivamente, seus braços voaram para proteção. Seus dedos se iluminaram com um brilho dourado, assustando a si mesma e ao cavalo. Flama pulou do nariz dele, queimando a pele nos espaços entre as bandagens. O cheiro de carne assada e sangue queimado encheu o ar. Ela tossiu um grito silencioso. Um clarão de carmesim correu em sua periferia, onde uma raposa passou através dos arbustos em direção a eles, rosnando. Scorch

relinchou e caiu do meio do mato - a cauda erguida e as asas arrastadas por cinzas cintilantes. Ele ofereceu um último cutelo ao longe, este cheio de fúria e euforia.

A raposa se tornou um homem elegante vestido com finas tintas, embora suas orelhas permanecessem peludas e pontudas. Ao ver seu estado, seu olhar laranja e bestial se estreitou. Ele caiu de joelhos ao lado dela, cheirando a cachorro, penas e vento.

Ela estava fraca demais para lutar quando ele cortou as amarras em sua cintura com uma faca, em seguida, pegou-a e ficou de pé. Seus olhos se fecharam, seu sangue se esvaindo em gotas ritmadas a seus pés.

—Não. Olhe para mim. — Sua voz não estava em sua cabeça. Era persuasiva e sedosa - um comando irresistível que ecoava pelo pântano brilhante da lua. Ela forçou suas pálpebras pesadas abertas, apertando os olhos em sua perfeição sobrenatural, em seus dentes afiados. — Você não vai morrer duas vezes no meu relógio. Eu não vou te custar minhas asas novamente. Fique acordada agora, pequena Stain. O destino tem grandes planos para você.

Parte Dois

Em que a floresta

Engole a rosa

09
Paredes de Madressilva e Miséria



Profundamente dentro do Desfiladeiro Ashen, em uma clareira isolada de olhos curiosos, escondida dentro de uma casa sem paredes, a garota sem identidade entrava e saía da consciência. O tempo passou imensamente. A luz cinzenta e nebulosa que se filtrava através da cobertura frondosa das copas das árvores parecia nunca diminuir e a febre atormentava seu corpo com arrepios trêmulos.

A certa altura, ao acordar, ela tentou espreitar por pálpebras pesadas, mas foi como olhar através de sebes de espinhos brancos. Ela percebeu que a franja crescia de sua própria pele, que eram seus cílios a cegando. Estendendo a mão, ela arrancou vários livres. Uma dor excruciante atingiu todo o caminho até a boca do estômago, como se os cabelos estivessem enraizados no centro de seu ser e marcasse seu interior quando saíam. Deixou cair os cabelos compridos e se dobrou sobre o catre em agonia. Nos cobertores ao lado dela, os cílios descartados se tornaram líquidos, formando uma poça de luar. Assim que a dor eviscerada começou a diminuir, uma nova safra de cílios surgiu de suas pálpebras.

Ela bateu a mão sobre a boca. Não só ela não sabia onde ou quem ela era, ela não sabia o que era.

Exausta e confusa demais para uma tentativa de fuga, ela tremeu em

silêncio quando a bruxa com um olhar de torta de barro abriu as cortinas de retalhos em torno de sua paleta para inclinar a cabeça com chifres para dentro. Stain - como Luce, o lindo sílfide dera a ela - se engasgou com ganidos silenciosos quando a bruxa dobrou uma sopa de menta diluída de olmeira em sua garganta, colocou pomada de confrei em sua pele ou envolveu ataduras sobre as feridas latejantes. Stain continuou acordando de novo e de novo para se ver presa nessa realidade inquietante que consolava e mortificava ao mesmo tempo.

Em algum nível, ela considerou que sua captora, que se apresentou como Crony, deveria estar tentando ajudar, por que outra razão ela iria alimentar e ajudar ela? A menos que eles precisassem dela viva por algum mau propósito. Ou aqueles de tipo mágico eram capazes de bondade? Falando de “tipos”, Stain pertence a este lugar, entre essas criaturas do outro mundo? Por que ela não se lembrava?

Infelizmente, era tão impossível para ela fazer essas perguntas quanto comunicar dor e medo. Sem trabalhar cordas vocais, todo o seu engarrafado consolava e mortificava ao mesmo tempo.

Infelizmente, era tão impossível para ela fazer essas perguntas quanto comunicar dor e medo. Sem o trabalho das cordas vocais, todas as suas emoções engarrafadas se comprimiam... um inchaço, uma pressão quente que ameaçava explodir.

Até que, finalmente, isso é precisamente o que aconteceu.

Stain acordou em semi escuridão. Seus guardas, ou captores falavam em voz baixa do outro lado das cortinas que silenciava o ambiente.

—O Pégaso está farejando de novo. — A voz do homem silvestre chuviscava doce como mel acetinado, apesar da acidez subjacente das palavras. — Há marcas de carvão nos troncos ao redor da casa.

—Deixe-nos deixar que ele a veja. — A voz de Crony era o oposto de Luce, como ramos esticados, curvados, arranhando-se junto ao vento. — Pode ser que ele seja o remédio que ela precisa.

—Como é que isso funciona?

—Uma criatura que respira fogo e sobreviveu à extinção de si mesma é um digno guardião, você não acha?

—Ele quase a matou no pântano da lua. Eu o vi mirar em seu crânio com meus próprios olhos. Ele é feroz. Imprevisível. Estenda as proteções além da estrutura da casa. As árvores que nos rodeiam, plantar seus pesadelos lá para mantê-lo na baía.

Scorch estava apenas me avisando. Stain queria gritar sua defesa. Seus músculos ficaram tensos sobre a paleta fina e irregular à menção de alas de pesadelo. Ela não tinha certeza de que tais coisas eram, mas pareciam horríveis. Ela pensou no momento em que os cascos do Pégaso desceram a centímetros da cabeça. Ela sentiu sua mensagem não dita: que ele não lhe devia nada, pois ele a salvara do pântano assim como ela o salvara. Ele estava mostrando a ela que não pertencia a ela, que ele não deveria ser domado.

Mas ela não queria domá-lo. Ela queria ser ouvida, para ser entendida. O Pégaso era o único animal que parecia ter essa habilidade. Isso fez dele a única perspectiva de um amigo neste lugar que ela não conseguia lembrar. Ela não permitiria que nada acontecesse com ele.

Stain forçou um grito que explodiu como pouco mais que uma respiração tempestuosa - inaudível por qualquer ouvido. Cerrando sua garganta inútil, ela notou o estranho colar novamente. Um pingente de cabelo trançado na clavícula. Uma bugiganga de bruxa. Isso deve ser o que a estava silenciando. Eles a deixaram incapaz de falar para mantê-la desamparada e à mercê deles.

Um bufar sacudiu as folhas à distância, e ela percebeu que seu grito silencioso havia sido ouvido depois de tudo. Luce amaldiçoou do outro lado das cortinas. — Nossa casa é apenas uma caixa de pólvora, mulher. Com apenas um espirro, ele poderia nos incendiar. Lance seu feitiço!

Antes que Crony pudesse responder, Stain reuniu todas as suas forças para arrancar o colar e enfiá-lo sob o catre. Ela saiu do seu santuário. Sua visão turva com visões febris. A casa parecia um esqueleto, uma confusão vertiginosa de tábuas, pregos e coisas descartadas e indesejáveis.

O arrepio passou ao longo de seu corpo - sob uma túnica dois tamanhos maior que os joelhos - enquanto ela oscilava entre calafrios e lampejos febris. Ela vasculhou o chão de pedra através de uma camada de cinzas, empurrando além do tormento de carne rasgada para empurrar seu tronco sobre o limiar antes que Crony e Luce pudessem alcançá-la.

Algo sacudiu através dela no momento em que ela atravessou e atingiu o terreno pulverulento do lado de fora. Um chiado surpreendente encheu seus ouvidos, embora não tenha vindo de nenhum de seus captores. Estava trancado dentro de sua cabeça. Sua visão desapareceu; seu corpo se curvou para a posição fetal e se espumou quando todo o seu ser se afunilou em uma escuridão malévola que arranhou sua cavidade com garras e dentes. Ela sentiu em vez de ver o chão amolecer e engolir o todo. Por baixo, em um túnel de terra sufocante, criaturas sem forma a alcançaram, coisas feitas de osso e sombra que ansiavam por carne humana. Ela levantou as mãos para se proteger. As pontas de seus dedos se iluminaram com um ouro brilhante - uma luz que escaldava sua pele e olhos.

—Ela está trancada em um pesadelo. — A observação em pânico de Luce atravessou uma grande distância, através do solo e cinzas entre eles. — O que está acontecendo com os dedos dela? Eles estão acesos como lanternas! Pare de se debater, Stain. Você só vai rasgar sua pele mais!

—Onde está o talismã dela? — perguntou Crony, soando tão longe quanto Luce. — Encontre-o enquanto eu ligo ela à realidade.

Stain se enterrava na terra, subterrânea como uma minhoca, para escapar das criaturas que ela sentia ganhando de si. Se ela não saísse, seria a morte dela. A luz que irradiava de seus dedos iluminava mudas adormecidas embaladas em bolsões de terra que gritavam para serem renovadas. Instintivamente, os dedos dela queimaram mais brilhantes, mais quentes, como se toda a febre em seu corpo se reunisse em suas pontas. As sementes brotaram em resposta, as raízes se espalhando e as flores desabrochando, empurrando para cima em direção à superfície. Stain se agarrou e segurou firme - as raízes de uma flor enroladas em torno de cada pulso - brotando da sujeira e sufocando por uma forte nuvem de

fumaça e calor. Seus olhos se recusaram a abrir.

—Fique para trás, burro raivoso. — O aviso severo de Luce surgiu no mesmo instante em que Stain sentiu uma corda cair em seu pescoço.

Seus olhos se abriram então, e o pesadelo se desvaneceu para uma cena de fogo e flores no jardim da frente da bruxa. Stain nunca esteve no subsolo. Tudo estava em sua mente. Scorch relinchou, empinando através da pequena clareira, mordiscando pétalas e deixando faíscas em seu rastro.

—Lá agora, pequenina, você estará de volta com a gente. — Crony acariciou sua cabeça difusa. — Não mais cruzando o limiar sem seu colar, sim? Que seja sua proteção novamente — as proteções.

—Como você fez isso? — Luce perguntou a Stain, mal permitindo que a bruxa terminasse suas instruções. — Como você acendeu as flores?

Ela não tinha resposta. Só então ela notou que as mãos dela estavam embutidas no solo, e com cada pulsação dolorosa de seus dedos, o chão se iluminou e outras flores brotaram: vermelhas, laranjas, douradas e roxas. Um arco-íris dando vida às cinzas ao lado da trilha de brasas do Scorch.

—Vamos levá-la de volta para a cama. — Disse Luce. Ela ajudou Stain a se levantar e levou seu corpo dolorido ao limiar. Crony já estava dentro da estrutura cadavérica, arrumando a bagunça que Stain havia deixado na fuga.

Stain parou na porta, oscilando nas pernas fracas, captando o olhar ardente de Scorch. *Você veio me encontrar.*

Sua voz rouca tocou seus pensamentos*: eu vim para atormentar o homem-raposa*.

Ela sorriu. *Você vai voltar. Nós precisamos um do outro.*

De que serve uma criancinha traquina a um corcel de asas e chamas? Ele estava em um caminho perto da porta - ainda longe demais para tocar ou ser tocado.

Luce rosnou para o Pégaso sair, mas Crony interveio. — Deixe a pequenina ver o céu, é o piscar do crepúsculo.

Todos olharam juntos, onde uma pequena abertura nas folhas mostrava um

vislumbre de azul. Por um instante encantado, o brilho escaldante do sol diminuiu. Stain foi capaz de ver os céus sem fim sem seus olhos queimando. Ela viu novas cores - roxo, azul e vermelho - e imaginou voar com suas próprias asas. Durante aquele clarão de escuridão, ela olhou para o Pégaso e viu seus olhos refletidos nos espelhos escuros de seu olhar, âmbar e cintilando como moedas.

Ele sacudiu as faíscas em sua juba. *Você não é deste lugar. Seus cílios são lascas da lua, e seus olhos perfuram a escuridão com a luz das estrelas.* Ele virou-se e trotou para o ambiente sem outra palavra.

Stain entrou na casa e se jogou no catre. Emaciada e defeituosa como era, Scorch dera a ela o primeiro vislumbre de si mesma.

Crony entregou a Stain uma xícara de chá enquanto Luce resmungava alguma coisa sobre o quintal. Ele levou um jarro de água e apagou os pequenos fogos que queimavam suas flores. O cuidado que ele teve em salvar cada um a impressionou, e ela começou a confiar nele, mas permaneceu cautelosa com a bruxa.

Crony retirou o curativo na cintura de Stain e algumas crostas se soltaram, reabrindo as feridas. Stain engasgou em um grito silencioso, se contorcendo para escapar.

Crony segurou seu ombro. — Não há necessidade de se segurar, apenas um. Comece a fazer barulho. Isso ajudará você a se sentir melhor. Grunhidos são tão bons quanto falar com alguém como eu. Então não tenha medo de tentar.

Era óbvio, então, que nenhum dos seus observadores percebeu o quanto ela estava quebrada. Ela suspeitava que eles não soubessem mais dela do que ela própria sabia. Se eles tivessem tropeçado nela. A encontrado em algum lugar meio morta?

Ela tocou sua garganta, seus olhos ardendo com aquela secura quente desconcertante que deveria ter precedido as lágrimas.

O olhar pantanoso de Crony se estreitou. — Você não tem voz? — Ela recuou, como se o pensamento quase a derrubasse. Ela se virou para Luce, que

atravessou a soleira com um buquê de flores na mão.

— Ela não tem voz.

As feições de Luce - tão amáveis em meio a toda a fealdade - caíram. Ele balançou a cabeça e se virou com um rosnado baixo.

Apesar da tentativa de consolo de Crony, Stain a temia pelas razões erradas: seu rosto reptiliano, a grosseria de seus maneirismos, os chifres que captavam a luz do dia nebulosa, acentuando pontas afiadas e curvas. A bruxa parecia ferida quando Stain a afastou. Mas havia paredes erguidas entre elas que Stain não tinha como quebrar - nenhum modo de se comunicar ou um terreno comum para se apoiar.

Crony se afastou e permitiu que Luce corrigisse as feridas de Stain. Ele conseguiu ser gentil até que ele amarrou uma bandagem muito apertada em torno de seu joelho. Por fim, a frustração engarrafada de Stain transbordou e o instinto tomou conta. Seus braços se levantaram e seus dedos se moveram em símbolos e letras que tanto a surpreenderam quanto a empoderaram. Ela gritou para ele com as mãos.

Ele recuou, desnorteado. — O que ela está fazendo?

Crony se aproximou com os olhos arregalados de espanto.

— Falando. Ela está dizendo que você amarrou sua perna como um torniquete. Solte-a.

Luce fez o que lhe foi pedido. Emocionada por ser compreendida fora de sua mente, Stain assinou um agradecimento a Crony. Então lhe contou tudo o que pôde lembrar: a verdade sobre o Pégaso, como ela acordou sem qualquer lembrança e ficou assustada com a forma adormecida de Crony, como os fios de sol que espreitavam através das folhas queimavam sua pele.

Crony respondeu pacientemente. A bruxa confirmou que eles tinham encontrado Stain morrendo perto da entrada da ravina, e que qualquer coisa do seu passado era um mistério. Mas Stain deixou de lado a perda que sentia, pois agora fizera outra conexão. Sua confiança germinou como as flores que ela podia chamar com as pontas dos dedos. Ela percebeu que Crony tinha uma alma

gentil e não era o monstro que ela confundiu.

Duas semanas se passaram e Stain usou o tempo para se curar, embora Scorch não tenha voltado a visitar. Enquanto Luce e Crony foram ao mercado, ela foi autorizada a explorar, mas apenas se vestida como um menino. Crony insistiu que esse disfarce era necessário para evitar que uma garota vivesse na floresta, para protegê-la de quem a tivesse deixado morta. Seus guardiões atrasaram sua introdução aos habitantes, então Stain pôde praticar os maneirismos e a aparência de um menino. Isso ela fazia na solidão a cada dia enquanto estava escondida no labirinto de árvores e arbustos perto de sua casa.

Durante sua peregrinação solitária, ela deixou cair fatias de maçã seca no caminho que andava. Finalmente, um dia, ele bateu atrás dela. Ela se virou, segurando o restante da maçã em sua mão: escovada com mel e rolada de aveia - um deleite irresistível para qualquer cavalo. Mas ele não era apenas um cavalo. Ele era penas, chamas e sombras, uma criatura mítica alimentada pelo orgulho.

O Pégaso levantou os olhos ao comer a última fatia no chão.

Ela esticou a palma da mão, a maçã de aveia equilibrada em cima de suas cicatrizes.

Suas narinas se alargaram, provando que ele cheirava o deleite. Ele cravou. *Jogue aqui.*

Você deve comer da minha mão, Scorch.

Ele deu uma palmada, seu casco levantando cinzas. *Eu não sou um pônei treinado, sem graça. E eu posso encontrar minhas próprias maçãs.*

Não é como esta. Ela deu vários passos para frente, embora seus pés tremessem dentro de suas botas. Ela tinha esquecido como ele era alto e intimidador quando não estava meio afundado em um pântano. *Eu fiz isso especialmente para você. Para te trazer felicidade.*

Ele bufou e fumaça escapou de suas narinas. *Trampolim humano. Queimando-os em cinzas e esmagando seus ossos em pó sob meus cascos. Isso é o que me faz lamber de felicidade.*

Ela notou três flechas saindo de seus flancos. Ele deve ter desfrutado

recentemente de uma tal tirada. *Por que você odeia humanos?*

Eles estão abaixo de mim, mas eles querem me domar.

Seus dedos se enrolaram ao redor da maçã para sentir o revestimento áspero e pegajoso, depois se abriram novamente. *Eu não procuro domar você. Eu procuro uma parceria. Eu não aceito nada que você não esteja disposto a dar. Sem flechas, sem cordas, chicotes, sem rédeas ou selas. Me encontre no meio do caminho. Compromisso é mais doce quando oferecido pela mão de um amigo.*

Seus olhos brilhavam com uma chama suave. *Por quê que um Pégaso precisa com um amigo?*

Um amigo é leal - uma segunda defesa contra o perigo. Eu serei seus olhos no chão quando você estiver voando. Eu serei seus ouvidos quando você estiver muito alto para ouvir. E eu serei suas mãos se você ficar preso novamente.

Ele ergueu as asas ardentes ao seu impressionante espaço e deu três passos até que ele se aproximou dela. *Você não é maior que uma partícula de poeira. Demasiada pequena para ser de alguma utilidade.*

Seu corpo inteiro tremia agora. Ela enrijeceu os ossos para escondê-lo. *Eu já provei que minha ferocidade é párea para você.*

Se você é tão corajosa, então dê o último passo em minha direção.

Ela esticou o braço o máximo que pôde, forçando a mão a não tremer. *Às vezes é preciso mais coragem para permanecer no lugar do que para se mover. Eu estou de pé.*

Seus dedos se iluminaram com aquela sensação de queimação quase insuportável.

Grunhindo, Scorch bateu para frente, sua respiração esfumaçada fazendo a ponte entre o pequeno espaço entre eles. Seu olhar inescrutável encontrou o dela. Ele arqueou o pescoço e acariciou a ponta dos dedos até que a luz agonizante se desvaneceu, acalmada pelo contato.

Obrigada. Cautelosamente, Stain ergueu a mão livre para arranhar o lugar

macio atrás da orelha direita. Seu rabo balançou em contentamento enquanto seus lábios se moviam para roer os pedaços pegajosos de maçã em sua palma.

Ela se inclinou mais perto, pressionando a testa para o topete. Seus longos cílios ficaram presos nas mechas de crina que se abaixavam entre as orelhas. *É como eu te disse, Scorch. Seus pensamentos eram apenas um sussurro. A amizade tem muitas recompensas. Eu posso ajudar com as flechas.*

Ele se soltou e sacudiu o pescoço antes de galopar para as árvores. Stain sorriu. Embora seu passado ainda lhe escapasse, seu presente já não o fazia. Ela tinha um amigo e uma família; ela não estaria sozinha nessa jornada.



Cinco anos vieram e foram, muito mais lentos do que um piscar de olhos no crepúsculo do dia, ou um piscar de madrugada à noite. Tanto Nerezeth quanto Eldoria guardaram para si mesmos, além da troca de importações e exportações necessárias para o bem-estar de seu povo e princesa, respectivamente. Tais ofícios eram conduzidos na base do Montanha Astra, onde um túnel canalizava a crescente colheita de rosas de penacéia e conduzia ao portão de ferro de Nerezeth.

No primeiro ano, os esforços de Eldoria para capturar o espião escorregadio associado à bruxa responsável pelos assassinatos de Lustacia, Sir Nicolet e do rei Kiran terminaram abruptamente quando um flagelo de demência infectou os ocupantes do castelo.

Poucas semanas depois de Griselda ter se escondido em um santuário com suas duas filhas e a princesa do reino (seu grande engano desapareceu sem problemas), Mia experimentou uma torta de pombo para ser entregue à família real. Ela sofreu cólicas estomacais tão penetrantes que imaginou os pássaros a bicando por dentro. A empregada tentou cortá-los, e seus gritos agonizantes podiam ser ouvidos em todas as alas do castelo. Wrathalyne e Avaricette asseguraram a sua mãe que esta deve ser a única desvantagem de viver na masmorra, isolada de todo o som, já que eles teriam prazer em ouvir em primeira

mão os frutos envenenados do trabalho de Griselda. Lustacia, passando por uma transformação constante para a princesa Lyra, ficou totalmente fora da conversa. Outras mortes violentas auto-induzidas ocorreram nos doze meses seguintes, incluindo Matilde, a cozinheira, e Brindle, o bobo da corte, para citar apenas algumas. Griselda ficou aquém do primeiro-ministro Albous, permitindo-lhe viver por dois motivos: um, ele era respeitado por sua sabedoria nas estratégias diplomáticas e pela manutenção do reino, até mesmo pela própria Griselda; e dois, porque a morte de um membro do governo teria sido motivo de um exame mais minucioso. Concentrando sua vingança em um punhado de servos, foi bastante fácil culpar a bruxa, mais uma vez.

Griselda conferenciou com os magos reais de Eldoria, convencendo-os de que a bruxa não só colocara um espião no meio deles, mas também uma maldição sobre o castelo. Cada pessoa que vivia no interior das muralhas fora exposta ao mal-estar mental, o que significava que o exército real devia permanecer nos terrenos a todo momento, com a chance de que uma turba histérica pudesse entrar em erupção. Isso pôs fim às expedições militares para o Desfiladeiro Ashen em busca da bruxa, a quem Griselda secretamente preferiu que nunca fosse apanhada e questionada. A mudança nas ordens pouco importava para o exército, já que até aquele ponto a floresta era impossível de romper, devido às espinhosas sarças que fechavam a entrada quando da chegada de qualquer soldado. A maioria das pessoas saía do castelo com medo de enlouquecer, deixando para trás menos de trinta ocupantes. Apenas a família real estendida permaneceu, incluindo três membros do conselho e suas famílias, além dos servos mais necessários - todos sob a supervisão de Griselda.

Com a bruxa ainda em liberdade, os trigêmeos cintilantes decidiram que a proteção de Eldoria era de extrema importância. De sua casa no Montanha Astra, os magos enviavam encantamentos simultaneamente em suas vozes de baixo, barítono e tenor. No entanto, embora eles falassem em uníssono, cada um tinha sua própria ideia do que eles deveriam evocar. O primeiro convocou uma camuflagem impenetrável que se alimentaria do sol; o segundo conjurou uma

cortina perfumada para acalmar os sentidos e neutralizar a maldição de mania da bruxa; e o terceiro acenou com uma paliçada com mordida suficiente para afastar os perigos externos.

Uma bainha viva de madressilvas vinha em resposta, subindo para encobrir todas as cabanas, ruas e cercas da terra, depois envolvendo todas as paredes e torres do castelo. Todas, exceto as janelas e portas, desapareceram dentro da armadilha rosa e verde que desabrochava. No entanto, como muitas vezes acontece quando muitas varinhas agitam uma panela, a entrada mágica amadureceu para algo indisciplinado e inesperado. Uma camada de rebarbas - do tamanho de um punho de bebê e tão pontuda e cruel quanto as agulhas de bronze usadas pelas costureiras do castelo - cobria cada folha e caule. As flores perfumadas e coradas atraíam enxames de abelhas ardentes. Atravessar a fazenda ou o mercado se mostrou difícil; era preciso usar roupas grossas, botas, luvas, capuzes e máscaras para proteger a pele e o cabelo, além de carregar tochas - tratadas com repelentes de fogo para liberar fumaça pesada em vez de chamas - que poderiam abrir caminho entre as abelhas. Essas preparações tornaram o ar quente e desconfortável. As crianças não podiam mais brincar do lado de fora por risco de sua carne tenra.

Estimulados pela inquietação das pessoas, os magos tentaram reverter o que haviam feito, mas nenhuma quantidade de magia afetou as videiras floridas, que diariamente ficavam mais grossas e mais fortes devido ao sol que nunca acabava. As próprias rebarbas impediam a poda ou a destruição das raízes. O fogo só pareceu fazê-los crescer. A única coisa que encolheu os adesivos para que a folhagem pudesse ser despojada era apagá-los com as mesmas sombras da meia-noite enviadas por Nerezeth para o tecido noturno da princesa. Infelizmente, nunca haveria o suficiente para borrifar todo o reino. Apenas uma poderosa lavagem do luar, lançada do céu, poderia neutralizar o poder regenerativo do sol e dar tempo para que as plantas fossem arrancadas. Como não havia noite para combater o dia, não havia esperança.

Os magos consideravam conjurar uma praga de aranhas para capturar as

abelhas, mas, sabendo que muitos cidadãos de Eldoria compartilhavam o desdém da regente pelas criaturas das trevas, isso traria um problema para outro.

Assim, as coisas foram deixadas como estavam, e um povo que uma vez passou todo o tempo acordado do lado de fora ficou alojado dentro de suas casas, exceto quando absolutamente necessário para se aventurar. A terra agitada da luz perpétua tornou-se um lugar solitário e tranquilo, com seus ocupantes olhando para o céu radiante e paisagens exuberantes das janelas e portas, raramente sentindo o sol em seus rostos. Pelos próximos anos, os Eldorianos ficaram escondidos, tristes e miseráveis, esperando que o príncipe de Nerezeth reivindicasse sua noiva, confiando na profecia de “noite e dia unidos” para oferecer um alívio de sua prisão encantada.

Para a parte de Griselda, ela se alegrou. Embora no começo Wrathalyne e Avaricette resmungassem sobre desistir de sua liberdade pela felicidade de sua irmã, Griselda conseguiu estancar seus ciúmes assegurando-lhes que ser irmãs da rainha tinha suas vantagens, cavaleiros bonitos de ambos os reinos à sua disposição. Depois disso, ela e suas filhas se adaptaram à vida em sua luxuosa cela de masmorra iluminada por parafina. O que dói para os aldeões e os súditos terem que se esconder também? O desespero e o sofrimento levariam à lealdade e gratidão.

Griselda sabia que um dia todos lhe agradeceriam. Assim como as mortalhas previam, ela estava trazendo a profecia fazendo sua filha se encaixar no molde da princesa. Logo Lustacia encontraria cada detalhe, palavra por palavra.

10

Cordas de avental e

Coisas aladas



Sem o conhecimento da regente presunçosa de Eldoria, dentro da escura metrópole da Ravina Ashen, a verdadeira princesa vivia, assim como a bruxa que sabia que Griselda estava enfeitiçando uma impostora. E Crony tinha uma visão diferente sobre as profecias.

Nos séculos de experiência da bruxa, uma previsão se veria preenchida na absolvição, não importando quem tentasse interferir. Isso lhe dava conforto, considerando que a criança que uma vez salvara não tinha mais uma voz de canto de pássaro, nem cabelo prateado brilhante, nem era sequer uma menina, pelo menos para os duendes, assassinos, degenerados e párias que moravam ali. Para os ocupantes da ravina, ela era conhecida simplesmente como Stain, o menino parecido com aparições - de origens desconhecidas - que entrou na floresta cinco anos antes e foi levado pela bruxa e sua corte para um grupo de mãos extras. Até as próprias mortalhas ainda acreditavam que ela fosse um menino, pois as sombras e os escorpiões nunca os haviam deixado perto o suficiente para ver o contrário.

No entanto, havia duas coisas que a princesa possuía que nunca poderiam ser comprometidas ou tiradas: o espírito nobre de seu pai e seu sangue real. Crony esperava que isso bastasse para levá-la de volta à sua identidade e ao trono - e logo - por agora que a princesa tinha dezessete anos, a chegada do príncipe Vesper em Eldoria era iminente.

Crony entrou em seu quintal, sentindo a pressão do tempo mais do que o habitual. O curso de cessação havia terminado há uma hora e ela precisava se livrar de seus dois inquilinos durante o dia. Ela não queria uma audiência para a

tarefa sombria que ela deveria empreender. Ela não queria que Luce soubesse por que ela se movia mais devagar ultimamente, que os ossos dela começaram a ficar frágeis, que o sangue dela corria lento e o coração dela batia com um ritmo indiferente.

A velha bruxa ajoelhou-se, joelhos rangendo, para estudar as flores de cada lado do caminho da rocha que levava à sua porta. Ela se inclinou o suficiente para que seu perfume delicado fizesse cócegas em suas narinas. Pareciam pinceladas de vermelho, fúcsia, azul e damasco flutuando sobre a cinza inconstante.

Muitos dos ocupantes da ravina construíram casas dentro de troncos maciços de árvores, ou alguns empoleirados em tendas de lona equilibradas nos galhos. Outros enfrentavam-se dormindo ao ar livre nas terras baixas, onde as cinzas eram mais finas, apesar de que, ao fazê-lo, corriam o risco de serem engolidos por uma poça de pêlos errante ou arrastados por vinhas para o domínio das mortalhas.

Quanto a Crony, ela reivindicou um bosque isolado e sem ar. Sua casa era um andaime sem paredes, colocado sobre um piso de pedras largas e planas para evitar as poças de pelo. A moldura de madeira - feita de salgueiro, a madeira mais receptiva à magia - estava apoiada em um círculo de troncos pretos e pregada no lugar, formando três quartos, uma cozinha e uma porta em torno de seus móveis empoeirados. Os móveis descartados dos cidadãos de Eldoria se associavam idealmente à morada de cadáveres: cadeiras limpando o acolchoamento de costuras rasgadas, colchões rasgados recheados de palha e folhas podres, pufes feitos de caixas viradas para cima, uma fogueira coberta de tijolos quebrados, um cedro lascado, e vários barris estourados que sorriam como bobos palpitantes.

As janelas também eram caixilharias vazias, cada uma trabalhada com quatro pedaços de madeira pregados juntos e pendurados no meio do caminho, sustentados por fios presos aos galhos das árvores entrelaçados.

Luce gostava de provocá-la sobre o absurdo das janelas de uma casa sem

paredes, mas Crony insistiu que até mesmo uma bruxa velha e imunda precisava de alguma aparência de refinamento. Em cada soleira havia um vaso quebrado ou uma xícara de chá lascada cheia de penas de pássaros ou flores frescas. Saias de seda e veludo, alinhadas na parte superior dos caixilhos das janelas, costuradas a partir de roupas que Crony havia tirado dos cadáveres mais bem vestidos que ela havia pilhado. Cortinas de retalhos semelhantes se estendiam acima dos galhos até o chão para esconder o quarto da princesa - uma adição que ela tinha feito pela privacidade da garota. Qualquer sobra de tecido cobria os suprimentos de Crony: poções, potes e lojas de alimentos, todos dentro de escadas de galhos e grandes pedaços de madeira servindo como prateleiras e armários na cozinha. Ela perdeu suas receitas mágicas séculos antes, mas conhecia as importantes de memória.

Alguns poderiam pensar que a dela é um modo primitivo de viver, mas não havia necessidade de vidraças ou paredes resistentes em um bosque fechado, onde as chuvas nunca penetravam e os ventos nunca se lamentavam. No mundo civilizado, paredes, teto e vidro mantinham as florestas fora. Mas sendo ela mesma da natureza, Crony acolheu essas coisas - musgo, cinzas e grime mofados.

Nesta terra devastada, os ocupantes mortais eram os vermes. Para evitá-los, Crony havia infundido a estrutura de sua casa com visões horríveis - um ataque de figuras fantasmagóricas de cara de caveira em vestes escuras; um pântano crescente envolvendo os arredores; caindo de cara em um buraco de víboras - memórias dos moribundos tão vívidos que o ladrão acreditaria que fossem seus.

Nos primeiros anos, Crony muitas vezes voltava para casa do mercado ou caçava para encontrar um possível atacante ou ladrão enrolado em posição fetal ao lado da moldura da porta. Hoje, sua reputação a precedeu, tornando-se uma ocorrência rara para qualquer um entrar em seu quintal.

Pensamentos do quintal chamaram a atenção de Crony de volta para o arco-íris em seus joelhos - as únicas flores em toda a ravina, além das que

decoravam sua loja. Ela mal ouviu os passos de Luce se arrastando até que os dois pés pararam ao seu lado, envoltos em botas pretas empoeiradas. Ele usava sua forma humana hoje e parecia ostentoso e completamente fora de lugar aqui em suas finas vermelhas.

—Elas estão murchando. — Um rosnado canino pontuou sua observação enquanto ele cutucava um aglomerado de esporas com o dedo do pé da bota. — Ela tem negligenciado elas para passar tempo com o idiota.

Crony hesitou em responder, meio divertida com o aborrecimento de Luce, mas também entristecido. Antes da chegada da princesa, as vidas de Crony e Luce tinham sido limitadas a tons de preto e cinza, como todo mundo está nesse lugar maldito. Nada além de cinzas e arbustos ao encontro dos olhos. De muitas maneiras, a princesa trouxe cor ao seu mundo. Crony se perguntou quanto tempo as flores durariam uma vez que ela e Luce vivessem sozinhos novamente. Embora, na verdade, ela não esperasse estar viva o tempo suficiente para saber.

Com o maxilar cerrado, Crony enfiou a mão por baixo da cobertura de solo fuliginoso e achou quente ao toque. — Deixe-a ter mais a ver com o calor do que com qualquer negligência. É perder tempo em Eldoria. Embora meus ossos sintam uma tempestade no horizonte. — A ravina era sempre mais fria que Eldoria; mas as cinzas contorcendo-se em torno de seus tornozelos levavam indícios do tempo do reino, sendo aquecidas por manchas de luz solar que se infiltravam por locais mais finos no dossel.

Luce se abaixou para pegar um talo de columbine. As pétalas da pervinca e a folhagem marrom destacavam-se vividamente contra sua carne luminosa. — Você está apenas procurando desculpas. Ela está ficando irresponsável. Sai com seu burro de fantasia até todas as horas. Explorando cada centímetro desta ravina. Ela tem sorte que os sudários não tenham comido os dois.

—Você está sendo um pouco duro com ela. Vendo como ela nos ajuda no mercado a cada dia.

—Mas o coração dela raramente está lá. Ela está sempre desejando estar com ele, envolvida em frivolidades que possivelmente não podem levá-la ao

trono. Você é quem diz que precisa praticar seus dons e habilidades “políticas”, por mais difícil e tediosa que seja.

—Sim, já que não podemos estar divulgando quem ela é.

—Exatamente assim. Nós não podemos compartilhar a idade dela. Suas responsabilidades são a única maneira de redescobrir sua identidade. É hora de ela começar a levá-las a sério. E para esse fim, eu pretendo ver que ela arrume o jardim hoje, antes de sairmos.

Crony olhou para cima, sufocando o sorriso que queria se libertar. Ela não podia arriscar murchar as flores ainda mais.

—O quê? — Ele perguntou, seu rosto deslumbrante franzindo a testa para ela.

—Só não achava que um dândi canino se encaixaria tão bem nos padrões paternos. Essas cadeias de avental precisarão ser soltas um dia em breve.

Seus dentes pontudos brilhavam em uma risada zombeteira que reverberava através das árvores. — Cordas de avental, bah. Nós estendemos nossos pescoços por ela. Eu não vou deixar os últimos cinco anos de sacrifício por nada. — Ele tirou duas grandes bolsas de couro presas no ombro por tiras. — Stain me deve um conjunto de asas e devo a você, bem, seja o que for que você espera ganhar. Redenção, não era? Venha pensar, você ainda não compartilhou os detalhes de seus erros e por que estamos obrigados por este voto de não-interferência. — Ele bateu o lábio inferior com o columbine puxado, seu olhar intencionalmente estreito.

Crony redirecionou a conversa. Ele aprenderia sobre seus segredos em breve. — Eu esqueço? Suas asas dependem de um sacrifício altruísta. É melhor você tomar seus desejos e necessidades fora da equação para atender a esse critério. Sim?

Antes que ele pudesse responder, eles ouviram movimento na casa quando Stain saiu de trás de sua cortina. Sua carne misturava-se à obscuridade - permanentemente tingida de um cinza sujo pelo barro encantado e sol-solvente que Crony insistia em usar, tanto para se proteger dos fios da luz do dia quanto

para esconder sua verdadeira identidade. Sua túnica solta de musselina, colete de aniagem e calças de lona também serviam ao último propósito, assim como o couro cabeludo tosado. Por alguma razão inexplicável, as longas madeixas prateadas da garota nunca tinham crescido depois que Luce e Crony a resgataram - sem passar por uma boa penugem. Uma das várias esquisitices, pois seus cílios não podiam ser puxados ou presos sem causar à criança uma imensa dor interna, como se ela fosse uma parte viva dela, formada de nervos e luz da lua. Crony havia imaginado que era por isso que eles cresceram tanto e se curvaram para cima, alcançando o céu onde a lua uma vez estava pendurada. Como não conseguiam mudar os olhos, concentraram-se em tornar o brilho prateado no couro cabeludo mais comum, morrendo de barba por fazer suco de amora e mantendo-o assim até hoje.

Como resultado dessas mudanças e do abuso sofrido por seu corpo, a garota não era nada especial de se ver. Seus únicos atributos eram chicotadas e lábios muito bonitos. Aqueles não pareciam importar, pois as pessoas não conseguiam enxergar além de sua concha imunda, cheia de cicatrizes e esbelta. Crony se preocupou que a transformação tivesse sido muito completa. Pois que grande príncipe acharia a moça casável em tal estado de rufião?

Stain parou onde a janela da cozinha estava pendurada sobre uma pia feita de um barril de vinho descartado. Ela olhou para cima - emoldurada pelas quatro ripas de madeira - e acenou para seus guardiões. Seus brilhantes olhos lilases e lábios sorridentes iluminaram a casa escura.

Crony teve que desviar o olhar ou arriscar-se a responder em espécie. Aquele sorriso, e a profundidade de gentileza e sabedoria naqueles olhos, brilhavam tanto contra a simplicidade da garota que era contagiante.

Como se provasse o ponto de Crony, Luce ofereceu uma onda de resposta e sorriu. Crony levantou uma sobrancelha e deu-lhe um olhar conhecedor. Ele se conteve e xingou, colocando a mão no bolso.

—Vamos seguir em frente. — Ele gritou para encobrir sua fraqueza momentânea, apontando para a floresta. Dentro do labirinto de árvores e

arbustos, uma trilha sinuosa de ônix levava ao mercado algumas quartas de distância. — Crony quer que a gente abra a loja hoje e leve o estoque. Já estamos atrasados e o jardim ainda precisa da sua atenção.

Franzindo as sobrancelhas, quase transparente contra a pele descolorida, Stain assentiu. Ela mergulhou toda a cabeça na água da pia - reservas do Lago de Cristal que Luce mantinha cheia para ela. Ela se ergueu e ofegou com o frio. Córregos cintilantes deslizavam seu couro cabeludo e depois corriam para o rosto dela. Gotas reluzentes se agarravam a seus cílios extensos. Secando com a manga, ela deixou uma mancha de cinza do barro de ontem sobre a musselina. Depois de espalhar mais protetor solar, ela se enrolou em algumas luvas e pegou um punhado de café da manhã, optando pelas mordidas secas de couro de codorna e maçã murchada de uma tigela rachada.

Colocando um pouco de comida em sua boca, Stain correu pelo limiar. Um relincho ansioso lançou o ar espesso e o sorriso estonteante da garota voltou, ainda mais brilhante, quando o Pégaso trotou para fora das árvores e para o pátio.

Orelhas de volta, a besta bufou para Luce e Crony enquanto ele passeava até Stain, mexendo nuvens de cinzas sob seus cascos. Ele parou, elevando-se acima da garota, as asas dobradas para os lados, esperando. Ele repreendeu-a com os olhos e ela soltou uma risada silenciosa antes de oferecer alguns pedaços de maçã.

Scorch acariciou o lanche e contorceu o rabo contente quando ela estendeu a mão para esfregar atrás da orelha direita com as mãos enluvadas. As brasas em sua juba lançavam luz ao longo de sua pele pálida e seu casaco preto, parecendo estrelas contra o céu tempestuoso. Uma analogia apropriada, já que muitas vezes pareciam ser duas constelações com uma conversa imperceptível para aqueles ligados à terra.

Uma careta mal-humorada obscureceu os recursos de Luce.

— Bem, tanto para ela não se distrair. O que, ele dorme nas árvores agora? — Ele olhou para os galhos. — Certamente há um ninho do tamanho de um

cavalo em algum lugar.

—Se assim for, teremos boa sorte. Ovos pégaso escalfados são uma iguaria.

Luce revirou os olhos.

Crony riu dentro de si. Ela não conseguia decidir se a aversão do sílfide ao cavalo alado resultava da necessidade de compartilhar as atenções de sua ala, ou se ele invejava as asas de Scorch. Ela imaginou um pouco dos dois. De qualquer forma, o desconforto de Luce proporcionou-lhe horas de diversão sem fim.

Muitos na ravina tentaram capturar o garanhão, mas ele sempre se libertou, deixando para trás um rastro de cadáveres cortados em fogo. Em deferência a suas vidas, os habitantes finalmente aprenderam a deixá-lo. Só Stain poderia chegar perto dele. Ela contara a Crony que, no fundo do coração preto de Scorch, havia um diamante delicado, precioso e raro, e ela um dia o veria.

Afastando-se de Scorch, Stain fez um sinal para o sol na direção de Luce e Crony.

Luce assentiu. Crony lhe ensinara a língua - como ler as letras e os sinais que Stain formava com as mãos. Crony sabia disso, séculos antes, quando Nerezeth e Eldoria eram aliados. Era uma língua perdida, outrora universal para os dois reinos - uma maneira de se comunicar silenciosamente através de curtas distâncias. Naquela época, os drasilisks consumiam o céu noturno. As criaturas noturnas eram meio cegas e parecidas com morcegos, e confiavam na audição e na ecolocalização para encontrar sua presa humana. Os dois reinos combinaram suas infâncias e usaram comunicações manuais para elaborar estratégias e finalmente derrotaram a praga alada e serpentina ao trabalharem juntas.

Poucos sabiam como cifrar os sinais agora, assim como poucos se lembravam de uma época em que Eldoria e Nerezeth coexistiam em harmonia. Mas Crony se lembrava - como apenas aqueles que estavam mortos ou imortais o fariam.

Alguém em Eldoria pensara em ensinar a princesa a antiga língua, e Crony estava agradecida. Foi a única maneira que ela conseguiu ganhar a confiança da

garota.

Depois de fazer outro sinal para a água, Stain ajoelhou-se e correu as luvas pelas flores caídas enquanto o Pégaso esticava o pescoço para mordiscar a umidade do couro cabeludo.

Luce se agachou. Atordoado com o ruído de cinzas agitado pelo casco da frente de Scorch, ele tirou o cantil da cintura e segurou-o ao lado de um raminho de larkspur.

Stain enrugou o nariz, se preparando. Removendo uma luva, ela cavou os dedos - pontas iluminadas por um brilho dourado - nas cinzas. Então ela chamou as sementes dormentes de columbine, larkspur e coração sangrando que sobraram de séculos antes.

Scorch sacudiu a juba, as pernas graciosas e os cascos prateados dançando enquanto a cobertura de solo fuliginosa piscava com um lampejo de luz. Luce adicionou água da cantina e quatro novas flores explodiram do chão enquanto as flores existentes cresciam maiores e mais brilhantes.

—Muito bem, criança. — Crony deu um tapinha no ombro tenso de Stain.

A garota estalou a cabeça em sinal de reconhecimento, com muita intenção de superar a dor para encontrar o olhar da bruxa.

A capacidade da princesa de despertar a vida de sementes enterradas muito abaixo da Terra, tão abaixo de que deveriam ter morrido há muito tempo, era inexplicável no começo. Crony não conseguia entender como alguém, formada e reverenciada pela noite, poderia abrigar a luz do sol em suas mãos. Mas depois de ver a lembrança da garota de quando ela abriu uma carta muito especial escrita em dourado em pergaminho preto, a bruxa tinha uma hipótese que envolvia o próprio príncipe. E se ela estava certa, havia uma conexão entre os dois já no lugar.

Tomando uma respiração medida, Stain reuniu um buquê com as flores mais cheias e as ergueu para Crony. *Fresca, para os vasos,* ela assinou com a mão dourada e brilhante.

Crony segurou o queixo da menina. — Obrigada. Sempre é bom ter um

pouco de folhas para mim nas janelas. — Ela pegou as flores e mancou em direção à porta, depois se virou. — Vocês dois deveriam estar no seu caminho.

Stain ficou de pé e limpou a palma da mão, permitindo que Scorch a acariciasse. O brilho desapareceu das pontas de seus dedos, como se ele absorvesse isso. Crony nunca perguntou, ela estava certa. De alguma forma, o cavalo era capaz de aliviar sua dor.

Luce ofereceu uma bolsa de couro para o Stain. Para não ser esquecido, Scorch cutucou entre eles, as asas abertas - as farpas de cada pena cravejadas de cinzas alaranjadas.

Luce resmungou algo em voz baixa que fez Stain sacudir a cabeça carinhosamente, depois os três começaram a andar em direção às árvores espessas que cercavam o terreno de Crony.

Stain distraidamente puxou o talismã em volta do pescoço. Era o ritual da garota, tocá-lo toda vez que ela se aventurava. Para que ela pudesse deixar o busque em segurança, assegurando que a chave de sua casa esquelética não desapareceria como o passado e a família que ela não conseguia lembrar.

Stain acreditava que sua amnésia era resultado do abuso que alguém lhe causara quando a deixaram morta dentro da ravina. Crony alimentou a mentira, embora muitas vezes se perguntou se a princesa iria perdoá-los se ela soubesse a verdade sobre as contribuições de seus guardiões para os males que se abateram sobre sua família - os papéis que desempenharam em suas tragédias pessoais. Então Crony se perguntava quando começara a se importar.

Stain acenou adeus antes de pisar com Luce ao longo da trilha brilhante de brasas deixadas no rastro de Scorch, nos arbustos e árvores, bolsas de couro penduradas nas mãos.

Crony enterrou seu nariz serpentino no buquê de flores, inalando. Logo, ela estaria vendo a garota sair pela última vez, se pudesse encontrar um meio de levá-la ao castelo. A verdadeira princesa deveria estar lá para saudar o príncipe para que todos possam se encaixar na profecia. Mas Crony não conseguiu convencer Stain a ir, nem poderia fazer Luce fazer o mesmo. Tinha que ser uma

decisão da própria Stain de alguma forma. No entanto, ela temia que fosse perigoso para a garota fazer a jornada e encarar Griselda sozinha sem suas lembranças. Os Eldorianos acreditavam que eles já tinham sua princesa, e Stain não se encaixava mais na descrição. A impossibilidade do enigma irritou a mente antiga de Crony.

Ela entrou em seu quarto e se inclinou sobre o peito de cedro na base do baú de um elmo negro, onde ela e Luce guardavam suas armas roubadas e itens encantados. Abrindo a tampa, ela procurou por uma pequena caixa escamosa com dobradiças pretas. Ela escolheu fabricá-la de couro drasilisco devido à sua qualidade indestrutível. As palavras princesa - resolução foram rabiscadas em uma escala particularmente grande e pálida em tinta preta. Enquanto procurava, uma agulha, parcialmente embutida na túnica de um homem morto ainda precisando de uma bainha, perfurou o polegar de Crony. Um filete de sangue escuro brotou no local.

A bruxa amaldiçoou. Houve um tempo em que sua pele teria entortado algo tão benigno como uma agulha ao meio. Após borrar a ferida para conter o fluxo, ela encontrou a caixa que procurava, mas uma gota de sangue caiu sobre o “s” na resolução da palavra e a lambuzou para se assemelhar à revolução.

Ela decidiu que não importava. Luce saberia para que era a caixa quando a hora chegasse. Ela levantou a tampa e tirou o livro de memórias de vidro da princesa. Crony conhecia todos os aspectos de sua infância agora, e Luce sabia tudo o que a bruxa tinha escolhido para compartilhar.

Ela abriu uma página para ver as partes fragmentadas de uma cena passando em tons suaves de brancos, cinzas e pretos: a memória de Stain de ficar de pé sobre os sapatos do pai real e de aprender a valsa. Como Crony ainda precisava estimular as imagens, elas só podiam ser vistas por seus olhos.

Era hora de encerrar os momentos preciosos, até que o futuro da princesa se alinhasse. Retornando o livro à caixa, Crony sussurrou um encantamento sobre a tampa. O selante mágico colaria a caixa fechada até o momento em que a princesa recuperasse sua coroa e ganhasse a fidelidade de ambos os reinos.

Colocando a caixa no porta-malas, Crony cavou mais fundo, retirando a nota que tinha começado logo depois que ela e Luce salvaram a herdeira de Eldoria. Ela procrastinara terminar com demasiada frequência. As palavras forçaram-na a admitir sua mortalidade, algo que ela não gostava de pensar. No entanto, com o príncipe chegando, os arranjos finais devem ser feitos.

Ela desdobrou a nota para reler o que tinha escrito até agora:

Luce

Se você estiver lendo isso, eu vou embora. Deixarei-o irritado como eu parti. Você deve entender, se você soubesse, teria dado complicações indesejadas. Mas eu ainda pretendo ajudá-lo, como você sempre me ajudou. Eu tenho os meios para você reivindicar sua verdadeira forma novamente. Mas primeiro, peço um último grande gesto. Que você entregue a caixa da princesa para Madame Dyadia, a feiticeira real de Nerezeth. Ela está trancada, incapaz de entregar seu conteúdo até que nossa garota use a coroa que uma vez se sentou na cabeça de sua mãe. Depois disso, Dyadia pode devolver as memórias a sua legítima dona. Eu compartilhei o conhecimento quando nossos reinos permaneceram como aliados, muito antes da divisão dos céus. Dyadia contará todos os meus segredos, se ainda quiser saber. A caixa marcada para Griselda é sua. Aí estão os muitos pecados da regente. Deixe-a, pode ser uma ferramenta para libertar você e nossa guarda do poder venenoso de Griselda, que a sua contrição possa ser reivindicada por aquelas asas que você está perdendo há tanto tempo.

Crony mergulhou uma pena em tinta para completar a nota, mas parou, a atenção voltando para o baú onde uma caixa vermelha, a forma e o tamanho de uma gaiola em forma de cúpula, estava enterrada sob o pano e outros artigos diversos. Se ela se concentrasse, ela podia ouvir os pedaços da consciência de Griselda se agitando lá dentro.

Luce não sabia que Crony a mantinha escondida aqui, ou que ela a roubou anos atrás enquanto os sudários se perdiam em um frenesi de alimentação. Tinha sido concebido como um presente para seu companheiro sílfide, um meio para

ele se vingar. Mas quando a princesa caiu em sua fortaleza, tornou-se alavanca.

Ninguém poderia ter mais poder sobre Griselda do que aquele que segurava sua consciência. Aquela que abrigava o sabor ácido dos pecados que cometera, embora encantada o suficiente para não se sufocar neles. Se toda a essência fosse liberada sobre a regente de uma só vez, isso a deixaria de joelhos.

No entanto, Crony não tinha a magia de reunir a consciência de Griselda com seu corpo e mente. Apenas Umbra. Caberia a Luce encontrar uma maneira de atrair seu passado amoroso de volta ao barranco, jogá-la à mercê da mãe do sudário.

Franzindo a testa, Crony pressionou a pena na nota para começar a escrever, mas parou de frio quando o canto de um corvo ecoou à distância - um choro característico que terminou em um uivo, mais próximo do banshee do que do pássaro.

A respiração de Crony ficou presa.

Fazia tanto tempo, mas ela conhecia aquele som sombrio em qualquer lugar. Deixou cair a nota e o tinteiro na pressa de se levantar, uma pasta de cinzas e tinta manchando a bainha da capa enquanto girava para olhar para cima.

O corvo subia ao longo da parte inferior do dossel: grande como um abutre, um olho rosa centrado acima de seu bico branco, penas tão puras e pálidas quanto creme fresco. Diminuiu a velocidade, depois empoleirou-se num galho alto fora de alcance, observando Crony atentamente.

—Thana. — O nome do corvo caiu dos lábios da bruxa, uma palavra que ela não tinha falado em séculos. Parecia música em sua língua bifurcada, e ela sorria à nostalgia. Mas a lógica insistia em qualquer reação desse tipo. Se Dyadia conjurou seu pássaro albino para explorar com seu olho portador aqui nesta floresta, isso poderia significar apenas uma coisa: o príncipe tinha optado por viajar através da ravina a caminho do castelo. Ele já estava nesse lugar ou perto.

A exaltação lutou com medo dentro dela. Unir Stain com seu príncipe não seria mais um problema. Mas o que aconteceria no encontro deles, já que Stain parecia mais menino do que menina e não tinha voz?

Crony apressadamente rabiscou seu nome ao longo da nota. Ela deixou cair a nota ao lado da caixa contendo o livro de recordações de vidro já dentro do baú.

Ao fechar a tampa, ela correu para o mercado, com o cajado na mão. Ela não podia interferir, mas nada a impediria de assistir.

O corvo levantou-se de seu poleiro e seguiu à distância, o baque de suas poderosas asas erguendo o cabelo ao longo da nuca de Crony. Thana seguindo-a não augura nada de bom - embora não tenha havido motivo para pensar sobre isso.

Chegara o momento de Stain reivindicar seu destino e todos os erros de Crony voltavam para casa.

11

Uma serenata de Ossos brutais



Dentro do Rigamort, a mais bela caverna mística de gelo de Nerezeth, havia uma passagem guardada pela mais majestosa das criaturas do reino noturno: os brumlocks - encantados por serem leais a cada rei sucessivo e protegerem a fronteira oculta da terra.

Durante séculos, o túnel que guardavam tinha sido usado por duendes de geada que vendiam coisas no mercado negro, contrabandistas de sol, e ocasionalmente pelos Devastadores da Noite, que tinha uma missão secreta, pois levava diretamente para o Desfiladeiro Cinzento. Aquela terra assombrada fornecia a camuflagem ideal para aqueles que roubavam o sol ou que desejavam ficar escondidos dos olhos erigidos de Eldoria. No entanto, ninguém poderia entrar em Nerezeth por esta mesma passagem, a menos que eles pertencessem à noite. Os veados Brumal podiam sentir sua própria espécie, e qualquer um dos dias do reino, criatura ou homem, tolo o suficiente para tentar entrar, era vítima de chifres mortais.

Era esse mesmo túnel que o príncipe Vesper planejava fazer em sua viagem a Eldoria. Ele sabia, a partir de notas que ele trocou com sua noiva através de gralhas, que a princesa e sua família tinham sido trancadas dentro de uma masmorra em Eldoria desde o tratado de paz - tudo devido ao medo de uma bruxa assassina. Não somente a prisão afetou Lady Lyra, mas todas as cabanas, paredes e torres dentro de sua terra foram engolidas por vinhas farpadas que tinham sido destinadas a protegê-las do mesmo conjurador vingativo. Ele prometeu há muito tempo para mantê-la segura e pretendia vê-lo feito. Era o mínimo que ele podia fazer, pois sem sua música e seu toque, sua maldição o endurecera a uma estátua de ouro e estourararia seus ossos de pedra em mil filetes de luz. Mas com ela, juntos, eles reuniam o sol e a lua e curariam as duas terras.

Dentro de uma hora, ele e sua comitiva começariam a jornada para o dia. Como só havia noite aqui, seu povo foi para a cama depois daquele vislumbre nebuloso do amanhecer no céu, muito parecido com o início dos cursos de cessação dos Eldorianos em um piscar de olhos. No entanto, o príncipe havia ordenado a todos em sua comitiva que se retirassem cedo, para que ficassem descansados o suficiente para sair quando o céu brilhasse rosa.

Inseguro demais para seguir seu próprio conselho, Vesper parou na enfermaria do castelo. Tosses úmidas e respirações ofegantes anteciparam o

cheiro de doença, chá de panacéia e incenso quando ele entrou no que era o grande salão de festas de obsidiana. Camas cobriam as paredes negras e cobriam o chão aberto. Pequenos caminhos se abriam entre elas, permitindo uma passagem de labirinto. Este lugar abrigava apenas os ocupantes afetados do castelo. Outras enfermarias temporárias haviam sido montadas dentro de casas de campo em toda a província, tanto para os nobres quanto para os plebeus. A doença não abrigava preconceito; afetou os jovens e os velhos e os ricos e pobres. A mortalidade e suas fragilidades foram os equalizadores mais humildes.

Humilhante até para a realeza, pois aqui nesta sala, Vesper não era o rei da espera, nem o príncipe das trevas. Ali ele era o portador da esperança. Uma esperança que estava diminuindo. Só uma coisa salvaria seus doentes: pura luz do dia. Não só comer plantas cultivadas com ele, mas ficar sob os raios solares e absorvê-los, mesmo que em pequenas doses através de janelas ou portas abertas. Com seu sangue iluminado pelo sol, ele poderia dar a eles algo do que precisavam, mas não o suficiente.

Dificilmente uma cabeça se erguia quando ele passava pelas passagens, já que a maioria dos ocupantes estava tão doente que lutavam para respirar e tossiam sem acordar.

Uma pequena mão se esticou por baixo de um cobertor e agarrou o polegar de Vesper, paralisando-o. Embora a tez enluarada fosse gritante contra a coloração profunda do príncipe, como uma camada de gelo sobre uma cicuta, o toque da criança era tão quente quanto o fogo.

O coração de Vesper se levantou quando ele se ajoelhou ao lado do catre. — Bom dia, Nyx. — Ele carinhosamente bagunçou a mecha de cabelos prateados sobre a cabeça do menino de sete anos, notando a mancha de ouro saindo do pijama do garoto sobre o peito dele. — Como você se sai hoje?

—Eu ficaria melhor, se Elsa fechasse os dentes sobre a princesa.

No catre em frente a Nyx, veio a voz de sua irmã mais nova, rouca de tossir, ainda que cheia de inocência. — Eu não tenho aberto meus dentes sobre isso. Você é mais tagarela que eu!

—Mentirosa! Eu só me importo com a bruxa. — Os olhos de Nyx, opacos e roxos, piscaram na escuridão. — Você deve decepar a cabeça dela como um presente para sua noiva, não é, Majestade?

Vesper retribuiu um sorriso, vendo o seu eu mais jovem na sede de sangue e ousadia do rapaz. — Não a cabeça, não. Eu não tenho o embrulho adequado para chifres. E o presente de uma princesa deve ser apresentado de forma imaculada. Você não acha, Elsa?

Uma risadinha irrompeu dos lábios azulados da pequena garota. — Sim, majestade! Especialmente para uma princesa de luar e música!

—Então, você não vai matar a bruxa de jeito nenhum? — A decepção apimentou a resposta de Nyx. — Não é por isso que você está indo para a floresta assombrada. Não é?

Sua mãe, a cozinheira-chefe, que estivera ocupada preparando os cardápios para as festas que se aproximavam, aparentemente ouvira os rumores de Vesper atravessando a Ravina Ashen e passava-a para seus filhos. Ela acreditava firmemente que a fofoca proporcionava melhor sustento do que a própria comida.

—Eu pretendo capturar a bruxa, sim. — Respondeu Vesper. — Será para a princesa decidir seu destino. Mas eu também estou indo para verificar os porteiros reais. Agora, vocês dois não deveriam estar descansando, então você pode estar bem o suficiente para participar do casamento?

—Eu não quero descansar! Eu quero ajudar. Eu estou com idade suficiente, você sabe! — Nyx virou a cabeça em seu travesseiro para abafar uma tosse seca.

Com uma careta, Vesper deu um tapinha no peito do menino. — Claro que você está, e quando estiver melhor, vamos ver o que podemos fazer sobre isso. Primeiro, você tem que ser forte e saudável o suficiente para treinar. Até um cavaleiro precisa dormir.

—Conte-nos a história dos veados brumais e do principezinho, por favor. — Os pequenos lábios de Elsa se contraíram em um bico impossível de resistir. — Nós adormeceremos então, Majestade. Promessa.

—Justo o suficiente. — Admitiu Vesper. — Mas vocês dois devem se deitar em seus travesseiros e fechar os olhos. É muito melhor imaginar sua beleza em uma lousa em branco.

Elsa sorriu. As duas crianças fecharam as pestanas grossas e brancas e respiraram fundo enquanto Vesper se sentava no chão frio entre os seus catres. Ele apoiou os cotovelos nos joelhos.

—O príncipe era apenas uma criança quando os viu pela primeira vez. — Ele começou a história que ele contou aos filhos do castelo muitas vezes antes, o conto que dependia de sua memória pessoal. — Ele viajou para Rigamort com seu pai real para o ritual de ligação que todo jovem príncipe antes dele havia experimentado. Ele estava nervoso com a interação, pois a maioria dos Nerezethites nunca vê as criaturas. Apenas aqueles que usam o Rigamort, que mantêm segredos bem fechados dentro deles.

—Ele estava gritando para fumar o cachimbo? — Murmurou Nyx, a meio caminho de dormir já.

—Talvez um pouco. Mas mais, ele temia que os cervos não reconhecessem sua estação real, não iria aceitá-lo, já que este príncipe era diferente de todos os que o antecederam.

—Ele não podia ver no escuro. — Interrompeu Elsa. — E seu cabelo era preto como fuligem e sua pele brilhava como um sino de cobre. — Sua própria pele corou, mostrando as veias azuis por baixo, e ela apertou os olhos com força para mantê-los fechados.

Os olhos sonolentos de Nyx se abriram. — Elsa, pare! E mais, desmaiar é para covardes.

Ela brigou com isso.

Vesper sorriu, esperando as pálpebras de Nyx se agitarem.

— O príncipe e seu pai desceram profundamente dentro da caverna, passando pelas cachoeiras azuis congeladas e além das estalactites cintilantes - e lá nas profundezas estavam os porteiros. À primeira vista eles pareciam frágeis: brancos, elegantes, e do tamanho de veados, com brincos de franjas enluaradas e

longas caudas adornadas parecendo um leão. Mas as escamas prateadas que se curvavam das espinhas ao peito eram tão impenetráveis quanto escudos de ferro. E suas garras rivalizavam com qualquer pantera, assim como seus chifres de navalha podiam despedaçar um homem.

—Com um pato da cabeça. — Elsa acrescentou, batendo seu irmão em seu detalhe favorito.

O resmungar de respostas de Nyx evoluiu para um bocejo.

Vesper fez uma pausa reverente pelo final do relato. — Sem medo, o rei pegou a mão do príncipe e deu um passo à frente. Ajoelhou-se ao lado de seu estranho filho, mostrando aos veados sua aceitação para que também o aceitassem. E eles fizeram, acariciando sua cabecinha com focinhos tão macios quanto um edredom. O rei acendeu o cachimbo cerimonial, e ele e o príncipe inalaram o incenso - cheio de encantamentos, fumaça e luz das estrelas - e respiraram fundo em cada uma das narinas do veado.

Elsa bocejou, como se fosse provocada pelo irmão. — Ligou-os a você. Em suas mentes. — Ela rolou para o lado e colocou seus cobertores sobre as orelhas, sua respiração ficando cada vez mais lenta.

—Sim. Exatamente isso. — Vesper estava contente por as crianças dormirem, pois nunca compartilharia o resto. Isso o fez se sentir impotente, que a partir do momento em que ele bebeu a luz do sol, ele perdeu seus laços mentais com os veados, assim como ele perdeu com seu povo. Desde então, ele visitou os porteiros pessoalmente, mas uma abundância de marés noturnas impediu a viagem nos últimos meses. Quando a feiticeira real, Madame Dyadia, estendeu a mão para eles com seus presságios espirituais, ela relatou que as criaturas haviam se tornado menos receptivas. A feiticeira assumiu que era uma evolução natural - uma vez que o contrabando e o assassinato do sol haviam se tornado uma coisa do passado e aqueles sob o emprego real não mais procuravam o uso do túnel, os seres encantados tinham pouco a relatar. Mas Vesper estava preocupado o suficiente para tomar o caminho inverso para Eldoria, para que ele pudesse confirmar o bem-estar dos veados com seus próprios olhos.

Puxando as cobertas até o queixo de Nyx, o príncipe estendeu a mão para apertar o tornozelo coberto de Elsa e se levantou.

Um médico o viu e fez sinal para uma pequena mesa cheia de ervas medicinais e cones de cera que podiam ser derretidos para facilitar a respiração.

—Você precisa de um suprimento? — Vesper perguntou, olhando os dois frascos remanescentes de líquido dourado que tinham drenado de uma incisão uma semana antes. — Eu estarei fora por vários dias.

O médico balançou a cabeça pálida. — Nós queremos você forte e saudável para a jornada, Majestade. Nós vamos fazer até o seu retorno.

Só recentemente descobriram que o sangue iluminado de Vesper tinha qualidades curativas. Poderia ser pintado diretamente nas costelas e no peito dos doentes. Embora tenha inicialmente causado uma sensação de queimação, ajudou a limpar os pulmões.

Quando ele devorou pela primeira vez a mistura iluminada do jardim do arboreto, ele tinha sido insuportável para qualquer um dos seus homens tocarem. No entanto, em uma semana, eles descobriram que, depois que o veneno da luz do sol entrava em suas veias, ele se tornava menos potente - para qualquer pessoa, menos para ele. Ao pressionar as gotículas da mistura dourada drenada para o pergaminho, outros poderiam lidar com isso em pequenos incrementos e perder a sensibilidade para sua pele ardente. Era uma questão de dessensibilizar com a exposição. Essa anomalia levou Vesper a enviar cartas escritas em seu sangue de ouro para a princesa Lyra. Ele esperava aclimatar ela para a luz do sol para que ela não sofresse quando ele a tocasse, então ela não teria que temê-lo quando chegasse a hora de eles ficarem juntos como marido e mulher. A essa altura, Lady Lyra deveria ter absorvido o suficiente para que pudessem compartilhar uma dança no salão de baile de Eldoria antes de partir para Nerezeth, de mãos dadas.

Vesper saiu da enfermaria e caminhou ao longo de corredores de pedra de obsidiana, os tetos e cantos amarrados com brilhantes aranhas brancas que iluminavam a escuridão como estrelas. Os guinchos de camundongos confusos,

tão negros que se misturaram com as pedras, seguiram atrás quando ele chegou às escadas sinuosas que levavam às celas da masmorra.

Apenas alguns estavam ocupados com prisioneiros, nenhum mais perigoso que ladrões ou vagabundos bêbados. Seguindo as tochas envoltas em vidro ao longo das paredes - cada uma iluminada estritamente por ele e alimentada por esterco de morcego - ele entrou em uma câmara vazia no final, onde ele não podia mais ouvir os guardas falando ou os prisioneiros roncando.

Ele tirou o último bilhete da princesa do bolso e depois deitou-se sobre uma cama de pregos para lê-la. Todas as celas da masmorra tinham camas como esta. Cada uma tinha tampas articuladas, também forradas com pontas de ferro. Um recuo foi feito para o rosto, as pontas pontiagudas preenchidas para proteger os olhos. Assim, a tampa poderia ser colocada no lugar sobre um corpo supino - para atormentar a carne de ambos os lados.

Deitado ali, com os pontos pressionados contra a nuca, a coluna, os ombros, o tronco e os membros, ele considerou fechar a tampa. Em Eldoria, o leito das unhas seria um dispositivo de tortura. No entanto, em seu reino, oferecia treinamento para homens e mulheres jovens que queriam servir na infantaria real, não para autoflagelação, mas para endurecer a pele. Vestir uma armadura de metal do lado de fora das muralhas do castelo se mostrou mais prejudicial do que útil, devido às tempestades de granizo que congelavam imediatamente no gelo. Em poucos minutos, o peso de uma cota de malha poderia dobrar ou triplicar e endurecer além de todo movimento, deixando seu portador tão paralisado quanto. Em vez disso, eles criaram suas armaduras com cascas de peixes com isolamento de couro, naturalmente resistentes à água, leves e flexíveis - atributos que, infelizmente, também os tornaram permeáveis pelas criaturas de seu terreno. Assim, sua pele tinha que servir como uma terceira camada de proteção.

Após anos de treinamento, Vesper entendeu os pontos de pressão e como posicionar o corpo para obter o menor dano possível. As punhaladas de ferro o mantiveram aterrado, lembrou-lhe de sua juventude, quando seu pai real

acompanhou-o para as selvas, onde ele aprendeu a lutar contra os arbustos de cadáveres e escorpiões de rima. Dia após dia, Vesper suportava picadas e punções - por longos períodos cada vez - até que finalmente conseguia suportar a dor e aumentara a imunidade a ambos os tipos de veneno, muito parecido com o sangue que dessensibilizava as pessoas para a queimadura do sol.

O príncipe agora tinha cicatrizes suficientes para que não ficasse mais ferido por espinhos ou pregos. Na verdade, ele tinha mais cicatrizes do que a maioria, depois de incontáveis incisões para drenar o ressurgimento do sol tóxico em suas veias - cada uma costurada com fios mágicos que o deixavam curado, mas com falhas. Surpreendentemente, ele mal podia sentir a infestação de fogo internamente; havia uma dor mínima, além de sua dança sombria com a lâmina.

Sua mão apertou a faca embainhada em sua cintura. Até mesmo seu rosto havia sofrido um corte de limpeza, deixando uma cicatriz na bochecha esquerda que poderia estar parcialmente mascarada sob a barba. Mas a dor e a vaidade eram as menores de suas preocupações. Ultimamente, a coloração dourada em seu sangue tornou-se mais espessa, mais difícil de se esvair. Um dia, ele deixaria de fluir e seu coração cessaria de bater.

Além do bem-estar de seu povo, essa era sua maior preocupação. E era por isso que a princesa era sua única esperança. A única esperança do seu reino.

—Você deveria estar dormindo. — A declaração foi seguida por uma onda de grilos perolados passando pelo chão.

Vesper inclinou a cabeça. A silhueta de sua mãe estava na porta, envolta em sombras projetadas pela tocha. Seus animais de estimação se acomodaram nos cantos para cantar alegremente. A rainha segurou um pequeno pacote em seus braços. Na penumbra, os olhos dela brilharam âmbar - um contraste com a prata gelada de sua coroa e cabelo.

—Como nossos súditos de críquete estão zelosamente proclamando, mãe, este é um momento para comemorar, não para dormir. — Ele rolou para o lado e estremeceu quando um prego perfurou sua pele, logo abaixo de sua costela inferior. Então, ainda havia alguns lugares ternos sobrando nele. Ele gostou

bastante da prova da humanidade, sabendo que ele ainda não era um homem de metal e pedra.

Sua careta suavizou quando ele redobrou a carta não lida de Lyra e apertou as botas no chão para ficar de pé. — O que você tem aí? São as sombras e as aranhas da meia-noite? Eu pensei que Cyprian fosse juntar esses. — Vesper e sua tropa estavam tomando uma abundância de ambos, para intimidar as abelhas e encolher os cardos para que eles pudessem atravessar a fortaleza protegida por madressilva de Eldoria e reivindicar sua noiva.

—Seu primeiro cavaleiro não tem parte nisso. Estes são presentes pessoais para a princesa de mim e seu falecido pai. — Sua explicação foi curta quando seus olhos se estreitaram. Ela colocou o pacote sobre uma pequena mesa de pedra. — Você está sangrando.

Seu familiar cheiro de neve e vinho torrado de cranberry passou ao redor dele enquanto ela passava a ponta do dedo através de um redemoinho de ouro reluzente misturado com vermelho vivo se infiltrando em sua túnica branca ao longo de sua caixa torácica. Ela engasgou quando roçou seu abdômen - tão forte quanto um prato de armadura - onde as ondulações de seus músculos haviam sido capturadas em uma folha metálica de ouro que estava lentamente petrificando em direção ao seu peito.

Não foi o primeiro remendo. Ele tinha um antebraço esquerdo dourado e uma canela direita dourada. Ele não podia dobrar o pulso, mas considerou-se afortunado por não ter afetado o braço da espada, e embora andasse mancando ligeiramente, ainda podia sentar-se a cavalo melhor do que qualquer homem ou mulher de seu reino. Esta mais nova infestação de ouro, sem causar problemas óbvios de mobilidade, tinha sido mais fácil de esconder.

Ele tentou atrasar o horror que rastejava pelo rosto de sua mãe.

— Devemos tomar feridas abertas como um bom presságio, sim? O dia que parou de sangrar.

—Não ouse dizer isso. — A voz da rainha Nova tremeu. — Este ... está tão perto do seu coração. — Seus cabelos prateados estavam livres, os longos fios

servindo como uma cortina para a luz laranja e piscante. Dentro daquela inclinação de tom púrpura, sua expressão parecia uma contusão.

Vesper levantou o queixo. — Eu me pergunto, o que você vai fazer com o seu tempo, uma vez que você não precisa mais se preocupar comigo? Quando meu sangue corre vermelho puro e eu sou forte e inteiro mais uma vez? Você tem um hobby em mente? Talvez caligrafia. Como rei coroado, vou me mobilizar para conseguir um lugar para você na chancelaria. — Ele piscou e limpou o sangue tingido de ouro da mão dela na parte de trás da carta de Lyra. Deixou uma mancha de glitter rosado contra o pergaminho de cor creme.

A rainha Nova deu um sorriso relutante. — Eu prefiro ser uma cronista. A história de gravação seria mais estimulante do que as cartas de roteiro e as gravações sobre pele de carneiro hora após hora. Embora eu espere nunca mais ver outro frasco de tinta dourada. — Ela pressionou a carta da princesa em seu peito e acariciou sua bochecha. — Você precisa se barbear, se você e seu primeiro cavaleiro ainda estiverem disfarçados de Destruidores nessa jornada. — Dito isso, ela se retirou para a mesa, onde começou a abrir o pacote.

Vesper enfiou a nota no bolso e, distraidamente, esfregou um nó nos bigodes escuros que escondiam sua face marcada. Cyprian teria mais facilidade em se preparar. Os únicos lugares onde o cabelo crescia em outros Nerezethites eram suas cabeças, sobrancelhas e cílios, deixando Vesper como o homem singular em seu reino que poderia crescer uma barba.

Foi Cyprian quem propôs que eles usassem disfarces para sua jornada através da ravina. Os dois, envoltos em uniformes pretos de pele de enguia e capuzes apertados que cobriam os cabelos, apresentavam uma visão imponente. A festa de um assassino inspiraria medo nos corações da população depravada lá, em vez de tentar roubar ou hostilidade. Os outros membros do grupo, incluindo a irmã de Vesper, Selena, estariam vestidos como soldados de infantaria.

Vesper cruzou para a rainha enquanto assegurava que sua perna rígida não esmagasse os grilos. — Como você sabia onde me encontrar?

—Eu perguntei a Cyprian do seu paradeiro. Ele me disse que você deveria se encontrar aqui com Madame Dyadia. — Ela olhou ao redor da sala para a feiticeira.

O príncipe assumiu o lugar de onde sua mãe havia parado, liberando a lã roxa amarrada em torno dos presentes. — Nossa feiticeira mandou Thana em uma missão. Eu estou esperando o relatório do pássaro antes de sairmos.

—Um relatório sobre a bruxa? — O lábio de sua mãe rainha enrolou na palavra final.

Vesper afastou um pouco de cabelo que havia escorregado do resto dos fios dos ombros atados com uma gravata na nuca. Ele olhou para baixo para encontrar o olhar dela - uma urze macia à luz das tochas.

—Sim. Eu ainda planejo encontrá-la. — Ele resistiu ao impulso de usar o tom imperialista reservado para os conselhos políticos e militaristas, detestava com ela.

Por três anos, ele estava servindo como rei. Embora ele não usasse oficialmente a coroa ou o título - ou até mesmo se sentasse no trono - até sua coroação, o que ele dizia era lei, e todos respeitavam isso. Mesmo aqueles que ainda o achavam incomum, olhavam para ele como predestinados. No entanto, esta querida senhora que nasceu com ele não conseguiu enxergar além da criança que uma vez segurou em seu colo quando ele arranhou um joelho ou não conseguiu dormir.

—O tempo não é um luxo para você, meu filho. — Ela parou sua tentativa de revelar os itens dentro do embrulho de lã - suas mãos brilhando brilhantes contra as suas. — O chilrear dos grilos chegou a um tom incômodo. — Pegando a passagem da ravina, poderia acrescentar semanas à sua viagem.

—Muito pelo contrário. Ao levar o Rigamort para o Desfiladeiro Ashen, vamos economizar pelo menos três dias. O efeito mágico da ravina nas distâncias resultará em uma jornada de dois dias de lá até Eldoria, em oposição a cinco se nós fossemos para o norte e pegássemos a escada de ferro. — Embora as escadas fossem rasas e largas o suficiente para os cavalos manobrarem com

facilidade, eles tiveram que ser desmontados e conduzidos. Foi uma longa subida e a jornada ao redor do Montanha. Astra para chegar ao palácio de Eldoria foi igualmente longa.

—E se você for pego em uma maré noturna nas terras ruins?

—As alas espirituais de Madame Dyadia previram céus claros e estrelados. — Interrompeu Vesper. — Os cavalos foram calçados com pontas de aço, portanto, gerenciar o gelo e a tundra não será problema. Devemos chegar ao Rigamort oito horas depois de sairmos do castelo.

—E os perigos?

Ele bufou. — Eu lutei com leopardos da neve, arbustos de cadáveres e aranhas de ossos desde que eu tinha sete anos. Treze anos é o suficiente para me considerar bem experiente.

Ela balançou a cabeça. — Você sabe que eu falo da ravina. Há coisas nessa floresta assombrada que você não tem experiência. Quagmires que se movem, mortalhas carnívoras, os assassinos, degenerados e ladrões.

—Ladrões. — Ele arqueou uma sobrancelha. — Exatamente a razão pela qual é o caminho perfeito. E eu estou levando dois dos nossos melhores contrabandistas de sol, que conhecem os segredos da ravina dentro e fora. Agora, por favor, posso dar uma olhada? — Ele lhe deu um sorriso terno, depois empurrou as mãos para revelar os presentes reais. Seu polegar acompanhou as linhas elegantes de uma escova de cabelo brilhante e perolada. Sua respiração ficou presa na apreciação do artesanato.

—As cerdas são construídas com a própria trança da princesa. — Explicou sua mãe. — Os artesãos de Madame Dyadia usaram a amostra que o rei Kiran trouxe aqueles cinco anos atrás e fortaleceram os fios com encantamentos, fogo e cera.

—Lindo. — Vesper murmurou enquanto passava a mão sobre as fibras frágeis e prateadas. Ele se lembrava daquela trança, como era suave ao toque. Muitas vezes, ele imaginou como seria a sensação de acariciar o verdadeiro cabelo de sua noiva em sua noite de núpcias, para seguir os longos e lustrosos

fios descendo por seu corpo nu onde eles queimavam sua cintura e emolduravam sua pele espectral.

—E isso. — A rainha levantou um grampo de lua crescente com três jóias roxas estreladas no meio.

—Nós fizemos isso em homenagem ao nosso sigilo. Essas pedras preciosas são forjadas pelas próprias lágrimas da princesa, enfeitadas para ficarem cristalizadas até que ela as libere sozinha.

Vesper pegou o pino de metal e o virou na mão. Tão delicado e perfeito. Assim como ele imaginou que ela fosse.

Ele ficou sombrio, pensando na última nota da princesa. Ele quase temia lê-la. Suas trocas sobre os acontecimentos em seu reino sempre foram preenchidas com uma tristeza subjacente. Lamento, mesmo. Embora suas palavras parecessem ensaiadas e guardadas, ela não se sentia digna da coroa; isso era óbvio mesmo sem ela dizer isso. Ele lutou contra as mesmas inseguranças. Segundo a profecia, essas diferenças as tornariam fortes quando unidas. Assim como Eldoria o abraçaria por sua semelhança com eles, aqui em sua terra natal, Lady Lyra seria reverenciada por aquelas coisas que seu povo uma vez marcou como estranhas e inquietantes.

Ele estava ansioso para experimentar isso ao lado dela - para que nenhum deles se sentisse novamente inadequado.

—O que você acha? — Sua mãe rompeu suas reflexões.

Ele colocou o alfinete ao lado da escova sobre a lã. — Eles são resplandecentes. Eu vou dar a ela quando eu der a ela o anel de panacéia. — Vesper nunca tinha esquecido como o rei Kiran tinha mantido uma viva, e como a princesa de Eldoria tinha sacrificado para o seu povo. Depois que a rosa deu à luz uma colheita abundante, ele deu uma profunda flor de lavanda e pediu que Madame Dyadia usasse sua arte para encolher e preservar, mantendo assim seu aroma único. A flor estava agora presa no alto de uma faixa tecida de cobre manchado - um anel de casamento que lembrava a beleza estéril de seu mundo, em contraste com a própria exuberância dela.

—Então, agora que você tem esses presentes. — A rainha pressionou. — Você vai abandonar a caça às bruxas?

—Esses presentes não vão dar a Lady Lyra o que ela está perdendo todos esses anos. A bruxa deve ser capturada para mandar sua família para o cativeiro na masmorra, para matar seu pai e prima. Há penitência a ser feita e um feitiço de loucura a ser tirado do castelo.

—Penitência. Parece mais vingança. — A rainha Nova dobrou os itens mais uma vez, as sobrancelhas prateadas franzidas.

—Vingança nobre. — Vesper espelhou sua expressão, um gesto mais imponente com suas grossas e escuras sobrancelhas.

—Eu vi as armadilhas que você está pegando. Dispositivos incendiários e de agarrar o corpo não implicam nobreza.

—Essa bruxa é imortal. Madame Dyadia me garantiu que não pode ser ferida ou morta. — Vesper franziu a testa. — Você deve saber que eu nunca consideraria usar bolas de fogo ou armadilhas em uma velha típica. Mas é preciso meios mais duros para prender alguém que é invencível.

—É essa invencibilidade que me preocupa. Vocês, são a coisa mais distante disso.

—Ela é uma só, contra mim e nove dos meus confidentes mais confiáveis. Ela deve estar contida. De que outra forma minha noiva e sua tia regente se sentiriam seguras o bastante para deixar seu reino sob os cuidados do conselho e nos acompanhar de volta a Nerezeth para a nossa coroação conjunta e casamento, a menos que seu perseguidor seja capturado e tratado? Eu tenho a honra de devolver a princesa seu poder. Ela tem estado muito tempo sem isso.

—Você é honra obrigada a ser sua companheira. Pegue a passagem segura do portão de ferro para Eldoria. Você pode chegar alguns dias depois, mas é garantido que você chegará inteiro. Envie sua tropa para capturar a bruxa - depois que você se curar, depois de se casar.

O queixo de Vesper se apertou. Ele podia sentir a frustração de sua mãe por não poder se conectar a ele mentalmente. Ele compartilhou.

A rainha Nova sacudiu a cabeça. — Eu vi a capa que você está levando para a princesa. Sua irmã está participando da jornada para servir como acompanhante, mas você não lhe deu nenhum guarda-roupa exagerado.

Vesper encomendara um manto lacado com capuz costurado de seda e céu noturno, forrado com escamas de peixe, embelezado com penas de rouxinol, pele e laço de aranha para envolver sua princesa em sua jornada de volta. Embora a lua fosse um conforto para ela, ela não tinha tido uma vida inteira de feridas em preparação para o terreno difícil. Ele sabia por cartas como ela estava com medo de espinhos e urtigas e abelhas. Ele só esperava que sua apreensão não impedisse sua aceitação dos animais de estimação reais em seu castelo.

—Selena está acostumada a esta terra. — Vesper respondeu. — Mas lady Lyra, você já ouviu as histórias. Ela não consegue sequer sacudir o braço por uma janela sem que sua carne se abrasasse na luz. Eu só posso imaginar o que as amoras vão fazer.

—A profecia diz que, como sua noiva-sombra, ela será capaz de abraçar este mundo e você como você é. Eu acredito nessas palavras. Talvez ela simplesmente precise de uma chance para mostrar sua resiliência. Não há lugar melhor do que Nerezeth para testar sua coragem. A nossa é uma terra para a ousadia e só o coração brutal pode sobreviver.Essas foram suas palavras. Você queria envolvê-la em amoras antes de perder... — Ela reprimiu sua explicação.

—Antes que eu perdesse o que, Mãe? — Ele rosnou quando ela desviou o olhar. — Por cinco anos você andou na ponta dos pés em torno do assunto daquela noite, de como me senti incompleto desde o momento em que acordei no meu quarto depois de engolir a luz do sol. Você e Dyadia estavam de pé na minha cama, aqui neste castelo, mas eu senti como se estivesse flutuando em outro lugar por horas. Então houve a sensação de que algum pedaço de mim estava faltando. Algo monumental. Era verdade, porque eu não podia mais me conectar com você, minha irmã ou qualquer um dos nossos funcionários mentalmente, não mais ter conversas silenciosas entre nós. Você me garantiu que o que estava perdendo era a princesa - que ela poderia me colocar de volta aos

direitos. Deve haver mais. Eu caio todas as noites em sonhos encharcados de suor, com o gosto de vapor na minha língua e o cheiro de fogo no meu nariz; Eu acordo fora do ar, sem fôlego, como se estivesse correndo e correndo, em algum lugar escuro e iluminado. No entanto, quando meus olhos se abrem, aqui estou eu, enredado em meus lençóis. O que não me lembro? O que você está escondendo de mim?

A rainha esfregou a têmpora até que os nós dos dedos ficaram pálidos sob a carne enluarada que os prendia. — Nada. Uma vez que sua princesa reprima a chama do sol dentro de você, seus pesadelos terminarão. — Seu longo vestido balançou quando ela se voltou para a mesa. — Lady Lyra é tão capaz quanto você. Tenha fé nisso. Ela é sua igual já hoje. Ela precisa de você de pé nos degraus de seu castelo, não da bruxa.

—Seria mal pensar, deixar a bruxa em geral. — A voz de Madame Dyadia ondulou como um ronronar na cela de pedra, silenciando os grilos. — O casamento em si está em perigo, contanto que ela seja livre.

Vesper examinou os arredores. A feiticeira entrara sem aviso prévio. Apertando os olhos, ele finalmente a viu se inclinar contra a parede ao lado da cama com espinhos, sua carne se misturando na pedra cinza. Madame Dyadia tinha a capacidade de se mover sem andar, de flutuar como uma neblina noturna e de ser descendente de quimeras primordiais - criaturas semelhantes a gatos camaleões - poderia combinar com o que o rodeava à vontade. Seus roupões de marfim, enfeitados com renda de ébano, também eram enfeitados para refletir seus arredores.

—O que você quer dizer? — A Rainha Nova encarou a feiticeira depois de amarrar as correntes de lã em torno dos presentes da princesa.

—Thana tem Cronatia em sua mira, como você ordenou, majestade. — A feiticeira inclinou-se para Vesper, reconhecendo seu domínio. Sincronizada com o movimento, sua carne retomou sua coloração natural: uma mistura de listras pretas e brancas que, junto com seus traços felinos e cabelos penteados para cima, sempre lembraram Vesper de um tigre branco. — Eu espiei através do olho

do pássaro, uma caixa forrada com carne drasilisco dentro da fortaleza da bruxa. Escrito na tampa estavam as palavras: “princesa – revolução”.

Vesper amaldiçoou, batendo na mesa com a mão esquerda. Seu antebraço dourado raspou a borda e soltou um pedaço de pedra, enviando-o para o chão. Ele olhou para ele, a mandíbula se contraindo. — Ela está levantando uma rebelião contra minha noiva. Como se ela já não tivesse feito o suficiente.

—Parece que a bruxa ainda não causou estragos. Então, muito parecido com Cronatia, interferir, não importa as conseqüências. — Madame Dyadia franziu a testa. No meio de sua testa listrada, havia uma tomada rosa e vazia que geralmente abrigava um terceiro olho, a menos que ela arrancasse e conjurasse um punhado de penas brancas em um corvo vidente. A feiticeira poderia até mesmo colocar sua mente dentro da horrível criatura e usá-la como seu porta-voz.

—Eu entendo que é um processo difícil e doloroso, mas você não poderia conversar com a bruxa, através do pássaro? — A rainha ofereceu a sugestão em sincronia com os pensamentos de Vesper. — Isso nos daria uma idéia melhor de como abordá-la.

—Eu não tenho o suficiente para tentar um diálogo, sabendo que ela não responderia com sinceridade. Ela é uma mentirosa consumada. — Dyadia franziu a testa e o broto de carne cru na testa enrugou-se e inchou, como se estivesse respirando. — As explicações de Cronatia são devidas à realeza de Eldoria, não a mim; esses são os erros que ela deve responder por agora. Assim, ela deve ser levada para o palácio.

Vesper esmagou a rocha quebrada sob o calcanhar de sua bota com um pop pesado e se perguntou novamente sobre a tensa familiaridade de Dyadia com a bruxa. Ele a questionou sobre isso mais de uma vez, mas a feiticeira contornou as respostas, insistindo em coisas que aconteceram há séculos, no passado, pois elas não poderiam mudar o futuro. Ele discordou. Aprender com os erros de ontem é o que contribuiu para um amanhã melhor.

—Eu também vi uma nota. — Continuou Dyadia. — Enrugada dentro do

alcance da bruxa. Muito difícil de cifrar. O conteúdo pode ser revelador. Os avistamentos de Thana sugerem que a princesa de Eldoria ainda está em perigo. As precognições da ave nunca provaram ser falsas.

A rainha Nova mexeu os pés e a feiticeira se virou para ela, pressionando os finos lábios negros em uma linha enquanto seus olhares se trancavam.

Sentindo uma conversa silenciosa acontecendo, Vesper se interpôs entre elas, interrompendo a conexão. — Você vai se dirigir diretamente a mim e não falará na minha mente enquanto estiver na minha presença. Vocês duas.

A mãe dele curvou a cabeça com humildade e Dyadia se ajoelhou diante dele, o olhar voltado para o chão. — Majestade, eu estava dizendo a nossa rainha que você deve tomar o desfiladeiro apesar de suas reservas. Se não por outro motivo que os veados brumais.

—Por quê? O que você aprendeu? — Perguntou Vesper.

A feiticeira olhou para cima então, a luz da tocha dourando sua tez e diminuindo as pupilas em proporções perturbadoras - um gato selvagem em chamas. — Durante o vôo de Thana no Rigamort, eu espiava através do olho do pássaro: chifres empilhados no chão em pilhas de prata azul-sangue. Alguns dentro do rebanho parecem doentes e fracos. Precisamos determinar o que aconteceu, a chance de infectar nosso mundo com males que nenhuma princesa pode curar.

12

De monstros e Homens



Nerezeth, situada nas profundezas da terra, tinha um terreno claustrofóbico. O céu mágico iluminado pelo luar subia das enormes dunas geladas, deixando um extenso vale que era tão longo e largo quanto a Ravina Ashen - localizada a milhares de léguas acima. Tendo apenas dois túneis que levavam ao reino do dia, dava a sensação de estar preso dentro de um globo de neve. No entanto, ao contrário do brinquedo de uma criança, não havia nada seguro ou frívolo nessa terra dura.

A parede do fundo do castelo de obsidiana estava encostada a um aterro de terra e gelo. Os lados norte, sul e leste do palácio, juntamente com o território colonizado de Nerezeth, eram cercados pelos Grim - um bosque espinhoso que formava uma imponente fortaleza ao redor do castelo de obsidiana, casas de pedra e o arboreto de ferro de Neverdark.

Antes de se aventurar, o príncipe Vésper e sua tropa amarraram os cavalos em bardos feitos da mesma pele de peixe endurecida que a armadura real para proteger sua carne de cavalo tenra de obstruções estáticas e farpadas.

Uma vez além do Grim, eles removeram os bardos para viajarem para o sudoeste através dos ermos glaciais e alcançarem o Rigamort. Esta noite o cheiro de neve arrepiou o ar; os céus se estendiam claros e cheios de estrelas acima das árvores farpadas e sem folhas que cobriam o caminho, e o vento continha uma

mordida amarga que mantinha até mesmo os leopardos-da-neve em seus covis. Quando, por fim, os galhos cheios de bordas se desbastaram, revelando um amplo leque de dunas de neve intocadas, onde a entrada da caverna se erguia como um pináculo de gelo escuro, um suspiro combinado de alívio inundou a tropa.

O príncipe Vesper apertou a capa de pele com capuz ao redor do crânio branco e as órbitas negras pintadas no rosto. Ele estreitou os cílios contra rajadas de ar tão brutalmente frias que queimaram o olho. Incluindo a si mesmo, sua cavalgada consistia em dez: o tenente Cyprian Nocturn; Princesa Selena; dois contrabandistas do sol, Alger e Dolyn; uma equipe de rastreadores, marido e mulher, Leo e Luna; e três de seus melhores soldados de infantaria - Tybalt, Uric e Thea - que também cuidavam das três gaiolas de gralhas que eles haviam trazido na chance de enviar cartas se fossem necessárias.

Vesper teria preferido encabeçar a procissão, e no dia ele o faria; mas desde que ele não tinha a visão noturna, ele deu seu primeiro cavaleiro o privilégio.

Selena cavalgava atrás de Cyprian com Nysa, seu spaniel tracker cor de centeio, aconchegado de barriga para baixo entre a cernelha de sua montaria e o chifre da sela. Terceiro na fila, Vesper observava atentamente as sombras projetadas por arvoredos de abeto e árvores de folhas caducas. Pó brilhante, agitado por cascos espetados, dificultava a visibilidade, mas ele utilizava trechos de luar através dos galhos, procurando movimentos incomuns sob as montanhas.

O terreno de seu mundo, gerado pela mesma magia quebrada que supria a Ravina Cinzenta do reino do dia com mortalhas carnívoras, dera a Nerezeth seus próprios monstros inerentes, feitos dos ossos de qualquer humanóide que morresse sozinho em campo aberto. Esqueletos derramariam sua carne, sangue e membros - como uma cobra trocando peles - e criariam raízes em solo congelado, topografia rochosa ou gelo. Eles brotariam como predadores carnívoros brancos que pareciam espinhos humanos, variando de tamanho de víbora ao comprimento de moréias gigantes.

Os arbustos de cadáveres escondiam-se nas profundezas, sintonizados com vibrações como uma aranha, confiando no sinal de formigamento de uma teia. Se havia mais de um na mesma vizinhança, eles caçavam em bandos. Eles foram pacientes, jazendo nas trevas, prontos para qualquer homem, mulher ou animal atravessar seu território para que eles pudessem alimentar a medula que uma vez lhes deu vida. Não tendo nenhum cheiro para os cavalos detectarem, um espinheiro pode impulsionar para cima e derrubá-los, alegando tanto montaria quanto cavaleiro com pouco aviso.

A luva de Vesper acariciava o pescoço de seu garanhão - um vislumbre de pervinca elegante sob a névoa cremosa da lua. Ele se inclinou para a frente para sussurrar: —Tudo bem, Lanthe. Nós não temos nada a temer dos cadáveres esta noite. Passe a palavra para Dusklight, por favor? — Vesper fez um gesto em direção à égua prateada da irmã. Lanthe cutucou e sacudiu a cabeça, brincando. — Vamos agora, todo mundo sabe que você é doce com ela. — A orelha de Lanthe girou para trás para capturar a respiração enevoada de seu mestre.

Em preparação para essa jornada, Vesper atualizou o censo e descobriu que nenhum de seus habitantes morrera ou desaparecera na tundra. Como uma precaução extra, ele ordenou que seu caminho fosse limpo usando ferramentas especiais com cinco longas lâminas curvas, como foices presas a cabos de vassoura. Cavando profundamente através da neve, os movimentos atraíram as criaturas famintas para atacar, para que pudessem ser serradas e as raízes destruídas. Nenhum foi encontrado.

Ainda assim, Vesper permitiu que seus ombros relaxassem apenas depois que Cyprian conduziu a procissão até a clareira que se assemelhava a um vale branco entre bancos nevados, onde a luz da lua era brilhante e abundante. Cyprian prendeu seu cavalo e sinalizou para o príncipe em linguagem de sinais: *seguro para desmontar?*

Vesper assentiu. Como os cavalos estavam carregados de equipamento e bagagem, o restante da jornada seria levado a pé, levando-os à entrada e à íngreme caverna até chegarem ao túnel. Vesper apontou dois dedos para os

olhos, depois virou a mão para fora, para cercar o ambiente: *fique de olho.*

Cinco anos antes, quando Vesper perdeu a capacidade de se conectar mentalmente, ele decidiu encontrar outra maneira de se comunicar em silêncio, de modo que ele ainda podia atravessar as montanhas nevados e bancos encharcados sem causar avalanches. Em um de seus intercâmbios e de Lady Lyra, ela mencionou que seu primeiro-ministro estava ensinando sua língua de sinais compartilhada entre seus reinos séculos antes. Vesper nomeou seu literato real para encontrar registros, para que ele pudesse dominá-lo. Embora a princesa admitisse desde então que não tinha muita paciência para o aprendizado, Vesper continuou estudando os pergaminhos da antiga língua e assegurou a todos na alta corte de Nerezeth e as forças militares também a conhecessem.

Meu frasco está vazando, Selena assinou com Vesper enquanto ainda estava em cima de sua montaria. Ela se curvou para procurar em seu alforje onde manchas de água escureciam o couro. Sua longa trança passou pelo flanco de Dusklight, as cores tão próximas que se misturavam sob o brilho da lua.

Vesper pegou Cyprian observando sua irmã sob os cílios brancos. O crânio pintado no rosto de seu amigo tinha pouca esperança de esconder a expressão tenra e amorosa por trás dele. No entanto, de alguma forma, Selena era cega para isso. O príncipe se perguntou se seu amigo seria corajoso o suficiente para contar a ela.

Preparando-se para desmontar, Vesper hesitou quando algo mudou o pó ao lado do casco esquerdo de Dusklight. As orelhas castanhas e flácidas de Nysa se animaram e ela latiu, estimulando as gralhas a gritarem em suas gaiolas. O spaniel se contorceu de seu poleiro antes que Selena pudesse pegá-la.

Um tentáculo pálido e ósseo saiu da neve, espalhando tufos de névoa branca no ar. Nysa saltou para ele. Selena guiou os cascos de Dusklight para a segurança enquanto assoviava para seu cachorro. A planta parecida com a espinha desenrolou-se até o tamanho de uma jibóia, depois estalou a ponta farpada para pegar a longa e peluda cauda de Nysa. O cachorro gritou, desaparecendo em uma montanha de neve - deixando apenas marcas de arrasto.

Todos os dez cavalos gritaram e se afastaram, orelhas para trás, dispersando-se quando os cavaleiros tentaram acalmá-los.

Vesper tirou a capa de pele e mergulhou da sela de Lanthe para atacar a extremidade em retirada do espinheiro. Ele bateu no chão com um baque metálico que ecoou em seu abdômen. Selena tentou desmontar, mas Dusklight lançou um relincho em pânico e correu. Selena se inclinou de joelhos para ficar equilibrada. Vesper girou através da neve e mergulhou um braço na corrente onde a forma de ganidos de Nysa havia desaparecido. Com os joelhos em volta do espinheiro, Vesper arrastou a bola de pelo entre espirros e ofegos. O spaniel beliscou sua cauda, tentando libertá-lo da videira. Vesper lutou para ajudá-la enquanto o resto de sua tropa deslizou de suas montarias. Em meio ao caos abafado, Vesper sentiu em vez de ouvir os gritos mentais ocorrendo entre Cyprian e os outros.

O príncipe bateu no espinheiro, os pontos espinhosos comendo através de seus punhos enluvados. Seus movimentos rápidos capturaram a atenção do predador. Soltou o cachorro, desequilibrou Vesper, depois atacou-o. Vesper ergueu o braço esquerdo para bloquear o rosto e o espinheiro retorcido ao redor. Ferrões pontiagudos empurraram seu uniforme de pele de enguia, mas não conseguiram romper seu antebraço banhado a ouro. Colocando-se de joelhos, ele levantou rapidamente para esticar o espinheiro, usando seu membro enrijecido como um pé de cabra.

Os contrabandistas do sol continham os cavalos, enquanto Cyprian e os soldados de infantaria se reuniam em torno de Vesper com pás de mão. Perfurando a neve, encontraram o ponto de entrada da videira no chão congelado. Selena cortou com um machado até que o espinheiro se separou, liberando o príncipe. O tentáculo continuou a se debater, buscando uma nova vítima. Poderia viver por semanas sem suas raízes, desde que tivesse medula para alimentar-se. Mas este foi cortado em pedaços pela lâmina de Selena e pelas pás dos outros. As peças murcharam e ficaram cinzas e depois se espalharam ao vento. Vesper ligou o soquete da raiz exposta - um tubo branco oco - com um

pano mergulhado em ácido mineral. Enrolou-se, seca e morta.

Ofegante, Vesper aceitou a ajuda de Cyprian para se levantar. Seus músculos doíam, o cotovelo esquerdo regava o sangue dourado e a pintura de caveira em seu rosto embaçava seus olhos enquanto gotas úmidas e frias escorriam de sua testa e do suor e da neve. Ele estremeceu, mas havia calor também. De volta antes de ser infectado pela luz do sol - antes de alterá-lo internamente - lutando contra os elementos usados para disparar sua raiva, alimentou sua determinação de provar que ele pertencia. Às vezes, ele sentia falta daquela raiva. No entanto, esta noite, ele conseguiu usar sua aflição de ouro como uma vantagem. Pelo menos algum bem tinha vindo de sua forma mutante.

Depois de pegar Nysa, Selena correu e o abraçou. Vesper a segurou - a bochecha pressionada contra a cabeça. Não era frequentemente que eles estavam abertos com suas afeições; Selena manteve uma distância respeitosa e respeitou as regras de obediência quando na presença do tribunal e do conselho. Mas aqui, entre amigos, Vesper a acolheu. Tendo sabido uma vez como era evitar o contato por medo de queimar a carne de seus entes queridos, ele se recusou a aceitar tais momentos como garantidos.

Nysa empurrou o focinho contra a orelha dele para lambê-lo, deixando para trás uma lavagem de baba e cheiro de cachorro. Vesper sorriu e esfregou a nuca. — Que bom que você está bem, pequena. — Disse ele em um suspiro silencioso.

—Obrigado por salvá-la. — Sussurrou Selena.

Ele assentiu, sabendo que ela faria o mesmo por Lanthe. Ele e sua irmã compartilhavam uma profunda compaixão pelos animais, e cada um tinha seus favoritos. Sua afinidade com o meio equestre. Eles entenderam e aceitaram-no de uma forma que poucas pessoas fizeram.

—Você está ferido. — Disse Selena, preocupada com o rasgo na manga esquerda e a mancha vermelha de sangue.

—São apenas alguns cortes rasos. Não vale a pena costurar. — Ele foi poupado de sua agitação quando Cyprian ofereceu as rédeas de Dusklight e

então se virou para Vesper com Lanthe.

—O que você acha que era? — Perguntou Cyprian.

—Era menor do que os restos de um homem. — Respondeu Vesper enquanto passava as mãos pelas pernas do garanhão - verificando as articulações e os ossos - e levantava cada casco para garantir que os sapatos espetados permanecessem seguros e livres de detritos. Lanthe ficou pacientemente para o exame, a cauda balançando de um lado para o outro. — Tinha que ter sido um cadáver de goblin de geada. Deve ter brotado na última semana para que a limpeza das foices tenha esquecido.

Cyprian assentiu. — Essas caminhadas seriam mais fáceis, de longe, permitiriam viver entre nós, ou pelo menos participar de nossos censos.

Vesper encolheu os ombros de volta em sua capa de pele. — Até que eles confiem em nós o suficiente para cumprir nossas leis ou respeitar nossa classe dominante, não há muita chance disso.

Durante séculos, o reino de Vesper tentou fazer as pazes com os pequenos antropóides, mas foi perdoado. Os duendes tinham inveja - cobiçando a altura, o poder e a humanidade dos nerezititas. Eles queriam lugares de prestígio no conselho, mas seus modos ciumentos e astutos dificultavam a confiança neles. Com o passar do tempo, eles se tornaram reclusos, seus corpos magros e pele de textura áspera misturando-se às árvores de vidro cinza que agora chamavam de lar. Como eles não eram uma população oficial do reino, era impossível manter o controle de suas mortes nos campos.

Vesper segurou o freio e aproximou a cabeça grande do garanhão. Ele pressionou a bochecha contra o topete enrolado de Lanthe. Apesar de todas as pessoas da tropa estarem dessensibilizadas para o veneno de espadilha de cadáveres, os cavalos não conseguiram criar tal imunidade, tornando-se arriscado para eles fora da província. Assim, eles foram deixados apenas para viagens a Eldoria.

—Desculpe, meu velho. Minha promessa de uma caminhada segura foi um pouco prematura. Espero que você não tenha perdido o equilíbrio com sua

amada. — Lanthe cutucou-o. Vesper sorriu. Seu garanhão tinha o melhor senso de humor de qualquer cavalo que ele já conhecera.

Cyprian e os outros entraram na fila mais uma vez para a caminhada até a entrada da caverna. Os roncos incertos dos cavalos voltaram a subir quando Vesper sentiu um estrondo nas solas das botas. Ele olhou por cima do ombro para uma parede de neve caindo e inchando em direção a eles como uma onda - desencadeada pelo alvoroço anterior.

—Avalanche! — Vesper e Cyprian gritaram simultaneamente. Todo mundo pulou em cima de suas montarias e galopou para a entrada de Rigamort, pulando dentro de apenas alguns segundos antes que a corrida apressada envolvesse a trilha e as árvores que haviam atravessado alguns minutos antes.

Vesper estava quase cego na súbita escuridão. O som de cascos com pontas de metal raspou o gelo e a umidade da pedra fria picou seu nariz. Nove pares de olhos iluminados por âmbar brilharam ao redor dele. Ele desmontou e desembainhou a espada. Selena deslizou da sela e sacou a adaga da bainha com toda a habilidade e destreza de qualquer soldado de infantaria.

Depois do que acabaram de encontrar, ele não pôde deixar de esperar que sua mãe estivesse certa sobre sua delicada princesa ser mais resistente do que suas cartas haviam indicado. Como poderia uma dama governar ao seu lado se temesse o mundo dele tanto quanto temia o próprio mundo? Como ela seria forte o suficiente para assumir sua maldição se não tivesse tolerância à dor e ao desconforto?

A pele na borda do esterno arrepiou-se e ele engoliu um gemido junto com o gosto do metal. Tais sensações acompanharam a propagação de ouro ao longo de sua carne. Ele estava morrendo mais a cada dia. Ele não teve o luxo de se perguntar sobre a lógica da magia e das profecias, ou de procurar uma princesa que fosse perfeita para ele e seu mundo brutal.

Ele tinha que ter fé: *você a conhecerá por sua voz*.

Colocando pregos com tiras de couro nas solas das botas, sua tropa sofreu o lento e traiçoeiro declínio ao longo de um afloramento rochoso, pouco largo o

suficiente para homens e cavalos lado a lado. A pressão pesada da escuridão foi suavizada apenas pelas estalactites longas e brilhantes que captavam flashes de olhos âmbar. Muito abaixo, um brilho azulado piscou e oscilou, como ondulações na água. Luzes menores, do tamanho de insetos relâmpagos dessas alturas, pairavam em torno dele.

Além do farfalhar de roupas, do aperto esmagador de cascos e botas e do ocasional bater de um morcego, o silêncio reinou até a metade do caminho. Em seguida, as pegadas de aranhas ósseas arranharam todos em alerta total. Uma passou pela visão periférica de Vesper - uma sombra do tamanho de Nysa. Ele afundou em uma cachoeira congelada e lisa usando uma linha de ancoragem de teia tão grossa quanto o braço de um homem. As criaturas tinham corpos brancos e quebradiços na forma de abóbora de inverno, com seis pernas articuladas e duas garras de pinça. Eles se moviam como caranguejos, mas tinham mandíbulas compridas, com presas se abrindo de um lado para o outro como tesouras. Cavalos eram seus inimigos mortais, propensos a pisar em suas delicadas conchas quando assustados, de modo que as aranhas mantiveram distância.

Os outros tiveram que parar e esperar por Vesper para recuperar o equilíbrio uma ou duas vezes, sua manqueira provando uma sobrecarga na borda gelada. Essa jornada cavernosa sempre trouxe suas falhas à superfície: sua cegueira, sua perna esticada, sua incapacidade de participar de conversas silenciosas. Mas dessa vez, no momento em que entrou no patamar mais baixo da caverna - ouviu as tossidas e gemidos de cervos moribundos, viu suas formas majestosas e outrora graciosas, decaídas e maltratadas - esqueceu suas imperfeições como homem e lembrou-se de que era rei.

Um túnel azul cintilante enfeitava a câmara gelada com um esmalte incandescente. Alguns dos cervos se aglomeravam ao redor da passagem bruxuleante que levava para o alto da ravina, outros lambiam avidamente as formações rochosas tanto tempo que chegavam ao chão, tirando nutrientes das estalactites e do gelo ricos em minerais que incrustavam todas as fendas das cavernas. Ainda estavam saudáveis e se viraram para Vesper e seus

companheiros - as cabeças pontudas erguidas. As grossas escamas em suas costas e peitos exalavam um brilho tão brilhante que Vesper teve que apertar os olhos. Ele sempre ficava surpreso ao vê-los de perto, considerando que eles pareciam tão pequenos quanto os vaga-lumes de cima.

Os cervos que se deitavam ao lado de cadáveres em decomposição e esqueletos ocos estavam doentes, fáceis de detectar quando suas escamas estavam embotadas em um cinza escuro. Vesper não viu uma pilha de chifres como os olhos de Dyadia tinham; no entanto, ele viu órbitas vazias nas cabeças de dois cadáveres e sangue negro, salpicado de reluzentes brilhos - reservas da magia que enchiam seus dentes. Suas feridas contaminaram o ar com um gosto amargo.

Seu estômago se apertou e ele gemeu, embainhando sua espada.

Um dos cervos mais fortes se aproximou, de cabeça baixa, chifres brilhando e apontou para eles. Vesper se adiantou, colocando-se entre a criatura e sua tropa.

—Irmão. — Selena chegou para puxá-lo de volta. Sua voz ecoou na caverna, carregando notas de medo e admiração. Até mesmo Nysa, em sua corda, permaneceu nos tornozelos de sua irmã, silenciosamente observadora, como se sentisse que os cervos estavam morrendo.

—Selena, eu já estive aqui antes. Eles conhecem-me.

—Sim mas, eles parecem não reconhecer ninguém. — Lembrando-se de seu lugar, ela soltou a mão, mas terminou seu pensamento. — Talvez Alger e Dolyn possam assumir a liderança.

Ela tinha razão. Tendo usado o túnel azul brilhante em seus dias de contrabando de sol, eles fizeram a escolha lógica de abordar os veados. Eles passaram por esse caminho muitas vezes mais do que ele.

Mas isso não foi uma passagem típica. Havia um ritual: as criaturas formavam linhas opostas e levantavam suas cabeças, tocando pontas, ponta a ponta, como a tradição do arco do sabre para casamentos militares em seu reino. Assim como uma noiva e um noivo passeavam sob as espadas, o esperançoso

viajante caminhava por baixo e através do arco do chifre. Era o jeito do veado absorver as impressões daqueles que usavam o túnel, para desencadear uma lembrança de seu retorno - um método infalível para garantir que qualquer um que entrasse em Nerezeth desse ponto pertencia ao reino da noite. No entanto, as criaturas não estavam se movendo em qualquer formação neste momento. Eles pareciam díspares, desorganizados.

Eles estavam vulneráveis e perderam o propósito.

Vesper olhou para os nove rostos preocupados atrás dele. — Estes são meus porteiros, que imprimi quando criança. E eles precisam de mim. — Ele soltou as rédeas de Lanthe. Os outros fizeram o mesmo com os cavalos e seguiram em frente, mas pararam quando Vesper levantou a mão, impedindo-os. — Este é só meu. — Embora ele tivesse perdido sua conexão mental, ele tinha que ter fé que se a magia pudesse uni-lo com sua outra metade, uma garota que ele nunca conheceu, poderia ligar a lealdade dessas criaturas selvagens a ele para a vida, como todos os outros reis noturnos antes dele.

Ele deu um segundo passo.

O veado brumal recuou, suas garras parecidas com panteras raspando o chão gelado. Ele abaixou a cabeça novamente em advertência, soltando um som ameaçador - parte bufa, parte rosnou. Os chifres pegaram um flash de luz do túnel e brilharam - hipnotizantes, mas mortais. Os gritos de lamento dos doentes e os agonizantes ao fundo deram a Vesper a coragem de avançar mais dois passos, de tirar a luva e abrir a palma da mão, mantendo-a baixa.

—Estou aqui para ajudar, Beauty. Eu não vou te machucar. Eu sei que minha voz não está na sua mente ultimamente. — Ele ergueu as sobrancelhas, implorando. — Mas ainda sou o príncipe, seu rei. Aproxima-te. Uma fungada e você vai se lembrar.

A criatura chicoteava sua longa cauda, esbelta e branca como uma cobra, com uma ponta espessa e iridescente como uma pérola. Ele bufou, chifres levantados e narinas inflaram em uma respiração profunda e enevoada. Seus olhos brancos se arregalaram, então balançou a cabeça, como um cheiro de

cavalo de algo familiar, algo amado. Ele avançou e acariciou a mão de Vesper. Vesper sorriu e olhou por cima do ombro, onde seus companheiros olhavam com expressões atônitas.

Quando ele arranhou as orelhas pontudas do cervo, ele foi recompensado com um relincho feliz. Os cavalos responderam em resposta, assim como os outros veados saudáveis. Então, um a um, cada guardião adiantou-se e insistiu para que Vesper os acariciasse, fungando a palma da mão como se estivesse coberta de açúcar e mel.

Momentos depois, Vesper passou pelos dois cadáveres com chifres cortados, sibilando ao vê-los e aos esqueletos. Ele veria tudo enterrado debaixo de pedras antes que ele e sua tripulação tomassem o túnel na ravina.

Aproximando-se dos doentes, ele se ajoelhou, seu coração pesado o puxou para baixo. A mão de Selena apertou seu ombro por trás enquanto outros da tropa faziam amizade com o veado saudável em algum lugar à esquerda da caverna.

—Eu me sinto tão indefeso. — Ele disse a ela em voz baixa.

Ela se abaixou para acariciar o pescoço do mais próximo. Bateu lamentavelmente e suas pálpebras se contraíram, esforçando-se para abrir.

Cyprian se ajoelhou ao lado de Vesper. Ele tirou o capuz justo, deixando o cabelo branco na altura dos ombros despenteado. A pintura em seu rosto refletia as luzes bruxuleantes do túnel - acrescentando um elemento horrível e irônico à máscara do crânio. Ele parecia a própria morte. Isso lembrou Vesper de seu próprio rosto pintado. Não é de admirar que o cervo tenha se esquivado dele a princípio.

—O que aconteceu com os chifres deles? — Perguntou o primeiro cavaleiro.

—Como eles estão sendo eliminados para começar? —Acrescentou Selena. — Tão defensivos como eles são?

Vesper apertou a mandíbula. — Nem todos são defensivos. Os doentes não têm mais luta. Se alguém distraísse os mais fortes e os atraísse para o outro lado

da caverna, os mais fracos ficariam indefesos.

—Então, o que está enfraquecendo eles em primeiro lugar? — Selena perguntou. As ondas de luz do túnel aumentavam sua pele pálida - tornando-se mais azul do que o habitual - e seus cabelos e olhos refletiam o brilho fosforescente. Ela parecia um anjo. Ele desejou que ela fosse, para que ela pudesse curar seus porteiros.

—Eu não posso imaginar. — Vesper finalmente respondeu. — Por séculos eles têm sido todos, mas invencíveis.

No momento em que ele disse isso, o veado que sua irmã acariciava arrastou a cabeça em direção ao braço ensanguentado de Vesper. Ele zurrou, sua língua voou para fora. Intrigado, Vesper baixou o braço. Com um suspiro estranhamente humano, a criatura se aconchegou contra sua ferida. Em instantes, seus olhos se abriram e as escamas em suas costas se iluminaram. Estava ganhando força.

Vesper e Selena trocaram olhares atordoados.

—A luz do sol em seu sangue. — Selena foi a primeira a dizer em voz alta, embora ambos estivessem pensando nisso. — Todos esses séculos, os contrabandistas do sol voltaram, transportando a luz do sol. É possível que os veados também precisem de exposição, por menores que sejam?

—E nestes últimos cinco anos, nós estamos privando-os. — Cyprian assumiu. — Nós os fizemos fracos. Nós os tornamos suscetíveis.

Vesper estremeceu, horrorizado. A importância do toque do sol em Nerezeth ficou mais aparente a cada dia. — Vou mandar Alger ou Dolyn de volta com um suprimento depois de capturarmos a bruxa. Chega de um suprimento para durar até que minha união com Lady Lyra cure nossos mundos. — Ele se voltou para os cadáveres sangrando. — Tal carnificina cruel exige vingança. Quando eu achar os criminosos responsáveis, eu os matarei onde eles estiverem.

Dentro da masmorra de Eldoria, escondida dentro da fabricação de pelúcia

feita por ela, Griselda estava ao lado da pequena mesa de jantar onde ela e suas filhas tinham feito refeições nos últimos cinco anos.

Lá, ela desembrulhou uma entrega nova: dois conjuntos de chifres de veado, ainda vazando sangue salobra e mágico que brilhava como o céu estrelado em retratos antigos. Griselda se trancou contra aquele estranho ardor - como se algo lhe doesse sob o couro cabeludo acima das têmporas. Sempre acompanhou essas transações. Se ela tivesse consciência, suspeitaria que eram dores de simpatia.

Ela riu interiormente pela impossibilidade; uma vez que tudo isso estava atrás dela, ela teria o médico do castelo para ver as dores estranhas. Considerando que Lustacia também estava se queixando de dores de cabeça - a única filha que herdara a pele e a fisicalidade de Griselda - provavelmente era uma escassez nutritiva por falta de luz solar e ar fresco.

—A cota está cumprida, Sua Excelência? — perguntou Sir Erwan, observando ao lado dela enquanto Sir Bartley estava de guarda do lado de fora da porta.

—Sim.

Erwan levantou uma sobrancelha escura quando algo se arrastou atrás dele.

—Acredito que as exportações passaram despercebidas? — Perguntou Griselda ao goblin de geada que saía de trás da segurança dos calções vermelhos e do manto branco do cavaleiro. O topo da cabeça da criatura chegou aos joelhos de Griselda. Era apropriado que ele se chamasse Slush, já que parecia tão enlameado e pisoteado quanto Griselda imaginava que a neve estivesse suja.

—Assim, até hoje, Magistrada. — Ele respondeu, sua voz farfalhando e arejada, como a mudança de cinzas das memórias miseráveis de Griselda da ravina.

Ela estremeceu, irritada com o dialeto rimado infantil. Todos da sua espécie falavam assim, então ela tinha que ser tolerante. Isso terminaria hoje. — É a majestade. E você reservará esse título para a princesa. Ela será sua rainha.

Slush zombou, seus dentes espetados escorregadios e sujos. O cabelo em

cima de sua cabeça era magro e grosso - a cor da lama manchada de leite. Crescimento cristalizado captou a luz e brilhou em seu queixo como uma barba de pingentes de gelo. Cílios irregulares semelhantes, menores em número e comprimento, pingavam de orelhas longas e pontiagudas que se assemelhavam às de um burro.

Seus olhos cinzentos e vidrados, salientes como enormes bolinhas de gude naquele rosto pequeno e áspero, viraram-se para a dita “princesa” com uma mistura estranha de idiotice e inquisição. Lá, aos pés das filhas de Griselda, a tripulação de Slush ficou de quatro - baba escorrendo de seus lábios em roupas feitas de casca de árvore. Havia seis ao mesmo tempo, mas dois haviam sido perdidos para uma morte de fogo na ravina há vários anos. Tudo dito, esta tripulação menor serviu bem o suficiente.

As meninas, vestidas de renda e veludo, sentavam-se em bancos almofadados. Wrathalyne e Avaricette conversavam com a irmã - Lustacia, agora tão acostumada a ser Lyra, mantinha silêncio em torno de alguém que não fosse da família - enquanto dava os últimos retoques em seu enxoval de casamento. Elas prenderam pérolas no véu, luvas e toucado, além de renda creme no decote decotado do vestido rosa de organza.

Ao lado delas, os pássaros arrulhavam e tweetavam em suas gaiolas, aumentando a estranha serenidade da cena. Mesmo com a sua miserável sobrinha morta, Griselda optou por manter os passarinhos e as andorinhas à mão. Nunca se sabia quando uma infestação poderia ocorrer.

Ela supunha que em algum nível, isso era uma infestação: um meio círculo de terríveis duendes com narizes longos e pontiagudos que afundavam quase para cobrir suas bocas, cercando três adoráveis garotas. No entanto, nenhuma de suas filhas se importava. Estando na masmorra todos esses anos sem interação social, elas passaram a pensar nos goblins como servos. Uma evolução lógica, considerando que os cinco bandidos tinham entregado encomendas de Nerezeth desde que Griselda precisou de escorpiões e de cadáveres para torturar sua sobrinha.

Se alguma coisa, suas filhas estavam entediadas com a presença de seus convidados. Por outro lado, os goblins ficaram fascinados. Tudo sobre a humanidade e a imponência os intrigou, eles cobiçavam essas características mais do que o ouro branco de Eldoria. Uma ganância insaciável da qual Griselda havia se apoderado e explorado desde o começo.

—E nós vamos governar ao lado dela, altos como homens cheios de orgulho. Sim, graciosidade de todo o espaço? — A pergunta de Slush fundamentou os pensamentos de Griselda.

Ela esfregou a coisinha infernal ao longo de seu couro cabeludo, franzindo a testa quando notou dois pequenos solavancos. Aqueles eram novos. — Essa é a sua graça. — Ela corrigiu o goblin, preocupado com sua insolência.

—Eu sou a graça? Mas eu não tenho cara. — Ele passou a ponta do nariz comprido com um dedo torto e magro, como se pudesse empurrá-lo para dentro do crânio e diminuí-lo.

—Você está para me chamar de seu Gra-Oh, não importa. — Estúpido como ele era, ele tinha um bom senso para o que ficou sob sua pele. Mas ela teria a última risada. — Eu prometi que você seria a imagem espelhada dos homens, não é? Uma dama sempre mantém sua palavra.

Tendo respondido - uma verdade gritante que ele logo compreenderia com horror - Griselda alisou o cabelo no lugar. Ela consideraria os nós mais tarde, quando houvesse tempo para se olhar no espelho. Por enquanto, ela não tinha vontade de se ver em seu vestido de dia marrom. Trabalhar com ingredientes mágicos em condições instáveis tinha se mostrado confuso no passado e ela arruinou verdades suficientes para aprender que a planície poderia ser melhor, em raras ocasiões.

Ela atravessou a câmara e pendurou os chifres de ganchos ao lado da lareira, situando-os para que o sangue negro e brilhante pudesse escorrer para uma tigela de porcelana. Demorou dois pares para encher um frasco. Ela tinha dois jarros que já estavam nas prateleiras, escondidos atrás de garrafas de vinho de pêssego, reservas de parafina e sol líquido, e sacos de carnes secas e queijos.

Hoje seu suprimento de sangue finalmente seria útil.

Sorrindo, ela soltou outro conjunto de chifres de quatro meses antes - vazios de toda a essência da vida - em um almofariz de granito e pilão do tamanho de uma panela grande. Triturar os dentes em pó espumante para que a magia de geada invernal pudesse ser liberada sempre exigia algum trabalho. Mas Griselda gostou do processo. Pulverizá-las era terapêutico, sabendo da colheita que colheria, embora suas mãos estivessem permanentemente machucadas e manchadas de um branco-azulado brilhante.

Quais eram as melhores luvas de cetim de uma dama, se não para esconder sua ambição?

Ela caminhou até a prateleira e afastou os itens do cotidiano, derrubando os dois frascos de sangue. O conteúdo espirrava e cobria o vidro, deixando marcas oleosas que brilhavam como diamantes obsidianas líquidas à luz da lanterna - ricas com a promessa de alquimia e ambiguidade. Este foi o último ingrediente para a etapa final da transformação de Lustacia.

Sir Bartley trouxera a notícia mais cedo - uma missiva enviada pela rainha Nova via gralha - anunciando a chegada do filho dentro de alguns dias. Ela também mencionou que uma espiã tinha visto a bruxa na ravina, que ela possuía uma caixa marcada como “princesa-revolução”. Se a velha bruxa pisasse dentro de seus portões, Griselda a faria ser presa novamente. A única coisa que importava hoje era que o príncipe Vesper estava finalmente chegando para reivindicar sua noiva. Sua filha, não Kiran.

Uma menina canora de cabelos prateados que comanda as sombras.

A lista de verificação de Griselda estava quase completa, faltando apenas uma coisa. E uma vez feito, nenhum corpo em lugar algum poderia negar que Lustacia era a verdadeira princesa da profecia.

Colocando os potes em uma pequena cesta, Griselda olhou ao redor da sala. A mesa estava arranhada desde o momento em que as garotas a usavam em um jogo de arremessos. A ferradura de metal que eles estavam jogando sobre um espigão de argila amassava a madeira irreparavelmente. Os espelhos que

ampliavam as lanternas estavam enegrecidos em pontos de todas as vezes que as garotas os haviam polido; os tapetes eram usados de valsas durante bolas imaginárias; e as tapeçarias com cheiro de especiarias e flores frescas eram gatilhos nostálgicos mais poderosos do que qualquer outra coisa - remetendo às horas que as garotas passavam em frente à lareira, rindo sobre trechos de fofocas da cidade entregues por Erwan e Bartley.

Em algum lugar lá no fundo, Griselda entendeu que ela havia roubado suas filhas de sua juventude, isolando-as, especialmente as duas mais velhas. Tanto quanto ela procurou por arrependimento, ela sentiu apenas um bocejo vazio, desprovido de qualquer sentimento além de seu desejo de se livrar dessa cela claustrofóbica para sempre.

Deixando cair a cesta em uma panela de ferro, Griselda apontou para Erwan. Ele contornou os goblins e os conduziu pela porta, indo em direção ao túnel secreto. Lá, a sala escondida esperava por paredes de terra e pisos musgosos, onde o destino real de Lustácia seria finalizado.

Quando Slush atravessou a soleira atrás de seus quatro compatriotas, seus olhos bulbosos se voltaram para ela.

—Hoje foi seu ponto final. — Griselda respondeu, acenando para ele. — Como tal, seu pagamento é devido. Sir Erwan está levando você a todos os nossos aposentos mais privados. Eu estarei lá em breve para fazer a restituição.

Isso pareceu satisfazê-lo, por seus ombros erguidos, como se já se sentisse mais alto. A porta bateu atrás dele.

Lustacia levantou-se, mesmo antes de Griselda fazer sinal para ela. Wrathalyne e Avaricette seguiram sua liderança, escondendo a costura. Seus olhos tinham menos trepidação do que os da irmã, ambas obviamente ansiosas por uma pincelada com as artes negras. Elas deviam estar desapontadas hoje.

—Nós estamos indo para a sala especial, Mumsy? Onde você esconde os velhos retratos de família e as cartas e rosas do príncipe? — Wrathalyne fez a pergunta, e os traços de Lustácia caíram em pavor.

Ao ver a expressão de sua filha mais nova, Griselda franziu a testa.

Ignorando a pergunta de Wrathalyne, ela voltou sua atenção para Lustacia enquanto colocava o grimório na panela de ferro ao lado da cesta. Os ingredientes restantes esperavam na sala de terra em algumas prateleiras. — Não se preocupe, minha princesa. Eu empilhei as lembranças no canto mais escuro ao lado do espelho reconstruído da Rainha Arael e cobri tudo com seus vestidos comidos por traças. Teremos que encher sua sala real com eles, depois que você se casar com o príncipe. Lyra estava ferozmente nostálgica. No entanto, com as alterações na sua aparência, você favorece a criança fantasmagórica nos retratos o suficiente para que ninguém questione sua herança.

—Tudo bem. — A resposta de Lustacia veio em uma voz cantada, fora de sincronia com sua expressão cansada. — Vamos fazer com o feitiço mágico.

—Verdadeiramente? Nenhum pedido para a vida dos goblins? Não tem coração sangrando? — Perguntou Griselda, satisfeita e surpresa com a ousadia da filha.

—Meu principe está chegando. Ele tem meu coração. — O olhar de Lustacia estava cheio de remorso, como muitas vezes estava, uma falha causada por sua consciência sensível. Ela retirou a última carta de Prince Vesper de uma pequena caixa junto com sua panacéia rosa - sem espinhos e pétalas de lavanda profundas que estavam começando a enrolar com a idade. De vez em quando, o príncipe enviava uma rosa com sua nota mensal em homenagem a uma que ela havia desistido quando criança, embora, na verdade, tivesse sido o sacrifício de sua prima.

Lustacia embalou os dois itens como se fossem bebês. Ela sempre leu cada missiva e respondeu como uma princesa deveria, aludindo à sua delicada constituição, o medo das urtigas gigantes e das abelhas furiosas que mantinham o castelo refém. Insinuando o quanto ela esperava que ele a resgatasse. Griselda ensinara a suas filhas que, se quisessem nutrir o interesse de um homem, elas deveriam primeiro engordar seu ego. Depois de responder, Lustacia sempre colocou as letras e as rosas da vista dela. Ela alegou que o perfume e o brilho da tinta a deixaram doente. Griselda sabia a verdade, que eles a lembravam de Lyra.

Por mais irritante que fosse, ela permitira à filha essa fraqueza. Até agora. Uma rainha deve ter a coragem de escolher a brutalidade sobre a misericórdia e a apatia pela consciência quando sua coroa estava em jogo.

—Você trabalhou muito para isso. — Griselda pegou a rosa e a carta de Lustacia, largando-as na cesta para levar adiante com os outros itens. Ao longo destes últimos seis meses de seu confinamento, sem falhar, sua filha mais nova se banhou em pomada e usou uma pasta grossa nos cabelos e cílios. Ambas as misturas eram feitas de luz estelar contrabandeada, pó de chifre e claras de ovos, e tinham o efeito de pratear qualquer coisa que tocassem. Lustacia tinha até colocado gotículas da mistura, diluídas com leite, em seus olhos, apesar da queimação agonizante, resultando em um tom lilás. Mesmo com sua tendência a contusões, ela provou ser de pele espessa o suficiente para fazer o que tinha que ser feito.

Embora Griselda desprezasse que a mais jovem fosse forçada a trocar sua compleição rósea e sardenta, cabelos ruivos e olhos azuis para o semblante de morador das trevas, fora uma transformação necessária. A única coisa que elas não conseguiram era alongar os cílios. Depois de tentar sem sucesso, decidiram alterar todos os retratos de Lyra em sua juventude. Griselda mandou que Bartley pegasse pigmentos, telas e pincéis, fazendo com que ele alegasse que as filhas de Griselda e a princesa precisavam de um passatempo para passar as longas horas, de modo que deviam retomar a pintura de paisagens. Não foi difícil misturar e combinar cores o suficiente para afastar os cílios longos e rebeldes de Lyra, fazendo com que Lustacia se assemelhasse tanto à criança no retrato quanto à prima. No momento em que os retratos fossem pendurados nas paredes do castelo mais uma vez, as pessoas assumiriam que exageraram a aparência da princesa em suas memórias, e tudo seria esquecido.

—Finalmente você vai colher os despojos do seu trabalho. — Assegurou Griselda à filha.

—Sim. — Respondeu Lustacia, envolvendo um véu noturno em seu cabelo prateado e pele brilhante. — Eu desisti de tudo que me fez eu mesma. Tudo para

ele me amar. Tudo para ser sua rainha. Mas ainda tenho minhas próprias palavras, mesmo que seja a voz dela. — Pouco tempo depois de ficar trancada no calabouço elegante, Lustacia deixara de praticar os sinais de mão que o primeiro-ministro Albous ensinara à verdadeira Lyra. Em vez disso, ela usou a passagem do tempo para moldar a voz roubada de Lyra no discurso, misturando-a com a sua própria, sem perder a qualidade do canto dos pássaros. — Estou pronta para deixar de esconder a capacidade de falar. Meu príncipe será o primeiro a saber. Talvez então ele possa se orgulhar de algo que fiz sozinha como eu mesma.

—Nós queremos ver você mudar os monstros para os homens. — Avaricette entrou na conversa, sentindo que eles deveriam partir sem ela e sua irmã do meio.

—Mãe, por favor! — Wrathalyne se juntou a ela. — A metamorfose soa tão fascinante.

—Isso está se metamorfoseando, Ira. — Avaricette corrigiu com um revirar de olhos.

—Vocês duas vão ficar. — Griselda insistiu, juntando a panela pesada e juntando-se à filha da princesa na porta. Ela bateu três vezes, sinalizando para Sir Bartley que eles estavam prontos. — Os goblins devem beber a poção diretamente das mãos de Lustacia para que o vínculo seja completo. Nós não precisamos de você lá discutindo e interrompendo o processo. Façam-se úteis. Alimentem os passaros. Voltaremos em breve, com os súditos mais leais da sua irmã.

13
O açougueiro, O padeiro e outros Infratores



No centro da Ravina Ashen, o mercado negro abria todos os dias, quatro horas após o término do curso de cessação. Permaneceu aberto durante o curso diurno durante seis horas depois, permitindo que cinco mais de lazer antes do tempo descansassem novamente. A maioria dos habitantes optava por usar o último para saquear, embelezar ou fornicar.

Situado no meio da neblina monocromática de cinzas, troncos torcidos negros e dosséis de folhas cinzentas impenetráveis, o mercado oferecia um toque de cor e vitalidade.

Todos os dias, na abertura, lanternas de vidro do tamanho de maçãs - permanentemente afixadas nos galhos espinhosos - estavam cheias de insetos relâmpagos do reino da noite, fornecidos por duendes, os duendes das geadas. Nigel, um ladrão aposentado, estava encarregado de subir em cada árvore para encher as lanternas, sendo tão ágil quanto uma cabra montanhasa (com a barba e a cara de uma, para combinar). Uma vez acesos, os globos amarelos brilhantes pontilhavam as árvores como gotas de orvalho gigantescas, iluminando a estreita extensão abaixo de onde uma dúzia de barracas improvisadas de madeira, galhos e pedras se alinhavam em ambos os lados da sinuosa passarela de ônix.

As bancas mais antigas e raquíticas tremeram com os gritos dos proprietários tentando superar um ao outro com promessas de qualidade e quantidade. Tudo, desde comida típica e especiarias a mercadorias místicas e intangíveis, eram vendidas. Lojistas analfabetos tinham banners coloridos com imagens bordadas para representar seus produtos; outros, que podiam escrever e ler, pintavam palavras em sinais. Algumas frentes de lojas eram decoradas a extremos: fitas multicoloridas ou penas nas bordas para vibrar convidativamente quando alguém passava, ou vidro e pedras do mar pressionados contra argamassa formando mosaicos intrincados. Depois, havia aqueles que não passavam de tábuas de madeira - manchas podres manchadas de alcatrão. Estes ainda precisavam ser atualizados. Cinco anos antes, todos os estandes pareciam assim: cinzentos, surrados e mofados.

Foi Stain quem começou a campanha de embelezamento, por acaso, quando ela estreou na loja com seus guardiões um mês após seu resgate, uma vez que eles se sentiram seguros para ela ser vista disfarçada.

Ela recordou a primeira interação com frequência, como era maravilhoso ter pertencido a alguma coisa, uma comunidade, por mais estranho que pareça para aqueles do lado de fora.

—Você pendura as memórias nos pinos, de frente para fora, então deixe os clientes ficarem intrigados o suficiente para parar. — Disse Crony quando eles chegaram ao seu estande. O trabalho de Stain era preencher os pinos inferiores, pois ela era pequena demais para alcançar os mais altos. Luce cuidou disso.

Ela tinha pendurado apenas algumas das fichas de vidro cintilante antes de perceber que as pessoas se arrastavam sem parar. Eles se voltaram para as lojas que vendiam poções encantadas e armas enfeitadas - ignorando completamente como as lembranças mágicas poderiam ser. Tendo perdido a sua, Stain queria que os clientes parassem. Para fazê-los entender.

Ela não podia gritar e contar a eles o que estavam perdendo como outros lojistas faziam. E Crony e Luce pareciam muito ocupados armazenando as prateleiras para notar.

Ela tinha algumas flores no bolso naquele dia, depois de arrancá-las do jardim antes delas chegarem. Ela gostava de manter buquês escondidos em sua pessoa por sua fragrância suave e bonita. Ela poderia parecer suja e desleixada, mas não havia razão para sentir o cheiro da parte. As flores também eram um lembrete de que a queimação nas pontas dos dedos produzia belos resultados, tornando a dor recorrente mais suportável.

Tirando cinco flores murchas, ela se arrastou até o balcão do estande sob a placa: NOSTALGIA RETOLD: MEMÓRIAS BENÉFICAS PARA OS PERSEGUIDOS E QUEBRADOS. Ela colou as flores frágeis no lugar entre as lajes de madeira com lama mole.

Luce e Crony pararam de estocar para assistir, e logo outros também pararam por um momento. Então eles se viraram novamente e foram fazer compras em outro lugar.

—É uma boa tentativa, pequenina. — Encorajou Crony, acariciando sua cabeça confusa. Os olhos escuros da bruxa seguravam um brilho suave. Era a luz do afeto, mas Stain queria mais. Embora o sorriso da velha bruxa tivesse o poder de murchar plantas e inspirar medo, Stain gostava bastante dela.

—Uma ideia muito boa, de fato. — Concordou Luce. Ele ofereceu um olhar astuto para Crony, uma mancha que tinha visto passar entre eles quando eles estavam ensinando coisas sobre o mundo fora de sua ravina. — Talvez você simplesmente precise pensar maior. Diga que essa barraca era um reino. Um monarca sábio daria atenção e riqueza apenas ao palácio? — Ele apontou para a placa. — Ou espalhariam tudo em todos os cantos do entorno, para que pudesse ser visto até de longe, para capturar os olhos de outros reinos, possivelmente atrair sua própria população com o desejo de fazer parte de algo tão poderoso, bonito e unificado?

Stain considerou seu discernimento e, na hora de fechar, depois que todos

os outros lojistas e fregueses saíram, ela compartilhou um plano com seus guardiões.

Crony enrugou a testa marrom ao ouvir isso. — Sim, isso é uma grande tarefa com algum sacrifício doloroso. Está pronta para isso?

Stain assentiu e Luce sorriu em aprovação antes de encolher para sua forma de raposa. Ele vigiava o mercado abandonado, entrando e saindo das árvores e cabines para ter certeza de que ninguém testemunhou Stain usando as pontas de seus dedos de ouro para alimentar a lama que ela espalhou por todo o estande. A queimadura de fogo valeu a pena, porque as flores criavam raízes. Não apenas isso, ao abrir o dia no dia seguinte eles se multiplicaram - uma profusão de pétalas vermelhas, fúcsia, azuis e de damasco cobrindo a cabine esquelética de alto a baixo. Seu doce perfume dominava o habitual medo da decadência que permeava o mercado.

Crony bateu o recorde vendas naquele dia; os fregueses se aglomeravam em torno de seu estande de memória, como não podia ser perdido. Se um patrono não visse o cobertor de cores brilhantes, eles cheirariam o cheiro sedutor. Todo mundo ficou cativado pelas flores encantadoras que eles supunham que a bruxa havia conjurado, pedindo para comprá-las. Quando ela disse que elas não estavam à venda, eles compraram tudo o que forrava suas prateleiras, até mesmo seus sinos para “sono mais amável”. Os longos cilindros de vidro - amarrados com fios para pendurar na cama – eram memórias de histórias para dormir e canções de ninar capturadas. No passado, eles foram evitados pelos criminosos cansados. No entanto, alguma coisa sobre ver as flores florescendo em um terreno baldio - forte apesar de suas fragilidades - suavizou até mesmo o coração mais duro naquele dia, deixando todos nostálgicos por tempos mais delicados.

Logo se tornou uma competição para ver quem poderia ter o estande mais colorido e atraente; para ver quem poderia atrair mais patronos. Mesmo agora, nenhum deles havia batido o recorde de Crony, mas suas tentativas foram feitas por um centro muito mais bonito e, em troca, por lojistas e fregueses mais

felizes. E a melhor recompensa de todos foi o sorriso de Crony. Ela murchava uma linha inteira de flores em seu estande naquele dia, mas valera a pena pela memória.

Todas as lembranças de Stain giravam em torno de Scorch, Luce ou Crony, tendo perdido todos os outros para a amnésia. Aquele buraco grande dentro dela e seu passado a forçaram a nunca dar a vida como garantida. Para tornar cada experiência maior, mais brilhante e mais ousada, ela poderia preencher esse vazio com coisas significativas.

Hoje, algo cheirou significativo no ar quando Luce e Stain chegaram ao intervalo nos troncos de árvores que formavam a entrada do mercado. No entanto, o estranho aroma subjacente desapareceu sob o aroma de biscoitos recém-assados, o cheiro de odor corporal e o tempero pegajoso do hidromel de corrente negra.

Scorch parou na borda da moita e enfiou o casco dianteiro através das cinzas.

—Bom dia então, burro. — Luce ofereceu uma reverência arrogante para o Pégaso e entrou, uma convocação não dita para Stain se despedir. As orelhas de Scorch se deitavam; ele parecia pronto para abalar todo o mercado. Ele sempre foi mais rabugento quando chegou a hora de se separar.

Stain se colocou entre o Pégaso e a entrada. Ela sentiu os olhos de todos neles, ciente de como eles pareciam estranhos: o insignificante garoto “enlouquecido” e seu massivo e selvagem companheiro. Ela mal chegava ao peito de Scorch, mas ele teve moderação suficiente para não trombar sobre ela quando ela estava em seu caminho. Embora Scorch nunca quisesse falar de seu passado - aquele tempo antes de encontrar o caminho para essa ravina - o Pégaso deve ter sido predito em grande quantidade, pois não confiava em ninguém, diferente dela.

Stain reposicionou a alça da bolsa em seu ombro e perguntou-lhe a mesma pergunta que fazia toda vez que saía para o trabalho: *Se eu permitisse que você entrasse nisso uma vez, você se comportaria?*

Ele bufou e fumaça ondulou de suas narinas. *Se por comportar, você quer dizer que incendiar as barracas no chão, incendiar a multidão que grita e arrasa suas brasas com meus cascos, sim.*

Ela sorriu. *Nós poderíamos ficar juntos se você pelo menos fingisse ser civilizado. É tudo sobre diplomacia. Luce está me ensinando*

Ser civilizado não é o que me mantém vivo e livre, é?

As cicatrizes em sua pele negra e lustrosa - as tentativas das pessoas de atirar nele cheias de flechas amarradas a redes, ou cortá-lo com uma espada para retardar seu galope - atestaram esse fato. Stain tinha visto o jeito faminto que os habitantes da ravina o observavam. Tanto fogo dentro dele, ilimitado e regenerativo. Caso alguém conseguisse engarrafá-lo, eles ofereceriam uma fortuna em um desses estandes. No entanto, de alguma forma, ele sempre escapou, em seguida, ia para o ar para se curar. É assim que a mágica dele funcionava. O ato de voar - seja na ravina onde o dossel cinza-esverdeado se estendia mais alto, ou sobre o oceano no céu aberto - suturava suas costuras. Se suas asas fossem quebradas, seria sua queda. Ninguém conhecia sua fraqueza, exceto ela, e ela iria ao túmulo com ela.

Ela tirou uma luva para esfregar seu focinho felpudo. *Tenha um bom dia então.*

Ele soprou uma respiração carbonizada através dela. O calor se espalhou até os dedos dos pés, muito parecido com a sidra de canela que Crony fazia nos dias mais tempestuosos, quando a chuva conseguia chuviscar através dos dosséis.

Fique longe do pântano da lua, Stain repreendeu. Ela então se virou em direção à passarela de ônix, prestes a ir para Luce, com dez baias no chão, onde guardava lembranças de vidro em pinos na loja de Crony.

Scorch falou e Stain olhou para trás.

Você não sente a mudança no ar? Nós devemos explorar.

Sim, havia aquele perfume significativo de novo. Algo que cheirava almiscarado como o couro equestre de Scorch, mas cru ao invés de torrado.

Semelhante ao cheiro de chuva, ainda diferente. Forte e mais frágil. Ela não conseguia localizar, mas agora que ela parou para se concentrar, todos os seus sentidos estavam em pé, como se procurassem a resposta.

O problema de morar aqui, tão isolada do reino, era a ausência de gritos da cidade. A maioria dos habitantes ficava na periferia de Eldoria se eles se aventurassem, e era raro que os arbustos da ravina permitissem que alguém entrasse, a menos que tivessem um fedor de morte ou vício sobre eles. Como os rumores eram mais excitantes que os fatos, qualquer pedaço de notícia que chegasse já havia sido mastigado, cuspido e mastigado de novo - em um conto fascinante o bastante para justificar o relato. Uma vez que chegasse ao mercado, era tão irreconhecível em suas origens quanto um pedaço de carne mastigada.

Há cavalos estranhos, Scorch ofereceu a resposta sem que Stain sequer perguntasse. *Do reino da noite, a crosta de gelo é velha em seus casacos. Dez cavaleiros; três fêmeas, sete machos. Eles podem ser assassinos, se o cheiro oleoso de enguia é algo para passar.*

Ela fez uma reviravolta completa. *Você sabe tudo isso de uma fungada?*

Seus inescrutáveis olhos escuros olhavam sem piscar para ela, assegurando-lhe a loucura em tal pergunta. Ela não deveria se surpreender; ele sabia que ela era uma menina desde o momento em que se conheceram. Claro, ela sempre achava que era porque ele podia ouvir a voz dela em sua mente como ela podia.

Você não gostaria de ver quem eles estão matando?

Ela mordeu o lábio ante a pergunta de isca. Scorch sabia que ela odiava a violência quase tanto quanto ele se deleitava com isso; mas ele também sabia que ela dificilmente resistiria à oportunidade de ver um Nerezetita na carne.

Ela passou a acreditar que o reino da noite deveria ser sua casa. Ela não podia pertencer ao dia, em um lugar que a queimaria viva se ela se aventurasse fora da sombra. Quem ela era e como ela veio para estar aqui eram os verdadeiros mistérios. Mistérios que ela estava tentando resolver, embora fosse difícil, mantendo um perfil baixo.

Em algum lugar lá fora, ela deveria ter uma mãe e pai ou irmãos. Alguém que sentia sua falta, não apenas um inimigo invisível que a odiara o suficiente para vê-la morta. Mas foi o medo de enfrentar os abusadores invisíveis que a mantiveram cautelosa. Isso e Luce e Crony. Até o momento, eles nunca permitiram que ela andasse perto da caverna coberta de mato - a entrada de Rigamort para Nerezeth ficava na extremidade mais distante da ravina. Mas Stain sabia disso. E o que eles não sabiam era com que frequência ela e Scorch caminhavam, percorrendo o labirinto de espinhos que o rodeava. Eles foram observar. Imaginar. Contemplar. Um dia, ela mergulharia dentro daquela caverna. Foi uma questão de convencer Scorch a acompanhá-la. Ele, que se enfureceu em todas as situações de cabeça e sem medo, parecia nervoso por entrar. Ela assumiu que entrar em uma terra coberta de gelo poderia ameaçar sua chama, embora houvesse outros perigos a considerar.

No mercado, os Dregs vendiam os cadáveres preservados de arbustos de cadáveres e escorpiões de rima. O goblin de geada se deleitava com qualquer pessoa que escutasse com histórias do sangue que as capturava. Por mais desconfortável que as criaturas mortas fizessem Stain, elas também a deixaram triste. Eles eram familiares de alguma forma, e ela se perguntou se poderia ver algum vivo.

Por que passar o dia labutando com uma raposa cheia de pulgas - Scorch interrompeu suas reflexões - *quando você podia andar à sombra de um grandioso Pégaso ou subir as árvores ao lado dele enquanto ele voava? Eu sempre dou a você aventuras esplêndidas.* Seus olhos brilharam mais em um desafio. *Apenas pense, nós podemos até mesmo rastrear os Nerezethites através do Rigamort. Com eles forjando a liderança, eu poderia ser tentado a me aventurar. E você pode encontrar as respostas que procura. Venha comigo.*

O pulso de Stain saltou com a oferta, embora ela não confiasse que ele iria seguir até que de alguma forma o beneficiasse. No passado, ela pediu muitas vezes que ele buscasse respostas para ela, sobrevoando Eldoria. Ele insistiu que só poderia voar na abertura acima do oceano, que ir a qualquer outro lugar

poderia arriscar sua liberdade.

Stain olhou por cima do ombro para Luce. *Ele me deu um dízimo. Preciso esticá-lo em cinco e concluir a troca de hoje se quiser ganhar tempo.*

Todos esses truques que ele tem que executar estão abaixo de você.

Ele está me ensinando a negociar. Isso me faz melhor no meu trabalho aqui.

E as flores ele te força a crescer, apesar do tormento que isso lhe traz. O que diz isso?

Luce diz que quando alguém tem a capacidade de inspirar felicidade ou beleza e restaurar o equilíbrio, eles devem usá-lo. Mesmo que doa um pouco.

O olhar de Scorch iluminou a suave laranja das velas gotejantes. *Um cão humilde não é o mestre do homem.*

Stain sorriu para sua vaidade. *Nem é um cavalo. Responsabilidades humanas não devem ser tomadas de ânimo leve. A menos que hoje eu possa ser um Pégaso, indiretamente? Se eu puder montar você e voarmos juntos para espionar os destruidores*. Ela gostou dessa ideia. Estar a salvo nas costas de Scorch ofereceria anonimato. Sendo alta, fora do alcance, mas com uma visão panorâmica.

Scorch sacudiu o pescoço elegante, soltando as brasas que orlavam sua juba para se aproximar dela. O ataque temporário de Stain com esperança desapareceu. Ela antecipou sua resposta antes mesmo que ele pensasse, já que eles tiveram essa conversa inúmeras vezes: *Somente quando o sol e a lua compartilharem o céu, eu carrego você.*

Ela estourou as brasas como se fosse um conjunto de bolhas de sabão. Ela mal sentiu o calor. *E então você pertencerá a mim, minha força animal, e juntos vamos resolver o enigma do meu passado.*

As narinas de Scorch chamejavam tão brilhantes quanto seus olhos. *Há tantas chances de que até o conto de fadas se tornar realidade, coisa minúscula e insignificante.*

Ela ouviu trechos do conto de fadas sobre o mercado. Uma princesa no

palácio de Eldoria iria se casar com um príncipe do reino da noite. O príncipe tinha a luz do sol sob a pele, e a princesa era formada pelo luar e podia cantar como um pássaro.

Segundo o folclore, se os dois se unissem, teriam poder suficiente para reconciliar o sol e a lua.

Stain fingiu compartilhar o cinismo de Scorch - fazendo piadas obscenas sobre o absurdo. No entanto, no fundo do seu coração, onde ninguém podia ver, ela ansiava que fosse verdade. Pois então ela poderia finalmente voar com Scorch, do lado de fora nos céus noturnos abertos, escapar desse exílio estéril sob as árvores e o passado oco que parecia sempre zombar dela aqui no chão.

Talvez ela pudesse persuadi-lo a dar uma carona a Luce. Ela só acompanhou Luce e Crony para roubar memórias na ravina algumas vezes antes de Luce começar a insistir que ela ficasse em casa. Ele odiava que ela o visse comer o coração, o fígado ou os pulmões do cadáver para poder manter sua beleza de sílfide. Embora ele tentasse esconder sua vergonha e saudade, Stain sentiu isso, assim como ela sentiu como ele sentia falta de voar.

Ela entendeu. Não ser capaz de admitir a falta de algo era muito parecido com a falta de algo que não se lembrava de ter. Ambos deixaram um vazio que não pôde ser preenchido.

Eu tenho uma teoria. Stain continha uma onda de tristeza provocando Scorch. *O príncipe veio reivindicar sua princesa. Esse é o gelo que você cheira.*

Uma princesa tão delicada que não consegue dormir em cima de uma cama de penas sem se machucar. Então, covarde, ela não vai deixar as muralhas do castelo por medo dos cardos e abelhas que a cercam. Em vez disso, ela espera que alguém venha e sangre por sua liberdade. Eu mal vejo por que um príncipe da noite mal-intencionado gostaria que uma empregada tão delicada compartilhasse seu trono de espinhos.

Stain inclinou a cabeça. *Dizem que a princesa tem a voz de um rouxinol, que ela é linda como um cisne.*

Scorch grunhiu. *Um falcão procura companhia com um cisne entre os*

lírios de um lago ou canta duetos com um rouxinol? Ou ele sobrevoa a tempestade ao lado de seu igual, o falcão? Andando pelo mesmo caminho rochoso. Nadando as mesmas correntes agitadas. Compartilhando coragem suficiente para enfrentar um matagal de sarças sem nada a ganhar além de dor e chama. Essa é a verdadeira medida do valor de uma companheira.

Stain sorriu então. Apesar de sua condescendência constante, Scorch valorizava suas cicatrizes e todas as coisas que a dificultavam a olhar. Os humanos podiam aprender muito com os animais, pois olhavam com o coração e não com os olhos.

Os rumores têm um dia e hora marcados, ela brincou novamente. *Agora que a princesa tem idade suficiente para reinar, dizem que o tempo está próximo.* Ela ergueu as sobrancelhas, dizendo a ele sem palavras que ele estaria preparado para pagar.

Eles também dizem que o tempo voa. Assim como eu. Ele então se virou para as árvores, enfeitando-a com uma visão de sua cauda de faíscas golpeando contra os flancos escuros - como se ela fosse um mosquito importunando-o. *Estou entediado dessa conversa. Eu não vou lamentar sua ausência hoje. Talvez eu não te procure de novo.*

Talvez, Stain respondeu, colocando a luva de volta no lugar. Então ela se virou e sorriu, sabendo que ele ameaçou o mesmo por cinco anos. Ele voltaria para relatar o que encontrasse em sua aventura quando as lojas fechassem o dia; desta vez, ele pode até ter algumas respostas para ela.

Entrando no mercado, suas solas de bota batiam na calçada preta lisa. Ela passou a baia depois da barraca, encenando seu andar de menino. Só a reputação de Crony e Luce teria sido suficiente para protegê-la, se alguém tivesse visto além do baile de máscaras. Mas ninguém se importava em olhar mais de perto: pele com cicatrizes que parecia suja, não importava o quanto ela esfregasse, devido a uma dose diária de protetores solares; O cabelo despenteado que nunca cresceu, gorduroso de uma pasta de amoras esmagadas que deixava um resíduo mesmo quando limpo. Sem mencionar seios tão pequenos que não era necessário

prendê-los, desde que a roupa fosse folgada.

Stain não se importava de não atrair a atenção de ninguém. Ser confundida com um garoto desleixado enganara quem quer que a deixasse nesse terreno baldio para morrer e lhe desse uma vantagem, caso ela descobrisse quem eles eram.

Stain passou apressada pelos cinco primeiros estandes onde as tarifas comestíveis aguardavam a compra. O cheiro dos Pães e Biscoitos de Brannigan fez com que desse água na boca. O estandarte do estande era um pão de ouro costurado em linha sobre uma amostra azul de tecido. Seu desjejum tinha deixado um buraco em sua barriga, mas ela não tinha tempo nem pagamento para preenchê-lo. Ao contrário das tarefas anteriores de barganha, Luce não lhe deu nenhum ouro, libras esterlinas ou cobres - as três formas de pagamento preferidas pelos varejistas.

Hoje, sua bolsa tinha apenas um item, vendível apenas para um destinatário em particular. Pechinchar sem moeda tradicional acrescentou outro desafio ao lado de não ter voz. Luce afirmou que suas limitações não precisam limitá-la; que, usando sua mente e suas habilidades de escuta, as observações que acumulou sobre os interesses pessoais de cada comerciante ao longo dos anos poderiam torná-la a diplomata mais sábia do mercado.

Agora Luce estava colocando-a em teste.

—Biscoitos de açúcar fresco, pouco broto. — A Voz de Brannigan de olhos de cachorrinho zombou dela. O padeiro já havia criado galgos para um nobre em Eldoria, antes de ser pego correndo ilegalmente para encher seu próprio bolso. Desde então, ele serviu as menores receitas, que ele usou para biscoitos de cachorro. Surpreendente como eles eram bons. — Dois sterlings por uma dúzia. Tem alguma prata pesando na sua bolsa?

Ela desviou o olhar, seguindo em frente quando mais três cabines passaram em sua periferia. Uma era uma loja de doces com elaboradas pastilhas de hortelã brancas e vermelhas, retorcidas em forma de esqueletos. O Sangue e Creme Confecções era dirigido por um açougueiro calvo e vesgo, conhecido apenas

pelo nome Vice. Ele perdeu o negócio depois de estocar seus ganchos de carne com os restos do parceiro assassinado. Depois veio uma barraca de queijo e licor sob a fortaleza de Alyse, uma mulher corpulenta que mantinha um discurso firme com suas duas vacas leiteiras amarradas ao lado do estande - vendendo apenas para quem elas aprovavam. Em seguida havia um dispensário de ervas pertencente a um anão da floresta chamado Winkle, que, depois de ter sido expulso do castelo como o arremessador real alguns anos atrás (ele ofendera a irmã do rei ao perseguir um rato em seus aposentos), agora furtado mercadorias de jardins da aldeia, disfarçando-se como um grande coelho.

Stain fez uma pausa no Comestíveis da Edith, onde vegetais e frutas secas, carnes salgadas, larvas de farinha fritas e larvas de besouro de mel eram os especiais. Alguns podem se encolher com o cardápio, mas os sabores variam tanto quanto as aparências das pessoas. A desdentada Edith sabia disso melhor do que ninguém, tendo trabalhado para as cozinhas reais há uns trinta anos, até que ela e a mimada princesa se desentenderam. Edith foi pega incorporando menos ingredientes salgados no café da manhã da Princesa Glistenda por despeito, e foi jogada na masmorra e arrancada de todos os dentes por causa de seu problema. Depois de cumprir uma sentença de cinco anos, ela veio para cá para ficar, julgando-se feia demais para enfrentar o mundo novamente.

Stain olhou para baixo da linha onde Luce se debruçou dentro da cabine de Crony, os antebraços relaxados em cima do balcão. Não confundir a expressão em seu rosto celestial: chegar a ele então.

Logo a passarela ficaria lotada de compradores, e as opções de troca diminuiriam. O nariz de Stain enrugou e ela olhou todos os doze estandes. Luce havia lhe dado um enigma difícil: apenas uma peça para começar, e cinco chances de crescer. Seu objetivo final era comprar um item especial dos Dregs - Luce já havia especificado o que deveria ser, e era algo que o goblin de geada provavelmente não abriria mão para ser barato. A menos que ela pudesse encontrar o pagamento perfeito com o qual negociar, algo que os Dregs não conseguiam resistir.

Um meio sorriso puxou os lábios de Lyra. Lá estava, exibido em uma prateleira de Enfeites e Calçados do Percival - um prêmio que os refugos desejariam com todo o seu coração gelado. Agora, para barganhar seu caminho para isso. Era assim que o jogo de diplomacia e troca era jogado.

Ela abriu a aba da bolsa. Dentro havia um espelho de mão encantado que podia fazer uma pessoa ver sua beleza interior ou, se não tivesse, seus demônios. Era do esconderijo de Crony - um dos muitos tokens mágicos roubados dos cadáveres ao longo dos séculos. Stain odiava deixá-lo ir; muitas vezes ela segurou para si mesma em casa.

Ela o fez agora, de pé diretamente sob uma lanterna de relâmpago, para assistir à transformação que só ela podia ver no reflexo: um garoto tagarela transformando-se numa garota com longos cabelos prateados e pele luminosa e beijada pela lua - livre de cicatrizes ou manchas.

Balançando a cabeça, ela repreendeu a si mesma e afastou o espelho novamente. Ela disse uma vez a Scorch o que viu no espelho. Ele havia ameaçado esmagá-lo sob os cascos, dizendo que divertidas fantasias perfeitas a deixariam fraca e ingênua.

Esse espelho não significaria nada para um goblin, pois a magia funcionava apenas nas pessoas; é por isso que Luce escolheu. Para fazer Stain pensar, quem seria mais tentado por tal prêmio? Ela se virou para Comestiveis Edith e deu um passo para frente.

O sorriso melancólico de Edith a saudou - um buraco aberto de gosma e órbitas vazias em meio a uma tez enrugada de açafrão.

—Bom dia, garoto. Thomthin chamou sua atenção para meu abrigo? — Um assobio assobiando suas palavras, uma falha que a fez relutar em falar. Mas com Stain, que nem sequer conseguia emitir um som, Edith se sentiu confortável o suficiente para ser ela mesma sem temer o ridículo.

Stain acenou com a cabeça, apontando para uma jarra rotulada: Biscoitos de vaca. Os lanches eram tão repulsivos quanto pareciam - planos, deformados e o preto-esverdeado do cuspe do tabaco. Fiel ao seu nome, o ingrediente principal

eram bolas pré-digeridas de comida retiradas da boca do gado a caminho do abate. Stain não conseguia imaginar quem, além de uma vaca, gostaria de comer uma coisa dessas, mas foi exatamente essa lógica que fez dela o salário ideal para sua próxima parada.

—Serão cinco cobre por um montão. — Insistiu Edith, seus pequenos olhos afiados. Ela ainda não tinha se movido em direção ao frasco, obviamente, notando que a bolsa de Stain não tiniu quando ela a abriu. — Você não tem coragem de pagar, garoto. Vá subornar seu guardião por cunhagem. — Ela apontou o polegar na direção de Luce, que ainda estava observando. Ele inclinou a cabeça na direção de Edith, entregando um sorriso sedutor. Stain observara aquela expressão colocar muitas mulheres em estupores felizes por dias.

Edith, pelo contrário, reprimiu um grunhido envergonhado e inclinou a cabeça, os ombros curvados, como se quisesse rastejar debaixo do balcão de seu estande. A reação dela tornou essa troca ainda mais gratificante, sabendo que isso traria alguma alegria à velha.

Assim como Edith virou-se para Stain com “Sem dinheiro, sem acordo” em sua língua, Stain ergueu o espelho, mirando a superfície reflexiva em sua direção.

Um flash suave de luz saltou no rosto de Edith, indicando a clareira de vidro, depois um momento de descrença antes que o queixo de Edith caísse e suas sobrancelhas grisalhas se levantassem. Ela tocou seus lábios rachados, traçando um sorriso. A bem-aventurança suavizou as linhas tristes ao redor dos olhos dela. — Essa... isso... Eu? — Ela pegou a maçaneta, mas Stain se afastou, apontando para as bolachas e depois para o espelho.

—Yeth! Yeth Uma barganha. Eu vou negociar com você, garoto. — Edith pegou algumas bolachas e colocou-as na bolsa de couro de Stain. Em troca, Stain ofereceu o espelho. Ela caminhou para trás em sua partida, sorrindo enquanto Edith sussurrava para seu reflexo como se fosse uma velha amiga que ela não via há anos. Quando a lojista se virou e bateu os olhos em Luce, Stain teve que reprimir uma risada.

Depois da primeira negociação, Stain demorou cerca de uma hora, indo do estande para o estande, seguindo a estratégia que havia traçado. Sua segunda parada foi Diarios e Cervejas Alyse, onde ela trocou com os biscoitos de vaca por uma roda de cheddar; Os conselheiros de olhos corados de Alyse dificilmente poderiam dizer ao seu dono para não fazer o comércio, pois o animal ruminante não ama ruminar? Em seguida, Stain parou no Winkle's. O anão teve um desentendimento com Alyse semanas antes, quando ele a acusou de cheirar como uma fazenda de gado leiteiro; tanto ela quanto suas novilhas ficaram tão ofendidas que ele não podia mais comprar queijo lá. Isso representava um problema único, já que sua fantasia de coelho era velha e desgastada e ele estava remendando com peles de ratos e roedores. Não tendo nada para armar suas armadilhas ultimamente, Winkle estava ansioso para pegar a roda de queijo em troca de um punhado de anis, que Stain então levou para Jeremiah, dono de Poções, Elixires e Necessidades Mágicas. Em meio a prateleiras cheias de varinhas, cálices e caldeirões, havia garrafas de líquidos mágicos. Jeremias usou anis para uma fragrância especial que alguém poderia usar para afastar os maus olhos e maus pensamentos. Em uma metrópole cheia de degenerados fedorentos e irritados, esse era um produto de alta demanda. Sendo um homem de negócios, Winkle elevou o preço do anis a uma quantia escandalosa, e Jeremiah não pôde pagar por isso. Ele ficava sem suprimentos e não conseguia mais fazer a fragrância, o que deixava todo mundo irritado com ele. Agora, com a ajuda de Stain, ele tinha uma oferta de novo, praticamente de graça. Ele teria sido um tolo para não trocar pela ágata de pluma que Stain solicitou. Ela levou a pedra para Calçados de Percival, onde as prateleiras nuas juntavam poeira. Tendo perdido a esposa para outro homem meses antes, o artesão também perdera a capacidade de projetar novos acessórios mágicos. Havia rumores de que ele poderia vender seu estande e se aposentar. Quando Stain o presenteou com a ágata - uma pedra cujas propriedades místicas eram conhecidas por estimular a criatividade -Percival instantaneamente teve uma epifania para uma nova linha de colares com pontas de bronze que poderiam

funcionar como forcas para esposas infiéis. Emocionado por ter sua musa de volta, ele entregou o par de sapatos solicitado sem questionar. Stain se aqueceu em sua vitória. Se Percival soubesse para quem eles eram, ele provavelmente não teria sido tão agradável, considerando que Dregs foi o primeiro a introduzir a esposa de Percival para seu novo amante.

Stain exibiu os sapatos, tingiu o verde-amarelo de figos frescos, acenando-os na direção de Luce. Ele estava ocupado com um cliente, embrulhando uma memória que havia sido ativada por Crony dias antes para formar um retrato em vitrais de uma criança e um pai em uma viagem de pesca. Ainda assim, Luce conseguiu lançar-lhe um olhar de soslaio e sacudir a cabeça, lembrando-lhe que o prêmio final ainda não havia sido ganho.

Stain se enfiou em um pequeno espaço entre duas baias, saindo da agora concorrida multidão para tirar as botas. Os sapatos chartreuse se ajustavam magicamente a quem quer que os usasse, o que significava que eles seriam perfeitos para os pezinhos dos Dregs, assim como para os dela. Deixou as próprias botas escondidas no canto, depois pisou em três cabines, onde um letreiro, preto com letras prateadas, dava as boas-vindas aos fregueses: PROFUNDO NA NOITE - CURIOSIDADES ESCURAS POR DIA-MORADORES.

O estande do Dregs era o mais mórbido e fascinante de longe. Ele vendia itens contrabandeados de Nerezeth: salamandras que uma vez se afixavam nos pés e nos tornozelos de uma usuária, formando os mais belos chinelos em forma de arco-íris; grilos que uma vez cantavam sinfonias; e sombras que no reino da noite seguiam cada movimento como uma segunda pele. A parte mórbida era que essas coisas agora estavam mortas. As pessoas do dia não confiavam nas criaturas da noite e queriam que apenas troféus vazios fossem colocados em uma parede ou trancadas dentro de uma caixa para quando um visitante precisava se divertir ou ser um inimigo a ser ameaçado. Assim, o desafio de Stain: negociar um suprimento vivo de um dos itens mais populares de Dregs: traças. Ele as mantinha escondidos embaixo do balcão, esperando ser sufocado por novos

displays.

Esfregões inclinaram a cabeça ao vê-la, e os icicles cresceram em seu queixo e captaram um brilho de luz das lanternas. — Se não é o Stain, aqui para puxar as rédeas.

Ela balançou a cabeça em saudação e apontou para o balcão, fazendo um movimento descendente para indicar os itens vivos embaixo.

Dregs sopravam através da ponta longa e torta do nariz. — Ouro branco só é moeda o suficiente, se você quiser ver o meu material para respirar. — Ele estava jogando, sabendo que embora Luce e Crony tivessem um bando de riqueza roubada escondida, eles raramente passavam isso.

Estreitando os olhos, Stain pisou as solas dos sapatos no chão sete vezes cada um. Em um instante, as solas se espessaram. O estômago de Stain balançou quando ela ficou mais alta e mais alta, até que ela pairou sobre a cabine, nivelada com a placa no topo. Ela apontou para uma foto de uma mariposa voadora pintada com tinta prateada ao lado das letras.

Dregs ficou boquiaberto, em seguida, subiu em seu banquinho para ver os pés sobre o balcão.

—Sapatos com pedestal à sombra de chartreuse, como um menino como você veio com tal golpe?

Stain encolheu os ombros, depois bateu os dedos dos pés sete vezes, desativando as solas para que se encolhessem e voltasse para a altura adequada. Ela gesticulou novamente sob o balcão.

Dregs salivava, seu olhar de mármore brilhante preso em seus pés. — Se eu fosse pisar dentro e ficar de pé, eu poderia andar tão grandioso quanto qualquer homem. — Seu sorriso de dentes afiados se abriu.

A cobiça em seus olhos inspirou Stain a aumentar seu preço. Luce ficaria impressionado se pudesse negociar ainda mais com o duende do que o planejado originalmente.

Ela estendeu dois dedos.

Dregs rosnou, mas ela sabia que tinha ganhado. Tirou os sapatos e ficou

descalça, a passarela de ônix escorregadia e quente sob as solas nuas. Dregs agarrou os calcanhares e colocou-os em seus próprios pés, tonto. Depois de crescer alto o suficiente para olhar Stain no olho, ele retirou três frascos de seu local escondido sob o balcão. — Três para escolher. Dois é o preço dos sapatos.

Em um deles, os grilos escalaram suas paredes de vidro - uma onda negra subindo um no outro para alcançar os buracos na tampa. Crony estava sempre se lamentando por perder o som das músicas de críquete. Stain não pôde resistir à chance de fazê-la sorrir, então ela apontou para os insetos, totalmente pretendendo escolher as mariposas como sua segunda opção. Dregs acenaram com os dedos como galhos sobre os dois jarros restantes. Dentro de uma, as mariposas se agitaram em um frenesi de atividade. Stain começou a apontar para elas, mas hesitou, intrigado que o frasco final estava envolto em tecido preto. Ela espiou dentro de um olho mágico no lado, vendo sombras agarradas à borda oposta sob a tampa.

—Sombras da meia noite, elas são. Em espera para o castelo longe. A princesa requer um traje especial. Vou mandar para Nerezeth por motivos, caso você os reivindique como seus.

Stain nunca tinha visto uma sombra real - que ela pudesse lembrar. Certa vez, enquanto trabalhavam juntos no jardim, Crony mencionara sua história. Depois que o mundo se dividiu sob sua maldição mágica, as sombras se tornaram indiferentes ao luar e à luz de velas, uma criatura completamente diferente das manchas da escuridão aqui na ravina. Sombras foram lançadas pela luz do sol e era o guardião da prisão de Stain, pois se aventurar fora dela a queimaria viva. Crony havia dito a Stain que um dia, ela veria sombras por si mesma e entenderia a magnitude de suas diferenças, pois as sombras ofereciam liberdade onde a sombra oferecia apenas descanso.

Stain sempre se perguntou o que isso significava.

Ela lançou um olhar para Luce, que estava ocupado com uma fila de clientes. Respirando fundo que enchia seu nariz com uma miríade de odores da multidão, ela pesou suas opções. Ela queria pegar as mariposas, não apenas

porque Luce as especificou, mas para evitar que fossem sufocadas. No entanto, ela só tinha uma escolha.

Luce ficaria com raiva, a menos que ela pudesse convencê-lo de que as sombras da meia-noite, tão raras no reino do dia, deveriam ter mais valor. Com isso, sua decisão ficou clara. Ela bateu no pote embrulhado em pano.

As sobrancelhas geladas dos detritos levantaram e seus sapatos o ergueram mais alto, então ele estava olhando para ela. — Ah, seja cuidadoso com estes, por favor. Um toque do sol e eles serão desfeitos. Dobre-as em uma sala escura onde elas podem aparecer; acenda uma chama e eles se juntarão a você em um jogo.

Stain assentiu com um agradecimento quando ele entregou os dois frascos. Antes que ela pudesse dar um passo em direção ao estande de Crony, uma voz familiar gritou dentro de sua mente: *Perigo. Mate. Mosca.*

Seu coração pulou em sua garganta. Storch estava em apuros.

Com as mãos enluvadas tremendo, enfiou os dois frascos na bolsa pendurada no ombro. Com muita pressa para agarrar suas botas, ela correu para fora do mercado e subiu nas árvores - seus braços e pernas esticaram enquanto saltava de um galho para outro, o modo mais rápido de viajar nas partes mais densas da floresta - não ousando olhar para trás quando Luce gritou seu nome.

14

A galanteria da Selvageria



Nos últimos anos de desuso, o labirinto espinhoso que camuflara a abertura da caverna de Rigamort para a Ravina Ashen se tornara ainda mais densa e sinuosa, de modo que até mesmo Alger e Dolyn se intimidaram com os emaranhados. Embora isso limitasse a filtragem de luz já abafada através da cobertura do dossel, o príncipe Vesper apontou a liderança. Pelo menos, a paliçada negra e retorcida, com esporas tão grandes como as garras de uma águia, asseguraria que nenhum Eldoriano de pele macia ousaria passar por ali, o que significava que não havia encontros indesejados. O príncipe ainda estava se sentindo fraco depois de ter drenado um pouco de sangue dourado para pintar estrias nas rochas e paredes de Rigamort - dando aos veados a luz solar para absorver até que ele pudesse enviar um novo suprimento.

Antes de se aventurar pelo labirinto, a tropa amarrou seus cavalos em bardos novamente. Então eles voltaram a andar em fila única através das aberturas finas. Vesper logo veio ver que eles não deveriam estar tão protegidos quanto ele esperava. Como líder, ele deveria ter prestado mais atenção, deveria ter notado o leve cheiro de fumaça ou vislumbrado os sutis clarões alaranjados iluminando pequenas aberturas no labirinto retorcido de longe à distância. Mas ele tinha sido muito enganado por quão familiar o ambiente parecia aqui, em um lugar que ele nunca tinha estado: um mundo obscuro e nebuloso que ele apenas imaginara através da tradição compartilhada por crianças brincando ou detalhes oferecidos pelos assassinos e contrabandistas de Nerezeth.

Caminhos incontáveis varriam o labirinto, a maioria levando a becos sem saída. No entanto, a tropa se arrastou para a frente, sem ter a oportunidade de parar e se virar, tudo devido a Vesper. Ele sabia exatamente quando se abaixar, onde virar ou como girar as rédeas de Lanthe para evitar rotas falsas nas amurocratas e forjar uma passagem segura. Não era uma lembrança. Era um ritmo aprendido para o caminho que não fazia sentido pertencer a um príncipe do reino da noite que nunca pusera os pés na ravina.

Então preocupado com esta anomalia, ele não viu a clareira até que ele e Lanthe tropeçaram nela. Ele não esperava que estivesse lá; colidiu com aquela estranha intuição que o guiava. Ele percebeu que estava acabado de fazer: arbustos queimados no chão, cinzas fumegantes se misturando com as cinzas cinzentas.

Da esquerda para a direita, imponentes trepadeiras crepitavam com faíscas. Algumas colidiam umas contra as outras com estrondos barulhentos tendo perdido suas infraestruturas de apoio - e fecharam caminhos extras. O barulho e o movimento assustaram Lanthe. Vesper acomodou o garanhão o suficiente para persuadi-lo a entrar na clareira, apenas para se ver rodeado por impenetráveis paredes emaranhadas com apenas duas aberturas. Um, o caminho por onde seus companheiros logo iriam passar por trás dele, e o outro a poucos metros à frente, onde a fumaça preta mascarava qualquer chance de um visual.

A clareira, estreita e retangular, deixava pouco espaço para os outros; possivelmente um cavaleiro e cavalo poderiam se encaixar ao lado dele. Vesper levantou a mão, detendo seus companheiros antes que eles pudessem entrar. Sufocando o calor encheu seus pulmões e derreteu a tinta em seu rosto. Ele segurou firme as rédeas e pressionou os joelhos firmemente nas costelas de Lanthe para acalmar os cascos nervosos e dançarinos do garanhão. As orelhas do cavalo se achataram; não haveria nenhum avanço até que a fumaça se dispersasse. Mas Vesper suspeitava que a reação de sua montaria era algo diferente dos restos do fogo, pois ele também sentia isso.

Dentro daquela nuvem escura que bloqueava a entrada oposta, algo puxava

o sangue iluminado pelo sol de Vesper - um puxão doloroso e visceral - como uma pedra fundamental chamada metal. A sensação fez seus pensamentos confusos, enfeitiçados. Ele tinha que passar, para descobrir o que havia destruído as trepadeiras e os espinhos - mesmo que isso significasse ir a pé.

O príncipe fez sinal para Cyprian. Seu primeiro cavaleiro entrou na clareira e juntos eles deslizaram de suas selas, os tornozelos afundando nas cinzas. Suas botas ofereciam cobertura até os joelhos, o que ajudaria a sua jornada pelos espinhos quando eles mergulhassem.

Cyprian desembainhou a espada e Vesper desembainhou a faca em sua cintura, decidindo que uma arma menor seria mais fácil de manusear naquele espaço apertado. Ele assumiu a liderança. Ele sentiu ao invés de ver Cyprian lançar um olhar para os outros, sem dúvida enviando uma garantia silenciosa para Selena que ele iria cuidar de seu irmão. Vesper tinha captado a expressão preocupada em seu rosto - clara mesmo sob a grossa mancha de protetor solar - quando ela parou na beirada da abertura. Nysa deve ter percebido a tensão de sua amada, pois ela começou a latir. Vesper teria pedido a Selena e a Nysa para acompanhá-lo, sua irmã era melhor com um punhal do que Cyprian, que era mais um espadachim. Mas como terceiro na fila, Selena não tinha espaço para entrar, e desmontar dentro do caminho seria complicado.

Os ouvidos de Vesper se esforçavam por sons além das trepadeiras, faíscas e Nysa. Avançando para frente, ele ouviu algo ofegante. Ele procedeu, liderado por aquela atração abrangente.

Fumaça enrolada em torno dele, picando os olhos e as narinas. Sem aviso, algo enorme caiu do caminho. Pego de surpresa, o príncipe e Cyprian afundaram-se para trás. Um rugido berrante empurrou-os contra suas montarias, que reagiram com gritos relinchando.

Uma magnífica fera negra se amontoava: cascos, cravos e juba acesos com brasas. Um cavalo, mas muito mais. Suas asas eram tão largas que não podiam abri-las totalmente na clareira apertada. Vesper engoliu um suspiro e segurou a faca, tão ineficaz quanto ameaçar um incêndio com uma gota de orvalho.

Ele viu cavalos voando em pinturas e pergaminhos históricos. Quando era jovem, irresponsável e zangado, costumava sonhar em montar um Pégaso nas estrelas, longe das responsabilidades de seu reino e de todos os que o temiam ou julgavam por suas diferenças.

No entanto, ele nunca ouviu falar de alguém que pudesse respirar chamas.

Ele e seu tenente trocaram olhares impressionados. — Eles não disseram que estavam extintos? — Cyprian perguntou em voz baixa.

—Ou os escribas estavam mal informados. — Respondeu Vesper. —Ou esta é uma raça ainda não descoberta.

A besta avançou, intensificando a necessidade de Vesper de se aproximar. A carne banhada a ouro em seu torso, braço e perna vibrou, como se estivesse sendo martelada. Ele rangeu os dentes e deu um passo.

—Sua Majestade, não! — Ciprian puxou-o de volta. Seu primeiro cavaleiro lutou para brandir sua espada, mas ele não podia arriscar suas próprias montarias derrapando ao redor delas através das cinzas. Seus bardos não resistiriam ao corte de uma lâmina de prata.

Os pulmões de Vesper se encheram de poeira e fumaça. Ele tossiu, sacudindo-se do transe. Ele capturou as rédeas de Lanthe e recuou o cavalo, colocando-se entre o garanhão e seu atacante alado. As veias de Vesper ardiam, como se seu sangue se rebelasse contra o afastamento do Pégaso, mas ele continuou indicando que Cyprian fazia o mesmo. Era uma manobra com a qual as montarias estavam familiarizadas, tendo aprendido a escapar dos arbustos de cadáveres ao longo de trilhas apertadas.

Assim que a cauda de Lanthe chegou à abertura do caminho, Selena entregou a Nysa se contorcendo para Luna, que estava sentada em um cavalo atrás dela. Selena, em seguida, persuadiu a cabeça de Dusklight e saltou sobre os traseiros de Lanthe. Ela correu para a sela, depois puxou-o para dentro e apoiou-o na pequena trilha onde os outros abriram espaço. Sem perder o ritmo, ela fez o mesmo com o cavalo de Cyprian. Ela então fez sinal para que todos recuassem mais um pouco, permitindo espaço para Vesper e Cyprian entrarem no caminho

a pé.

Bufando fuligem negra de suas narinas, o Pégaso bateu uma asa para baixo para esconder a passagem cheia de fumaça que levava para fora da clareira e para dentro da ravina, então usou seu corpo para forçar Cyprian na outra trilha com a tropa em espera. O primeiro cavaleiro largou a espada, mas não teve tempo de recuperá-la antes que o Pégaso a desse uma patada na frente; a lâmina girou em cima de um jato de cinzas, vindo parar a poucos metros de Vesper.

O Pégaso levantou a cabeça alto. Uma chama soprava de sua boca e narinas. Cyprian virou as costas e mal teve tempo de levar todos para dentro antes que o fogo engolisse a frente do caminho. Mais trepadeiras caíram e fecharam a abertura.

Vesper voltou-se, encurralado pelo Pégaso. Os movimentos da besta eram ágeis e precisos, não violentos e loucos. Do outro lado da parede espinhosa, Nysa latiu e a tropa de Vesper gritou, mas ele não conseguiu distinguir suas palavras.

O Pégaso recuou e relinchou - um som ameaçador e vitorioso. Era um macho. Talvez ele fosse territorial, e eles tropeçaram em seu covil. A besta deixou cair seus cascos dianteiros na cinza abaixo dele, levantando um estrondo de poeira que se misturava com a fumaça fresca.

Seus olhos se inflamaram com sensibilidade e estratégias muito além do instinto. Recomeçando de novo, o Pégaso desceu a centímetros da cabeça de Vesper. O príncipe mergulhou nas cinzas e largou a faca em troca da espada caída de Cyprian. Ele trouxe a longa lâmina para cima e sentiu um solavanco. No mesmo movimento, ele torceu o tronco para que os cascos da fera desabassem sobre o abdômen ossificado.

Todos os ossos do corpo de Vesper reverberaram como um gongo de metal sendo atingido. Sua caixa torácica cantarolou, sacudindo seu coração, mas ele ficou de pé. Ele ficou em pé, ofegante. O suor escorria pela borda do capuz de pele de enguia apertado sobre o cabelo dele. Ele levantou a espada para afastar outro ataque. Um lodo ardente chuviscava ao longo da borda da lâmina, tão

quente que derreteu a prata. Vesper percebeu que tinha feito contato no mesmo instante em que o Pégaso fez.

A fera grunhiu e recuou, conectando o único caminho para fora da clareira. Sua asa esquerda pendia mole onde se juntava ao ombro musculoso. As penas negras brilhavam com o mesmo lodo derretido que cobria a espada de Cyprian: sangue.

Um gemido de simpatia estremeceu pela garganta de Vesper.

Olhando uma vez para o ferimento, os olhos do Pégaso se acenderam com um vermelho furioso, e ele levantou a cabeça bem alto, preparado para liberar uma chuva de fogo.

Vesper cruzou os braços sobre a cabeça, sem ter para onde correr. Seus olhos se fecharam instintivamente para se proteger do brilhante lampejo de luz. Mas em vez de ser engolido em chamas, ele ouviu um pequeno estrondo à esquerda.

Os olhos do príncipe se abriram para ver um menino desengonçado sair de um buraco recém-construído, calções rasgados até os joelhos e camisa pendurada em farrapos sob um colete. Sua pele desbotada e até mesmo seu zumbido, cabelos escuros ostentavam furos onde espinhos o tinham aberto em seu caminho. Sangue escorria seus pés descalços, mas ele parecia alheio a qualquer dor quando empurrava Vesper para trás e ficava entre o príncipe e o Pégaso.

A besta bateu e grunhiu, uma espuma de cinzas revoando sua boca.

—Afaste-se, filho. — Disse Vesper, agarrando o cotovelo magro do menino e preparando a espada. — Esta não é uma criatura comum.

O menino sacudiu-o e deu mais três passos, com os olhos fixos no cavalo alado. Havia um cabo-de-guerra mental acontecendo; Vesper estivera do lado de fora de conversas silenciosas o suficiente nos últimos anos para reconhecer uma.

Com um fole estourando a orelha, o Pégaso girou e trovejou pelo caminho que ele estava bloqueando, engolido pela fumaça. O garoto ficou congelado, olhando para ele. Vesper se adiantou e a cabeça do rapaz mal chegou ao peito

dele. Tão pequeno para ser tão corajoso.

—Obrigado, filho. — Vesper colocou uma mão enluvada no ombro delgado. — Deixe-me ajudá-lo agora. Nós temos comida, agua, roupas e sapatos de sobra.

O garoto agarrou o pulso do príncipe com a própria palma enluvada, girou e bateu a cabeça no peito de Vesper. A canela de ouro do príncipe cedeu e ele caiu para trás. Ele lutou para recuperar o fôlego quando seu atacante arrancou a espada de derretimento de seus dedos e atirou-a para o lado.

Os lábios do garoto, estranhamente bonitos sob as manchas, estavam apertados - como se estivessem gritando. Ele usou as mãos, assinando para Vesper: *Eu não sou filho de ninguém. E eu não preciso de ajuda de alguém que vive da selvageria.* Então ele se arrastou de volta ao caminho para perseguir o Pégaso.

Intrigado com o conhecimento do menino sobre a língua antiga, Vesper se lançou e pegou seu tornozelo. Sua mão escorregou no esfregaço de sangue, mas conseguiu segurar e derrubar seu oponente em suas costas. O garoto aterrissou, um jato de ar explodindo de seus pulmões. Ele lutou - chutando, mordendo, arranhando.

—Segure quieto! — Vesper cerrou os dentes enquanto o arrastava para mais perto. Ele tinha mais facilidade em derrubar o espinheiro de cadáver. Claro, ele não queria quebrar ou prejudicar este adversário em particular, então ele controlou sua força total. Mas o que o garoto não tinha em força bruta ele compensava em velocidade e artimanhas. Ele estava combinando o movimento do príncipe por movimento.

Vesper levou uma algema ao queixo que deixou o crânio dele tocando. — Você pararia? Eu simplesmente quero falar com você!

O garoto pegou a faca semi-enterrada de Vesper. Uma careta branca brilhou branca contra o rosto sujo quando ele atacou com a lâmina. Um rosnado canino rompeu o caminho esfumaçado. Vesper só teve tempo suficiente para pular de pé quando uma raposa vermelha apareceu, com as presas à mostra. O

menino levantou-se e enfiou a faca no colete.

Rosnando baixinho ao seu lado, a raposa recuou para o caminho. Nuvens de fuligem estavam pesadas na abertura, uma névoa negra esperando para engoli-las. Quando o rapaz se abaixou ao lado de seu animal de estimação, lançou um último olhar para Vesper.

O príncipe não conseguia se mexer. Aqueles olhos, espiando da escuridão, mudaram para um âmbar tão brilhante que iluminaram mil chicotadas, uma qualidade que o príncipe não notara antes durante o caos. Agora os cílios eram tudo que o príncipe Vesper podia ver: tão compridos e cheios de penas que se assemelhavam aos depósitos cristalinos e rendados de vapor de água congelados em meio a garoa sobre galhos e arbustos em Nerezeth.

Ninguém no reino do dia tinha olhos assim.

—Você não pertence aqui. — Vesper murmurou.

Bufando, o menino chutou uma nuvem de cinzas em sua direção, depois correu para a passagem escura, a raposa seguindo em seus calcanhares.

Vesper ficou na cinza flutuante. A consciência voltou em incrementos: o cheiro do sangue da besta - metálico e queimado ao longo da espada de prata derretida; uma ligeira coceira na pele, onde as placas douradas diminuíam a vibração; o gosto de cinza revestindo seus lábios; o cutucão dos cavalos, o grito das gralhas e os rosnados de Nysa; o som de sua tropa invadindo seu espinhoso cercado.

Dolyn, Leo e Luna passaram primeiro com os machados na mão. Em seguida, Nysa correu ao lado de Selena e Alger, com Thea e Tybalt logo atrás. A fuligem negra manchava o cabelo branco prateado de todos, as sobrancelhas e a pele pálida.

—Os outros estão bem? — Perguntou Vesper, abaixando a mão para arranhar o spaniel atrás das orelhas.

—Cyprian foi queimado. — Respondeu Selena.

Vesper amaldiçoou e se dirigiu para a abertura.

Selena o deteve. — Ele está bem. Luna está enrolando a ferida.

Vesper assentiu. Luna havia enfaixado seu próprio ferimento mais cedo. Sua experiência como enfermeira de campo já estava se mostrando benéfica.

Selena conseguiu um sorriso autodepreciativo. — Cyprian ficará furioso por eu ter dito a você. Ele espera esconder sua lesão. Ele queria que eu te encontrasse, então eu pararia de pensar nele.

Vesper sacudiu a cabeça, tentando dar um sorriso de resposta.

— Eu duvido que isso seja verdade. Desde quando Cyprian recusou sua atenção?

Ela mordeu o lábio e seus cílios brancos se agitaram. Vesper se perguntou o que havia acontecido entre os dois durante o intervalo, enquanto ele estava separado de todos.

—E os cavalos? — Ele tirou o capuz e soltou seu cabelo escuro. Agora, ele era mais que o irmão de Selena. Ele era o líder deles nessa terra estrangeira e quase todos acabaram como lenha.

—Eles estão bons o suficiente. Apenas assustados.

Ele assistiu Nysa farejar a clareira. — Algum de vocês viu o que aconteceu aqui? — Ele ergueu a espada que se desintegrou até a metade do tamanho.

Leo se aproximou. — Cyprian não ficará feliz com isso.

Vesper lutou contra a simpatia. A espada fora um presente de Sir Andrian. O pai de Cyprian faleceu recentemente da mesma doença que matou o próprio Vesper. Quando o sangue derretido começou a escorrer em direção a sua mão, Vesper soltou a lâmina novamente.

Luna cutucou a alça da espada com o dedo do pé da bota. — Nós estávamos assistindo o melhor que pudemos pelas fendas. Um Pégaso?

Vesper ergueu as sobrancelhas. — Parece que sim.

—E quem era aquela criança pobre? — Luna perguntou, tecendo os cabelos prateados de volta em sua trança e limpando manchas de seu pescoço.

Vesper esfregou o queixo machucado, ainda confuso pela coragem do rapaz. *Eu não sou filho de ninguém,* ele assinou. — Um jovem órfão. Não é possível usar a voz dele. Seus pulsos e tornozelos era pequeno como galhos, mas

ele evitou minha morte simplesmente parado ali.

O menino provou ser um valioso parceiro de treino também. Havia uma confiança sinuosa em seus movimentos, como as pequenas aranhas luminosas que ocupavam lugares de honra e reverência ao lado dos grilos no castelo de Nerezeth. A família e os sujeitos de Vesper sempre tiveram o cuidado de não pisar nos insetos reais. No entanto, aqui estava este menino que parecia ter sido pisoteado de novo e de novo e de alguma forma continuava. Delicado como vidro e resistente como ferro. Uma mistura de qualidades que intrigou Vesper além da razão.

—O que é isso? — Selena vagou até a abertura irregular que o menino tinha feito. Ela levantou uma bolsa pendurada em uma das videiras. — Deve ter escapado em sua luta para mergulhar.

Vesper aceitou. Abrindo a aba revelou dois frascos. Ao ver seu conteúdo, seu humor ficou sombrio. — Aquele não era um menino comum. Ele anda através dos arbustos sem sapatos; ele enfrenta a chama sem se encolher; ele comanda animais e signos indomáveis na língua antiga. E então isso.

Selena pegou a bolsa de volta e olhou para si mesma. — Sombras e grilos, contrabandeados de Nerezeth?

Vesper ficou tenso. — Ele roubou minha faca, mas parece que isso é o menor de seus crimes. — Ele acenou para Alger, Leo, Thea, Tybalt e Uric. — Siga sua trilha. Vá a pé e vamos ver seus cavalos. Ele tinha os olhos de um Nerezethite, o que significa que ele pode ver na escuridão. Talvez ele seja um batedor, pago para levar os contrabandistas ao reino da noite.

—Você acha que ele tem algo a ver com os veados?

Vesper não queria pensar mal da criança. — Ele me salvou de ser queimado até a morte - mesmo com a impressão de que eu era um assassino. Há bem nele. Eu não posso vê-lo como aquele que fatalmente feriu nossos porteiros. Ele ficou furioso por eu ter ferido o Pégaso. Ainda assim, é possível que ele saiba de alguma coisa.

Alger, Thea e Leo foram em direção à abertura que levava ao barranco

onde Tybalt e Uric já esperavam. Por fim, a fuligem se dissipou.

—Espere. — Vesper pegou o animal de estimação de sua irmã. — Tome Nysa; ela pode farejar a raposa. Eu suspeito que, se você encontrar, encontre o garoto.

Selena pegou seu animal de estimação, mas Vesper passou o cachorro para Leo. — Eu preciso de você aqui, Selena. Vamos montar o acampamento, cercá-lo com pedras para afastar poças e reunir alguns galhos para um fogo. Usem algum alimento, e os cavalos ganharão aveia e descanso. Há uma cascata de água fresca correndo por um barranco íngreme de rochas, do outro lado dessa passagem. Isso leva a uma pequena gavinha onde podemos preencher nossas peles. Há até peixe que podemos assar para o jantar.

—Como você sabe de tudo isso? — Perguntou Selena, mas antes que Vesper pudesse procurar uma resposta dentro de si, Leo interrompeu.

—O que da bruxa? — Ele perguntou. Distraído pela língua lambida do cachorro, ele não ouviu a pergunta na mesa.

—Thana está cuidando dela. — Respondeu Vesper. — Se acontecer de você cruzar com eles, tente prender a bruxa e levá-la ao acampamento para interrogatório. Mas não atravesse o limiar de sua casa. De acordo com Dyadia, é amaldiçoada com proteções mágicas violentas. Aconteça o que acontecer, retorne ao curso de cessação. Nós retomaremos a missão quando os habitantes estiverem dormindo.

—Então, o menino é a nossa prioridade por enquanto?

—Sim. Deixe que Nysa se concentre no ladrãozinho, antes que seu cheiro se vá. — Vesper escolheu suas palavras cuidadosamente, tentando justificar sua súbita mudança de prioridade. A verdade era que ele precisava encontrar o órfão para si, para absolver as emoções confusas que pairavam dentro dele. — O menino pode oferecer ajuda no que está acontecendo no Rigamort, considerando seus itens contrabandeados. Eu pretendo saber quem ele é, de que ele é, e de onde ele é, antes que o dia termine.

Leo assentiu, despediu-se da esposa e saiu com o grupo.

Enquanto outros guiavam os cavalos pela clareira e entravam na passagem de saída, Cyprian se juntou ao príncipe onde ele se agachou ao lado do cabo da espada - tudo o que restava da lâmina.

Vesper agarrou o ombro do amigo, com cuidado para evitar o pescoço e a clavícula, onde as bandagens cobriam suas queimaduras. — Sinto muito, Cyp.

Seu amigo fez um trabalho admirável, reprimindo sua decepção quando ele embainhou o cabo. — Eu nunca vi uma fera assim. Que outros segredos místicos essa floresta tem?

Vesper não tinha resposta, pois ele próprio guardava um segredo: o efeito que o Pégaso tinha nele; como a besta tinha acenado para o seu próprio sangue, como até agora ele podia sentir aquele arrepio revelador se espalhando pelo braço esquerdo dele. Como vinhas douradas, o brilho metálico expandia-se onde o pulso e as costas da mão se mostravam entre a manga e a luva. Ele teria que fazer uma incisão e drenar o veneno antes que ele petrificasse e deixasse seus dedos completamente inúteis. O punhal de Vesper tinha sido roubado, então ele precisava de Selena, e ele precisaria de sua ajuda para fechar a incisão - um procedimento muito particular para pedir ajuda a alguém que não fosse da família.

Ele logo teria uma nova cicatriz.

Vesper apertou a mandíbula contra as sensações frágeis e arrepiantes, determinado a entender como o Pégaso tinha o poder de afetá-lo. Já que o jovem órfão parecia ter uma conexão mental com a besta, ele pode ser a chave para isso também.

Vesper se assegurou de que essas eram razões lógicas para essa urgência de recuperar seu pequeno salvador - para priorizar esse fascinante fascínio por aqueles lábios e olhos, por aquele espírito de luta, por encontrar a bruxa e chegar ao castelo.

Madame Dyadia diria que o destino colocou o menino em seu caminho com um propósito; que não havia tal coisa como uma reunião acidental onde a profecia estava em causa. Mas que papel poderia ter um ladrão maltrapilho ao

reunir o sol e a lua?

15
Segredos de Caridade e mentiras Misericordiosas



Em qualquer outra parte de Eldoria, um homem carregando um menino ensanguentado e bagunçado que se contorcia para se libertar levantava as sobrancelhas. Na ravina, era pouco mais notado do que ter o mesmo “homem” correndo ao lado dos tornozelos daquele menino momentos antes como uma raposa. Uma metrópole cheia de vilões tinha um código único de ética: a apatia era uma cortesia que todos estendiam sem questionar, na esperança de que o mesmo lhes fosse transmitido. Assim, enquanto Luce levava Stain para homens e mulheres que iam e vinham do mercado, ou para gastar seu lucro na Taverna Orientada - localizada no tronco oco da árvore mais ampla da floresta - ninguém sequer olhou em sua direção.

Após a fuga do labirinto, Luce se transformou em sua forma humana e,

sem um aviso, levantou Stain e prendeu-a entre a borda de sua caixa torácica e seu osso do quadril - bem como ele carregava grandes sacos de cinzas de sua casa depois que Crony tinha varrido o chão. Felizmente, ele manteve Stain voltada para a mesma direção que ele.

Coloque-me no chão. Assinar a partir desta posição desconfortável não foi fácil. Ela se empurrava com cada passo dele, fazendo com que seus ombros se sacudissem e tornando difícil formar seus dedos em algo legível.

—Eu não vou.

Ela suspirou com a determinação em sua voz, resignando-se a seu rápido e acidentado passeio por cima de raízes de árvores e cercando poças. A urgência roía atrás do esterno, muito mais angustiante do que a dor nos pés triturados. Ela precisava chegar a Scorch. Ela feriu o orgulho dele, e essa lesão iria apodrecer e se espalhar ainda mais rápido do que o corte em sua asa se ela não o encontrasse logo.

Desejo andar sozinha ao seu lado. Isso é humilhante. Por favor.

Luce dirigiu uma careta para ela. — Você foi tola o suficiente para ficar andando de um lado para o outro sem suas botas, mas eu não sou tolo o suficiente para deixá-la livre para que você possa perseguir seu burro.

Sua menção a Scorch picou mais profundamente o coração de Stain, como se um espinho tivesse se enfiado dentro dele durante sua lágrima através do labirinto. Seus olhos ardiam, mas nenhum alívio viria. Da mesma forma que o cabelo dela não crescia, ela não tinha derramado uma única lágrima desde que acordou pela primeira vez no colchão irregular na casa de Crony, não importando o quão triste, confusa ou de coração partido ela se sentia às vezes. Talvez ela tenha chorado tanto naquele dia que alguém a torturou e a deixou morrer que ela não tinha lágrimas em seu corpo. No entanto, isso não impedia a alma dela de chorar quando alguém que ela amava estava com dor.

Ele está ferido, Luce. Ele está sangrando.

—Droga, Stain. Você está sangrando também. Ele pode esperar.

Até quando?

—Até eu te levar para casa e ter Crony vendo suas feridas. Tudo que você precisava era de mais cicatrizes. Ainda por cima, pelo fato de você nem ter conseguido as mariposas. Sombras e grilos! O que você acha que conseguiu com isso? — Ele amaldiçoou em voz baixa.

Stain caiu frouxa, balançando junto com o andar de Luce, deixando seu cheiro de penas e pele acalmar seu estado de pânico. Ele ficou tão zangado quando ela disse que perdeu os itens do mercado. Por que ele se importava, considerando que ele estava infeliz com suas seleções de qualquer maneira?

Ela suspeitava que ele queria as mariposas para que ele pudesse vê-las voar, para viver sua habilidade perdida através delas. Por essa razão, ela podia tolerar sua dura bronca.

—Você sabe, nós não salvamos você todos esses anos apenas para assistir você se rasgar em pedaços novamente. Você não faz ideia do fraquinho que você fez no plano.

Essas palavras deram-lhe uma pausa. Ela estava acostumada a estar na ponta da língua de Luce. Do ponto de vista de um sílfide, o mau humor era o equivalente ao cavalheirismo. E não foi a primeira vez que ele referenciou salvá-la. No entanto, ele nunca fez soar como se houvesse um motivo. Um plano, na verdade. Ela preparou as mãos para insistir que ele explicasse, mas ele retomou a conversa com um grunhido irritado.

—O que quer que tenha te deixado sair do mercado e atacar um grupo de estranhos em primeiro lugar? Você está em uma forma rara hoje.

Stain baixou os braços. Forma. Que forma ela deveria tomar? Ela não tinha ideia de quem ela era, ou de onde ela veio. Talvez ela pertencia a esses estranhos. No entanto, ela não queria mais ser do reino da noite, depois de ter visto a crueldade deles em primeira mão - uma fome de violência tecida dentro das próprias fibras de seus trajes: o rosto do assassino pintado com manchas como um crânio derretido com órbitas vazias; seu uniforme de assassino colado à pele que brilhava como escamas ao longo de sua alta e masculina estrutura - parecendo letal como uma cobra negra; e sua espada de prata, contaminada com

o sangue de seu querido amigo. Hoje ela aprendeu o pouco que os do mundo da noite pensavam da vida. O que a levou a supor que ela foi deixada aqui para morrer porque o tipo deles não sabia como se importar. Não é de admirar que mãe ou pai não estivessem procurando por ela, se Nerezeth fosse sua casa.

Oh, eles eram muito complicados, parecendo ser gentis e prestativos para atrair sua presa para sua armadilha. Como o Destruidor, quando ele conseguiu uma voz que de alguma forma parecia familiar, que acalmava com profundidade e palavras gentis. Ele lhe ofereceu água, sapatos e comida. Ela sabia que não deveria se apaixonar por isso.

Não confie em ninguém sobre negócios reais - seja do dia ou da noite. Scorch havia lhe ensinado isso, assim como Edith Desdentada e todos os outros vizinhos nefastos que compartilhavam essa floresta. Nobres e afins eram tão perigosos quanto a luz do sol.

Ela se encolheu, pensando nas últimas palavras do Devastador da Noite para ela: *Você não pertence aqui.*

Seus olhos a entregaram. Eles raramente brilhavam neste lugar, já que a sombra não era escura o suficiente. Mas rodeada por paredes emaranhadas e fumaça, fez a diferença.

Ela tinha sido tola de olhar para trás, mas seus próprios olhos a cativaram. Eles estavam errados com os nerezetitas - mas eram feitos de noite. Tão misteriosas quanto as sombras que ela esperava no mercado, e tão abrangentes quanto a onda de grilos subindo pelas paredes em seu pote de vidro. Seu olhar continha sabedoria e confusão - torcido como as árvores da ravina que dividiam suas raízes e troncos entre a lua e o sol.

Ela se perguntou como seria impressionante o contraste com o cabelo prateado e a pele branco-azulada, quando não coberta pelo uniforme, luvas e pintura facial. Então ela mordeu de volta um gemido, desgostosa por sua própria fascinação.

—O Destruidor disse alguma coisa para você antes de eu chegar lá? — Luce perguntou, como se ele entrasse em sua mente e observasse seus

pensamentos passarem acima dele como nuvens.

Stain permitiu que suas mãos oscilassem, sem resposta. Ele já estava bravo o suficiente. O que ele pensaria se soubesse que ela realmente perdeu todo o sentido ao ver o sangue de Scorch e gritou para um assassino em linguagem de sinais? Embora o destruidor não pudesse saber o que ela disse, ela foi um pouco mais longe e ameaçou-o com sua própria espada antes de roubar sua faca. O lado liso da lâmina fria ainda pressionava contra sua pele, onde as costelas se enfiavam sob o braço de Luce.

Ela não podia sequer considerar a possibilidade de que sua reação descuidada e rancorosa colocasse todos em perigo.

—Crony deveria estar aqui. Onde ela está? — Luce deixou a pergunta cair quando ele saiu da moita de árvores e entrou no terreno isolado de sua casa. Quando ele atravessou o quadro que separava os quartos, ela preparou seus músculos para lançar.

Luce foi rápido demais. Ele arrastou o talismã de seu pescoço e sobre sua cabeça, embolsando-o em sua jaqueta vermelha no mesmo momento em que ele a depositou em cima de seu colchão. Ela mostrou os dentes e ele ofereceu um sorriso irônico quando ele deixou cair as botas ao lado dela com um baque.

Os sapatos não teriam utilidade agora. Não atravessar o limiar para o quintal sem seu talismã. Luce tinha efetivamente aprisionado ela sem paredes. Às vezes, ela odiava seus modos astutos e espertos, assim como ela os admirava.

Seus olhos percorreram as quatro salas para montar um plano. Alguma maneira de distrair Luce, pegar seu bolso e se libertar.

Ela tirou as luvas. Os ombros delgados de Luce forçaram o tecido de sua jaqueta quando ele virou as costas e levantou as cortinas que cobriam as prateleiras de Crony. Após anos sendo sua ala, Stain era imune a seus encantos - a única vantagem que ele tinha sobre a maioria das mulheres e homens dessa floresta. No entanto, ele não estava imune aos seus encantos. Sua afeição por ela era de tipo parental, muito mais poderosa do que atração lasciva. Ela confiaria nisso.

Luce jogou um pouco de água em um copo, depois de encontrar uma lata de unguento cicatrizante e tiras finas de musselina - branqueadas e reunidas em rolos - ele sentou-se de pernas cruzadas no chão ao lado do colchão.

Ele ofereceu-lhe a bebida. Ela tomou um gole, arregalando os olhos até que seus longos cílios brancos se abriram, sabendo como a expressão suplicante o afetava.

Deixando a xícara vazia de lado, ela assinou com as mãos cheias de cicatrizes: *Crony não enxaguaria as feridas com água quente primeiro? E eu poderia tomar um chá de hortelã e lavanda para aliviar minha dor?*

Foi perfeito. Um fogo. Algo para aquecer Luce para que ele tirasse a jaqueta.

—Suponho que Crony iria ferver a água. Mais uma vez, você está me forçando a ser babá. Um papel que eu não desejo tocar. — A mandíbula de Luce se contraiu, um gesto irritado que só aumentou as linhas e ângulos perigosamente bonitos de seu rosto. — Por isso, nenhum chá ambrosial para você. Algo amargo, algo medicinal. Um elixir de caqui e óleo de peixe para limpar suas entranhas, assim como seu exterior, é o que você vai beber.

Stain não ofereceu argumentos, resolveu que ela não estaria aqui o tempo suficiente para participar dos refrescos.

Acendeu uma pequena chama na fogueira e colocou uma chaleira no cabide de ferro em cima. O cheiro de fumaça e madeira queimando aumentaram sua necessidade de encontrar Scorch a ponto de coçar sob sua pele.

Enquanto esperava a água ferver, Luce voltou a se sentar em frente a ela. As chamas iluminavam o ambiente esverdeado e nebuloso. Seu cabelo vermelho e terno tremulavam em tons vívidos.

—Você nunca respondeu à minha pergunta. O devastador disse alguma coisa para você?

Stain decidiu que uma meia verdade serviria. *Ele me ofereceu comida, água, roupas. Ele acreditou em mim como um menino. Me chamou de filho.* Essa admissão a fez rosnar. Até hoje, nunca a incomodara pensar em menino.

Luce suspirou. — Filho, e então você chutou cinza na cara dele quando saímos. Não é exatamente a melhor primeira impressão.

Stain encolheu os ombros. *Que diferença as impressões fazem? Não é como se eu fosse vê-lo novamente. Não é como se isso importasse.*

—É mais importante do que você sabe. — Sussurrou Luce em voz baixa, segurando os rolos de ataduras em seu colo.

Por quê? Ele não pode estar por trás do que aconteceu comigo. Embora ela não tivesse certeza exatamente quanto tempo ela estava no mundo, ela sentiu que ela e o Destruidor estavam próximos em idade. Ele não tem idade suficiente para me deixar aqui há tantos anos.

—Idade à parte, assassinos são muito perigosos. Não iria querer que eles aparecessem e causassem problemas. — Os olhos laranja de Luce se estreitaram e ele rangeu os dentes pontudos, uma indicação segura de que ele estava mentindo. Ele parecia mais canino do que humano em momentos em que se sentia encurralado.

Stain balançou a cabeça. *Tem mais. Algo que você não está me dizendo...* Suas mãos pararam quando ela pensou naquele momento anos atrás, quando ele a carregou para fora dos arbustos depois que ela conheceu Scorch. Ela esquecera tão facilmente o que Luce dissera, ignorando seu significado. Tendo ele carregando seu corpo triturado de novo agora trouxe tudo em volta.

Ela forçou perguntas, embora temesse as respostas: *uma vez você disse que não me custaria suas asas novamente. O que isso significa? Luce, Por que você perdeu suas asas? Isso tem a ver comigo?*

Suor frisou sua testa. Ele afrouxou os botões de cima de sua camisa branca, expondo seu colar de talismã. Então ele tirou a jaqueta e colocou sobre um joelho. — Você não é culpada por nenhuma das minhas perdas. Fiz escolhas irresponsáveis porque podia voar tão alto nas nuvens que estava imune às conseqüências. Então, fui punido por perder minha capacidade de escapar. Isso é tudo. — Ele estava aplacando-a, colocando respostas finas como papel dentro de molduras bonitas para distrair do vazio das próprias palavras.

Você sabe, não é? A possibilidade a fez assinar desajeitada e seu estômago enjoado. *De onde eu sou, onde eu pertenço. Você conheceu todos esses anos e tem mantido isso em segredo. Se você se importa comigo, Luce, você vai me dizer. Agora.*

Sua expressão se suavizou. — Nós a encontramos nas terras baixas, quebrada e derramando-se de um caixão feito à mão, prestes a ser comida pela mortalha. Nós tivemos que negociar por você. Isso é tudo o que posso dizer. Você tem que compreender, nem todo segredo é destinado a prejudicar. Às vezes, um passado é obscurecido por razões de caridade. Para proteção. Talvez as razões não sejam tão insignificantes quanto uma pessoa, mas ainda maiores. Outros que compartilham o mundo.

Stain apertou os dedos ao redor das bandagens que tinham se desenrolado entre elas. Eles negociaram por ela? Com o que? As asas dele? E ele fez soar como se o passado dela tivesse sido escondido intencionalmente. Ela prendeu a respiração e estudou as fichas de vidro cintilante penduradas no quarto - memórias finais dos mortos.

Talvez dos vivos também.

Ela gesticulou para as bugigangas: Alguma daquelas pertence a mim?

Os músculos da mandíbula de Luce se agitaram enquanto ele debatia a resposta.

—Shushta sua armadilha, ye prattling cur! — O grito de Crony atravessou o caminho que levava à frente da casa. — Você já disse o suficiente!

Luce girou ao redor para encontrar seu olhar. Ambos se assustaram quando um corvo branco caiu dos galhos acima. Ele mergulhou sobre a cabeça de Crony e depois para os quartos, grandes asas agitando rajadas que perturbavam o fogo e pegavam fios de cabelo de Luce. A criatura pousou no peito de cedro, ocupando metade da tampa. Era bestial, seu único olho tão rosa como o céu depois do clarão do crepúsculo quando o sol voltou.

Luce saltou de pé, largou o paletó e se lançou ao convidado grotesco. Stain puxou a jaqueta e tirou o colar. Ela encheu-o, junto com a lata de pomada e

bandagens, em seu colete.

—Caw-caw! — o corvo gritou, escapando da embreagem de Luce.

Só não foi um guincho ou um grito. Era um lamento estridente e sem palavras - como gritos cantados pelos mortos e moribundos. Stain bateu as palmas das mãos sobre as orelhas. Penas brancas tremulavam em uma sequência sonhadora enquanto Luce perseguia o pássaro, e no silêncio abafado, Stain se perguntou se era assim que a neve caía. Se ela soubesse uma vez? Teria essa memória sido tirada dela junto com as outras?

Um cachorro latiu ao longe e incitou Stain a se levantar em seus pés magros no momento em que Crony cruzou a soleira. Os olhos de Stain sustentavam o olhar lamacento da guardiã e, como a primeira vez que ela acordou com o rosto adormecido e vendado da bruxa, não conseguiu ver a bondade e a afeição pela nebulosidade ali. *Você mentiu. Não foi... amnésia.* As mãos de Stain se moveram de maneira tão espasmódica que suas acusações saíram desarticuladas. *Minhas memórias. Você levou elas. Vendidas ou as escondeu? Onde? Por quê?*

Suas bochechas se arrepiaram com o calor enquanto ela aguardava uma resposta.

Crony desviou o olhar e inclinou o cajado de crânio em direção ao corvo, as chamas na fogueira brilhando em seus chifres negros. — Thana, seja você, velho pássaro! Diga a sua amante que estou me importando, então ela deveria fazer o mesmo!

Luce, que conseguiu pegar o corvo pelas penas da cauda, liberou-o. Ele subiu, subiu, subiu até as árvores com as abas do carro até que o dossel engoliu seus horríveis gritos.

Luce assistiu com uma expressão tensa. Stain não tinha certeza se a reação era de inveja ou de remorso por todos os segredos. As penas soltas ainda se moviam, como se carregadas por uma força invisível. Stain estendeu a mão e pegou dois, os olhos queimando - uma provocação cruel para esvaziar as órbitas.

Sua vida era uma mentira. Ela já sabia disso. Mas ela nunca percebeu que

as vidas de Crony e Luce eram mentiras também. Porque ambos estavam mentindo para ela. Ela não podia se vingar, porque em todos os sentidos, eles eram sua família. Eles a fizeram confiar neles. Eles a fizeram amá-los.

Ela esmagou as penas em sua mão e jogou a moita na direção de Luce, sentindo-se tão perdida quanto suas asas. Pegando suas botas, ela saltou através do limiar antes que qualquer um de seus guardiões pudesse detê-la. A menos que ele se transformasse em raposa, Luce nunca a pegaria. E se ele tentasse, ela iria para as árvores.

Ela ouviu latidos de cachorro mais uma vez, mas estava distante. Apenas para estar segura, ela alterou seu caminho e parou para deslizar em suas botas. Forçar o couro sobre os pés danificados intensificou os golpes de cada marca de punção. Ainda assim, ela avançou em uma marca completa. O ar picou as marcas em sua pele, onde os espinhos haviam deixado sua marca. Ela aprendera há muito tempo como evitar desconforto, como agir apesar disso - naquele dia ela conheceu a única alma que nunca mentiu para ela: a besta do céu e do vento e penas e chamas, que se importavam apenas com isso, ela correu ao lado dele - uniformemente combinada.

A lata de pomada sacudiu ao lado da faca em seu colete. Ela veria que Scorch curaria e voaria novamente. Então ela iria vingar suas feridas, como ela nunca poderia vingar a sua própria.

16
A lacrimosidade das Reminiscências



Em algum lugar ao longe, um cachorro latiu e um corvo lançou um grito de resposta alto e ensurdecedor - uma sinfonia discordante do natural e do antinatural. Crony esperava que, onde quer que o pássaro incômodo de Dyadia estivesse voando, isso levaria o príncipe a Stain. Mas Dyadia ainda não sabia a verdade da identidade da garota, o que significava que o príncipe também não sabia. E sem ele, como a princesa iria encontrar o caminho para o castelo de Eldoria para reivindicar seu destino? Ele não deveria ser a isca para levá-la até lá?

Crony nunca quis devolver um conjunto de memórias ao seu legítimo proprietário mais do que agora. Mas se o fizesse, o mundo ficaria para sempre dividido ao meio. Ela não conseguia parar de ver a expressão ferida de Stain, e isso marcou seu interior como se ela estivesse correndo através dos arbustos, virou o lado errado. Crony e Luce concordaram que nenhum deles deveria ir atrás deles, que isso só a faria correr mais longe, mais forte. A garota precisava de tempo com seu Pégaso.

Se alguém pudesse consolá-la, o cavalo poderia. Eles tinham um forte parentesco, aqueles dois. Crony havia tentado oferecer à criança tal fundação, mas uma casa construída sobre tijolos desviados está destinada a desmoronar.

Nada disso teria acontecido se Luce mantivesse o focinho fechado.

A bruxa olhou para seu companheiro sílfide através da pequena extensão de sua cozinha esquelética, franzindo a testa. — O que você estava pensando, cão dândi? — Ela estava tentada a envolvê-lo em filamentos de seus chifres e amarrá-lo nos galhos como todas as memórias roubadas, aquelas que Stain assumira que eram dela mesma. — Você e sua língua tagarela. As pulgas se contorceram em seu cérebro e sugaram todos os seus sentidos comuns?

—Isso não é justo. Você sabe tão bem quanto eu que os parasitas são preguiçosos. É muito longe uma subida do meu rabo para a minha cabeça. — A carranca presunçosa de Luce parecia tão feroz quanto a sua própria.

Seus lábios se contraíram. Se ela não estivesse tão furiosa, ela poderia tentar um sorriso. Veja se isso pode trazer alguma humildade.

A chaleira assobiou, quebrando os olhos imóveis de Crony e Luce.

—Você sabe que eu vou ter que ir atrás dela em breve. — Luce fez o seu caminho para levantar a chaleira de seu gancho. — O curso de cessação começa em algumas horas. Ela não precisa estar lá em tal estado.

—Deixe-a. — Crony encontrou duas xícaras, rachadas nas bordas, mas adequadas o suficiente para conter a água. Ela amassou um punhado de folhas de chá e hortelã seca em cada uma delas. — Deixe seu príncipe encontrá-la agora.

—Ela já o encontrou.

O corpo de Crony ficou tenso. — Onde, quando?

—Ela estava com ele no labirinto quando os vi.

—E... ele é digno dela? Tudo o que esperávamos?

Luce deu de ombros. — Ainda não tenho certeza. Eles estavam lutando no chão. Considerando que o homem poderia facilmente tê-la superado em tamanho, há algo a ser dito por sua gentileza. Ele estava vestido como um destruidor de noite; Eu só o reconheci por seus olhos escuros. Mas não havia comunicação entre eles. Em vez de barganhar as mariposas, Stain não tinha nada além de sombras e grilos em jarros, e tudo de bom que eles fizeram.

Crony pensou no dia em que compartilhou a memória com Luce, aquela em que Stain ainda era Lyra - princesa no castelo. A criança usara traças para

dizer à tia que nunca seria sua mãe. A primeira vez que Crony viu isso, ela sentiu um caloroso orgulho, mesmo que ela mal conhecesse a ala jovem deles. Depois que Luce assistiu, ele sugeriu que eles armassem Stain com traças para que ela pudesse falar com o príncipe através dos insetos. Ele até conseguiu que Stain os pegasse negociando, impedindo assim Crony e Luce de interferir tecnicamente. Uma vergonha que havia caído.

—Onde estão as sombras e os grilos agora? Deixe que ela possa usá-los de alguma forma, para intrigá-lo com sua fidelidade a ela.

—Ela os deixou para trás quando ela correu - depois de passar toda a manhã pechinchando por eles. Você pode culpar sua mosca tresloucada por tudo. Ele tinha o príncipe preso e na defensiva. Eu soube que os mosquitos mordem com melhor autocontrole do que aquele burro meio burro.

Crony bufou. — Você já considerou que são suas brincadeiras com o burro que a deixou astuta o suficiente para lutar com um príncipe treinado e combinar suas habilidades?

—Ha! Suas habilidades de luta foram aprimoradas por assistir a disputas bêbadas entre nossos cidadãos honrados aqui. Não há necessidade de creditar o Pégaso com isso.

—Não tanto. Ela não teria visto tais escaramuças se você fosse sua única companhia. Você é muito protetor. Mas Scorch a levou ao meio disso tudo. Agora, ela é igual ao príncipe, assim como a profecia dizia. Eu estou supondo que esse fato está virando na cabeça do nosso homem real, que isso está fazendo ele pensar. Fazendo-o pensar. Eu estou supondo que ele esteja procurando por nosso “menino” enquanto falamos. Que Pégaso possa ser uma besta impulsiva, mas sua caminhada com ele serviu a um propósito.

Crony ergueu as duas xícaras de chá para que Luce as preenchesse. — Na verdade, é melhor esperar que ela esteja andando com ele agora. Que você não a enviou tão escondida que nenhum de nós pode encontrá-la.

—Eu não a enviei em qualquer lugar. — Luce rosnou, hesitando em derramar a água quente. — Stain sempre teve uma mente própria. Apesar de

termos roubado metade disso. Se você tivesse sido honesta comigo desde o começo, apenas uma vez compartilhada a razão pela qual você fez o seu maldito juramento, por que é tão inquebrável, eu não teria ficado tão tentado a lhe contar um pouco de verdade.

—Não, você ainda teria borbulhado como um pote para ferver. Você não pode resistir quando ela bate os cílios. Foi meu erro confiar em você para começar.

Luce jogou a chaleira inteira no quintal com um barulho, mostrando os dentes. A água gorgolejava do bico e da tampa aberta, criando uma poça de cinza mole. — Bem, vamos ter um confessionário completo então. Foi meu erro que matou a mãe daquela menina. Meu erro que a deixou aqui meio morta. Você vê porque eu me sinto mais responsável do que a maioria? Por que eu poderia me sentir um pouco mais suave com ela do que gostaria de admitir?

Crony gemeu. Deixou de lado as xícaras e atravessou a soleira para recuperar a chaleira, os ombros encolhidos contra a culpa que os pesava. Uma mancha de coração sangrando havia secado sob a água fervente. Ela reuniu as flores cor-de-rosa brilhantes em um buquê encharcado. Uma pontada penetrou em seu peito enquanto se preocupava com o coração sangrando da própria princesa. Aos olhos de Stain, eles a traíram. E ela nem sabia a metade disso.

—Eu não tenho o seu corpo imortal infeliz, mulher velha. — Disse Luce, recuperando sua atenção enquanto ele chutava areia na fogueira para abafar as chamas. Algumas penas brancas deslizaram para a mistura e seu cheiro de queimado azedou o ar já amargo. — Eu vou morrer um dia, da idade, aqui no chão. A menos que eu continue me engolindo nas entranhas dos cadáveres. Ela era minha única chance de desfazer o mal, recuperar a falta de idade, e agora essa chance se foi. Sua fé em nós se foi. Tudo porque você não me permitiria dizer quem ela é.

Crony ficou de pé, as costas ainda voltadas para Luce. — Você acha isso fácil para mim? Mantendo esta armadilha fechada?

—Sim. Por causa da sua pele espessa de gárgula. Você é impenetrável, não

vê? Você não é afetada pelo mundo ao seu redor. Eu tive rebarbas na minha pele, eu tive cortes na minha pele. Desde o momento em que fiquei de castigo, posso sentir. Apenas um pique de um espinho pode incapacitar. No entanto, todos os dias, essa menina delicada enfrenta essas coisas e muito mais, sem sequer reclamar. Tornando-se mais forte em vez disso. Eu estava convencido de que ela era inquebrável. Mas você viu o olhar em seu rosto? Isso a dividiu bem ao meio, e no pior momento possível. E mais uma vez, é minha culpa. Você pode imaginar como é, sabendo que você destruiu um espírito tão nobre e inesgotável? Sabendo o tipo de rainha que ela poderia ter sido? Sabendo que você nunca vai parar de lutar contra a culpa até que você esteja com frio no túmulo, ou você tenha voado tão longe no céu, você não precisa mais sentir nada além do ar e do vento?

Crony voltou para a casa. Ela foi até a cozinha e parou diante dele, inclinando os pesados chifres para poder encontrar seu olhar laranja brilhante. — Eu sei melhor que qualquer um. E eu tenho mais culpa do que você jamais poderia... Eu me sinto mais profunda do que você jamais faria. Pois traí um espírito afim e destruí o mundo inteiro.

Ele enrugou a testa perfeita - uma expressão de dúvida e angústia.

—Eu tenho sido muito dura com você, raposa. Você assumiu a tarefa sem nunca olhar para trás, e fez um trabalho de despertar. Melhor do que essa velha poderia ter feito sozinha. Agradeço obrigada. — Ela ofereceu-lhe o buquê encharcado.

Ele levou isso a contragosto.

Ela apontou para o barril mais próximo. — Sente-se e eu vou compartilhar minha própria confissão. Por ver que a garota não confia mais em nenhum de nós, não há mais risco de me derramar segredos, certo?

Luce sentou-se e Crony fez o mesmo no cano em frente a ele.

Ela lutou com as palavras a princípio; Elas tinham sido feridas tão apertados no carretel de supressão, que emaranhou sua língua bifurcada para tentar falar elas. A gagueira durou apenas até que ela se lembrou de como os

contos preferem ser contados: como se fosse uma história para dormir - levando com as partes felizes.

—Era uma vez, uns sete séculos atrás. — Disse ela. —Havia uma bruxa feia e de chifres estimada o suficiente para viver no resplandecente palácio de marfim de Eldoria. Estimada o suficiente para ser a conselheira mística do rei.

As palavras vieram mais facilmente como um conto de fadas. Elas abriram portas em sua mente que ela havia trancado há muito tempo. No entanto, as imagens não estavam cobertas de poeira ou teias de aranha; ou melhor, eram vivas e brilhantes: ela podia se ver, caminhando entre a realeza, usando sandálias de ouro e vestes brancas estampadas com três talos de trigo e um cavalo correndo em vermelho. Não havia sol pessoal para ser celebrado como o sigilo de Eldoria naquela época. Eles compartilhavam todos os dias - todo verão, outono e primavera - com Nerezeth, da mesma forma que o inverno e as estrelas iluminadas pelo luar pintavam os céus dos reinos e sombreavam seus lares. Eles também compartilhavam as criaturas do dia e da noite: os pássaros cantores, os grilos vibrantes, as borboletas esvoaçantes se misturando a traças felpudas. E as folhas de outono, as flores da primavera, as rajadas de neve e as tempestades de verão varriam seus terrenos em partes iguais, proporcionando beleza na diversidade.

Os pontos fortes de Eldoria se concentravam em torno de seu talento para a agricultura e a pecuária, portanto, seu sigilo. Nerezeth, por outro lado, vivia nas terras densamente florestadas, mais perto da borda montanhosa e oriental do mar, e escolheu um peixe prateado e chifres contra um campo de cetim azul como tributo à sua proficiência em caça e pesca. O comércio era mantido por meio das importações e exportações dos bens e serviços de cada reino - um saldo que beneficiava a todos. Os Nerezititas e os Eldorianos atravessavam os reinos e mercados uns dos outros numa aliança pacífica.

Naquele mundo unificado, Crony tinha um título honrado: Madame Cronatia Wisteria, a Encantadora Real de Eldoria. Ela jurou fidelidade ao monarca, ascendente de Kiran às primeiras gerações de Eyvindur, o rei Kreśimer.

Como Kiran, ele era gentil, sábio e nobre, e ela teve a honra de segui-lo. Sua lealdade - ao rei, à rainha e aos três jovens príncipes - não conhecia limites.

Nerezeth tinha um feiticeiro próprio, Mestre Lachrymosa. Ele era ao mesmo tempo gritante e marcante: uma compleição de branco calcário com listras de garoa preta de seus olhos escuros como óleo. O mesmo padrão continuava ao longo da borda inferior de seus lábios negros, fazendo parecer que ele estava bebendo um frasco de tinta; ele usava uma barba que aliviava a ilusão - mechas negras enroladas penduradas no queixo e no peito ao lado dos cabelos na altura dos ombros. Sua voz profunda fluia e rolava, doce e carnal através das orelhas, como uma canção de mel e trovão. Embora ele fosse jovem - apenas vinte e três anos no mundo - ele era poderoso. Ele teve apenas uma queda: ele lamentou sua linhagem de meio-sangue. Ele nasceu de uma feiticeira imortal e uma guarda real mortal que morreu enquanto servia no exército Nerezethite.

Que a juventude dele fosse a derradeira derrota de Lachrymosa, pois se ele tivesse sido mais velho e mais sábio, ele não teria se considerado metade de alguma coisa, em vez de duas partes de um todo. Que ele pudesse ter encontrado forças em ambos os lados do seu sangue, em vez de tentar eliminar todos os vestígios da humanidade.

Mas espere... Crony estava se adiantando na história, pois essa não era uma das partes felizes. Ela recuou, voltando ao começo quando as coisas eram boas entre os dois reinos. Quando dois magistrados - Kreyser de Eldoria e Velimer de Nerezeth - juntaram forças para livrar os céus de seu inimigo comum: os drasilisks cuspidores de veneno que podiam transformar qualquer um em pedra com um furo dos ferrões semelhantes a escorpiões. A única maneira de matá-los era decapitando-os com uma lâmina semelhante a um machado de uma alabarda, um processo só possível uma vez que fossem aterrados.

Crony conheceu Lachrymosa pela primeira vez em uma convocação entre os conselhos dos reinos. Ele apareceu à primeira vista para se sentar ao lado de uma cadeira vazia, com o rei de Nerezethite do outro lado. Quando Crony e seu próprio rei se sentaram em frente a seus colegas, uma mulher de três olhos

tomou forma na cadeira vazia ao lado do feiticeiro meio-sangue. Mestre Lachrymosa apresentou-a como sua mãe, Lady Dyadia. Ela estava lá para contribuir com uma visão mágica de como eles poderiam derrotar a praga mortal em seus céus.

Crony tinha ouvido falar de sua espécie, descendente de quimeras camaleão - uma feiticeira listrada compartilhando a coloração de seu filho, embora o padrão fosse mais elegante e sutil para ela, como um tigre de neve. Mesmo agora, tantos séculos entre essas lembranças, Crony ainda se viu cativada pelo primeiro encontro, pela capacidade de Dyadia de se misturar ao ambiente, ser invisível. Quantas vezes desde que Crony desejou tal talento? Ou, pelo menos, para fechar os olhos e fazer o mundo desaparecer.

Enquanto trabalhavam juntas, ela e Dyadia tornaram-se amigas rápidas. Crony demonstrou a técnica por trás da transferência de memória e elixires herbais e poções, e Dyadia a impressionou com a habilidade de encantar objetos e profecias divinas através de seu terceiro olho. Elas tinham coisas em comum que nenhum humano podia apreciar: rir sobre os erros cometidos quando aprendiam seus ofícios; Comiseração sobre vidro quebrado e feitiços quebrados.

Crony fez uma pausa. Luce, que estava ouvindo - encantado - se inclinou para frente.

—Deve haver mais. Você ainda não falou de traições, votos ou maldições, madame Cronatia. — Seus cotovelos descansaram nos joelhos, e as flores murchas caíram onde suas calças cobriam suas canelas. — Não pare agora. Eu esperei mais de uma década por esse conto.

Crony apertou a mandíbula para reprimir um sorriso triste, pois havia pouco tempo de dez anos no grande alcance das coisas. — Deixe-nos confiar um no outro muito rápido demais, Dyadia e eu. Ela confidenciou os medos que ela está tendo sobre seu filho. Preocupa-se com suas perigosas ambições, ele se interessa por necromancia na esperança de encontrar a imortalidade. Em troca, confessei-me um medo.

Luce ergueu uma sobrancelha vermelha, parecendo inteiramente lupino

demais para ser tão bonito. — E isso seria?

Crony sacudiu a cabeça. — Nada você precisa saber para o conto.

Desistindo da imortalidade para conceder à princesa outra chance na vida, isso era algo que ela ainda não podia dizer a Luce; arriscava interferência, pois, se Luce souber, isso pode afetar o resultado de maneiras que Crony não poderia prever. Não, ela não teria chance disso. Ela optou por ser astuta com suas palavras. Distrair com uma revelação emocional.

—Imortais são apenas alguns distintos. Nos é dada a oportunidade na concepção de viver na terra, ou no plano celestial, fora da vista dos mortais. Apenas seis de nós caminhamos sobre a terra, cada um de nós descende de seres antigos: gárgulas, quimeras, serafins ou demônios. Essas quatro classes imortais foram inimigas, historicamente. Portanto, temos dificuldade em encontrar alguém com o qual viver uma eternidade. Na mentalidade mortal, tropeçar em outro como a si mesmo, ter ninharias e truques para aprender e negociar, é um presente. Mas, para um imortal, sentir como se seus passos lentos tivessem sido traçados com novos caminhos exibindo dois pares de pegadas em vez de um - é um milagre. Dyadia e eu, ambas somos sábias o suficiente para manter isso perto, no começo. Eu a amava. Por sua beleza assustadora, por seus talentos místicos, por seus modos maternos com seu filho - algo que eu não experimentaria por mim mesma. Harrowers não são feitos para ter descendentes. Nós perdemos essa habilidade no momento em que tomamos o poder. E nós mantemos a maldição até sermos liberados da nossa magia, passando-a para outra alma. Seja mortal ou imortal, monstruosa ou indistinta, um receptor do harrower deve ser um vaso de vontade, e pronto para jurar qualquer esperança para as crianças por mais tempo que seja sua comissão. Eu erro estava tomando o poder ao ser imortal. A eternidade será muito tempo para viver sem família. — Crony baixou o olhar para os galhos de flores que se curvavam para a canela de Luce, encontrando-se novamente pensando na princesa, querendo tanto que a garota encontrasse seu caminho, mas incapaz de fazer acontecer com ela própria. É assim que os pais verdadeiros se sentem? —Mas haverá uma queda para um

imortal ter um filho, e é muito maior do que a dor de quem está tendo um.

Luce assentiu. — Porque um dia eles sobreviverão a essa criança.

—Sim. Esse foi o maior medo de Dyadia. Difícil de se preocupar, mas eu a ouvi toda vez que ela precisava ser ouvida. Pareceu satisfazê-la um pouco, ter uma companheira como eu. E no meu lado, nenhum que eu tivesse conhecido naquela longa caminhada parecia muito com o lar. Como se pertencesse. — O peito de Crony aqueceu em lembrança daqueles dias mais felizes. — Dyadia tornou-se minha amada família e muito mais.

Luce sorriu, gentil e sincero. O tipo de expressão que ela só o viu transmitir em Stain. — Bem, beije meu focinho e me chame de vixen. Nunca pensei em ouvir algo tão bonito dos lábios de uma velha bruxa como você. — Seus olhos estavam provocando, mas suas feições caíram em sombria. — Algo horrível aconteceu. Para você estar tão distante agora, ter perdido um ao outro para reinos opostos. Conte-me.

Crony não gostava dessa parte do conto de fadas: o teste moral, a queda do herói. Melhor que ela pule sem hesitar, melhor cair de cabeça - olhos dolorosamente abertos, sempre abertos - nessas memórias finais; melhor do que fazer uma pausa e antecipar a agonia, lembrar como seu coração iria rasgar de novo quando ela revivesse seu maior erro.

A batalha final para salvar os dois reinos dos drasilisks foi vencida. Entre os sinais de mão usados pelos infantes para que os alabardeiros pudessem realizar suas formações letais em silêncio, e a presença de Cronatia e Lachrymosa nas linhas de frente combinando suas magias - sua habilidade de fazer pesadelos e armas para se comunicar com as criaturas mentalmente - a vitória pertencia aos reinos.

Não restou mais drasilisks. Suas formas gigantescas, decapitadas e apodrecidas, enroscadas em campos incendiados. O fedor nocivo de suas escamas em chamas - como furúnculos cheios de pus, assando em uma torneira - indicava finalmente a liberdade. Uma proclamação saiu, e ambos os reis selaram uma aliança jurando que se algum sinal das criaturas destrutivas aparecesse em

Eldoria ou Nerezeth, eles seriam caçados e erradicados, pelo bem de toda a vida. As pessoas comemoraram, antecipando um futuro sem medo.

Um futuro que foi de curta duração.

—Cinco meses depois. — Disse Crony, com a voz trêmula agora —O sol começou a se curvar à lua em horas irracionais. O inverno chegou cedo, quando a primavera estava apenas levantando sua cabeça rosada. O medo rastejou pelos dois reinos mais uma vez.

Os drasilisks preferiam caçar à noite e, com o passar do tempo, desenvolveram uma incrível capacidade de invocar a lua, mesmo ao meio-dia, para escurecer os céus, para que pudessem se alimentar dos que cuidavam dos campos ou da pesca. Agora, mesmo com as criaturas extintas, a confusão recaiu sobre os dois reinos, embora nada tenha caído do céu.

O rei Kreśimer chamou Cronatia para a sala do trono no início de uma tarde, quando os céus estavam encobertos à meia-noite. Ele acreditava ter descoberto a causa das estranhas ocorrências; depois de ter Eldoria procurando e não encontrando nenhum sinal de drasilisks, ele procurou o rei Velimer para fazer o mesmo. No entanto, o rei ficou doente, e seu feiticeiro, Lachrymosa, estava servindo como regente - o filho mais velho do rei sendo jovem demais para reinar. O rei Kreśimer enviara missivas ao feiticeiro, pedindo-lhe que revisasse Nerezeth de fronteira a fronteira, mas cada um voltou sem resposta. Então Kreśimer enviou espiões para o seu reino, e logo foi confirmado que Lachrymosa estava abrigando um drasilisk vivo, embora ninguém parecesse capaz de encontrá-lo.

Crony não contou a seu rei naquele dia como ela tinha estado em contato com a mãe do feiticeiro através de um corvo albino de um olho só. Ele iria visitar semanalmente, empoleirado na janela de Crony para conversar, como se Dyadia estivesse sentada ao lado dela. Crony não queria que seu rei duvidasse de sua lealdade a Eldoria, pois isso não mudara apesar de sua amizade com uma feiticeira do reino oposto. E ela não estava escondendo nada de importância, já que Dyadia se recusou a confirmar ou negar a culpa do filho durante as visitas

não convencionais.

Em um dia sombrio, o céu carregado de nuvens escuras, a infantaria de Eldoria preparou-se para marchar para Nerezeth com a intenção de decapitar a fera e o feiticeiro responsável. Eles planejaram sair dentro da semana. Crony recebera outra mensagem de Dyadia, desta vez em uma nota amarrada na perna branca e escamosa de Thana. A feiticeira implorou para que ela viesse ao palácio de Nerezeth nas profundezas da floresta, mas para mantê-lo em segredo, pois seu filho tinha cometido um erro trágico.

Crony saiu antes da infantaria, dizendo ao rei Kreśimer apenas que investigaria a estranheza nos céus ao se encontrar com Dyadia.

Thana voou acima dela durante a viagem de três semanas, como se para garantir que ela viesse sozinha. O corvo albino se retirou assim que Crony chegou ao castelo negro e foi escoltado ao lado de Dyadia pelos brilhantes e obsidianos corredores. Dyadia dispensou os guardas, em seguida, agarrou a mão de Crony e falou casualmente, como se recuperasse o chá. Sua compostura forçada deixava Crony desconfortável, mas ela brincou, sentindo a profundidade da dor de Dyadia, sabendo de alguma forma que seu filho estava morrendo, vendo isso em seus olhos. Sabendo mais, a cada passo, por que ela foi chamada para o lado da feiticeira. Embora o medo enchesse seu coração, ela seguiu em frente.

Elas desceram uma escadaria inclinada que levava ao calabouço, passando por celas cheias de cheiro de urina e odor corporal, e o gemido de prisioneiros. Quando parecia que o corredor estava parado em um beco sem saída, Dyadia manipulava magicamente uma fileira de pedras, persuadindo a parede a abrir outro lance de escadas. Estes levaram mais fundo na terra, em uma passagem quase uma liga completa abaixo do castelo.

Embora Crony não tivesse medo do escuro, sua espinha arrepiou-se com uma sombria premonição, combinada com o cheiro quase familiar de furúnculos cheios de pus em algum lugar dentro da umidade gotejante e mofada.

Dyadia falou um encantamento que ecoou pela pequena câmara e tochas

acesas. Chamas laranja e bruxuleantes pintavam sombras no espaço pedregoso - revelando um laboratório de alquimistas. No centro da sala, em um estrado, colocava o corpo supino de seu filho, envolto em suas vestes de cetim azul. E no canto mais distante, havia um ninho maior que dois fardos de feno. Dentro havia cinco ovos de couro, divididos no meio, como se tivessem parado no meio da escotilha.

—Filhos de Drasilisk. — Crony resmungou a revelação, incapaz de olhar para a amiga por medo do que seu rosto mostraria. Isso explicava por que um drasilisk adulto não havia sido encontrado; ovos eram muito mais fáceis de esconder. Ela se forçou a encontrar o olhar felino e cansado de Dyadia. — Independentemente do seu estado imaturo, seu filho quebrou a aliança.

Dyadia estava ao lado do estrado, as mãos cobrindo os olhos fechados do filho. A rainha pedira que usasse sua necromancia para encontrar uma cura para o rei Velimer. Ele se aprofundou mais do que nunca e tropeçou no segredo do drasilisco. Você não conta para ninguém. Ele teria que ser decapitado por tal ofensa contra o seu rei e a aliança, ou haveria uma guerra.

—Já existe uma. — Crony se aproximou da forma inclinada de Lachrymosa. — Os soldados estão a uma semana atrás de mim e eu me jurei ao rei para manter o mundo a salvo. Como seu filho é para ele. O que ele está pensando, fazendo uma coisa dessas?

—Os céus são eternos. Ele pensou em tirar proveito desse poder, para usar o elo que as criaturas têm com a lua para encontrar uma cura para o rei.

—Não, ele finalmente encontrou um meio de se tornar imortal, ou assim ele pensou.

Dyadia se virou. — Ele falou com o espírito de um drasilisco. —Ela começou, sua voz quebrando em intervalos. —E isso lhe falou de um ninho de ovos. Ele inventou um elixir determinado com algumas escalas que ele salvou para encontrar seu paradeiro. Transportou-o para as falésias junto ao oceano, onde os encontrou escondidos. Eles... foram os únicos sobreviventes. Meu filho se conectou mentalmente aos filhotes, subiu em suas mentes. Roubou seu elo

com a lua e aprendeu como manipulá-la. — Ela se virou para encarar Crony. — Eu tentei argumentar com ele, para avisá-lo dos perigos, mas ele não quis ouvir. Alguns dias atrás, eles começaram a chocar. Eu pensei que ele voltaria a seus sentidos então, mas ele estava emocionalmente ligado e convencido de que eles sentiam o mesmo, que ele poderia aumentá-los e controlá-los. E não só ele seria imortal, mas o nosso seria o reino mais poderoso. — Suas pupilas soltas caíram na bainha de seu vestido esvoaçante. — Eu tentei intervir para sua própria segurança, para a segurança de todos. Eu lancei um feitiço sobre os ovos - um escravo discreto - para enganar suas mentes e pensar que eles já estavam mortos, para evitar que eles crescessem fortes o suficiente para irromperem. Na minha pressa, esqueci o preceito mais crucial: que só deveria ser evocado num lugar sagrado de vida e morte, senão o espírito do destinatário fica com medo. Uma vez que o espírito desiste da fé, tudo está perdido. Eu não queria que fosse fatal, mas eles estão morrendo.

Crony se debruçou sobre um ovo rachado e estremeceu quando um brilho de luz de fogo refletiu olhos mortos e escamas brilhantes e enroladas. — Como você tem certeza?

—Porque meu filho é parte deles agora. Ele não pode desconectar. Eu percebi isso quando ele caiu no chão e lutou para respirar. Ele está morrendo também. Na própria mão de sua mãe. — Sua voz falhou e ela apertou o peito, como se pudesse sentir suas entranhas se despedaçando.

Crony protegeu seu próprio peito com seu cajado, colocando barreiras. Sua amiga agarrou seu pulso, lágrimas escorrendo pelo rosto bonito e listrado, vários vazando da órbita vazia no meio da testa. — Você deve saber o que eu preciso de você.

O estômago da bruxa se virou e se retorceu, dividido entre pena e autopreservação. — E você sabe por que eu não posso dar isso.

A feiticeira caiu de joelhos e agarrou os tornozelos de Crony, os dedos muito finos e elegantes para dar um nó na pele grossa e áspera de Crony. Ela era tão insensível quanto exterior? Tanto ela podia dizer não àquele que mais

significava para ela no mundo? Ela era tão covarde que não podia trocar sua imortalidade pelo filho de outro? Isso não a fez melhor do que ele em sua busca para viver para sempre?

—Por favor. Meu amor, minha vida, tudo que eu tenho é seu e sempre será. Mas eu não posso viver com a morte do meu filho. Por favor. — Soluçou ela. — Você deve licitá-lo de volta.

A lembrança tornou-se real demais, e Crony interrompeu a narrativa por medo de dizer demais a Luce, ou pior, de que o ácido que subia por trás de sua garganta penetrava em sua língua e a tornava tão muda quanto a de Stain. Ela encontrou o olhar de sua companheira sílfide. Ele esperou, silencioso e mortificado, pelo fim.

—Eu considerei o filho de minha querida indigno de ser salvo. — Ela disse a Luce, suas cordas vocais não mais cooperando, cortando sua voz para um sussurro. — Mas pior ainda, eu mantive em silêncio em meu coração. Eu sabia, para trazê-lo de volta da beira, eu estaria trazendo de volta os drasilisks com ele. Eu sabia que ele tinha que ser destruído para salvar os reinos. — Crony não contou a Luce a parte mais feia, que ela era uma covarde que justificava sua covardia dizendo a si mesma que era uma escolha em preto-e-branco. Ao se convencer, não havia cinza. — Eu fingi que estaria disposta a ajudá-la, apenas para chegar perto o suficiente para roubar suas últimas respirações e bloquear as memórias que ele compartilhou com as criaturas em minha mente, para que eu pudesse quebrar o seu abraço da lua. Isso eu fiz, com Dyadia parada ao meu lado, confiando em mim, pensando que eu deveria salvar a vida de seu único filho. Agradecendo-me enquanto eu estava tomando seus últimos suspiros.

A língua de Crony se arrepiou na admissão, cada palavra ardendo como um pedaço de vidro. — Ela sabia o que eu tinha feito no mesmo instante em que percebi a catástrofe que eu tinha causado, por quebrar a conexão de Lachrymosa com as criaturas e seu domínio sobre a lua, eu deixei os céus em alvoroço.

Nem ela nem Dyadia esperavam o que acontecesse a seguir, que a lua cairia do céu, ainda amarrada aos fios que ela cortara. Que rasgaria a terra e

arrastaria Nerezeth para baixo. Quando as paredes do castelo começaram a tremer, Dyadia encontrou seu olhar e Crony viu uma percepção agonizante. Ela nunca esqueceria aquele olhar.

Crony tinha começado a subir as escadas enquanto escombros caíam do teto ao redor - fugindo de sua culpa, de seu medo, de sua autodepreciação. Mas ela não podia superar as memórias finais que roubou de Lachrymosa. Um dos quais ela não poderia compartilhar seu poder e potência, pois ainda estava amarrado à lua. Ele ficaria trancado dentro dela por toda aquela longa solidão para sempre que ela escolheu sobre a vida de um homem.

Dyadia seguiu Crony pelos corredores enquanto passavam pela confusa realeza e pelos guardas. Thana estava esperando quando as portas gigantes se abriram para revelar a ponte levadiça que levava a uma paisagem tumultuada. Árvores, colinas e rios estremeciam como se fossem pintados em pergaminho frágil e se agitavam ao vento. Thana gritou para Crony e voou para o lado da dona, onde Dyadia estava no limiar. Crony saiu da ponte e olhou para baixo quando o castelo começou a afundar e o mundo tremeu. Árvores se curvavam para a frente como se estivessem curvando-se para a lua enquanto deslizava para a abertura da terra - magicamente convertida em fumaça e nuvens, então sifonadas pela fenda. Depois desapareceu, puxando com todo o terreno de Nerezeth, a floresta, o castelo da mesma forma.

Crony e as paisagens que pertenciam a Eldoria estavam intocadas. De alguma forma, a lua sabia quem pertencia a ela, àquele que a controlava.

Todas as criaturas que amavam as trevas e tudo o que já havia sido parte do território de Lachrymosa, escapuliu e tomou forma novamente dentro do ventre da terra. Lá para ficar, junto com Dyadia e toda a sua raiva justa.

Quando a poeira baixou e o sol se iluminou - quente e acusador nas costas de Crony - tudo o que indicava Nerezeth ter ficado ao lado de Eldoria era a fissura entre reinos, ainda brilhando com magia quebrada que formaria a ravina. No início, os reinos não tiveram contato um com o outro. Eldoria desprezou Nerezeth por tomar a lua. Mas com o tempo, depois de ouvir sobre as duras

condições que o reino da noite suportava, os Eldorianos se sentiram superiores. Eles acreditavam que Nerezeth merecia sua eterna noite pelas ações vis do feiticeiro. Por sua vez, Nerezeth odiava o reino do dia por sua apatia e invejava seu sol.

Assim, o preconceito cego nasceu.

—Eu fiquei aqui. — Crony indicou o terreno acinzentado em torno de sua casa esquelética. — Enquanto as árvores retorcidas cresciam ao meu redor e os pecados dos outros se esgueiravam pelos troncos para engolir meus pés descalços. Deixei todas as posses no castelo, deixei o rei acreditar que fui engolida pela terra naquele dia. Eu não poderia voltar para meu reino, pois então eles acreditavam que eu os traí pelo tapume com Dyadia, e que eu poderia ter deixado. Porque eu fiz um novo voto para ela. Naqueles últimos minutos, quando vi o rosto dela através da ponte levadiça do castelo, antes que a bolha de magia se formasse em torno de seu palácio e de todas aquelas casas... Antes, todo cidadão e criatura eram arrastados de novo 'sua vontade para a atração da lua... nós tivemos nossas últimas palavras. Eu implorei perdão. Ela recusou, disse que escolhi Eldoria ao invés de seu precioso filho; que não haja perdão em um pecado tão cruel. Eu disse a ela que era para o mundo, para o bem maior. Mas ela conhecia meu coração, e a covardia e os medos espreitando ali. E ela me conhecia, lealdade jurada ao rei Kreśimer. Ela me fez prometer que deixaria toda a política do reino para trás, não interferiria de novo, pois olhe o que eu tinha feito. Eu concordei, e prometi como ela disse, e em sua raiva e amargura ela acrescentou uma maldição na minha cabeça. Que eu não poderia fechar meus olhos enquanto eu andasse pela terra brilhante e iluminada pelo sol. Que eu teria que estar sempre vendo a ruína do mundo. E eu deveria interferir novamente na política de qualquer reino, o mundo não se curaria. Eu senti a maldição tomar conta quando minhas pálpebras se tornaram transparentes. Agora você entende por que eu não consigo parar de ver, e sabe por que a interferência é proibida.

O rosto de Luce se contorceu de compaixão, uma reação que Crony nunca esperara - uma indignidade composta por sua recente compreensão da

profundidade do amor de um pai por seu filho.

—Espere. — Ele murmurou, seus olhos brilhando com percepção astuta. — Então, o grimório que encontrei escondido dentro do túnel?

Ela assentiu em resposta. Ele abriu a boca novamente, como se precisasse arejar as muitas facetas dessa revelação, mas foi interrompido pelo latido de um cachorro nas bordas do matagal.

Ambos pularam de seus assentos e se viraram para ver um spaniel marrom e o corvo de Dyadia liderando cinco soldados nerezitas.

—Prontos em suas armas! —Disse o homem na cabeça, tirando uma espada.

Uma mulher adiantou-se e parou ao lado do jardim. Seus olhos arroxeados brilharam com uma mistura estranha de trepidação e autoridade. Parece que ela foi avisada sobre cruzar o limiar.

— Cronatia da Ravina Ashen, você está sob a ordem real do príncipe Vesper para nos acompanhar ao castelo de Eldoria e enfrentar a Regente Griselda e a Princesa Lyra. Você é responsável pelos assassinatos do rei Kiran e seu primeiro cavaleiro, junto com a prima da princesa Lustácia. Também pelo mau uso malicioso de sua magia contra o reino, fazendo com que seus súditos e cidadãos sejam aprisionados dentro de suas casas nos últimos cinco anos. Você virá em paz?

Luce ficou tensa, como se para defendê-la, mas Crony sussurrou:

—Não interfira. — Ela não disse a ele que se ela pudesse lutar de volta, ela poderia ser morta prematuramente, antes que sua parte estivesse completa em tudo isso. — Isso está nas mãos do destino. Mantenha o nosso código. Encontre Stain e diga a ela sobre eu ser presa. Diga a ela que eu sinto muito por machucá-la e que ela fez todos os dias mais brilhantes apenas por estar aqui. Mas não force a mão dela. Ela deve estar fazendo escolhas por conta própria.

Com o maxilar cerrado, Luce largou as flores e se transformou, correndo pelo lado oposto de sua casa como uma raposa, seu talismã pendendo de seu pescoço. O spaniel começou a perseguir, mas foi pego pelo soldado feminino.

Crony olhou em volta para seus pertences, parando no baú de cedro. O conteúdo das duas caixas - as lembranças de Lyra e a consciência de Griselda - estaria a salvo com suas alas de pesadelo. Luce voltaria em busca de armas. E ele encontraria o bilhete de Crony, esperando para ser lido.

A velha bruxa pisou no limiar e se prostrou, permitindo que seus captores a atassem, dando toda a sua fé à natureza astuta das profecias. Parece que o príncipe não estaria atraindo a princesa para o castelo depois de tudo.

17
Uma Coleção de Cadáveres e de Consciência



Nas terras baixas da ravina, onde as cinzas afinavam e a sombra se aprofundava, o Coletivo da Sudário preparava-se para se deleitar. Tinha sido uma longa fome - três semanas inteiras - desde o último sabor de carne. Logo o sofrimento deles terminaria. O garoto da guarda que escapou cinco anos antes estava prestes a tropeçar de volta à sua fortaleza. A essa distância, ele parecia estar no mesmo estado de quando chegou pela primeira vez em uma caixa de pinho: roupas rasgadas combinando com sua pele rasgada, deserta e quebrada. O

candidato perfeito para atrair seu lar. Mestra Umbra começou a lançar a canção da sua sereia - uma sedução sussurrante destinada a enganar aqueles que percorriam o caminho acima, destinada a soar como o que quer que seu coração mais desejasse encontrar. O garoto morderia a isca. Ele estava muito perdido para fazer o contrário. A mãe do sudário reuniu seus filhos dentro da clareira, cada silhueta amorfa em conformidade com as árvores negras e retorcidas que os escondiam. Inúmeros e brilhantes olhos brancos piscaram entre os galhos, aguardando o ataque.



Stain fez uma pausa ao longo do caminho íngreme, observando suas orelhas em um sussurro abaixo. A cinza dentro do barranco abafava a maioria dos sons, como uma espessa camada de penas felpudas. O conhecimento da ravina ecoou dentro daquele silêncio... um conto que ela não tinha pensado em algum tempo: *aqueles que vieram morar aqui trouxeram seus pecados e os lançaram sobre as árvores. A maldade, sem ter mais para onde ir, transformou-se num musgo senciente que se esgueirou até o chão e decompôs todas as coisas selvagens em cinzas.*

Ela tinha sido tão má no passado? Que alguém a tinha deixado aqui como um pecado vil? Ou ela já foi tão bela para se decompor e apodrecer nos terrenos baldios?

Com a ausência de vento, pássaros e insetos, o silêncio tornou-se ensurdecedor. Ela estava chamando Scorch em sua mente para preencher o vazio, sem sucesso.

Antes de terminar aqui, ela procurou seus lugares habituais: o mercado onde eles brincavam depois que as pessoas fechavam as portas (Scorch era fascinado por costumes e itens humanos, por mais que tentasse negar); os pântanos, onde o denso dossel da ravina alcançava alturas monolíticas tão altas que Scorch podia voar sem sequer mexer nas cinzas abaixo; e o pântano-pedreira, onde faziam competições para ver quem conseguia ultrapassar a

maioria das poças. Scorch tinha a vantagem das asas, mas Stain aprendeu que a subida das árvores também funcionava, já que uma poça viva - por mais ágil que fosse - era repelida por madeira e pedra. Ao longo dos anos, ela havia empatado com o Scorch em apenas três partidas, e só porque ele permitiu, segundo ele. Todas as outras vezes, ela teve que tolerá-lo zombando de sua falta de asas e pernas extras. Hoje, suas piadas arrogantes seriam música, se ela pudesse apenas vê-lo em segurança.

Ela circulou em torno da água clara, onde eles gostavam de ir pescar, apenas para parar em seu caminho, escondidos atrás de um tronco. Embora ela não tenha visto o Devastador da Noite, sua equipe montou acampamento lá - perto do labirinto de espinhos onde Stain os encontrou pela primeira vez. Scorch não tinha estado à vista, então ela escapou sem ser detectada, terminando aqui na entrada da ravina.

Se ela não pudesse encontrar seu amigo, talvez pudesse pelo menos se encontrar.

Ela lambeu os lábios e sentiu o gosto de sangue, o que a fez lembrar os pontos de ressecamento que pontilhavam suas roupas. O unguento cicatrizante que ela trouxe prometia um conforto entorpecedor, mas ela não tinha certeza de quanto a asa de Scorch poderia precisar.

A lata e as bandagens não estavam mais enfiadas no colete. Eles estavam agora residindo em uma bolsa que ela havia encontrado anteriormente no mercado. As barreiras do pesadelo foram colocadas no estande do Crony para evitar que alguém roubasse mercadorias depois de horas sem ter controle sobre Stain. Ela tocou o talismã em seu pescoço e balançou a bolsa contra sua coxa, fazendo a faca do assassino tilintar contra os sininhos de sono mais gentis que ela arrancou dos pinos da loja. Stain sempre gostou das histórias para dormir e das canções de ninar que rolavam nos cilindros de vidro, e decidiu que, se Crony não devolvesse suas memórias, ela tinha todo o direito de roubar algumas do estoque da loja. Ela exigiu, afinal de contas, para o seu plano - tão perigoso quanto poderia ser.

O farfalhar de novo. Vinha de seu destino: a clareira mais baixa cercada por um círculo de árvores negras à distância - o declive íngreme e os tocos passados e as poças de trituração borbulhantes. Ela sempre evitou as terras baixas. Até mesmo Scorch havia respeitado essa regra, desconfiado das criaturas repulsivas subsistentes ali. Ainda hoje o vale realizava uma atração irresistível.

Crony e Luce fizeram Stain acreditar que ela pertencia a eles; mas o tempo todo eles estavam guardando os únicos pertences verdadeiros que ela já tinha. Até mesmo o resgate dela tinha sido uma mentira. Houve razões, segundas intenções, mistérios que constituíam toda a sua existência, que eles venderam no mercado para degenerados e criminosos, escondidos fora de seu alcance ou dados como uma tática de barganha.

Ela nunca tinha visto todas as bugigangas penduradas na casa; sem a magia do Crony que as animava, não era melhor do que olhar através de um vidro: um pano de fundo transparente para um passado incolor e invisível. Luce admitiu que eles encontraram seu corpo sem vida saindo de um caixão, prestes a ser comido. Eles tiveram que negociar com os sudários por sua libertação, embora ele não tenha dito com o que eles negociaram.

Diziam que os contrabandistas de sol de Nerezite costumavam ir à loja de Crony e comprar lembranças para trocar por suas vidas pela chance de ficarem presos pelas criaturas vorazes.

Mortalhas almejavam a humanidade em todas as facetas: carne, espírito ou memórias.

Fazia sentido que Crony e Luce pudessem ter dado ao passado de Stain a mortalha em troca de seu futuro. Se assim fosse, as criaturas haviam absorvido detalhes sobre sua vida anterior em sua consciência compartilhada, os próprios detalhes que seus guardiões não queriam que ela soubesse.

Ela moveu a alça da bolsa mais para cima em seu ombro. As lembranças mais amenas da memória do sono tilintavam uma contra a outra - animadas e tentadoras. Ela os ofereceria como um ofício aos cadáveres vaporosos: novas recordações de informações obsoletas.

Stain deu um passo para o lado quando uma súbita onda de tontura espalhou seus arredores por negros mosqueados, verdes pálidos e cinzas - como se ela mesma estivesse presa em um cilindro de vidro giratório. O medo colidiu com a fome e mágoa, e ela se sentou no caminho. Ela esticou as pernas, evitando o sol líquido pegajoso que pontilhava os troncos ao lado da cortina de briar. Seus pés gritavam, doendo para serem libertados de suas prisões de solas, saltos e cordões. Mas era o coração dela que estava realmente preso, sepultado dentro de um corpo marcado da cabeça aos pés, mas tão indefinido quanto uma pilha de ossos. Ela estava esperando que a necessidade de Scorch por sua ajuda compensasse sua raiva. Mas na verdade, ela precisava dele agora. Ela precisava de seu cinismo e sabedoria para convencê-la de fazer isso.

Com os cotovelos nos joelhos, ela segurou as têmporas e fechou os olhos, desejando que o mundo parasse de girar, de modo que seus pensamentos desconexos pudessem fazer o mesmo.

Scorch, cadê você?

Ela pegou sua memória favorita dele e a girou como uma teia dentro do redemoinho escuro de sua consciência, esperando que ela pudesse capturar os pensamentos de Scorch, lembrá-lo de seu vínculo e tirá-lo do esconderijo.



Nesta memória, Stain e Scorch escaparam durante o curso de cessação, como as melhores aventuras foram feitas enquanto a maioria de todos dormia, quando o nebuloso mundo cinza-esverdeado pertencia a eles. Um grupo de menestréis ladrões havia passado pela ravina, e uma festa de gala estava em plena atividade na Taverna Wayward. Stain espiara dentro das janelas abertas da árvore, onde os músicos tocavam violinos, alaúdes e instrumentos de percussão. Dançarinos em vestidos extravagantes e ternos - com bainhas surradas e enfeites manchados - enchiam o tronco oco. O cheiro de cerveja e uma mistura de comida quente e odor corporal emanavam da música.

O ritmo fez os pés de Stain ficarem quentes e nervosos. Assim como andar

ou assinar com as mãos, dançar era uma habilidade que ela mantinha, embora não conseguisse entender suas origens. Ela se contorceu em suas botas e balançou as bainhas de seus calções, fingindo que usava uma saia larga de balanço com uma franja de renda. Seu nariz enrugou quando ela tentou os degraus extravagantes.

Scorch a afastou da janela. Eles saíram da vista da taverna até que as árvores se renderam a uma pequena clareira. A música alcançou a distância nebulosa.

O que você estava fazendo lá com os pés? Scorch perguntou. *E por que seu nariz estava enrugado?*

Stain encolheu os ombros. *Eu estava me concentrando, fingindo dançar em um salão de baile. Girar entre arandelas à luz de velas, sob um teto ornamentado, ao lado de um parceiro gracioso. Isso seria uma grande aventura.*

Sua cauda estalou em zombaria. *Um pouco mais como uma perda de tempo.*

Claro, você não entenderia. Ela se contorceu em suas botas e balançou as bainhas novamente. *Cavalos não podem dançar.*

Suas orelhas se achataram. *Eu posso dançar tão bem quanto qualquer homem.* Balbuciando, ele sacudiu centenas de brasas livres de sua juba até levantarem no ar. Suas asas se agitaram, mexendo metade delas para subir, imprimindo seu brilho no dossel aveludado de cima. O resto das luzes flutuou ao redor deles até que os arredores pareciam um caramanchão feito de vaga-lumes.

Scorch bufou. *Há o seu salão de baile.*

Stain ofegou, maravilhada com a beleza disso. Ela estendeu a mão para apagar as lágrimas apreciativas de suas bochechas, mas nenhuma estava ali - independentemente de seus olhos estarem espetados.

Scorch abaixou o pescoço comprido e inclinou uma pata dianteira graciosa em um arco digno de qualquer cavalheiro. Então, ele pulou dentro do círculo de brasas, mantendo tempo com a música - seu rabo queimava elegantemente como uma bandeira de seda, suas pernas subindo.

Tão impressionado com sua perícia, Stain simplesmente ficou boquiaberta.

Eu sou um dançarino muito gracioso para você, então? Ele perguntou, parando no meio da dança. *Lamentável. Um jogo humano, mas eu te venci como qualquer outro.*

Ela balançou a cabeça, não querendo ser superada. Depois de uma boa reverência, ela se virou para a música ao lado de seus cascos empinados, girando e girando até que seu entorno se turvou e as brasas riscaram dentro de seus olhos a fitas de luz amarelo-alaranjada. Vertiginosa e sem fôlego, ela caiu de costas em uma nuvem de cinzas, rindo.

Scorch trotou para cima e farejou a cabeça dela. Ele então se sentou em sua parte traseira para ficar de boca aberta para ela. *Humanos são criaturas estranhas. Movidos a lágrimas por emoções.*

Movidos ao riso por esforço físico. E você, pequena coisa insignificante, é a mais estranha de todas.

Ela entendeu que era a mais humana de todas e agradeceu-lhe profusamente, apenas para rir de novo quando ele lhe assegurou que não era nada para se orgulhar. Mas ela tinha ficado orgulhosa, pois mesmo que ela não soubesse onde ela pertencia, ela sabia com quem pertencia.



O peito de Stain apertou a memória; revivê-la só a fazia sentir-se mais sozinha. Ela não sabia mais com quem pertencia. Ela não era o menino abandonado que ela fingia ser. Ela não era a companheira de uma equipe de bruxas e sílfides que roubava os mortos e dava a vida às suas memórias. Ela não conseguia se lembrar de Eldoria ou Nerezeth - apenas o meio-termo.

Ela não tinha identidade; nada que pudesse servir de bússola ou farol neste mundo seco, empoeirado e cinzento onde ela nunca se encaixara. Até mesmo os donos de lojas tortas tinham histórias: lugares de onde eles vieram, para servir.

Seus olhos fechados se arrepiaram, recusando-lhe a satisfação que algumas lágrimas poderiam oferecer. Provar o sabor salgado da mágoa nos lábios era o

que tornava a dor própria. Sem essa experiência, até mesmo suas perdas pareciam pertencer a outra pessoa.

Stain abriu os olhos para encontrar sua tontura desaparecida. De pé, ela pisou em ambos os pés para que a pele rasgada ao longo de suas solas e tornozelos pulsasse. A dor a assolou, assegurou-lhe que a verdadeira amiga que a ajudava a sentir-se ancorada e forte ainda estava lá fora.

Scorch... Eu quero te ajudar. E eu poderia usar sua ajuda também. Onde está você?

Ela pegou uma respiração ao ouvir o que soou como um relincho abafado vindo de baixo. E se ele tivesse entrado acidentalmente? Ele poderia estar atordoado se tivesse perdido sangue suficiente, ou mesmo febril. Ela não sabia como o corpo ou mente de um Pégasus reagia ao trauma se ele não pudesse voar para se curar. As mortalhas eram conhecidas por fazer truques na mente, mas ela não podia descartar a possibilidade de seu amigo estar preso lá embaixo e precisar dela. Seu desejo de encontrá-lo e encontrar-se superou toda a cautela.

Agachando-se, ela usou raízes expostas e galhos baixos para ancoragem durante sua descida. Uma poça de pelo perdida - azedando o ar com seu fedor pútrido - lambia seu calcanhar, mas ela rolou os quadris para o outro lado de uma árvore, enviando a escuridão em outra direção.

Ela chegou ao fundo mais cedo do que o esperado, e só então voltou sua cautela na forma de incontáveis olhos brancos e penetrantes. Ela não viu Scorch em nenhum lugar. Apertando a bolsa em seu ombro, ela se lembrou de sua outra razão para enfrentar essa planície amaldiçoada e deu um passo à frente enquanto silhuetas negras saíam de trás das árvores para cercá-la.

Seus captores disformes agitaram a fina camada de cinzas cobrindo o chão, causando um efeito nebuloso. Um deslizou mais perto, desbotado para um branco desbotado, tão transparente quanto as ataduras limpas de musselina na bolsa de Stain. Esse sudário ficou esguio e magro, transformando-se no torso e no rosto de uma mulher. Aparições pretas e ósseas apareceram, dando a impressão de um bico e chifres.

A criatura se inclinou sobre Stain e respirou o cheiro de mosto e decadência. — Nosso menino perdido voltou.

Lamento amargo atado na garganta de Stain; se eles pensassem que ela era um menino, eles não tinham absorvido suas memórias. Crony deve tê-las escondido, significando que Stain se arriscou por nada.

—Eu sou a Senhora Umbra, mãe do Coletivo do Sudário. Nós somos seus ancestrais. Aqueles que perderam a mente para a promessa das trevas e descansam séculos atrás. Você tem duas escolhas: tornar-se uma de nós e fortalecer nossa estrutura cerebral, ou oferecer sua carne para consumirmos. Se você não escolher, nós escolhemos para você.

Stain apontou para sua garganta, indicando que ela não podia falar.

—Ah, você perdeu sua língua? Não se preocupe; Eu posso olhar para o coração de alguém, ler seus desejos mais profundos. Mas não deve haver nada entre nós além da carne. — As mãos fantasmas da senhora Umbra se transformaram em uma meia dúzia de ramos irregulares que alcançaram as roupas de Stain.

Stain recuou, fazendo com que os dedos da mortalha da mãe perdessem a marca. Uma rajada de vento arrepiou os cabelos raspados ao longo do pescoço de Stain. O anel de criaturas vaporosas se apertou ao redor dela, empurrando-a para frente.

Umbra sifonou dentro e fora de seus filhos, uma parte etérea e a outra substância. — Garoto tolo. Você não percebe que não há escapatória desta vez? Você não tem seus animais de estimação para protegê-lo. Não há escorpiões de geada. — Sussurrou a boca da Mestra Umbra. — Sem sombras.

Stain não esperava essa informação. Escorpiões e sombras... protegendo ela. Sua mente reverteu para a alusão enigmática de Crony no jardim, sobre sombras oferecendo liberdade. Teria ela, em seu estado meio morto, de alguma forma trazido tais criaturas para o barranco com ela? Onde elas estavam agora? Teriam elas sido capturadas pela escória e montados como expositores em sua loja?

O remorso apertou seu peito enquanto ela pensava em seus frascos abandonados de antes. Ela teve que voltar para o acampamento dos invasores e roubá-los de volta.

As camadas finas se expandiram para uma parede de fuligem sólida ao redor dela, sem deixar nenhuma abertura. Encontrando o olhar baixo da Mestra Umbra, Stain apontou para o caminho acima, indicando que ela queria sair.

—Nós te capturamos. — Disse a mãe. —Assim nós o possuímos. Precisamos apenas escolher entre absorver sua mente e suas memórias ou devorar sua carne.

A garganta de Stain ficou seca. Ela saiu do instinto e do desespero, sem ter nenhuma expectativa de ser compreendida, pois quem poderia ler a estranha linguagem compartilhada por ela, Luce e Crony?

Você não me capturou. Eu sei que você é uma trapaceira, mas eu escolhi entrar corajosamente. Para buscar respostas. Eu não tenho memória para você consumir. Seu covil é tanto meu local de nascimento quanto é seu... o lugar onde minha identidade terminou e se originou.

Para surpresa de Stain, o círculo de mortalhas recuou, os olhos escurecendo ao se voltarem para a mãe.

—Como você sabe a língua antiga? — Perguntou a senhora Umbra, com o focinho inclinado para o lado, como se estivesse cheia de curiosidade.

Stain ofegou em descrença. Seus dedos ficaram mais ansiosos com a próxima pergunta. *Idioma antigo?*

—Antiga.

De onde veio? Quem primeiro usou isso? Stain perguntou a ambos como perguntas e epifanias maravilhosas. Havia pessoas em algum lugar com quem ela podia se comunicar.

—Suas origens são vagas. Sabemos apenas que ela está dentro de nossa consciência. — A mãe do sudário acenou com um braço de galho para abranger seus filhos. — Nossas almas mais velhas trouxeram com elas depois que a lua caiu do céu. Eles se lembravam de uma grande guerra envolvendo bestas

mortais. Ele remonta a uma época em que não havia barranco, sem divisão na terra. Nenhuma coleção de cadáveres desencarnados ansiando por tudo que perderam.

Essa foi a deixa de Stain. Ela abriu a bolsa e soltou uma campainha, segurando-a. Os cilindros vítreos brilhavam fracamente no miasma estagnado e envolto em torno dela.

Eu proponho um ofício, memórias humanas frescas para minha liberdade.

Ela não pediu mais informações. Dado que a multidão de olhos brancos perfurava-a - como se imaginasse como ela poderia provar - assegurar seu presente parecia muito mais crucial do que qualquer passado jamais poderia.

A senhora Umbra deu uma olhada em uma mãe e filha cantando canções de ninar no copo e riu - um som espesso e espumoso, como o gorgolejo de uma poça de pêlo perdida.

— Nenhuma criança. Não haverá barganha. Essas lembranças cantam o sono e a cessação. A busca por descanso é o que nos aprisionou aqui. Nós dormimos o suficiente. O que desejamos é viver, experimentar. Acordar, eternidade.

A recusa da mãe do sudário estimulou os filhos a se levantarem, balançando na frente de Stain com as bocas cavernosas abertas, a respiração fria repleta do fedor de sangue e morte. Stain reprimiu um grito silencioso e soltou os sinos enquanto segurava firme sua bolsa.

Umbra se aproximou o bastante do bico que tocou a ponta do nariz de Stain. Sua beleza macabra enviou um arrepio pela espinha de Stain. — Muitos anos atrás, um homem sílfide entrou e levou um prêmio de nós. Uma princesa de Eldoria que marcamos como nossa.

Stain sugou uma respiração chocada. Um Sílfide. Eles estavam falando de Luce quando ele ainda tinha suas asas?

—No negócio, ele nos deixou uma parte dela, para experimentar o sabor robusto de seus pecados. Mas escapou do nosso relógio. Então você veio para preencher esse vazio. Sentimos o mesmo empate para você, já que você também

era daquele castelo.

Stain tensionou. *Do castelo de Eldoria? Como você sabe?*

—Nós reconhecemos as roupas reais do garoto da guarda; apenas duas outras testemunhas perceberam que você estava usando os trajes tradicionais de Eldoria. É uma pena que esses dois guardem esse segredo de você.

Stain permaneceu firme, embora a lembrança da traição de Luce e Crony a fizesse querer afundar.

—Você veio hoje na esperança de entender quem você é. Eu lhe direi. — A senhora Umbra se erguia como uma árvore. Stain esticou o pescoço para olhá-la e perdeu o equilíbrio, pousando em seu traseiro. — Você é o pagamento de uma dívida há muito atrasada. Nós pensamos em você frequentemente, desejando ver dentro de sua mente e entender como um garoto das cortes de Eldoria mereceu a fidelidade das criaturas de Nerezeth. Dia e noite, juntos, aqui em nosso deserto. Quando você veio pela primeira vez, esperávamos absorver suas memórias, sua identidade, seu poder; pois nossa necessidade de conquistar e assimilar incômodos tão profundos e sombrios quanto nossa fome de carne.

As mortalhas balançaram ao redor da cabeça de Stain, batendo nela com folhas caídas e pedaços de cinza. Sua passagem tempestuosa bateu em seus cílios, agitando-os, fazendo cócegas inquietantemente.

—No entanto, a maior parte morta e quebrada como você, a velha bruxa achava que você era valiosa. Então ela nos prometeu recompensa, se nos entregássemos. — A mortalha da mãe rosnou. — Ela nos deu uma lembrança importante de um cavaleiro moribundo e prometeu enviar a princesa marcada para nós novamente, para que pudéssemos compartilhar a memória com ela. Pois isso a quebrará. Assim, nós libertamos vocês, pois a promessa de vingança é mais doce do que qualquer outro sabor. Mas cinco anos se passaram, e tudo o que temos para mostrar pela nossa paciência é o buquê de rosas que repousou sobre o seu peito no seu caixão. — Dois dos morteiros afundaram no chão e voltaram com um buquê de rosas negras murchas entre as seus formas nebulosas. — Eles as jogaram na direção de Stain. Ela as pegou. O perfume era

poderoso e picou seu nariz, provocando uma onda de familiaridade. Não de uma memória, mas de um sonho que ela teve antes de acordar pela primeira vez na fortaleza de Crony. Um sonho de pétalas de lavanda e tinta dourada em páginas negras. — Como você não tem memórias para compartilhar, sua mente tem pouco para satisfazer nossa consciência. Assim, vamos nos contentar com a sua carne tenra para apaziguar o nosso apetite.

O pulso de Stain balançou. As mortalhas silenciaram e se juntaram tão densamente que apagaram o dossel até que não houvesse nada além de olhos brancos e bocas escancaradas. Stain apertou as mãos para proteger o rosto, implorando em silêncio. Seus olhos apertaram com força, ela não percebeu que seus dedos tinham se acendido até sentir a queimadura. Ela espiou, vendo o brilho dourado e que as rosas tinham ressuscitado em suas mãos, as pétalas macias e aveludadas novamente - como se tivessem sido arrancadas.

As mortalhas recuaram para abrir espaço para a senhora Umbra. Seus dedos ramosos tiraram o buquê. — Você tem luz solar em suas mãos, garota, outra anomalia fascinante. Mas não o suficiente para te salvar. Insuficiente.

As mortalhas avançaram e sugaram sua pele, a escuridão se espalhando ao longo de suas veias em trilhas irregulares. Ela se sentiu se tornando vaporosa, seu coração diminuindo sua batida.

Se você acabou de entreter seus amigos, eu posso mostrar a eles alguma luz real.

O corpo de Stain endureceu com a voz de Scorch em sua mente. Ele soou sem fôlego, mas forte.

Me ajude, ela implorou.

Como você diz, pequena coisa insignificante, mas você me deve um sinal de serviço. As coisas vão ficar quentes. Proteja-se.

Ela forçou seu corpo em uma bola - um esforço monumental, enquanto seus membros e tronco sentiam-se tão insubstanciais quanto o ar. No momento em que ela cobriu a cabeça com a bolsa de lona, o resgate veio em uma onda de cascos, calor e gritos angustiantes. Uma pulsação desconfortável se esticou sob sua pele e saiu pela ponta dos dedos quando as mortalhas a abandonaram. Eles se dispersaram atrás de suas árvores, deixando Madame Umbra para afastar o ataque ardente de Scorch sozinha.

Stain tossiu no rescaldo de fumaça, seu corpo doendo novamente. Ela acolheu a dor; isso significava que ela era sólida, viva. Lutando para ficar de pé, com a bolsa na mão, ela se posicionou atrás de Scorch.

Os poderosos músculos do Pégasus se contorceram, embora ele tenha estado meio ruim em direção à sua asa esquerda, onde arrastava o chão. A outra asa, saudável e forte, latejava, agitando rajadas que alimentavam as faíscas em sua crina e cauda, até que brilhavam como tochas. Danificado como estava, não havia dúvida de que ele seria o vencedor. Mortalhas não eram nada mais que escuridão encarnada. Scorch - com sua chama e vento - era seu inimigo na medida em que a sombra fugia da luz do sol.

Com um ruído baixo e grunhido, ele acendeu as raízes emaranhadas que levavam ao círculo de árvores, incendiando troncos e galhos. As mortalhas lamentaram e afundaram sob o solo, onde o musgo e as cinzas os protegiam.

—Você quer saber quem você é, garota? — A mortalha mãe submergiu até a cintura dentro do pó cinza enquanto ela descia lentamente o caminho de seus filhos. — Nós provamos seu destino, debaixo de sua carne. Você é riquezas e pobreza. Vida e morte. Você é mais e menos do que jamais sonhou. Mas você ainda tem desafios para enfrentar. No final, você terá que se mostrar forte o suficiente para se envolver em pontas, mas macia o suficiente para andar entre as estrelas sem esmagar as pernas frágeis. Você precisará ter cabelos de aço e lágrimas de pedra. Só então você vai encontrar o seu verdadeiro eu de novo. — Sua cabeça desapareceu no chão, a cinza afunilando em seu rastro.

Ofegante, Stain não podia fazer nada além de olhar para o lugar vazio onde a criatura desapareceu. Possuir o corpo de Stain deve ter dado a percepção da mãe, pois ela reconheceu Stain como uma menina. Isso significava que todos os enigmas dela eram verdade? Cabelos de aço. Lágrimas de pedra. Vestindo espinhos e atravessando estrelas? Como essas coisas poderiam estar no futuro de alguém?

Scorch relinchou, o equivalente a limpar a garganta.

Stain olhou para cima. *Obrigada, e me desculpe.*

O Pégaso soprou uma nuvem de fumaça em resposta.

Eles ficaram ali, cercados de luz de fogo e madeira rachada.

Ela queria abraçá-lo por sua pontualidade - por salvá-la - mas ele era orgulhoso demais para tanta fricção emocional.

Que loucura te levou aqui? Ele perguntou, sacudindo a cauda em um gesto irritado.

Eu pensei que você tivesse tropeçado em sua armadilha.

Você deveria saber melhor.

Como? Você não me responderia! Fechar a mente à minha deu aos meus pensamentos uma vasta vastidão para perambular.

Ele bateu o casco, conseguindo parecer majestoso no processo. *Você veio aqui para algo mais. A criatura disse que você estava procurando a si mesma. O que ela quis dizer?*

Stain revelou tudo o que ela suportou hoje depois de se separarem - como ela foi traída por aqueles que ela considerava família.

Eu te disse. Você nunca pode confiar na humanidade.

Os dedos de Stain se apertaram mais ao redor das alças da bolsa. Ela sabia que não deveria esperar simpatia. *Mas eu sou a humanidade, sim? Ou eu sou outra coisa?*

Você é como eu. Uma peculiaridade rara. Encoberta como o vento. Não identificável. Perdida e indomada. Eu entrei neste lugar como você. Acordei aqui em um anel de fumaça e chamas. Se havia alguma coisa antes disso, não me lembro de nada disso. A diferença é que eu abracei esse esquecimento como um benefício e segui em frente sem olhar para trás.

O que? Desta vez, Stain pisou um pé. Para ela, o gesto era muito menos elegante quando ela estremeceu contra os pulmões que disparavam através de seus dedos rasgados. *Você sempre disse que não queria falar do seu passado. Não que você não pudesse lembrar.*

Eu não quero falar sobre isso. Isso me aborrece. Eu não preciso de família. Eu não preciso de história. Eu simplesmente preciso ser. No momento, vivo e livre.

O calor e a fumaça inchando ao redor deles queimaram os olhos de Stain. *Mas eu preciso dessas coisas. E você sabia disso. Se nada mais, isso me ajudaria a não me sentir tão sozinha.*

Estou à sua porta todos os dias. Esperando por você. Andando, voando, correndo com você. Eu sou sua cura para a solidão e toda a família que você, em sua fraqueza humana, irá requerer. Eu não sou?

Stain queria argumentar, mas em todos os seus anos juntos, isso era o mais próximo que ele chegava de admitir afeição por ela. Houve um provérbio que ela ouviu uma vez, algo sobre não olhar um cavalo de presente na boca. Já que ela

nunca conseguia fazer com que esse cavalo particular entendesse o lado humano das coisas - ser família deveria significar mais do que brincar e ter aventuras, que havia a expectativa de sentimentos proferidos com seriedade, abraços e beijos dados livremente e ajuda oferecida, sem pechinchas - ela encolheu os ombros, o mais próximo que chegou a concordar com ele sem rodeios.

Boa. Agora que você acabou de sentir pena de si mesma, deixemos este lugar antes que a Mortalha retorne. Seus olhos escuros refletiam o holocausto. Uma vez que os troncos das árvores se extinguissem, as chamas não encontrariam outro fogo ao longo do solo estéril.

Scorch fez uma reviravolta e Stain seguiu para onde sua asa ferida arrastava um caminho através das cinzas. Ela tomou a inclinação em silêncio, sem palavras e crivada de pensamentos confusos. Quem foi a princesa marcada das criaturas falou? E Luce ajudou na fuga daquela garota como se ela tivesse a dela? Por que Stain estava usando as roupas de um garoto da guarda dos Eldorianos quando caiu aqui?

Tão profunda em sua meditação, ela mal notou que eles chegaram ao topo. Nenhuma poça perigosa os atravessara, dissuadida pelo cheiro de madeira e fumaça grelhadas.

Os cascos do Pégasus se chocaram no caminho de ônix. Ele fez uma pausa e curvou o pescoço preto e lustroso, esperando que Stain o alcançasse. Seus olhos a repreendiam no momento em que seu pé encontrou a trilha.

Ela cerrou os dentes. *Eu sei, eu te devo um serviço.*

Ele bufou pelas narinas e balançou a juba em um aceno de cabeça.

Na penumbra, Stain viu o sangue derretido secar na dobradiça de sua bela asa de penas. *Deixe-me começar tratando sua ferida.*

Ela enfiou a mão na bolsa, afastando a faca do invasor para encontrar a pomada. A alça da faca cutucou e Scorch cutucou a mão para levantar a lâmina entre os dentes. Ele deixou cair a seus pés com um barulho.

Isso é tudo que você precisa para me tratar. Apenas drenando o Devastador Noturno do seu sangue, minha asa será curada. Você vai pagar sua

dívida, ajudando-me a vê-lo morto.

18

O belo, o bestial e o Enfeitiçado



O caminho para a pescaria estava quase deserto quando Scorch e Stain foram para os mais altos. Stain desenrolou e amarrou suas ataduras em uma tira longa e resistente. Depois de molhá-lo para fazer uma prova de fogo, ela enrolou o comprimento ao redor das costas e da barriga de Scorch para amarrar sua asa mole ao longo de sua caixa torácica. Quando ela terminou, dobrou-se contra o seu lado como a asa saudável fez naturalmente para facilitar a manobra através de árvores e moitas. Stain também insistiu em usar o unguento, embora Scorch tenha considerado um desperdício, já que não o ajudaria a voar.

Foi difícil vê-lo ficar de castigo; ele quase sempre voava nessa parte mais alta da floresta. E se era difícil para ela vê-lo, ela só podia imaginar o quão difícil era ser ele. Ela teria escolhido outro caminho, mas eles precisavam evitar sua casa.

Stain não estava pronta para encontrar seus guardiões ainda. Ela tinha planos de invadir o limiar mais tarde e deixar cair os enigmas do sudário a seus pés. Por ter verdadeiras razões para raciocinar, demonstrando sua necessidade de

conhecer a si mesma - um desespero tão profundo que ela tinha enfrentado o coletivo sozinha - ela esperava chocar e envergonhar Crony e Luce para confessar o resto.

Isso tinha que esperar, porém, como ela tinha um serviço para cumprir. Um serviço que fez seu estômago vacilar. Ela observou suas botas se arrastarem pelas cinzas. Apenas algumas horas antes, ela estava contemplando a recompensa pelas feridas de Scorch. Mas agora, depois de ter enfrentado sua própria morte, ela reconsiderou.

Distraída, Stain mal olhou para cima a tempo de ver Edith e Dregs saindo da Taverna do Caminho a uma curta distância à frente. Todos os músculos de Scorch ficaram tensos ao lado dela.

Escondido atrás dos arbustos ali, ela insistiu, dando uma cutucada no peito dele. Ele grunhiu, mas obedeceu.

Seus conhecidos estavam em forma rara. Dregs andava alto como qualquer homem com os sapatos de pedestal que combinavam com seu chapéu, acompanhando Edith, que estava vestida tão bem quanto qualquer mulher em um vestido aveludado que Stain nunca tinha visto. Ela puxou o cabelo em um coque e até tinha batom no lugar. Ela falou em voz alta para os regalos, parecendo não se importar mais com a sua língua.

—Thain! — Edith gritou. A velha acenou com a direção de Stain. — O comércio de Beth que eu já fiz! — Ela tinha o espelho na outra mão, mantendo-se ligado enquanto falava. Inclinando a cabeça, ela admirou seu rosto, suas feições felizes, se não belas.

Borras giravam em seus saltos altos. — Eu segundo isso, e inclino meu chapéu. — Ele bateu na borda de feltro que sombreava seus olhos bulbosos. — Meu estande está à sua disposição, caso você tenha outra proposta.

Stain assentiu com um agradecimento e esperou que eles estivessem a caminho.

—Espera. Você caiu dentro de um buraco de fogo, garoto? — Edith afastou o olhar do espelho o tempo suficiente para olhar Stain da cabeça aos pés.

— Você está um pouco mais ferido do que o normal.

—Queimado, na verdade, e suas roupas são apenas ervas daninhas. — Os detritos sacudiram o crescimento em forma de sincelo no final de seu nariz comprido, como se pensassem. — Mais cedo, havia soldados noturnos e um cachorro por perto, cinco nós vimos, com intenção em seus olhos. Andando pela floresta e indo para lá. — Ele apontou a direção que Stain e Scorch haviam evitado. — Seja um lote perigoso para se envolver em brincadeiras.

Ela forçou uma expressão chocada para assegurar-lhes que seria cautelosa. Uma mentira extravagante. O fato de que havia cinco soldados andando a pé com o cachorro significava que o plano de Scorch acabara de ser simplificado pela metade. Isso deixaria apenas cinco no acampamento dos Nerezethites com suas montarias. E como nem Dregs nem Edith mencionaram os devoradores entre os errantes, o assassino deve ser aquele que ficou para trás.

Tanto o goblin quanto a velha repentinamente trocaram seus olhares por seu ombro, usando expressões horrorizadas enquanto Scorch saía de trás do arbusto - sua juba e cauda brilhando quentes, brasas acesas nos olhos selvagens de raiva e determinação. Contra a nuca descoberta de Stain, rajadas quentes agitaram-se em sua asa saudável e agitada. Mesmo com a outra asa presa, ele representou uma ameaça formidável.

Eles são inofensivos. Deixe-os em paz. Stain colocou a mão no focinho aveludado enquanto se erguia ao lado dela.

Eles ousaram falar meu nome.

Eles não. Eles estavam se referindo às minhas roupas queimadas, e você sabe disso. Eles são culpados de nada além de aproveitar a vida pela primeira vez em algum tempo.

Ele bufou. *Eles estão no nosso caminho. Mande-os ou seu último gosto de vida será a lambida da minha chama sobre suas línguas queimadas.*

Com uma expressão de desculpas, Stain se despediu de seus amigos - insistentemente. Como se estivessem acordando de um transe, os dois tropeçaram em direção a um matagal que se abria na direção de Crony, seu recuo

não tão refinado quanto sua entrada.

Scorch seguiu em frente e Stain seguiu, prisioneira de uma promessa que ela desejava nunca ter feito. O curso de cessação logo estaria em andamento. Isso fez com que seu estômago cambaleasse para pensar em atacar o destruidor e outros quatro soldados enquanto dormiam.

As árvores caíram quando abandonaram o sobrado. Uma tempestade se formara do lado de fora, e o cheiro fresco de umidade misturado com uma batida no dossel frondoso oferecia um cenário estranhamente tranquilo para seu empreendimento assassino.

Scorch evitou uma abertura irregular onde a chuva rolava de uma folha para outra. Normalmente, Stain teria que se abaixar em torno de tal espaço, assim como a luz solar filtrada. Mas com o céu nublado, ela foi capaz de andar sob a cascata em miniatura. Ela levantou o rosto, lavando o sangue endurecido em seus lábios, bochechas e testa. A água frisava ao longo de seus cílios, cobrindo-os como orvalho reunido em teias finas. Ela seguiu em seguida com os braços, enxaguando suas feridas tão bem quanto possível com o suprimento escasso.

Como ela queria estar fora de verdade. Para realmente ficar na tempestade. Para sentir o ritmo das gotas correndo em sua pele, para vê-las cair de um céu aberto em lençóis - uma dança cintilante de cristal à luz do sol.

Suspirando, tomou um gole de gotas para apaziguar uma parte da fome. Então ela arrastou a faca do devastador da bolsa e alcançou Scorch. Ela desejou que a lâmina do assassino pudesse ser usada para pegar um jantar de peixe em vez de tirar a vida de um homem.

Eu nunca matei ninguém, Scorch. Ela enviou a seu companheiro o pensamento, tão hesitante que teria sido um sussurro se tivesse sido falado em voz alta.

Ele não diminuiu o ritmo. Seu único reconhecimento foi o farfalhar de sua cauda. *Não que você possa lembrar, você quer dizer.*

Stain enfiou a ponta da faca na ponta do polegar, recuando a carne pálida.

Sua magia iluminada pelo sol se acumulou sob sua pele e aqueceu a lâmina de prata a um calor avermelhado. A resultante explosão de agonia fez com que ela colocasse a faca no saco. Ela estremeceu. *Eu dou vida às flores sufocando na fuligem. Certamente, eu não posso tirar uma vida. Eu era apenas uma criança quando cheguei aqui.*

O veneno de uma serpente de bebê é mais mortal do que o de seus pais. Todos nascemos com vontade de sobreviver. Em alguns de nós, você e eu, por exemplo, essa vontade é maior do que a maioria. Uma grave injustiça foi feita a você. Alguém abusou de você. Você é feita de vida e morte, de acordo com a mortalha. Eu gostaria de pensar que você teve um gosto de vingança antes de ser deixada de lado. E se você não, eu vou ver você se vingar um dia. Quem te machucou, responderá a nós dois. E agora eu gostaria de sua ajuda para obter a mesma satisfação.

Stain fez uma careta. *Ele te cortou apenas uma vez.*

É mais que isso. Eu cheirei minha morte nele. Então ele me atacou, provando que eu estava certo.

Stain apertou os dentes. *Você fala do instinto de viver. No entanto, você não reconhece que o destruidor o cortou por esse motivo, para se proteger. Para proteger seus companheiros. Você foi quem instigou o ataque.*

Após isso, Scorch fez uma pausa, sua asa esquerda puxando desajeitadamente em suas amarras. Suas orelhas repousavam contra sua cabeça. *O perigo me chamou de dentro do labirinto espinhoso. Seu sangue pediu para ser derramado antes mesmo que eu o encontrasse. Eu não tive escolha a não ser agir.*

Stain se moveu em torno de seus flancos poderosos e contraindo músculos, ficando à frente. Ela caminhou para trás para observá-lo, conhecendo cada raiz e gorgolejamento da memória. E ele reagiu. *Há consequências para tudo o que fazemos. Você vai sair da sua teimosia e aprender a parar e raciocinar sobre isso?*

Os olhos de Scorch se acenderam em laranja. *Não há lugar para a razão*

dentro do coração de uma besta. O instinto é meu mestre. Você faria bem em lembrar disso e esmagar essas emoções ternas que enfraquecem e cegam você. Se você tivesse agido por instinto mais cedo, você teria se afastado enquanto eu o atropelei, e nós não estaríamos tendo esse argumento agora.

Ele começou a avançar novamente, seus cascos prateados arrastando-se através da cobertura do solo pulverulenta. Ela girou para seguir à sua direita, estendendo a mão para agarrar sua juba escura quando o chão ficou irregular e enviou dores nos dedos dos pés e nos tornozelos.

Ele se aproximou e enrolou sua asa saudável em torno dela. Apoiou a têmpora no ombro dele, sentindo os tendões se apertarem e deslizarem por baixo do casaco acetinado. O cheiro de almíscar de cavalo entrelaçado com fumaça para encher suas narinas.

Eu não sou seu amigo, pequena coisa insignificante? Ele perguntou enquanto eles entravam em sincronia um com o outro.

Um trovão rolou no céu, sacudindo o telhado de folhas acima de sua cabeça molhada e o chão sob seus pés cansados. *Sim. O mais querido que eu conheci.*

Porque eu nunca menti para você.

Ela capturou um cacho preto cobrindo seu pescoço e girou ao redor de sua ponta do dedo, mexendo faíscas para escaldar sua pele. Além de reter o seu passado ausente.

Scorch soltou uma fuligem nas narinas. *Eu te disse que não queria falar sobre isso. Isso não era mentira.*

Stain estalou a língua, o único som de escárnio que ela podia fazer.

E eu não estou mentindo agora. Scorch sacudiu uma orelha, ignorando-a. *Existe perigo neste homem.*

Bem, ele é um assassino.

Não. Ele é algo mais. Uma ameaça pessoal para mim. Eu provei isso. Eu cheirei isso. Algo em seu sangue quer ligar e suprimir minha chama. Se for demais para você esfaqueá-lo em seu coração, então o leve para fora do

acampamento - longe de seus companheiros. Eu vou ver o resto.

Sua conversa mental terminou quando o aroma de peixe assado marcou sua chegada a um bosque ao redor do acampamento. A boca de Stain se encheu de água e seu estômago roncou.

Silêncio. Scorch enviou a demanda silenciosa enquanto os conduzia a um ponto atrás de uma grande quantidade de troncos grossos e largos que permitiam uma visão da frente do acampamento sem serem vistos.

Stain estava prestes a argumentar que ela não tinha controle sobre os protestos do estômago quando ele interrompeu novamente: *Espere aqui. Eu vou explorar um plano de ataque.*

Furtivamente, ele escorregou de árvore em árvore até chegar ao labirinto, onde as paredes espinhosas - fortemente amarradas e elevando-se até o dossel - ofereciam camuflagem com pequenas aberturas para olho mágico.

Para libertar as mãos, Stain passou os braços pelas alças da bolsa, pendurando-a nas costas. Ela então espiou por trás da árvore. Havia três cercados instalados à distância: dois, separados ao lado dos cavalos que haviam sido retirados de suas armaduras e fixados com sacos de alimentação em seus focinhos - mais acaso, já que eles não sentiriam cheiro de queimadura e pânico. Como havia seis montarias, o grupo raciocinou que os regentes mencionaram haviam retornado para seus cavalos, mas apenas quatro saíram novamente. Os pássaros engaiolados que ela ouviu gritando durante o caos no labirinto também devem ter ido com os batedores. Stain esperava que eles também tivessem o cachorro com eles.

Nas duas tendas mais distantes, as abas estavam fechadas e havia sons de roncos.

O terceiro recinto, bem em frente, estava apoiado ao lado da gavinha de pesca: um barranco alto de rochas que se afunilavam a um amplo círculo de pedra sob uma abertura no dossel. A bacia capturava chuva e orvalho, nunca secando. A água escorria para dentro dele agora com um ritmo suave e rítmico. Esporadicamente, os peixes saltavam para fora e se jogavam para trás com um

respingo.

A aba da tenda permaneceu aberta, e Stain viu sua bolsa de couro de antes, o que significava que haviam encontrado seus potes de criaturas noturnas. Sua mente se esforçou para conseguir recuperá-los. Movendo-se cuidadosamente de uma árvore para outra revelou mais da cena. A silhueta de um homem de camisa branca e calça preta de couro - apertada o suficiente para se ajustar a suas linhas masculinas e vigorosas - estava dentro da abertura de um cobertor. Ao seu lado, agachou-se uma menina enluarada, vestida com um uniforme de soldado. Uma longa trança roxa prateada enrolada em sua nuca para descansar em seu colo como uma cobra de estimação. Ela tinha bandagens, lembrando Stain daqueles que seguravam a asa ferida de Scorch no lugar, suas mãos ficaram úmidas com a lembrança de como esse dia estava errado.

Ao longe, a garota segurava uma adaga sobre uma fogueira, onde os restos de sua refeição saborosa queimavam nas chamas - escamas de peixe e ossos transformando-se em cinzas. A lâmina prateada da menina ficou vermelha e o homem resmungou algo em voz baixa. Ele enrolou a manga esquerda, expondo um brilho dourado metálico ao longo de seu antebraço - ou um vampiro ou uma peça de armadura similar.

Em toda parte, sua pele era o ouro vermelho-escuro de cobre polido, bonito, mas sem qualquer semelhança com um Nerezetita beijado pela lua. Ele apareceu em vez de ser de Eldoria, bronzeado pelo sol. Então, por que ele estava andando com soldados do reino da noite?

Sem som, Stain passou por trás de uma árvore para outra e outra, utilizando o denso crescimento até estar a poucos metros da margem do tarn. Ela parou quando sentiu as gotas de água enquanto se espatifavam e ouvia o homem e a mulher enquanto falavam.

—Estou pronto, Selena. — Disse ele, apontando para o punhal. Stain reconheceu a voz do devastador de uma só vez. Embora jovem, como ela supunha, de outras formas ele parecia muito diferente do que ela esperava.

Seu capuz fora removido, e cabelos grossos - tão escuros quanto as

ameixas de inverno que os Dregs ofereciam para compra em ocasiões especiais - penduravam-se sobre seus ombros em ondas confusas. A pintura da face do crânio também desaparecera, revelando maçãs do rosto altas e angulares, com um longo nariz aquilino que sugeriam uma certa realeza. Uma cicatriz reta e pálida, erguida e fina, começava abaixo de sua bochecha esquerda e corria para sua mandíbula forte, interrompendo sua pele lisa.

—Você prefere que eu faça desta vez? — A garota chamada Selena perguntou.

—Não, querida irmã. Eu ainda uso minhas mãos. É o suficiente você tem que assistir. — Sua testa era larga e expressiva sob os fios de cabelo despenteado, e sobrancelhas grossas e pretas pontuavam suas palavras, franzindo ou subindo em cadência com sua voz profunda e suave.

Ele se encolheu, deslizando a lâmina em brasa ao longo do braço dourado em seu braço. Só que não era armadura; para onde a ponta afiada da adaga patinava ao longo da superfície, cabelos finos erguiam-se em seu rastro como se fossem magnetizados. Aquela concha metálica era sua pele, uma parte dele, como a carapaça de um caranguejo.

Este homem estava sob algum tipo de feitiçaria.

Stain cobriu a boca quando a faca parou onde a concha se rendeu à carne natural e macia na parte de trás do pulso. Lá a lâmina afundou, cortando uma longa fenda. Ela esperava que contas de vermelho brilhante inchassem no local, mas, em vez disso, uma corrente de ouro chuviscava livre - tão radiante quanto a luz líquida que se agarrava às árvores na entrada da ravina.

Um homem que sangra a luz do sol.

—Você quer usá-lo para tinta? — Selena limpou o sangue dourado da adaga, depois tirou um pequeno frasco de um dos três alforjes a seu lado. — Eu trouxe uma pena e pergaminho. — Ela colocou uma pilha de papel preto ao lado dele.

—Não há necessidade de escrever mais. — Respondeu o homem. — Até amanhã, falarei com ela pessoalmente. Por fim, vou conhecê-la.

Sua irmã posicionou o frasco para capturar o fluxo brilhante em seu pulso. — Você já a conhece. Você tem trocado notas há anos.

—Ainda assim ela se sente como uma estranha. Não parece certo, para um casamento. Você se lembra do nome de animal do pai para a nossa mãe?

Selena sorriu - um sorriso que transformou suas feições delicadas de bonitas a deslumbrantes. — Sua Estrela do Norte. — Usando uma bandagem, ela apagou algum sangue brilhante que tinha invadido a boca do frasco. Suas sobrancelhas prateadas se arquearam. — Talvez o grande amor deles tenha nos dado noções irrealistas de romance?

—Possivelmente. Mas você terá o que eles fizeram. Cyp confessou suas afeições hoje, quando achou que você morreria no incêndio. E você não questionou nem por um momento se foi sincero, nem hesitou em retribuir o sentimento.

—Ele disse a você? — O rosto de Selena ficou vermelho, fazendo as veias azuladas atrás de sua pele fina mais proeminentes. — Ele deveria ter esperado. Nós temos coisas mais importantes para pensar nesta jornada.

O assaltante sorriu suavemente. — Cyp me disse porque ele sabia que eu ficaria feliz por vocês dois. Não há vergonha em celebrar a descoberta do amor, especialmente entre amigos. Vocês caminharam lado a lado por anos no mesmo terreno - carregados uns pelos outros pela perda de seus pais. Você compartilhou metas e segredos. Você sempre encontra meio termo, maneiras de se comprometer, mesmo quando discorda. A amizade é uma medida para o amor. Será que minha intenção e eu tínhamos uma ferramenta para avaliar nosso relacionamento? Isso facilitaria a responsabilidade de consolidar dois reinos tão diferentes.

Os ouvidos de Stain se animaram com as palavras pretendidas e consolidando reinos. Este era o príncipe da noite, veio para a sua princesa no castelo de Eldoria - usando um disfarce. Como é descuidado ela não suspeitar, não questionar. Tendo jogado em máscaras por tanto tempo ela mesma.

A irmã do príncipe recuou e arrumou o pequeno frasco agora cheio de

líquido resplandecente. — Acho que, como nosso pessoal não pratica mais casamentos arranjados, é mais difícil para você. Mas mesmo que um noivado não seja tradicional, o amor que cresce a partir dele ainda pode ser real e verdadeiro.

Ele riu - um gesto cínico - e pressionou um pedaço de gaze contra a incisão para diminuir a velocidade dos driblets. — Ah, bom saber. Porque não há nada tradicional sobre a minha história de amor, com certeza. — Seus lábios cheios apertados. — Uma senhora frágil e impecável deve ser a minha metade ausente - para me completar - marcada e endurecida como sou. Ainda não sei nada dela. Muitas vezes suas cartas parecem ensaiadas. Como se ela estivesse escrevendo o que ela acredita que alguém de sua posição deveria dizer, ou o que ela acha que eu gostaria de ouvir. Sim, quero o romance, a poesia. Mas esses são ideais que um rei pode deixar de lado, se apenas sua rainha falar de coração - como um confidente para outro - apesar das responsabilidades e do status. Quero sinceramente os pensamentos e sentimentos do meu parceiro.

—Que é razoável. Seja paciente. Você nunca viu o rosto dela. Eu prevejo, no momento em que você se encontrar e passar um tempo juntos, todas as pretensões e dúvidas vão desaparecer. Como Madame Dyadia disse, você a conhecerá por sua voz.

Ele suspirou. — Uma vez que eu ouço sua música, de seus lábios em vez de uma concha, só então eu sei que meu povo e eu podemos ser curados. — Havia uma ponta irregular em sua voz - como se ele estivesse esperando por tal momento por uma eternidade. — A verdade disso? Só então eu sei que a previsão vale a pena acreditar.

O homem virou o rosto para o fogo, escondendo dúvidas nas longas sombras lançadas pelas maçãs do rosto e pelos cílios escuros. Stain se escondeu atrás de sua árvore, olhando através de uma junção de galhos que a levaram ao seu nível. Quão profundo, ver aquele olhar sombrio de perto - tão inescrutável quanto o de um melro. Como ela ignorou esse detalhe antes? Ela estava ocupada demais comparando com sombras noturnas e grilos.

Seu sangue brilhante atestou que ele foi verdadeiramente forjado de luz solar. Todo esse tempo ela e Scorch zombaram do conto de fadas. Ela nunca imaginou que as descrições pudessem ser tomadas literalmente: um príncipe com os olhos de um corvo, para se casar com uma princesa que falava como uma ave canora.

Stain segurou sua garganta estéril. Desde o dia em que ela acordou na casa de Crony, ela aceitou a incapacidade de fazer sons ou falar. No entanto, o conto de fadas sempre a deixara ambiciosa por uma voz. Agora, vendo esses detalhes ganhando vida, a inveja aumentava, cobrindo sua língua com um sabor amargo.

Era apenas mais uma lembrança de como ela era diferente das outras pessoas no mundo. Todos menos que Scorch...

Ela olhou para o labirinto espinhoso à distância, onde uma faísca brilhante brilhava por trás de algumas trepadeiras emaranhadas.

—Pelo menos há um pequeno triunfo hoje. — Disse o príncipe, recuperando a atenção de Stain. — Não mais se escondendo atrás de tinta e pergaminho. — Ele empurrou a pilha para o lado. O movimento afrouxou a gaze em seu braço e estimulou algumas gotas remanescentes para cobrir a superfície preta do papel, um contraponto brilhante à escuridão.

Stain fechou as pálpebras, a mente reluzindo para aquele estranho sonho de palavras douradas em páginas negras de anos antes. Abrindo os olhos, ela estudou os dedos, pensando em sua magia brilhante e escaldante. Em algum lugar dentro dela estava o detalhe que faltava, a explicação para por que ela tinha a luz do sol sob sua pele como este homem. Ela amaldiçoou Crony e Luce por roubar essas respostas, por não deixar nada além de um resíduo a que se agarrar.

Sacudindo sua raiva, ela olhou para cima mais uma vez. A princesa Selena costurou a incisão do irmão. Ele estava vermelho agora, como se seu sangue tivesse sido limpo pela drenagem. Ela amarrou um fio preto e cortou. Antes que Stain pudesse piscar, sua pele havia cicatrizado em outra cicatriz - absorvendo os pontos no processo. Mais magia.

—Eu me pergunto quantos são agora? — O príncipe deu um tapinha no

vergão branco levantado. — Talvez o suficiente eu possa dobrar como uma colcha de retalhos. — As bordas de sua boca se contorceram. — Vamos jogar um truque nas costureiras do castelo. Pendure-me na parede nu ao lado de suas melhores criações. Veja quanto tempo eles levam para perceber.

Stain reprimiu uma risada surpresa com a sua inteligência. Suas próprias cicatrizes olhavam para ela, proporcionando uma consciência íntima de quão profanado ele deveria realmente se sentir. Embora algumas de suas feridas tivessem sido feitas através de experiências e aventuras que ela escolheu, outras lhe foram infligidas, roubando-lhe qualquer escolha.

A princesa Selena riu, como se tivesse sido ajudada pelo momentâneo lapso de humor do irmão. — Você pode ter conseguido isso em sua juventude - um principe rebelde atormentado que você era. Eu posso pensar em várias empregadas que desmaiariam com a perspectiva de tal visão agora mesmo. — Revirando a língua, ela colocou todos os artigos longe na bolsa, incluindo os papéis. — No entanto, eu te seguro para um padrão melhor. Esse comportamento seria inteiramente impróprio para o rei.

O rei. Metade do casal que retornaria unidade aos céus. O coração de Stain acelerou, mantendo o ritmo da chuva que caía no lago de pesca. Isso a atingiu de repente: ela atacou a realeza, compensou uma honrosa busca para consertar seus reinos. E agora, ciente da condição do príncipe, vendo sua humanidade, ela se sentia ainda mais triste por seus preconceitos - por julgar os Nerezethites sem conhecer detalhes íntimos das tradições do reino.

Um pano balançou quando o príncipe abriu outro alforje e um cilindro de tecido de seda incomum se desenrolou, revelando penas, pele e renda que giravam como água ondulando em uma caverna. Dentro das pregas repousava um punhado de tesouros: uma escova de cabelo enfeitada de opala perolada com cerdas de aço, um grampo de cabelo cravejado de ametista e um anel cuja configuração consistia de uma rosa de lavanda em miniatura. Isso também era mágico, pois a flor de alguma forma prosperava sem solo, água ou raízes. Seu perfume - tão potente que atingiu Stain, mesmo sem uma brisa para levá-lo -

lembrou-a do buquê enegrecido de antes, aquelas rosas murchas, as mortalhas acumulando como lembrança macabra de sua entrada na ravina. Outra semelhança entre ela e o príncipe. Eles compartilhavam a luz do sol de alguma forma, cicatrizes, e uma história com essas estranhas flores.

Confusão surgiu - uma sensação tonta. Seus joelhos enfraqueceram. Ela agarrou a casca áspera da árvore para não dar cambalhotas.

Componha-se. A voz de Scorch se acendeu em sua mente. Ela sentiu seu retorno, atrás dela, onde as árvores se espessaram. *Você precisa do seu juízo sobre você para que possamos executar o meu plano.*

Não, Stain respondeu quando o príncipe se inclinou para mais perto do fogo, sua compleição de cera e puxada, como se desviar o solvente dourado de seu corpo o enfraquecesse.

Sim. Scorch grunhiu baixo em sua garganta. *Ele está instável agora. É a oportunidade perfeita.*

Nós não podemos matá-lo. Seu coração batia em seu peito enquanto o pensamento cintilava entre ela e seu companheiro alado, quente e brilhante como a chama refletida nos profundos olhos assombrados do príncipe. *Ele é realeza.*

Poderia ser por isso que Luce estava tão chateada com ela antes? Ele tinha conhecido a verdadeira identidade do destruidor o tempo todo?

O que eu te disse sobre a realeza? A resposta de Scorch foi rouca. *Eles são o mais vil de toda a humanidade. Egoístas, famintos por poder. Cruel. Eles matarão qualquer um que ameace seu status, até mesmo seus próprios assuntos.*

Stain reforçou sua postura. Este príncipe não parecia egoísta. E cruel? Mais cedo, quando ela o conheceu, suas palavras foram gentis e nobres, oferecendo-lhe ajuda. Agora eles se concentravam na preocupação pelo seu povo e pelos céus quebrados, tanto quanto ele próprio.

Nós devemos agir agora.

Stain ignorou o comando rosnado de Scorch e o leve cheiro de fumaça ao redor dela - concentrou-se na conversa silenciosa que ainda acontecia entre o príncipe e sua irmã.

—Eu só não entendo como tudo vai ser. — Ele segurou o anel até a fogueira, apertando a faixa marrom-enferrujada que combinava com a cor de seu dedo indicador e polegar. A luz do fogo e a sombra alternavam-se ao longo das espirais de pétalas de lavanda, iluminando alguns a um brilho acetinado enquanto escureciam os outros a profundidades de veludo. A jóia era minúscula em sua mão grande e magra. — Como meu casamento com Lady Lyra alinhará a lua e o sol para que ambos os reinos possam se beneficiar. Como isso pode curar meu sangue envenenado e salvar nosso povo. A magia pode ser tão forte?

—Era forte o suficiente para separar os céus, para mantê-lo vivo, apesar da mácula do sol. — Selena traçou as linhas intrincadas do grampo. — Forte o suficiente para capturar as lágrimas de uma princesa neste alfinete e endurecer o cabelo com cerdas de aço para este pincel. Nós devemos ter fé que pode melhorar todos os erros. Coloque as coisas de volta para a direita.

Stain tocou os cantos dos olhos dela, tão seco como eles estavam desde que ela conseguia se lembrar. Então a mão dela deslizou por sua testa e acariciou a penugem fofa de sua coroa até a nuca, uma vez branco prateado, agora um tom de amora não muito diferente do do próprio príncipe. Algo dentro dela despertou - uma sensação de ciúme, sabendo que ela nunca teria utilidade para itens tão bonitos, já que o cabelo dela não crescia? Ou algo mais?

—Fé. — O grunhido do príncipe roubou sua respiração. — Fé em uma profecia - nada além de uma amalgamação de palavras organizadas de maneira bonita na parede de uma caverna de gelo. Crença de que todo evento é um trampolim. Que todos que conhecemos servem a um propósito. — Ele embrulhou os presentes naquele tecido escuro e rodopiante e os colocou dentro do alforje. — A profecia coloriu todas as decisões que tomamos, cada desafio que nos deparamos. Em cada encruzilhada, paramos e nos perguntamos. Como nossos veados feridos entram nisso? Nosso povo moribundo? Como esse menino que procuramos - sangrando, cicatrizado, tão atingido pela pobreza que ele não tem sapatos - se encaixa? E a antiga mística que a equipe de Leo está levando para o castelo de Eldoria enquanto conversamos, ou a reserva de sombras e

aranhas da meia-noite que eles tomaram para romper as paredes de madressilvas encantadas? — Ele apertou a mão da irmã. — Selena, ao confiar nossa confiança na magia, estamos nos esquivando de nossa própria responsabilidade, nossa capacidade de raciocinar e supor. Você conheceu a prisioneira você mesmo. Você me ouviu interrogá-la. Ela não é nada como Dyadia disse. Todos nós vimos sua humildade, sua gratidão quando compartilhamos nossa comida com ela, a gentileza em contraste com sua fealdade.

Selena franziu os lábios em pensamento. — Ela foi muito respeitosa com você. Para todos nós, apesar de seu cativeiro.

O príncipe fechou a aba do alforje, as sobrancelhas expressivas apertadas. — Eu cometi um erro, mandando-a para ser punida com a mera fé. Nós não temos nenhuma prova de transgressão, nem mesmo a caixa marcada como "princesa-revolução". Nada mais que uma palavra de corvo albino e as suspeitas da Regente Griselda. Chega de fé. É hora de assumir o controle do destino e acertar as coisas por conta própria. Quer Luna e Nysa possam ou não rastrear o menino órfão, nós partimos para Eldoria quando o curso de cessação começar. Desejo consultar a princesa o mais breve possível. Até mesmo uma bruxa cornuda com chifres merece um julgamento - uma chance de se defender.

Corvo albino, bruxa harrower, punição e julgamentos. Os dedos de Stain cavaram mais fundo nas fendas da casca quando as palavras giraram em seu cérebro.

Scorch bufou. *Como eu disse. Nobreza não é confiável. Você já ouviu o que acontece com aqueles que acabam nas masmorras de Eldoria. Seu amigo desdentado do mercado é um excelente exemplo. Eu garanto que a punição é muito pior para aqueles que praticam magia fora dos pedidos do regente. Se o príncipe já estivesse morto, seu precioso companheiro não estaria em perigo agora.*

Stain apertou os olhos enquanto as verdades de Scorch a cortavam até o núcleo.

Tudo o que havia acontecido entre ela e seus guardiões antes - a traição de

suas memórias, suas mentiras - desapareceu à luz da situação de Crony. Dregs mencionaram ter visto os soldados. Stain não pensou duas vezes, mas foi ela quem conduziu a tropa até lá. Um corvo albino havia cruzado seu limiar, mágico o suficiente para ignorar as alas do pesadelo. E Stain ouviu o cachorro latindo quando ela saiu. Ela os levou direto para sua família, depois os abandonou. E a menos que Luce tivesse escapado, ele também foi capturado. Ou pior. Ela engasgou com o pensamento, uma explosão de ar que provou ser muito alto.

O príncipe e sua irmã se esforçaram para ficar em pé, seus corpos tensos viraram sua direção.

—Quem vai lá? — O príncipe gritou. Ele vacilou em pé, ainda instável.

Sua irmã o persuadiu a se sentar ao lado do fogo. Tirando o punhal, ela gritou para as outras duas tendas, seu olhar nunca deixando as árvores ao redor.

Um estrondo alto de trovão quebrou em cima - um presságio sinistro. Seu pulso pulsando através de sua pele, Stain se agachou e arrastou a bolsa até o peito. Sua espinha comendo na casca. Suas mãos apertaram como barras de ferro em seus lábios. Cada nervo formigava sob sua pele, cada osso endureceu quase quebrando. Ela estava sem voz, incapaz de defender o caso de Crony; e ela também seria capturada e colocada em correntes.

Tecido se agitava quando as outras tendas se abriram e seus ocupantes saltaram. Passos apressados, folhas crepitantes, arrastando cinzas - se aproximando cada vez mais.

Ácaro inocente, Scorch estalou. *Mais uma vez, devo salvá-la*. Brilhantes, faíscas alaranjadas derivavam na neblina esverdeada ao redor dela. *Eu vou pegar fogo em suas barracas e soltar seus cavalos para tirar os outros. Quando ele está sozinho, você corta sua garganta. Sem hesitação. Você me deve isso.*

Sim. Stain concordou, arrastando a faca. Mas ela tinha seu próprio plano. O príncipe mencionou a procura do menino, por ela. Ela iria atraí-lo para o pântano onde ela conheceu Scorch. Era perto - e o lugar perfeito para prender alguém que não conhece o terreno.

O príncipe deve viver para ser a de barganha de Stain. Pois certamente a

vida do rei profetizado era valiosa o suficiente para trocar pelo retorno seguro de uma bruxa humilde.

19
A escuridão do Destino e outras Ilusões



A tempestade deve ter sido encantada, ou assim a maioria dos Eldorianos acreditava. Outras chuvas encharcaram seus céus nos últimos cinco anos, mas foram as primeiras a alimentar a praga da madressilva mais rápida e vigorosamente do que a própria luz do sol. Poucas horas depois do trovão estrondoso e das gotas de chuva, as flores rosadas cresceram até o tamanho de repolhos, chamando mais abelhas para seu pólen melado. A folhagem e os cardos se apertavam em torno de cada chalé como um punho verde, do mesmo modo que sustentava o pátio, as muralhas e as torres do castelo, prendendo efetivamente todas as portas e janelas fechadas. As avenidas - que tinham usado as capas verdes durante anos - ondulavam e se enrolavam, parecendo a língua espinhosa de algum lagarto mítico e tornando impossível andar sobre elas.

Cidadãos se amontoavam em suas casas mal iluminadas - fracos por falta de trabalho físico e brincadeiras, desnutridos por falta de comida saudável, congelados até os ossos por falta de luz solar em sua pele. Eles espiaram por fendas nas videiras que cobriam suas janelas, observando a chegada do príncipe da noite e sua infantaria de aranhas e sombras. Uma prece subiu ao seu sol de ouro, que junto com a princesa - uma fantasia fantasmagórica que ocupava o calabouço do palácio - o príncipe Vesper poderia trazer de volta sua liberdade para sair de casa. O preconceito foi negociado pela tolerância, um subproduto de experiências difíceis compartilhadas. Mesmo aqueles que uma vez riram do azar de Nerezeth, enterrados sob nevascas que abafavam todo o som e estéril de flores perfumadas, estavam ansiosos para que os flocos de neve se silenciassem dos céus iluminados pelo luar - como noites de inverno significaria uma terra não contaminada pelo perfume enjoativo e zumbido de abelhas.

Os espiões reais de Griselda, soldados de infantaria blindados com machados pendurados na cintura e ouro branco enfileirando suas bolsas, vasculharam as madressilvas para procurar notícias sobre o estado do reino e a condição do espírito das pessoas. Ao saber que muitos plebeus acreditavam que não havia mais uma princesa - como em todos esses anos ela não havia sido vista nem pelos vinte e poucos habitantes do castelo - Griselda sorriu. Por fim, as pessoas estavam desesperadas, proporcionando a oportunidade perfeita para apresentar a rainha que ela havia trabalhado tão diligentemente.

Griselda mandou avisar pelo seu soldado de infantaria, de volta às casas do castelo e às cabanas, que a princesa deveria aparecer na torre mais alta do sul, pouco antes do piscar do crepúsculo. Quando todos os moradores da cidade com uma janela ou porta voltada para o oeste usavam machados e tesouras de jardinagem para ampliar sua linha de visão, Sir Erwan fazia o mesmo com o dormer da torre.

Griselda se vestiu, suas duas filhas e “Lyra” em seus melhores vestidos de tribunal apertados, mantos forrados de pele e hennins em forma de cone. Embora Griselda desprezasse os penteados, hoje era sobre tradição e propriedade. Então,

acompanhada por seus dois cavaleiros de confiança, Regente Griselda liderou sua família em uma procissão real. Começaram no fundo da escada da masmorra e foram em direção à mansarda da torre - a mesma em que Lyra havia olhado para baixo em seu reino através do vidro azul, anos atrás.

A procissão cresceu mais enquanto subiam cada andar - membros do conselho, súditos e servos se prendendo à cauda como uma pedra preciosa rolando colina acima e juntando musgo.

Sussurros anônimos ricochetearam nas paredes e pisos brancos de mármore.

—Veja a beleza deslumbrada da princesa. — Disse um deles.

—Eu esqueci como prateava o cabelo e os cílios dela. — Disse outro.

—Ela praticamente brilha com a luz da lua e graça. — Disse um terceiro. — Não precisamos nos preocupar. O príncipe das trevas de Nerezeth irá adorá-la à primeira vista. Disse que ela cresceria sozinha, não é?

—Ela mais do que cresceu em sua beleza. — Disse um quarto - as palavras irrompendo do final da procissão em um baixo em expansão. — Ela cresceu em diplomacia, sabedoria e justiça de acordo com as disciplinas escritas do conselho e agora está totalmente preparada para governar nosso reino. Talvez ela possa nos oferecer uma bênção, em sua linguagem especial?

Essa voz Griselda reconheceu mesmo antes de ver o cabelo preto cortado e olhos verdes inteligentes entre a assembléia. De todos que precisavam convencer, o primeiro-ministro Albous seria o mais difícil. Ele era a única alma, ainda viva, que passou mais tempo com Lyra durante seus últimos meses do que qualquer outra pessoa. Embora ele não a visse há anos, ele não tinha esquecido seu relacionamento especial com a pequena princesa - uma proximidade que seria difícil para Lustacia imitar desde que ela parou de praticar a antiga língua de sinais. O máximo que ela podia oferecer era uma saudação e duas ou três frases, certamente não é uma bênção poética.

Assim, Griselda escolheu esse momento para desencadear seu último e mais brilhante engano.

Ela bateu no cotovelo de Lustacia. Respondendo com um leve aceno de cabeça, a “Princesa Lyra” virou na frente da porta da torre para encarar a assembléia. Abrindo os lábios pálidos e arroxeados, ela soltou um tilintar de rouxinol que ecoou pelos corredores - prateados e puros.

Seu público, à deriva sobre as notas deliciosas, ficou tão silencioso quanto a pedra. A princesa acenou com a palma da mão virada para cima e três dedos curvados - um gesto régio que poderia ter sido confundido com um sinal de mão. Sua manga chamejante agitou seu pulso, e as sombras que tinham escurecido o chão e as paredes ao lado dela e suas irmãs e mãe se soltaram e pairaram no ar. Havia apenas cinco - um para cada canto de feitiço do contrabandista goblin de Griselda, uma poção de sangue bruta tinha entortado e remodelado. Eram meias-luzes agora, reduzidas a apenas uma parte de sua massa costumeira - meras aparições em um mundo de solidez. No entanto, foi essa forma vaporosa que lhes permitiu mergulhar e estremecer com tanta ferocidade que pareciam ser uma multidão de sombras.

A platéia se abaixou e ofegou, não mais hipnotizada, mas com medo.

—O dia do destino está finalmente em cima de nós. — Disse Griselda, enquanto a briga dos duendes escurecia o teto da catedral como um aglomerado de nuvens de tempestade. Virando-se para encarar Lustacia, a regente caiu de joelhos. Wrathalyne e Avaricette trocaram olhares irrequietos e se ajoelharam ao lado de sua mãe. — Logo a lua se levantará e purificará nosso reino da peste. Está na hora de nos unirmos aos assistentes de sombra da Princesa Lyra em comemoração, e prestarmos lealdade à nossa rainha.

Como um, cada pessoa em torno deles caiu de joelhos, incluindo Albous e os membros do conselho.

O orgulho de Griselda se acendeu como sinais de mão foram esquecidos pela autoridade da princesa sobre as sombras. Ninguém ousaria questionar a legitimidade da filha agora.

Sua princesa humildemente baixou a cabeça. O véu de contas translúcido em erupção da ponta de sua hennin dourou seus cabelos prateados como uma

camada de gelo. A imagem de elegância e majestade, ela se virou e entrou na torre.

—Nossa família real deseja privacidade quando a princesa primeiro reage a seu reino. — Griselda insistiu. Ela e suas filhas seguiram no calcanhar de Lustácia. As “sombras” caíram, bloqueando qualquer um que entrasse, até Sir Erwan e Sir Bartley tomarem seus lugares do lado de fora da porta fechada sob a qual as criaturas sombrias desapareciam.

Quando suas formas fuliginosas penetraram na torre como fumaça preta, Griselda abriu um amplo espaço para evitar as travessuras irritantes dos goblins da meia-luz. Avaricette e Wrathalyne guincharam e resmungaram quando os seres amaldiçoados as cheiravam e rodavam para dentro e para fora de seus vestidos de gaze. Embora Griselda tivesse conseguido mudar seus formulários, ela não conseguiu conter suas personalidades desagradáveis.

—Mãe! — Wrathalyne gritou, enfiando uma mecha de cabelos ruivos por baixo de sua hennin. — Quando finalmente os voltarmos para os goblins, eles ainda serão tão pegajosos e vexatórios?

Avaricette bufou e retirou uma guloseima meio roída do bolso. — Vexatório, sua idiota imbecil.

—Oh? Se eu sou um tola, você é um sapo.

Avaricette estalou a confeitaria entre os lábios e estremeceu ao morder. — Para que uma aspersão seja eficaz, deve fazer sentido. As cabras são analfabetas, assim como você. Como eu sou como um sapo de alguma forma?

—Sua falta de dentes.

Avaricette bateu a palma da mão sobre a boca cheia de cavidades e empurrou a irmã com a mão livre, que por sua vez a empurrou para trás. Os fantasmas dos goblins giraram em torno delas alegremente, incitando-as.

Griselda gritou, em seguida, gentilmente a voz, chamou a filha mais nova, que já estava na janela, acenando em um estado de sonho para qualquer um que pudesse vê-la através do vidro tingido de azul.

— Princesa, por favor, contenha seus assuntos mais leais.

Com um suspiro, Lustacia fez um sinal para os fantasmas. Eles afundaram no chão, tornando-se marcas de seus movimentos mais uma vez, como qualquer boa sombra. Griselda se acomodou ao lado de sua filha e abriu a janela manchada de chuva o suficiente para deixar entrar os alegres gritos e aplausos vindos de baixo.

—Ouça como eles te adoram, filha. Você conquistou o coração do seu reino. Este é um dia de vitória.

Lustacia franziu a testa.

Griselda estalou a língua. — Só porque você parece parte de um morador das trevas, não significa que você tenha que compartilhar seu humor severo.

Lustacia sacudiu a cabeça, fechou os olhos e inspirou profundamente.

A madressilva encharcava o ar úmido - tão potente e doentia que queimava todas as outras sugestões sensoriais do jardim do palácio adjacente à torre.

—Sinto falta das flores da minha infância. — Disse Lustácia - o lirismo de sua voz amortecendo os ouvidos como uma canção de ninar. — O balanço de alcaçuz dos cravos cor-de-rosa, o pincel de baunilha dos heliotrópios violetas, o farfalhar das gardênias brancas. Ninguém pode ser visto, cheirado, nem ouvido através daqueles miseráveis vinhedos. Só posso distinguir o silvicano agora. — Ela olhou por cima do ombro para o outro lado da sala, onde as irmãs vasculhavam os troncos empoeirados em busca de jóias ou tesouros esquecidos, depois voltaram para o reino amaldiçoado do lado de fora da janela. — As folhas estão mudando de cor. Essa era a coisa favorita de Lyra para assistir. Finalmente chegou, e ela errou.

Griselda fez uma careta para a tentativa de culpá-la por roubar a infância, por interromper a vida de sua sobrinha. Mas sua carranca suavizou quando notou para si as folhas franjadas de amarelo vívido que ultrapassavam o vermelho que saía das videiras brilhantes e invasoras. Ela estava esperando por aquelas folhas para mudar também. Esperando que eles pudessem atrair Elusion de volta ao castelo e sua cama. O charme de um sílfide aéreo sempre foi bom de se ter em mãos.

Lustacia enrolou um fio prateado de cabelo em volta do dedo, ficando novamente sonhadora. — Há um caminho que leva ao silfide onde as vinhas não crescem. Deve ser o encantamento da árvore, agindo como uma barreira. Seu irmão, nosso tio. O rei. Ele costumava nos contar uma história sobre quando as folhas mudaram, que um sílfide amaldiçoada...

—Poderia recuperar suas asas e voltar para os céus? — Griselda bufou. — Um conto de ninar farsesco.

—Verdade? — Lustacia a colocou de costas para a janela, firmando seu olhar lilás no rosto da mãe. — Mais ridículo do que isso? — Ela gesticulou para si mesma e para as sombras ilusórias a seus pés. — Eu concordo com a Ira. Devolva os duendes às suas formas originais. Eles fizeram sua parte.

Griselda apertou a mandíbula. — Toda vez que eu acredito que você está enlouquecendo o suficiente para ser rainha, você me decepciona com aquele senso de misericórdia fora do lugar. Que bom que você vai me ter como sua conselheira.

Lustacia escondeu seu perfil por trás do varrido do véu.

— Acho que meu conselheiro deveria ser alguém com consciência.

As palavras tinham a intenção de cortar e, de fato, algo enrolado no peito de Griselda. Era, no entanto, mais parecido com uma cobra se preparando para atacar do que uma criatura ferida se curvando sobre si mesma para proteção. — Você não está pensando em nada. Você ainda tem que convencer o príncipe que você é Lyra. Depois disso, você terá que convencer todo o seu reino. Isso será impossível se nenhuma sombra responder a você. E estas são as únicas que sempre irão, a menos que você tenha conseguido fazer amizade com uma ou duas no calabouço ao longo dos anos?

Lustacia tirou a hennin do cabelo e jogou-a no chão. As sombras dos duendes refletiam cada movimento derrotado. Ela esfregou a cabeça, os dedos cavando em sua linha do cabelo. Rolando seu ombro, ela saiu de vista da platéia aplaudindo. — Eu detesto tudo o que fizemos. Dói minha cabeça pensar nisso.

—No entanto, você foi junto com tudo.

Os olhos de Lustacia se encheram de lágrimas. — Fora de obrigação. Você roubou a esperança do homem que eu amo. E agora cabe a mim dar-lhe promessas vazias. Todas aquelas cartas que ele escreveu. Ele é sincero, perceptivo e gentil, mas tão quebrado; ele espera que eu tenha algum pedaço dele, para torná-lo inteiro. Você levou isso embora. Ela se foi para sempre, assim como a chance dele de viver. Ele está vindo aqui para que eu possa vê-lo morrer de uma terrível maldição. — Suas lágrimas caíram em riachos claros.

Griselda arrancou a própria hennin, os dedos massageando os nós em seus cabelos acima das têmporas. Eles estavam picando quase sem parar hoje. — Melhor você aprende a refrear seu choro. A menos que você tenha uma mancha em seu rosto com suco de amora, então seu príncipe irá confundi-las com as linhas de suas lágrimas. E o suficiente com a tristeza e desgraça. Porque Lyra se foi, você é a única que pode salvá-lo. Isso lhe dá todo o poder.

—Como posso salvar o príncipe, quando não sou sua outra metade? Aqui você está prometendo o sol e a lua aos nossos assuntos, quando eu não posso nem comandar uma sombra. Mesmo que ninguém mais possa ver através de mim, a mágica da profecia pode. Você já considerou isso, mãe? Pelo menos uma vez?

Como se fosse uma sugestão, o céu diminuiu quando o sol se rendeu àquela poeira do crepúsculo, anunciando o início do curso de cessação. Tudo parecia estranho e distorcido na escuridão temporária, a praga da madressilva assumindo a aparência de um enxame de filhotes de drasilisco no meio da escotilha. Por um suspiro, um batimento cardíaco, Griselda nutria dúvidas.

Então o sol se iluminou novamente por trás de seu enxame de nuvens, e devolveu o mundo a perfeita clareza, resolvendo a cena para tudo o que Griselda havia feito através de conspirações e truques - confirmação de seu controle sobre a magia e o destino.

Ela tirou as luvas, revelando o tom branco-azulado brilhante em suas palmas e dedos, o resíduo dos assassinatos de veado que ela não conseguia lavar. — Disseram-me anos atrás que o esplendor do céu seria devolvido às minhas

mãos. Assim, eu gravei meu próprio caminho. Como você disse, não há Lyra agora - na minha mão. E de cada dama dos nossos dois reinos, você é a única com os traços físicos especificados pela profecia - a minha mão. Tudo o que você precisa para curar o coração amaldiçoado do príncipe é a voz de sua ave canora, e você também tem isso - na minha mão. Assim como estas coisas se encaixaram, assim também o sol e a lua. Tudo o que devo fazer para ver isso, eu vou. Tenha fé em mim, nesta oportunidade que lhe dei. Você é a verdadeira princesa, porque eu fiz isso.

Uma batida repentina na porta assustou um grito de Lustacia.

Griselda enlouqueceu as mãos e colocou a touca no lugar. — Você pode entrar. — Ela lançou um olhar para sua filha. — Pare de ser tão nervosa. Não há ninguém que possa ficar no nosso caminho agora.

A porta se abriu o suficiente para Sir Erwan entrar. Ele a fechou atrás dele. — Eu interceptei uma missiva enviada via gralha. A tropa do príncipe Vesper capturou a bruxa. Eles estão trazendo ela aqui para ser questionada pelo conselho. Eles devem chegar dentro de dois dias.

Lustacia segurou o braço da mãe, sua expressão era uma mistura de horror e altivez. — Parece, mamãe, que o seu 'ninguém' logo será depositado em nossos portões do castelo.

Um calafrio percorreu o peito de Griselda enquanto todo o sangue dela escorria para seus pés.



Dentro da Ravina Ashen, cinzas e chamas choviam - uma tempestade mais devastadora e violenta do que as chuvas externas.

O ataque aconteceu tão rapidamente que o príncipe teve pouco tempo para reagir. Um rugido de clarim estalou e o Pégaso rompeu as árvores, galopando em direção ao acampamento. Faíscas arrastaram seus cascos. Sua juba, cauda, olhos e narinas brilhavam com uma incandescência cegante e abrasadora. Uma asa gigante e solitária se espalhou - um tapa forte de penas, tendões e ossos ocos que

empurraram Vesper para suas costas.

Enxugando-se em triunfo, o Pégaso virou para os cavalos, dispersando os companheiros de Vesper no caos. O fogo acendeu as tendas mais distantes e a fumaça encheu o acampamento - cachos negros ondulantes que convertiam gritos a tossir e serpenteavam pelos cavalos, assustando-os. Com os olhos arregalados, as seis montas se esticaram até que as cordas de chumbo se soltaram de suas âncoras. Antes que os companheiros de Vesper se levantassem, o Pégaso encheu os cavalos soltos e os conduziu para o labirinto espinhoso.

O príncipe Vesper rolou de bruços, apertando a fuligem e o calor. Sua cabeça zumbia de tontura pela drenagem de seu sangue. Ele meio rastejou, meio arrastou-se para o barril de pesca e os frascos de água. Eles não conseguiam segurar o suficiente para estancar o fogo, mas o conteúdo deles sufocava as faíscas ao longo das bordas dos cobertores que Selena e Dolyn estavam usando para sufocar as chamas.

Cyprian e Tybalt desembainharam espadas e correram atrás de suas montarias. Vesper jogou os frascos de água na direção de sua irmã, depois cambaleou em direção à sua tenda aberta, determinado a pegar sua espada e seguir os dois homens. Ele mal arrastou o cabo em direção a ele quando seu sangue cantou novamente, aquela estranha reação à fera alada. A agitação se espalhou por sua canela metálica, antebraço e abdômen, balançando os ossos atrás deles - dificultando a movimentação. Neste estado, ele seria sem arte com armas, mas ele se recusou a ser completamente inútil. Se Cyprian e Tybalt o pudessem deter o Pégaso, ele poderia lascar suas montarias.

Ele encontrou um rolo de corda e deu um assobio estridente. Lanthe respondeu, saindo rapidamente do rebanho antes que os outros mergulhassem pela entrada do labirinto. O Pégaso levou os outros para dentro - na clareira que Vesper havia enfrentado antes. A besta alada girou, depois chutou as pernas traseiras. As videiras de entrada estalaram com o impacto de seus cascos voadores, caindo e se enredando - bloqueando efetivamente os cavalos.

Reluzindo, o Pégaso passou por cima de Cyprian e Tybalt, arrasando-os

com a asa para derrubá-los. A fera olhou de relance para as árvores ao lado da tenda de Vesper. A mesma inteligência despertou em seus olhos que Vesper tinha visto antes. O Pégaso desligou o rabo em um movimento de alta estalida, quase como se impaciente, depois desapareceu em um bosque na direção oposta.

Lanthe chegou, levantando cinzas com seus cascos. Vesper se levantou, balançando e se preparou para saltar de costas.

O menino saiu do nada, armado com a faca roubada de Vesper. Seu corpo esbelto subiu no cavalo do príncipe antes que ele pudesse montar. Lanthe ficou surpreso, pulando para trás. A canela metálica do príncipe se torceu e ele perdeu o equilíbrio, mas conseguiu pegar a manga do rapaz e tirar a faca da mão dele. Rosnando, Vesper arrastou o órfão com ele, ambos caíram na cinza com um baque. Dando uma cabeçada em Vesper no ombro, o garoto se desvencilhou e entrou na tenda. Na saída, ele zombou do príncipe - segurando o alforje com os presentes de Lady Lyra e a bolsa de couro contendo os potes de criaturas noturnas - antes que Vesper pudesse se livrar do zumbido dentro de seus pratos de metal e ficar de joelhos. O pequeno ladrão correu em direção às árvores, olhando para Vesper por várias batidas, a expressão em seu rosto manchado de cinza inconfundível: “*Pegue-me se puder.* “ Então ele foi embora

Lanthe avançou novamente. Vesper pegou sua faca e enfiou-a na bainha vazia em sua cintura. Ele se levantou, arrastou-se até a cernelha do garanhão, depois passou uma perna por suas costas nuas.

Selena e Dolyn mantinham o fogo sob controle e separavam os destroços destroçados para qualquer coisa aproveitável. Mais longe, no labirinto, Cyprian e Tybalt cortavam a entrada do labirinto com seus machados. Os cavalos entraram, esgotados, mas lentamente percebendo que estavam seguros.

O olhar de Vesper seguiu o caminho que Pégaso fizera, marcado pelas cinzas trêmulas deixadas em seu rastro. Este tinha sido um plano. Tudo isso. O Pégaso e o órfão trabalharam juntos para roubar os potes de grilos e sombras do rapaz. Os presentes da princesa devem ter chamado a atenção deles enquanto espiavam o acampamento. A escova de cabelo de opala, o gancho de cabelo de

ametista e o anel de panacéia eram inestimáveis e irresistíveis para um ladrão; mas Vesper os queria de volta por mais motivos do que isso. A matilha continha o manto de veludo que a princesa precisaria para fazer a jornada do castelo até o palácio de Nerezeth.

Temendo que ele perdesse os presentes, e ainda mais com medo que ele perdesse o garoto, ele deveria hesitar, Vesper gritou. — O jovem órfão roubou os presentes da princesa! Voltarei quando os tiver em mãos.

Selena correu em sua direção. — Espere até liberarmos as montarias! Vamos acompanha...

Vesper chutou Lanthe a galope antes que sua irmã pudesse terminar. Ele dirigiu o garanhão para as árvores, cinzas girando ao redor deles a tempo com o ritmo emocionante. Vesper e sua montaria se abaixaram sob galhos baixos e saltaram sobre as poças de pestanejas nocivas, guiadas através da neblina fraca pelo deslizamento do garoto para dentro e para fora das árvores à frente. Mesmo quando ele perdeu de vista o ladrão, Vesper encontrou o caminho de novo, conduzido pela mesma intuição inexplicável que o levara através do labirinto anteriormente.

Logo, as cinzas deram lugar a uma lama úmida e espessa. Um emaranhado de sarças entrelaçadas ergueu-se a distância para formar uma cúpula fechada, encurvada e escura como um lobo coberto de lama. Uma sensação de perigo iminente arrepiou os nervos de Vesper. Algo ruim aconteceu aqui. A visão só o fez se sentir preso. Ele lutou contra a sensação de estar preso, puxado para baixo, afogado. Mas ele continuou, sua determinação mais forte do que o pressentimento enigmático.

Lanthe reduziu a velocidade a um trote, as costelas subindo e descendo rapidamente, onde as coxas e panturrilhas de Vesper estavam montadas nele. O garanhão parou em uma fenda nos arbustos onde o garoto havia desaparecido. O estranho instinto de Vesper dizia-lhe que havia uma entrada maior em algum lugar, grande o suficiente para um cavalo, mas se Lanthe se aventurasse para frente, ambos poderiam ficar presos dentro do pântano.

Como ele sabia que havia um pântano dentro, Vesper não podia dizer. Era o mesmo estranho saber que ele disse que havia um local para pescar anteriormente. Embora o fedor de coisas mortas e agonizantes pudesse ter provocado a ideia desta vez.

Desmontando, Vesper bateu Lanthe em seus flancos - um sinal para o cavalo ir para casa, ou neste caso, para encontrar alguém que ele conhecia. O príncipe assistiu enquanto o garanhão trotava na mesma direção em que eles vinham. O senso de audição e olfato de Lanthe o levaria de volta ao acampamento, e a tropa de Vesper poderia usar o cavalo para encontrar seu paradeiro.

Mergulhando através da abertura fina, Vesper segurou a faca na cintura e ergueu o antebraço metálico diante do rosto como um escudo. Suas solas de botas sugavam para dentro e para fora do chão sujo. Arbustos espinhentos arrebataram sua roupa, atravessando-a. Além do mau cheiro de decadência que queimava seus olhos e cobria sua língua, ele mal notou; não era diferente de estar em casa e encarar o Grim. Havia até um brilho semelhante ao luar guiando seus passos.

Ele passou pelos arbustos: esquerda, direita e esquerda novamente. Quando finalmente ele terminou, ele estava cara a cara com o ladrão. Um estranho brilho azul prateado emanava do pântano, dourando os arredores e a aparência do menino. Além de novas marcas de queimaduras nas roupas rasgadas, ele agora estava mais limpo e usava um par de botas. Seus longos cílios brilhavam, brancos como a geada, e suas cicatrizes ficavam mais proeminentes contra sua pele tingida de pele acinzentada.

A bolsa com as criaturas noturnas repousava sobre um dos ombros. O alforje do príncipe pendia de sua outra mão, balançando precariamente acima do pântano gorgolejante. A superfície viscosa ondulou quando uma projeção semelhante a uma serpente se assemelhava a uma samambaia, tentando arrebatar a manada.

Os nervos de Vesper se arrepiavam sob sua pele diante dos perigos dentro

daquela escuridão estranhamente brilhante; ele quase podia senti-las envolvendo seu pescoço. Ele teve que sair, tinha que encontrar uma maneira de raciocinar com o ladrão para que ele pudesse levá-los a um lugar seguro.

Ele engoliu o aperto na garganta. — Qual é o seu nome?

O garoto franziu a testa.

Vesper ergueu as mãos e preparou os dedos, esperando que ele não tivesse superestimado o conhecimento do órfão da língua antiga. *Meus amigos me chamam de Vesper. E você é?*

O garoto tirou a mochila da água e ficou pendurado no cotovelo, com expressão admirada. Suas mãos tremiam quando se levantaram e formaram uma resposta. *Você sabe falar comigo.*

O príncipe sorriu. *Sim.*

Uma expressão, semelhante à surpresa, contraiu os belos lábios do menino e ele apontou para si mesmo e sinalizou: *Stain.*

Vesper assentiu. *Está tudo bem. Estamos ambos um pouco confusos, não estamos? Eu tenho vontade de tomar um banho o dia todo.*

O garoto rosnou - um som arejado e frustrado. *Meu nome é...* Ele baixou as mãos no meio da frase e olhou para o pântano, como se estivesse pensando em lançar o alforje depois de tudo.

Vesper sinalizou: *Coloque os tesouros para baixo, por favor.*

Com um encolher de ombros, o órfão deixou cair o alforje atrás dele do outro lado de uma pilha de pedras.

Obrigado, Vesper gesticulou. *Eu tenho perguntas e você parece precisar de alguns fundos. Eu vou te pagar por respostas.*

O garoto fez uma careta. *Nenhuma resposta até você devolver minha mãe.*

Vesper ergueu as sobrancelhas. Ele estava errado, assumindo que o menino não tinha uma família. — Sua.... mãe. — Ele falou em voz alta, esquecendo-se de usar as mãos.

O rapaz posicionou os polegares nas têmporas, como chifres. — A bruxa? — Perguntou Vesper. — Foi ela quem te ensinou a língua antiga? — Isso fazia

sentido. Como um imortal, ela estava viva desde o tempo dos drasilisks.

O menino moveu as mãos e os dedos com tanta rapidez que Vesper teve que se concentrar para ler as palavras: *sem respostas, nenhuma pechincha, sem comércio até que você traga minha família de volta. Com segurança. Então eu lhe darei seus tesouros e deixarei você sair. Eu quero sua palavra, Príncipe.*

—Então, você sabe que eu sou da realeza. — Respondeu Vesper, esperando que o rapaz não o notasse se aproximando.

O que não significa nada. Você não é melhor do que a laia que me jogou para fora do castelo como lixo.

Vesper parou no meio do caminho. — Que castelo seria este?

A boca do garoto ficou boquiaberta, os olhos únicos se arregalando. Ele revelou mais do que ele pretendia.

—O palácio de Eldoria. — Vesper argumentou em voz alta. Abaixando-se para a frente novamente, ele manteve o olhar fixo no dos jovens. — Eu sei que você não veio do meu. Jamais esquecerei alguém com sua coragem e talentos - nem esqueceria esse rosto. Mas você é uma contradição, não é? Seus olhos, eles nasceram das estrelas e do luar. — Vesper tentou suprimir o apelo que aquelas características epicenas tinham para ele. — Por que você foi jogado fora do castelo? Você estava espiando a princesa?

Os longos cílios do menino estremeceram - como as penas no vento. Os dedos de Vesper coçaram para tocá-los, para ver se eram tão macios quanto pareciam. Ele tinha fechado espaço suficiente para que ele não estivesse a mais de um braço de distância. Tudo o que ele precisava fazer era estender a mão. Ele reprimiu um juramento, resolveu não se perder diante da compulsão estranhamente tenra.

O ladrão recuou até que o calcanhar raspou contra a pilha de pedras. *Eu... não sei*

—Você não sabe. — Repetiu Vesper, pegando os fios da conversa. — Para qual pergunta é essa a resposta?

O menino engoliu a respiração e seus dedos apertaram a bolsa em seu

ombro. Ele baixou a mão para responder. *Ambos. Não me lembro de nada antes de acordar nesta ravina. Nada da minha vida ou o que eu estava fazendo. Apenas aquele dia em que Crony me levou.*

Vesper lutou contra uma onda de simpatia. — *Então, no tempo que você conheceu a bruxa, ela compartilhou seus planos para a 'revolução da princesa'? Você sabe de suas conspirações contra o castelo? Diga a verdade e talvez eu possa ajudá-la.*

O rosto do menino mudou, a coragem e a resolução suavizaram-se numa expressão sincera. *Ela não é apenas uma bruxa. Ela tem um nome. Crony. Ela é minha família. E ela nunca mencionou sua preciosa princesa nos cinco anos em que a conheci.*

—Cinco anos. — Vesper falou as palavras. Isso foi na época em que ele engoliu a luz do sol, por volta da época ele perdeu uma parte crucial de si mesmo. Isso não poderia ser por acaso.

O pântano pantanoso gorgolejou novamente e um brilho do movimento refletiu no rosto do ladrão, lembrando Vesper de seus arredores perigosos. Determinado a resolver essa discussão no acampamento, o príncipe saltou para a frente. Seu cativo cambaleou para trás e tropeçou na pilha de pedras. Vesper se lançou para pegá-lo antes que ele quebrasse a cabeça. O jovem recuou para o braço esquerdo de Vesper e encontrou equilíbrio no topo da pilha de pedras, fazendo com que tivessem a mesma altura. Sua bolsa escorregou e os frascos estalaram quando eles quebraram nas rochas.

Nem o príncipe nem seu cativo reagiram, muito atentos ao que estava acontecendo em seu ponto de contato. Quando o menino agarrou o antebraço metálico de Vesper, a casca da carne infectada começou a amolecer. A pele acobreada de Vesper se mostrou através de uma marca do caloroso aperto do menino.

Caloroso. Vesper não se lembrava de quanto tempo havia passado desde que ele sentira aquela parte do braço dele.

Seus olhares se encontraram e, naqueles olhos lilás, Vesper viu momentos

em que ele nunca havia vivido, mas que de alguma forma sabiam que existiam, pois o alteraram profundamente: o brilho do crepúsculo incendiando aquele olhar para âmbar, comendo maçãs da palma daquela mão pequena e suja, uma dança não convencional sob um céu frondoso.

Então, ele viu um choque de fogo, espinhos e dor.

O garoto estremeceu, esticando a boca em um grito silencioso. As pontas dos dedos dele se iluminaram com uma luz dourada - uma refulgência que combinava com o sangue iluminado de Vesper. Ele se espalhou ao longo do braço do ladrão e passou por todo o seu corpo - uma onda tão deslumbrante que deixou Vesper cego por um instante. Sua respiração engatou e ele se afastou.

Quando a visão do príncipe voltou, o menino parecia doente. Ele desceu das rochas e sentou-se. O brilho em seu corpo se retirou, convergindo em suas mãos. Sua pele monótona empalideceu para um tom ainda mais doentio quando ele enfiou os dedos no chão viscoso.

Flores brotaram da lama - flores de carmesim, rosa brilhante, azul e laranja aparecendo ao redor dos dedos rasgados do menino. Como um belo contágio, mais flores se seguiram, percorrendo a distância encharcada entre ele e Vesper. Pétalas multicoloridas se abriram ao redor das botas do príncipe antes de continuarem pela mata, subindo pelos galhos que formavam o teto abobadado e dominando o fedor do pântano com um perfume inebriante. A mente de Vesper girou.

Ele estava sob um vívido arco-íris de ambrosia, em um mundo suavemente brilhante que outrora havia sido incolor e estagnado. Era como se ele tivesse caído na terra e caído dentro de Neverdark, em sua infância, quando o arboreto ainda lhe trouxe admiração.

Sem palavras, Vesper estudou seu braço metálico, onde conservou a marca daquela pequena mão. Era como se o menino tivesse curado uma parte dele, absorvendo a luz do sol e jogando-a no chão. Seus olhos se encontraram mais uma vez, mas antes que Vesper pudesse dizer uma palavra, um enorme estrondo atravessou a parede de sarça mais próxima a ele.

O Pégaso entrou e olhou de Vesper para o menino - agora caído sobre os joelhos dobrados, ofegando. Armado com nada além de sua faca, Vesper se virou para enfrentar a fera. O Pégaso se ergueu, olhos, juba e cauda em chamas, cascos apontados para a cabeça de Vesper.

Vesper se inclinou para a esquerda. Ele escorregou na lama, esmagando flores enquanto caía e aterrissou a centímetros do pântano. O zumbido de seu sangue tornou-se um zumbido voltaico, puxando em direção à fera como se estivesse magnetizado. Vesper lutou, tentando colocar distância entre eles. Ainda segurando a faca, ele dobrou um joelho e o empurrou para cima, mas o estalo de uma samambaia pegou seu braço. Com um empurrão, a samambaia viciosa arrastou-o para fora das margens e para as profundezas. Seu ambiente líquido ondulava entre luminoso e escuro. Ele chutou a perna boa para poder aparecer. Ele se engasgou com o gosto da decadência, em seguida, virou quando o Pégaso mergulhou ao seu lado, submergindo totalmente os dois.

Vesper abriu os olhos nas profundezas azuis prateadas. Penas fumegantes, cascos e chamas o cercavam. Suas pernas emaranhadas com o garanhão, seu cabelo enredado com as farpas da asa aberta. Vesper pegou sua faca e apontou para o coração da fera. No instante em que a lâmina encontrou seu lar com um impulso carnudo, uma agonia de lancetagem rompeu dentro do próprio peito de Vesper. O ar escapou em um jorro de bolhas. Uma luz brilhante explodiu com uma forte explosão em sua cabeça, tão penetrante e agonizante quanto um canhão. Seu crânio parecia se quebrar na implosão. Ele emergiu por um instante, tomando outro fôlego, mas foi arrastado para baixo novamente.

Vesper lutou contra o corpo afundado do Pégasus, com o rabo enrolado no pescoço. Tudo ao redor deles estava embaçado. Em meio a essa miopia sufocante, o passado colidiu com o presente. Em sua mente, Vesper retornou à caverna de gelo sob o feitiço da feiticeira, seu corpo queimando com a luz do sol. Naquele momento de destruição e criação, quando Madame Dyadia o deixou pela metade e prendeu sua dor, rebelião e orgulho dentro de uma nova embarcação, ele lutou para colocar um nome nela. Agora ele podia ver

claramente: quatro pernas, cascos e um corpo de sombra com asas de fogo. Um Pégaso.

Vesper puxou a armadilha que apertava sua traqueia, tentando manter o foco. Aqueles sonhos encharcados de suor nos últimos cinco anos foram seus únicos laços com a peça que faltava: o gosto do vapor, o cheiro de madeira queimada, a corrida, correndo ao lado de uma amiga de confiança - uma garota que se disfarçava de menino - aqui na Ravina Ashen.

A epifania bateu nele. Com a selvageria nascida de novo em seu coração, ele encarou, inflexível, a verdade. Não havia Pégaso morrendo arrastando-o para baixo. Havia apenas o próprio Vesper, todo de novo, sozinho nas profundezas com uma samambaia ao redor do pescoço - segurando-o cativo sob o lodo. Seus pulmões imploraram por respiração. Ele lutou contra as amarras, querendo apenas voltar para ela, para Stain. Sua companheira de brincadeiras, sua confidente, sua pequena coisa insignificante.

Uma valsa entre as brasas



Caindo nas rochas, Stain observou bolhas laranja e vermelhas surgindo do pântano da lua e explodindo no ar. Na esteira do mergulho de Scorch, uma agitação, caótica e violenta como a pulsação de um monstro, tornou tudo sob a superfície imperceptível.

Ela não precisava ver para saber que o príncipe e o Pégaso estavam lutando, totalmente submersos. Os tolos se afogariam se ela não os impedisse.

Ela tentou ficar de pé, mas o ambiente ao redor girou. Ela caiu de costas nas pedras e apertou o couro cabeludo com as mãos doloridas. Semear uma enxurrada de flores a deixou mais esgotada e agonizante do que ela previa. Como ela fez isso? Nunca antes seu poder solar cobriu tamanha distância e tão rapidamente. Então, o raciocínio prevaleceu, e ela sabia: aconteceu porque ela tocou o braço do príncipe Vesper; sua maldição a infectou, apressando a luz do sol através de todo o seu corpo. Ela não tinha escolha senão canalizá-la em algum lugar, o chão e silvas suas únicas opções.

Ela teria se livrado dele mais cedo, antes da invasão do sol, mas ela viu algo naqueles olhos penetrantes: um vislumbre daqueles momentos em que se sentia mais viva - mais parecida com ela mesma. Quando ela valsou nas brasas, quando ela alimentou Scorch com um punhado de maçãs, esse primeiro vislumbre de identidade através de seus olhos. Ela teria abraçado qualquer agonia para estar lá novamente, para lembrar. Mas aqueles eram momentos feitos com Scorch - então, como o príncipe os havia revivido?

As bolhas se expandiram nas profundezas do pântano e lançaram uma onda brilhante contra as margens. Um emaranhado de cabelos espessos e escuros

surgiu, então se empurrou para baixo novamente. Cauda de Scorch ou a cabeça do príncipe, ela não podia ter certeza com a dor embaçando sua visão. O pulsar que muitas vezes se acumulava nas pontas dos dedos, percorreu todo o caminho até os cotovelos e ombros. Até os ossos dela estavam quentes, doendo até a medula.

Ela enrolou o peito sobre os joelhos, lutando contra uma náusea.

Scorch ia matar a profecia. O Pégaso havia se apressado em cena. Ele deu uma olhada para ela e deduziu que ela havia sido ferida na mão do príncipe. Como sempre, ele assumiu o pior e atacou.

Em seu estado, ela estava fraca demais para impedi-lo. O que ela teria dito, afinal? Que quando ela tocou o príncipe, cada momento que se seguiu tinha saído de controle? Que, ao mesmo tempo, o evento parecia em ordem, como se tivesse sido disposto, tijolo por tijolo - uma ponte entre dois caminhos que nunca deveria ter cruzado?

Nunca poderia ter cruzado.

No entanto eles tinham.

Magia estava em ação no destino do príncipe, mas por que isso a envolveria? Ela não era ninguém. A não ser que, a não ser que ela fosse mais do que sonhara, como a mãe do sudário dissera. Deve haver alguma explicação para os paralelos que ela viu entre ela e esse homem - pela forma como o contato pele a pele foi tão abrangente que beirava o combustível.

Limpando a cabeça com um sopro de decadência e flores carbonizadas, ela empurrou as palmas doloridas contra os joelhos e ficou trêmula. Este não era o momento da introspecção. Ela tinha que salvar o príncipe do temperamento bestial de Scorch, pois foi isso que trouxe os dois juntos.

Arrastando-se através da sucção do lodo, ela lutou pelo equilíbrio a caminho do banco. Na borda, ela agarrou uma trepadeira entre seus espinhos. Ela mordeu de volta a bílis subindo em sua garganta, querendo evitar outro ferimento, outra cicatriz. Ela sofreu bastante dor hoje - emocional e fisicamente. No entanto, isso não a impediu no passado, e isso não poderia impedi-la agora.

Ela se preparou para amarrar a corda espinhosa em volta da cintura, como fizera há tantos anos, para poder mergulhar.

Um coro de som por trás lhe deu uma pausa. Ela olhou por cima do ombro. Uma invasão de grilos negros saltou das rochas. Ela esqueceu os frascos quebrando quando ela os deixou cair. Um redemoinho de sombras seguiu os insetos - não tendo razão para se esconder naquele matagal escuro e farpado.

Ela mal teve tempo de reagir enquanto eles a cercavam e a forçaram a derrubar a trepadeira e retirar-se das margens. As sombras cutucavam com rajadas de ar gelado e os grilos esfregavam as pernas, compondo uma música tão aguda que ela teve de recuar para salvar os ouvidos.

Ela não estava com medo; não por si mesma. As mortalhas disseram que essas criaturas já foram seus protetores. Mesmo com a presença deles tão nova para ela, ela sentiu que eles estavam tentando mantê-la segura.

O que eles não perceberam foi que, protegendo-a, estavam arriscando seu príncipe da noite. Seu peito apertou o pensamento, perplexo por que ela se importava. Foi Scorch quem foi seu amigo mais querido. Então, por que ela foi levada a salvar os dois com a mesma necessidade desesperada? Ela queria acreditar em seu desejo de ajudar o príncipe a se concentrar no bem-estar de Crony, mas havia mais. Ela o ouviu derramar seu coração para sua irmã - testemunhou sua humanidade e vulnerabilidades. Ele era um bom homem.

Deixe-me passar. Ela implorou, esticando o pescoço para ver em torno de seus protetores barulhentos e rastejantes. *Eles vão se matar.*

Sua barricada não cedeu. Eles a empurraram a vários metros de distância do banco quando um rugido abafado tocou a superfície do pântano; Uma onda de fogo e água a empurrou para trás e bateu com a cabeça no chão. Tudo ficou escuro.

O som dos chilres rítmicos despertou-a. Ela gemeu, incerta quanto tempo ela ficou lá. Uma dor de cabeça batia na parte de trás de seu crânio. Seus olhos se esforçaram para abrir, mas a lama do pântano emaranhou seus cílios - tornando o esforço quase impossível.

No entanto, ela precisava olhar. Algo estava ao lado dela, grande, quente e respirando. Cabelos longos e sedosos faziam cócegas em sua bochecha e os movimentos de pluma ao longo de seu couro cabeludo pareciam o focinho de um cavalo. Com um começo, ela percebeu que eram grilos rastejando em sua cabeça. Ela se sentou e cuspiu nas mãos, esfregando os olhos até que os cílios se soltaram.

Ela piscou. Seu entorno resolveu clareza. O príncipe estava esparramado, imóvel no chão ao lado dela. Marcas de arraste perfuraram a lama, como se ele tivesse sido jogado do pântano e rastejado até ela antes de desmoronar. As sombras se curvaram em um círculo ao redor dele.

Stain as jogou para longe e elas se dirigiram para os grilos, expandindo seu raio, mas se recusando a sair - formando um anel em volta dela e do príncipe.

Ela se inclinou para um olhar mais atento, transfixado. Fechaduras úmidas de cabelos negros cobriam seu rosto, tão grossas que só um vislumbre de pálpebras fechadas podia ser visto onde seus cílios espetados irromperam. Sua camisa ensopada, rasgada e queimada em farrapos, revelava uma trilha de cabelos escuros que começava entre as clavículas e se desbotava em fios de linho sobre outra carapaça metálica. Este vislumbrava seu abdômen no brilho do pântano. Como seu antebraço, era como se uma camada de dourado tivesse sido pintada através de ondulações de músculos, transformando-o, pouco a pouco, em uma estátua. O peito, os ombros, os braços e o rosto finamente cortados pareciam ainda mais escuros quando justapostos às placas esporádicas de ouro brilhante e a centenas de cicatrizes brancas levantadas - lembranças ossificadas da dor que ele suportara durante toda a sua jovem vida.

Seu peito subiu e desceu, a cadência rítmica de seu batimento cardíaco chutando por baixo do esterno. Stain viu os torsos de outros homens à mostra, mas nenhum deles tão perto da idade dela. Nenhum compartilhava as imperfeições únicas deste homem, ou sofreu sua maldição debilitante.

A curiosidade superou a cautela, e ela abaixou a mão, os dedos percorrendo o caminho de cabelos grossos ao longo do peito, tomando cuidado

para não entrar em contato com a carne, por medo do efeito que poderia ter por conta própria. Ela parou em cima de seu abdômen brilhante, onde os cabelos cederam aos fios rígidos de linho. Eles seguravam as pontas dos dedos como se fossem cardos. A luz radiante penetrava em cada fio e nos dedos dela. Pontas picantes se espalham por todos os dedos. Lá em seu antebraço, sua marca ainda permanecia. Ela considerou tentar ajudá-lo, perguntou-se se a agonia resultante valeria a pena. O que aconteceria se ela tentasse tirar toda a luz do sol de seu corpo e cultivar mil flores nesta ravina? Isso a mataria?

Scorch insistiria que ela nem tentasse, que a realeza não valia a pena. Talvez ele estivesse certo. Este homem tinha ameaçado Crony e possivelmente Luce - intencional ou não.

Os cílios do príncipe tremeram, como se ele pudesse sentir seu debate mental e a indagação descarada de seu corpo.

Ela empurrou a mão para trás, o rosto aquecendo.

Scorch.

O nome dele tinha se mexido em uma reflexão tardia, mas agora ele perfurava como uma faca, deixando-a exposta à quietude silenciosa.

Stain saltou de pé e olhou através dos guardas das sombras, vendo nada mais do que trepadeiras. As flores tinham sido queimadas pela explosão ou estavam incandescendo com brasas que em breve desapareceriam.

O príncipe estava aqui, então onde estava o Pégaso? Seu estômago se apertou ansiosamente. Dando um passo, ela desalojou algo ao lado da mão flácida do príncipe e se agachou para pegá-lo. Sua adaga, ou o que restou dela. A alça deu lugar a um cano curto, derretido pelo sangue voltaico.

Sangue de Scorch.

Aquela consciência afiada cortou seu coração, roubando sua respiração. Stain correu em direção aos bancos pantanosos. As sombras apertaram sua barricada, mas ela lutou contra as rajadas - inclinando-se para eles em um esforço para se libertar.

Dedos presos em torno de sua bota por trás. Mesmo através do couro, eles

estavam quentes e fortes. Ela quase tropeçou ajustando sua postura. Ela olhou por cima do ombro quando o príncipe gemeu e rolou para mais perto.

—Espere. — Ele murmurou tão baixo que ela se esforçou para ouvir.

Rosnando, ela chutou para ele enquanto gritava com as mãos. *Você o esfaqueou e o deixou se afogar!* Ela se lançou na direção do poço pantanoso.

Ele sentou-se com algum esforço, apertando a mão da perna da calça rasgada para garantir um aperto mais apertado. — Não. — A palavra saiu em um gemido estrondoso, como se ele estivesse tentando se lembrar de como falar. Um brilho estranho iluminou seus olhos escuros, quase como uma faísca. — Não haverá embrulho em arbustos para nadar nas profundezas novamente.

Stain inclinou a cabeça. Como ele sabia que ela planejava fazer isso? Que ela já fez isso? A rouquidão de seu comando lembrou-lhe a voz de Scorch, deixando-a mais desesperada. *Eu tenho que ir atrás dele!* Seus dedos gritaram.

—Absolutamente não. Uma vez na vida é o suficiente. — Suas palavras vieram mais fortes agora, ganhando impulso. — Duas vezes poderia te matar. Eu sei do que falo. — Ele estremeceu e agarrou seu peito com a mão livre.

Duas vezes poderia te matar? O que ele estava falando? Ela não se importou. Ela admirara seu forte batimento cardíaco apenas alguns minutos antes. Agora, ela queria arrancar a fonte do sangue de sua vida. *Você não sabe nada!* Ela assinou.

—Eu sei que você não vai encontrá-lo. — Ele a soltou e se levantou, elevando-se sobre ela enquanto ele respirava fundo, medido. Ela estava presa - entre ele e as sombras não havia caminho claro para o pântano. Seus músculos se agitaram sob a camisa rasgada enquanto suas mãos se fechavam e soltavam; Parecia preocupado com os movimentos, levantando os braços e estudando os dedos na luz suave. Os farrapos de sua camisa se abriram, e uma vibração dourada percorreu seu esterno como veias douradas. Ele se virou antes que ela pudesse entender. Suas costas a encararam enquanto observava as marcas de arrasto de seu corpo saindo da lama.

As sombras não obstruíam mais a visão da superfície do pântano. Elas

pairaram em torno dela e do príncipe, como se não tivesse certeza de quem defender ou quem bloquear. Os grilos começaram a cantar novamente, sua música ainda mais tumultuosa e caótica do que antes.

Stain empurrou o príncipe para chamar sua atenção. Ele virou-se - as maçãs do rosto esculpidas se amassaram em algum lugar entre perplexidade e descrença.

Eu sentiria se ele tivesse ido embora. Suas mãos gritaram para ele, embora seus olhos se arrepiassem. Ela amaldiçoou as lágrimas que se recusaram a se libertar. *Meu coração saberia. Agora se mexa!* Ela espetou um ombro em seu peito. A placa de ouro no abdômen dele tocou em voz alta, mas ele não vacilou; Ele parecia mais forte agora do que quando ela o superou hoje cedo, o que era contraditório com a maneira como ele continuava estremecendo como se estivesse sofrendo.

—Eu não disse, que ele foi embora. — Suas feições se fixaram em determinação dolorosa.

Ela correu ao redor dele, determinada a dragar as profundezas do pântano, por quanto tempo demorasse. Para trazer Scorch de volta.

Vesper a pegou pela cintura e a girou. Ele caiu no chão, arrastando-a com ele. Ela caiu de joelhos ao lado dele, seus rostos nivelados.

—Você sabe o que eu sou? — Ele perguntou - sem fôlego, como se não tivesse certeza.

Eu sei o que você não é. Um nobre príncipe. Suas mãos acusadas, agitaram-se em um frenesi por preocupação sobre seus entes queridos e o perigo que ele os colocava.

—Eu sou um homem. — Disse ele, novamente preocupado com as mãos e os braços.

Você é um assassino. E você deveria estar se afogando! Ela atacou com os punhos.

Como se antecipando a reação dela, ele pegou um pulso em cada mão, mantendo a camisa dela entre a pele dele e a dela. A intensidade bruxuleante

voltou atrás de seus olhos quando ele apertou os dedos, testando sua força.

—Você sente isso? — Ele sussurrou. — Eu estou tocando em você.

A garganta de Stain secou, pois não havia dúvidas sobre o que ela sentia. Um calor febril queimava através do tecido no contato, diferente da intrusão de sua peste dourada. Um calor que fez o resto dela frio e desolado; cada nervo sob sua pele tornou-se um campo de sementes dormentes, ansioso por um gole daquele calor para que pudessem florescer à vida.

Perplexa com as reações de seu corpo, ela empurrou contra ele, com força. Ele manteve o controle sobre ela enquanto tentava se manter equilibrado, mas o impulso de seu empurrão o colocou de costas e a arrastou através dele. Ela bateu em seu peito, raiva aumentando por tudo que ele fez para seus entes queridos. Ele prendeu os pulsos dela onde a camisa dele se agrupou em rugas entre eles, como se para parar o ataque. Sua respiração ficou presa na sensação latente de sua pele quase se tocando, em curvas suaves rendendo-se a ângulos duros e planos.

Ele levantou a cabeça, a boca na orelha dela. — Mostre-me como você é feroz, pequena coisa insignificante. — Ele murmurou, baixo e rouco. — Eu prevejo que, desta vez, você pode me convencer a deixar você vencer.

Ela se acalmou. Todos os músculos - mantidos enrolados e prontos para saltar - foram flexíveis sob aqueles lábios que pairavam ao longo do lóbulo, sob aquelas palavras íntimas que ele desconhecia, sob um perfume que não podia pertencer a nenhum homem: penas, grama chamuscada e trevo doce.

Ela apoiou os cotovelos para estudar o rosto dele. Ela estudou suas feições, por sua vez, encantada - uma expressão presa, como se ele fosse o único flutuando em ondas de incredulidade. Então ele sorriu maravilhado, um flash estonteante de dentes brancos em meio ao borrão de barba que escurecia sua mandíbula.

Do que você me chamou? Empoleirada nos cotovelos, ela não conseguiu assinar. Então ela fez a pergunta com seus pensamentos, nunca esperando uma resposta.

Pequena coisa insignificante. A resposta bateu em sua mente, embora os lábios do príncipe não se movessem.

Ela se esforçou para olhar por cima do ombro. *Storch!* Ele tinha que estar aqui. Era a voz dele estendendo a mão. Mas de onde? O príncipe apertou seus pulsos. *Eu estou aqui embaixo de você, Stain.*

Sua atenção voltou para o príncipe. Ele não sabia o nome dela. Ela tentou dizer a ele mais cedo, mas ele entendeu mal...

Sou eu. Veja como um animal faria com seu coração e não com seus olhos.

Ela se esforçou para se sentar, resistindo à vontade de passar os dedos por aquele emaranhado de cabelos escuros espalhados atrás da cabeça como a crina de um cavalo, para testar se ela conhecia sua textura. Aqueles fios grossos e ondulados pareciam fora de lugar, emoldurando um rosto humano ao mesmo tempo estranho e familiar. Era como se ela o visse todos os dias sem perceber, nas curvas elegantes da silhueta de Scorch trotando através dos troncos das árvores, na impressão de sua visão quando relâmpagos brotavam através de folhas quebradas e ela fechava os olhos para reter o perfil alado de Scorch, com sombra e cinzas na parte de trás de suas pálpebras.

O príncipe estendeu a mão para varrer os nós dos dedos pelos cabelos curtos em sua têmpora, ainda evitando sua pele nua, como se preocupada que ele a infectasse novamente com a luz do sol. *Eu te conheçeria pela sua voz... Assim como ela disse que eu faria.*

Stain inclinou a cabeça para fora do alcance dele. *Ela quem?*

Sua mão ainda estava suspensa no ar. Ele parecia relutante em largá-la, então ficou ali, esperando por outro toque. *Você percebe quanto tempo tem sido? Desde que eu pude falar de uma mente para outra? Cinco anos. No entanto, não foi, foi? Para a parte de mim que eu pensei que tinha perdido estava aqui o tempo todo, com você, conversando em silêncio. Argumentos, debates. Compartilhando segredos, aventuras e risadas.*

Não, só o Scorch fala comigo assim. É só Scorch! Ela bateu a mão de lado e recuou mais, agarrando-se a qualquer fio lógico para tecer uma explicação.

Teria ele absorvido as memórias do Pégasus de alguma forma quando eles lutaram no pântano? O fluxo de luz embaixo da escuridão tem algo a ver com essas circunstâncias inconcebíveis?

O príncipe se sentou e segurou seu joelho, não permitindo que ela escapasse. — Eu sou Scorch. — A sinceridade puxou suas feições régias - suas sobrancelhas escuras pesadas com a mesma tristeza ponderada que ele usava quando discutia seu papel na profecia com sua irmã. Ele acreditava que o que ele disse era verdade.

Não, é impossível...

Seu bufar exasperado lembrou-a do Pégaso - de todas as vezes que ela agia "muito humana" e ele bufava em frustração. — Se é impossível, então como eu sei que o seu nariz enruga assim toda vez que você se concentra?

Ela deu um tapinha na ponte do nariz, sentindo a pele enrugada para si mesma.

—E como eu sei que quando você olha dentro do espelho encantado de Crony, você vê seu verdadeiro eu. Uma garota, com cabelos longos e sedosos e sem cicatrizes.

Seu queixo caiu.

Ele fez uma pausa, franzindo a testa. Seus dedos roçaram os trapos de sua camisa, como se sentisse algo rastejando ali. Ele mordeu de volta um grunhido. — Como eu sei que você anseia por palavras doces e emoções sinceras, e que você chora sem lágrimas toda vez que chove lá fora porque você é incapaz de escapar desta prisão e correr pelos céus abertos? — Uma tosse interrompeu suas extraordinárias observações. Ele se encolheu, mas continuou. — Como eu sei que você salvou minha vida nesse pântano quando você já estava sangrando e quebrando? Que no seu momento mais sombrio, quando você se perdeu, você me encontrou.

Seus olhos incharam, pesados e arranhados, cheios de areia cruel. Ela pegou a faca derretida e ofereceu a única explicação que ela tinha. *Você o matou, tentando se defender*. A admissão cortou seus ossos. Um soluço arrancado do

corpo arrancou de seu peito. *Você absorveu o espírito dele. O pântano deve ser encantado.*

A testa do príncipe franziu em solidariedade. — Eu não o matei. Eu conquistei ele. — Sua nova força parecia estar diminuindo; De repente, ele parecia cansado. — Eu sou ele, sua força bestial com a qual você valsou nas brasas, que você alimentou de sua mão. Eu tenho sido ele o tempo todo. Ou ele tem sido eu. Eu posso explicar-

O latido de um cachorro na abertura do matagal interrompeu.

—Príncipe Vesper! Majestade! —Várias vozes preocupadas se chamaram, seguidas pelo pontapé de cavalos. Stain engasgou em um suspiro assustado quando o cocker spaniel saltou para dentro. Galhos estalaram sob as patas do cachorro em sua jornada através dos arbustos.

Sabendo que a comitiva do príncipe ficaria logo atrás, Stain largou a faca e ficou de pé.

O príncipe tentou detê-la, mas caiu de joelhos e segurou seu peito. — Espera. — Ele gemeu.

Ela queria esperar, mas toda a sua bravura, toda a sua ferocidade, estava afundada com o cadáver de Scorch no fundo do pântano.

Nós vamos resolver isso. O príncipe usou a voz interior de Scorch novamente, rasgando sua mente como uma debandada de cascos, deixando marcas irregulares em seu coração. *Fique comigo . . . por favor.*

Muitos pensamentos surgiram dentro dela. Um subiu acima da briga, mas em vez de protegê-la, arrastou-a para baixo.

Seu querido amigo se foi, sua essência de alguma forma trancada dentro de um lindo príncipe que pertencia a dois reinos, uma princesa e uma profecia em que ela não tinha lugar. Ela não podia ficar... não poderia pertencer a ele agora. Tudo o que restava era conseguir a família dela de volta - alguém com quem ficar de pé, alguém com quem segurar as mãos enquanto o sol e a lua se juntavam quando o príncipe se casasse com sua noiva e isso vibrou o coração de Stain.

Ela segurou seu olhar, vendo Scorch olhar para trás daqueles angustiados olhos iluminados pelo fogo. Foi demais. Seus grilos e sombras já haviam recuado, abrigando-se no alforje sem vidro quebrado - escondidos em segurança ao lado dos inestimáveis presentes da princesa. Girando, Stain agarrou a alça antes de fazê-la escapar, desesperada para manter e proteger os únicos companheiros ainda ao seu alcance.

Os apelos do príncipe enfraqueceram tanto em sua mente quanto em seus ouvidos, mas ela não recuou. Em vez disso, ela tomou um caminho oculto. Refletiu as vinhas pisoteadas deixadas por um Pégasus cinco anos antes, enquanto ele se debatia com essas silvas, vitorioso em sua liberdade - uma liberdade conquistada nas mãos marcadas de uma criancinha sem nome, nada maior que uma partícula de poeira. O que era exatamente o quão pequena e inadequada ela se sentia agora, quando cada passo doloroso a levava para o desconhecido vazio.

Parte três

Em que a rosa

Torna-se o espinho

21

Invasão, Amargura e Arrebatamento



As árvores, negras como breu e inclinadas como gigantes velhas e murchas, esperavam para saudar Stain quando ela mergulhava no bosque de amoreiras. Ela teve o cuidado de não ser vista pelo séquito do príncipe enquanto trocava lixo por cinzas. Um gemido masculino rompeu a quietude, perfurou seus tímpanos e coração com a precisão de uma lança e a deteve em seu caminho.

Foi Scorch, não, Vesper. De alguma forma, os dois estavam entrelaçados e inacessíveis para ela. Outro gemido agonizante ressoou, e o pedido do príncipe bateu nela: *Fique comigo, por favor.* Suas mãos seguravam um galho de árvore, forçando as pernas a ficar paradas quando tudo o que queriam era correr para ele e ajudar.

Quando outro grito veio, ela colocou um pé para frente, mas parou quando o grito de uma banshee anulou o eco. Lá em cima, o monstruoso corvo de um olho deslizou pelo dossel como uma visão fantasmagórica. Stain se escondeu atrás do tronco. Ela agarrou o alforje, convencida de que o pássaro a estava procurando por seu roubo.

Assim que desceu e desapareceu no outro lado dos arbustos, ela relaxou, mais aliviada por Vesper do que ela mesma. Seu corpo já amaldiçoado parecia estar reagindo à invasão de Scorch. O estranho e encantado corvo poderia ajudá-lo de maneiras que Stain nunca conseguiria. Logo ele cavalgaria ao lado de sua

comitiva - com Scorch aninhado em sua mente - para encontrar sua princesa. Ele deixaria todos os horrores da ravina para trás e abraçaria o destino extraordinário para o qual ele nasceu.

Stain engoliu em seco aquele gosto cada vez mais familiar em sua língua, a salmoura da inveja. Queimava agora, mais ácida, pensando em quanto o que uma vez pertenceu a ela estava sendo reivindicado pelo castelo de Eldoria.

Ela ficou cansada e fez o seu caminho através das árvores. Embora ela tivesse visto essa visão, por mais que ela pudesse lembrar de sua vida, parecia estrangeira agora. As copas grossas e frondosas pareciam enrolar-se para dentro como se quisessem mastigá-la.

Isso a deixou tonta de olhar para elas, então ela baixou o olhar. Ela vagou em uma fuga, sua mente tão nebulosa quanto o terreno empoeirado que ela mexia a cada passo arrastado.

Apesar do cheiro de cinzas de decadência, seu estômago apertava, a fome escavava suas garras mais fundo, outro buraco que ela precisava encher. Ela tinha a habilidade de procurar comida, mas estava cansada demais.

A desolação de sua caminhada confirmou que o rumo da cessação havia começado. Todo mundo estava dormindo. A floresta estava quieta - espalhando seu contágio de tranquilidade.

O ritmo de Stain diminuiu. Luce assombrou seus pensamentos. Ele e Crony tinham um código, e Stain esperava que ele tivesse cumprido, que ele tivesse escapado quando sua preciosa companheira foi levada e estava planejando uma maneira de salvá-la.

Stain não esperava que ele esperasse pela ajuda dela; ele provavelmente já havia saído. Com suas fragilidades, ela não pôde fazer a caminhada até o castelo sob a exposição total do sol. Mesmo envolta em roupas, e mesmo com o céu nublado lá fora, sua carne empolaria e farejaria como se estivesse nua em uma fogueira. Ela sabia, por experiência própria, que o protetor de bálsamo de Crony só trabalhava com luz fraca e silenciosa, filtrando-se através de pequenos buracos no dossel.

Se houvesse alguma maneira de chegar ao castelo por conta própria, ela aceitaria.

Levantando o alforje mais alto em seu ombro, ondas se moviam dentro. As criaturas da noite, Dregs dissera algo sobre as sombras enquanto ela estava em seu estande, que eles foram feitos para a princesa, para vestimenta de algum tipo. Mas como poderia a roupa ser feita de sombras e com que objetivo? Em homenagem ao príncipe da noite? Stain sabia muito pouco sobre Eldoria e sua história, ela não podia começar a adivinhar.

A princesa se escondeu anos atrás, pouco depois da morte do rei, quando vários habitantes do castelo foram assassinados por um feitiço maligno - embora nenhuma vítima tenha recebido nomes aqui. A ameaça à vida da princesa era tão notória que ela se retirou para a masmorra. Então uma infestação de videiras de madressilva farpadas, destinadas a proteger o palácio, se espalhou em todos os cantos e recantos do reino. Havia rumores de que as sombras poderiam ter a capacidade de encolher as gigantescas plantas de madressilva. Foi por isso que trazer a lua de volta significava muito para Eldoria.

Os cílios de Stain ficaram pesados como se fossem de ferro. Suas pálpebras caíram e seus passos diminuíram. Seus ossos também pareciam de ferro, tão pesados que doía levantá-los.

Ela mal notou o fedor da poça de pelo borbulhante derrapando em seu caminho. Seu progresso dividiu um caminho através das cinzas, enviando o pó voando de ambos os lados. A espuma consciente a pegou antes que ela pudesse pular fora do caminho. Seu pé começou a afundar. Rangendo os dentes, ela saiu da bota a tempo de assistir a ser engolida. Antes que a poça pudesse capturar seu pé descalço, ela pulou para a direita e se espremeu em um círculo de árvores retorcidas. Suas raízes crescidas formaram um ninho que nenhuma poça poderia penetrar. Soltando um grunhido de bolhas, o pigarro saiu do jeito que veio. Deixando o alforje escorregar, Stain se encolheu, o coração batendo no chamado. Ela descansou sua bochecha contra o couro. Em todos os lugares, raízes entrelaçadas espetavam carne tenra e machucada.

A solidão entrava em seu sono, formando sonhos tão vazios quanto seu estômago. Ela não tinha certeza de quanto tempo ela cochilava quando algo molhado empurrou contra sua nuca e fungou, acordando-a. Ela se virou para encontrar a raposa ao lado dela - com um rosnado que parecia suspeito como uma carranca.

Ela imitou as palavras: *você é um sonho?*

Suas orelhas pontudas recuaram e ele espirrou uma camada de poeira de suas narinas. O spray espirrou sua testa, assegurando-lhe que ele era real.

—Você tem alguma ideia de quanto tempo eu tenho cavado através desta fossa de esgoto para você? — O barítono de seda de Luce saiu de seu focinho com suíças como um chicote. — Dregs e Edith disseram que viram você brincando com Scorch. Crony está em perigo, mas você saiu com seu burro, perdendo um tempo precioso.

Stain jogou os braços ao redor do pescoço da raposa e enterrou o rosto em sua pele, querendo se afogar em sua mistura de pelos de animais, homem. *Me desculpe, Luce. Eu te amo. Estou tão feliz por você estar vivo!* Ela não podia se arriscar a perder o controle sobre ele para assinar as palavras, e não teria como ouvi-la do contrário.

Apenas Scorch poderia, apenas Vesper faria...

Seus olhos se fecharam contra uma nova onda de perda. Ela segurou a Luce pela sua vida - mais do que ela já abraçou, e mais forte do que ela jamais ousou. Fome, exaustão e emoção sacudiram seu corpo de dentro para fora.

A coluna canina de Luce se contraiu. Sua cauda roçou a perna e o brilho vermelho e a fumaça prateada girou em torno de ambos. Ela o abraçou durante toda a transformação: enquanto seu longo focinho se transformava em traços masculinos - maçãs do rosto afiadas, nariz com uma ponta aguda e pontiaguda e uma boca severa e bonita; como ombros, esguios e sólidos, surgiram para embalar sua têmpora.

Quando ela finalmente abriu os olhos, ambos estavam de joelhos e seus braços a seguraram - uma grinalda quente e reconfortante de carne e ossos

humanos. Juntos, os dois encheram o ninho de raízes. Ela se aconchegou na camisa que era há pouco tempo uma faixa branca de pele entre duas pernas dianteiras. Seu talismã de cabelo trançado, o que combinava com o dela, pressionou sua bochecha. Um lembrete de Crony. Um lembrete de família e segurança.

—Lá agora... — A voz de Luce continha uma nota de perplexidade. Ele acariciou seu couro cabeludo, conferindo uma ternura que raramente mostrava. — Nós te machucamos, mas isso nunca foi o nosso objetivo. Os segredos que guardamos foram feitos para ajudar. Um dia em breve você vai entender.

Ela não deu resposta, mas seu corpo se acomodou em uma dormência derretida. Uma vez que ela parou de tremer, ele a esticou ao comprimento do braço.

—Vamos dar uma olhada. — Ele gentilmente a examinou, estudando as novas queimaduras, arranhões e perfurações. Ele estremeceu, seus olhos laranja brilhando. Olhando para as roupas dela, ele lançou um olhar para o rosto dela. — Você não tem nenhum negócio de estar no vale em tal estado.

Stain assumiu que ele se referia a sua bota perdida e olhou para baixo. Seu colete estava quase completamente queimado. Por baixo, a camisa branca e molhada, quase transparente, abraçava sua pele. Por mais humildes que fossem seus atributos, sua feminilidade era inconfundível. Os rasgos na roupa dela devem ter sido resultado da explosão no pântano. Muito estava passando por sua mente quando ela despertou para considerar sua aparência. Ela estava preocupada em encontrar Scorch e distrair-se com o príncipe: tocando-o enquanto ele dormia, discutindo com ele quando ele acordou, deitado em seu peito com nada além de fios que separam sua carne.

Ofegante, ela cruzou os braços sobre a camisa.

Os pontos dos dentes de Luce atravessaram os lábios dele. Ele tirou a jaqueta e colocou sobre os ombros dela. — Alguém viu você, além do seu Pégasus?

Stain não sabia como responder isso.

—Droga. Conte-me. Alguém sabe que você é uma garota?

O assaltante, ela assinou, movendo apenas os dedos e mantendo os braços no lugar. *O príncipe*, ela corrigiu.

—Espere, você sabe que ele é um príncipe? E ele percebeu que você é uma menina? —As orelhas de raposa de Luce se inclinaram para frente; ele quase parecia empolgado com a perspectiva.

Stain assentiu, confusa com a reação dele. Mas ele saberia de qualquer maneira. Mesmo que ele não tivesse destruído eles...

As bochechas de Luce estavam vermelhas como o cabelo dele.

— O príncipe fez isso? — Ele gesticulou para suas roupas esfarrapadas escondidas sob o paletó.

Stain assentiu, mas antes que ela pudesse explicar a explosão, Luce interrompeu.

—O príncipe te violentou? — Não havia nada de sedoso na voz do sílfide agora. Foi o som de uma tempestade: trovão, granizo e estalos violentos. — Eu vou mutilar ele. E então eu vou matá-lo.

Stain balançou a cabeça e mexeu as mãos para a ação. *Não. Ele é nobre, importante. Ele é o príncipe da profecia.*

—Estou bem ciente disso. É por isso que pretendo mutilá-lo primeiro. Então, uma vez que ele tenha cumprido seu propósito, eu vou matá-lo. A nobreza é tão vulnerável quanto qualquer outro ser humano. Eu tenho experiência no assunto.

Ela pretendia pedir detalhes - se ele se referisse à princesa Eldoriana que os sudários mencionaram - mas ele já estava de pé. Alimentado por sua raiva, sua incandescência sobrenatural banhava as raízes e os troncos das árvores à luz celestial.

Você está entendendo mal. Stain tentou argumentar com ele. *O príncipe não quis fazer isso. Foi um acidente. Scorch...* Ela parou então, seus ombros caíram. Não havia maneira razoável de terminar essa explicação.

Luce estalou os dedos. — Eu sabia! Eu disse a Crony que o burro voador

seria a ruína de tudo. Ele lutou com o príncipe de novo e você teve que separá-los. Espero que a Alteza dele tenha outra boa facada. É hora de o idiota aprender algumas maneiras.

Stain subiu em pé. *Nunca fale outra palavra contra o Scorch. Não haverá mais.* Ela esqueceu sua modéstia e largou o paletó, liberando braços, mãos e dedos para liberar uma torrente irregular de palavras. *Não mais influência de sua falta de boas maneiras. Não mais me distrair do meu trabalho. Não mais brincando com ele através da ravina quando eu deveria estar cuidando de flores. Nós nunca mais ficaremos juntos novamente!* Ela soluçou - um jato arejado que raspou sua traqueia. Scorch se foi. *Ele e o príncipe, eles estão juntos, tudo se foi. Você está feliz?*

Luce caiu de joelhos, apertando seus ombros. Sua súbita mudança de humor a perturbou tanto quanto a própria admissão.

— O príncipe morreu? Não não não. Isso não pode ser. Eles mataram um ao outro? Stain, o que aconteceu lá fora?

Ela tentou explicar, seus dedos tomando Luce onde sua mente temia pisar. *Eu não sei... é difícil...* Ela cerrou as mãos e fez outra tentativa. *Ele não está morto. Nenhum deles está morto. Eles estão apenas, juntos.*

—Juntos? — Sua coalescência espiritual ainda era muito crua e confusa para colocar em palavras. Além disso, insistir na perda só atrapalharia o que precisava ser feito.

Estamos perdendo tempo. Não foi o que você disse? Eu sei sobre o Crony, ela está sendo levada para o calabouço de Eldoria. Recordando as perguntas que o príncipe lhe fez, Stain procurou suas próprias respostas. *Ela é culpada de conspirar contra a princesa? Será que ela abriga má vontade para ela?*

Luce piscou, como se quisesse libertar-se dos fios pendentes de sua conversa abandonada sobre Scorch. — A má vontade é o mais distante do que Crony sente. E a única coisa que ela já conspirou para fazer é o que é certo. — Ele franziu a testa, como se lembrar de sua companheira era como um ladrão que roubou mais do que apenas lembranças dos moribundos. — Bem, pelo menos

onde diz respeito à princesa.

Então você tem que chegar ao castelo e defender seu caso. O príncipe quer que ela tenha um julgamento justo.

—Melhores intenções à parte, não houve um julgamento justo em Eldoria desde que a regente sedenta de sangue. — Luce enrolou o nariz, como um cachorro farejando algo sujo. Seu olhar caiu, como se ele não pudesse olhá-la no rosto. — Desde a morte do rei. Eu vou acabar com Crony fora da masmorra antes de qualquer julgamento.

Então você tem um plano?

—Sim. — Ele se levantou novamente. — Ao longo das margens do Lago de Cristal, há uma maneira de evitar a praga da madressilva. Isso leva diretamente para a masmorra através de um túnel secreto - um atalho. Eu sei onde a porta está escondida, e eu tenho uma chave para desbloquear.

Era mais do que a altura de Luce, fazendo-a se sentir pequena agora. Foi sua incapacidade de deixar este terreno baldio. *Posso fazer algo daqui? Eu quero ajudar. Eu daria qualquer coisa para acompanhá-lo.*

—Se você quiser vir, então você vai. Crony está dependendo disso, na verdade. — Ele mordeu o lábio, obviamente repensando. — Ela vai querer ver você, eu quero dizer. Você não percebe o quão importante você é para ela. Quanta felicidade você trouxe para sua vida. Com as flores; com seus sorrisos; com aqueles olhos que buscam o bem e a beleza em tudo, e aquele coração corajoso que deseja ajudar os outros a ver o mesmo. Você é sua família. Ela precisa de você.

Stain olhou fixamente, subjugada pelo elogio inesperado. Ele segurou seu olhar por um momento antes de desviar o olhar. Ela sentiu o resto do que ele não podia dizer - que ele também compartilhava os sentimentos de Crony.

Mãos se torceram em nós silenciosos, ela olhou para baixo. A doçura da fé de Luce aninhava-se atrás de seus longos cílios, aquecendo seus olhos. Durante horas, sua cabeça estava dizendo a ela que Crony e Luce nunca a machucariam intencionalmente; agora todo o seu eu acreditava. Com o tempo, eles

explicariam suas mentiras. A única verdade que ela precisava saber hoje era que eles a amavam e dependiam dela tanto quanto ela.

Luce limpou a garganta e enfiou as mãos nos bolsos. — Eu tenho uma maneira de transportar você pela luz do sol com segurança. Dregs usa caixas alinhadas com o céu noturno para trazer suas remessas ao vivo aqui. Vai ser um ajuste apertado, mas você é jovem e magra. Ele até fornece o carrinho de rodas que o acompanha.

Stain se encolheu. Ela não tinha certeza do que era o céu noturno, mas o que a preocupava era ser empurrada dentro de um caixão novamente, da mesma forma que ela chegou anos atrás. Embora não conseguisse se lembrar daquela jornada sombria, o pensamento a sufocou - apertou os pulmões e as marcas de perfuração em sua pele pulsaram como se fossem pequenas bocas ofegantes.

Forçando seus dedos separados, ela perguntou: *Quando vamos embora?*

—Depois de juntarmos algumas armas de casa. Acho que vou pegar você, considerando que você está descalça novamente. Ah, e eu organizei um exército.

Um exército? O estômago de Stain interrompeu com um grunhido alto, distraindo Luce de sua pergunta.

—Quando foi a última vez que você comeu alguma coisa?

Ela balançou a cabeça, assinando novamente sobre o exército.

Luce levantou o alforje a seus pés. — Sim, sim. Atacar o castelo requer reforços. Eles nos encontrarão na entrada da ravina. Onde você conseguiu essa bolsa? Há alguma comida dentro? — Ele vasculhou o conteúdo, enviando sombras e grilos para dentro. Ele olhou para cima, boquiaberto. — Você os pegou de volta.

Roubei-os de volta, junto com alguns outros itens. Ela se perguntou como o príncipe reagiria quando ele percebesse; se ele a desprezasse por ter roubado dele novamente. Ou, se por meio da sensibilidade de Scorch, ele de algum modo entenderia seu desespero - pois o Pégaso a conhecia, dentro e fora.

Quanto a Luce, ele parecia despreocupado que ela tivesse roubado da realeza de Nezereth. Ele colocou o alforje no chão e retirou aquele tecido

estranho em volta dos presentes da princesa. A escova, o gancho e o anel caíram livremente na bolsa, habitando bolsões de escuridão ao lado das criaturas noturnas. A curiosidade aguçou as feições do siclão ao notar os tesouros, mas ele estava ocupado de outra forma - preso ao que se desenrolava em suas mãos: uma capa forrada com escamas de peixe cor de arco-íris e embelezada com penas negras violetas, pele prateada e rendas transparentes brilhantes. Ele subiu em suas mãos, alcançando a mancha. Olhos arregalados, ele liberou.

Stain pegou uma respiração enquanto flutuava em direção a ela. As penas, peles e rendas envolviam sua forma, organizando-se em uma capa real. Uma vez estabelecida, uma escuridão etérea atravessava-a como uma nuvem invadindo o sol - uma obscuridade aveludada e refrescante. Logo ela foi eclipsada pela névoa pairando; era de algum modo consciente, antecipando e seguindo cada movimento dela. De seu couro cabeludo até as pontas dos dedos e até os pés semicerrados, nenhum vislumbre de pele ou roupa apareceu.

Ela viu Luce por trás da tela, hipnotizada pela forma como ela silenciava sua pele luminosa e cabelos brilhantes, enquanto ainda permitia que ela visse com clareza. Um pau amargo estampou sua língua, como se ela tivesse provado um compromisso similar no passado - abrindo cores vivas para a liberdade de ficar na luz.

Luce a rodeou, observando da cabeça aos pés, sua expressão em algum lugar entre fascínio e orgulho. — Bem, bem, bem. Você não poderia ter feito saque mais adequado. Parece que você não ficará presa em uma caixa depois de tudo. Hoje, você dá o primeiro passo para o sol.

Não muito longe, no bosque de arbustos da lua, havia outro que enfrentou o sol, embora o príncipe não tenha entrado de bom grado. Flechas agonizantes de febre e ouro ameaçavam varrê-lo para baixo. O cheiro de fumaça, roupas queimadas e pele empolada virou seu estômago. Ele ficou lá, imóvel, convencido de que as brasas bordavam seus ossos - e se ousasse empurrar, seu

próprio esqueleto se desintegraria em cinzas.

Cada inalação de ar tinha gosto de fuligem e queimava seus pulmões. Para resistir ao tormento, manteve os olhos fechados e os dentes cerrados, limitando as trocas a uma ou duas palavras por fôlego esfumaçado. Ele perdeu sua capacidade de se conectar mentalmente novamente, pois levou toda a sua concentração para ficar parado.

Ele queria que sua irmã soubesse de sua descoberta milagrosa. *Eu encontrei a minha igual,* ele queria dizer. *Sua voz vive naquela parte da minha mente que eu pensei que tinha perdido. A profecia está errada. Ela não é uma princesa. Ela é a antítese de tudo o que é mimado e frágil - poderosa e cheia de cicatrizes como uma espada desgastada pela batalha; feroz e esperta como um lobo; Uma ladra, minha amiga mais leal. Ela é a única pessoa que pode me curar. Eu preciso dela. Encontre Stain!* Mas ele foi deixado sozinho em sua mente com os ecos vazios e incontestáveis, impotentes para gastar o esforço.

Sua tropa se ajoelhou ao lado dele, embora não muito perto. O calor que emanava de seu corpo febril cuspia os arbustos sob ele. Apenas o desgraçado corvo branco de Dyadia podia tocar sua carne fumegante com o bico.

—Vain. — Vesper tirou a palavra de uma língua e lábios secos e rachados como casca de inverno.

—Por que ele continua dizendo isso? — Cyprian perguntou, cansaço pesando sua voz.

Inclinando-se sobre o lado direito de seu irmão, Selena engasgou. — Oh, céus iluminados pela lua, não. A peste está infectando suas pálpebras! Se nós pudermos ver, ele não pode passar por isso. Tudo o que ele vê são manchas brilhantes de ouro. — Um soluço a silenciou.

Vesper grunhiu em seu equívoco. — Ladrão. — Ele gastou tanto esforço para empurrar qualquer som além de suas cordas vocais endurecidas, ele poderia simplesmente sussurrar.

Selena acariciou seu cabelo com uma mão enluvada. — Seu bem-estar é mais importante que os presentes roubados. Nós vamos encontrar o menino e levá-lo à justiça, uma vez que você esteja curado.

—Ela. — Ele murmurou. — Encontre... ela!

Cyprian apertou o ombro com uma luva. — Estamos, vossa majestade. A princesa é apenas uma jornada de dois dias daqui. Nós vamos chegar lá. Por favor, aguente firme.

—Sua voz. — Vesper tomou um fôlego manchado de fumaça e brasas. —

Dentro. — Outra respiração escaldante. — Minha cabeça.

O corvo cutucou e cutucou, uma intromissão desconfortável contra o caos que agitava sob a pele de Vesper. O pássaro estava checando por quaisquer restos de carne ainda maleáveis. O pavor perseguiu aquele pensamento quando o ping de metal saudou seus ouvidos das torneiras aplicadas suavemente em seu peito, seu pescoço, seu queixo.

—Dyadia, nós precisamos de você aqui! — Selena exigiu. — Não este saco insensível de penas empoeiradas. Venha para nós agora!

Uma palpitação soprou ao lado da orelha de Vesper e depois uma gargalhada de dor de mulher. Depois de uma explosão gelada, a feiticeira possuía o corpo da ave. Vesper olhou o suficiente para ver o olho do gato de Dyadia vasculhando-o, tomando o lugar da íris rosa da ave. Deixou os cílios lacrarem novamente enquanto videiras de ouro se esgueiravam por sua visão. Os murmúrios chocados de seus companheiros, notando os cabelos louros que cobriam suas sobrancelhas, arrastaram-no ainda mais para o desespero.

—Você o encontrou assim? — A pergunta de Dyadia surgiu no lugar do grasnido de sangue de Thana.

Selena tentou responder, mas um soluço ficou preso em sua garganta.

—Sim. — Cyprian assumiu. — Ele está tentando falar, mas temos que dividir o que ele diz. Faz pouco sentido. Algo sobre o ladrão e o Pégaso e o pântano. Luna seguiu os sinais de uma luta impressa na lama. Cascos de cavalos e estampas de botas de Vesper levam até a borda e, em seguida, arrastam as marcas para fora, feitas pelas mãos e joelhos de um homem. Ele está da cabeça aos pés, ainda molhado. Achamos que os dois caíram no pântano, mas apenas Vesper saiu. Parece que ele matou a fera e o menino o atacou de raiva. Há sinais deles rolando no chão, em seguida, pistas significando que o ladrão escapou desse jeito.

O corvo bateu no peito endurecido de Vesper. — Houve uma onda de mágica aqui. Ele atravessa seu corpo. O bico do pássaro nunca mente. Nosso príncipe, nosso rei, está inteiro de novo.

—O que? — Selena perguntou, fungando. — Eu não entendo.

—Anos atrás, expulsei parte dele para retardar a infestação do sol. Ele derrotou aqui hoje, reabsorvido. Mas cedo demais. Isso deveria acontecer na presença da princesa, então o luar dela poderia limpar o sangue dele. Agora a praga é dupla. Temos pouco tempo antes de reivindicar seu coração e pulmões.

—Stain! — Vesper forçou o lamento em uma rajada de ar tingido de fogo. O gosto de fumaça o sufocou. Sua traqueia apertou contra uma tosse e bloqueou a pressão dentro. Os músculos do corpo dele começaram a espasar involuntariamente.

—Tybalt, Dolyn! — Gritos desesperados de Cyprian lançaram todos em ação. — Ajude-me a levar o príncipe para Lanthe. Nós vamos para a princesa Lyra imediatamente! Se nos apressarmos, chegaremos apenas meio dia atrás de nossos companheiros.

—Não. — Disse Dyadia. — Sua noiva terá que vir até nós. Dê a ele o rascunho que enviei. A valeriana e a maracujá controlarão sua dor. Eu devo convencer sua mente e corpo que ele está morto. É o único meio de impedir a invasão do sol, mas o feitiço é antigo e temperamental, e deve ser invocado em um lugar sagrado de vida e morte. Em algum lugar familiar para o destinatário, em que seu espírito pode tomar refúgio. Eu vou tocar aqui no Nerezeth, dentro do santuário. Traga-o imediatamente. Voltarei ao meu corpo e esperarei por você. Envie a Thana uma missiva lacrada para a princesa e seu regente. Diga-lhes que Lady Lyra é necessária ao seu lado, as núpcias devem acontecer no momento em que eles chegarem no reino noturno.

—Não podemos seguir o caminho mais curto, a avalanche selou a entrada de Rigamort. — disse Selena, com a voz pesada de frustração.

—Nós não temos escolha senão ir para o portão de ferro. — Concordou Cyprian. — Se nos apressarmos, podemos fazer a viagem de cinco dias em três. Nós nos moveremos agora!

Houve um farfalhar de penas e passos, depois um frasco de vidro tocou a boca de Vesper - fresco e suave. Um líquido calmante, com sabor de frutas e

madeira ácida, escorria por sua garganta estreita. Escuridão apagou sua dor; a sonolência suspendeu seus sentidos. Aliviado, ele tentou dizer obrigado, mas seus lábios não obedeceram. Eles estavam petrificados.

Vesper percebeu com horror que já era tarde demais. Não haveria casamento, nem reconciliação do sol e da lua, nem salvaria seu povo da doença. Seu pior pesadelo se tornou realidade: ele era um homem de metal e pedra.

22
Metamorfose mais Suja



Com o curso de cessação de Eldoria em curso, cortinas pesadas foram projetadas para bloquear a luz do sol implacável - mais por hábito do que por necessidade, já que as videiras madressilvas conseguiram obstruir a maioria das janelas do castelo no momento. Os corredores e de mármore lustrosos refletiam o brilho azulado nas mãos de Griselda, enquanto velas piscavam debaixo de suas cúpulas de vidro tingido, como cúmplices astutas.

Carregando as luvas por precaução, ela manteve seus passos no chão enquanto se dirigia para as alas inferiores. Ela reorganizou a hennin sobre a

cabeça, aquecida por uma sensação de presunção. Ela manteve o segredo da chegada da bruxa por dois dias. E então o destino mais uma vez sorriu para ela, trazendo a prisioneira para o castelo enquanto todos dormiam. Ninguém no conselho sabia sobre a prisioneira ainda; ninguém tinha sido informado sobre o conteúdo da missiva lacrada da gralha, mas as filhas de Griselda e seus dois leais cavaleiros. Os ambiciosos soldados, posicionados no portão e pátio externo, esperavam ganhar um lugar de honra entre o rei e a guarda da rainha, uma vez que “Lyra” se casasse com o príncipe Vesper. Assim, eles concordaram com o comando de seu regente - entregar a bruxa aos seus primeiros cavaleiros na chegada - sem questionar.

Depois de um momento de pânico momentâneo, Griselda percebeu que não conseguiria sincronizar tudo melhor. Ela já enviara suas filhas para a cama dentro dos aposentos onde elas estavam hospedadas - livres finalmente de sua prisão clandestina. O elegante quarto da rainha pertencia agora a Lustacia, como todo o reino. Avaricette e Wrathalyne tinham se apressado em tirar proveito de seu próprio status inflado, alegando que o quarto de Sir Nicolette era delas e todos os servos trabalhavam até o osso nos últimos dois dias redecorando para elas.

Duas horas atrás, quando a bruxa chegou pela primeira vez, o guarda de Nezereth chamado Thea avisou Griselda que o príncipe Vesper e o resto de sua comitiva deveriam estar logo atrás.

Então, quando Sir Bartley e Sir Erwan levaram o prisioneiro para as masmorras, Griselda colocou seus soldados para trabalhar com seus machados ao lado das quatro escoltas Nerezetitas bem vestidas, sugerindo que usassem seu suprimento de aranhas e sombras iluminadas pelo luar para abrir caminho através das madressilvas e abelhas em preparação para a aparição do príncipe. A manobra de Griselda servia a um duplo propósito: manter os sujeitos do príncipe Vesper preocupados enquanto ela questionava, depois silenciava a bruxa; e estancar qualquer chance de que o verme de oito patas do reino da noite fosse trazido para dentro das muralhas do castelo.

Agora sozinha, Griselda levou as escadas em espiral para as entranhas do castelo, seguindo as tochas que Erwan acendia para ela. Por mais que desprezasse as trevas e as sombras, celebrava. Este era o fio solto final, então não mais atravessando o subterrâneo empoeirado como um besouro grisalho.

Ao chegar ao final dos corredores da masmorra, ela empurrou a pedra angular para abrir o túnel subterrâneo escondido. No interior, ela puxou um trinco. Clicando e batendo, a entrada se rearranjou em uma parede sólida, fechando o túnel.

Agarrando sua lanterna, ela mergulhou ainda mais abaixo do chão. Sir Erwan inclinou-se ao chegar quando ela dobrou a esquina - a tocha ao lado da porta trancada, lançando linhas rabugentas em sua pele marrom-amarelada. Ela olhou para a escuridão onde o túnel continuava a sair da vista. Em algum lugar no final, menos de um quarto de uma liga, se abria para a tomada encantada que levava ao Lago de Cristal e à Ravina Ashen além.

A nostalgia curvou-se para ela; parecia muito tempo desde que ela veio aqui com Elusion; mas essa não foi a memória que ela abraçou. Foi o momento em que ela enviou o cadáver da sobrinha através do túnel que a aqueceu. O único arrependimento de Griselda foi que ela não largou os restos mortais de Lyra dentro da ravina, que ela não conseguiu ver as mortalhas se banquetearem em sua carne medonha.

Ela limpou a garganta contra o fedor sufocante de marga e subsolo, sua atenção em Erwan novamente. — A prisioneira falou?

—Nenhuma palavra. Mesmo quando eu a acorrentei. Os acompanhantes do Nerezethite disseram que ela também estava em silêncio durante a viagem. Parece que ela impressionou o príncipe com sua humildade e cooperação. — Erwan encolheu os ombros. — Eles suspeitam que ele possa querer dizer alguma coisa sobre como lidamos com a acusação dela.

—É uma pena que ela tente escapar com uma chama conjuradora... que ela destruirá todas as celas além do reconhecimento antes que ele chegue. — Griselda tirou uma bolsa do bolso. Ela colocou a mistura de salitre, cinzas de

madeira e esterco de morcego na luva de couro de Erwan. — Tenha o máximo cuidado. Quando combinado com o vinagre, ele formará um fogo tão potente que tudo o que for escovado se tornará inflamável. Madeira, tecido, plantas, terra ou pedra. Seja molhado ou seco, ele vai brilhar. — O objetivo final era enterrar a bruxa viva no túnel escondido, fazendo parecer que ela estava presa sob pedras caídas em uma cela desmoronada. — Depois de misturado, pinte-o em todos os lugares nas celas - do chão ao teto - e então espalhe uma linha até a entrada do túnel secreto. É a única maneira de precipitarmos um desmoronamento. Tome cuidado para não subir nas escadas ou nos pés. Deixe um caminho do qual possamos sair.

A testa de Erwan franziu para um rabisco preocupante. Ele sempre foi escrupuloso em lidar com poções ou elixires. — Você mencionou querer um pouco para o siclófago no jardim. Quanto devo reservar?

Griselda balançou a cabeça. — Eu fiz um lote mais cedo. Eu já revistei o baú. Não é para ser inflamado a menos que eu dê o comando, e apenas se ele se recusar a cooperar. — Ela havia advertido todos os soldados a procurar um homem ruivo bonito demais para ser totalmente humano; disse-lhes o mínimo que precisavam saber, mas o suficiente para que guardassem os ouvidos contra sua voz persuasiva. Elusion não ousaria entrar em Eldoria como uma raposa, pois sua pele seria uma preciosa tentação para qualquer caçador que se prezasse. Ela não podia negar a fagulha em seu sangue, sabendo que, ao chegar, eles retomariam a parceria passada ou queimaria as asas dele em cinzas.

—Então, eu vou te recuperar quando estiver pronto para queimar a masmorra. — Erwan começou a sair, mas Griselda agarrou seu cotovelo.

—Uma tocha não é suficiente. — Ela mostrou a ele duas esferas, brilhando com uma luz turquesa rodopiante. — Nós vamos jogá-las da escada. Eu alterei uma receita, usando nossas malditas pétalas de madressilva e o sol líquido. Apenas o mais puro fio de luar pode extinguir as chamas que nascerão. Nenhuma água, areia ou qualquer meio comum pode detê-las. As chamas vão queimar até que coma qualquer coisa e tudo que estiver em combustão ao redor

dela. — Ela colocou as duas órbitas no bolso mais uma vez.

O queixo de Erwan se apertou. — Pode levar algum tempo para garantir que tudo esteja bem revestido. Bartley deveria me dar uma mão?

—Ele está supervisionando os golpes de madressilva. — Ela tirou a hennin e deu um tapinha no dorso de tranças retorcidas, procurando os nós embaixo. Pressionado contra a base do chapéu, sua coceira se tornou insuportável. Ela olhou para o óbvio interesse de Erwan em seu cabelo encaroçado. — Um de vocês tem que assistir os moradores da escuridão. Se eles ficarem muito quentes sob a luz do sol enquanto vestem esses trajes mumificados, eles precisarão entrar e descansar na ala de hóspedes. Não posso tê-los vagando por aqui. — Ela sorriu. — Claro, eles devem encontrar o caminho antes que a chama seja acesa, bem, isso está completamente fora de nossas mãos, não é? A bruxa já assassinou muitos dos do Eldoria. Se um Nerezethite for capturado na briga, isso apenas confirmará o quanto ela é perigosa. Considerando sua imortalidade, mantê-la enterrada será mais sábio para todos.

Os olhos cinzentos de Erwan se obscureceram, indicação segura de que ele estava tentando pensar por si mesmo em vez de obedecer cegamente ao comando dela. — Então, não importaria mais as memórias secretas que ela guarda. Por que questioná-la desde que ela será silenciada? Ela pode se recusar a falar, ou usar feitiçaria para guiá-la. Vá para a cama, faça parecer que você está dormindo por horas quando o desmoronamento acontece. Lave suas mãos, ponha suas luvas e chame de pronto. — Com isso, seu olhar caiu para os punhos cerrados de Griselda.

Encarando, ela enfiou as luvas no bolso vazio, mantendo as mãos à mostra. — A lógica de um homem preguiçoso, e é por isso que apenas uma mulher pode fazer o trabalho. Não se deve descansar até que o troféu seja ganho e montado na parede. Preciso ter certeza de que ela não imprimiu a memória final de Sir Nicolet em outra pessoa. E o que tenho a temer de um sortilégio de bruxa angustiante? Ela não sabe nada de poções ou venenos que possam alterar uma vida, ela só lida com os mortos e moribundos. Quando ela vir o sangue

encantado manchando minha pele, ela saberá que eu usei poderes além dos dela. Para isso, ela deveria me temer. Sem ter um pingo de magia inata na ponta dos meus dedos, sem precisar de um guia, eu ganhei os tronos de dois reinos.

Griselda não chegou a admitir o papel que o grimório de Elusion representou. No entanto, ela não se esqueçeria de compartilhar esse detalhe com a prisioneira. A bruxa deve saber que sua leal raposa foi responsável por seu eterno sepultamento. Era uma torção de faca deliciosa demais para resistir.

—Comece com os preparativos. Vou precisar de você para me ajudar a empacotar e levar as lembranças e o estoque mágico antes de destruir a entrada da sala de terra. Me surpreenda quando terminar de recolher as celas.

—Sim, sua graça.

Ao ouvir sua saída mecanizada para o calabouço, Griselda abriu a porta e entrou, atacada por toda e qualquer fragrância de rosas enviadas a Lustacia ao longo dos anos. Além dos vestidos comidos pelas traças que cobriam as cartas de Princepe Vesper, os buquês murchados e as lembranças de sua sobrinha morta, a sujeira dominava o motivo da sala - piso, parede e teto.

A prisioneira estava agachada no meio do chão, pulsos e tornozelos presos dentro de algemas articuladas, enterradas no chão. Se não fosse a luz das tochas brilhando nas correntes de ferro, ela seria praticamente invisível. De seus olhos enlameados a seus dedos escamosos, tudo sobre ela exalava o mesmo marrom comum de poeira. Com sua postura desajeitada, ela preferia uma tartaruga estranhamente com chifres que poderia cair a qualquer momento e ficar presa em suas costas.

Griselda sorriu e empoleirou a lanterna em cima de uma caixa de madeira. — Aqui estamos de novo, bruxa. Eu, de pé sobre você - acorrentads e à minha mercê como uma mestiça vagabunda.

A prisioneira passou sua língua bifurcada. — O nome é Crony. E eu não preciso de piedade. Eu ainda estarei de pé quando você não for uma pilha de ossos para eu roer.

Os dedos de Griselda se fecharam. — Imortalidade de lado, você está

esquecendo o interino. Eu posso fazer essa parte da sua eternidade miserável.

—Eu não me esqueço de nada. Não meus pensamentos, ou os pensamentos de outro. Eu reconheço a voz do seu cavaleiro. Erwan seja o nome dele. Lembro-me do seu rosto, do jeito que ele olhou nos olhos de Nicolet, no instante em que ele martelou o crânio com uma maça de ferro.

Griselda sacudiu o frio que percorria seu sangue. — Então, você ouviu minha conversa com meu cavaleiro. A bisbilhotice não fala com sua perspicácia; fala com seu desespero. Quanto mais rápido fizermos isso, mais rápido eu te liberto de volta à vida selvagem.

—Nós duas sabemos que você não me deixa ir desta vez. E a pequena princesa não está aqui para te convencer. Pena. Gostaria de tê-la visto agora que ela é uma dama, para agradecer a ela e às suas sombras e insetos, antes de me enterrar viva.

Griselda se encolheu apesar de si mesma, lembrando-se de como Lyra a havia superado naquele dia na cela da masmorra. Como ela a deixou na escuridão, sozinha e assustada. — Ela está dormindo. E ela há muito tempo superou suas simpatias por pessoas como você, junto com sua afinidade por brincar com sombras e insetos.

—Ela agora? Não soa como a princesa da profecia. De cabelos prateados, voz de pássaro canoro, amiga de todas as coisas sombreadas e escuras. Claro, é barulhento, esperando que ela seja exatamente o que prediz. Afinal, as profecias encontram o seu caminho verdadeiro e claro, mesmo que os detalhes fiquem sujos.

O baque no peito de Griselda desmentiu a calma que ela forçava em suas feições. — Chega de tagarelice. Você conhece o destino que espera por você. Mas você pode fazer algo de caridade primeiro. Você pode ser libertada pelo seu amigo Elusion.

O rosto serpentino de Crony caiu, como se estivesse surpreso.

—Sim. — Griselda provocou. — Ele está aqui e eu estou mantendo-o prisioneiro. Mas, como você parece ser um pouco consciente, eu tenho um

carinho por ele. Se você cooperar, permitirei que ele reivindique suas asas novamente. Eu acredito que isso significa algo para você?

A cabeça da bruxa se curvou, como se tivesse sido derrotada.

— Sim, é verdade.

—Então, eu vou dar a minha palavra. Conte-me todos os detalhes do último suspiro de Nicolet e garanto-me que ninguém possui essa lembrança além de você, e seu amigo colhe os benefícios.

—Ele veio sozinho então, não é? — A bruxa reorganizou sua coluna com sons repugnantes, como se estivesse cansada da posição agachada. — Direto até seus portões do castelo e nas mãos de seus guardas?

Griselda mexeu os pés, um torrão de terra esmagando o sapato.

— Sim. Quem mais o teria acompanhado e de que outra forma ele teria chegado? Não é como se ele pudesse flutuar do céu, ainda. Então, nós temos um acordo? Os detalhes da memória de Nicolet e seu paradeiro vão comprar a Elusion sua liberdade e verdadeira forma. Você pode ganhar a habilidade de voar novamente.

Os olhos enlameados de Crony cintilaram com algo parecido com diversão. — Eu respirei duas vezes no cadáver de Nicolet, não apenas uma. Então, há duas memórias que você precisa ter medo. A primeira é a outra metade da memória que compartilhei com seu policial, e condenará seus fiéis cavaleiros pelo assassinato de seu irmão e Nicolet. O segundo irá destruir você sozinha, de maneiras que você nunca imaginou. Uma que eu tranquei em segurança, mas a outra que eu compartilhei com a Mortalha Coletiva, que é muito faladora. Até você descobrir qual memória é.

Rangendo o queixo, Griselda chutou a terra no rosto de Crony.

— Você se importa muito pouco com o seu amigo Sílfide?

A bruxa piscou suas pálpebras transparentes e a fricção desmoronou dos cantos de seus olhos. — Você é uma mentirosa e estrategista magistral, regente, mas o Elusion é ainda melhor. Ele vai chegar debaixo do seu nariz. E serão suas próprias penas que ficarão arrepiadas e chamuscadas, não suas asas sobre uma

árvore.

Griselda se contorceu de raiva. — Se você não fosse imortal. Eu mataria você com minhas próprias mãos.

Crony suspirou. — Sim, se, mas isso fosse um conto de fadas, todos nós teríamos nossos desejos e anseios.

Griselda girou para a porta, o rosto e as orelhas queimando.

— Espero que você esteja em casa aqui, em meio ao mofo e à decadência de coisas indesejadas e esquecidas. Pois esta será sua tumba eterna. — Ela começou a abrir o trinco, depois lembrou-se da última torção da faca. — Eu direi a Elusion, uma vez que ele chega, que ele tem que agradecer pelo seu enterro. O livro que ele me deu serviu de bastante utilidade.

—O Grimoire dos Plebeus. — As correntes de Crony tiniram. — Ele prefere ser chamado pelo nome.

Griselda se virou. — O que? Como você...

—Eu estou em casa neste lugar. — Interrompeu Crony, olhando as prateleiras e os pequenos caixotes que revestiam as paredes. — Sempre soube que voltaria; é por isso que eu mantive pedaços de mim escondidos aqui e ali, aguardando. O passado é sempre um espelho para o futuro deles.

Griselda sacudiu um pouco de poeira da bainha da saia, tentando entender a tagarelice da bruxa sem sentido. — Seu passado aqui? Nosso tempo juntos cinco anos atrás significou muito para você? Como eu gostaria de ter a pêra do estrangulamento, boas lembranças, corações e rosas, e todo esse lixo sentimental.

—Você parece um pouco frágil sem as extensões de navalha para sua mão. Que o sangue brutal nas palmas das mãos seja um substituto miserável.

—Mas é mais fácil se esconder. — Respondeu Griselda, recusando-se a ser abalada. Ela tirou as luvas em demonstração.

—Sim. As mãos podem estar escondidas. Vergonha, você não pode dizer o mesmo para os chifres. — Crony inclinou a cabeça, seus próprios chifres pegando uma luz da fogueira da tocha na parede.

Chifres. Um jorro de água gelada atravessou as veias de Griselda enquanto os nós em seu couro cabeludo arrepiavam. Ela encostou-se à porta, o trinco apontando para a parte inferior das costas. — Não pode ser.

—O que mais poderia ser? — Crony riu, escuramente e insultando.

Griselda afastou as luvas e separou as tranças empilhadas em cima da cabeça, revelando as saliências embaixo. Cegamente, ela sentiu onde os dentes se formaram desde que os examinou por último. Ela engasgou e tropeçou para a esquina em frente à bruxa, tirando um vestido do espelho de Arael - aquele que seu irmão colou meticulosamente depois da tentativa desajeitada de Lyra de encontrar-se com a idade de doze anos.

Não havia dúvidas, mesmo no reflexo irregular. Os crescimentos sobre a cabeça de Griselda, embora não fossem maiores do que os grãos de manteiga, eram idênticos aos chifres de veado que ela tão diligentemente esmagou em pó nos últimos seis meses. Seu queixo caiu - cada pergunta, todo palavrão de descrença, trancada dentro de seu peito. — Que perdição sem sol é isso? — Ela conseguiu sussurrar.

—Agora você está perguntando as perguntas certas. E eu sou a única com respostas. Afinal de contas, foram essas mãos que conjuraram este mesmo túnel e o quarto que estamos ocupando, que invocara a porta encantada que levava aqui do Lago de Cristal. E a criatura que a protege seja trabalhada dos pesadelos de um homem agonizante, roubado, como você deve ter adivinhado, nessas mãos. Permita-me apresentar a mim mesma. — A bruxa acenou com as palmas das mãos em um florescimento tão grandioso quanto ela conseguia lidar com algemas. — Cronatia Wisteria - a encantadora de Eldoria, aos seus serviços.

Griselda não conseguia tirar o olhar do espelho. — Você mente. Não existe esse nome na história do nosso reino.

—Ah, mas não há como negar que existe uma feiticeira anônima que serviu o rei Kreśimer, sim?

O queixo de Griselda caiu. Luce suspeitava que aquela sala pertencia a uma feiticeira. E o primeiro-ministro Albous não mencionou algo do tipo quando

começou a ensinar a língua de sinais de Lyra? Que ele tinha visto uma referência a tal ser sob o emprego do castelo, séculos antes, quando eles ainda tinham um céu noturno? Pelo título, Griselda supôs que se referia a uma feiticeira requintada, não uma bruxa velha e horrível. Mas não havia uma descrição e todas as outras menções foram apagadas.

A única razão pela qual o nome de alguém seria apagado era trair o reino real. Entrada de Crony anos antes na masmorra: A dívida que eu devo não ser sua. Pertence à semente real do rei Kiran. Nunca ocorreu a Griselda analisar essas palavras, pensar nelas apenas como insultos vazios sobre a falta de uma coroa.

—Deixe-me, você ainda não entende. O Grimoire dos Plebeus... Encontrei para você dentro desta mesma sala.... — As palavras de Crony varreram o gemido que subiu à língua de Griselda de volta para sua garganta, onde se alojou dentro de um aumento de bílis. — Apesar de ser justo com nosso elemental aéreo, ele não me conhecia como seu autor naquela época. Na verdade, ele não me conhecia de jeito nenhum.

—Um erro. — Griselda resmungou. — Elusion me deu seu livro... completamente por engano?

—Não. Isso é o destino. O erro está em você. Você escolheu não respeitar as regras do lançamento de feitiços. Seja um dar e receber. Todo grimório tem uma mão que o escreve. E essa mão tem a chave para cifrar todos os seus segredos e éditos. — Os olhos sombrios de Crony se desviaram para a cabeça de Griselda. — A receita pede chifres abatidos sob uma lua nova.

—Mas... Eu fiz os contrabandistas seguirem essa instrução ao pé da letra, cada vez.

—Idiota. Isso não é referir-se a uma lua real. É o que chamamos de muda sazonal de veados brumal, indolor para a criatura e em sintonia com sua espécie. Se você tivesse entendido a linguagem da magia, a reciprocidade da natureza, você nunca teria massacrado um animal pacífico para seu próprio benefício. Seria tão fácil quanto reunir os chifres ao chão. Veja, um veneno será liberado

quando um ser selvagem e encantado for atacado. Embora seja lento, no final, é uma grande penalidade pela impaciência e ignorância de qualquer encantamento.

Griselda soluçou, a cabeça latejando enquanto os chifres pulsavam e cresciam diante de seus olhos. Eles estavam agora tão compridos quanto ela. — Existe uma cura? Você tem uma dívida comigo! Você traiu Eldoria!

A silhueta de Crony estava pousada em suas ancas. — Não. Eu traí e eu amava, e o mundo inteiro sofreu por isso. Quanto à sua situação, você precisa apenas de alguma prática para usar chifres com graça. Eu me ofereceria para te ajudar, mas com medo de não ser como você o suficiente. — Ela sorriu - uma expressão horrível que Griselda pegou no espelho. Isso a deixou de joelhos, cara a cara com sua própria imagem distorcida. — Tome seu remédio, regente. Você estará recebendo as recompensas de se envolver em coisas além de você. Ou pode deixar além de seu parentesco. Não teria acontecido se você tivesse um mentor. Mas você era forte demais para precisar da ajuda de alguém, certo? Arrogante e prepotente. Você não vê? É preciso mais força para se humilhar e alcançar a sabedoria do outro, do que despencar no desconhecido sem segurar a mão oferecida para ancoragem.

Os olhos de Griselda queimaram. As reclamações de Lustacia sobre dores de cabeça nos últimos meses. Isso poderia significar...

—E agora você deve estar se perguntando, assim como deveria, se a princesa iluminada pela lua que você esculpiu de mentiras e linhagem compartilhará sua penalidade por esse erro de julgamento. A resposta será sim.

Griselda engoliu em seco contra aquele nó grosso na garganta. Tinha um sabor desagradável e sujo - como a putrescência de sepulturas viradas. Ela bateu os lábios, tentando limpar o paladar.

—Se arrepende pela sua língua? Difícil saber, tenho certeza. Como você não tem consciência para guiá-la na amostragem de pecado e remorso.

O peito de Griselda cedeu em um gemido sufocante. Como a bruxa sabia sobre sua falta de consciência? Elusion deve ter dito a ela. Ou as mortalhas mencionaram isso quando ela entregou a memória de Nicolet? Mais importante,

como ela sabia que a princesa era falsa, que era uma das filhas de Griselda?

Os lábios flácidos de Griselda formaram as perguntas, mas sua língua não obedecia. Com a mão trêmula, ela se aproximou do vidro para tocar seu horrendo reflexo com chifres, cortando o dedo em uma borda serrilhada. A visão de seu sangue - vermelho e lustroso - aterrou-a. Qualquer que fosse essa maldição, limitava-se a sua aparência exterior, não a seu funcionamento interno.

—Chifres podem ser cortados tão facilmente quanto uma verruga. — Ela se assegurou em voz alta.

—Não tão facilmente, como eles são uma parte do crânio. Possa deixar um machado se mostrar eficaz. Mas duvido que sua princesa conceda tais táticas sangrentas antes das núpcias. Não é a coroação a ocorrer primeiro? O que sua noiva prometerá, quando não houver 'uma coroa em sua cabeça desigual'? Ao descobrir que ela é responsável por mutilar seus guardiões valorizados, acha que ele ainda desejará se casar com ela? — A bruxa estalou a língua. — Tudo bem, tenha certeza que você o tirou. Uma vez que você considerou que a profecia poderia ser certa, aguardando o momento perfeito para corrigir tudo o que você fez errado.

Griselda caiu; foi verdade? Ela tinha falhado? Lustacia havia experimentado as estranhas dores de cabeça depois dela. O acúmulo foi lento. Talvez ainda houvesse uma chance, se ela pudesse acelerar o casamento. Tem antes da coroação. Toda noiva de Eldoria usava flores tecidas em seus cabelos, o que cobriria qualquer solavanco. Griselda poderia alargar o seu próprio hennin para a cerimónia, que esconderia seus pecados por tempo suficiente para vê-los se casar. Então, depois, ela encontraria um feitiço para reverter tudo. O trio de magos de Eldoria devia sua fidelidade à rainha. Certamente eles poderiam ajudar.

Ela desviou o olhar para a bruxa que estava rindo baixinho como se tivesse ganhado.

Foi então que Griselda viu brilhar à luz suave: uma mancha de umidade negra ao longo dos pulsos e dos tornozelos de Crony, onde as algemas cortavam

seu couro. Respirando fundo, Griselda se ajoelhou para encará-la. — Sua pele se suavizou. — Seu dedo trêmulo e cortado apontou para a pele crua da bruxa. — Você sangra como eu.

Levou apenas um momento para formular o plano: quebrar um pedaço de vidro do espelho e mergulhá-lo no coração de Crony - mas a porta se abriu com um grito antes que Griselda pudesse se mexer.

O rosto de Erwan a saudou do outro lado, atraído e em pânico.

A regente rapidamente arrumou suas tranças sobre a cabeça para esconder seus chifres. Ela colocou as luvas e se levantou, reforçada pela vulnerabilidade da bruxa. — Você já terminou? — Ela perguntou, levando o relutante cavaleiro a falar.

—Houve um atraso, Sua Graça. Uma criatura, um corvo ciclope nevado, isso trouxe a notícia de que o príncipe está a caminho de Nerezeth - morrendo. O horrível pássaro voou pelos corredores, procurando Lady Lyra. Seus gritos infernais a acordaram, junto com todos no castelo. Os membros do conselho e servos estão todos levantando-se agora, preparando-se com suas famílias para a jornada. Primeiro Ministro Albous, ele está liderando a comitiva de Nerezeth aqui para coletar você.

—Eu vou sair e encontrá-los nas escadas.

—Mas nosso plano...

A atenção de Griselda se desviou para o seu lado e a espada dentro dele. — Os planos mudaram. Parece que nossa bruxa não é mais imortal. Empurre sua lâmina pelo coração dela. Seu cadáver pode apodrecer aqui. Todas as mentes estão no príncipe agora. Cronatia Wisteria já foi esquecida. As páginas da história de Eldoria foram apagadas. — Griselda lançou um olhar para o espelho quebrado atrás de si, depois desdenhou a imagem da bruxa que se lembrava do vidro. — O futuro dela é um mero reflexo do passado dela. — Ao recolher a caixa caída e atravessar a soleira, Griselda enfiou a mão no bolso e entregou uma bola de fogo ao cavaleiro, junto com duas exigências finais. — Não deixe até que ela dê seu último suspiro. Então, quando ela estiver morta, acenda.

23

A maravilha Dos seixos e da Decadência



O exército de Luce era pequeno em número e era composto de desajustados do mercado negro.

Edith Desdentada e Winkle, o anão da floresta, surgiram devido a sua

extrema antipatia da regente Griselda, tendo batido cabeça com ela quando ela era uma princesa jovem e mimada. Winkle, que mal chegava à cintura de Stain, havia trançado o bigode comprido na barba para imitar bigodes que complementavam seu terno de coelho. A pequena caixa de madeira enfiada debaixo do braço esquerdo continha ratos, como indicado pelos arranhões e guinchos lá dentro. Ele planejava soltá-los na cama da regente. Edith estava vestida com uma túnica limpa e calça como Stain. Por um lado, ela segurou seu espelho encantado. Na outra, havia uma cesta coberta com um pano fino demais para sufocar o fedor que havia embaixo - pior do que o repolho mofado e a erva de gambá combinados. A pasta, feita de biscoitos de vaca e saliva de escaravelho fermentada, seria agitada na próxima refeição de Griselda.

Nem sabiam como ou quando eles promulgariam seus planos, mas qualquer coisa que pudessem fazer para diminuir, aterrorizar ou frustrar Griselda ao longo do caminho - como ajudar uma prisioneira a escapar de sua fortaleza - estava no topo de sua lista de prioridades. Drags, andando alto em seus pedestais, veio com um motivo mais altruísta - chocante como era para um duende de geada. Seu primo, um contrabandista chamado Slush, tinha alguns negócios de longa data com a regente, dos quais Slush nunca dava detalhes. Ele e sua equipe haviam planejado encontrar Dregs no dia anterior para tomar uma bebida na Taverna Wayward, para comemorar a conclusão dessas negociações. Quando eles não apareceram, Dregs suspeitou que eles tinham cruzado a regente e foram jogados em uma cela ao lado de Crony. Ele veio para libertá-los e mandá-los de volta para Nerezeth.

A viagem iluminada pelo sol para fora do desfiladeiro - uma que Stain nunca imaginou que ela levaria - era agridoce. O céu se elevou acima dela, sem fim e acenando. Ela queria correr em direção às margens do Lago de Cristal a uma velocidade alucinante, queria que Scorch estivesse ao lado dela. Em vez disso, as muitas perdas do dia e o que era esperado em Eldoria mancharam a experiência. Ainda assim, estando do lado de fora da opressiva floresta ao ar livre, a luz do dia e a grama macia, os passos dela se elevaram mais alto, livres

de cinzas.

O corpo de Stain pulsava com energia - além do que o rápido jantar de queijo, pão e chá que Luce tinha colocado sobre ela em casa poderia ter despertado. O som se tornou uma coisa viva no prado ao redor dela. Borboletas esvoaçantes, esquilos agitados, água gorgolejante e, acima de tudo, pássaros vibrantes. Suas melodias provocavam uma pontada simpática em sua garganta, penetrando profundamente no mergulho entre sua clavícula. Incapaz de seguir suas notas com suas próprias cordas vocais, ela caiu em um desespero silencioso. Ela era tão sem voz quanto o vento, mas não possuía nenhum poder para alterar o mundo com sua presença.

As cores renovaram seu senso de admiração, momentaneamente. Ninguém nunca lhe disse que se podia provar a cor. Mesmo silenciado por trás da noite, o verde tornou-se o sabor de musgo, chuva fresca e flores da primavera. Azul foi o próximo, montando uma brisa perfumada pelo lago que fez com que a noite se fixasse em seus cílios antes que o tecido mágico lembrasse de mudar de posição e flutuar livremente ao redor de seu rosto. O peixe de escamas do arco-íris que entrava e saía do lago formava um sabor prismático em sua língua. E então seguiu branco, tão limpo quanto as asas emplumadas de cisnes, guiando-os para baixo do céu para flutuar sobre as ondulações deixadas no rastro do peixe.

Ela passou por Luce quando eles chegaram. Seus dedos acariciaram os dele, a noite se moldando em torno de suas mãos unidas por um instante até que ela se libertasse. Ela compartilhava sua dor de voar, um desejo ainda mais profundo agora, com o desaparecimento de Pégaso.

Luce reajustou o saco nas costas dele e começou a avançar mais uma vez, indo mais devagar para que os três cúmplices pudessem alcançá-lo.

Stain enfrentou-se deslizando até as margens, onde seixos cinza e rosa rangiam sob seus pés. Seus tons pálidos tinham gosto de conforto, quentes, até mesmo através de suas solas. E então ela percebeu, o sabor mais extraordinário de todos: amarelo. Os raios de sol imprimiam seu brilho na capa - reconfortante como um gole de sidra temperada, a pele almiscarada de um cavalo depois de

uma corrida rápida, ou as pontas dos dedos naquele momento antes de chiarem, brilhando com a promessa de vida. Ela impressionou aquele momento de verdadeira luz em seu coração, na chance que ela e seus companheiros pudessem ser jogados na masmorra, incapazes de experimentar a iguaria novamente.

Do outro lado de uma pequena colina, o castelo apareceu. Nos primeiros anos, Stain havia escalado árvores para ver a tigela afundada da ravina, vislumbrando Eldoria através de ramos bem tricotados e folhas grossas. Naquela época, o crescimento das madressilvas só tinha começado e o reino permanecia resplandecente com sua cintilante fortaleza branca contornada por cabanas bem-cuidadas, fazendas e jardins abundantes, e vias movimentadas. Hoje, o castelo ainda se projetava do epicentro, mas as janelas reluzentes, as paredes reluzentes e as torres elegantes eram sufocadas por vinhas nodosas e escabrosas; a mesma praga sufocava cada chalé e via pública como uma saia verde amarrotada. A madressilva - um rosa profundo e sangrento da chuva - pendia em cachos como sanguessugas gordinhas, sugando a esperança e a liberdade. E o zumbido das abelhas podia ser ouvido até de longe. Em vez de uma próspera metrópole, Eldoria agora se assemelhava às ruínas de algum lugar antigo e esquecido que havia caído em perigo e aflição - uma benção arquitetônica da humanidade reivindicada pela natureza em sua forma mais antinatural.

O isolamento do reino afetou Stain, como se isso lhe chamasse, como se pertencesse a ela. Como ela desejou poder enfiar os dedos naquelas videiras e renovar a beleza e majestade que jazia adormecida por baixo. Mas essa honra pertencia a profecia do príncipe e princesa. Ela não tinha parte além deste momento: resgatando Crony e a vendo em segurança de volta ao barranco onde eles viveriam em reclusão pelo resto de seus dias. No entanto, ela ansiava por um papel em esquemas grandiosos. Interações com o povo desta terra. Uma vida de consequências como a que se espalhava nos pés ternos e privilegiados da princesa.

Por fim, Stain e seus companheiros chegaram à porta do túnel secreto que levava à masmorra. Embora em vez de uma porta, era um poço profundo e

escuro. Um olho inexperiente não podia vê-lo, escondido como estava por um afloramento de rocha musgosa inclinada como um telhado na beira do lago. O buraco - transbordando de água - favorecia um poço que desejava e tinha a mesma propensão para atacar as fantasias de uma mente. Stain olhou para dentro e depois pulou para trás quando as espirais escamosas de uma serpente marinha ondularam, agitando uma onda formidável. Uma cabeça gigante surgiu com presas abertas em um chiado - tão frio e fétido quanto a respiração de um demônio - que colou o capuz na pele dela.

—Você vai precisar disso para limpar o caminho. — Disse Luce, retirando uma mão do bolso.

Eu? Ela imitou a palavra com os lábios trêmulos.

—Eu não posso abrir esta porta. Você tem que fazer. Jogue a chave na língua da serpente.

Ela estremeceu ao pensar em encarar a criatura com presas sozinha. Mas Luce não passaria a tarefa a menos que ele não tivesse escolha. Ele queria salvar sua amiga tanto quanto ela.

Tremendo, ela estendeu a palma da mão.

Assim como a porta não era uma porta, a chave que Luce deixou cair na palma da mão dela era pouco mais que uma pedra. Inclinando-se, Stain prendeu a respiração e esperou pelo reaparecimento da cobra. Sua cabeça se levantou e suas mandíbulas se desequilibraram. Stain jogou a pedra em uma língua bifurcada do tamanho de uma pá. A serpente fechou suas presas e submergiu mais uma vez.

Stain ficou ao lado de Luce, sua pele gelada de espinhos nervosos, imaginando o que aconteceria a seguir. Ela não teve tempo para esperar antes que toda a cena abaixo resolvesse a vapor. Uma vez que a névoa se dissipou, toda a água se dissipou. Uma escada branca e brilhante surgiu à vista, serpenteando até o poço escuro, formada pelas espirais da serpente, agora endurecidas por uma estátua de sal. Ou a cobra tinha sido uma ilusão, ou um guardião espectral inconstante que tinha apetite por pedra e uma vez saciado,

retribuiu o favor com entrada segura.

Luce admitiu não ter certeza de nenhuma das duas maneiras, e quando perguntado por Stain onde ele conseguiu a pedrinha, respondeu: —É uma peça típica de rocha, embebida em uma mistura de salmoura, junto com um espinho sangrento tirado da pata de um mangusto e mais alguns outros ingredientes arcanos. Eu encontrei a receita nas páginas de um grimório anos atrás, talvez eu te mostre um dia, se esse livro chegar ao seu legítimo dono novamente.

Luce acendeu uma tocha e liderou o caminho. Stain deu os primeiros passos atrás dele. Assim que ela estava fora do alcance do sol, ela levantou o capuz. Os elementos noturnos da capa se retiraram para a seda - deixando o rosto e as mãos à mostra mais uma vez. De lá, ela pegou a longa escada com seus quatro compatriotas enquanto a bainha de renda do cabo balançava livremente em seus tornozelos.

Luce estava quieto. Stain conhecia bem seu humor e temia o que ele precisava: que os magos de Eldoria já haviam aprisionado Crony em alguma forma perpétua de tortura, deixando-os impotentes para intervir.

Os três lojistas - descendo em fila indiana atrás de Stain ao longo da escada de serpentina granulada - não compartilhavam os tremores dela e de Luce. Eles riram sobre suas esperanças de chegar aos níveis superiores do castelo para ter um vislumbre da história.

—Sempre esperei dar uma espiada na lendária princesa. — Disse Winkle, sua voz tão alta e estridente que fez os guinchos dentro de sua caixa ficarem mais altos na competição.

Edith assobiou através de suas gengivas. — Dregth, conte novamente do seu botequim. Como ele ouviu a coisa do dia anterior.

Stain tentou não escutar, não queria reviver a alegação de um duende de ficar extasiado com a beleza das músicas de rouxinol da princesa, e o brilho sobrenatural de seu cabelo e pele impecável. Isso fez com que seu estômago se apertasse para imaginar o príncipe do sol finalmente familiarizando a princesa beijada pela lua de seu destino com um Pégaso pulando dentro de sua cabeça.

O final do solilóquio de Dregs recapturou sua atenção: —Vê-los hoje, mesmo escondidos em alcovas ou sob a mobília, é o nosso único caminho. Não pode perder este momento emocionante da história e da benção, quando finalmente o sol vai receber a lua.

Stain apertou as mãos sob a capa. Ela poderia ter se contentado em continuar seu humilde e isolado baile de máscaras na floresta se Scorch ainda estivesse ao seu lado, se ela não tivesse, naquele mesmo dia, saudado o sol sem ele para compartilhá-lo. Ela sentia falta de sua austeridade e como ele sempre colocava as coisas em perspectiva. Ele a teria convencido de que ela não precisava de indulgências tolas e mesquinhas, como um lar sob céus infinitos e brilhantes, ou os presentes encantados no alforje por cima do ombro, ou o toque de um príncipe iluminando cada nervo com uma fascinação tão aguda ainda que estrangeiro, ela queria aprender mais sobre ele. Isso era mais irônico de todos, considerando que o dito príncipe segurava agora Scorch preso em uma cidadela acobreada de carne humana, tendões e ossos que ela não tinha esperança de invadir.

Se ela não tivesse perdido a voz resmungona de Scorch e a presença reconfortante para Vesper, ela não teria desbloqueado a inquietação que ela sempre manteve escondida.

Ou foi o próprio Vesper quem o havia desbloqueado? Observando o príncipe de trás de uma árvore; vislumbrando o coração de seu poeta enquanto falava com sua irmã de querer um amor baseado na amizade; observando sua luta para ser um governante justo contra tudo o que a profecia ou outros ditavam, ele faz; e admirando sua corajosa batalha contra uma maldição que parecia de algum modo se espalhar para além de sua carne quebrada e cicatrizada e entrar em seu povo.

Seus primeiros gritos soaram em sua memória e a vergonha vibrou em seus ossos. Ela tinha sido uma covarde para fugir, para não retornar quando ele chamou por ela. É verdade que ela devia sua maior devoção a Crony, que a salvara todos esses anos atrás. Mas sua incapacidade de enfrentá-la de novo

tinha desempenhado um papel tão grande quanto a lealdade. Ela podia superar qualquer desconforto físico que o mundo pudesse causar, mas a dor da mágoa a fez se encolher como gotas de água espalhadas ao longo da borda de um fogo violento.

Luce deu o último passo no chão de terra que se abria para o túnel. Ele atraiu Stain para ele e silenciou os lojistas tagarelados acenando sua tocha em seus rostos. Os lábios afundados de Edith apertados até formar um pequeno nó, Winkle se aconchegou mais abaixo sob o capuz de orelha de coelho, e Drags passou a mão pela boca, fazendo o crescimento na ponta do nariz tremer como uma corda de violino.

—Você ouviu isso? — Luce dirigiu a pergunta para Stain.

Ela esticou os ouvidos. Embora ela não compartilhasse de seus sentidos caninos, os gemidos abafados eram inconfundíveis. Ela respondeu: *Parece alguém chorando à distância. Crony?*

—Eu espero que não, pois essa alma está em grave desespero. — Ele olhou Stain. — Tire a capa e coloque-a na sua bolsa. Suas pernas precisam estar livres para correr ou lutar.

Ela assentiu. A capa se desprendeu com relutância. Ela rolou para cima com reverência, hesitante em separar-se também; ela sempre lembraria do presente que tinha dado a ela hoje - um passeio iluminado pelo prado que enchia os lugares vazios em seu coração, mesmo que apenas por um tempo. Depois de enfiar gentilmente no saco, ela olhou para Luce.

Pressionando um dedo na boca, ele puxou o queixo, indicando que eles o seguissem. Juntos, eles se arrastaram em direção aos gemidos chorosos.

Demorou cinco voltas para encontrar a fonte, um passeio que parecia para sempre, a cada passo que o som ficava mais alto. Por fim, chegaram a uma porta na parede de terra. Luce depositou sua tocha dentro de um buraco com os olhos. Ele tentou a trava silenciosamente e encostou uma orelha na madeira. Suas narinas inflaram uma vez, então ele recuou e arrastou Stain com ele, fora do alcance da voz.

—Crony está dentro. — Ele sussurrou, mal perceptível sobre o choro do ocupante. — O cheiro dela é forte, mas há outro que não reconheço. E eu ouço correntes.

Você pode pegar o bloqueio? Stain gesticulou. Quando a única resposta de Luce veio como uma mão frustrada vasculhando seu cabelo, ela olhou por cima do ombro para Winkle - seu famoso ladrão. O trio de lojistas olhou em torno da curva de alguma distância atrás. Stain franziu o cenho para Luce. *Algum bravo exército que você recrutou.*

Ele inclinou a cabeça ao ler as palavras dela. — Eu nunca listei bravura como requisito. Cada um deles tem suas próprias agendas que irão motivá-los quando for a hora certa. Mas este não é esse momento. Nós temos que fazer o nosso movimento em silêncio. Quebrar ou pegar a fechadura alertaria o guarda. Temos que encontrar outra maneira de abrir a porta por dentro. Alguma ideia?

Os soluços guturais ficaram mais altos atrás da barricada. Os ombros de Stain afundaram. Ela assinou: *Você tem uma pedra que eu posso comer para me transformar em vapor?* Ela estava sendo faceta, embora uma parte dela esperasse que ele fizesse.

—É disso que precisamos, algo que pode drenar a entrada da porta para dentro da sala e nos deixar entrar. Estou sem magia. E você? — Uma de suas sobrancelhas vermelhas se curvou. A tocha cintilou em seu rosto e agitou sombras em seu periférico ao longo do limiar.

Sombras. Stain lembrou-se do pântano da lua, suas sombras do mercado tentando protegê-la, como elas se curvaram em torno de Vesper, obedecendo a ele. As reflexões curiosas da mãe da mortalha, perguntando-se por que uma criança como ela havia merecido a fidelidade das criaturas noturnas de Nerezeth.

Fidelidade significava devoção.

Talvez eles fossem dedicados a qualquer pessoa do reino da noite. Se assim for, eles não obedeceriam a um comando dela, se ela fosse realmente de Nerezeth?

Ela levantou um dedo, mexendo a escuridão nas fendas e cantos da porta,

provocando-a. *Você vai nos ajudar a entrar?* Ela segurou a pergunta em sua mente, pois certamente criaturas de transcendência e obscuridade podiam ouvir palavras não ditas.

As sombras se alongaram, envolvendo cada um dos dedos dela. Ela as puxou para fora, persuadindo-as como se ela tivesse visto a máquina de fazer tortas em Sangue e Creme Confecções. Logo ela conseguiu acumular um enxame que escorria de suas mãos até o chão como unhas feitas de alcatrão. Ela moveu os braços e elas se moveram com ela, mexendo a terra a seus pés em nuvens empoeiradas.

Edith engasgou ao virar da esquina, e ambos os Dregs e Winkle murmuraram em reverência.

Quanto a Stain, ela ficou boquiaberta, espantada. O alforje do príncipe tremeu em seu ombro. Respondendo ao movimento, Luce abriu a aba. As sombras da meia-noite se filtravam e se juntavam as outras agora se afastando dos dedos de Stain para preencher a passagem apertada e brincar com a luz do fogo.

—Magistral. — Luce sussurrou enquanto as sombras giravam em torno dele e passavam por suas roupas. Pontas brancas afiadas apareceram nas bordas de seu sorriso, brilhando no reflexo da tocha.

Antes que Stain pudesse responder, as sombras atravessaram o buraco da fechadura como fumaça negra; Com nem um clique, a porta se abriu. O cheiro inconfundível de rosas de panacéia vazou. Stain recuou, lembrando-se do buquê de morte que uma vez compartilhou seu caixão. Se as mortalhas fossem honestas sobre suas roupas de menino da guarda dos Eldorianos, sua estada até a morte teria se originado aqui, e seu inimigo poderia estar em qualquer lugar neste castelo, esperando terminar o que começaram.

Ela agarrou o cotovelo de Luce com o pensamento horrível.

Ele esticou o braço para insistir que ela fosse primeiro.

A bolsa pendurada em seus ombros bloqueou sua visão até que ele entrou o suficiente para abrir uma linha de visão.

Uma tocha na parede da sala iluminou a cena: um cavaleiro convulsionava no chão em plena expansão, uma espada agarrada em sua mão. Crony, sentada ao lado dele com relâmpagos brancos crepitando entre as pontas de seu chifre, o manteve dentro de um pesadelo.

Stain quase bateu de alívio.

—Demorou muito tempo. — Crony cuspiu, seu olhar pantanoso mudando para Luce.

—Eu tive que encontrar um presente. — Luce gesticulou para Stain com o queixo, revelando seu perfil. — E recolher suas caixas do baú. Quanto a isso, a nota que você deixou não foi fácil de ler. Rabiscos teriam sido mais legíveis.

—Sim, você sabe, ser um especialista em aves. As raposas passam tanto tempo nos galinheiros quanto os soldados nos bordéis, pelo que ouvi.

Luce soltou uma risada e Crony sorriu, mas algo mais profundo passou entre eles, uma troca silenciosa, sombria e significativa. Era o mesmo olhar que Stain observara no rosto de Luce enquanto lia o recado de Crony em casa antes de empurrar duas caixas pequenas e um sortimento de armas dentro de sua mochila. Stain ficara curiosa sobre o que a nota e as caixas continham, mas Luce se recusou a contar.

—Este é um deles? — Luce quebrou a tensão, apontando para o homem lamentando cujos olhos rolaram para frente e para trás sob as pálpebras fechadas.

Crony zombou. — Sim. Este é o senhor Erwan. Um dos cavaleiros mais confiáveis da regente.

Luce rosnou. Ele parecia pronto para dividir o homem. Ele obviamente estava prestes a levar uma espada para Crony. Mas por que? Ela era imortal. Que bem teria feito? Faria mais sentido se Crony estivesse em ligações mágicas, estabelecidas pelos magos.

—Você não poderia ter planejado isso melhor. — Luce falou novamente.

—No entanto, minhas mãos não tocaram em nada, o que é o melhor de tudo.

Cansada de sua conversa enigmática, Stain empurrou Luce para o lado e deixou cair o alforje no caminho. Ela encontrou o olhar de Crony, viu-o brilhar de afeto e respondeu com um sorriso trêmulo. *Estou tão aliviada por você estar bem*.

—Obrigada por vir para mim.

Stain queria abraçá-la e consertar tudo entre elas como ela fez com Luce na floresta. Mas primeiro, eles precisavam sair em segurança. *Há pouco tempo,* ela assinou, então se virou para Luce. *Seu túnel secreto não é tão secreto. Se um cavaleiro conhece o caminho, mais virá. Nós devemos sair.*

Seus guardiões trocaram olhares e depois olharam para ela, como se esperassem seu próximo movimento. As cadeias do Crony estremeceram e Stain entendeu. Eles não tinham chave. Ela apontou as sombras para as algemas.

A bruxa observou calmamente os tentáculos negros entrarem e saírem dos buracos, soltando as correntes. Ela cobriu os pulsos com as mangas da capa e os tornozelos com a bainha antes que o olhar enlameado se voltasse para Stain. — Você tem algo para me dizer, sim?

A pergunta caiu facilmente daquela língua serpentina, não por curiosidade ou choque pelo milagre que Stain acabara de realizar, mas orgulhosa, como um elogio.

As sombras são minhas amigas. Minhas, atendentes. Tendo respondido à pergunta de Crony, as mãos de Stain caíram para os lados.

Assistentes. Crony uma vez disse que Stain um dia conheceria sombras e entenderia como elas ofereciam liberdade onde a sombra oferecia apenas descanso. Ela estava falando desse momento? De hoje?

Stain lançou um olhar interrogativo para seus dois guardiões.

Crony olhou para Luce, que levantou as sobrancelhas.

Os lojistas olhavam ao redor da moldura da porta.

—Vocês três. — Disse Crony do seu lugar no chão. — Permaneçam na passagem e fechem a porta. É para você manter guarda. — E la apontou para a cesta de Edith e para a caixa sob o braço de Winkle. — Nós temos algo mais

importante para assistir do que suas brincadeiras. Não saia até eu dizer, ou eu coloco uma enfermaria de pesadelo em cada uma de suas casas e deixo vocês sem lar para sempre. Fui clara?

Todos os três olharam para as correntes frenéticas entre os chifres e depois para o cavalheiro soluçante e catatônico, e assentiram. Dregs foi o último rosto que viram quando a porta se fechou.

—Tranque. — Crony dirigiu Luce.

Fez o que ela pediu, largou a bolsa dos ombros ao lado do alforje de Lyra e depois voltou para ajudar Crony.

O que vocês dois estão fazendo? Por que não estamos saindo? Stain moldou suas perguntas enquanto registrava a sala. Vestidos velhos e maltrapilhos cobriam itens invisíveis ao longo das paredes de terra. Prateleiras pendiam no lugar, como se crescessem da terra como raízes. Jarros empoeirados, cheios de itens, mágicos, herbáceos e revoltantes, revestiam as ripas de madeira. Mas foi o espelho que a encantou, atraindo-a para mais perto. Longo e oval, mostrava toda a sua forma. E apesar de quebrado, segurou o reflexo dela mais meticulosamente do que qualquer espelho que ela já tivesse visto.

Ela não conseguia desviar o olhar da garota com penugem escura cobrindo o couro cabeludo; seus olhos arregalados, brilhando entre lilás e âmbar nas chamas inconstantes; seus cílios longos e brancos lançavam um traçado de formas em suas bochechas cor de cinza e cicatrizes.

O espelho mantinha algo sob sua superfície dilacerada, uma parte dela que ela não sabia que existia.

—Assistentes de sombra, sim? — Perguntou Crony ao fundo, sobre os gemidos dos cavaleiros, embora Stain estivesse muito distraída para responder.

—Não se preocupe. — Respondeu Luce no lugar de Stain. — Ela chegou a essa conclusão sozinha. E ela trouxe seus grilos. — Luce levou Crony até a parede.

Os ossos da bruxa estalaram quando ela se inclinou contra uma prateleira. — Então, todos nós estamos errando sobre mariposas.

Stain franziu a testa. *Grilos, traças e sombras.* Ela rolou as palavras em sua mente, imaginando o que era tão importante em cada uma delas. Por que eles lhe deram uma sensação de segurança, de aceitação. Quanto mais ela pensava nelas, mais poeirenta a sala crescia, como se uma névoa subisse das paredes. Stain piscou, incrédula, quando aquela névoa se transformou em uma corrida de mariposas marrons que se agitavam no pequeno espaço, dançando com as sombras à luz das tochas. Era como se eles estivessem se escondendo lá, se misturando com a sujeira por séculos, esperando por ela para chamá-los.

Juntando as mariposas, seus grilos saíram do alforje entreaberto e pularam pela sala.

Stain soltou um gemido silencioso enquanto Luce e Crony observavam calmamente - inescrutáveis. O raio branco que fazia a ponte entre os chifres da bruxa se apagou e o cavaleiro parou de chorar.

—Acorde, porco. Há algo que eu gostaria que você visse. — Luce chutou o homem, provocando um impulso. Pegando a espada, Luce entregou a Crony, em seguida, empurrou o homem a seus pés. Os grilos subiram pelos cantos e entraram nas bainhas dos velhos vestidos, seguidos pelas sombras e traças.

O cavaleiro balançou quando Luce o virou para enfrentar Stain. O homem olhou para os olhos dela e depois esfregou os próprios, piscando com força.

—Não. — Ele murmurou. — Esses cílios. Não é possível. — Sua pele drenada para um tom esverdeado. Ele girou em direção a Crony. — Me devolva ao pesadelo! Por favor! Por favor, tudo menos isso!

Envergonhada por sua reação, Stain recuou mais perto do espelho quebrado.

Luce forçou Erwan novamente. — Receio que não, porco. Este é o seu pesadelo agora. — Depois de trancar as algemas ao redor dos tornozelos do cavaleiro, Luce ficou ao lado de Crony.

Todas as sombras aumentaram e engrossaram até que Stain não podia mais ver seus guardiões, proporcionando uma escuridão tão profunda que a luz da tocha circulava apenas ela e o cavaleiro. Era como se eles estivessem em um

palco - como se fossem artistas em algum drama grandioso e perturbador. Os grilos começaram a cantarolar baixinho, um misterioso acompanhamento musical.

Depois de tentar escapar de suas algemas, o cavaleiro caiu de joelhos a seus pés e pressionou o rosto no chão de terra batida. — Eu não vou olhar. Você não pode me fazer. Você não está aqui, você não é real. É impossível! Eu assisti você morrer... Assisti os arbustos de cadáver mutilados de você. Eu fechei o caixão no seu cadáver eu mesmo; Nós te levamos embora ... — Ele engasgou.

As pernas de Stain enfraqueceram, seu corpo entorpecendo. *Foi você?* Suas mãos pendiam ao lado do corpo, incapazes de formar a pergunta. No entanto, sua acusação ecoou - carregada no bater de asas de mariposa escondidas ao redor da sala: *Você, você, você.*

O cavaleiro gritou e bateu as mãos sobre as orelhas, enterrando o rosto entre os braços.

A garganta estéril de Stain se arrepiou. Chutando uma nuvem de sujeira em sua cabeça, ela o forçou a levantar o nariz para respirar.

Ela olhou para ele enquanto as asas da mariposa continuavam com seu mantra: *você, você, você.*

—Um truque de bruxa. — Ele murmurou um gemido. — Você não é ela. Ela não tinha voz. E seu cabelo está todo errado. Muito escuro. Era prata quando eu raspei. Não se esquece cabelo assim. Não se esquece...

Stain agarrou seu couro cabeludo para afastar uma sensação arrepiante de violação.

O cavaleiro agarrou o canto de um vestido - um que escondia uma forma retangular. — Você é um fantasma. Se foi. Morta. Nada mais do que tinta e mofo. — A cortina escorregou, revelando um retrato por baixo, coberto de poeira branca.

Com as mãos trêmulas, Stain limpou a névoa de pó. Lá, olhando para ela, estava a garota que ela tinha visto cada vez que olhava no espelho encantado de Crony, aquela com longos cabelos prateados, olhos lilases, pele pálida e

brilhante e sem cicatrizes. Exceto que essa garota tinha cílios mais curtos, e ela usava uma coroa enquanto estava ao lado de um pai real.

Essa garota era uma princesa, algo que Stain nunca poderia ser.

Os grilos gorjearam mais alto, arrastando-se debaixo dos lençóis, cada um deles coberto de pó branco. Eles pularam nas pernas da calça de Stain e subiram. Seus movimentos a confortaram, mesmo quando suas pernas e pés eriçaram-se ao longo de seu pescoço e ombros em ondas, formando uma cobertura até o couro cabeludo, parando em suas têmporas e sobrancelhas. Em seguida, as mariposas escorregaram de seus esconderijos e se agitaram em torno de sua cabeça. Observando-se em extasiada admiração, os olhos do cavaleiro se arregalaram. Então ele gritou, arrancando o cabelo em pedaços ensanguentados. — Eu estava seguindo ordens! Não foi ideia minha, juro. — Lágrimas e ranho reviraram seu rosto, transformando a sujeira em suas bochechas em lama. — Majestade, eu te imploro; Tenha piedade!

Majestade. As sombras de Stain pressionaram ao redor dela, uma gentil persuasão para voltar ao espelho quebrado. Desta vez, ela viu uma longa juba de grilos brancos e uma coroa de mariposas. E ela finalmente viu seu verdadeiro eu: uma princesa assassinada, ressuscitada.

24
A esplêndida Sutileza da Singularidade



A sala caiu em breu. As sombras de Stain giravam ao seu comando, suas rajadas apagando a tocha e deixando apenas seus olhos refletidos no espelho, cortando a escuridão como cacos de âmbar voltaico.

Ela girou quando as sombras se acumularam sobre o cavaleiro que gritava. *Enterre-o*, veio o pensamento espontâneo. *Enterre-o como se ele tivesse tentado me enterrar.* Se ela tivesse o poder, ela o levaria até o barranco, deixaria seus pecados preencherem as terras baixas da floresta com cinzas suficientes para alcançar o céu.

Coma ele vivo.

Sob sua responsabilidade, as sombras o golpearam com rajadas isoladas de vento, rasgando seu uniforme, arrancando seus cabelos, arrancando os tufos ensanguentados do couro cabeludo. Ele lutou contra as algemas em seus tornozelos.

Stain rangeu os dentes e se aproximou quando os grilos escorregaram de sua cabeça. Saltando pelo chão, eles migraram com as mariposas para encontrar segurança sob os vestidos descartados.

Ele quer ficar de pé, ajudem-no. Stain acenou com um braço e levantou-o alto.

Suas sombras empurraram o cavaleiro para cima, então ele pairou sobre rajadas de ar sombrias, pregadas no lugar pelas correntes a seus pés. Ele implorou por misericórdia novamente quando os fragmentos de seu manto se torceram ao redor dele. Seus braços se agitaram, sua cabeça balançou de frente para trás. Concentrando no brilho escuro de seus olhos, ele parecia um boneco de madeira desgastado por muito jogo, adorado ao ponto de podridão e ruína. Ela se perguntou quanto dano real suas sombras poderiam causar, se elas tivessem o poder de destruí-lo pelas costuras.

O pensamento violento tanto a assustou como a atormentou.

A dura sabedoria de Scorch retornou, tendo queimado sua marca em seu coração: *—Eu gostaria de pensar que você tinha um gosto de vingança antes de ser deixado de lado. E se você não, eu vou ver que você se vingará um dia. Quem te machucou, responderá a nós dois.*

Como ela o queria aqui agora, para mostrar-lhe o caminho para a brutalidade. Sua boca se esticou em um gemido silencioso e sem som, e as sombras reagiram, puxando a parte superior do cavaleiro para frente e para trás no ar como um pêndulo invertido. Se ela permitisse que elas o largassem, seu crânio iria atingir o chão com um baque surdo.

—Você precisa dele vivo. — A voz de Crony rompeu, um feixe luminoso perfurando a escuridão selvagem dos pensamentos de Stain. Seus guardiões estavam sussurrando em seu canto escuro durante toda a sua fúria, mas tão decididos a vingar-se, ela os afastou de sua mente. Como se para dar clareza ao círculo completo, a tocha se acendeu, revelando Luce e Crony de pé ao lado dela - a simpatia se deslocando sobre suas feições a cada lampejo de luz da fogueira.

—Deixe o homem falar, pequenina.

Stain comandou as sombras para destravar seus grilhões. Luce passou pelas rajadas de vento para levantar o cavaleiro por seu manto rasgado. Ele o segurou contra a parede - a tocha a centímetros de sua cabeça - quente e imponente.

Soluçando, Erwan cobriu o rosto enlameado e manchado de sangue com os dedos.

Luce trocou olhares com Stain, seus olhos tão brilhantes com sede de sangue quanto os dela havia momentos antes no espelho. — Ela tem todo o direito de vencê-lo. — Ele dirigiu a declaração para Crony. — Se ela precisa manter as mãos limpas, deixe-me ser o carrasco. — Agarrando o cabelo de Erwan, Luce empurrou a cabeça para um lado para expor sua jugular. — Você pode obter suas respostas de suas memórias finais enquanto ele morre.

Crony colocou a mão no ombro tenso. — Não. Ele deve ser o único a dar de bom grado sem que eu use a magia da memória. É o único jeito.

O cavaleiro parou de soluçar então, finalmente percebendo que ele ainda poderia viver. Ele desabou no abraço de Luce, membros flácidos e testa descansando no ombro do sílfide. Sua luta com as sombras lhe custara suas funções corporais, e a urina umedecendo as pernas de sua calça misturada com sujeira e pétalas de rosa para formar um mau cheiro mal-moldado.

Luce enrugou o nariz. — Você me enoja, e isso está dizendo muito, considerando que eu tenho os padrões de um cão pulguento. — Sua mandíbula se contraiu e ele encontrou o olhar de Stain. — O que você diz, majestade? Eu libero essa larva, ou seguro-a para você enquanto você executa sua fúria? Eu farei o que você fizer.

Lyra respirou fundo. *Majestade*. Luce disse isso de forma diferente do cavaleiro. Não com medo, mas com veneração. Acalmou-a, renovou aquela parte de si mesma que sempre odiou a violência, apesar de ter sido abusada e perdido suas memórias.

Sua atenção voltou ao retrato real. Esse pai foi gentil. Ela podia ver em sua expressão gentil. Sua coloração lembrou-a de Vesper: pele avermelhada e olhar

sombrio. A princesa que mal chegava à cintura e era muito diferente - um rosto sem cor e olhos de tom de inverno, o vestido transparente pálido contra a profundidade vívida de seu manto de veludo, cinto de ouro e meias vermelhas. No entanto, a criança estava sorrindo. Ela sabia que era aceita e amada, e não havia dúvidas quanto a quem. A propriedade paternal aqueceu o próprio sorriso do rei quando ele olhou para ela - um genuíno orgulho óbvio, mesmo à luz das tochas.

Aquele rei queria que sua princesa tivesse um futuro maravilhoso, ser reverenciada por seu coração, por sua alma. Para ganhar a devoção de seus assuntos. Mesmo sem se lembrar dele, a imagem dizia isso para Stain. Este rei não teria cedido a paixões brutais.

Mas quem era esse rei? Se Stain fosse uma princesa, qual princesa ela poderia ser? Sir Erwan disse que ela não tinha voz quando ele a expulsou, e já que uma princesa dos pássaros cantores já vivia dentro dessas paredes de marfim, quem foi que partiu? Stain era uma prima, uma irmã?

Ela não sabia nada sobre a história da família real.

Crony estava certa. Ela precisava de respostas,

Quem sou eu? Stain assinou a pergunta ao cavaleiro, com os dedos vacilantes.

—Diga a ela. — Luce interpretou os sinais de mão. —Seu nome dado.

A cabeça de Erwan pendeu do ombro de Luce. O homem deixou ficar pendurado até que Luce o sacudiu. — Responda, suíno e responda com sinceridade. Caso contrário, vou voltar para as sombras e banquetear-me com o que restou de sua carcaça depois que eles terminarem de esfaquecê-lo vivo.

Erwan respondeu com voz rouca. — Tu es, Lyra da casa de Eyvindur. A única filha verdadeira do rei Kiran e da rainha Arael. A princesa da profecia.

Stain passou a mão nos lábios dela. O rei e a rainha de Eldoria, supostamente gentis e nobres governantes, morreram anos atrás. Saber que ela era parte deles - cortou os fios que haviam reunido qualquer esperança de encontrar seus pais um dia, qualquer chance de sentir como era estar em seus

braços.

Sua garganta se encheu com soluços reprimidos, mas mesmo em pesar, ela compreendeu o escopo completo da confissão do cavaleiro. Ela era a verdadeira princesa de Eldoria.

Não Stain. Lyra. Ela se envolveu dentro do nome, usando-o como uma armadura, tirando força do poder por trás dele; força suficiente para enfrentar toda a verdade.

Onde? Ela apontou para a garganta, fúria e agonia que ferviam logo abaixo da superfície. Suas sombras se aproximaram, mantidas a distância, mas prontas para agir.

Luce empurrou o corpo do cavaleiro contra a parede. — Lady Lyra quer saber o que aconteceu com sua voz de canto de pássaro. Eu também estou interessado nesse detalhe.

O cavaleiro cobriu o pescoço e olhou para os dentes rosnados de Luce, obviamente temendo o destino de sua própria garganta se ele respondesse.

Lyra ofereceu a Luce para soltar o cavaleiro e recuar. Amaldiçoando, Luce recuou.

Erwan escorregou para o chão e se encolheu diante das sombras imponentes. — Foi roubado de você com um dispositivo encantado, e dado a outra. — Ele deu uma olhada para os vestidos espalhados pela sala. — Esses vestidos escondem suas lembranças. Os lotes de sua vida do tempo antes de você sair. Eles estavam escondidos aqui porque ela não suportava olhar para eles, para encarar o que ela tirou de você.

Ela? Lyra imitou a palavra entre os dentes cerrados, movendo-se para a luz para que o cavaleiro pudesse ver seus lábios.

—A outra princesa, Lustacia, sua prima que tomou o seu lugar. Ela concordou com isso, mas apenas por amor ao príncipe. Ela se arrepende, ao contrário... — O cavaleiro caiu, o estresse emocional e físico tomando um pedágio.

Luce rosnou. — Derrama os nomes de qualquer cúmplice, e nós vamos

deixar você descansar.

—Sir Bartley, a regente Griselda e suas três filhas - sua tia e primas. — Erwan murmurou a última parte na direção de Lyra, com a cabeça caindo em suas mãos. — Mas tudo foi feito no comando da regente.

Um grunhido ficou baixo na garganta de Luce. — Ah, há mais de um pássaro cantando neste castelo. Embora a regente não fique nada feliz quando ela ouvir o quão bonito você cantou hoje. E eu sou o único a contar a ela.

—Ela não está aqui para contar! — Erwan gritou, jogando as mãos do rosto. — Eles já partiram para Nerezeth; o casamento deve acontecer após a sua chegada. Apenas um punhado de guardas de Eldoria ficou para trás para vigiar o castelo. Nenhum deles sabe nada sobre isso. Se você contar a eles, eles não acreditarão em você. Eles já viram e ouviram a princesa da profecia; ela tem todos os traços. Parece bastante com a criança nos retratos para convencer qualquer um. Ela ainda tem guardas de sombra. E eles estão muito à frente. Você nunca vai alcançar. Nunca chegará a Nerezeth a tempo de defender seu caso antes do casamento.

Luce forçou-o a subir novamente, de modo que eles estavam cara a cara. Ele desdenhou, pontas brancas afiadas pressionando em seu lábio inferior. — Eu vou se eu voar.

Lyra respirou fundo, imaginando o que poderia ter feito quando criança, para garantir tal tratamento de sua própria família. Ela procurou o olhar tenro e enlameado de Crony, seus braços ásperos, seu perfume de mirra e flores em decomposição.

Crony deu um passo à frente e segurou o queixo de Lyra nas mãos dela, esperando.

Por que minha tia me odeia tanto? Lyra assinou. *Ao ponto de tirar tudo de mim?*

Crony a puxou para perto. Lyra se derreteu nela. Os dedos escabrosos de Crony alisaram o couro cabeludo, pegando a penugem.

— Algumas pessoas abrigam tantos espinhos lá dentro, que estrangulam

toda a beleza. O reino sob sua tia, foi sufocado por urtigas e trepadeiras, é um reflexo de seu coração. Uma roseira com apenas uma rosa. Não foi você que causou isso. Foram seus próprios dispositivos sombrios e ódio que a levaram. Essa fealdade está fazendo a sua saída enquanto falamos. Será o que a vencerá no final. Tenha fé nisso.

Lyra se aconchegou mais no abraço. Suas sombras afundaram no chão ao redor dela. Os grilos e traças se arrastaram para se juntar a elas.

—Você nunca vai ganhar, a regente sempre tem um plano alternativo. — Resmungou Erwan.

Luce algemava o lado de sua cabeça, provocando um grito. — É por isso que estou aqui, caroço. Ser o friso em todos os seus planos. — Ele lançou um olhar para Crony. — Agora? Nós terminamos? Ele é meu?

—Sim, ele é seu. Mas eu repensaria matando-o. Leve-o conosco. Precisamos de suas asas e não podemos nos dar por perdidos. Embora o castelo seja praticamente abandonado, podemos nos deparar com um guarda ou dois. Ele pode ser um trunfo.

Luce levantou o rosto de Erwan. — Sim, um ativo. Tudo que você precisa é de motivação. — Ele acariciou o lado do rosto do cavaleiro como um amante faria, então embalou sua voz para aquele cordão de seda de persuasão. — Estou intimamente ciente dos encantos de Lady Griselda. Como ela se destaca em controlar os homens de sua vida. Olhe tudo o que ela te obrigou a fazer. Ela nunca assumirá a culpa sem arrastar você também.

Erwan pegou um fôlego - capturado no feitiço de Luce. — Eu tentei dizer a ela que ela estava ficando muito ousada. — Ele respondeu. — Ela nunca ouviu.

—Claro que você fez. — Luce concordou com um sorriso de escárnio. — Sem dúvida, você perderá a cabeça por isso. Não seria delicioso se primeiro você pudesse ter a vantagem apenas uma vez? Saia como um homem. Agite sua árvore e balance alguns galhos. O que diz?

—Sim, um homem. — A resposta de Erwan foi encadeada com uma

qualidade de sonho. — Ela precisa me ver como um homem.

Stain viu Luce usar seus encantos de sílfide antes, cavando na mente de uma vítima para descobrir seus desejos ocultos. É óbvio que Erwan abrigara hostilidade contra Griselda por tê-lo atraído para esse plano perigoso, e os maus-tratos dele a regente alimentavam o rancor.

A habilidade de Luce em persuadir e atrair o tornava ainda mais perigoso em sua forma aérea, quando ele podia ser ouvido sem ser visto, quando podia enganar sua presa a pensar que ele era sua própria voz interior. Se ele conseguisse suas asas de volta hoje, para se tornar etéreo novamente, ele seria um formidável aliado para a ascensão de Lyra contra a princesa falsa.

Mas por que as asas dele estavam aqui? A regente teve um papel em sua punição? Isso tem algo a ver com Luce salvando-a das mortalhas? Por que ele teria salvado ela em primeiro lugar? A mulher parecia envenenar toda vida que tocava. Mas ainda se recuperando de suas próprias descobertas, Lyra não encontrou forças para fazer essas perguntas.

—Pronto para ir? — Luce perguntou a sua vítima.

Erwan assentiu, em transe.

Luce olhou o caminho de Lyra. — Você não está sozinha. Estamos com você até o fim. — Ele inclinou a cabeça para Crony, depois arrastou Erwan para o outro lado da sala e abriu a porta. Os três lojistas tombaram, tendo suas orelhas pressionadas contra a madeira.

Eles se levantaram e ficaram de boca aberta com Lyra.

—Você não é um menino, você é um longo dia de gravidez! — Edith foi a primeira a falar. Ela se virou para Winkle. — Ela é uma princesa! Ela foi injustiçada por lady Grithelda.

—Nós vamos vingar você, Alteza! — Winkle guinchou e saltou em torno do cavaleiro em um ataque de raiva, suas orelhas de coelho se contorcendo.

Estragos se abriam para as sombras, grilos e mariposas cercando Lyra, seus olhos bulbosos redondos como pires de chá.

— Uma criança do reino do dia dominando o leme da noite. De fato,

nossas lousas são escritas pelos destinos.

Todos os três trocaram olhares atônitos, depois caíram de joelhos. Ao forçar o cavaleiro a se ajoelhar, Luce fez o mesmo.

Lyra deu um passo à frente. *Obrigada,* ela imitou, querendo mais do que nunca gritar - em pesar, em fúria, em gratidão.

Crony acenou para a porta aberta. — Dregs e Winkle, vocês dois vão com Luce. Eu estarei atrás de você em breve. Edith, fique do lado de fora da porta. Eu tenho uma proposta para você.

Todos saíram, deixando apenas Lyra e Crony. Assim que a porta se fechou, Lyra girou, fazendo as sombras se moverem pela sala e arrastar os vestidos esfarrapados dos itens escondidos ao longo das paredes. Ela tocou tudo o que eles descobriram: mais retratos - alguns de sua mãe rainha com um solavanco na barriga que um dia seria ela, então outros de ambos os pais, jovens o bastante para se casarem novamente, olhando um para o outro com adoração, impecáveis e belos como estátuas de cobre polido; uma pequena torre de rosas de panacéia - hastes amarradas com fita de prata e pétalas murchando e enroladas; e uma pilha de pergaminhos pretos, cada um com o título de Princesa Lyra e uma data escrita em tinta dourada na frente.

Lyra examinou os dedos de ponta dourada. Apenas algumas horas antes, o príncipe respingara seu sangue cintilante sobre os papéis correspondentes na ravina. Ela caminhou até a pilha e levantou uma. O selo real de Nerezeth - uma lua crescente de cera de prata ao lado de uma estrela de nove dentes - foi quebrado em todas as letras. Eles foram abertos, lidos e respondidos por alguém além dela. Alguém fingindo ser ela.

Sentindo-se Crony chegar por trás, ela se virou. *Eu vi a mãe da mortalha hoje.* As palavras saíram de suas mãos. *Quando eu fugi de você e Luce, fui para o seu lar procurando respostas do meu passado. Ela previu isso, que havia mais para mim do que eu sabia. Ela disse para me conhecer, eu precisava ter cabelo de aço e lágrimas de pedra, que eu teria que provar o suficiente para me envolver em pontas, mas macia o suficiente para andar pelas estrelas sem*

esmagar as pernas. O que isso significa? Tudo parece impossível.

As pálpebras transparentes de Crony se alargaram, indicando mais interesse do que surpresa. — Eu tenho fé que você pode fazer o impossível. Você provou isto por sua vontade de fazer uma morte quando eu encontrei você.

Você sabia o tempo todo. É por isso que você e Luce me ensinaram sobre o mundo exterior, sobre ser diplomática e fazer as pazes com os outros. Você sabia que eu era herdeira de Eldoria. Por que você pegou minhas memórias, Crony? Onde elas estão? Por que você ainda os mantém longe de mim?

Crony desviou o olhar, lamentando pesar suas feições serpentinas. — Essa é a única maneira que eu poderia trazer sua alma de volta dos mortos, roubando suas memórias de estar viva. Eu não posso dizer mais do que isso. Pode ser o suficiente, que Luce e eu te salvamos e cuidamos de você?

Lyra apertou os dedos em nós, depois assentiu. Depois de tudo o que havia acontecido nesta sala, ela entendeu que havia algo além do poder da bruxa que a mantinha dentro de seu sofrimento. Um pesadelo dela que ela não podia superar.

—Bom. — Crony pegou as mãos dela. — Eu estou vendo que você vai passar o passado. Mas primeiro, você deve ganhar tudo o que tem no presente. Você deve ser forte o suficiente para reivindicá-lo sem suas lembranças. Lembranças serão suas recompensas no final.

Lyra cerrou os dentes, inspecionando novamente o reflexo: pele com cicatrizes de pele grisalha, túnica cinza e calções empoeirados.

Como posso ser uma rainha quando não sei nada sobre governar? Como posso provar que sou uma princesa para qualquer reino? A princesa, não menos? Eu não pareço nada com a profecia dita. E eu não tenho nenhuma música de rouxinol saindo dos meus lábios. Eu não sou notável em todos os sentidos.

—Ah, mas você pode aprender a governar, quando seu coração já for sábio e misericordioso. E você pode cuspir e polir para parecer a parte da realeza. Essa é sua vantagem em seu impostor. Não importa o que esteja do lado de fora, não se pode mudar suas entranhas. Vós sois o singular jogo do Príncipe Vesper, pois

as tuas forças equilibram as dele, tal como a profecia diz. Quando chegar a hora, isso será mais importante que qualquer casca externa, sim?

Lyra respirou fundo. Scorch dissera palavras parecidas, todos os anos em que eles corriam juntas. Seu querido e precioso Scorch.

Como se lesse sua expressão de dor, Crony se aproximou.

— Você está pensando em toque que estará deixando para trás na floresta?

Lyra suspirou, obrigando-se a retransmitir o que mal conseguia lembrar. *Eu não vou deixar o Scorch para trás. Ele morreu, mas ele não fez. Sua essência uniu-se ao príncipe quando ambos caíram no pântano da lua. Havia alguma magia negra no trabalho.* Ela se sentiu ridícula tentando explicar. *Não faz sentido. Mas é verdade. Eu já o perdi.*

Crony sacudiu a cabeça. — Deixe somente pensar que você o perdeu. Deixe a magia estar dentro do próprio príncipe, e você ganhará os dois. — Ela retirou uma carta preta, não da pilha, mas de seu manto. Foi dirigido a Lyra, como todos os outros, e era datada de três anos antes.

Lyra pegou, levantando uma sobrancelha intrigada.

—Sir Erwan e eu tínhamos um pouco de tempo nesta sala sozinhos, aguardando o resgate. Quando o cavaleiro estava em sua escravidão, pedi-lhe que me entregasse algumas cartas. — Ela encolheu os ombros. — Esta que eu encontrei mais interesse, mais agora.

Lyra passou as pontas dos dedos pela escrita dourada. A tinta saltou em resposta, como se fosse magnetizada e seus dedos fossem de metal. Acendia sua pele, aquecendo-a com picadas de agulha - uma sensação de invasão que a enchia da cabeça aos pés. Ela soltou e a tinta caiu de volta no papel, reformulando as palavras:

Minha querida princesa Lyra

Espero que isso seja bom para você. Fui encorajado a ouvir sobre o trabalho do Primeiro Ministro Albous com você na sua assinatura. Eu entendo o que é ser prejudicado nas comunicações com os outros. Desde o momento da minha maldição, perdi a capacidade de falar mentalmente, de mente a mente,

com o meu pessoal. Talvez um dia eu possa aprender a usar suas antigas assinaturas - para meus súditos, para você e para mim, para que possamos nos comunicar facilmente. Você perguntou em sua última nota como eu fui amaldiçoado há dois anos; Foi um impulso arrogante. No dia em que, meu pai morreu, engoli a luz do sol para me tornar poderoso o suficiente para curar meu povo sozinho; em vez disso, quase segui a passagem eterna do meu rei para as estrelas. A feiticeira de Nerezeth me salvou. Eu tive um sonho enquanto estava sob seu feitiço, que algo pairava sobre mim com asas de sombra e fogo, mas depois escorregou da minha visão antes que minha mente enfeitiçada pudesse raciocinar. Quando acordei, me senti incompleto. A única coisa que me deu paz foi a sua música; Ao ouvi-la, eu sabia que descobri que você me faria completo novamente. Então, em troca deste grande presente, espero torná-la mais forte e capaz de enfrentar o sol. Essas cartas estão escritas no meu sangue, ricas de sol. Descobrimos que tem a capacidade de dessensibilizar os Nerezethites à luz do dia. E como você é tão parecida com eles dessa maneira, espero que tocar essas cartas nos permita compartilhar uma dança na minha chegada a Eldoria.

Não apenas unir vidas, mas unir as mãos como um exemplo para nossos reinos.

Seu em noite e dia,

Prince Vesper

Lyra congelou enquanto pedaços de explicações do príncipe no pântano da lua faziam sentido: *a parte de mim que eu achava que tinha perdido estava aqui o tempo todo, com você, tendo conversas silenciosas.* Vesper disse que ele não matou Scorch; *ele tinha tanta certeza disso: eu sou ele, sua força bestial. Eu tenho sido ele o tempo todo.*

Ofegando, Lyra olhou para sua tutora.

—Sim, de fato há magia em jogo, uma. Mas começou cinco anos antes, quando seu espírito se dividiu em dois.

Lyra dobrou a carta, vencida. Foi demais, muito de uma só vez.

Crony pegou uma rosa murcha e cheirou. — Nosso arrogante Pégaso

parece ter um lado de carinho, afinal. Permaneceu em Nerezeth com o príncipe. Um garoto que aprendeu a falar em sinal para uma garota que ele ainda não conheceria, e encheu sua carta com letras de sangue, só para que ele pudesse tocá-la.

Lyra não conseguiu responder. Ela suspeitava que o príncipe fosse um bom homem depois de escutar mais cedo. Ainda assim, ela o deixou quando ele estava sofrendo e confuso, ela correu porque não podia enfrentar a dor de seu amigo mais verdadeiro sendo trancado dentro dele e arrancado dela para sempre.

O arrependimento, profundo e sinuoso, estrangulou seu batimento cardíaco. Ela apertou a nota com mais força e caiu de joelhos. Um canto do pergaminho se curvou, expondo o roteiro novamente. Tinta tocou sua pele, tinginda de ouro como o sangue do príncipe. Ela moveu as mãos para as rosas murchas empilhadas ao lado dela, drenando a luz do sol até que as flores explodissem com vida nova. Seus ombros caíram, corpo fraco e dolorido do esforço.

Crony riu sua língua bifurcada. — Acho que você teve tempo de ler uma dessas cartas, antes de ser colocado em um caixão e deixada para morrer. O príncipe compartilhou seu sangue para ajudá-la. Mas pode deixar o destino ter outro propósito em mente - ajudá-lo.

As palavras de Crony atingiram a consciência de Lyra. Ela se perguntou de novo, assim como no pântano da lua: poderia drenar a luz do sol do príncipe e soltá-la em outro lugar, agir como um canal para curá-lo?

O medo percorreu sua espinha ao considerar como já estava cansada. Ela sobreviveria a uma transação tão monumental? Mas saber que ele era Scorch - aquele que ela riu, brigou e correu nos últimos cinco anos - fez a pergunta questionadora. Ela o amava o suficiente para tentar.

Eu já deveria tê-lo salvado, ela disse a Crony. Ela arrastou uma rosa aveludada em seu colo, seu perfume provocando e acusando. *Eu acabei de deixá-lo lá. Eu não achei isso possível. Como isso poderia ter sido possível? Como pode alguma coisa ser?*

—Magia é sem limites. Considere como a profecia encontrou uma maneira de unir seu príncipe e sua princesa, apesar das mãos dos outros. Como isso nos dá tempo para nos conhecermos, para se tornarem companheiros, amigos...

E iguais. Os dedos de Lyra terminaram o pensamento de Crony. *E se Vesper se casar com a impostora antes de eu chegar lá? Ele não sabe que sou Lyra. Ele acha que ela é, que ela vai curá-lo. E se eu já o perdi?*

Sua guardiã segurou as mãos dela. — Como uma menina abandonada, você amava um cavalo que durante todo o tempo era um menino. E agora que você sabe, você tem medo de que o amor seja unilateral o suficiente para que ele se case com outro além de você? Aquele cavalo ainda vive dentro dele. Ele colidirá com paredes, quebrará ossos e desafiará seu destino para ficar com sua pacata menina órfã. Você teve a coragem de salvá-lo como um Pégaso. Diga-me, a que distância você irá para salvá-lo como o homem?

Eu farei qualquer coisa. A ferocidade latente de Lyra reapareceu. Ela esfregou o nariz, sentindo-se tão inepta quanto Vesper sobre como os dois poderiam consertar os céus desarticulados. *Eu tenho o luar no meu sangue e o príncipe tem a luz do sol na dele. É assim que o céu estará unido? Quando eu salvá-lo?*

—As peças vão se encaixar como elas vão. Tudo o que você precisa fazer é se concentrar em ajudar o príncipe. — Crony sorriu então - aquela reviravolta de lábios e dentes pontiagudos que fizeram os soldados se ajoelharem.

No entanto, foi aquele sorriso que deu força a Lyra para ficar de pé, as pernas não mais trêmulas. Foi aquele sorriso que a construiu de uma órfã sem nome para um membro da floresta, aquela que serviu a um propósito e teve uma família. E hoje lhe daria forças para ser a princesa de Vesper e seus dois reinos necessários.

Ela abraçou Crony novamente, tempo suficiente para sentir os batimentos cardíacos martelando entre elas. Forçando-se a quebrar o abraço, ela assinou: *Obrigada por me salvar; por me dar uma casa. Um sacrifício tão grande para uma bruxa harrower de espírito livre e uma raposa sílfide.*

—Não, é uma grande honra, um pouco. — Seus dedos ásperos inclinaram o queixo de Lyra. — Mantenha-se como a princesa que você é. Se você acredita, assim também eles acreditarão. — Ela apontou para a pilha de cartas. — Agora aprenda o lado do príncipe do coração de sua fera. Depois limpe-se e prepare-se. Quando Luce voltar, vocês dois partirão para Nerezeth.

Você quer dizer quando Luce retorna, todos nós saímos, certo? Lyra gesticulou.

—Eu tenho um papel a desempenhar, aqui neste reino. — Com isso, ela foi até as prateleiras na parede e derrubou vários potes. Colocando-os em uma caixa no chão, ela voltou sua atenção para Lyra. — Vai funcionar melhor assim, você verá.

Lyra sentiu algo sinistro na resposta. Quando a bruxa se dirigiu para a porta, ela se virou uma última vez para olhar para Lyra.

Lyra mexeu os dedos: *vejo você em breve...*

Crony inclinou os chifres para o lado e saiu mancando.

Eu te amo, respirou Lyra antes que a porta se fechasse. Sabendo que Crony não tinha ouvido falar, Lyra ordenou que seus grilos se espremessem abaixo do limiar e seguissem a bruxa grosseira. Ela havia negociado para Crony, então eles pertenciam a ela; eles ficavam com ela, cantavam para ela e mantinham a companhia até Lyra e Luce retornarem.

Isso deu a Lyra algum pequeno conforto.

Limpar, preparar. Ela se despiu e se lavou com o suprimento de água em seu alforje, se esfregando com pétalas de rosa. Os aglomerados de roupas e vestidos descartados, desgastados e comidos pelas traças, aguardavam. Depois de procurar algumas roupas de baixo frescas, ela procurou o vestido que sua mãe usava no retrato como uma jovem rainha recém-casada. Lyra entrou na seda transparente e rasgada, o mesmo tom rosado das pedrinhas do Lago de Cristal. Ela enfiou o talismã do cabelo de Crony debaixo do decote, depois cobriu o vestido com a túnica de veludo, verde-esmeralda como a grama em que ela caminhara hoje. Bordados e rendas esfarrapadas enfeitavam o decote e as

bainhas - como trepadeiras e pétalas murchas. Houve momentos em que havia contas e pedras preciosas, mas elas foram arrancadas, deixando fios desgastados.

Este vestido costumava ser espetacular, mas olhando-se no espelho, com cicatrizes e escalpeladas, com botas sujas em seus pés no lugar de chinelos elegantes, isso lhe servia melhor como trapos adoráveis. A ruína complementava suas peculiaridades da mesma forma que a perfeição as prejudicaria.

Humildade aqueceu suas bochechas, dando as veias sob sua pele proeminência mesmo através da coloração cinza. Ela não se parecia em nada com seus pais e nunca faria isso. Tudo o que ela podia esperar era parecer-se com ela, que um dia a coloração acinzentada se desgastaria para que sua pele iluminada pelo luar pudesse brilhar novamente. Suas falhas se destacaram vividamente contra o cinza. Cada cicatriz tinha uma história para contar, cada ferida e arranhão era o começo de outra - evidência de uma força sutil. Talvez esse fosse o verdadeiro reflexo de sua mãe e pai.

Ela imitou um mantra enquanto selecionava as muitas anotações de Vesper: *Meu príncipe. Meu reino. Minha vida.* Seu grito de guerra, silencioso mas fortalecedor. As mariposas voaram em volta dela, ecoando com suas asas: *Minha vida, minha vida, minha vida.*

Por fim, ela entendeu seu chamado, sua identidade. Ela faria seus pais orgulhosos, recuperar o que foi roubado, salvar o príncipe do reino da noite e unir o sol à lua - o que for preciso para ver tudo pronto.

25

De vida e morte



Os militares de Eldoria - mais de duzentos e fortes - escoltaram Griselda e a comitiva da princesa para a escada de ferro de Nerezeth em garanhões. A infantaria usava lâminas de alabarda para cortar os caminhos da madressilva para o séquito do casamento. Ao chegar à escadaria, metade dos soldados ficou na base da montanha Astra, acampando do lado de fora da panacéia, que se levantava em cercas vivas para aguardar o novo rei e o retorno triunfante de sua rainha. A outra metade acompanhava a comitiva pelo terreno nevado do reino da noite e até a fortaleza de obsidiana. A Rainha Nova enviou sua própria infantaria - embora em pouco número devido à doença - para encontrar seus hóspedes Eldorianos e garantir que eles tivessem uma passagem segura pelas escadas abaixo e através do Grim. Ela abriu sua ponte levadiça sem questionar, o bem-estar de seu filho sua prioridade máxima. Havia um pacto de sangue mantendo a paz, e uma vez que o casamento acontecesse, seus reinos seriam unidos sob o mesmo céu novamente. Tanto Nerezeth quanto Eldoria precisavam dessa união, tornando a ameaça da guerra uma consideração obsoleta e sem sentido.

De volta a Eldoria, onde a princesa de verdade esperava em seu quarto escondida, quarenta guardas ocupavam o pátio externo do palácio, o portão traseiro e as ameias - usando machados para limpar as videiras eriçadas para passarelas temporárias à luz do sol. Os plebeus sentaram-se dentro de suas cabanas, olhando através de qualquer abertura nas plantas das madressilvas,

ocultando suas vidraças, esperando logo saudar o brilho suave da luz da lua que mataria a peste.

Dentro do castelo de marfim, cortinas foram fechadas e os corredores e câmaras abandonados. O silêncio envolvia os corredores, interrompido apenas pelo grito de alma de Thana em algum lugar no alto das torres. Havia cinco guardas vigiando a porta do jardim real do pórtico. Griselda os colocara com as espadas desembainhadas, seguro contra o medo de que apenas Elusion pudesse atrapalhar todo o seu trabalho árduo e maquinações perversas agora.

A regente estava certa em ter medo.

Crony encontrou Luce se escondendo onde os corredores norte e leste que cruzavam o corredor e a esquina da entrada do jardim. Um Erwan em transe - junto com Dregs e Winkle - estavam escondidos ao lado dele. Os lojistas tinham as cabeças juntas, posicionados sob um candelabro à luz de velas enquanto olhavam para dentro da caixa de Winkle e sussurravam.

Crony se encostou na parede de mármore, desejando ter seu cajado para a caminhada até aqui. Essas algemas e correntes incomodas haviam deixado seus antigos ossos rígidos.

Ao virar da esquina e ao longe, os guardas conversaram entre si. Eles debateram uma variedade de assuntos, dos quais poderiam ser designados para a rainha e a guarda real do rei, para a beleza da princesa em seu enxoval de casamento e que vergonha ela tinha de disfarçar de noite para a caminhada até Nerezeth. Quando um grasnido perturbador derivou de longe, a conversa caiu no porquê de o corvo gigante da feiticeira da noite ainda frequentar seu palácio.

Eles não poderiam saber o que Crony sabia: que o pássaro estava procurando por ela. Ela chamaria a besta de um olho sozinha, quando chegasse a hora.

—Qual é o plano? — Ela sussurrou para Luce. Ela teria se oferecido para trancar os guardas dentro da escravidão de um pesadelo, mas seu corpo frágil não tinha força para tentar um novamente tão cedo.

Luce se aproximou e fez sinal para o capuz de orelhas compridas de

Winkle. — Nosso coelhinho irá mandar os guardas em uma perseguição. Erwan diz que sua principal prioridade é manter o castelo imaculado enquanto a regente está fora. Ela não quer voltar para nenhuma infestação. Obviamente, estou incluído na lista dela de vermes.

—Então, nós os enviamos ‘correndo'. Então nós estamos?

Luce balançou a cabeça. — Nosso cavaleiro sem valor não tem uma chave para o jardim. — Ele olhou para Erwan, que mal conseguia ficar em pé sozinho, entrando e saindo da consciência. Luce o tinha encostado na parede. A luz da vela percorreu seu rosto manchado de lama e sangue. — Os detritos terão que usar seus sapatos para alcançar a janela.

Luce e Crony espiaram ao virar da esquina, observando o vidro do portal chanfrado acima da porta do jardim, onde os raios suaves da luz do sol se inclinavam. Com um impulso sólido, ele se abriria para permitir a entrada de ar fresco no castelo.

Crony franziu a testa quando eles se retiraram para o corredor adjacente novamente. — Seja pequeno. Mesmo um goblin não vai passar por lá.

—Não, mas uma raposa vai. Vou pegar carona com Dregs, escorregar e destravar do outro lado.

—Há as cerdas de madressilva.

Luce deu de ombros. — Erwan disse que um caminho foi liberado para a regente alguns dias atrás. Eu duvido que isso tenha crescido completamente ainda. E se tiver, pequena questão. Se uma garotinha pode enfrentar um caixão cheio de arbustos e escorpiões de cadáveres, posso enfrentar alguns espinhos no meu pelo.

—Cardos do tamanho das agulhas de sewin. — Crony olhou para o rastro de grilos vindo atrás dela.

—Uma vergonha essas minúsculas partes não são tão aptas a abrir as fechaduras quanto as sombras, sim?

Luce deu um sorriso torto. — Como eles vieram para segui-la?

Ela suprimiu o sorriso de volta. Embora Luce tivesse se acostumado a suas

expressões horríveis, Dregs e Winkle não tinham aumentado a tolerância. E Erwan testemunhar isso, ele poderia se chocar, caindo fora de seu transe. — Nossa menina decidiu que eu precisava de uma escolta minha.

O sorriso de Luce se tornou atraente. — O ganho de Eldoria será nossa perda.

Crony abaixou a cabeça, seus chifres pesando mais do que ela queria admitir. Ou talvez deixasse que esse fosse o coração dela arrastando o queixo para baixo. — Jamais pensei que eu veria o dia em que nós seríamos nostálgicos para nossos anos de parentalidade.

—Fale por você mesma. — Luce se levantou e endireitou as lapelas. — Eu não sou pai. Eu sou muito mais, o tio arrojado.

Winkle e Dregs escolheram este momento para olhá-los e rirem baixinho.

Luce rosnou. — Do que você está rindo? Já viu o que uma raposa pode fazer com um coelho?

Winkle bateu com a mão em seu pelo facial.

Crony bufou. — Não fique zangado, ele é legal. Eles estão vendo um novo ponto fraco para nossa ala. E seus sentimentos são prematuros. Você a verá até o fim, como prometeu.

—Sobre isso. — Luce torceu os lábios em pensamento. — Quando estou em voo, me torno um espírito, vento e ar. Até mesmo eu deveria ter minhas asas. — Suas feições mudaram para uma ânsia contida, como se finalmente conseguisse a gloriosa possibilidade —Eu não posso carregá-la a menos que ela seja pequena o suficiente para caber no meu bolso. Eu só posso carregar eu mesmo e as roupas nas minhas costas. Eu devo ir em frente e evitar as núpcias?

—Não, vocês vão juntos. Você pode usar suas asas e seus talentos como uma distração quando chegar lá; limpar o caminho para a nossa princesa para curar seu príncipe.

Luce espiou pela esquina para garantir que os guardas permanecessem preocupados, depois recuou para o corredor. — Mas se não voarmos, como chegaremos a tempo? Leva dias e é a cavalo.

—Edith. Um minuto atrás, na masmorra, eu dei a ela uma das memórias finais de Lachrymosa. Não tem nada a ver com os negócios do reino, então minhas mãos estão livres de interferência.

—Você deu a ela uma trama de memória?

—Apenas contendo um pequeno feitiço. A memória mais importante ainda está ocupada aqui. — Crony deu um soco no crânio. — O feiticeiro tinha um elixir determinado. Ele mora no local de um sujeito e o transporta diretamente para o seu lado em um piscar de olhos, se você tiver uma amostra do assunto para adicionar à bebida. Eu encaixotei os ingredientes que ela precisa, e ela tem o sangue do príncipe em suas anotações. Edith está no túnel com a nossa princesa agora, preparando-se. Ela estará pronta quando você chegar.

Os olhos laranja de Luce brilharam. — Então você contou a Edith tudo isso? Que o túnel, a porta de entrada e a sala pertenceram a você?

—Ela sabe tudo o que ela precisa saber. — Crony sentiu uma nostalgia por dias passados. Ela sentia falta de usar sua magia para a família real, usando-a para sempre. Se ela fosse sua maga, ela teria sido a única a levar Lyra para ganhar seu trono. Ela teria visto a filha do rei Kiran vitoriosa. Não era para ser, mas ela ainda tinha sua parte. E Thana a ajudaria a realizar isso.

As sobrancelhas vermelhas de Luce se franziram. — Você está convencida da habilidade de Edith com feitiços e elixires? E se ela acidentalmente nos transformar em sapos? — Ele roçou a testa com o polegar. — Eu duvido que eu pudesse fazer verrugas atraentes.

Crony revirou os olhos. — Ela é uma cozinheira - é adepta de ler receitas, misturar e agitar— E ela tem um respeito pela natureza e devolve o que foi feito. Isso é tudo que ela está exigindo. De fato, quando isto for feito, deixe que ela receba o grimório. Será dela agora.

—Espera. — As características de seu companheiro assumiram essa qualidade canina - uma mistura feroz de cautela e suspeita. — Você está dizendo que Edith é sua sucessora?

—Sim, ela está herdando minhas habilidades angustiantes muito em breve.

—Você realmente está indo embora, como você disse na nota? Por quê? E onde? É tarde demais para você se juntar aos outros imortais no céu. Você fez essa escolha há muito tempo.

—Pode haver um jeito de eu alcançar os céus ainda. — Crony respondeu enigmaticamente.

A expressão de Luce parecia uma ferida aberta. — Você estava planejando dizer adeus? Um bom, quero dizer. Uma carta desarrumada e desorganizada não mede quando nos conhecemos há tantos anos.

—Chega de conversa. Vamos nos apressar com esse plano. — Crony decidira não contar a Lyra que o príncipe Vesper estava à beira da morte. A criança teve o suficiente para processar como estava, e bastante pressão sobre aqueles ombros para provar a si mesma. Se ao menos Crony pudesse fazer mais; se ela pudesse intervir, *conte a Luce tudo o que ela sabia sobre os crimes de Griselda, conte-lhe sobre a prova que vem da própria cabeça do infeliz, o sangue sangrento manchando suas mãos. Aquele maldito voto de não-interferência se tornou a ruína da existência de Crony.*

—Eu quero saber. — Luce segurou sua voz para um sussurro tenso, trazendo a mente da bruxa de volta para o aqui e agora. —Stain... Lyra... e eu te vejo novamente quando voltarmos? — Ele segurou o pulso dela gentilmente.

Crony engasgou quando tocou os lugares crus feitos pelos grilhões.

Fazendo uma careta, Luce levantou a manga e passou o dedo pelas lacerações. — O que é isso? — Ele murmurou. — Você está sangrando?

—Você ouviu isso? — Disse um dos guardas do corredor. — Ao virar da esquina lá atrás, vindo do corredor leste.

Vários pares de botas romperam sua direção. Luce cutucou Winkle e o anão derrubou sua caixa.

Dez ratos correram para fora, suas garras estalando no mármore branco. Winkle enxotou-os na direção certa com suas patas de coelho, suas longas orelhas se contorcendo com o esforço. Estridentes guinchos e rabos estreitos guiavam o caminho enquanto os ratos davam a volta na esquina em direção aos

guardas.

—Duas coisas deixadas por fazer. — Erwan murmurou do nada, lentamente acordando de seu transe. — Provar que sou um homem.

Crony colocou a mão na boca do cavaleiro. Luce gesticulou com o queixo para Winkle voltar para o caminho que eles vinham, em direção à masmorra e ao túnel escondido - sua parte terminada.

Winkle desejou ao restante deles sorte, depois saltou, os pés saltitantes indecifráveis sobre o corpo a corpo de ratos em disparada, com os gritando guardas ainda fora de vista no corredor adjacente.

—Pegue os roedores! A regente terá nossas cabeças se essas coisas ficarem soltas!

—Pegue, aquele ali!

—Esses três estão indo para o nível superior. Se eles chegarem aos aposentos da regente, ela vai nos preparar para torta de carne!

—Eu tenho um! Ai, ah! Droga! Ele me mordeu. Não, ele está indo para a cozinha!

—Dividam-se!

Cinco conjuntos de botas se afastaram do corredor que se cruzava, subindo e descendo as escadas. Ecos vazios tocaram em seu rastro.

Luce se virou novamente para Crony, com uma expressão preocupada.

—O príncipe vai morrer, Luce. Ele estará sob uma morte adormecida para adiar a maldição até que ele possa ser curado. E como a outra metade de sua alma é o amada da nossa garota, Scorch, ela não nos perdoará se lhe custarmos a chance de salvá-lo.

A mandíbula de Luce se abriu. — O burro voador, é um príncipe?

—O príncipe. — Corrigiu Crony.

Parecendo mais esgotado do que ela já o viu, Luce olhou para Erwan, que ainda estava resmungando sobre ser um homem. Crony assentiu com a cabeça, confirmando sem dizer que tinha o cavaleiro na mão.

Luce mudou para a forma de raposa. Ele sacudiu a nuvem de faíscas que se

agarravam a seus bigodes e focinho enquanto corria atrás dos detritos, arrastando a cauda no chão. O goblin parou na porta, grunhiu quando ele ergueu a forma peluda de Luce em seus braços, depois bateu sete vezes no chão seus pés.

Cada vez mais alto eles levantaram, até que o goblin ficou cara a cara com a janela. Equilibrando Luce sobre um ombro como uma criança, as escórias balançavam o vidro chanfrado em suas dobradiças, convidando o cheiro doentio e doce de madressilva. Luce virou-se e enfiou as patas dianteiras na abertura e se arrastou, a ponta da cauda era a última coisa para ser vista quando ele caiu dentro.

Crony estremeceu ao ouvir os gritos resultantes, certo de que ele havia caído em um cardo ou vinte. Ela manteve o olhar na janela. Vendo glitter vermelho e fumaça, ela deu um suspiro de alívio.

Dregs recuou e dirigiu-se para as escadas para procurar seu primo Slush. Ao passar por Crony, ele inclinou o queixo na direção dela. Ela assentiu com gratidão e ele sumiu de vista.

A porta do jardim se abriu, revelando a luz do sol se filtrando através de um túnel de videiras espessas e eriçadas, junto com o zumbido crônico das abelhas. Luce, pegando várias rebarbas embutidas em suas mangas e pernas de calça, fez sinal para Crony. Apoiando as omoplatas de Erwan, Crony o empurrou para o outro lado da escada e seguiu com os grilos de Lyra a reboque. Luce fechou a porta e prendeu o trinco com várias vinhas para manter os guardas afastados, caso retornassem. Ele então pegou o final de seu trio, com cuidado para não pisar nos insetos.

De todos os lados e acima, vinhas, cardos e flores cor-de-rosa do tamanho de repolhos sufocavam bancos de ferro forjado, fontes de água secas e uma variedade de flores. As cabeças tristes e escassas de malmequeres, heliotrópios e gardênias se contorciam em direções estranhas, subsistindo da pouca luz do sol que conseguiam encontrar. As abelhas, ocupadas demais para se preocuparem com os intrusos, zumbiam de um lado para o outro, juntando néctar. Foi uma luta respirar o ar densamente doce enquanto Crony empurrava Erwan para frente,

onde as videiras se abriam para um caminho sinuoso. A trilha levava diretamente ao ilhéu, erguendo-se alta e orgulhosa.

—É a visão mais linda que eu já vi. — Disse Luce atrás dela, referindo-se ao dossel amarelo brilhante a poucos metros de distância. Nos galhos mais baixos do lado direito, duas folhas carmesim vivas se destacavam, facilmente ao alcance de qualquer um que estivesse ao lado do tronco. Elas balançavam como se estivessem numa brisa, embora nenhum vento pudesse romper as trepadeiras que os rodeavam. Luce apertou o ombro de Crony. — Elas estão chamando por mim. Eu esperei tanto tempo. — Ele sussurrou.

—Sim, você tem. — Liberando seu aperto em Erwan, Crony deu um tapinha na mão de Luce.

Como se o cavaleiro estivesse esperando, saltou para a frente, cavando uma bolsa debaixo do manto. — Duas coisas ficaram por fazer. — Disse ele, coerente agora. — Queimar a árvore. — Ele retirou um orbe, do tamanho de um mármore e vivo com luz turquesa pulsante. Antes que Crony pudesse estendê-lo para detê-lo, ele jogou-o na direção da árvore.

A bola bateu na madeira, explodiu em chamas. Instantaneamente, o fogo subiu alto - turquesa brilhante, rosa e branco quente - espalhando-se de folha em folha, subindo pelo dossel muito rápido para qualquer incêndio terrestre. As asas de Luce se agitaram, tentando se livrar de seus galhos.

—Não! — Luce empurrou Crony para o lado e tropeçou em direção ao olmo.

—Mate a bruxa. — Disse Erwan em voz baixa. Ele retirou uma adaga da bota e se lançou para Crony. Luce desviou o olhar da árvore em chamas. Rosnando, ele pulou entre Crony e o cavaleiro. Os dois caíram no chão e rolaram: um borrão de cabelos ruivos, um manto branco rasgado e uma lâmina prateada brilhante.

Grunhindo, Luce pegou a mão superior e pegou uma videira, enrolando-a no pescoço do cavaleiro. Ele apertou o laço enquanto Erwan lutava, seus olhos angulosos se arqueavam.

Crony se virou para a árvore. Brasas se juntaram na borda das asas. Seu companheiro gritou para que ela parasse, enquanto se arrastava direto até o tronco - agora nada além de lenha. As chamas lambiam sua pele outrora impermeável, descascando-a em bolhas perfumadas. O calor chamuscou seu cabelo, carbonizou seus chifres e pegou fogo em seu manto. Suas pálpebras transparentes não ofereciam alívio do brilho. Incapaz de ver, ela estendeu a mão e bateu em todas as folhas ao alcance, na esperança de libertar as asas.

Uma rajada voou por sua cabeça quando ela caiu, cega e em agonia. O som de bater deu lugar ao estalo do pescoço do cavaleiro, depois o grito exultante de Luce. Mesmo sem visão, Crony sabia que as asas haviam encontrado sua casa. As chamas crepitantes foram silenciadas, o fogo se extinguiu. Fumaça de madeira e fuligem entrelaçadas com o perfume de madressilva.

Crony pulsou em dor, como se as chamas continuassem a girar para ela. Ela tentou se mover, mas não conseguiu. Ela nunca tinha conhecido a dor abrangente ou o quão debilitante ela poderia ser.

Do outro lado de seus olhos cegos, Luce caiu ao lado dela, seus gritos triunfantes se transformando em um lamento. — Por quê?

—Aquele fogo foi encantado, nascido do sol, nada poderia ter parado, mas o luar mais puro. Você não tem isso, nem eu.

—Você sabe que não é isso que eu quis dizer! O que você estava pensando?

—Você me escolheu como suas asas. — Suas palavras ressequidas saíram de sua garganta como uma mudança de cinza.

—Porque você não é mais imortal, sua tola velha. Eu estava tentando te salvar, e você fez tudo por nada!

Ela o procurou com a mão, suspirando quando sentiu o movimento de penas etéreas no ombro dele. — Não. Você fez uma escolha altruísta e o destino te recompensou. Já não sou imortal, mas vós não tendes idade.

—Nós dois deveríamos ser recompensados; nós entramos nisso como parceiros, lembra? — Do outro lado do vazio negro, ela podia ouvi-lo dando de ombros. Seu corpo nu estremeceu quando o pano cobriu sua pele pegajosa e empolada. — Diga-me como te ajudar. — Sua voz vacilou, suas mãos correndo pelo pano, gentis como gotas de chuva. Um vento frio acalmou sua pele em seu rastro. Ele mudou para sua forma celestial, sem dúvida, temendo que seu toque físico causasse mais danos.

—Vá para a nossa princesa. — Sua garganta apertou, sua respiração chocalhando em seu peito. — Veja isso feito para que ela tenha a vida que ela nasceu para ter.

—Você espera que eu vá embora? — O vento a invadiu mais rápido agora - impulsionado pela frustração. — O que eu vou dizer a ela quando ela perguntar de você?

—Que finalmente esteja escuro, meu cachorro dândi. Que eu me lembre agora, como é fechar os olhos e ter esquecimento. Mas espere até que a profecia seja completada.

Ele rosnou. — Não era para acabar assim.

—Esta é a única maneira que pode acabar, meu dândi canino.

Houve uma inalação estrangulada. — Sua penalidade por trazer uma vida

de volta da beira foi a morte. Você sabe desde o dia em que Stain entrou em nossas vidas, ainda assim você nunca me disse.

—E você não quer dizer a ela também. Nem todos os dias da sua vida. Agora vá, ou tudo o que fizemos foi em vão.

Luce uivou - o gemido infeliz de um animal preso por uma armadilha de aço e forçado a arrancar um membro. Rajadas de ar irromperam pelo jardim, sacudindo as trepadeiras e folhas ao redor dela, mexendo o pó embaixo dela. Ela não precisava ver para saber quando ele desapareceu; ela podia sentir sua ausência no silêncio. Na quietude. Até as abelhas pararam de zumbir, afugentadas pela fumaça. Com cada respiração penetrante, com cada quilo de seu coração e sangue, sua pele lamentava. Ela não tinha certeza de como poderia aguentar o tempo suficiente, mas precisava.

Em torno de suas orelhas fumegantes, uma melodia chilreante explodiu. Grilos.

Ela teria sorrido se tivesse algum dos lábios. Uma vez ela disse a si mesma que valeria a pena, contanto que ela pudesse ouvir sua sinfonia na escuridão uma última vez antes de dar seu último suspiro. Pequena Stain tornara isso possível. — Obrigada. Vê a tua parte e eu cuidarei da minha.

Os chilreiros alegres confortaram o coração da bruxa, deram a ela forças para se concentrar em Thana, chamando o pássaro com sua voz de lixa rachada.

Em instantes, o pisco de gelatina de Thana respondia ao lado de um bater de asas no alto. O beijo suave de um bico cutucou a jaqueta cobrindo o peito de Crony. — Sim, infeliz. — A língua de Crony tinha gosto de fumaça e néctar. — Chame a sua ama. Diga a ela que eu mantive minhas mãos limpas. Tudo é feito pelo destino. Eu estou à porta da morte. Ela é meus olhos agora. Tudo deve acontecer no momento apropriado. — Crony esperava que Dyadia finalmente abrisse sua mente e coração para ela. Elas tinham negócios inacabados. Ela gostaria de fazer as pazes antes do fim.

O grande pássaro aninhava-se junto à dobra do pescoço, as penas felpudas eram um tormento bem-vindo contra sua carne crua. Os grilos cantaram mais

alto enquanto Crony esperava, como se pudessem ver a lembrança final de Lachrymosa se estendendo em seu crânio, pressionando para sair. Deixou, ainda mais, que elas pudessem sentir o alinhamento das coisas; muito em breve, tudo seria como naquele tempo de ouro antes que Crony roubasse a respiração de um feiticeiro e destruísse o mundo em dois.

26
Invasão, doce e Selvagem



Dentro do santuário de treliça do Neverdark, o príncipe Vesper tinha sido colocado sobre o tablado, embalado por uma almofada de flores e ramos de luar. Um dossel de teias de aranha vítreo, preso a quatro estacas de madeira, estava pendurado a poucos metros acima dele, cintilando na luz estrelada do luminar cerimonial. Cachos perfumados de incenso de canela consolaram e ancoraram o

espírito do príncipe em seu corpo inerte. Vestido com túnicas reais, túnica com corte de pele, meias e botas, ele era real e elegante; aqueles que mantiveram vigília comentaram sobre como ele favorecia seu pai real de outros tempos, mas apenas em forma. Para todas as intenções e propósitos, Vesper parecia morto, ou melhor, ele parecia nunca ter estado vivo para começar.

Parecia mais um tributo - uma figura dourada da estrela da noite de Nerezeth - desde os dedos dos pés até o lindo arco do lábio superior. Se não fosse pela carne intocada entre as sobrancelhas, ao longo do nariz reto e chegando às narinas, impedida de se render à maldição de Dyadia, não haveria esperança de reanimá-lo. Como estava, a esperança era tudo o que Nerezeth tinha, e até mesmo aqueles que um dia o consideraram atormentado rezaram por sua recuperação. Eles não podiam mais negar seus sacrifícios, começando com aquele primeiro gole de luz do sol. Por mais ousada, a ação era de um monarca em formação - um rei que um dia amaria seu povo ainda mais do que ele mesmo.

Multidões se reuniram em torno do santuário desde a chegada do príncipe - Nerezethites de todas as caminhadas, rezando para as estrelas por sua saúde. A observância final, composta por mais de setenta pessoas comuns, fora recentemente esvaziada. Agora nenhum permaneceu no arboreto além de dois dos homens mais confiáveis do príncipe - o tenente Cyprian e lorde Tybalt - que guardavam a entrada do santuário.

Um regimento de cinco assistiu a pesada porta exterior do próprio edifício de ferro de Neverdark, esperando do lado de fora na neve e no vento cortante para levar a princesa de Eldoria ao mundo da luz solar manufaturada e da botânica surpreendente. Sua comitiva chegara ao castelo da obsidiana meia hora antes, onde “Lady Lyra” deleitava a todos com sua capacidade de falar - tendo aprendido a moldar palavras e frases com sua voz cantada enquanto estava reclusa ao longo dos anos. O mais surpreso de todos foi o primeiro-ministro Albous. Quando ele tentou felicitá-la em sua antiga língua de sinais, Regente Griselda rapidamente o puxou de lado. Ela pediu a ajuda dele enquanto ela e suas duas filhas se juntaram a Rainha Nova na sala do trono para supervisionar a

colocação das cores de Eldoria ao redor do tablado para a coroação.

Nesse ínterim, Selena, acompanhada por meia dúzia de guardas nerezetitas e soldados de etíopes, escoltou “Lady Lyra” ao santuário, onde Madame Dyadia as encontraria em breve para despertar o príncipe. Uma vez dentro do arboreto, Selena e os guardas noturnos tiraram as peles pesadas, acostumadas com os jardins e prados amenos, escovados com uma leve luz violeta-dourada. Os convidados dos Eldorianos pararam para admirar as paisagens. Folhagens perfumadas e coloridas estendiam-se por várias léguas em todas as direções, interrompidas apenas pelos edifícios de madeira e arame do viveiro de gralhas e da decoração onde os pássaros e cavalos reais - seus casacos e plumas tingidos de um matiz arroxeado - comendo, treinado e brincado dentro de seus recintos. Em um pasto distante, os garanhões de sangue de Eldoria tinham acabado de pastar.

A atmosfera da primavera convenceu a princesa de Eldoria a permanecer em seu traje de noite, pois alegava desconfiar dos vaga-lumes que sobrevoavam a ilha - alimentados com a mesma mistura de pólen e sol que amaldiçoou o príncipe. Ela aprendeu a desempenhar seu papel e a jogar bem. Sob a orientação de sua mãe, ela empacotou seus “assistentes de sombra” dentro de uma sacola que agora esperava em seus aposentos de hóspedes. Apesar de suas aparições de duendes poderem fingir fugir da luz, elas não desapareciam no sol como sombras verdadeiras faziam.

Selena conduziu a comitiva através de um caminho sinuoso e da passarela, sem saber que não eram os passos da verdadeira princesa cruzando rochas encantadas e água fumegante ao lado dela, sem saber que a compleição de luar brilhante, cabelos prateados e voz de pássaros cantores pertencia a outra, que na verdade estava a poucos passos de chegar.

De volta a Eldoria, dentro de uma humilde sala de terra pertencente a uma bruxa igualmente humilde, Luce retornara, dessa vez em sua forma etérea - translúcida e intocável. Enquanto Edith completava o elixir, ele balançou as paredes, recusando-se a permitir que Lyra o encurralasse. Toda vez que ela

perguntava sobre o paradeiro de Crony, mais alto na sala ele girava. Só quando Edith terminou sua tarefa ele se materializou, com suas asas vermelhas e plumas subindo bem alto atrás dele. Lyra tocou os apêndices de penas e seus dedos deslizaram, aparecendo do outro lado como se as asas fossem uma miragem. Elas eram lindas, mas em vez de ficar entusiasmado por tê-las novamente, seu guardião estava estoico - tragédia escrita em seus olhos e esculpida em todas as características eternas.

Lyra assinou: *Você é uma criatura de voo e caprichosa novamente. Este deve ser o momento mais feliz da sua vida.*

Ele cerrou os dentes, mantendo suas emoções afastadas, como sempre fazia. — Crony desistiu de algo precioso para essas asas.

O que ela desistiu? Lyra perguntou, mas novamente não recebeu resposta. O silêncio de Luce a fez sofrer o suficiente, ela o abraçou até que seus músculos relaxaram, até que Edith trouxe dois frascos de fumo, um líquido âmbar que cheirava tão pungente como a ferrugem e tão salgado quanto o oceano.

Antes de tomar seu frasco, Lyra fez uma promessa: *Como rainha de Eldoria, usarei todos os meus recursos para reconquistar qualquer coisa qye Crony tenha perdido. Ela me salvou e me deu uma mãe. Você e eu teremos muito tempo para mostrar-lhe nossa gratidão. Ela vai sobreviver a todos nós. Tome coragem nisso.*

Luce apenas bateu os frascos e disse a Lyra que bebesse para o sucesso.

Ela bebeu o elixir mágico no mesmo instante que seu guardião sílfide - cada um segurando a mão livre do outro. Antes que ela pudesse piscar, ela se dissipou a mil partículas, como se ela fosse feita de borboletas, folhas, dente de leão e todas as coisas que se inclinavam e flutuavam no vento, leve e despreocupada. Houve uma onda de calor e depois uma onda de frio. Quando ela se reuniu mais uma vez, ela e Luce ficaram de pé frente a frente em um domo de treliça com brilhantes aranhas brancas se arrastando pelo chão ou penduradas no teto em tentáculos de teia. Embora Luce ainda tivesse sua mochila com as caixas misteriosas em seu ombro, Lyra procurou as alças do alforje sobre as suas e

ficou aliviada ao descobrir que seus tesouros também estavam junto.

Os dois se materializaram atrás de uma faixa de Nerezethite; as costuras prateadas de um emblema apareciam na parte de trás do tecido preto cintilante: uma grande estrela junto com uma lua crescente e três estrelas menores. Sobrepostas, ripas entrecruzadas formavam um telhado. A luz do lado de fora pintou Lyra e Luce em blocos de ouro violeta. Ela lançou um olhar agradecido para Luce, que ainda estremecia com o sabor amargo e metálico que cobria suas línguas e fazia suas gargantas coçarem. Ele insistira para que ela usasse seu manto para proteção, caso acabassem no meio de um bosque de espinhos. Considerando o brilho suave que aquecia seu rosto através da máscara de noite - muito parecido com o sol no Lago de Cristal - ele tinha sido sábio em fazê-lo.

Vislumbres de prados e jardins mostraram através da treliça em suas costas. Uma brisa floral perfumada soprou e puxou a bainha da capa, carregando sons de pássaros, cavalos e gado, cachoeiras e riachos gorgolejantes. Seus sentidos, seu coração, eles transbordaram, saboreando esse sabor da vida - em todo lugar. Foi bonito. Milhares de vaga-lumes deslizavam como cintilações de poeira ao longo do telhado e do lado de fora, lembrando Lyra da dança que ela e Scorch haviam compartilhado tanto tempo atrás, sob uma chuva de cinzas. Embora, na verdade, ela estivesse dançando com um príncipe, seu prometido, e nenhum dos dois sabia disso. Ela esperava que eles tivessem a chance de reviver aquele momento. Uma pontada de preocupação ecoou dentro dela como o gongo de um sino de aviso.

Ela se orientou; os vaga-lumes eram insetos, não faíscas de chama sacudidas da crina de um Pégaso. Ela havia lido sobre o arboreto em uma das anotações do príncipe antes, enquanto esperava que Luce voltasse. Vesper havia explicado como a luz do dia industrializada alimentava flores de primavera e colheitas, mas também racionava doenças para certos membros da população de Nerezeth. Ela não esperava pousar naquele mesmo lugar, dentro de um caramanchão treliçado.

Então, onde ele está? Ela se virou para Luce com a pergunta. Suas mãos

congelaram no ar quando a brisa pegou um canto da faixa e revelou o estrado no centro do recinto. Ela empurrou Luce para um lado melhor para ver melhor.

Não. Sua respiração ficou presa.

O príncipe era tudo menos uma estátua agora, deitada sobre uma cama de galhos e pétalas. Mas isso não era ele, não verdadeiramente. Tanto o homem como o Pégaso, ele era forte, alerta, sábio e espirituoso. Para vê-lo tão silencioso, tão imóvel, provocou uma sensação de lacrimejamento atrás do esterno de Lyra. Uma grande luminária refletia um padrão celestial ao longo de seu rosto dourado - maçãs do rosto altas, lábios carnudos e queixo forte. As estrelas brilhantes escureceram quando cruzaram a única carne que permaneceu escura, macia e flexível em sua testa e nariz. A culpa estrelou novamente quando percebeu o que tinha visto no pântano da lua: o brilho cintilante sob os farrapos de sua camisa tinha sido seu peito se rendendo ao sangue infectado. Seu coração e pulmões não poderiam estar muito atrás. Se ela só tivesse ficado, ele nunca teria chegado a este estado.

Com os olhos quentes e ardendo, ela começou a avançar, afastando a bandeira para que pudesse alcançá-lo - tocar o nariz dele, para procurar o calor da respiração.

Uma rajada de vento a empurrou para trás e jogou a aba no lugar na frente dela.

—Fique escondida. — O sussurro de Luce fez cócegas em sua orelha.

Nós não temos tempo! Lyra gritou com as mãos. Mas Luce já havia abandonado sua bolsa no chão ao lado de seus pés e passou de corpórea para etérea. *Ele pode estar a duas respirações da morte e você está voando como uma brisa de verão.*

—Ele não está. Ele está sob um feitiço de preservação.

Embora a explicação lhe desse esperança, ela teve que se forçar a esperar, para permitir que ele pensasse estrategicamente para ela, já que nesse momento suas emoções dominavam.

Ela apertou os olhos, tentando acompanhar os movimentos de seu

cúmplice sílfide. Era como observar a própria atmosfera - aquela combinação de luz solar e água quando os raios se separavam para produzir o mais puro arco-íris, exceto que esse arco-íris tinha a forma de um homem - pouco discernível, exceto para aqueles que sabiam buscar vida em lugares escondidos.

—Não faça nenhum som. — A voz persuasiva de Luce se arrastou para cima, indicando sua ascensão ao teto abobadado. Os vaga-lumes se separaram para ele. — Você está prestes a ter companhia.

Através das ripas, Lyra avistou duas mulheres sendo escoltadas por guardas e atendentes a poucos passos da entrada. Uma que ela reconheceu como a irmã de Vesper, e a outra contraparte falsa de Lyra, a julgar pela noite em que ela estava sobre o vestido de orquídea rendado. Um trem longo e esvoaçante incrustado de pérolas e pedras preciosas mostrava-se sob a bainha do cabo. Apenas uma noiva sendo princesa usaria algo tão brilhante, tão esplendoroso.

Lyra pensou nos trapos reais sob sua própria capa.

Esta era a prima que tão insensivelmente tomou parte em um esquema para matá-la e roubar seu trono - colocando em risco tanto seu reino quanto Vesper, para não mencionar o próprio Vesper, Lustacia. O nome provou picante na língua silenciosa de Lyra. Seu corpo inteiro se contraiu, impaciente para confrontá-la. No entanto, como alguém enfrenta um passado sem nenhuma memória anterior para se apoiar?

Lyra nem imaginou o rosto da rival. Era impossível ver claramente através da noite, que formava uma máscara. Lustacia e Selena falavam como se fossem velhas amigas. Lyra se perguntou se Vesper compartilhara partes das cartas que sua prima escrevera em seu nome. Lyra coçava para expor todas as mentiras. Ela devia a sua prima tudo o que ela havia dado a Erwan mais cedo - e mais.

Um calor raivoso subiu por suas bochechas e um novo lote de sombras que ela nunca havia conhecido - aquelas que escureciam o contorno sob o tablado do príncipe - se aproximavam enquanto permaneciam fora da colcha de retalhos de luz.

—Ainda não. — Luce murmurou de cima. Sua presença arejada agitou

algumas teias de ancoragem e suas aranhas. — Não queremos chamar a atenção até que você tenha curado seu burro. Príncipe. — Ele emendou o último para apaziguar a carranca de Lyra. — Derrote sua maldição, e ninguém pode negar que você é seu destino e herdeira verdadeira de Eldoria. Precisamos ter provas irrefutáveis para compensar as características proféticas da sua prima - as que você está perdendo. Os que eles já viram e ouviram nela.

Os que ela roubou, Lyra imitou. Com os dentes cerrados, ela direcionou as sombras para se abaixarem, *esperem*. Elas se encolheram obedientemente. Luce correu para fora, cercando as formas de Selena e Lustacia como uma rajada de vento antes de retornar.

—A sua impostora anseia por atravessar as flores silvestres. — Sussurrou o companheiro invisível, tão perto que a respiração dele pressionou a noite no rosto de Lyra. — Como você, ela está escondida há tanto tempo que ela sente falta de estar ao ar livre e visitar o jardim real de Eldoria. Vou atraí-la para pegar um buquê e encorajar a comitiva a segui-la para sua proteção. No entanto, sinto que o desejo dela de ver o príncipe é maior do que a necessidade de flores frescas, então não tenho certeza de quanto tempo vai durar. Eu vou te dar o máximo de tempo que puder.

Com isso, ele saiu novamente. Houve um bater de bainhas, túnicas, capas e sobretudos, e então todo o grupo se desviou para a esquerda, onde flores silvestres vermelhas, amarelas e azuis balançavam à distância sob um bosque de olmos. Uma vez que apenas suas costas pudessem ser vistas, Lyra saltou de trás do estandarte. Ela cuidadosamente abriu caminho entre as aranhas e pediu às sombras para vigiar. Pulso acelerado, ela se adiantou - temendo a queimadura e a chamuscada que aguardavam sua carne e sangue, mais assustada do que nunca, mesmo quando perdeu a identidade e invadiu um pântano para salvar um cavalo alado.

O estrado chegou à cintura dela. Ela se ajoelhou, com as mãos trêmulas enquanto segurava o polegar na frente do nariz de Vesper. Quando seu fraco fôlego aqueceu sua pele, ela suspirou de alívio. Sua mão abaixou para suavizar

os grossos emaranhados espalhados ao redor de sua cabeça - apenas as extremidades permaneciam escuras e intocadas pela frágil praga dourada, e elas eram tão suaves quanto a crina de Scorch.

Vesper... Você pode me ouvir? Ela perguntou de sua mente.

Sem resposta.

Ela leu várias notas no túnel e seu respeito por seu lado humano havia crescido. Com que amor descreveu sua família e seu povo; quanto ele se feriu pelos doentes, especialmente os filhos; sua afeição por seu mundo e todas as criaturas nele - do grilo mais fraco, ao veado brutal que se encantava para compartilhar seus pensamentos e guardar as fronteiras ocultas, a seu cavalo, Lanthe, um precioso presente de seu pai; suas esperanças de que Eldoria e Nerezeth prosperassem em paz quando se reunissem sob o mesmo céu. Tudo isso, junto com sonhos poéticos de um futuro com sua noiva, tantas facetas de um homem com apenas meio coração. Agora que ele estava inteiro, ela só podia imaginar sua capacidade de amar, raciocinar, governar. Ele poderia ensiná-la muito sobre ser uma soberana. Mas primeiro ele precisava viver.

Eu sei quem você é. Lyra fez outra tentativa de falar da mente. *Eu olhei com meu coração e vejo você. E eu sei quem eu sou, mas você não sabe. Eu sou a verdadeira princesa Lyra. Após o seu despertar, tudo ficará claro. Por enquanto, apenas saiba que estou lutando por você e você deve lutar para viver, não importa o quanto isso possa doer. Eu não sei o que vai acontecer, como vamos unir o sol e a lua e o que vai tirar de nós. Mas pretendo sobreviver e você também deve. Para o seu povo, para sua família. E para aquela menininha órfã que adora seu Pégaso e sente falta de brigar com ele. Você vai fazer isso?*

Seus cílios louros se contraíram e seus olhos rolaram sob suas pálpebras metálicas. Embora ela desejasse ver aquelas sobrancelhas expressivas pontuando seus pensamentos, eles estavam agora tão pálidos e duros quanto seus cílios e cabelos; essa era toda a resposta que ela receberia, e teria que ser o suficiente.

Olhando por cima do ombro, ela formulou um plano. Ela não considerou que poderia salvar o príncipe em um lugar onde a luz do sol e as flores já

abundavam. Onde ela iria liberar as reservas, ela deveria ser capaz de drenar sua maldição? Se ela tentasse liberá-lo aqui no arboreto, a luz do sol seria ampliada, o que poderia ferir os Nerezethites.

Do lado de fora da porta de ferro e das paredes aguardavam a tundra coberta de neve, um mundo sem luz do sol e flores. Uma terra sedenta de vida e calor. Embora ela nunca tenha visto, ela ouviu contos. Esse era o seu destino. Ela olhou através da treliça do santuário. A saída pela passarela e pela porta de ferro deve ser pelo menos centenas de passos. Ela poderia ir tão longe enquanto lutava com uma dor exaustiva?

Não há mais tempo para debater; ela sentou-se na borda do estrado, perto o suficiente para que ela pudesse inclinar a cabeça para o príncipe sem tocar. Galhos e flores de lua espetavam suas coxas através de suas roupas. Ela esperou que o tecido noturno abrangesse os dois, como se ela e as mãos de Luce estivessem nas margens do lago. Em trechos escuros e aveludados, a penumbra rastejou dela para Vesper, atando-os até que não houvesse nada entre a pele, mas a roupa, como se estivessem encapsulados por uma bolha de fuligem negra. Tudo fora ficou distante e nebuloso.

Cuidadosamente, ela empurrou os punhos de sua túnica para revelar seus punhos e antebraços dourados. O lugar onde ela deixou sua marca no pântano da lua agora misturada com o resto de sua concha metálica, como se eles nunca tivessem se conectado. Um caroço subiu em sua garganta, seu arrependimento por abandoná-lo no pântano insuportável agora.

Ela pressionou a ponta do dedo sobre aquela pele saudável entre as sobrancelhas, querendo apenas uma vez não sentir a luz do sol entre elas. Nenhuma barreira ou dor. Ele se sentiu quente, suave e generoso. A pele tremia sob a ponta do dedo, como se ele a sentisse e lutasse para franzir a testa.

Ela encostou a testa na dele e tocou narizes. Em contato com a casca de ouro, um calor de queimava lentamente fervia sob sua carne, começando em sua cabeça e se espalhando ao longo de seu peito para seus braços e pés. Mas não foi o suficiente, a praga se apertou ao redor dele, endurecendo o nariz mesmo

quando o dela o tocou, como se quisesse devorá-lo diante de seus olhos.

Não.

Ela teria que devorá-lo em vez disso.

Embora isso fizesse seu coração disparar para entreter um movimento tão íntimo, o príncipe não tinha tempo para indecisões ou timidez. Ela fechou os olhos, segurou os dois lados do rosto dele e apertou os lábios. Uma invasão de chama líquida escaldou sua boca e língua, sugando a respiração de seus pulmões, mas em sua esteira veio uma doçura inesperada, um amolecimento quando seus lábios retornaram à carne macia e começaram a imitar o movimento dela. Sua garganta se abriu em uma respiração, e ela provou algo frutado e amargo - o resíduo do feitiço mantendo-o vivo, segurando a maldição na baía. Ela engoliu o suspiro aliviado. Suas bochechas suavizaram sob suas mãos e suas mandíbulas funcionaram enquanto ele se libertava pouco a pouco e respondia ao toque dela, ao beijo dela. Então seu alívio mudou para uma resposta voraz, enquanto ele se empanturrava em seu luar.

A frieza escoou de seu corpo, e ainda assim ela teria se afogado na beleza da sensação, sua boca seguindo sua direção, sua paixão - uma adorável troca de luz e escuridão - até que a luz do sol que ele mandou de volta ficou tão quente que a atacou de dentro. Ela não podia mais provar a doçura, pois bebeu pura combustão: uma chama cauterizando sua garganta e correndo em todas as veias, incendiando seus ossos.

Ela ofegou e recuou, cortando. A fumaça escorregou de seus lábios e narinas. Gritos silenciosos estendiam suas cordas vocais quebradas. Ela lutou para ficar de pé e cerrou a garganta, quase cega pelo brilho amarelo que irradiava de sua própria pele.

O tecido noturno abandonou o príncipe e recuou para conter apenas ela. Ela caiu para trás, salva de uma aterrissagem dura pelo alforje ainda em seus ombros. A luz do dia a escaldava por dentro, querendo sair. Arrasando contra todas as terminações nervosas, enviando relâmpagos em seus músculos. Ela se contorceu e se contorceu, incapaz de rastejar até a entrada e a porta de ferro, para

escapar para o mundo exterior nevado. O Céu Noturno parecia entender; respondeu, barricando a luz brilhante sob a superfície de sua pele. As sombras da sala uniram-se à capa para combater o vapor que escorria de suas orelhas, do nariz dela, da boca dela. O manto de renda envolveu-a da cabeça aos pés, depois levantou-a: tronco, braços, pernas e pontas do pé do chão. Ela conseguiu um vislumbre do príncipe - amarrado e levantado como ela estava, mas não era suficiente. Ele ainda não era carne e sangue; sua pele profunda e cabelos negros e sedosos não haviam retornado. Seus olhos permaneceram fechados. Embora seus lábios se contraíssem, ela queria mais. Ela queria ouvir sua respiração, ver seus dedos se moverem, apertando e abrindo em uma luta para despertar. Ela não podia sair, não até que soubesse que ele viveria, mas a escolha não era dela.

Seu estômago pulou quando ela começou a girar no ar, aranhas causando as revoluções - centenas delas envolvendo-a em suas teias, para proteger seu sombrio casulo da luz filtrada através da treliça. Uma fenda permanecia em seus olhos e nariz, o suficiente para ver flores e trepadeiras se arrastando dos jardins e prados. As aranhas agarraram-nas e teceram-nas em sua obra-prima, camuflando-a. Ao longe, em algum lugar ao redor do bosque de flores silvestres, veio um belo som. Ele perfurou as orelhas abafadas de Lyra - prateadas e puras como a canção de um rouxinol - e entorpeceu sua dor por um instante.

Talvez ela tenha imaginado a canção, sendo encerrada dentro da noite, sendo carregada através da entrada do santuário em uma onda de flores que brilhavam com a luz do sol e se multiplicavam ao seu toque. No entanto, Lyra reconheceu isso, um conhecimento profundo da alma: aquela voz que uma vez pertenceu a ela. Era a música que ela teria cantado ao caminhar pelas margens ensolaradas do de Lago Cristal, em seu primeiro vislumbre de seu reino; era a música que ela cantaria ao saber que Scorch não tinha morrido, mas era o homem que ela prometeu se casar; era a música que ela estaria cantando agora, se apenas Vesper abrisse os olhos e olhasse para ela como fazia no pântano da lua, com uma mistura de adoração, irritação e fascínio - os olhos de um Pégaso em fogo. O pensamento de chamas apagou a música e qualquer esperança.

Engolindo-a, a agonia voltou dez vezes; foi demais, muito severa. Seu cérebro queimava em seu crânio, um clarão que a fez questionar tudo o que viu: ela estava realmente flutuando por todos, envolta por flores brilhantes e videiras coladas junto com a teia? Ela realmente estava vendo sua prima traiçoeira e Selena passarem como se ela fosse invisível, tropeçando em direção ao santuário ao ouvir o príncipe gritar de dor? Ela estava realmente a apenas alguns centímetros da porta de ferro do arboreto quando se abriu e sua onda de flores derrubou os cinco guardas vigiando a tundra de Nerezeth?

Talvez tudo tenha sido um sonho, mas os sonhos nunca tinham doído tanto.

Uma rajada de vento gélido percorreu os espaços no tecido enquanto se sentia envolvida no casulo, sendo lançada de cabeça em uma parede de algo infinitamente branco e alegremente frio. Em instantes, a parede se dissolveu em água, levando-a como uma folha em uma correnteza rápida para mais brancura. Suas mãos escaparam de suas amarras, e ela agarrou-se ao ambiente gelado e espinhoso para diminuir sua passagem. Com cada toque, o mundo irrompeu em água, luz e cor: pétalas, raízes, folhas e caules brotando de suas mãos antes que a brancura a engolisse novamente.

Por fim, ela passou todo o sol que ela tirou, deixando-a vazia, dolorida e cansada. Tudo ao seu redor havia se fechado. Molhada e tremendo, devastada por seu fracasso, ela se enrolou em seu feixe de pétalas, sombras e teias. Fechando os olhos contra as flores vivas e brilhantes, ela permitiu que sua dor a arrastasse para a escuridão.

27
Lágrimas de tintas e Flores

A música que uma vez tocou de uma concha encantada - sobre a voz clara e firme de uma garota rouxinol - ressoou por toda Neverdark, puxando o espírito do príncipe Vesper. Quando ele acordou, ele gritou em júbilo e apertou os dedos contra os lábios. O beijo de sua salvadora permaneceu fresco sobre eles, assim como suas palavras ecoaram em sua mente: *eu estou lutando por você*. Ela disse mais do que isso, mas era tudo o que ele conseguia se lembrar.

No instante em que seus olhos se abriram, procurou aquela que o salvara - sua princesa, sua prometida. No começo, tudo o que ele podia ver era um rastro de flores e trepadeiras ao longo do chão do santuário; então sua irmã e Cyprian se apressaram na entrada ao lado de uma senhora que usava Céu Noturno por cima de um vestido de orquídea. Deixou cair um buquê de flores silvestres a seus pés, tirou o capuz sob a sombra da treliça e revelou uma pele impecável iluminada pela lua, longos cabelos prateados e suaves olhos roxos.

Vesper ficou sem fôlego e seu pulso saltou. Era ela: a personificação de seus sonhos juvenis, a princesa requintada que imaginou se casar e levar para a cama - como homem. No entanto, havia um lado mais selvagem para ele agora, e lembrava cabelos despenteados e amendoados, com cicatrizes de carne e cílios longos e elegantes como as teias de aranha cristalizadas que cobriam o tablado,

uma beleza selvagem forjada de deserto e dor. Aquela garota falou com uma voz diferente, dentro de sua cabeça - sem música, apenas palavras. Sua voz rangia como uma lixa quando repreendia sua impulsividade ou contradizia seus instintos ferozes com a sabedoria humana, mas ao mesmo tempo acalmava-o como seda quando sua fúria se tornava demais para suportar sozinho.

Ambas as entidades - cantora e ladra - se entrelaçavam em suas memórias confusas. Na esperança de reconciliar os dois, ele pegou a mão da princesa, em seguida, moldou as pontas dos dedos ao redor de sua mandíbula.

—Meu querido Vesper. — Sua saudação íntima e lírica deveria tê-lo levado a seus pés em triunfo, mas ele permaneceu deitado de costas. Não havia como descontar o desejo e o espanto em seu rosto, mas seus olhos estavam errados; eles não brilhavam com o intelecto rebelde que ele sempre tinha visto olhando para ele na ravina. Apenas uma maneira de ter certeza.

Ele puxou-a para baixo, agarrou o cabelo sedoso em sua nuca, e pressionou sua boca contra a dela, bebendo dela até que seus joelhos deram e ela desmaiou. Ela se salvou de cair, tomando um assento ao lado dele, sem fôlego e radiante.

Por mais linda que fosse uma princesa, ela não pertencia a ele. Aqueles não eram os lábios da pessoa que tinha dado tudo de si mesma - seu luar, sua ferocidade, sua esperança. E as pontas dos dedos acariciando sua bochecha não eram as mesmas que haviam apagado o fogo destinado a devorar sua alma.

Vesper sentou-se e olhou atentamente para todos os que estavam reunidos - sua irmã, seu primeiro cavaleiro, jardineiros e guardas. — Ela não é a única que me salvou. — Um sentimento duro que ele não pôde conter.

—O quê? — A princesa ficou de pé, parecendo mais horrorizada do que ferida. — Você deve saber que isso não é verdade! Eu sou sua noiva! Todas as missivas que compartilhamos, as lindas rosas que você enviou. A profecia nos prometeu um futuro feliz. Minha música realmente te salvou.

Sua refutação, falada naquela voz de canto dos pássaros, parecia ensaiada e cautelosa como todas as cartas que ele lia em sua mão. Ela não tinha o fogo,

aquela honestidade estrita e emoções cruas que romperam os cantos mais protegidos de sua mente enquanto ele corria ao lado de um órfão em uma floresta encantada.

—Não foi um sonho. — Assegurou-se Vesper quando se sentou para pegar o cabelo pendurado no ombro da princesa.

Ela tocou a mão dele, suas feições se rearranjando para uma expressão de alívio. — Sim, você pode me sentir. Sou real. Eu não sou um sonho. Estou aqui.

Ele estremeceu. — A ilusão de coisas tangíveis. — Ele levantou os fios de prata e os deixou cair em uma cascata brilhante. — Uma trança de cabelo, um frasco de lágrimas, um trecho de música. E palavras em uma página. Mas borrões de tinta e papel se desgastam. Os frascos quebram. Cabelo afina. As músicas desaparecem quando a nota final toca. A única coisa que dura é confiança e compreensão, falando sem palavras faladas. — Segurando seu olhar, ele não sentiu nada entre eles além da atração física. Ele tentou tocar em sua mente com pensamentos silenciosos; mas ela não respondeu, porque ela não conseguia ouvir. — Sua voz de pássaro canoro é para ser apenas isso. Uma música sem palavras. Nem mais nem menos.

—Aprendi a falar ao longo dos anos. Tudo para você. Você não vê?

—Ah eu vejo. Mas os olhos podem mentir. O coração não.

Seus espectadores ofegaram. A princesa ficou boquiaberta, incrédula, enquanto lágrimas claras escorriam em seu rosto.

Vesper pegou um na ponta do dedo e segurou-o numa mecha de luz. — Lágrimas claras, isso também está errado.

Desconcertado e confuso, ele empurrou a noiva para o lado para poder sair do santuário. Ele ignorou os murmúrios do público e os soluços da princesa. Ele não voltou para consolá-la. Essa brutalidade - antes alojada dentro de um corcel demoníaco alado - ocupou-o novamente, e apenas uma garota conseguia acalmá-lo.

Madame Dyadia chegou à porta de ferro do arboreto no momento em que ele saía do calor ameno e entrava no vento gélido e violento. Ele não disse nada

para ela, simplesmente liderou o caminho. Uma pequena procissão seguiu, crescendo para uma multidão confusa e murmurante. No momento em que chegaram à porta, sua mãe rainha já estava lá, chorando lágrimas de felicidade sobre a miraculosa recuperação da saúde de seu filho.



Todos dentro do castelo de obsidiana estavam em uma confusão - de funcionários e membros da família real para o pessoal militar e convidados que tinham sido honrados o suficiente para receber convites para o casamento e coroação. Nobres e plebeus congregavam-se no grande salão onde aguardava um banquete de almoço, as mesas com javali assado, tortas de peixe, peras em vinho tinto, ameixas cozidas em água de rosas, esturjão coberto de gengibre em pó, geleias e cremes aromatizados com figo seco e sementes de funcho. Eles beberam hidromel temperado e cidra quente enquanto discutiam o conto de fadas acontecendo diante de seus olhos.

O boato se espalhou rapidamente de câmara para câmara e torre para torre, chegando até a masmorra. Um punhado de proprietários tinha testemunhado o milagre dentro do arboreto. Antes mesmo que o príncipe abrisse os olhos, eles já tinham corrido para o castelo para dar detalhes: a princesa Eldoriana, enquanto colhendo flores silvestres para seu príncipe adormecido, foi levada para cantar - e sua canção curou Vesper no santuário a poucos metros de distância porque eles ouviram seu grito vitorioso. Ela não apenas o curou de seu envenenamento solar, mas sua voz, tão pura e cativante, desencadeara uma explosão de flores e videiras brilhantes para crescer, uma onda de vida tão poderosa que desfilou pelo santuário, depois arrastou-se pela porta externa de Nerverdark para chegar ao terreno invernal do lado de fora. Mesmo agora, podia ser visto: um caminho luminoso de murtas rastejantes, clematis, campainhas e glicínias. As pétalas multicoloridas e a hera levavam através do Sombrio e para o ermo, derretendo todo o gelo e as montanhas de neve dentro de um raio de duas léguas de seu rastro. Em todos os lugares em que se tocava, os espinhos tinham se rendido a

flores que brilhavam como gotas de orvalho ao luar.

Na província colonizada, os aldeãos deixaram suas casas e andaram descalços pelas poças até os tornozelos, pela primeira vez em séculos conseguiram andar do lado de fora sem suas peles e botas. Eles juntaram água morna no balde para cozinhar e tomar banho. O sol ainda recuava de seu mundo, os céus ainda estavam divididos e a noite ainda reinava. Mas a neve e o gelo se foram - pelo menos por enquanto.

Regente Griselda e suas garotas não participaram da festa. Em vez disso, elas se esconderam dentro de sua escura e opulenta câmara da torre para comiserar a desastrosa virada que o triunfo de Lustácia havia tomado.

Este era o último lugar que Griselda queria estar. As paredes e o chão de obsidiana reluziam muito para o céu sombrio de Nerezeth, e os lírios brancos nos vasos de caules longos acrescentavam à ilusão - como um punhado de estrelas perfumadas. Muitos dos participantes de Eldoria acharam a decoração exótica e encantadora. Ela, no entanto, estremeceu, assombrada pelos vermes que corriam livremente pelos corredores deste castelo. As pragas não tinham nem a cortesia suficiente para se esconder embaixo de móveis ou nos cantos.

Quando Lustácia e suas filhas chegaram pela primeira vez em seus aposentos, uma onda de camundongos brancos leitosos correu por toda parte: sobre as camas, sob os cobertores, cobrindo o guarda-roupa, as mesas e o chão. Griselda, junto com suas três filhas, agarraram-se uma à outra, convulsionando-se desgostosas, enquanto Sir Bartley ajudava as camareiras da Rainha Nova a retirarem todos, levando-os do quarto em travesseiros de cetim. Esse era o caminho aqui. Criaturas, que em seu mundo seriam esmagadas por baixo de um salto, golpeadas com um livro, ou quebradas dentro de uma guilhotina em miniatura, eram tratadas como súditos reais.

—Insensato. — Griselda rolou a palavra ao longo da língua enquanto se sentava em uma cadeira acolchoada de cinza. Ela tirou a hennin da cabeça e as luvas das mãos. — Pieguisse idiota. — Ela lançou a aspersão em sua filha mais nova.

Lustacia estava deitada em uma das três camas de dossel, fungando e enxugando o rosto com o lenço que Sir Bartley tinha oferecido enquanto escoltava o quarto. Ela ainda não tinha conseguido devolvê-lo, como Bartley havia deixado em uma missão para Griselda.

A regente imaginou quanto tempo demoraria para ele pesquisar. Ela ainda não podia dizer o que inspirou sua premonição, que havia algo naquele santuário vazio que precisava ser encontrado. Algo que lhe daria a vantagem mais uma vez. Era quase como se sua consciência tivesse dirigido a suspeita, ainda que sua ausência de tal obstáculo negasse essa teoria. Talvez, em todas as suas ações com poções e cantos mágicos, alguma magia tivesse finalmente passado por ela.

Distraidamente, ela afagou a cabeça onde os chifres se escondiam sob pilhas de cabelos trançados.

—Como você pôde ter sido tão descuidada? — Ela cutucou sua filha fungando para tirar sua mente da mutação. Sua voz mágica de canto dos pássaros despertou o príncipe de seu transe. De alguma forma, até trouxe vida a essa extensão gelada e incolor. No entanto, você consegue estragar tudo chorando na frente dele. A pior coisa que você poderia ter feito! Até que possamos encontrar um elixir ou poção que conjure lágrimas de fogo para deixar a pele chamuscada em seu rastro, você não tem nenhum choro. Você esqueceu que a família real dele recebeu um frasco das lágrimas fuliginosas de Lyra do próprio Kiran?

Wrathalyne e Avaricette, sentadas na cama ao lado de sua irmã, alisaram seu cabelo pálido e brilhante. Seus elaborados enfeites emaranhavam-se com o vestido de casamento de Lustácia - uma piscina prismática de organza, rendas, contas brilhantes e babados aveludados que sussurravam a cada minuto de movimento.

—Mãe, você está sendo sem coração. — Wrathalyne girou uma fechadura de prata em torno de sua ponta do dedo, em seguida, soltou-o ao lado dos outros fios espalhados sobre o travesseiro de Lustácia. — Ela acabou de murchar! Tenha um pouco de compaixão.

Avaricette gemeu, seus ombros caídos. — Tão perto, Ira. Você quase

conseguiu uma observação astuta. É o perdão. Ou compaixão. Escolha um ou outro. E murcha é o que uma flor faz quando está no sol por muito tempo. Rejeitado é o que o príncipe fez. Beijou-a sem sentido, em seguida, deixou-a corada e excitada com uma simples licença. Você vai ler o seu léxico, sua idiota?

—Oh, cale a boca! — Wrathalyne replicou. — Toda vez que você abre, seus dentes podres tornam o ar verde de fedor. Tem certeza que um ogro não rastejou lá e morreu?

—Vocês duas apenas parem com sua tagarelice! — Lustacia sentou-se e jogou o lenço no ar como uma bandeira branca de rendição. — Nenhuma de vocês. — Ela colocou a mão sobre os lábios para conter um soluço. — Pode até imaginar o que estou sentindo.

Griselda levantou-se e endireitou o vestido ornado de vermelho e dourado. O trem de pedras cheias de joias arrastava o chão escuro, emitindo pequenos estalidos enquanto ela caminhava em direção ao grande espelho na antecâmara adjacente. Deixando a porta entreaberta, ela observou as meninas no reflexo - cada uma tão envolvida dentro de suas próprias obliquidades que ainda não haviam notado que ela havia saído. Ela não se importava com essa indiferença com as duas mais velhas, esperava, na verdade. Ela passou todo esse tempo em isolamento ensinando a Lustacia as graças sociais, enquanto deixava suas outras duas filhas em seus próprios modos infantis e desajeitados. Era improvável que algum dia capturaria a atenção de um homem nesse momento. Mas isso dificilmente importava. Tudo estava andando em seu mais novo plano. Estava na hora de Lustacia levar seu papel a sério, tempo que ela entendeu o que estava em jogo.

Griselda começou a desvendar as tranças negras empilhadas em cima de sua cabeça, observando as garotas por trás de seu próprio reflexo.

Wrathalyne deu um pulo, olhando para Lustacia. — Claro que podemos imaginar seus sentimentos, Princesa. Vimos Sua Alteza quando ele conduziu a multidão do santuário. Aqueles olhos, essa pele, aqueles lábios, esses músculos. Você estava louca para deixá-lo ir. Se eu tivesse aquele corpo duro e real

pressionado ao meu, eu teria me agarrado como um carbúnculo a um navio!

—Um carbúnculo? — Avaricette rosnou. — É craca, sua louca! — De pé na cama, ela socou a irmã no rosto com um travesseiro.

—Como você se atreve! — O grito de Wrathalyne foi abafado pelo enchimento esmagado em sua boca. Rosnando, ela penetrou em sua irmã. Elas caíram em cima do colchão em uma tumultuosa confusão de cotovelos, unhas espetadas e cachos castanho-avermelhados.

—Ugh! — Lustacia rolou para o outro lado, puxando o trem de seu vestido para libertá-la de seus membros de luta livre. Com os lábios apertados, ela puxou a bolsa contendo seus goblins meio-leves para fora debaixo da cama e abriu a aba. Cinco formas sombrias se espalharam no ar e pairaram ao redor dela. Ela gesticulou para as irmãs, cujas palhaçadas tinham enrugado a colcha acetinada. — Eu deveria gostar de minhas roupas refrescadas, se você quiser.

Girando com alegria, as silhuetas sem forma bateram nos quatro cantos da colcha, puxaram cada uma para cima e ao redor, depois embrulharam as meninas que choramingavam e se debatiam antes de arrastá-las com um baque no chão. Lustacia simulou os resmungos resultantes de suas irmãs.

—Lustácia. — Griselda chamou a filha mais nova, tendo amarrado um lenço cor de creme ao redor de sua cabeça. — Nós não terminamos de falar.

A tez enluarada de sua filha - quase ruborizada pelo choro - captou um lampejo de luz alaranjada da lareira quando ela cruzou a soleira para escapar de suas irmãs e seus torturadores goblins.

—Feche a porta. — Disse Griselda, enfiando as pontas do lenço sob o queixo. — Precisamos ficar sozinhas.

Lustácia encostou-se à porta fechada e suspirou.

Griselda apontou um dedo repreendendo sua direção. — Eu tive o suficiente de sua autopiedade. Se limpe, encontre o príncipe e case-se com ele.

Lustacia ficou boquiaberta por um minuto antes que sua língua espirituosa se soltasse. — Certamente! Porque é simples fazer alguém te amar. Ou talvez você queira cozinhar uma poção de amor que eu possa beber em seu vinho. O

mesmo que você usou no pai, talvez?

As mãos de Griselda se fecharam. O insulto foi sutil e oportuno. Ela desejou nunca ter dito a ela mais jovem que ela usou tal poção para prender seu marido anos antes. Ela nunca compartilhou o fato com suas outras duas garotas.Não que ela sentisse culpa. Foi mais inadequação. Não era algo que ela gostasse de pensar, que a única maneira de conseguir conquistar a lealdade de um homem era por meio de ameaças, pagamento ou elixires.

—Bem, você trouxe uma poção para ajudar?

—Eu realmente pretendia. — Respondeu Griselda. — Mas a morte iminente do príncipe afetou as coisas. Eu só tive tempo de juntar nossas cores dos Eldorianos para as cerimônias.

—Fitas e sigilos dificilmente têm magia neles, mãe! Faça um montanha de algo agora, antes de ter que encarar o príncipe novamente.

Griselda reprimiu o desejo de corrigir a filha. As cores dos Eldorianos tinham mais poder do que qualquer um poderia imaginar. Mas melhor, Lustacia não tinha esse conhecimento. Isso apenas aumentaria sua angústia. — Eu não tenho ingredientes ou o livro comigo.

Lustacia levantou as mãos em frustração. — Por que você não os trouxe? Você não considerou que poderíamos precisar de um impulso mágico se algo desse errado?

—Use sua perspicácia, criança. Se o nosso quarto fosse revistado, levantaria suspeitas para encontrar um grimório dentro da minha guarda. Está seguramente escondido dentro do meu quarto em Eldoria.

—Então, como você propõe que eu conquiste seu coração, considerando que você mesma nunca teve sucesso em tais empreendimentos?

Griselda permitiu que sua careta emergisse completamente dessa vez. — Eu posso não ter tido sucesso no amor, mas eu transcendi na luxúria. Incline-se nisso. Use seus dotes.

—O que, estes? — Lustacia espalhou seus braços longos e graciosos. As linhas finas de seu vestido cor de rosa exibiam uma pequena cintura e quadris

justapostos à curva apertada de uma barriga jovem e à ascensão de seios voluptuosos - ainda mais atraentes onde se inchavam acima do decote frisado e decotado.

—Aqueles exatamente.

Lustacia cruzou os braços sobre o peito, as bainhas da manga se abanando como asas rendadas de seus pulsos. — Eu quero amor, mãe. Seu amor. Eu quero que ele me admire pelos sacrifícios que fiz. Saber que passei cinco anos da minha vida me moldando à imagem da garota que o faria feliz e agradecido por isso.

Griselda estalou a língua. — Você nunca terá isso. Pois, contando a ele, você o perderia.

—E assim o abismo entre nós. — Lustacia choramingou. — Quando eu o cantei arrebatei seu povo, achei que tinha. Eu fiz. Eu o curei, assim ele seria eternamente grato e me arrebataria com poesia e abraços apaixonados. E quando aqueles olhos escuros se abriram. oh, eu poderia ter caído neles para sempre. Eu sei que não imaginei aquela centelha de desejo. — Ela pressionou a mão no queixo trêmulo. — Mas quando ele me beijou, algo, mudou. Ele me olhou de cima a baixo como se eu fosse uma estranha. — Ela balançou a cabeça, seus cachos prateados cintilando à luz do fogo. — Depois de todas as respostas, descobri todas as missivas que ele escreveu, respondendo-as apenas como uma princesa faria. No entanto, ele me diz que não fui eu quem o salvou e foi embora. Bem desse jeito! Me humilhando na frente de seus súditos e dos meus. E você, minha mãe amorosa. — Lustacia se conteve e reformulou. — Minha tia amorosa, nem pode oferecer consolo. É sempre “Levante-se, tire a poeira. Nunca mostre emoções. “

—Nunca mostre sua mão. — Corrigiu Griselda, olhando no espelho e alisando o lenço em volta das protuberâncias ofensivas acima de suas têmporas.

—Literalmente, no seu caso. — Lustacia olhou acusadoramente para os dedos de sua mãe - o azul prateado ainda mais proeminente contra a cobertura cremosa da cabeça.

As sobrancelhas escuras de Griselda se ergueram, imaginando quanto tempo levaria sua filha para notar os caroços no tecido, questioná-los.

Lustacia se aproximou para compartilhar o espelho, concentrada apenas em si mesma. — Eu sou feia, então?

Griselda soltou uma risada. — Você parece um deles. Medonho, indefinido. Um biscoito de baunilha polvilhado com açúcar azul brilhante. Mas os moradores da penumbra acreditam ser bonito. Isso não tem nada a ver com a sua aparência. Você mesma disse que sentiu uma atração, que seus olhos seguraram uma centelha de interesse. Talvez você simplesmente precise trabalhar para fazer beijos mais convincentes.

O embaraço aprofundou a pele azulada de Lustacia. Junto com as lágrimas e cílios excessivamente longos, um blush igual ao de Lyra adequado - completo com veias escurecendo sob a superfície translúcida de sua pele - era outra coisa que eles nunca conseguiram.

—Wrath estava certa. — Disse Lustacia. — Você é verdadeiramente sem coração.

Griselda afrouxou o nó sob o queixo. — Se ao menos eu fosse. Se pelo menos eu tivesse dado meu coração ao invés de minha consciência. Então eu não ficaria com tanto medo por todas as nossas vidas.

A atenção de Lustacia se animou. — O que você quer dizer com nossas vidas? Ninguém questionou minhas lágrimas, além do príncipe. Todo mundo está focado nele, preocupado com sua mente confusa. Eles estão convencidos de que ele não despertou totalmente do seu sono da morte. Não há nada, além de suas mãos sujas, que pode lançar aspersões em nós. — Ela perguntou a última pergunta com um nó na garganta, pois Griselda escolheu aquele momento para tirar o lenço e revelar os chifres que agora eram do tamanho da mão de um bebê.

Lustácia engasgou e amordaçou, incapaz de desviar o olhar do reflexo distorcido.

—O desconforto que você experimentou enquanto usava o seu hennin. — Griselda começou, com o polegar traçando os chifres enquanto ela mesma lutava

para não vomitar. — É só o começo.

Lustacia segurou a boca para abafar uma tosse enjoada. Fluxos claros corriam por suas bochechas. — Quão mais?

—Dias ou semanas, é difícil ter certeza.

As pernas de Lustácia saíram de debaixo dela; ela soluçou.

—Levante-se. — Resmungou Griselda, resistindo a uma compulsão inesperada de acariciar o cabelo da filha e confortá-la como fazia quando era criança. Isso apenas alimentaria a fraqueza de Lustacia e uma rainha teria que ser forte. — A única que sabe da minha condição está morta. O príncipe não disse que não vai se casar com você. Nós não fomos derrotadas. Depois de tudo que você suportou por este momento, você desistiria tão facilmente? Você o ama ou não?

—Sim. Eu amo. Mas...

—Um sim é suficiente. Não temos tempo a perder. Tudo o que temos a fazer é ver que o príncipe case e se deite conforme a hora marcada. Você viu as cartas dele, como ele é apaixonado por aqueles cervos que guardam seus alpinistas. Ele decapitará a nós duas, se ele souber do nosso crime. E uma vez que estivermos mortas, ele transformará suas irmãs nas florestas para morrerem por arbustos ou escorpiões de rima. Mas se você é sua rainha, carregando seu filho, você pode nos manter seguras. Vamos pedir uma visita ao Rigamort durante a nossa estadia aqui, antes que ele volte com você para Eldoria para a sua introdução como seu rei. Você dirá que desejamos aprender tudo sobre o reino dele. Então podemos culpar estas, coisas, em algum tipo de contágio mágico antes que ele veja a evidência.

—Você realmente acha que ele vai passar pelas núpcias? Ele nem falava comigo mais cedo. — A pele de Lustacia tinha ficado tão pálida que suas veias quase podiam ser vistas. Naquele momento, ela parecia mais uma moradora das trevas do que antes.

—Nenhum dos reinos lhe dará escolha. Você é a única princesa de Eldoria. Eu garanto que não há ninguém sobrevivendo para conquistar esse título ou sua

coroa. Nenhum outro pode ficar com o príncipe para unir nossos céus e reinos. Todo mundo quer esse casamento. A própria rainha Nova está tentando convencê-lo nesse momento. Ele vai se casar com você. Ele te desonrou em seu santuário, que eu entendo é o lugar mais sagrado neste reino abandonado pelo céu. Temos que negociar com isso.

—E o juramento de sangue. — Resmungou Lustacia, esfregando a cabeça em busca dos nós que um dia irromperiam. Ela ficou no chão, organza rosa frisada rodando em torno dela como um redemoinho de pétalas, e seus belos traços se rearranjaram para algo semelhante a resolver. Embora ela parecesse uma rosa de orvalho, Griselda podia ver o começo dos espinhos.

Havia a rainha nela.

Griselda a recompensou acariciando sua cabeça. — Precisamente. Podemos forçar sua mão, envolver nossos militares, se for necessário. Mas isso seria um último recurso. Você tem suas artimanhas. Esconda-se embaixo da escada que leva à sua torre, quando todos saem do seu quarto, visite-o sozinha. Lembre-o de que ele deve se casar com você para salvar seu povo sofredor. Ele é honrado demais para ignorar esse fato. E ainda mais, ele é um homem e todos os homens podem ser seduzidos. Você teve anos me observando para moldar essa particular fraqueza a meu favor. — Ela enrolou o cabelo em torno de seus chifres mais uma vez. — Domine por si mesma, e viveremos para ver você reinar sobre dois reinos ainda.

Em sua câmara de pelúcia - dentro da torre adjacente à de sua noiva - Vesper se acomodou na beira da cama. Ele bateu a pele entre as sobrancelhas com as espirais brilhantes de uma murta rastejante que ele pegou a caminho do castelo. Ele tinha mais companhia do que gostava e nenhum deles queria que elas fossem.

—Minhas proteções espirituais previram uma maré noturna. — Madame Dyadia falou de seu lugar ao lado da janela do sótão olhando para o pátio lá

embaixo. Sua tez camaleônica e suas vestes encantadas, iluminadas pelo lampejo alaranjado de uma lanterna, fundiam-se nas pedras cinzentas que emolduravam o painel circular. Mais cedo, Vesper havia questionado o paradeiro de Thana. Dyadia alegou que seu terceiro olho estava vigiando Eldoria - para ser uma espécie de lodestar - para quando a lua aparecesse ali.

Como ninguém sabia exatamente como a magia funcionaria - se Nerezeth e Eldoria ficassem fisicamente lado a lado mais uma vez, ou se simplesmente compartilhassem o sol e a lua em diferentes momentos em seus respectivos reinos - ele concordou que o portador do corvo estava bem posicionado.

—Quando? — Vesper perguntou de sua previsão do tempo.

—Em breve. Na superfície das águas retiradas da caverna mística, vi flocos de neve retornando. No início do nosso curso de cessação, eles se multiplicarão em ventos frios para sufocar as flores e as videiras. Os espinhos renascerão e nosso arco-íris vivo se retirará de volta ao solo frio e morto. É melhor realizarmos as cerimônias agora como planejado, cavalgue a fé e a esperança que a princesa invocou em nosso povo. Talvez, em seus votos, essa maravilha consolidada entre nossos dois reinos nos unirá e fundirá finalmente os céus.

—Algo está errado com a profecia. — Disse Vesper pela vigésima vez. Ele inalou as notas de menta e mel da murta, depois colocou sobre a bandeja equilibrada em seu travesseiro ao lado dos restos da refeição que a rainha Nova insistiu que ele comesse. A torta de peixe e os figos cremosos também podem ter sido sem gosto, mas ele conseguiu engolir o suficiente para acalmá-la.

—Você não está fazendo sentido. — Sua mãe se sentou ao lado dele, os grilos de jóias abandonando suas saias enquanto o tecido esmagava contra as bordas de seu colchão. Eles saltaram sob a segurança de sua cama. — Como você pode refutar que foi a música da princesa que te salvou?

—Sua música me acordou. — Ele corrigiu. — Mas isso não me salvou. —

—Existem testemunhas oculares. Sua própria irmã viu isso. E como você pode ter dúvidas sobre sua ligação com Lady Lyra, depois do modo como a

beijou no santuário?

—Ela tem sentimentos românticos por você, irmão. — Disse Selena, de pé ao lado da mesa onde Cyprian estava sentado. Sua mão descansou na parte de trás do pescoço do cavaleiro sob o comprimento trançado de seu cabelo prateado. — Toda a sua preocupação foi em vão.

Cyprian assistiu Vesper estudiosamente e acrescentou: —Selena está certa. Houve sincera afeição nas mãos trêmulas da princesa, em suas lágrimas.

—Rasga a cor da água, não da tinta. Eles não se parecem em nada com as jóias em seu grampo. — Insistiu Vesper.

—Seu grampo encantado. — Acrescentou Cyprian. — Alguns podem argumentar que as lágrimas foram alteradas quando se tornaram jóias - que a cor não é mais uma comparação verdadeira. De qualquer maneira, não temos o pino em nossa fortaleza. É na mão desse ladrão de...

—Ele não é um menino. Ele é uma garota, minha garota. — Vesper rangeu os dentes ao ver a reação de todos - os rostos de seus entes queridos repletos de preocupação ou cinismo, muito provavelmente ambos. A Rainha Nova ansiosamente puxou a colcha preta acetinada sobre a cama enquanto observava os movimentos distorcidos de Dyadia na janela.

Selena pigarreou. — Bem, eu sou grata por ver sua obstinação retornar, Vesper. É bom ter você forte e suficiente para colocar os dentes da nossa mãe rainha no limite mais uma vez. Por fim, sou a favorita novamente.

Ciprian levantou o olhar para Selena e um canto de sua boca se curvou.

O hábito de suavizar as coisas com uma dose de inteligência era algo que Vesper e sua irmã sempre compartilhavam, e ele se viu querendo sorrir, embora fosse mais por ver sua irmã e seu melhor amigo tão à vontade em seu novo romance do que qualquer outra coisa.

Ele esticou suas longas pernas sob as calças de viagem que ele vestiu no lugar de seu traje cerimonial, saboreando o puro sangue vermelho que corria através dele. Sua irmã estava certa sobre sua saúde. Ele se sentia surpreendentemente robusto para alguém que flertava com a morte há anos. Seu

corpo não tinha mais as limitações da musculatura petrificada ou da carne metálica. A chama do sol não estava mais dentro, ameaçando ultrapassar. Seu mancar se foi, ele parecia e se sentia novo - o príncipe moreno com a estrutura óssea, características e resistência de seu pai.

Fisicamente, ele não tinha nada. Emocionalmente, ele não tinha paciência. Não sabia como explicar suas reservas quando a única salvadora que alguém viu foi a princesa se preparando para um casamento em seu quarto de hóspedes naquele exato momento.

Como ele poderia se casar com uma estranha quando tudo o que ele conseguia pensar era no pequeno abandonado que era o amigo e parceiro mais verdadeiro que ele já conhecera?

No entanto, essa maldita profecia dizia que ele deveria.

—Seu beijo selou o noivado, meu filho. Você tem que perceber isso.

Vesper rosnou. — Como eu disse a regente Griselda quando ela nos interceptou na minha entrada para o castelo, eu beijei sua sobrinha para provar a mim mesmo que não foi ela quem quebrou minha maldição. E assim como eu disse ao regente, estou lhe dizendo agora: não vou pedir desculpas por buscar respostas antes de assinar minha vida e meu reino de distância.

A mão da sua mãe agarrou a dele. — Temos um juramento já assinado - no meu próprio sangue e no pai da princesa. Você não está apenas condenando nosso povo a morrer por esta doença infligida por luz artificial, mas você está nos condenando a uma guerra que não podemos vencer.

Cyprian ficou em pé. — Majestade, por favor, atenda a nossa rainha. Você viu por si mesmo a escolta militar que Eldoria trouxe. Com tantos de nós caídos em doença, eles nos superam em cinquenta para um. A última coisa que devemos fazer é desafiar sua regente mal-humorada ao longo de um contrato de cinco anos.

A menos que você tenha provas de que a profecia é falha, de tal modo que poderia influenciar os dois reinos, Selena disse em particular dentro da cabeça de Vesper, para que ninguém mais ouvisse. Ele virou um olhar de

agradecimento, e ela inclinou a cabeça - seu sorriso suave e encorajador. Pelo menos ela estava tentando entender, para ver o lado dele.

Vesper recuperou a flor luminosa do travesseiro. — Mãe, lembra quando falamos pela última vez da minha noiva sombria? Eu fiz uma capa para ela, preocupado que ela não pudesse abraçar este mundo, espinhos e tudo. Eu temia que ela fosse muito macia. — Ele colocou a mão da mãe no colo dela para colocar a murta rastejante na palma da mão dela, em seguida, curvou os dedos sobre ela. — Você disse que se a profecia deve ser tomada em sua palavra, minha noiva deve ser capaz de lidar com tudo, o terreno, as criaturas, as marés noturnas, assim como eu. Que já devemos estar equilibrados, hoje. — Vesper apertou a mão dela com força. — Estou dizendo, encontrei essa correspondência. E ela não é a princesa.

A Rainha Nova se soltou e abriu os dedos para revelar a flor esmagada, a luz desaparecendo de suas pétalas. — Antes da intervenção de sua música, você era uma estátua. — Sua voz falhou. — Momentos longe do seu coração se transformando em pedra. Este teria sido o seu final. — Ela deixou os restos da flor cair no chão em demonstração. — Drenado da vida e perdido para nós. — Seu queixo estremeceu. — A princesa de Eldoria pode parecer delicada e gentil, mas ela te curou. Eu estou comprometida com ela agora. Endividada com ela para sempre. Eu farei qualquer compromisso necessário para aceitá-la como sua noiva. Como você deveria.

—Isso não parece como fazer um compromisso, é como fazer concessões. As duas são coisas muito diferentes. — Vesper se levantou e foi até a mansarda ao lado de Madame Dyadia, pairando sobre a feiticeira. — Ela está lá fora. De alguma forma, ela chegou aqui em Nerezeth.

—Se houver outra que seguiu você do reino do dia e procura infringir o seu casamento anunciado e jurado. — Madame Dyadia interrompeu. —Ela será acusada de traição. Ela sofrerá aprisionamento ou pior. Todos os presentes testemunharam a princesa de Eldoria cantando para você. Esta outra garota não estava em nenhum lugar para ser vista.

Vesper esfregou a nuca, desconfiado da lógica. Durante sua vida juntos na floresta, cada vez que Stain trazia flores para florescer, isso a drenava, magoava-a. Depois de tudo o que ela fez hoje, ela pode estar meio morta. No mínimo, indefesa. Uma raiva selvagem trovejou em seu coração ao pensar em alguém a machucando. Ele teria que encontrá-la primeiro.

—Cyprian, reuna nossos melhores rastreadores e sele Lanthe. Mas seja discreto.

O reflexo do cavaleiro agitou-se na vidraça enquanto ele apoiava a mão no cinturão, onde uma espada emprestada ficava no lugar do falecido pai, a outra tendo sido destruída por Vesper enquanto estava na forma do Pégaso. Um fato que Cyprian ainda precisava aprender. O cabelo pálido do primeiro cavaleiro formou um borrão branco no vidro quando ele olhou de Selena para a rainha.

—Você me serviu com pena, então? — Vesper iscou sem se virar. — Agora que estou livre da praga de ouro, não sou mais seu rei? Devo adicionar a unção de um novo primeiro cavaleiro à lista de cerimônias de invasão deste dia?

Cyprian ajoelhou-se até que seu nariz quase tocou o chão de obsidiana. — Eu imploro seu perdão, Majestade. Minha lealdade e respeito são seus para o meu último suspiro. Eu vou ter isso feito.

Vesper assentiu e Cyprian saiu da sala, fechando a porta atrás de si. A chama da lanterna acentuou a respiração abafada e reprimiu as críticas dos três que ainda permaneciam. Vesper intensificou seu estudo da janela, além do pátio abandonado, onde a terra se rendia a trepadeiras e flores - uma fonte de luz terna competindo com as poças iluminadas pela lua. Um punhado de batedores reais se aventurara mais cedo, seguindo o rastro de plantas rastejantes até a beira do Grim. Eles contaram, por suas trajetórias, que isso levava ao Rigamort. Pode até ter conseguido derreter um túnel através da neve que obstruía a entrada. Devido ao comportamento imprevisível e estado delicado dos veados brumal, os batedores se sentiram mal equipados para investigar em profundidade sem o acompanhamento do rei. Eles voltaram com nada mais do que esse relatório escasso.

Uma rajada de flocos brancos inclinou-se contra o céu negro, apagando as estrelas - a previsão de Dyadia de uma nevasca se mostrando verdadeira. Vesper amaldiçoou o momento. Eles teriam que se apressar antes que tudo fosse engolido novamente. Ele esfregou o rosto coberto de bigodes, agradecido por sentir as feições humanas, a carne macia e firme, e ao mesmo tempo sentindo falta de suas asas e quatro pernas, falta da capacidade de cobrir grandes áreas num piscar de olhos.

—Nós vamos para o Rigamort. Certamente haverá uma pista, no mínimo. — Ele girou nos calcanhares para a porta, mas a rainha ficou atrás dele.

Olhos levantados para encontrar seu olhar, ela o cercou entre ela e a janela. — Nós? Você planeja vagabundar sobre as terras ruins quando deveria estar se preparando para as cerimônias? Envie seus rastreadores, tudo bem. Mas seu dever está aqui, confortando Lady Lyra e alisando as penas eriçadas da regente. Está na hora de você aprender seu lugar como rei.

Suas sobrancelhas se abaixaram. — É hora de você aprender meu lugar como rei. — Havia uma ponta endurecida para a repreensão - uma grosseria que não admitia discussão. — Eu desejo e respeito seu conselho, mas a partir deste dia, ele será entregue como tal: conselhos. Seja em público ou sozinho. Você não é minha comandante nem minha mão direita. Você sempre será minha mãe, mas vai se dirigir a mim como um homem para ser honrado, não um menino para ser mimado.

Seu rosto empalideceu, drenando a suavidade azulada para branco. As tranças de seu cabelo prateado, entrelaçadas em sua coroa brilhante, refletiam a luz do fogo quando ela colocou a mão em seu peito. — As cerimônias de coroação e casamento, elas devem acontecer dentro de uma hora. Por favor, reconsidere.

Seu humilde argumento poderia tê-lo suavizado uma vez, mas não agora que ele se encontrava novamente. — Se eu sair enquanto a neve ainda estiver derretida, posso fazer a viagem até lá e voltar na metade do tempo. Cinco, seis horas, no máximo. Muitos dos arbustos de cadáveres foram expostos e

encontrados mortos pelos nossos batedores, muito parecidos com os espinhos, então há outro obstáculo levantado. — Ele colocou a mão sobre a dela. — Isso deve ser feito antes da maré da noite.

—O que as pessoas vão pensar? — Pressionou a rainha. — Ou a regente e a princesa? Como vai parecer você sair em busca de outra garota?

—Ninguém deve saber por que estou fazendo a jornada. Se questionada, você responderá apenas isto: sou o herdeiro reinante de Nerezeth que acabou de acordar de um sono mortal. Se eu quiser adiar as cerimônias por algumas horas para reunir meus pensamentos e avaliar como nosso terreno alterado está afetando o meu povo, ninguém deve. — Ele parou e balançou a cabeça. — Ninguém vai me questionar.

—Preste atenção às suas palavras, Alteza. — Implorou Dyadia, suas listras pretas e brancas se tornando totalmente visíveis. Vesper se concentrou no soquete vazio do terceiro olho. — O poder da quietude pode ter deixado você nebuloso - inclinado a desilusões. Se for esse o caso, você está pondo em perigo esta paz duramente conquistada em nada mais que um sonho.

—Eu não sonhei o toque dela em minha pele, nem a voz dela em minha cabeça. — Respondeu Vesper. — Não mais do que sonhei nos últimos cinco anos que a minha metade orgulhosa e implacável correu e voou ao seu lado na Ravina Ashen. — Ele apontou uma careta acusadora para a feiticeira. — Mas você me deixou acreditar que era um sonho. Você reteve detalhes importantes. Convenceu-me que a princesa de Eldoria era a minha peça que faltava. Quando o tempo todo, eu tive que me completar. Levou uma garota me salvando de novo e de novo, colocando-se em risco a cada vez, uma garota que me amava incondicionalmente - para me levar a essa verdade. E agora pretendo encontrá-la e agradecê-la adequadamente.

Dyadia manteve uma expressão ilegível, mas trocou olhares com a rainha.

—O que você está dizendo? — Perguntou a rainha Nova ao filho, os dedos se enroscando sob os dele, franzindo a lapela aberta da camisa dele. — Que você está apaixonada por uma simples criança?

Sim. Vesper manteve a resposta para si mesmo. Não havia dúvida de como ele se sentia sobre Stain quando corriam juntos na ravina, e era a única explicação para as emoções que se moviam através de seu corpo e mente naquele momento. Mas ele não teve o luxo de romance ou amor, não com a profecia pairando sobre ele e dois reinos.

—Nunca chame ela de criança. — Ele respondeu, lutando para manter sua frustração e ansiedade sob controle. — E ela é tudo menos simples.

—Você tem a obrigação de cumprir. — A rainha refutou. — Não para uma garota que passou a ser sua amiga temporária quando estava preso na Ravina Ashen. Você está fadado a casar com a princesa de Eldoria.

O reconhecimento de sua mãe da separação mágica não lhe surpreendeu. Ela estava lá na caverna, observando sua metade exilada tomar forma, o que a fez doer tanto mais que nem ela nem a feiticeira haviam dito a ele.

—Ravina Ashen? — Selena franziu as sobrancelhas. — Do que vocês estão falando?

Rainha Nova calou sua filha. — Vesper, por favor, pense em nosso pessoal. Eles são a razão pela qual escolhemos omitir certos, detalhes.

—Estou pensando em nosso povo. Como se eu fosse capaz de pensar em mais alguma coisa nos últimos cinco anos! Meu sangue não pode mais ajudá-los, então devo trazer o sol de volta. Eu entendo isso e farei o que for preciso. Mesmo que isso signifique me casar com alguém que eu não amo. Eu estou simplesmente tentando garantir que aquela que realmente me curou está segura.

Selena entrou no círculo deles, ainda com sua expressão perplexa. Ela passou um braço pela Vesper em uma demonstração de apoio. — Eu quero saber quais detalhes você tem guardado de Vesper. De todos nós.

A rainha Nova inclinou a cabeça, fingindo interesse por uma fileira de grilos perolados ainda agarrados à sua bainha.

Vesper rosnou. Parte dele entendeu; Ele ficou indignado no dia em que seu senhor pai escapou, indignado e inflexível. Ele fizera algo irreversível e míope. — Percebo que você e Dyadia estavam desesperadas para me salvar todos esses

anos atrás. No entanto, para influenciar quem eu amava, o que eu acreditava - tudo por uma previsão? Não admira que minha fé nesta profecia oscile mais a cada hora que passa.

—Você pode nos perdoar, meu filho? — Perguntou a rainha Nova, tendo a decência de parecer envergonhada.

Vesper fez uma careta. — Que escolha eu tenho? Você é minha mãe e eu te amo. — Ele desviou o olhar para Dyadia. — E eu preciso de sua conjuração e presságios. — Um respingo de ácido agitou em seu estômago. — Mas, oh, ser aquele garanhão de novo, derrubar todos os móveis da sala; para galopar pelos lances de escadas e deixar todos que ousarem ficar no meu caminho em um rastro de chamas e fúria, sem pensar nas consequências. — Ele rangeu os dentes, vendo a vergonha no rosto da rainha Nova se arrastar sobre o rosto de Dyadia. — Vocês duas esperam que eu me comporte como um rei cavalheiro, depois de ter provado o poder e a liberdade mantidos dentro do coração de uma fera. — Ele sentiu os olhos de Selena sobre ele. Seus dedos tremiam onde seguravam seu bíceps. — Temo que isso seja impossível, porque eu gostava de ser a fera. Mas ainda há esperança para você, devo encontrá-la? Ela tem um raciocínio comigo, desarmando minha raiva com honestidade, um talento que vocês duas parecem não ter.

Um súbito uivo ecoou - familiar, mas completamente estranho ao seu reino. Vesper vislumbrou pela janela. Sob a neblina do luar e além da muralha do castelo, uma mancha de pelo vermelho pousou sobre as coxas e olhou para cima. Vesper se inclinou mais perto, a testa pressionada contra o vidro frio. Como se esperasse que ele olhasse para baixo, a criatura esbelta voltou a latir, subiu em quatro patas e sacudiu uma cauda longa e fofa. Deixando impressões no terreno embranquecido, caminhou em direção ao deserto ao longo do caminho das flores.

O coração de Vesper bateu violentamente contra o esterno. Os antigos pergaminhos contaram que os lobos de inverno perseguiam todos os cães selvagens menores antes que a terra se fechasse. Embora isso possa parecer uma

raposa comum, foi um milagre, pois onde quer que houvesse Luce, Stain estaria por perto.

—Raposa inteligente. — Resmungou Vesper, batendo no vidro com o dedo. — Eu retiro as coisas ruins que eu já pensei sobre você. Quase.

—Com quem você está falando? — A rainha Nova e Dyadia se mudaram para ver.

Selena foi para o outro lado, olhando ao redor do ombro dele. Ela ofegou. — O que... Isso é um-? Nenhuma criatura assim agraciou Nerezeth durante séculos!

Vesper saiu da sala sem outra palavra, deixando sua mãe e Dyadia ainda olhando pela janela.

Selena seguiu-o pelo corredor, correndo para acompanhar seu ritmo. — Eu quero saber o que aconteceu. O que é essa conversa sobre cavalos e voar na ravina?

—Quando eu voltar, vou contar tudo.

—Diga-me no passeio. Eu estou indo com você. Devo trazer Nysa para ajudar a rastrear?

Ele colocou o braço em volta dos ombros dela. — Deixe-a nos canis. Temos uma raposa para isso. — Ele olhou para ela, já em sua túnica e calça de viagem. Ela estava vestida para uma luta enquanto vigiava ele no santuário. Ele teve um pensamento pungente, em seguida, de sua pequena menina em frangalhos e pés descalços que nunca tiveram a chance de usar qualquer coisa bonita. — Vamos parar pelo seu guarda-roupa primeiro. Eu acredito que ela está perto o suficiente para o seu tamanho.

Selena olhou para o rosto dele, a curiosidade puxando suas sobrancelhas prateadas. — Qual é o nome dela, irmão, essa garota que você procura? E o que ela é para você?

—Eles a chamam de Stain. Ela é a companheira do meu verdadeiro coração. Eu não tenho ideia de como proceder. Não faço ideia de como vou amarrar minha vida a outra, quando já pertenço a ela - corpo, mente e alma.

28
Princesa de cinzas e Espinhos



Lyra acordou sobressaltada, sacudida pelo som do outro lado do casulo pegajoso. Um gosto azedo de lama, fuligem e folhas encharcadas cobria sua língua. Ela bateu o gosto longe e tentou se mover. Cada ligamento e osso estalaram, como se ela tivesse enferrujado todo o caminho. Seu gemido resultante silenciou os fungões estranhos por um instante antes que eles voltassem.

Ela se esticou e a dormência se retirou para o manto lacado, liberando as sombras. Elas se infiltraram para encontrar novos esconderijos. Após o retiro, um frio gelado penetrou junto com o som de água pingando. Uma luz azul cintilante perfurava o rendilhado de trepadeiras que ainda a envolviam. Rebocadores ásperos começaram a puxar o tecido do lado de fora, em sincronia com mastigando, batendo e engolindo.

Lyra ficou rígida de horror. Seu casulo estava sendo comido. Ela não podia gritar, não podia pedir ajuda. Seus dedos se moviam instintivamente, presos como se estivessem em sua cintura, embora qualquer animal que comesse seda de aranha, flores e hera não tivesse tino o suficiente para ler seus pedidos de misericórdia.

Ela torceu os ombros para dobrar os cotovelos, depois arrastou as mãos ao longo de seu corpo, forçando-o a subir no casulo apertado até que se acomodasse

ao lado de seu queixo. Sugando uma respiração, ela empurrou seus punhos para fora da fenda para sua boca, em seguida, arrancou as correias, pétalas luminosas e caules em movimentos de garras. Foi como nascer de novo, em uma caverna fria e gotejante.

A cabeça e os ombros dela mergulharam e seus agressores voltaram para trás - alguns bufando, alguns roncando, outros relinchando nervosamente, com as cabeças pontiagudas erguidas. Vários tinham flores brilhantes e folhas pendendo de seus focinhos, meio mastigados. Ela se inclinou para olhar as escamas reluzentes em suas costas e peitos. Um na frente - mais alto que os outros por dois pinos - abaixou os chifres em aviso. Os chifres brilhavam na luz azul fraca. Mais duas patas dianteiras de panteras com patas ao longo do terreno pedregoso, as garras arranhando-as reverberando pela espinha.

Descascar o resto do casulo de suas roupas fez com que o manto lacado e o alforje escapassem de seus ombros. Calafrios reviraram a pele sob a túnica úmida e as calças. Lyra tentou se levantar. Suas pernas saíram de debaixo dela. Uma onda de tontura forçou-a a sentar-se e ela ficou admirada com as graciosas e magníficas criaturas ao seu redor. Em suas cartas, Vesper falara de seus porteiros. Se estes eram realmente veados brumal, ela estava na junção entre Nerezeth e o Desfiladeiro Cinzento.

Vesper. Uma sensação de lacrimejamento marcou seu peito. Por último ela o viu, ele ainda estava morrendo. Espinhos de calor provocavam seus olhos sem lágrimas, mas mesmo que ela tivesse a capacidade de chorar, ela não o faria. Ela deveria ter fé. Ela libertou seus lábios, seu nariz. Sua garganta se abriu o suficiente para compartilhar respirações entre eles. Mesmo que ela não o tivesse curado, era possível que a feiticeira pudesse ter acordado e curado ele. Ela tinha que descobrir.

Ela levantou-se, apoiando um braço em uma formação rochosa em busca de apoio. Um dos veados recuou em advertência. Lyra sacudiu todas as reservas. Assim como quando ela topou pela primeira vez em seu Pégaso, ela sentiu um parentesco com essas feras. Os cervos eram parcialmente feitos de luar como

ela; suas escamas e chifres brilhavam com ela. Olhar para eles tinha o efeito de reviver a esperança e a serenidade de uma alma.

Alimentava seu desejo de encontrar um caminho para Nerezeth e recuperar o que era dela, se de fato ela tivesse alguma coisa pela qual lutar.

Unhas arranhando a rocha, ela pisou ao lado dela, recuperando lentamente a força. Olhando por cima do ombro, ela franziu o nariz. A fonte da luz azul cintilante - um túnel no outro extremo - pintava as paredes da caverna com um brilho incandescente. Seus olhos se iluminaram para ver ainda mais longe: as estalactites escorrendo e os riachos em cascata que corriam do alto para fazer poças aqui embaixo. Pétalas de flores e folhas flutuavam no topo da água. Os brotos e as flores, tendo impulsionado sua forma encapsulada para essas profundezas, percorreram todo o caminho até uma larga e sinuosa saliência em uma trilha brilhante. Eles emitiram um calor suave. Eles são o que a impediu de congelar na jornada até aqui.

No ponto mais alto, o luar irradiava de uma abertura. Essa tinha que ser a entrada da caverna. Ela podia seguir a trilha de flores e refazer o caminho que vinha, embora não tivesse como adivinhar quanto tempo levaria para atravessar o terreno.

Horas? Dias? Vesper não poderia ter tanto tempo. Ela ouviu seu grito de dor.

Considerando o frio gelado lá fora, e todas as criaturas das selvas de inverno que ela tinha visto no estande dos Dregs: arbustos de cadáveres e escorpiões de rima, morcegos cinzentos e aranhas de ossos, não seria uma jornada fácil. Sons inquietantes agitaram-se acima, asas de borracha batendo e afundando, pernas com ponta de osso, lembrando a ela que primeiro teria que sair da caverna. Ela sufocou uma fricção inquieta em seu intestino e virou-se novamente para os cervos. Poderiam estas criaturas majestosas ajudar? Mas, enquanto observava, percebeu que alguns eram mais fracos do que ela própria se sentia.

Além dos veados observando-a com interesse e cautela em seus olhos,

havia outros que pareciam doentes, deitados no chão. Manchas de ouro cintilante, lembrando o sangue de Vesper, cobriam as pedras próximas a elas. Eles se revezaram descansando suas cabeças sobre ele.

Um pensamento horripilante arranhou-a: e se, introduzindo a luz do sol em seu mundo de gelo e geada e aquecendo sua caverna, ela os tivesse prejudicado? No entanto, a luz parecia fortalecê-los - era por isso que cada um deles lutava por um lugar ao lado das rochas. Deve ser por isso que os veados mais saudáveis estavam comendo seu casulo; as flores cintilavam com a luz do sol, assim como todas as flores que agora envolviam a caverna.

Depois de um palpite, Lyra começou a arrancar as mais próximas a ela, jogando-as na direção do mais enfermo do rebanho. Eles esticaram os pescoços, mordiscando as pétalas e, um a um, reuniram força suficiente para ficar de pé e se aproximarem mais do suprimento. Uma vez que ela fez uma pilha considerável que o cervo comeu contente, ela recolheu o manto de renda e alforje, então começou em direção à borda sinuosa sozinha. Três veados saudáveis entraram em seu caminho, bloqueando-a. Suas posições não eram tão ameaçadoras quanto determinadas. Eles pretendiam mantê-la lá.

Ela balançou a cabeça. Eles não entenderam que ela deixou seu reino nas mãos de um impostor. Que ela não sabia o quanto, se é que alguma, da sua fala da mente havia chegado a Vesper, se ele tivesse ouvido o que ele significava para ela. Ela vasculhou o alforje, em busca das maçãs secas e do queijo que preparara para a viagem para resgatar Crony, na esperança de distrair os porteiros com frutas. Ela só segurou um punhado de pedaços esponjosos quando os cervos começaram a zurrar. O rebanho inteiro virou suas longas caudas de leão para encará-la, circulando uma silhueta que surgiu do nada.

Uma voz familiar resmungou, embora ela não conseguisse colocá-lo. Lyra deixou cair as maçãs na bolsa e avançou para a frente, procurando um vislumbre através da linha de chifres. Ao som de pés batendo, o recém-chegado apareceu à vista, elevando-se em altura para se erguer sobre os cervos.

Os olhos bulbosos dos cervoss atravessavam a caverna antes de pousar

nela. — Princesa!

Lyra bateu as mãos sobre a boca, atordoada demais para tentar perguntar como ele chegou ou se tinha visto Crony e Luce.

Ele deu um tapa nos lábios e suspirou. — A maldita Edith disse que a bebida iria encontrar meus parentes, não me aterrissar na toca dos cervos.

Suas palavras enigmáticas não faziam sentido há um dia, mas depois de usar a magia para chegar ao lado de Vesper, ela entendeu. O que ela não daria para outra dose agora. Quando ela viu o goblin pela última vez, ele estava procurando por seu primo. Edith deve ter usado o mesmo feitiço para os Dregs. Mas por que ele o trouxe para este lugar?

Dregs acenou com a mão, tentando abrir caminho através dos cervos. — Você viu algum duende, morto ou vivo? Pode ser apenas um ou até cinco...

Antes que Lyra pudesse responder, rosnados ameaçadores e gritos de pânico roncaram nos cervos, interrompendo a conversa. O líder abaixou a cabeça e, com um relincho gutural, atacou o goblin. Dregs gritou e perdeu o equilíbrio em seus saltos altos.

Ele bateu no chão e o cervo principal levou os outros a atacar, arrancar e chifres abaixados para serem atacados. O som doentio de grunhidos e rasgando pano encheu a caverna. Lyra pegou sua capa de crisp e a vestiu, comandando o tecido noturno para erguê-la no ar como antes. O movimento a levou às costas do cervo principal. A criatura recuou, mas ela abraçou o pescoço com força, o estômago balançando. Seus dedos doloridos e mãos apertadas. Eles não seriam capazes de aguentar por muito tempo. Dregs gritou novamente.

Desesperada, Lyra apertou a testa ao lado da orelha do cervo, enviando pensamentos calmantes. *Nós não estamos aqui para te machucar. Estamos aqui para ajudar seu príncipe, seu rei. Vesper,* ela ofereceu, esperando que uma criatura noturna a ouvisse de alguma forma. *Eu preciso chegar ao príncipe Vesper, Estrela da noite de Nerezeth.* Sua garganta apertou em um soluço silencioso.

Chega, a palavra bateu em sua mente na voz de Vesper. Seu coração pulou

ao ouvi-lo, embora ele não estivesse falando com ela: *nenhum dano virá a estes dois. Eles estão aqui no negócio real.*

O cervo parou de bater. Ele arquejou, as costelas se expandindo e comprimindo onde Lyra se encontrava. Os outros cervos se reuniram com os ouvidos atentos, também sintonizados com a voz do rei. Estragos, não mais piores do que alguns arranhões e contusões, saíam do círculo de pernas e caudas e subiam em um afloramento de rocha, onde ele reclamava de suas roupas rasgadas.

Lyra escorregou das costas do cervo e deixou cair o manto de renda a seus pés, olhando em volta, procurando-o. *Vesper.* Ela enviou o pensamento, com fome para ouvir sua voz novamente.

—Aqui em cima. — Sua resposta, em voz alta desta vez, ecoou e derivou das alturas onde ele e seu cavalo levavam a longa e sinuosa saliência ao longo de sua trilha de flores. Havia três silhuetas esperando no topo, ainda não seguindo, com dois cavalos ao lado deles.

Dregs saltou de sua rocha e avançou. De pé, Lyra recolheu o alforje e segurou-o contra o peito como uma âncora para evitar que flutuasse para longe em um nervosismo.

Vesper lembrou como ela o tocou? Beijou ele? Ou a feiticeira o salvou, deixando apenas a lembrança de que Lyra o abandonou no pântano da lua para morrer?

Quando Vesper chegou, Dregs se curvou para ele. Vesper pousou a mão na cabeça. Eles compartilharam uma conversa sussurrada, então ele enviou o goblin em direção à entrada da caverna onde os companheiros de Vesper ainda esperavam, muito alto para se identificar.

Vesper baixou as rédeas do cavalo quando a saliência se nivelou no chão. Ele tirou uma capa de pele pontilhada de neve e deixou-a cair em um montanha atrás dele. Com o capuz desaparecido, várias mechas de cabelo escuro caíram em seu rosto - tão indisciplinado quanto a juba de Scorch. Ele não estava vestido como realeza agora, mas como o homem que ela viu em sua tenda no

acampamento, o homem que estava sentado com ela no pântano da lua, tentando convencê-la de sua identidade. Uma camisa de cor clara e calções de couro preto conformavam-se em linhas magras e musculosas e mostravam um passo gracioso quando ele se aproximava - todos os coxeares e limitações físicas se foram. A profundidade brunida de sua pele era saudável e sem falhas, além das cicatrizes que ele sempre teria como lembretes.

Ele foi curado, mas por quem?

O pulso de Lyra acelerou, martelando seus pulsos e sua clavícula. Os veados galoparam ao redor dela em uma debandada. Mesmo os mais fracos se juntaram à briga, embora se arrastassem mais devagar. Sua passagem balançou a bainha irregular em seus tornozelos. Eles cercaram seu rei com leves notas de saudação. Ele mexeu em cada um deles como se fosse uma criança amada. Então, após seu comando mental, eles se separaram e voltaram para a pilha de flores brilhantes.

Vesper a observou imóvel. Lyra também esperou. Era como começar de novo - em pé na ponte alterada, tentando encontrá-la de pé, cautelosa com as corredeiras que esperavam para engoli-la, se ela se movesse rápido demais e deslizasse.

Ela tentou esconder as mãos trêmulas apertando seu aperto ao redor do alforje. Então, lembrando que pertencia a ele, ela segurou.

—Então, você está apenas disposta a dar esses presentes sem lutar, depois de quão duro você trabalhou para eles? — Sua voz profunda e rouca ecoou nas paredes. Uma luz azul brilhou em seu rosto, seus longos cílios sombreavam as emoções em seus olhos. Ela não sabia o que ele queria dizer; não sabia como lê-lo neste formulário. Ele estava brincando? Bravo? Mesmo sem ver seu olhar claramente, ela sabia que era tão inescrutável quanto o de um corvo. Ela estava vulnerável por baixo dele, despida de sua cabeça torta e trapos rendados.

Diga alguma coisa, ele perguntou em sua mente.

Ela lutou por uma resposta. Tudo era grande demais para palavras, também transformador de vida. Ela finalmente concordou, *eu estou com medo.*

Ele inclinou o queixo. *Desse momento?*

Ela balançou a cabeça. *De você.*

Ele franziu a testa, como se estivesse surpreso. *Por quê? Você me conhece até meus ossos. E estou mais seguro agora, nenhum casco coçando para pisar. Nenhuma chama ameaçando.*

Ela apertou a bolsa contra o peito. *Você pode me machucar mais como um homem do que você jamais poderia como um cavalo.*

Ah, E se eu fizer um esforço para não ser um idiota tão arrogante nesta forma? Isso ajudará? Ele ergueu as sobrancelhas provocativamente.

Ela bufou uma risada surpresa, aliviada. Claro que ele não estava zangado. Ele não tinha certeza de onde as coisas estavam entre eles, como ela. Mas eles já estavam aqui, conectando-se além de suas diferenças e das circunstâncias inconcebíveis que os lançaram nos caminhos um do outro.

Alcançando o alforje, ela cavou as maçãs. Deixou cair a sacola e deu um passo à frente com a palma da mão estendida, a fruta equilibrada sobre suas cicatrizes.

Ele deu um passo em direção a ela, os lábios se contorcendo em um quase sorriso. *Então é assim que começa de novo, primeiro você resgata a besta, então você a alimenta à mão.*

Uma vibração de energia nervosa saltou através de seu estômago. Então, foi ela quem o curou!

Cuidado, você nunca pode se livrar de mim desta vez. Sua provocação de flerte circulou em torno de seus pensamentos.

Eu estou contando com isso, ela respondeu, erguendo uma sobrancelha, embora sua mão arrebentada tremesse um pouco.

Você percebe, eu tenho pomares cheios de maçãs no arboreto. Ou talvez você não estivesse lá o tempo suficiente para perceber.

Maçãs de pomar não têm nada sobre isso. Sem esforço agora, ela reprisou seu papel do passado deles. *Eu fiz especialmente para você.* Ela deu outro passo, notando sua altura e o quão pequena ela se sentia agora que ele não estava

deitado em um estrado. Era desconcertante - que ele parecesse maior, mesmo como homem.

Ele estalou a língua. *Eu acho que você procura me domar, assim como você tem meus porteiros.* Ele olhou para os cervos que pastavam nas flores que ela havia escolhido.

Eu não quero domar você. Eu procuro uma parceria. Seus dedos apertaram a maçã e reabriu. *Para ser seus olhos na escuridão. Ser suas mãos se você ficar preso. Para ser seus ouvidos quando você está voando alto demais para ouvir.*

Uma carranca de dor franziu a sobrancelha e ela quase se arrependeu de dizer, mas ele sorriu, e ela sabia que ele entendia: embora aquela porta estivesse fechada para eles agora, eles sempre teriam o passado para compartilhar. E se alguém valorizava as lembranças tanto quanto ela, era esse príncipe que vivera duas vidas.

Ele esfregou o polegar sobre os bigodes em sua mandíbula. *Aceitarei com gratidão a oferta dos seus olhos, mas tenho outras coisas em mente para as suas mãos e palavras bonitas para falar nos seus ouvidos. Não mais escrevê-las em notas.* Ele deu outro passo. *Mas primeiro, você deve ser feroz o suficiente para me abraçar - corpo e alma.*

A palma da mão dela parou de tremer e ela esticou o braço até onde alcançaria. *Eu já provei que minha ferocidade é páreo para você, de força animal.* Ela esperou a resposta esperada, para ele exigir que ela andasse os últimos passos.

Em vez disso, ele fechou a brecha entre eles e pegou seu pulso, virando a mão para jogar as maçãs no chão. *Que você tem. Agora tenho algo para provar para você.*

Não demorou mais tempo do que ela para piscar, ele girou os dois em um círculo, o braço livre apertado em sua cintura. Seu toque a deixou sem fôlego. Eles entraram juntos, ali no chão rochoso, fluindo apesar do terreno acidentado. Os arredores de Lyra estavam borrados: os cervos, as luzes piscantes - os

companheiros de Vesper agora descendo em direção a eles. Ela reconheceu o cabelo ruivo de Luce e a trança arroxeada prateada de Selena - ambos manchados à distância, como pinturas deixadas na chuva.

Ainda girando, Vesper a puxou para perto, de modo que seus lábios lhe roçaram a orelha. — Eu te disse que eu poderia dançar tão bem quanto qualquer homem. — Ele sussurrou. Sua respiração quente correu ao longo de seu lóbulo, excitando todos os nervos de seu corpo. Seu perfume havia mudado - não mais queimado com fogo ou grama, mas um almiscarado inteiramente masculino e humano.

Ela jogou a cabeça para trás, silenciosamente rindo. O riso dele juntou-se ao dela, e ela se divertiu com a vertigem, tonta de alívio, felicidade e desejo, sentindo-se quase como se estivesse voando com ele por fim. Seus pés ficaram presos no manto de renda, e Vesper diminuiu sua rotação para desembaraçá-los.

Suas feições cresceram sombrias. *Luce me contou tudo o que sua tia roubou de você, princesa Lyra.*

Lyra ofegou. *Você sabe, quem eu sou?*

Ele assentiu. *Mesmo antes de Luce me contar, eu sabia que você era mais do que parecia. Que você pertencia a mim. E agora eu sei que você é a princesa da profecia. Minha princesa.*

Lyra levou a mão à garganta, sentindo a perda de sua voz novamente.

Vesper colocou a mão sobre a dela. *Voz ou não, você nasceu como Lyra. Isso nunca vai mudar. O sangue do seu pai e de sua mãe flui em suas veias.*

Sua segurança aqueceu o frio oco onde suas cordas vocais em funcionamento deveriam estar, e ouvi-lo falar seu nome verdadeiro para sua mente era tanto uma emoção quanto um conforto.

Não sei nada sobre ser realeza, Vesper. Eles levaram todos esses anos aprendendo comigo.

—Eu vou ajudá-la. — Sua voz profunda ecoou na caverna, não mais isolada em sua cabeça. — E eu vou ver que você terá a sua vingança. — Uma faísca acendeu por trás de seus olhos, a mesma fúria que levou Scorch a fúria

impetuosa. — No final de tudo isso, aqueles que te magoaram responderão a nós dois e se curvarão a você como sua rainha. E eu prometo a você também, como você me prometeu: eu nunca vou tirar nada de você que você não está disposta a dar.

Seus olhos ardiam no sentimento. Tendo roubado tanto, eram as mais caras palavras que ele poderia ter dito em voz alta. Ela o tocou atrás da orelha direita, um gesto que uma vez acalmou a fera. *E por isso, eu lhe darei tudo o que sou.*

Ele descansou a mão na nuca dela, o polegar acariciando-a naquele lugar tenro onde ele costumava aninhar o focinho de seu cavalo. - *Então eu serei o homem mais afortunado vivo.* Ele começou a puxá-la para perto, mas o manto de renda ainda estava em seus pés entre eles. Ele empurrou o tecido para o lado, com uma expressão melancólica. — Eu queria estar lá, quando você deu o primeiro passo para a luz do sol.

Você estava. Ela sorriu. *Você foi meu primeiro raio de luz na ravina, todos esses anos atrás.*

Ele sorriu, balançando a cabeça. — Você sabe, eu era muito arrogante para dizer a você então. Então eu estou dizendo a você agora. Toda vez que eu te via, cada dia quando seu rosto aparecia através das árvores, ou emoldurada por uma daquelas vidraças vazias e ridículas, você iluminava meu mundo inteiro. Eu era quem precisava de você. Esse sempre foi o caso. Não cometa erros. Eu amei a garota com o coração do meu cavalo e agora estou pronto para amá-la com um homem.

O belo sentimento se enrolou no corpo de Lyra como um vapor de uma xícara de chá reconfortante. Era tudo que ela sempre quis: palavras faladas com seriedade, toques e beijos compartilhados livremente, ajudando uns aos outros sem esperar nada em troca.

Ela acariciou aquele pedaço macio de pele entre as sobrancelhas, onde sua carne nunca cedera à maldição. *Eu sempre disse que a amizade tem muitas recompensas. O amor é o culminar de todos eles.*

Seu olhar se intensificou e ele segurou seu pulso. Com a mão livre, ele

tocou as pontas dos dedos dela, depois delineou as cicatrizes que ela sofreu em seu nome e outras feitas de maneiras que ela talvez nunca se lembrasse. Antes que ela soubesse sua intenção, ele abaixou o rosto para acariciar sua palma, uma sensação tão diferente da que tinha sido no passado, seus lábios seguindo o mesmo caminho que seu dedo tinha em pulsos suaves e quentes.

Um formigamento despertou em seus próprios lábios, com fome de beijá-lo novamente, sem luz solar ou tormento para estragar a experiência.

O que você lembra do santuário? Ela perguntou.

Ele levantou a cabeça para olhar nos olhos dela. *Isto.*

Segurando o rosto dela, ele pressionou um beijo entre as sobrancelhas. Então ele se moveu para as pálpebras e um suspiro contido se aprofundou em seu peito enquanto seus cílios faziam cócegas em seu queixo. Ela se equilibrou na ponta dos pés, dedos entrelaçados no cabelo da nuca dele, e levou a boca até a dela.

Seus lábios delicadamente selados. Sua respiração tinha gosto de mel e hidromel temperado. Sua mão direita inclinou o queixo para caber o seu, sua esquerda desceu para a parte inferior das costas para desenhar seu corpo contra ele, não deixando nenhuma dúvida quanto à sua completa transformação em um homem. Ele a beijou com gentil confiança - um lembrete de que ainda tinham muito a aprender um sobre o outro, mas que estavam juntos nessa aventura, como faziam desde que ela se lembrava. Lyra se aprofundou nele, nessa novidade íntima tão ardente e doce que sofria com a vontade de ofegar e de nunca mais respirar.

Uma mão agarrou seu ombro por trás e forçou-a a recuperar o fôlego de surpresa.

—O tempo acabou. — Luce os separou, movendo-se entre eles até que tudo o que Lyra podia ver era a parte de trás da jaqueta vermelha do sílfide e suas asas ilusórias. — Você concordou com os termos.

Corada e sem fôlego, Lyra virou Luce para encará-la. *Quais termos?* Ela assinou, ainda saboreando Vesper em seus lábios.

—Ele me deve. Por todos aqueles dias eu fiz você praticar com a luz do sol na ponta dos dedos. Por todas as flores que eu fiz você crescer, apesar de suas birras de bater o casco em comer em seu intervalo. Eu sou praticamente o que o salvou. Então, para me pagar, ele deve honrar meu lugar como seu guardião pela primeira vez em nosso relacionamento.

Lyra olhou ao redor de uma ponta da asa para pegar o olhar de Vesper. Ele piscou para ela tranquilizadoramente, então gesticulou para Luce. — Ele se tornou um espírito e sussurrou suas demandas por todo o caminho até aqui. — Vesper esfregou o lóbulo da orelha e se encolheu. — Nada como cachorro babão para azedar um trote agradável pelo campo.

Luce reprimiu um sorriso maroto. — Melhor do que um certo burro que costumava deixar para trás em seus trotes através da ravina. Você está com inveja de eu usar as asas agora.

—Não posso refutar isso. — A voz de Vesper estava provocando, mas Lyra sentiu uma sugestão de desejo sob a superfície.

Na periferia de Lyra, Selena e um homem de cabelo grisalho - um que ela lembrava da ravina anterior - trocaram olhares confusos e sorrisos trêmulos. Há quanto tempo eles sabiam da identidade alternativa de seu príncipe? Eles pareciam estar tão surpresos quanto ela primeiro se sentiu ao perceber os cascos de um Pégasus pulsando dentro de seu coração.

Vesper pigarreou e Selena e o homem deram um passo à frente.

—Lady Lyra, da Casa de Eyvindur. — Anunciou Vesper em tom formal, e isso fez com que ela sentisse algo que nunca sentira: real. — Esta é minha irmã, a princesa Selena Astraeus, e meu primeiro cavaleiro, Cyprian Nocturn. Eles estão aqui para ajudar a organizar sua passagem para o castelo.

Selena fez uma reverência e Cyprian curvou-se na cintura.

Luce levantou a asa, cortando o visual de Lyra de todos quando ele se virou para ela. — Primeiro, as regras básicas. Eu concordei que o príncipe poderia ter uma dança com você e um beijo. Agora está pronto, e até que eu ouça os votos de casamento e você seja coroada, você sempre terá um acompanhante,

eu ou Lady Selena. E quando eu for o único acompanhante, você vai falar onde eu posso ouvir - ou ver - a conversa. Nenhum daqueles rudes silêncios em que você desaparece em seu pequeno mundinho juntos. — Ele lançou um olhar para Vesper. — Eu tive o suficiente para durar a vida toda.

Lyra nunca pensou que Luce e Scorch ficariam juntos como camaradas. Se ao menos Crony estivesse aqui para testemunhar esta ocasião memorável. Mas ela disse a Lyra que tinha algo para fazer em Eldoria, então esperaria até que eles se reunissem.

Os dedos de Lyra formaram perguntas ansiosas. *Estamos indo para o castelo de Nerezeth agora? Todo mundo sabe que eu sou a princesa? Acabou?*

Vesper e Luce compartilharam uma reação semelhante: punhos cerrados e costas endurecidas.

—Ambos os reinos pensam que Lustacia é a verdadeira você. — Vesper finalmente respondeu, suas sobrancelhas grossas franzidas em frustração. — Eles ouviram a voz dela, viram as flores ganharem vida e então eu acordei - curado. Todos estão tão preocupados com magia, profecias e contos de fadas que a abraçaram de todo coração como a causa. Ninguém te viu. Mesmo eu não consegui me lembrar de tudo isso. Apenas seu beijo, seu toque e sua promessa de lutar por mim.

Então como você sabia que era eu beijando e não ela? Você nunca me viu.

Seus olhos se arregalaram, como se a pergunta o surpreendesse.

— Na ravina, fui conduzido apenas pelo instinto. Eu aprendi seus lábios quando eles beijaram meu topete. Eu aprendi suas mãos quando você me alimentou com maçãs; e eu aprendi sua voz secreta enquanto suavizava minha raiva. Eu nunca vou precisar ver para saber que é você.

Mais uma vez, ele desequilibrou Lyra com suas palavras. *Vesper* retornou sua avaliação silenciosa, concentrada apenas em seus lábios - um profundo fascínio que traçava sua forma como um toque.

—Chegar ao plano, Príncipe. — Disse Luce irritado.

Um músculo na mandíbula de Vesper se contraiu quando ele desviou o

olhar. — Certo. Ambos os reinos se uniram atrás de sua prima, e ambos estão tão desesperados pela unificação do céu que vão forçar meu casamento a Lustacia e aprisionar qualquer um que esteja no caminho. E como todo mundo acha que eu sou assombrado por delírios do meu sono da morte, nenhum dá crédito às minhas alegações. Nós não temos nenhuma prova de sua identidade. — Ele gesticulou para as mãos dela.

—Eu pensei, se pudéssemos ter você levantando mais flores para todos testemunharem...

Lyra levantou os dedos. O brilho suave, junto com a picada que o acompanhava, desapareceu. Franzindo a testa, ela recuperou uma clematite pisada a seus pés. Seu toque não conseguiu reavivar suas pétalas murchas. Outra parte de si mesma agora perdida.

Ela balançou a cabeça.

A expressão esperançosa de Vesper caiu. — Você usou tudo para me salvar. — Seus olhos suavizaram e ele pegou a mão dela. — Pelo qual sou eternamente grato. — Seus dedos apertaram os dela. — Mas Luce diz que até seus retratos de infância foram alterados. Nossa falta de qualquer prova coloca você em perigo. Nossa melhor chance é planejar uma chegada dramática como a que Lustacia teve. Já que não temos mais a vantagem mágica que ela comandou, talvez possamos fazer as pessoas pararem e se perguntarem com uma procissão de criaturas inesperadas. Você poderia andar comigo em Lanthe. Dregs foi reunir alguns goblins do ermo. E nós vamos levar alguns veados para o efeito. — Ele inclinou o queixo para sua irmã. — Selena, esse rochedo deveria dar cobertura a Lyra para assumir o disfarce apropriado. — Ele gesticulou para a mesma rocha saliente que os regentes usavam antes para escapar dos veados.

A irmã dele pegou o alforje de Lyra junto com um que ela carregou na montaria e pegou a mão de Lyra. Lyra apontou um olhar interrogativo para Vesper.

—Eu não estou tentando mudar você. — Ele assegurou. — Eu apenas quero acalmar o cinismo de nossos dois reinos fazendo de você o que eles

esperam do lado de fora. Então, vamos surpreendê-los ao revelarem suas entranhas, que são excepcionais - uma força que qualquer reino desejaria em uma rainha. Uma força que vejo cada vez que olho para você.

Ela sorriu, porque compartilhava o mesmo respeito por ele.

Luce pegou a explicação. — Algumas coisas já estão em movimento. Se você parecer com uma realeza, isso aumentará a confusão, convencer a todos que existem duas princesas.

Vesper assentiu. — Eu tenho uma suspeita de como eles alcançaram a pele e o cabelo da prima, iluminados pela lua, tão perfeitamente espelhando os seus como eram antes. — Ele olhou para os cervos descansando pacificamente, e aquela fúria flamejante queimou atrás de seus olhos novamente. Primeiro, tenho perguntas para Dyadia e Dregs que está procurando seu prima por uma testemunha. Mas o que quer que nós aprendamos, essa fabricação simulada não é digna de sua coroa. — Suas sobrancelhas franziram quando ele esfregou seu queixo. — E eu vou usar essa profecia exagerada para provar isso. Vamos discutir detalhes depois que você estiver vestida.

Uma vez escondida atrás da rocha escarpada, Selena ofereceu a Lyra um pouco de peixe defumado e pão granulado envolto em tecido. — Vesper se preocupou que você estaria com fome.

Lyra sacudiu a cabeça, nervosa demais para comer.

Selena guardou a comida e ajudou Lyra a tirar o vestido rasgado e as botas sujas. Lyra estremeceu no frio. Os olhos da Nerezetite brilharam âmbar na penumbra enquanto ela avaliava a forma arrepiada e meio vestida de Lyra; Cada cicatriz e mancha se acenderam sob seu escrutínio. O olhar de Lyra caiu a seus pés descalços.

Selena ofereceu um pano que ela molhou com água de seu frasco e Lyra se esfregou, embora não conseguisse apagar as manchas do solvente solar encantado de Crony. Ela deu uma olhada na impecável aparência de luar de sua companheira, desejando poder explicar por que nenhuma quantidade de água enxaguaria sua pele.

Selena colocou o pano em uma pedra ao lado deles, então assinou as palavras: *Eu conheço a língua antiga.*

Surpresa e aliviado, Lyra assinou: *Todos no seu reino falam isso?*

Selena sorriu. — Apenas aqueles que pertencem ao tribunal. O conselho, o primeiro ministro e os militares. Vesper insistiu que aprendêssemos, assim, quando você se tornasse nossa rainha, você poderia ser entendida e nunca ter ninguém questionando sua autoridade.

Lyra sacudiu a cabeça. *Um gesto tão gentil.*

—Sim, ele se revelou um soberano generoso e sábio. Nosso pai ficaria orgulhoso. Mas ele ainda tem um lado teimoso que às vezes leva a nossa mãe à loucura.

Lyra sorriu. *Estou bem familiarizada com isso.*

Selena riu. — Eu deveria dizer melhor do que ninguém, já que você não tinha nem o lado mais gentil dele para temperar isso.

Lyra reprimiu uma gargalhada. Ela estava gostando mais de Selena a cada minuto. Erguendo o pano úmido, Lyra demonstrou que estava tão limpa quanto podia esfregando as manchas acinzentadas do rosto e encolhendo os ombros.

—Eu vejo. — Selena respondeu. — Bem, para se vestir, então. — la levantou um espartilho de sua bolsa - uma confecção azul-gelo com arame desossado e laços de cetim.

Lyra arqueou a coluna quando Selena atou a parte de trás e apertou-a até que o busto afundado finalmente se ajustou às modestas curvas de Lyra. *Lamento que você não tenha uma tela mais imaculada* - ela fez uma pausa assinando para indicar seu corpo da cabeça aos pés - sobre a qual retratar uma princesa.

Selena parou as mãos de Lyra no ar, arrastando mangas aveludadas de pêssego pelos braços. — Discordo. A melhor tela tem falhas e sulcos, e conta uma história própria antes que a tinta seja adicionada.

Lyra refletiu sobre a adorável sabedoria das palavras quando um perfume floral-cítrico feminino emanava do tecido.

Selena segurou o corpete do vestido com um gancho de botões. — Minha avaliação anterior não foi para menosprezar suas cicatrizes. Eu estava admirando elas. Admirando você. Meu irmão me contou sobre todas as vezes que você o salvou. De como você nunca se esquivou de desconforto ou perigo. Não tenho certeza se você percebe, mas você manteve aquela parte dele viva além do coração e da respiração dele. Você desafiou seu espírito e alimentou sua alma. Você o ajudou a ver o mundo através dos seus olhos, e ele cresceu com isso. — Agachando-se, Selena ajustou a saia - o mesmo pêssego aveludado que o corpete - sobre a anágua anexada, então arrumou a camada superior de renda azul-gelo em cascata até a bainha até o tornozelo, proporcionando vislumbres da saia por baixo da renda —É por isso que ele quer que vocês façam isso juntos, para recuperar seu reino. É a maneira dele de agradecer a você, de viver de acordo com o fim da sua parceria.

Os dedos de Lyra foram rápidos para corrigir a princesa nerezita: *ele já viveu até o fim. Ele também me salvou. Muitas vezes, de várias maneiras.*

Persuadindo Lyra a levantar os pés descalços, Selena colocou botas prateadas e cheias de pele branca no lugar até os joelhos, depois de enfiar lã na ponta dos pés para fazê-las caberem. — Ah, mas isso é diferente. Política do Reino e disputas domésticas, que é a perícia de Vesper. Ele nasceu e foi criado. Confie nele.

Eu confio. A resposta de Lyra agitou as camadas de tecido que cobriam seus braços.

Sorrindo, Selena tirou um espelho de mão e organizou para que Lyra pudesse ver o resultado final.

A luz azul ondulante do túnel revelou detalhes que ela não podia ver enquanto Selena a vestia: contas de cristal azul com um centro de pérolas brilhando por todo o decote e sobrescrito, as mangas compridas cobertas com rendas de contas combinando e presas nos cotovelos com fitas de pêssego. Ela não tinha palavras; foi o conjunto mais deslumbrante que ela já usou, pelo menos que ela pudesse lembrar.

Ela acenou para Selena em gratidão.

—Estou feliz que você aprove. Combina com você. — Selena entregou a Lyra o espelho para que ela pudesse produzir um caulex de veludo de pêssego embelezado com fitas de prata trançadas e pérolas de sua bolsa. Um lenço de seda branca e cremosa ondulava pelas costas como uma cauda de névoa e céu. — Vesper trouxe uma capa de pele para proteger da queda de neve. E isso vai oferecer calor em vez de cabelo.

Lyra impediu-a de colocar o chapéu em cima do couro cabeludo, a menção de cabelo emaranhado em seus pensamentos. A previsão da senhora Umbra ressurgiu:

—*Você precisará ter cabelos de aço e lágrimas de pedra.* — Sozinha, não fazia muito sentido, mas quando acompanhada daquela conversa entre Selena e Vesper sobre os presentes de casamento, começou a adotar um significado nebuloso. Selena disse que os encantamentos capturaram as lágrimas da princesa de Eldoria em pedras preciosas no alfinete, e endureceram os fios de seu cabelo com cerdas de aço.

Pedras preciosas e aço. Lágrimas de pedra e cabelo de aço.

Lyra vasculhou o alforge a seus pés, encontrando o pincel e o alfinete. Ela os segurou para Selena. *Meu*, ela imitou.

Sorrindo gentilmente, Selena colocou o caul de lado e pegou-as. — Sim, eles são seus. Presentes para a prometida de Vesper. — Ela lançou um olhar para a cabeça confusa de Lyra, a simpatia puxando suas sobrancelhas prateadas. — Você gostaria de apertar o alfinete na tampa?

Você disse a Vesper para ter fé na magia. Lyra gesticulou as palavras que Selena dissera ao irmão, o mais perto que conseguia se lembrar delas. *Magia, para consertar todos os erros e colocar as coisas de volta à direita.* Ela apontou para as cerdas da escova e depois para o couro cabeludo: *Meu cabelo não vai crescer.* Ela gesticulou para as gemas e os olhos do alfinete: *Minhas lágrimas que não fluem.*

Percepção chocada cruzou o rosto de Selena. Ela levantou a escova e

raspou as cerdas duras no couro cabeludo de Lyra. Em contato, as cerdas amoleceram então começaram a encurtar. Lyra levantou o espelho, observando, esperando. Ela e Selena pegaram um suspiro quando fios por todo o couro cabeludo perdeu seu tom escuro na esteira das cerdas decrescentes, e uma penugem prateada tomou seu lugar. A penugem engrossou e cresceu em fios ondulados - brilhantes e longos - uma cabeça cheia de cabelos que passaram por seus ombros em poucos instantes, continuando até que o comprimento atingisse seus quadris.

—Oh minhas estrelas e lua. — Sussurrou Selena, com os olhos arregalados. Ela levantou a escova que agora não era nada além de uma alça. — Devemos mostrar a Vesper.

Espere, Lyra murmurou o pedido e apontou para o alfinete.

Rapidamente trançando uma parte dos fios brilhantes na cabeça de Lyra, Selena o colocou no lugar com o alfinete. No momento em que Selena puxou a mão de volta, as três pedras preciosas vazaram de sua montagem - um líquido violeta profundo que escorria pelo rosto de Lyra. Algumas correram para os olhos dela; o resto se espalhou por sua testa e cobriu suas bochechas, mandíbula e pescoço.

Ainda de boca aberta, Selena entregou a Lyra o pano úmido para secar o líquido. O tom cinzento que tinha manchado sua pele depois de anos usando o protetor solar se afastou e foi transferido para o tecido, revelando uma pele brilhante e enluarada.

Lyra sorriu para seu reflexo, vendo a garota no espelho encantado de Crony - a filha querida no retrato com seu pai real, que ainda não havia encontrado as provações que a aguardavam. Ela era a imagem daquela princesa, com exceção de todas, exceto uma: todas as cicatrizes, arranhões e hematomas permaneciam - um tributo aos desafios que ela enfrentara desde então. Um tributo à rainha ela seria.

Lyra não percebeu a ausência de Selena até que ouviu dois pares de passos correndo atrás dela. Abaixando o espelho, ela se virou.

Luce ficou boquiaberto, sem palavras pela primeira vez desde que Lyra estivera em seu poder.

Vesper, por outro lado, assobiou baixinho quando ele olhou para sua aparência - do cabelo até a saia brilhante e transparente que se agitava entre eles. — Beleza tão brutal. —Seu olhar roçou a trança que emoldurava seu rosto, depois arrastou as cicatrizes em sua testa, bochecha e a curva de seu pescoço. — Como isso aconteceu?

Ela levantou a alça da escova, seus olhos formigando com um peso estranho que turvou sua visão. Quando ela piscou, o calor líquido escorreu pelo rosto dela. Depois de lamber a salinidade de seus lábios, ela estendeu a mão e pegou uma lágrima que se agarrava aos cílios. Ela manchava a ponta do dedo: violeta e cintilante, e mais preciosa do que qualquer ametista.

O espanto no rosto de seu príncipe enquanto ele a observava através dos olhos de Scorch, seu companheiro de brincadeira que nunca a tinha visto chorar, deu-lhe uma onda de alegria.

—Você renovou minha fé na profecia, Lyra. — Seu corpo ficou tenso contra a luta para honrar as condições de Luce e não tomá-la em seus braços novamente.

Ela se divertiu no momento, segurando o poder sobre aquele que muitas vezes a tinha melhorado em todos os jogos. Ela pegou a mão dele. Levantando a algema, ela traçou a cicatriz na parte de trás de seu pulso, a última ferida que ele infligiria, drenando seu sangue dourado, e silenciosamente o desafiava a fazer o mesmo. Abandonando todo o controle, ele traçou o caminho de suas lágrimas - de suas bochechas, mandíbula e pescoço, em seguida, até o decote de contas que mergulhava debaixo de sua clavícula - enviando um rubor de prazer através de seu corpo.

—Restrição, jovens majestades. — Luce ameaçou com um grunhido.

Vesper recuou e Lyra sorriu para ele. *Agora nós temos nossa vantagem mágica*. Ela manteve o pensamento privado entre eles.

Os músculos da garganta de Vesper se contraíram em um gole duro. —

Você está certa.

—Quer dar uma pista sobre o resto de nós na conversa? — Luce pressionou.

—Ela não vai montar comigo em Lanthe. — Vesper respondeu, seu olhar nunca se desviando dela. — Ela vai liderar, então todos os olhos serão virados para ela. Todos esses anos, nossos reinos esperavam que a princesa da profecia esperasse algum conto de fadas vivo para se desdobrar diante de seus olhos. Nós vamos dar a eles: uma princesa incandescente com luar e prata - uma sobrevivente de cinzas e espinhos - cavalgando pelos portões, triunfante, montada em um veado brumal, a epítome da própria esperança.

29

Cravos, estrelas e Memórias latentes



Seis horas após o aparente herdeiro de Nerezeth, sua irmã real, seu primeiro cavaleiro e quatro rastreadores viajarem para Rigamort para provar a teoria do príncipe por trás da explosão de vida que curou seu sangue e derreteu a neve, eles retornaram com mais do que respostas. Eles retornaram com outro

milagre.

Na chegada, o príncipe Vesper mandou seus rastreadores reais à frente para avisar os heralders do castelo para que tocassem as trombetas. Atraídos pelo som, a nobreza, os criados e os convidados de honra despertavam de seus estupores induzidos pelo banquete e se reuniam no pátio sob as estrelas ou olhavam pelas janelas a extensão coberta de neve além do portão.

Quando a procissão apareceu, as trombetas soaram mais altas, sacudindo o castelo até suas raízes geladas. Por cinco anos, os Nerezethites anteciparam este evento: o cumprimento da profecia - uma princesa para salvar seu príncipe, curar sua terra e alinhar os céus.

Agora havia duas. Uma no interior do castelo, olhando de uma torre, cujos cabelos prateados e a voz de um pássaro tinham curado o príncipe e mandado uma erupção de flores para derreter o terreno invernal; e outra cujo cabelo brilhava como ondulações de metal líquido sob a lua nos ventos férteis da nevasca enquanto ela cavalgava sobre um majestoso cervo até os portões, caminhando em meio a montanhas de neve tão altos que engoliam as pernas do cervo até as articulações dos joelhos. O príncipe e sua tropa de três trouxeram a retaguarda aos corcéis, com mais cinco cervos brumal seguindo o rastro deles.

A notícia se espalhou rapidamente, através dos rastreadores, de que essa última princesa - um espetáculo de renda brilhante, pele brilhante e olhos lilás que brilhavam na escuridão - havia sido a verdadeira libertadora do príncipe, que atravessou as terras ruins depois de derrotar o Grim com sua enxurrada de flores e luz do sol. Ela tinha cicatrizes e arranhões em abundância para substanciar a afirmação e também conquistara o respeito e a lealdade dos mais humildes e desconfiados do mundo, o que explicava por que uma cavalgada de duendes das geadas caminhava atrás dos veados brutais em uma rara demonstração de solidariedade.

Era difícil refutar a afirmação dessa nova princesa, sentando-se enquanto ela estava montada em uma criatura encantada e indomável que não montava um pé com garras fora do Rigamort por séculos. Como a maioria dos nerezetitas

nunca tinha visto as criaturas solitárias, a visão de seis inspirou uma mistura de esperança, confusão e euforia.

O castelo fervilhava de debates entre os Eldorianos e os Nerezetitas a respeito de qual garota era a verdadeira princesa da profecia. Todo mundo tinha sua favorita.

Mas como escolher? Como ter certeza? Apenas uma princesa poderia se casar com o príncipe, e apenas o pareamento profetizado traria os céus novamente, o que era a consideração mais crucial de todas. É crucial que uma sentença de morte esteja pendurada no ar, esperando que a garota se mostre falsa.

Uma convocação dos conselhos dos dois reinos decidiria. A expectativa era palpável entre as multidões reunidas nos corredores do grande salão enquanto esperavam que o veredicto fosse decidido a portas fechadas.

Nem as princesas compareceram. Elas estavam isoladas em suas próprias torres, suas portas vigiadas por guardas Eldorianos e Nerezitistas. Uma delas era uma impostora, então não se podia confiar em nenhuma delas para falar em seu próprio nome até que eles tivessem provado sua reivindicação ao trono de Eldoria por algum meio confiável.

Credível de fato. Com a convocação encerrada, Griselda seguiu Sir Bartley pelas multidões mantidas à distância por uma linha de guardas, chegando ao seu gabinete onde Lustacia aguardava a sete chaves. Assentindo, o guarda de Nerezethite mais próximo da porta deixou Griselda entrar. Seu cavalheiro trocou um olhar inquieto com ela, mas ficou do lado de fora para dar privacidade a ela e a sua filha.

No momento em que a porta se fechou, Lustacia saiu da mesa onde estava comendo. Suas aparições de duendes atacaram a bandeja de comida em sua ausência. Sendo meio-corpóreo e meio espírito, eles ainda requeriam pequenas doses de nutrição. As formas sombrias espalharam pedaços de torta de peixe e manchas de creme gelatinoso sobre a mesa em seu rastro.

Griselda levantou o nariz pela falta de boas maneiras.

—Bem? — Lustacia tirou migalhas dos lábios com um guardanapo. Ela havia se transformado em um conjunto mais confortável - um vestido de veludo azul-marinho com contas simples no pescoço e nos pulsos. — Você a viu de perto? Seu olhar era tão parecido com o de Lyra. Mesmo daqui de cima, brilhava na escuridão enquanto ela passava pelo portão. — Ela torceu o guardanapo com as mãos.

—Um brilho não muito diferente de qualquer outro morador da penumbra. — Griselda foi até a cadeira e tirou as luvas e a lanterna, ainda nervosa com a lembrança da procissão, um mal-estar agravado pelo formigamento dos chifres após a chegada dos veados. — Mostre-me um Nerezethite, além do príncipe, que não tem aqueles olhos espectrais e lupinos.

—Você ouviu ela falar? Se ela tiver voz, tudo ficará bem. Não vamos?

—Ela não estava na convocação; ela está trancada em uma torre, assim como você.

Lustacia jogou o guardanapo para baixo e torceu o cabelo claro em uma trança lateral. — Ava e Wrath me visitaram mais cedo. Os convidados estão dizendo que ela usa linguagem de sinais com o príncipe e sua irmã. Há um mistério em torno de suas origens, pois ela não tem lembranças. Ela tem cílios brancos que se enroscam até aqui. — Lustacia indicou sua testa. — Acrescente isso ao fato de que ela usa o nome Stain.

Griselda gemeu, perplexa demais para tentar esconder sua reação.

Os olhos de Lustacia se estreitaram. — Você costumava chamá-la assim. Deve ser-

—Impossível. — Griselda retrucou. — O veneno não tinha antídoto. Eu escolhi por esse motivo. Ela morreu porque ninguém poderia ter parado. E a morte é irreversível. — Não, isso é que a bruxa está fazendo. Ela me ouviu chamar sua prima de Stain quando ela foi aprisionada pela primeira vez em nossa masmorra. A velha bruxa deve ter escapado de Erwan de alguma forma, e está aqui puxando as cordas. Houve uma menção de uma raposa vermelha vagando pelos portões mais cedo, embora não tivesse sido vista desde que o

príncipe retornou. Tinha que ser Elusion, outra indicação da presença de Crony. Pelo menos parecia que ele estava trancado em sua forma vulpina, o que significava que Erwan tinha uma coisa certa: ele queimou o olmo antes de Elusion ter suas asas. — A bruxa jogou seu próprio impostor na mistura para me irritar. Algum Nerezethite nativo que encantou o príncipe, talvez com um feitiço de amor. Mas a bruxa cometeu um erro ao deixar isso no santuário.

Griselda pegou a bolsa que Sir Bartley tinha trazido logo depois que Lustacia voltou da espionagem sob a escadaria do príncipe - tendo escutado os planos de sua irmã para sair em busca de outra pessoa. Alguém pelo nome de Stain.

Felizmente, Bartley encontrou a bolsa no santuário, exatamente como Griselda esperava. Sua premonição tinha sido correta, já que continha tudo o que ela precisava para provar o jogo sujo contra a verdadeira princesa - sua filha, sobrinha - estava a pé.

Lustacia ajoelhou-se no chão ao lado dos joelhos de Griselda. — Então, você deu a eles a caixa. O que eles disseram?

Griselda regalou os detalhes pertinentes oralmente, enquanto revivia mentalmente a troca. Assistir àquela reunião miserável, estando sob o escrutínio de todos, deixara um gosto amargo em sua boca.



O príncipe Vesper se sentara a um lado da longa mesa com a rainha Nova, madame Dyadia, Selena e quatro membros do conselho de Nerezeth. Ele se posicionou diretamente em frente a Griselda em vez de escolher seu primeiro-ministro, seu primeiro cavaleiro ou qualquer um dos cinco vereadores de sua corte. Foi um movimento intencional, destinado a intimidar. Como a maioria dos nerezetitas, ele era alto, mas com músculos lisos e enrolados em volta de ossos elegantes. No entanto, ele tinha uma presença nele, uma confiança feroz que o tornava mais imponente do que um homem corpulento de peso e estoque.

O dilema foi apresentado antes da assembléia. O príncipe estendeu uma

alça de opala vazia que uma vez foi uma escova, e um grampo que perdeu suas jóias, alegando que a menina que ele trouxe de volta do Rigamort tinha libertado o feitiço sobre os dois. Em seguida, ele deixou a sua mãe para mediar o processo.

Quando a pergunta a Griselda recaiu sobre seus pensamentos sobre o dilema que enfrentaram, ofereceu-lhe palavras bem ensaiadas:

—Somos vítimas. — Disse Griselda. —Da maldade e do mal-estar de Crony, a bruxa angustiante. Tudo está fazendo ela. Da rejeição de Sua Alteza à minha querida sobrinha, Lyra, que se manteve pura para ele e trocou cartas sinceras por cinco anos, a essa impostora que apareceu na última hora com artefatos que deveriam ser presentes de casamento - admitiu terem sido roubados. Você deve ver, sem as cerdas de prata e pedras de ametista, não podemos ter certeza de que esses são os mesmos artigos. Eu conjecturo que a bruxa está lançando suspeitas sobre este casamento - predestinado a curar nossos dois reinos de suas meias vidas de dia e noite perpétuos - por algum tipo de vingança mesquinha.

—Você tem prova da sua reclamação? — Perguntou a rainha Nova.

Forçando-se a não se encolher com os grilos brancos agarrados ao decote da rainha como uma série de pérolas destinadas a complementar seu cabelo prateado, Griselda revelou a caixa que ela tinha embrulhado em tecido. As palavras “princesa – revolução” foram escritas na superfície escamosa.

Vários membros do conselho ofegaram ao ver o forro de drasilisco.

—Alguns dias atrás, a Rainha Nova mandou uma missiva para o nosso castelo via gralha. — Griselda continuou. — Avisando-me de uma caixa que pertencia à bruxa e guardando planos para uma rebelião contra minha sobrinha. Foi encontrado em seu santuário hoje depois que minha sobrinha curou sua maldição. Nenhuma outra poderia fabricar tal peça, já que as peles de drasilisco deixaram de existir séculos atrás. Esta é a prova de que fomos vítimas das manipulações da bruxa, pois ela é uma imortal e estava aqui quando os monstros correram soltos em nosso céu compartilhado. Também explica o uso desse

impostor da antiga língua de sinais, para Crony sabe disso sozinha.

—Eu posso atestar isso. — Madame Dyadia falou, um brilho acusatório em seu olhar felino. — E eu espiei aquela mesma caixa através do olho do meu pássaro nas mãos de Cronatia. — Ela gesticulou para Griselda passar mais perto.

Griselda deslizou pela mesa com as mãos enluvadas.

Dyadia levantou-a, virando-a. — Há um feitiço no lugar. Um bloqueio temporal. Não pode ser aberto até o momento adequado, quando for possível. Parece que há algum crédito na alegação da Regente Griselda.

A rainha ergueu uma mão graciosa para silenciar as murmurações do conselho. — Eu entendo que meu filho mandou a bruxa para suas masmorras. Você está dizendo que ela tem um cúmplice aqui, no meu castelo?

Griselda dobrou o pano vazio e colocou-o no colo. — Sim, não. Possivelmente. É possível que ela tenha escapado. Ela já fez isso antes. Ela é astuta e perigosa. Ela matou meu irmão e seu primeiro cavaleiro.

- E a sua filha mais nova, Lustacia. — O príncipe ofereceu, embora parecesse suspeito como uma farpa.

—Sim. Tenho certeza de que você pode entender a omissão. — Griselda fingiu tremor em sua voz. — É doloroso falar de sua morte. Mesmo depois de tantos anos.

Ela sentiu o príncipe a observando, seu olhar predatório tão intenso que ela sentiu a pele ficando quente, como se pudesse pegar fogo. Quando ela ousou olhar em sua direção, ela poderia jurar que viu uma luz laranja penetrante naquelas profundezas negras - como o raio oscilante de uma vela refletido em pedras de ônix. Ele levantou uma sobrancelha e ofereceu um sorriso. Não é de simpatia. Um giro assegurado, quase presunçoso, dos lábios.

—Aqui estão os meus pensamentos sobre o assunto. — Ele disse naquele momento, seu olhar nunca deixando Griselda. — Considerando que o bem-estar de nossos reinos está em jogo, e a minha vida está ligada a outra, só há um meio de saber, sem sombra de dúvida, qual garota é a minha verdadeira igual. Todo mundo está procurando um príncipe de olhos vermelhos e uma princesa de

cabelos prateados. Mas podemos concordar que as aparências podem ser alteradas. O que não pode, no entanto, é a essência de uma pessoa. A profecia afirma claramente que, por si só, o príncipe e a princesa devem conquistar o mundo um do outro. Eu já fiz isso, encontrando meu caminho através do labirinto de espinhos da ravina, sobrevivendo ao pântano da lua. Já que ninguém pode provar se a trilha da flor que levou de Neverdark ao Rigamort foi acesa por uma canção ou um beijo, proponho dar às duas meninas um último teste para ver quem verdadeiramente conquistou esse reino hoje.



Griselda fez uma pausa, relembrando sua inquietante lembrança dos acontecimentos, com a garganta apertada.

—Então, funcionou. — Lustacia pressionou-a para continuar, trazendo os pensamentos de Griselda de volta para a câmara da torre. — Ele tem dúvida suficiente na menina desta bruxa para precisar de provas dela tanto quanto eu?

—Sim.

—Então por que você parece tão abalada?

Griselda apertou a bolsa vazia com as mãos e a boca fechada contra a resposta: *porque não dava a impressão de que funcionava.*

O príncipe não ficou surpreso com sua tática surpresa. Era como se ele esperasse que ela retirasse a caixa e a deslizasse pela mesa para a feiticeira. Como se essa ação muito jogou em seus desejos. Talvez ele realmente enlouquecesse depois de estar trancado naquele sono da morte.

Griselda bateu os dedos na bolsa. — Eu não estou abalada. Eu estou simplesmente, deliberando.

—Deliberando com o quê?

—Qual a melhor maneira de contar o resultado da reunião?

Lustacia esperou, mastigando a ponta de sua trança bagunçada.

—O príncipe fez a observação de que a profecia tinha alguns detalhes problemáticos sobre as aparências. Que a única medida verdadeira de sua

princesa era que a fortaleza dela fosse páreo para a sua própria. Ela deve ter coragem para conquistar o mundo dele.

Lustacia cuspiu o cabelo da boca dela. — Isso é ridículo! Como alguém pode provar algo assim?

—É tradição aqui que todas as crianças reais e as dos militares cresçam aprendendo a enfrentar as dificuldades deste reino. Eles são ensinados em tenra idade para suportar a picada de espinhos, arbustos e escorpiões, colocando em camas de espinhos na masmorra.

—O quê? — Lustacia gritou. — Você quer dizer que eu vou enfrentar um dispositivo de tortura? Eu me machuco se durmo em cima de um colchão de penas!

Griselda levantou a mão para acalmá-la. — Tem mais uma coisa. Para ser sua “igual“, sua princesa deve provar que ela pode se relacionar e fazer amizade com as criaturas inerentes a este mundo, aqueles que ocupam todos os cantos deste castelo. Então, a cela também será preenchida com vermes. — Sua própria pele se arrepiou com o pensamento.

—Ah não. Não, não, não. Mãe! Todos esses anos nós vivemos entre aves de estimação que nos protegeram de tais atrocidades! Eu nunca tive relações com, infestação. — Ela estremeceu visivelmente.

—Pegue suas meias luzes como seus guardas das sombras; uma vez que você está sozinha dentro da cela, faça com que eles protejam você como os pássaros. Talvez eles possam fornecer alguma almofada para você nas camas.

Lustacia olhou por cima do ombro para as manchas de fumaça ainda lutando pelos restos de sua refeição. — Quanto mais vou ter que suportar para me provar? Estou tão cansada. Eu nem tenho certeza se quero ser rainha por mais tempo.

Griselda se jogou para a frente - os dedos arranhando os ombros macios da filha. — Nunca diga isso de novo. — Ela passou os dentes sobre os gemidos de Lustacia. — Você acha que suportou a adversidade? Eu desisti de tudo por isso! Tudo para que você pudesse sentar em um trono que deveria ser meu desde o

começo!

As aparições de duendes se abateram, empurrando Griselda contra as costas de sua cadeira para proteger sua ama. Eles rasgaram o cabelo dela, puxando-o para fora dos pinos e expondo pedaços de chifre.

Lustacia esfregou o ombro. — Devo chamá-los, mãe? Ou devo dizer-lhes que você é uma sobremesa?

Griselda alisou seus fios emaranhados, afagando-os de volta ao lugar contra as rajadas. — Talvez você deva se lembrar de que, sem minha ingenuidade, você nem teria seus guardas. Eu não fiz nada além de capacitar você e suas aspirações românticas desde o momento em que você se apaixonou pelo prometido de sua prima.

Lustacia mordeu o lábio ao ouvir isso. Ela enviou seus goblins para endireitar a bagunça que eles fizeram na mesa. Um mergulhava na superfície para absorver manchas úmidas como uma esponja, enquanto os outros jogavam pilhas de migalhas no prato.

Griselda acenou com a aprovação dela. — Não podemos nos virar uma contra a outra agora. Estamos muito próximas. O príncipe corrigiu o juramento de sangue com seu próprio sangue. O novo contrato diz que quem passar nesse teste será sua noiva, e a outra será presa - seu destino será decidido pela nova rainha depois da coroação. Tudo o que você precisa fazer é seguir o curso de cessação, ou sobreviver ao seu oponente sem pedir permissão para sair, o que ocorrer primeiro. Algumas horas, e você vai ganhar ele e a coroa, finalmente.

Lustacia ajeitou o ombro, revelando onde hematomas já haviam marcado sua pele enluarada na forma dos dedos de sua mãe. — O que acontece se nós dois suportarmos? Dizem que essa garota tem cicatrizes e arranhões de sobra. Ela é do deserto e, obviamente, mais acostumada a dificuldades físicas do que eu.

—Foi decretado pela rainha Nova e pelo príncipe Vésper que, se vocês duas aguentarem a noite, a garota que possuir os atributos físicos mais especificados pela profecia será proclamada herdeira do rei Kiran e se casará com o príncipe imediatamente. Seu rival tem apenas a pele e o cabelo. Você, no entanto, tem algo que o impostor nunca pode imitar. A voz do canto dos pássaros da verdadeira princesa. O que significa que é impossível você perder.

—Ainda. — Lustacia se levantou e começou a andar de um lado para o

outro. — Não devemos discutir nosso plano alternativo? Você sempre tem um.

Griselda deu um tapinha no bolso de seu vestido, os dedos traçando o pequeno contorno redondo escondido dentro das dobras do tecido. Sim, havia um plano; uma que ela já colocou em movimento. Um último recurso que ela esperava que não fosse necessário. — Nós nos lançamos sobre o estrado, aos pés dos tronos e à mercê das cortes.

—Você ficou maluca? Que tipo de plano é esse? Nenhum reino terá misericórdia! Todos querem que o céu esteja unido e nós o interrompemos.

Griselda deu de ombros. — Sim. Seremos culpadas não só pela morte de Lyra, mas por matar a profecia.

Lágrimas se juntaram nos olhos de Lustacia novamente.

— Então, você está sem idéias e truques. Então, nós vamos fugir.

—Caso você não tenha notado, o príncipe nos mantém sob guarda constante. Ele está até tendo suas irmãs observando agora.

—Mas nós poderíamos usar minhas sombras; elas poderiam pelo menos nos passar pelo portão.

—É uma nevasca lá fora. Os espinhos já se levantaram e as bestas noturnas estão à espreita. Você viu os cadáveres silvestres e escorpiões de rime por si mesma, como eles atacaram o corpo de Lyra naquele caixão. Você honestamente acha que suas irmãs, ou você e eu, tem o que é preciso para sobreviver a este deserto por mais de uma hora? Para onde iríamos, mesmo assim? Nós temos chifres brotando de nossas cabeças! Nós nunca estaremos a salvo a menos que você esteja protegida pelo próprio príncipe.

Lustacia afundou no chão, o rosto sem cor. Seus defensores sombrios pararam de limpar e voltaram a pairar ao redor dela, levantando e soltando a trança, como se para confortar.

Griselda caminhou em direção à câmara adjacente para jogar água fria no rosto e contemplar a mudança de acontecimentos. Ela parou no limiar. — Ou encontre a coragem para vencer o teste ou encontre coragem para enfrentar a ira de dois reinos rejeitados. Deixo a escolha para você. — Ela fechou a porta entre

elas.



Todo castelo tem suas passagens obscuras. Dentro da fortaleza de obsidiana de Nerezeth, a maioria era acessível e usada por todos na corte - servos, militares e membros do conselho incluídos.

No entanto, havia uma passagem que era conhecida apenas por Madame Dyadia e pela família real. Era uma escadaria íngreme e secreta que levava diretamente de um laboratório de alquimia escondido sob a masmorra para a sala do trono a cinco lances acima. Como o próprio acréscimo de Lachrymosa, séculos antes, permitira que sua mãe lhe trouxesse relatórios e encomendas expedientes do rei. Caso contrário, ela teria que levar quatro lances sinuosos de escadas até o calabouço, uma longa jornada passando por uma abundância de celas, então ter acesso a uma entrada mágica através de uma parede impermeável para pegar outro lance de escadas que eventualmente se abrisse para o laboratório de seu filho.

A passagem de Lachrymosa cortou a trajetória em pelo menos dez minutos, e também teve o benefício adicional de fornecer um caminho de volta para as masmorras do laboratório sem ser visto por ninguém passando pelas áreas comuns. Isso se mostrou particularmente útil agora, já que o sucesso do teste da princesa dependia unicamente de colocar Lyra em uma cela sem ser vista. E já que tantos espectadores já se alinhavam nos corredores, salões e antecâmaras - para aguardar aquela piscada do amanhecer sinalizando o início do curso de cessação e dito teste - qualquer outra rota teria sido inadequada.

Lyra - vestida de túnica e calça, com o cabelo preso sob um lenço - pegou a passagem escondida com Vesper meia hora antes do início do teste. Cyprian seguiu alguns passos para trás, tendo sido apontado como acompanhante temporário de Lyra por um Luce que resmungava - o sílfide estava envolvido em uma reunião clandestina com Madame Dyadia em outras partes do castelo, e Selena estando igualmente indisponível. Com seu próprio papel a desempenhar

no grande engano, a irmã do príncipe permaneceu dentro da câmara da torre de Lyra para aguardar os guardas que viriam escoltar a princesa em potencial ao lado de sua rival em uma procissão pelos doze vôos das torres até a masmorra.

Enquanto isso, Lyra, Vesper e Cyprian passaram pelo laboratório secreto de alquimia e subiam as escadas que conduziam à entrada mágica que os levaria diretamente para os corredores da masmorra. Enquanto andavam pelos candeeiros de parede iluminando a escuridão para os olhos de Vesper, Lyra tentou tirar a imagem do laboratório da cabeça. O espaço empoeirado e mofado, cheio de escombros, representava um triste tributo ao esplendor que uma vez deve ter mantido, centenas de anos antes, sob as mãos de um mago magistral. Embora os pergaminhos históricos de Nerezeth não oferecessem detalhes específicos, Vesper compartilhou que o dano estava feito quando a terra se abriu para engolir Nerezeth, matando Lachrymosa e induzindo as pessoas de Vesper a uma vida de noite e gelo eternos.

As ruínas lembraram Lyra de sua caminhada ao longo do Lago de Cristal, a primeira e única vez em que viu seu reino de perto: estrangulado por trepadeiras monstruosas e flores malignas. Como ela esperava que o luar embelezasse os céus de Eldoria novamente, abrandasse a praga da madressilva e devolvesse o castelo ao brilhante farol de marfim de antes. Ela não queria nada mais do que ver as pessoas do lado de fora - brincando, trabalhando, vivendo. Assim como ela esperava que o sol curasse a doença em Nerezeth, as pessoas de Vesper poderiam viver novamente.

Ela e Vesper tinham falado longamente depois da convocação - durante um jantar tardio compartilhado com Selena, Luce e Cyprian, que levaram uma passagem secreta para seu quarto na torre - sobre suas preocupações com seus reinos e seu povo. Ambos se preocupavam com a forma como qualquer união - não importando sua base sagrada - poderia realinhar seus céus. Mas como todos tinham muito a perder se a mágica falhasse, Vesper e Lyra concordaram em simplesmente amar uns aos outros, confiar uns nos outros e ter fé suficiente para ajudar na profecia onde pudessem.

O que os trouxe para onde eles estavam agora.

Chegando ao muro intransponível, Vesper manipulou uma fileira de pedras, usando um código que Madame Dyadia lhe dera. A barreira se abriu para a masmorra e os três entraram.

Os nervos de Lyra evoluíram para náuseas, e ela se arrependeu de ter comido aquela porção de ameixas em água de rosas. O javali assado deveria ter sido suficiente. Tinha sido tão bom ter comida quente servida em uma mesa na companhia de pessoas com quem ela podia conversar e provocar, ela tinha esquecido de consultar seu estômago até que estivesse cheio até a borda.

Depois de passar quinze celas, Vesper parou.

Cyprian deu um passo para trás. — Não para puxar classificação, Majestade, mas manter curto, e não muito doce. — Ele pediu. — Eu não quero ficar do lado ruim de um sílfide que pode sentir todo o meu desejo e transformá-lo em uma força irresistível.

—Pelo bem da honra da minha irmã, eu vou admitir isso uma vez. — Vesper sorriu.

Cyprian sorriu de volta. — Você sabe, tal habilidade poderia ser formidável em estratégias militares. Talvez um dia no futuro, nossa rainha possa usar sua persuasão com seu guardião, convencê-lo a permanecer como um recurso mágico?

Lyra arqueou uma sobrancelha. *Eu considerarei,* ela assinou, *se você virar as costas e nos dar a ilusão de privacidade. Você não pode ser culpado pelo que você não vê, afinal de contas.*

Cyprian riu, em seguida, enfrentou a parede oposta.

—Bem jogado. — Vesper provocou Lyra. — Nunca pensei que eu iria colher os benefícios da diplomacia cívica afinada no mercado escuro.

Ela encolheu os ombros. *Se bem me lembro, você achou que minhas lições de barganha eram uma perda de tempo.*

—Hmmm. Parece que devo a Luce um agradecimento por isso também. — Ele inclinou a cabeça, pensativo. — Não vamos contar a ele.

Ela sorriu enquanto ele procurava sob as vestes reais dele para pescar um conjunto de chaves manchadas da túnica aparada com pele por baixo. Elas tilintaram no laço quando ele abriu a grande porta de madeira.

—Esta é a única. — Disse ele. As dobradiças se abriram ao toque dele. Os castiçais do corredor se intrometeram no espaço com traços alaranjados bruxuleantes, revelando tudo o que ele a preparara para ver.

O sorriso de Lyra desapareceu quando ela ficou no limiar, absorvendo-o: o fedor de mofo e o odor rançoso do corpo, a agitação das mariposas se movendo para frente e para trás, ratos pretos correndo entre centenas de aranhas brilhantes correndo pelo chão. Outros pendiam do teto em teias de seda. Elas pareciam estrelas, justapostos contra as pedras cinzentas e sujas, e a beleza daquelas constelações luminescentes quase a persuadiu a entrar, até que sua atenção ficou presa no dispositivo de tortura contra a parede. Ele foi aberto, exibindo as pontas de metal que revestem a tampa e a cama. Assim como Vesper descreveu, parecia um caixão.

Ela endureceu o queixo para evitar que tremesse.

—Eu sinto muito.Eu sei que isso te lembra da sua chegada a ravina.

Ela balançou a cabeça. *Não há memória. Apenas um temor agourento. Um saber que eu não deveria saber. Se eu pudesse entender, eu poderia colocá-lo para descansar.*

Suas sobrancelhas se uniram e ele segurou a mão dela, aproximando-a o suficiente para pressionar os dedos contra os lábios macios. — Essas memórias serão suas em breve. — Disse ele, seu hálito quente perfumado com vinho de amora no jantar. — Dyadia tem a caixa enfeitada de Crony agora. E quando você ganhar sua coroa...

Ele será aberto. Lyra terminou a frase e acariciou o rosto dele com a mão livre, grata pela lembrança. Luce ainda estava sendo obscuro sobre o paradeiro de Crony, mas pelo menos ele compartilhou alguns dos detalhes da nota que ela deixou.

Vesper beijou o pulso de Lyra. Seus lábios permaneciam ali, na borda do

punho da manga, sem deixar nenhuma dúvida de que ele queria continuar - passando pelo antebraço até a curva do cotovelo, ao longo do ombro e até o pescoço.

Ele levantou o rosto, os olhos em chamas com uma nova luz. *Há algo que eu queria perguntar*, ele disse em sua fala de mente. *O tempo todo foi assumido, mas isso não é justo para você. Então aqui, sem ninguém escutando* - seu olhar foi para as costas de Cyprian - *ou assistindo, eu quero fazer isso direito, apenas entre nós.* Ele engoliu em seco. *Lady Lyra, quer casar comigo e ser minha rainha para a vida? Dominar ao meu lado dia e noite?*

Lyra estudou suas feições bonitas e sombrias, impressionada com a doçura do gesto. Aos olhos do mundo, eles já estavam noivos, mas para ele perguntar, para lhe dar a escolha, e não como um príncipe e princesa, mas como um menino e uma menina cuja amizade floresceu em algo ainda mais lindo, restaurou um pouco do controle que ela perdeu, que é exatamente o que ela precisava neste momento. Para se sentir forte. Confiante. Inteira e esperançosa.

Eu vou, ela respondeu sem hesitar, acariciando sua bochecha.

Obrigado as estrelas e a lua! Ele virou a boca para a palma da mão e beijou-a ali. Então ele a puxou para perto. *Quando você for minha, prestarei homenagem a cada cicatriz do seu corpo já feita em meu nome. Incluindo qualquer uma que você possa adquirir hoje à noite.*

Cyprian pigarreou. — Eu não posso ver vocês, mas eu sei o que esse silêncio significa. Para tomar emprestada a visão de Luce mais cedo no jantar: A conversa de travesseiro, seja em voz alta ou na cabeça, é inadequada para qualquer lugar que não seja a cama de um casal depois do casamento.

Lyra e Vesper compartilharam um sorriso.

Soltando uma respiração, ela enfrentou a porta novamente, os músculos tensos e enrolados.

—Você pode fazer isso, Lyra. — Insistiu Vesper. — Você é a garota mais corajosa que eu já conheci. E um Pégaso tem os mais altos padrões.

Lyra lançou um olhar divertido para ele, acolhendo qualquer distração.

O rugido repentino de gritos e aplausos explodiram nos níveis superiores, indicando que a procissão havia começado.

—É agora, ou nunca. — Disse Vesper.

Certo. Ela permitiu que ele a mantivesse equilibrada por um cotovelo enquanto tirava os chinelos, um por um. *Então eu não vou quebrar as frágeis pernas das aranhas*, ela explicou.

Vesper assentiu. Como Scorch, ele estava lá quando a Senhora Umbra previu que o julgamento final de Lyra se encontraria - *atravessar estrelas e se enrolar em pontas.* Isso não foi uma surpresa para nenhum deles. Mas só neste momento finalmente fez sentido.

Ela entregou os chinelos para Vesper para ele se esconder, depois deu uma última olhada nele. Essa chama ainda brilhava por trás de seus olhos escuros e se aquecia para se orgulhar.

Levantando-se para os dedos dos pés, ela o abraçou. Ele a abraçou, acariciando o lugar onde o lenço encontrava seu pescoço, antes de se soltar e empurrá-la através do limiar. A porta se fechou com um baque surdo atrás dela - um som que ecoou como um suspiro solitário.

No entanto, ela não estava sozinha. Os ratos rangeram ao redor dela, cinzentos como as pedras. Seus olhos se iluminaram para amplificar a luz suave que emanava das constelações de aranhas. Sombras subiram dos cantos. Ela as viu seguindo no caminho até aqui, mas elas se mantiveram, como se tivessem conhecido por esperar por esse momento quando ela mais precisava deles.

Fortalecida por sua presença, ela se arrastou para a frente para não esmagar nenhuma criatura da noite, seus pés descalços frios sobre a pedra arenosa. As mariposas dirigiram-se graciosamente para o leito ungueal, como se para liderar o caminho.

Os gritos ficaram mais altos no corredor. Eles estavam quase fora da cela. Uma sensação de urgência apressou Lyra nos últimos passos - perto o suficiente para colocar a palma da mão sobre as unhas. Seu coração estremeceu, antecipando furos por todo o corpo. Vesper aconselhou-a sobre pontos de

pressão e posicionamento para o menor dano. Ela rolou-se sobre os espetos e tentou permanecer imóvel. Os pontos se projetavam contra ela, mas nada atravessou, ainda.

Ela fechou os olhos, mas não conseguiu puxar a tampa para baixo, não conseguiu se fechar. Pavor a manteve imóvel, então ela pediu às sombras para fazer isso. Eles obedeceram, colocando-a entre os espinhos.

Não havia tempo para entrar em pânico, pois as portas já estavam se abrindo nas celas.

Vesper escolheu este quarto especificamente. Havia buracos perfurados nas paredes para permitir a filtragem do som. Era uma tática para interrogatório: trancar dois ou mais criminosos juntos, depois guardas escondidos nas celas opostas de ambos os lados, esperando que os criminosos pensassem que estavam sozinhos e conversando.

Ela ouviu as portas se fecharem, então esperou, mantendo a respiração rasa para que ela pudesse ouvir sua sugestão.

Choramingos enojados quebraram o silêncio. — Façam-se útil. Limpem para mim. — Veio a voz do canto dos pássaros.

Lyra apertou os dentes contra a vontade de se libertar dos confins do caixão. Ela forçou seus músculos a relaxar e esperar.

Houve um embaralhamento e o arranhão quase indiscernível de garras de camundongos. Um rastro de mariposas se seguiu, então se estabeleceu nas paredes ao redor.

Um par de chinelos tamborilou no chão, parando na beira da cama. — Um de vocês chega aqui, Eu preciso de uma almofada.

Lyra ficou tensa instintivamente, o suficiente para fazer uma unha perfurar sua panturrilha. Calor escorria da ferida; ainda assim, ela não se mexeu, mesmo quando a tampa se levantou.

Deitada no lugar como um cadáver, ela esperou pelo suspiro de Lustácia e então abriu os olhos para que o brilho deles pudesse ser visto na penumbra.

Lustacia gritou. Apoiando-se desajeitadamente, ela caiu em seu traseiro.

Lyra rolou as unhas para o chão. Ela ficou de pé, diante de sua prima. Ela tirou o lenço, soltou o cabelo e levantou os braços para chamar as traças e as sombras de brincadeira. Elas formaram um redemoinho, manipulando as ondas até a cintura para dançar em volta da cabeça como gavinhas de chamas prateadas.

Minha voz. Minha vida. Meu reino.

As mariposas levaram o mantra aos ouvidos de Lustacia, suas asas tremulando as palavras ao redor dela. — Lyra! — Ela gritou e soluçou, caindo de barriga na frente dos pés descalços de Lyra. — Oh, por favor, proteja-me! — Várias formas escuras mergulharam em sua prima como se para protegê-la.

As sombras de Lyra descascaram-nas e atiraram-nas nos cantos.

Lustácia soltou um grito de novo quando as aranhas soltaram as teias das redes aéreas, reluzentes e transparentes que a rodeavam. Tateando, ainda não tocando. — Eu nunca quis te matar! — Ela estrangulou seus soluços, batendo na seda da aranha, em seguida, guinchando quando a substância endureceu entre os dedos. — Eu nunca quis ver você ferida. Eu não gostei disso como Wrath e Ava fizeram. — Ela engoliu várias vezes, esfregando as mãos ao longo de suas roupas. — Isso foi a mãe fazendo! Ela e Erwan e Bartley, eles são responsáveis por todas as ações sujas. Olhe só o que eles fizeram com os contrabandistas goblins. — Lustacia apontou um dedo trêmulo para as cinco formas negras e fuliginosas que estavam sendo guardadas pelos guardas das sombras de Lyra. — A mãe enlouqueceu com poder e magia. Olhe por baixo das luvas, você encontrará provas de seus crimes. Ela fez algo abominável para mim também. Pior que você possa imaginar! — Braços e mãos tremendo agora, Lustacia abriu as tranças ao redor de sua cabeça, dando a Lyra um vislumbre de chifres do tamanho de ervilhas começando a brotar de dois nós saindo de seu couro cabeludo. — Estou desenvolvendo galhadas! Tudo porque eu tive que tomar banho em pó de chifre. Tudo para se parecer com você! Estou me tornando uma fera. O príncipe me odiará para sempre. Por favor, não é suficiente, não é? —Um soluço cortou seus apelos líricos.

O sangue de Lyra ferveu na confissão. Griselda havia matado os cervos doentios de Vesper e arrancado os chifres, tudo para dar a Lustacia sua coloração ao luar.

Lyra rosnou. A seu comando, uma maldade de ratos penetrou nas mangas, no decote e na bainha de Lustacia. Suas formas se abriram sob seu vestido escuro como nuvens inchadas pela chuva rolando pelo céu noturno. Lustacia gritou, saltando de pé e batendo-se para sacudir a infestação. As sombras de Lyra empurraram sua prima do chão e a levitaram, braços e pernas imóveis para proteger os roedores de serem esmagados. Seus chinelos caíram de seus pés. Ela implorou para ser libertada, então uivou por misericórdia novamente.

Sim. Grite. Grite para sempre. As asas das mariposas repetiram a demanda de Lyra: *Grite, grite, grite.*

E Lustacia fez; ela gemeu e gritou - um coro atormentado e bonito de notas cristalinas que ecoavam pela sala. Lyra fechou os olhos, as rajadas batendo no cabelo e nas roupas. A canção angustiante a envolveu, e ela deu as boas vindas, ansiava por isso. Mesmo sem lembrar, um vazio se abriu em sua garganta ao sentir falta dela.

Quando a nota final soou e Lustacia estava deitada vazia e ofegante no chão, pegajosa de teias e açoites de roedores, Lyra se ajoelhou ao lado do leito ungueal. De baixo, ela retirou a concha encantada que madame Dyadia plantara horas antes. Lyra selou com sua cortiça especial de salgueiro e ficou de pé.

Usando sua manga, Lustacia limpou o ranho e as lágrimas do rosto. — O que você fez? — Ela murmurou, embora sua voz não tocasse mais com música. Era rouca, não digno de se notar e inteiramente sua.

A porta da cela se abriu, revelando os membros do conselho de Nerezeth e Eldoria - o primeiro-ministro Albous à frente - que estavam reunidos na cela à esquerda de Lyra, ouvindo enquanto tudo se desenrolava.

Vesper e a rainha Nova deram um passo à frente com Selena - que se vestira como Lyra em um vestido e véu esvoaçantes. Ela andou na procissão ao lado de Lustacia e pegou a cela à direita de Lyra, então Lustacia nunca

suspeitaria que alguém esperasse dentro dela.

Todos eles haviam testemunhado a confissão de Lustacia. Todos ouviram quem era o responsável pela longa e tortuosa viagem de Lyra de volta ao seu trono. Espectadores perdidos desciam as escadas até o corredor, enchendo a extensão. A notícia do que aconteceu rapidamente se espalhou por todos os andares do castelo, com um efeito cascata.

A prima de Lyra se sentou, tremendo enquanto as pessoas olhavam para dentro. — Vesper, por favor.

—Nem uma palavra de seus lábios enganosos. — Ele rosnou. — Melhor se sentir em casa. Este é o seu quarto para a noite. Mas tenha coragem, sua família estará se juntando a você em breve. Embora eu não tenha certeza de como eles serão receptivos, considerando que você traiu todos eles.

Ele ofereceu uma mão para Lyra. Ela colocou o suporte de prata da concha no peito, mantendo seu precioso conteúdo seguro, e pisou sobre os chinelos de Lustácia. A força de Vesper envolveu a dela, fornecendo apoio contra os tremores exaustos que percorriam seus membros. As aranhas desapareceram em rachaduras e fendas nas pedras, e os camundongos e mariposas passaram pela porta aberta, deixando Lustacia com seus duendes amaldiçoados e os guardas da sombra de Lyra para mantê-los na linha.

A porta se fechou, e o som dos lamentos discordantes e monótonos de Lustacia seguiu Lyra e seu príncipe enquanto caminhavam pelo corredor de mãos dadas. A multidão se separou e então os seguiu subindo as escadas, em choque silencioso e admiração reverente.

O brilho e o ardor da Felicidade e da Aflição



O sucesso do teste da princesa rendeu a Luce respeito e medo nos tribunais, já que o golpe demonstrou seus talentos sombrios, bem como sua lealdade a verdadeira herdeira de Eldoria.

Antes que Luce saísse com Vesper para o Rigamort, ele havia mudado para sua forma etérea e desviado para a câmara de Griselda. Com base em sua capacidade de influenciar os desejos do outro, ele pensou na mente da regente de que poderia haver algo no santuário para lhe dar vantagem. Quando Sir Bartley encontrou a caixa, ela a reconheceu como a que a rainha Nova mencionara em sua missiva, e sua confiança foi reforçada. Para quem, mas Crony poderia estar por trás de tudo?

Griselda estava muito distraída com a rivalidade da bruxa, e também segura de sua própria proeza com poções e venenos, para suspeitar que Lyra pudesse realmente ter vivido. Assim, ela permitiu que Lustacia suportasse um teste que nunca poderia ganhar. O grito de jogo sujo de Griselda - por mais hipócrita que seja - abriu a oportunidade de mostrar aos dois reinos o que ela mesma fizera, ao contrário de Vesper, que precisava convencê-los. Foi uma maneira muito mais eficaz de consolidar Nerezeth e Eldoria por trás de sua única rainha e conquistar a fidelidade, permitindo que eles ouvissem a confissão se revelar por si mesma - na própria voz de canto dos pássaros em que tinham

colocado toda a sua fé.

Assim que a guarda real do príncipe Vesper reuniu os outros quatro cúmplices, a multidão zumbiu com ânsia pelas cerimônias que finalmente uniriam as duas luzes do céu. No entanto, Vesper proclamou que a princesa estava exausta depois de provar a si mesma e deveria ter permissão para se retirar para a câmara da torre pelo restante do curso de cessação, onde ela poderia tomar um banho quente - depois descansar a cabeça em um travesseiro e seu corpo em um colchão de edredão pela primeira vez em cinco anos.

Com isso, um silêncio caiu sobre o castelo tão sereno quanto a neve caindo do lado de fora das janelas, e os ocupantes encontraram seus caminhos para suas próprias camas.

Quando o curso de cessação terminou, o mais importante dos diurnos começou abaixo do céu noturno de Nerezeth. Três coisas importantes deveriam acontecer: a coroação conjunta, a condenação pública dos prisioneiros responsáveis pela tentativa de assassinato de Lady Lyra e, claro, o casamento. Madame Dyadia havia dignado o próximo piscar de aurora a conjuntura ideal para a cerimônia que todos esperavam invocar um fenômeno celestial. Isso era razoável, sendo o momento exato em que tanto Eldoria quanto Nerezeth compartilhavam um vislumbre dos céus um do outro.

Quatro horas depois de acordar, e tendo se vestido e comido, os ocupantes do castelo encheram os corredores, ansiosos para a coroação conjunta começar. A cerimônia ocorreu na sala do trono - um espaço cavernoso definido por paredes, teto e piso de mármore preto salpicado de prata. As arandelas projetavam um brilho suave e bruxuleante, e os grilos tilintavam. Mariposas se levantaram sobre o teto abobadado, algumas mergulhando onde varandas divididas alinhavam as paredes de um canto a outro, formando uma segunda história para espaços extras de visualização. Valências de prata e azul-celeste pendiam em curvas entrelaçadas das grades. Rubores contra a parede mais distante estava um grande estrado. Fitas douradas e vermelhas penduradas nas bordas, entrelaçadas com uma variedade de flores do arboreto de Nerezeth. As

fitas, nas cores de Eldoria, foram a contribuição de Griselda para homenagear a princesa finalmente ganhando sua coroa. Irônico, que a bela decoração colocada pelas próprias mãos da regente para sua filha agora pagaria tributo à sobrinha que ela menosprezava. No centro da plataforma, dois tronos de prata sentavam-se contra a parede entre pilares opostos esculpidos em cristal escuro e espumante, na forma de espinhosas trepadeiras. Estes forneceram um poleiro vertical para as salamandras reais que pendiam de seus dedos sugados como frutas coloridas. Suas listras peroladas e cheias de joias, manchas e pontos se destacavam contra o fundo preto, chamando a atenção.

Fiel à tradição dos nerezitistas, os tronos dobraram como cadeiras de coroação para os monarcas entrantes. Lyra e Vesper estavam sentados lado a lado, de mãos dadas. À esquerda de Lyra, o primeiro-ministro Albous equilibrava a coroa de ouro branco da rainha Arael - incrustada com diamantes sobre uma moldura delicada como renda e hera - sobre a cabeça da filha. Seguindo sua liderança, a rainha Nova colocou a coroa cravejada de ametista do rei Orion - forjada em ferro preto que lembrava espinhos irregulares com ponta de prata - na cabeça do filho.

Aplausos e gritos de alegria ressoaram pela vastidão e enviaram as mariposas e as salamandras para novos esconderijos. Os súditos de ambos os reinos formaram longas e sinuosas linhas para prestar homenagem ao novo rei e rainha. Depois, uma festa de almoço foi realizada no grande salão.

Cerca de três horas depois, a multidão desembocava nos corredores para procurar sonecas em seus aposentos ou visitas guiadas ao arboreto, onde as festividades do casamento seriam realizadas mais tarde.

Lyra e Vesper planejaram uma aparição na enfermaria do castelo para aqueles que estavam doentes demais para comparecer à coroação ou núpcias. Mas primeiro eles fizeram um desvio para a Torre Estrela dentro da torre mais alta para recuperar suas memórias há muito perdidas, a caixa contendo elas tendo sido liberada de seu bloqueio no momento em que a cabeça de Lyra recebeu sua coroa.

Luce acompanhou sua ascensão pela escadaria larga e sinuosa.

Lyra disputou um vislumbre em torno de seu acompanhante. Vesper encontrou seu olhar e assentiu.

Luce olhou de um para o outro e abaixou uma asa vermelha de penas para cortar sua visão. — Ter uma coroa em cima de suas cabeças não torna suas declarações silenciosas de amor ainda menos inapropriadas e rudes quando em minha companhia, Majestades.

Não, nós não estávamos conversando mentalmente, sobre qualquer coisa. As largas algemas de renda de Lyra se esfregaram uma contra a outra enquanto ela respondia. O movimento lembrou-a dos grilos na sala do trono mais cedo, enchendo-a de contentamento. Ela pertencia. Ela pertencia a este lugar e pertencia a Eldoria. Agora, se ela pudesse dominar a aparência real enquanto caminhava em um vestido e vestes reais.

Ela se concentrou em subir as escadas no vestido de veludo cor de sálvia, sem pisar nos babados das orquídeas de renda, espreitando por baixo da bainha do tornozelo.

Vesper inclinou a cabeça para chamar sua atenção mais uma vez, e foi ela quem assentiu dessa vez.

O rei e eu... sua assinatura para Luce parou no ar quando ela compartilhou um sorriso com Vesper, vendo-o irradiar o título. Seu selvagem Pégaso, governando um reino. Ela nunca teria pensado nisso.

Luce agitou suas penas ilusórias atrás dele e suspirou. — O rei e você. . . que? Não consegue manter os olhos um do outro? Já reparei. Contanto que não sejam suas mãos ou seus lábios, vou ignorar isso.

Lyra julgou mal um passo e sua barra de renda ficou presa sob o dedão do pé. Ela abaixou a cabeça enquanto mantinha o equilíbrio. Sua coroa deslizou para o lado, mas Luce endireitou o cabelo antes que ele caísse no chão.

Lá isso. Lyra gesticulou, usando sua reação rápida como se fosse sua. Isso é precisamente o que eu estava tentando dizer. *O rei e eu notamos como você está sempre lá para salvar minha coroa.*

Luce sorriu. — Uma tarefa necessária, já que você não tem chifres para segurar como a outra princesa tem.

A brincadeira não era do melhor gosto, mas tanto Lyra quanto Vesper sorriam, principalmente porque era muito bom ter a violência e os enganos quase atrás deles. Os veados de Vesper nunca mais seriam prejudicados em segredo, agora que suas comunicações mentais com eles haviam sido restauradas.

Luce, estou falando sério. Você provou sua lealdade a mim mil vezes. O fato de que seus dedos se moviam tão rigidamente era surpreendente. Ela nunca imaginou se sentir nervosa neste momento. *Mais cedo, quando Cyprian estava organizando os assuntos para cumprimentar Vesper e eu em nossos tronos, percebi que deveria ter um primeiro cavaleiro meu. E eu gostaria que fosse você.*

Luce desceu da escada que acabara de pegar, a retirada para trás tão rápida que fez com que Lyra e Vesper se elevassem um pouco antes de perceberem.

Seu olhar laranja centrou-se apenas em Lyra. — Eu não tenho certeza de alguém da minha, natureza... é cortado por tal honra.

Claro que você é. Você faria um maravilhoso primeiro cavaleiro. Ela olhou para Vesper, implorando sua ajuda com os olhos.

—Eu concordo de todo coração. Não consigo pensar em ninguém em quem eu confiaria mais para proteger minha rainha quando não posso estar lá. Sua parte no teste da princesa só lhe rendeu a posição.

Ainda mais, Lyra recuperou a conversa, *minha confiança e fé em você exige que nenhum outro homem possa rivalizar com você pela posição.*

Luce despenteava os cabelos enquanto esfregava o lado da cabeça pensando. O gesto expôs uma de suas orelhas pontudas e confusas e lembrou Lyra de todas as vezes que ele corria ao lado dela como a raposa, e o quanto ela sentiria falta daquilo.

Respirando fundo, ele se aproximou e eles voltaram a subir as escadas. Uma coroa de tensão enrolada em volta deles.

—Se você precisar de treinamento com uma espada. — Vesper quebrou o

silêncio. — Cyprian e minha guarda ficariam felizes em ajudar.

—A arma de um sílfide é a sua língua. — Luce reclamou. — E eu mais do que tenho provado minha proficiência em empunhar sussurros. — Ele se virou para Lyra, um olhar incaracteristicamente arrependido em seu rosto. — Eu não sou o homem certo, pequenina.

Seus olhos ardiam, mas ela se recusou a chorar. Tendo sido sem lágrimas por tanto tempo, ela era mesquinha com elas. Chorar por cada pequena decepção na vida era um desperdício. Assim, ela decidiu nunca quebrar, exceto em momentos extremos de felicidade ou aflição.

Enquanto isso, Vesper a preparara para essa resposta. Ele mesmo entendia como o vento e a ausência de peso podiam ligar uma alma de uma forma que poucas outras coisas poderiam fazer.

Era egoísta, ela sabia, querer que o sílfide permanecesse em sua vida. Muito a pedir de um elemental do ar que só recentemente ganhou suas asas, quando tudo o que ele queria para o resto de seus anos sem idade era voar através dos céus sem fim.

Luce pegou seu cotovelo quando eles subiram. — Pode ser que você não tenha um homem como seu protetor. Já pensou em convidar lady Selena?

A atenção de Vesper se animou. — Ela é uma excelente espadachim.

Lyra sacudiu a cabeça. — *Mas ela é uma princesa. Ela é realeza. Ela não deveria me servir.*

Vesper franziu as sobrancelhas. — Ela consideraria isso um enobrecimento, não um rebaixamento. Com ela não sendo a herdeira da coroa, há uma falta de responsabilidades que muitas vezes a entedia. — Assegurou. — No entanto, a tradição determina que criemos um novo título para qualquer nova posição. E o cavaleiro da princesa não é muito imponente ou único o suficiente.

—Primeira Cavaleira tem um bom anel. — Luce ofereceu. Todos sorriram ao ouvir isso, depois caíram na contemplação silenciosa.

Quando chegaram a Torre Estrela, a porta estava entreaberta e os três sentaram-se em uma mesa redonda. Uma vela solitária tremeluzia no centro,

uma cera quente farejando o ar enquanto derretia em um pequeno prato.

A sala abobadada fora outrora a solar. Era humilde em tamanho com uma lareira acolhedora. Tapeçarias, penduradas na metade da parede circular, mostravam os campos varridos pelo sol no verão e os picos nevados das montanhas sob o céu estrelado. As prateleiras se curvavam ao redor da outra metade em filas de seis, segurando uma variedade de frascos, caixas e louças com ingredientes variando entre o lugar-comum, o horrível e o místico - lembrando Lyra da sala de terra no castelo de Eldoria.

Houve uma época em que as muitas janelas do solar permitiram que o sol brilhasse, auxiliando em tarefas que exigiam boa iluminação: leitura, desenho de mapa, bordados ou caligrafia. Mas no dia em que Nerezeth caiu na terra e arrastou o céu noturno com ela, Madame Dyadia se apresentou como a feiticeira real na ausência de seu filho morto e tomou o solar como seu espaço de trabalho.

O luar brilhava através das janelas agora, interrompido esporadicamente por grossos redemoinhos de flocos de neve. Madame Dyadia folheou um armário, apenas o traseiro visível atrás da porta aberta. Ela fechou a porta e carregou a caixa contendo as lembranças de Lyra, a concha encantada que continha sua voz e um frasco cheio de um líquido escuro e oleoso. A feiticeira colocou os itens na mesa, sua carne listrada de preto e branco misturando-se em seu vestido.

Seu olhar de gato pousou em Luce, e Lyra tentou não olhar para a órbita vazia enrugando sua testa. — Muito bem, Silfide. Revelar a caixa de “princesa-revolução” para a regente de Eldoria foi brilhante. Peço desculpas por duvidar de você quando você veio a mim pela primeira vez.

Luce inclinou a cabeça em reconhecimento, distraidamente puxando o talismã em volta do pescoço. — Na verdade, foi a nossa rainha Lyra quem me deu a ideia, quando envergonhou Sir Erwan de confessar os crimes de todos em Eldoria. Se tivéssemos testemunhas influentes para ouvi-lo, poderíamos ter deixado de lado o teste da princesa.

Vesper encolheu os ombros. — Eu gosto da maneira como isso aconteceu.

Assistir minha ladra astuta se tornar a rainha que ela deveria ser enquanto traz sua prima de joelhos. Era uma coisa de beleza. — Ele sorriu para Lyra e ela sorriu de volta, sentindo uma onda de orgulho. Vesper estendeu a mão para o frasco e ergueu-o para uma inclinação do luar. O conteúdo iluminado, brilhando como diamantes negros. — Então, é isso que a regente usou? Para as sombras fraudulentas de Lustacia?

Dyadia assentiu. — Embora este seja menos potente. A mulher tola não tinha o menor interesse em tais coisas. Só é preciso uma gota da essência do luar para o efeito aparente. Ao usar um excesso, ela amaldiçoou aqueles duendes miseráveis para um estado de meia-luz - ligados à sua filha. Embora eles ainda tenham algumas de suas características inatas, eles devem fazer o que ela exige. Eles não têm escolha, não há liberdade para pensar por conta própria. — Ela gesticulou em direção ao frasco. — Quem quer que sirva isso, terá o mesmo poder sobre o destinatário. No entanto, esta dose diluída não durará mais do que dois anos, depois a vítima pode voltar à sua forma original, lembrando-se de tudo o que experimentou como uma meia-luz.

Não machucou os veados? Para fazer mais? Lyra assinou a pergunta Dyadia, tendo vivido junto de Crony, facilmente decifrou seus gestos. — De modo nenhum. Uma vez que uma quantidade tão pequena era necessária, eu a esvaziei da borda de seus chifres, ainda intacta em sua cabeça. Não é diferente de picar a ponta do dedo para uma gota de sangue. E eu recompensei o veado doador com nutrientes extras. — Ela ergueu o próprio dedo, revelando um buraco minúsculo. — É uma troca. É preciso sempre devolver o que eles tomam ou ambas as partes sofrem.

Lyra franziu a testa. *Qual é o compromisso para eu receber minha voz novamente?*

Vesper baixou o frasco, decidido a ouvir a resposta de Dyadia.

—Não há troca para algo que é seu por direito. Você terá de volta, mas exatamente como foi. Você não conseguiu falar com sua voz antes, e você não poderá agora. Não será nada mais ou menos do que era no começo - uma bênção

por sua beleza e pelo poder de inspirar paz e felicidade nos outros. Mas também uma maldição, pois nunca se ajustará às palavras. Você ainda deseja isso?

Sim, Lyra respondeu. Uma parte dela esperava que, desde que Lustacia tivesse conseguido moldar sua voz ao discurso, poderia haver algum efeito residual para ajudar Lyra a falar. Mas isso não importava. Ser capaz de se emocionar através do som, rir em voz alta ou gritar de surpresa, cantar com um júbilo e alegria que faria os outros felizes ao ouvir isso - isso era o suficiente.

—Então você terá isto. Primeiro, devo fazer uma viagem para Eldoria para o grimório de Crony. Ele contém a receita de transferência que vou precisar.

Como se na sugestão, Luce levantou o talismã de seu pescoço. Ele puxou alguns fios de cabelo livres do pingente trançado. — Então você pode encontrá-la rapidamente.

Lyra agora entendia por que o determinado elixir carregara Dregs para o Rigamort. Aparentemente, Dregs tinha usado um crescimento de gelo que seu primo perdeu em um jogo de cartas para o ingrediente pessoal de seu elixir. Como Slush já havia se tornado uma aparição semitransparente quando Dregs foi procurá-lo, a magia levou-o até o último lugar em que se lembrava do crescimento do pingente de gelo.

Quando Luce entregou o cabelo de Crony, um olhar passou entre ele e Dyadia - algo indecifrável, mas decididamente sombrio.

Você estará visitando Crony? Lyra perguntou. *Por favor, convença-a a ir às núpcias. Diga a ela que ela tem um lugar de honra em ambos os reinos, protegida por mim e pelo rei. Eu quero que ela nos veja casados, para estar conosco quando os céus se unirem. Diga a ela que ainda preciso dela, ela é a única mãe que eu consigo lembrar.*

Madame Dyadia estudou a palma da mão, onde os fios de cabelo tremiam a cada respiração. — Não se preocupe, Alteza. Eu falarei com ela. E ela dará testemunho de tudo; Eu juro. — Ela enrolou os cabelos dentro de um pano, então empurrou a caixa de memória em direção a Lyra. — Na nota das mães, é hora de você se reencontrar com a Rainha Arael e seu lugar em Eldoria.

Os batimentos cardíacos de Lyra saltaram quando ela chegou a tocar sua coroa, o peso dela era estranho em uma juba de cabelos brilhantes para os quais ela ainda não se aclimatara. Tão estranha quanto a mãe que ela nunca conheceria.

Ela baixou os dedos e assinou: *eu não espero nenhuma lembrança da Rainha Arael naquela caixa. Ela morreu dando à luz a mim.*

Luce, já tendo uma expressão de dor em seu rosto, olhava para além de miserável agora. Era como se ele quisesse entrar em sua forma etérea e desaparecer por completo. Em vez disso, ele manteve os lábios presos nos dentes pontiagudos e olhou para o pingente entre os dedos.

Vesper se inclinou em torno do silfide para captar o olhar de Lyra, os espinhos de ponta de prata de sua coroa aquecendo-se a laranja-rosada à luz das velas, como espinhos negros salpicados de orvalho da manhã. — Haverá lembranças de seu pai lhe contando sobre sua mãe. Eu nunca o conheci, mas sei o quanto ele te amava. O suficiente para parar uma guerra e assinar um juramento de sangue para conquistar sua filha, a noite em que ela precisava para ser feliz. Assim como meu pai, o seu aceitou desde o início como se fosse dele, mesmo que você fosse diferente dele. Um homem assim nunca deixaria você esquecer de onde você veio. De quem você veio?

Obrigada, Lyra imitou. Ela aprendeu muitas coisas sobre a história de seu reino com o primeiro-ministro Albous na festa do almoço, a mais perturbadora das quais foi que seu pai teve uma mão na morte do rei Orion, através das rosas de panacéia, não intencional. Ela amava Vesper ainda mais por perdoar seu pai e oferecer sentimentos tão gentis.

Dyadia abriu a tampa da caixa e tirou uma pilha de vidro que tilintou como sinos. Fios mágicos reluzentes prendiam a espinha, formando um tipo de livro. Lyra observara Crony usar as fiandeiras nos chifres para amarrar duas ou três lembranças ao mesmo tempo. No entanto, ela nunca viu tantas lembranças. E cada um delas pertencia a ela, um passado inteiro esperando dormente nessas páginas.

A feiticeira voltou seu olhar enervante para Lyra. — Você disse que queria que eu animasse antes da impressão, para que nosso rei possa ver as páginas?

Lyra assentiu. Ela queria compartilhar seu passado com Vesper, assim como ele compartilhava as anotações dele. Experimentar intimamente o passado do outro talvez despertaria a magia que poderia unir a lua e o sol. Como estava, ela não sentiu nada dentro dela poderosa o suficiente para decretar tal feito monumental e terrestre.

Luce começou a se levantar, mas Lyra pegou seu pulso, pedindo que ele ficasse sem falar.

Ele assentiu e sentou-se novamente.

A feiticeira sorveu de um copo. O vapor se curvava sobre a borda da borda, cheirando a sujeira e a pútrido. Quando perguntada sobre o que era, ela respondeu: —Decompondo folhas reunidas de um cemitério, um crânio de corvo moído em pó, e lágrimas de um enlutado. — Tendo bebido tudo, ela embaçou as páginas com seu sopro de morte, uma após a outra, animando uma infinidade de formas coloridas através dos quadros encantados - imagens de vidro colorido ganhando vida.

Lyra folheou, escolhendo quais cenas compartilhar ...

Juntos, os três assistiram a momentos felizes. Ela chorou em sua primeira lembrança, as próprias lágrimas de seu pai em seu rosto como uma recém-nascida, dando-lhe o sabor do conforto. Então a fúria ardeu escura e profunda ao lembrar que ele morreu nas mãos de sua irmã. Enquanto assistia a cena quando Lyra conheceu Crony no calabouço, as mãos de Luce ficaram tensas ao redor do talismã que ele havia voltado ao seu pescoço.

Finalmente chegou a memória final, sendo jogada dentro de um caixão nas mãos de Bartley e Erwan. Vesper se contorceu como um predador esperando para atacar, seus dedos arranhando a mesa, as juntas salientes sob sua rica e linda pele. Ele ficou sentado o tempo suficiente para testemunhar os dois cavaleiros caindo nos arbustos de cadáveres e escorpiões, fazendo-a se contorcer e gritar até que sua voz se foi.

Sufocando um rosnado, ele empurrou a cadeira, derrubando-a. Ele se ajoelhou na frente de Lyra. — Minha rainha, sua família pertence a você sozinha. — Sua voz estridente baixa, emparelhado com narinas dilatadas e brasas em seus olhos, era mais inquietante do que um rugido. — Mas me conceda um favor. Me dê Bartley.

Lyra acariciou sua mão e assentiu.

Beijando sua testa, ele se virou para Luce. — Depois que a trama da memória estiver pronta, veja que ela volta para seus aposentos. Ela precisa descansar antes de visitarmos a enfermaria.

—Claro. — Respondeu Luce.

Vesper saiu da câmara sem outra palavra.

As mãos de Lyra tremiam quando ela perguntou a Luce se ela havia cometido um erro.

A fúria mal contida em seu rosto refletia a de Vesper. — Não. Ele também foi afetado por isso. E considerando que eu tenho o prazer de agarrar o pescoço de Erwan, é certo que o seu rei tenha a vez dele. Ele cresceu matando monstros. Deixe-o colocar esse talento para usar.

Lyra olhou de volta para o livro de vidro. Ela terminou de ver suas lembranças como uma distante espectadora. Ela queria experimentá-las, queria que elas fossem arraigadas - fundidas a sua mente e corpo com cada emoção e elemento sensorial que as tornava distintamente suas - não importando o quão dolorosas fossem.

Ela pediu à feiticeira para explicar o procedimento.

—Sua parte é simples. — Madame Dyadia puxou os fios brilhantes que prendiam o livro e os desenhou em uma longa corda que flutuava no ar. Pegando, ela girou e girou o fio até que ele se desfez em névoa pálida e esfumaçada. Fagulhas brancas piscavam por dentro, como relâmpagos presos em uma nuvem. Ela guiou a neblina para se debruçar sobre a cabeça e o rosto de Lyra. — Estas são as respirações da sua ressurreição. Feche os olhos e inspire.

31
O Espetacular Espetáculo da Misericordiosa Perdição

A rainha Lyra foi acompanhada por Selena até a enfermaria do castelo, pois seu rei havia sido detido por seu encontro com Bartley e deveria encontrá-los lá.

Dentro do úmido salão de baile, o cheiro de pétalas de panacéia fervendo na água, junto com os sons de tosse e suspiros sufocados. Essa demonstração da necessidade desesperada de Nerezeth pela luz do sol pesou na coroa de Lyra. Ela andou ao lado de Selena entre os catres e olhou para cada rosto - dormindo ou acordado em seu tormento. Aqueles que olharam para trás, ela reconheceu com um mergulho na cabeça, um sorriso seguro e um tapinha na mão. Ouvir as palavras “As estrelas te abençoam, Majestade” e ver os olhos dos pacientes brilharem com reverência e antecipação alimentaram um senso de dever que tudo consome - e a esperança de que ela e Vesper pudessem viver de acordo com tal fé.

Algumas fileiras abaixo, seu rei apareceu à vista ao lado de Cyprian. Os dois homens se agacharam ao lado de um catre que continha um pequeno

ocupante. Selena pegou o braço de Lyra para que elas pudessem assistir e ouvir de longe, sem serem vistos.

—Oh, por favor! Mais uma vez, Sir Nocturne! — O menino no berço implorou com uma voz grogue. — Comece onde sua majestade arrastou o prisioneiro através do Grim. Mas mais sangue desta vez.

Vesper sacudiu a cabeça, as pontas da coroa brilhando em cinza à luz da lanterna. — Agora, Nyx, devemos ser galantes. Há uma senhora presente.

O menino bufou, seus pés se contorcendo sob o lençol. — Onde?

—Eu, cabeça dura. — Respondeu uma menininha no catre adjacente.

O menino bufou. — Elsa não é dama! Ela é minha irmã.

A garota fez uma careta para o irmão e então se virou para Vesper. — Oh por favor, majestade. Eu sou forte como a nossa nova rainha. Um dia, vou enfrentar o Grim e montar veados brumal e usar cicatrizes mais bonitas que colares de diamantes. Eu não sou assim de jeito nenhum!

Lyra e Selena trocaram sorrisos.

—Tudo bem. — Disse Vesper com uma risada em sua voz. — Mas depois disso, vocês dois precisam descansar.

A garota jogou seu lençol e subiu no berço de Nyx, os joelhos puxados para o peito.

—Primeiro — Começou Cyprian. — Nosso corajoso rei arrastou Bartley para fora do Grim para um terreno nevado conhecido por abrigar um bando de silvas de cadáveres. Um punhado de guardas seguiu para observar.

—Eu estive lá! — Nyx assentiu.

—Você mente como um sapo em um tronco. — Sua irmã zombou.

—Shhh. — Cyprian levou um dedo aos lábios. — Em seguida, Sua Majestade ordenou que todos se afastassem e não interferissem, não importando o resultado. Então ele soltou as amarras do prisioneiro e deu ao canalha a oportunidade de lutar por sua liberdade - combate corpo-a-corpo.

Vesper encaixotou o ar e cambaleou de joelhos, demonstrando. Sua coroa deslizou torta e ele teve que endireitá-la. As crianças riram. O amor de Lyra se

acendeu, para ver o quão profundamente ele se importava, o quão habilmente ele distraia os pequeninos de seus arredores e doenças.

—Eles foram bem combinados em suas habilidades. — Cyprian cutucou Vesper com um cotovelo. — Mas nosso rei tinha força bruta e instintos ferozes o conduzindo. Sem mencionar a justiça por sua amada noiva.

Ao ouvir isso, Elsa arrulhou e encarou Vesper.

—Depois de lutar na neve, nosso rei enganou Bartley para pensar que ele estava se cansando, tudo para atraí-lo para o mais alto desvio. Ele o atacou lá, rolando-os em um espinheiro. Ambos foram capturados pelo monstro espinhoso em um ponto, e levou tudo que eu tive para segurar os espectadores de volta.

Vesper envolveu seu manto real em volta de si, como se estivesse enroscado.

—Mas eles não precisavam se preocupar.

Vesper esticou os braços, o manto se abrindo como asas gigantes.

—Porque ele se libertou! — Os olhos sonolentos de Nyx se arregalaram. — Nós sabemos como lutar contra monstros aqui.

Vesper e Cyprian trocaram olhares sombrios.

—Isso nós fazemos. Nossa Majestade derrotou seu espinheiro e escapou. Mas Bartley não se saiu tão bem. Quando o rei Vesper o libertou dos espetos, o prisioneiro foi mutilado e quebrado. Então, sua majestade traçou a espada real e o tirou de sua miséria de uma só vez.

—Então você arrastou o saco de ossos ensanguentado e a cabeça cortada para trás para que a regente de Eldoria pudesse dar uma boa olhada! — Nyx acrescentou, antes de ter que cobrir a boca em uma tosse.

—Nós fizemos. — Assegurou Cyprian. — Ela está bem e devidamente preparada para a sentença agora.

A história acabou quando Vesper avistou Lyra. Ela acenou, e ele fez sinal para ela encontrar as crianças antes que elas as enfiassem de novo.

Quando saíram para a sala do trono, Lyra segurou Vesper de volta para que Cyprian e Selena se movessem alguns passos à frente. Estudando os recentes

hematomas, equimoses e lacerações e cortes ao longo do rosto, pescoço, mãos e pulsos de seu rei, ela só podia imaginar o dano que seu manto real, meias, botas e túnica estavam escondendo. Embora a selvageria brilhava em seus olhos, havia uma satisfação que não estava lá desde que tudo começou.

Ela apertou a mão dele e ele ergueu a dela para beijar seu pulso. *Você foi maravilhoso com aquelas crianças,* ela disse entre elas.

Ele olhou nos olhos dela. *Eu quero ser um bom rei.*

Você já é. Ela sorriu. Ver o salto em seu passo, apesar do rosto machucado e das mãos machucadas, era como assistir a Scorch se esgueirando em círculos esfumaçados com flechas pontiagudas presas em sua pele depois de ele ter queimado e pisado fora de uma chuva de flechas. Assim como Luce dissera, Vesper precisava dessa vitória, tanto por sua honra quanto por ela. Por encontrar a justiça na mão, ou farpas, da mesma fera que Bartley usou para atormentar uma criança inocente, ele reforçara sua reputação de governante justo e afirmativo, capaz de proteger e defender seu povo.

Além disso, por experiência própria, Lyra contou-lhe que *os melhores reis são os melhores pais.*

Seu queixo caiu em memória de sua monumental reunião com Dyadia. — Claro! Suas memórias. — Ele levou a mão ao peito. — Conte-me tudo.

Mais tarde, ela prometeu quando Luce apareceu. Eles o alcançaram, depois a Selena e Cyprian.

A pedido de Luce, a primeira cavaleira o regalou com os detalhes do desaparecimento de Bartley. Durante a narração, Vesper lançou um olhar astuto para Luce, balançando as sobrancelhas. Luce revirou os olhos, embora seus lábios se contorcessem no que Lyra reconheceu como um raro sorriso de aprovação.

Quando chegaram fora da sala do trono, Vesper enviou a Cyprian algo que Lyra havia especificamente solicitado para ajudar na sentença.

Luce se separou do grupo e se misturou à multidão enquanto Selena, Vesper e Lyra seguiam um rastro perfumado de pétalas de rosas de panaceia de

lavanda que levavam ao estrado. Ao ver o rei e a rainha, a platéia abaixou a cabeça em boas-vindas.

Lyra recusou o grande número de pessoas. Os rostos dos estranhos estendiam-se de parede a parede. Até as sacadas estavam lotadas. As lembranças que ela absorvera apenas algumas horas antes trouxeram consigo velhos medos e inseguranças. Uma desconfiança de multidões e elogios. Mas bastou uma olhada para o estrado onde suas perversas parentes - Griselda, Lustácia, Wrathalyne e Avaricette, com as mãos amarradas nas costas e os guardas ao lado delas - foram obrigados a ajoelhar-se diante dos tronos vazios, e a coragem e a força que ela adquirira nos últimos cinco anos enquanto corria com uma bruxa, um Silfide e um Pégasus, voltaram correndo.

Erguendo o queixo alto, Lyra liderou o caminho para os tronos. O primeiro-ministro Albous se juntou à procissão, caminhando ao lado da rainha Nova. Vesper segurou a mão de Lyra enquanto subiam as escadas. Ele a ajudou a sentar-se, com Selena pegando e colocando robe embaixo e ao redor dos lados do trono.

Selena, o primeiro-ministro Albous e a rainha Nova tomaram seus respectivos lugares, ao lado da nova rainha ou ao lado do rei, de costas para a parede atrás deles. Lyra encontrou o olhar de Lustacia e sua prima começou a chorar. Wrathalyne e Avaricette não conseguiam sequer olhar para cima, sobrecarregadas pelo medo.

Quando Lyra encontrou o olhar beligerante de Griselda, não a surpreendeu que sua tia não tivesse remorso. Durante sua transferência de memória na Torre Estrela, Lyra recuperou a confissão de sua tia: que ela doou sua consciência. Enquanto isso, todas as palavras finais de Griselda foram gravadas no cérebro de Lyra; ela ainda podia ouvi-las tocando em sua cabeça, tão claramente quanto os ouvira através da tampa fechada de um caixão:

Eu suponho que eu deveria te agradecer. Ao libertar a bruxa enquanto ainda tínhamos seu cajado sob custódia, você tornou toda essa configuração possível. Então, retribuirei o favor e lhe direi como tudo termina, já que você

não estará aqui para ver por si mesma. Depois de desistir da sua voz, você ficará sonolenta e sua respiração diminuirá. Você não poderá ficar acordada. E uma vez que você dormir, você escapará. Não pense em seus assuntos fiéis. Qualquer pessoa que se torne curiosa ou preocupada será cortada uma a uma. Mia será a primeira. Alguém tentará envenenar nossa passagem e ela morrerá como uma heroína, provando sua lealdade a Eldoria de uma vez por todas. Quanto ao reino, Lustacia e eu temos isso em mãos. Você pode dormir em paz eterna sabendo disso, pequena princesa perfeita. Esse é o meu presente para você.

Desolação tinha rasgado Lyra quando ela reviveu os momentos finais. A percepção de que ela não tinha família lhe trouxera mais angústia naquele dia fatídico do que os horrores que sofreu.

Sua coluna pressionou seu trono em busca de apoio, Lyra olhou para a plateia onde o cabelo vermelho de Luce se destacava, depois de volta para o estrado de Selena para Cyprian. Ela pegou o olhar de Vesper por último e uma tranquilidade encheu seu coração: ela tinha uma família agora, uma que nunca a trairia; uma que a aceitasse exatamente como ela era.

Montando essa confiança, ela deu a Vesper o sinal para começar.

Ele inclinou a cabeça, as jóias em sua coroa selvagem refletindo reflexos de luz de velas, em seguida, levantou a mão para chamar a atenção do público. A conversa morreu quando ele se adiantou para se dirigir as quatro prisioneiras.

—Para ser claro, era minha intenção pessoal decapitar cada uma de vocês, da mesma maneira que fiz com o seu Sir Bartley. A devida diligência pelos atos hediondos cometidos contra uma doce e tranquila garota de doze anos, cujo único crime estava nascendo do mesmo nobre sangue que bombeava através de seus próprios corações negros. — Ele tinha a atenção de todos. O silêncio reinava, o único som que se fazia era os choramingos das primas de Lyra. A expressão feroz de Vesper caiu sobre Griselda. — Vi com meus próprios olhos os horrores que você infligiu à minha rainha, em nome do ódio e da inveja. Eu também estou ciente de quão longe seus atos bárbaros se espalharam, do castelo

de Eldoria e infestado pela morte até o Rigamort e o acampamento dos duendes também. — Ele lançou um olhar para Lyra, depois de volta para a Griselda com o rosto de pedra. — Considere-se abençoada porque sua sobrinha pode amaciar a fera em mim. Como ela é a única razão pela qual você ainda está respirando. — Ele tomou seu trono então, a bainha de seu robe girando em torno de seus pés enquanto ele acenou para Lyra. — Minha Senhora Rainha, a vingança é sua. Traga o espetáculo.

Essa foi a sugestão. Ooohs atordoados e ahhhs ondularam no meio da multidão enquanto Cyprian liderava em dois veados bravos. Atrás deles, as sombras de Lyra se apinhavam nas meio-luzes malditas dos duendes de Lustacia, forjando seu próprio caminho através das partes mais escuras da sala. Dregs entrou, trazendo o fim. Cyprian tomou o seu lugar entre os outros guardas que cercavam a plataforma ao nível do chão. Os veados não tinham rédeas nem pedaços para guiá-los, nem cordas em seus pescoços. Tudo o que foi necessário foi a persuasão mental de Vesper para levá-los até as escadas e para a plataforma, assim como os pensamentos de Lyra atraíram seus fiéis atendentes de sombra. Lyra se levantou ao chegar, cercando-se das vítimas de Griselda.

Lustacia gritou e sacudiu o cabelo prateado. — Isso dói! Minha cabeça!

A máscara de pedra de Griselda escorregou como agonia também apareceu em seu rosto. Ela reprimiu um gemido e lutou para libertar seus punhos tingidos de sangue, os ombros lutando contra a futilidade.

Os cervos dobraram seus graciosos pescoços, tocando seus chifres na cabeça das duas que haviam mutilado os deles.

Griselda e Lustacia gritaram quando as sementes plantadas no couro cabeludo estouraram e floresceram em chifres grandes. Wrathalyne e Avaricette fecharam os olhos marejados.

Uma onda de espanto chocado agitou a multidão.

Lyra gesticulou para que Griselda fosse tirada do quarto, deixando as três filhas aos pés de Lyra. No momento em que sua tia se foi, Lyra começou a assinar e o primeiro-ministro Albous se adiantou para traduzir:

—Vocês não são minhas primas? Vocês deveriam ter sido minhas companheiras de brincadeira, minhas irmãs, minhas confidentes. No entanto, vocês riram e brincaram, zombaram da minha situação e da minha voz. Vocês fiaram de pé enquanto sua mãe me dava veneno em um reconfortante copo de leite, sem fazer nada para me ajudar. Vocês vão alegar ignorância, ser filhas quando tudo começou? Vocês vão tentar me convencer de que também foram vítimas? Eu posso acreditar em vocês. Eu tenho cicatrizes para provar meu sofrimento. Talvez o seu esteja dentro, visível não pela sua pele, mas pelas suas ações calejadas. Eu posso ter misericórdia, se vocês prometerem mudar, para aprender empatia e ter corações mais gentis.

Wrathalyne e Avaricette assentiram e tossiram em soluços molhados. Avaricette falou para os dois. — Sim, queremos crescer! Ser gentis. Nós imploramos sua misericórdia!

—Então, seja assim. — Veio a resposta de Lyra sobre a voz do primeiro-ministro Albous.

As duas garotas lutaram para ficar de pé e colocar distância entre elas e sua irmã, acreditando que estavam perdoadas.

—Elas devem se ajoelhar diante de sua rainha! — Vesper se inclinou para frente e gritou com os dentes cerrados de seu trono. Os guardas se aproximaram e forçaram as meninas a se ajoelharem, segurando as lâminas da espada sobre a cabeça.

As duas congelaram, reprimindo seus gritos.

—Lustacia, essas criaturas. — O primeiro-ministro fez uma pausa enquanto Lyra gesticulava para as aparições dos duendes. —Tinham famílias e vidas. Eles fizeram escolhas ruins, servindo sua mãe, mas você também. Sua penalidade é justa, tomando esta forma para sempre? Estar separada de tudo o que elas sabem, sendo contratados à sua vontade?

O pescoço de Lustacia se inclinou para a frente, como se ela não suportasse o peso dos chifres. A cabeça dela estava tão baixa que as pontas pontudas tocavam o chão. — Eu preferiria ser uma aparição ligada a outra. —

Ela soluçou. —Do que suportar esta mutação vil. Sua dor não é nada comparada à minha.

—Se você acredita, eu posso libertar você da maldição dos chifrea. — O primeiro-ministro atrasou a interpretação quando Lyra retirou três frascos do bolso interno do seu manto e os entregou para os regalos.

O lojista dos goblins deu um passo à frente, cara a cara com a forma ajoelhada de Lustacia, e abriu o primeiro frasco.

Lyra retomou seu discurso com a ajuda de Albous.

—Já que você está convencida de que as meias-luzes sofrem menos, você compartilhará seu menor destino. Beba na mão do Dregs e perca seus chifres. A troca, no entanto, é que você estará vinculado a ele como uma silhueta de meia-vida. Você servirá o duende, enquanto seus duendes o servem. — Ela se virou para os outros dois primos, atraindo-os de volta para a sentença. — Usar a pele de outra pessoa é a maneira mais eficaz de aprender empatia. Compartilhe a penalidade das suas irmãs. Bebam e provem a si mesmas mais humanas do que vocês jamais estiveram em sua forma atual. Demonstrem esse desejo de crescer e vocês viverão. Recuse-se e escolha a morte.

Quando Albous fez o ultimato de Lyra, os guardas deslocaram as espadas para a nuca de cada uma das meninas, preparadas para cortá-las caso se recusassem.

As primas de Lyra gritavam por sua mãe ausente enquanto engoliam os frascos que os bebedouros ofereciam. Wrathalyne soluçou, Avaricette tossiu e Lustacia engasgou. Então, com nada mais dramático do que um poof, as três irmãs se desintegraram em formas negras e esfumaçadas que pairavam em torno do comerciante dos goblins, aguardando seu comando.

Suspiros e gritos atordoados irromperam na platéia.

Lyra deu um sorriso para Vesper. Ela compartilhou seu plano com ele, para não contar a suas primas que o efeito da poção era apenas temporário. Sua esperança era que, quando cada uma despertasse de sua meia-vida em dois anos, ficariam tão agradecidas por serem humanas mais uma vez, que jamais

assumiriam a responsabilidade da humanidade por garantida novamente. Lyra queria permitir que elas tivessem uma chance de se mostrar acima das perversas maneiras de Griselda quando não estavam mais sob seu polegar, mantendo-as fora dos negócios do reino. Esta tinha sido sua solução.

Vesper inclinou a cabeça em sinal de respeito.

Ela voltou sua atenção para os pés, onde Dregs se curvara prostrado diante dela. Seus três novos servos da meia-luz fizeram o mesmo, o que forçou aquelas cinco aparições acorrentadas a Lustacia a se curvarem também. — Ao vingar minha família, você trouxe honra para a nossa espécie. — Disse Dregs, seus olhos cheios de admiração. — Deste dia em diante, rainha justa, nossas lealdades são realinhadas. Venha a nós em busca de algum favor. Nossa fidelidade nunca vai vacilar.

Ela tocou sua testa carinhosamente, e ele beijou os chinelos em seus pés. Ele então se levantou e desceu as escadas com todas as oito aparições a reboque. Parou e encontrou um lugar na primeira fila, onde Lyra lhe pedira que esperasse à vista de Griselda. Assim que ele e seu bando de silhuetas se instalaram, Lyra fez sua tia se arrastar de novo.

—O que você fez com minhas filhas? — Griselda retrucou quando os guardas a empurraram de joelhos.

—Elas estão aqui. — Lyra respondeu com a ajuda de seu primeiro-ministro. — Elas estão assistindo e esperando. Seu destino repousa sobre você.

—Você mente! Eu não posso vê-las! — Griselda espetou a perna de Lyra com os chifres, mas Lyra evitou o ataque. Do seu trono, Vesper falou um comando aos seus cervos. Um saltou para a frente, enroscando seus chifres com os de Griselda. A regente gritou por ajuda. Lyra acariciou o casaco da criatura, persuadindo-a a se soltar e a se acomodar novamente ao lado dela.

Lyra começou a assinar novamente.

—É hora de você responder por si mesma, lady Griselda. — A voz profunda do primeiro-ministro Albous ficou mais sombria a cada palavra que ele transmitia. — Você não é minha tia? Você poderia ter sido uma mãe para mim na

ausência da minha. Você poderia ter sido um conforto para o seu irmão que perdeu a esposa. No entanto, você conspirou para nos ver mortos. O que você tem a dizer?

—Eu digo que não tenho culpa. — Griselda cuspiu sua réplica e olhou para a sobrinha, mal permitindo que o primeiro-ministro terminasse. — Era meu destino ter uma mão na profecia. Não é teu. Foi-me dito assim e fez isso.

—Você foi informada pelos sudários.

A boca de Griselda franziu-se, incrédula, à percepção de Lyra. Lyra lembrou-se de Griselda mencionando as mortalhas para Lustacia naqueles últimos momentos no caixão também. E quando essa lembrança voltou, a interação de Lyra com o coletivo finalmente fez sentido. Griselda era a princesa Eldoriana que os sudários haviam perdido para um Silfide - Luce, a julgar pelas asas presas no pátio do castelo de Eldoria - há tantos anos. Foi Griselda que esperaram, mesmo agora.

As mãos e os dedos de Lyra - cansados pela tensão - retomaram o discurso cruel de Griselda, daquele dia fatídico de uma nova vida, tornando os sentimentos dela próprios.

—Tome coragem, tia, pois de fato você teve uma mão na profecia, como indicado pelo sangue manchando sua pele. Eu abomino todos os crimes que você cometeu, mas há algo pelo qual devo gratidão: Obrigada por me colocar em uma caixa e mandar meu corpo moribundo para o desfiladeiro, pois lá encontrei uma bruxa cuja bondade me mostrou beleza além das aparências e um sílfide cuja persistência me mostrou que a vida podia ser encontrada em cinzas e espinhos. Por sua causa, aprendi a olhar além da superfície. Assim, quando conheci o príncipe na forma de um Pégaso, em um lugar entre preconceito e reinos, fora das tradições e credos, não tinha expectativas pré-definidas de uma profecia ou de pressões políticas. Nós nos encontramos no terreno comum do anonimato, da solidão e da busca de corações. À sua mão, forjamos uma camaradagem que cresceu em confiança e amor incondicional. Agora somos iguais, capazes de governar lado a lado. Capaz de unir nossos reinos sob um céu. Então sim, você é

responsável por quem eu sou hoje, e pela rainha eu serei deste dia em diante. Para mostrar minha gratidão, vou lhe dizer como isso vai acabar, já que você não estará aqui para ver por si mesma. Depois que você acordar do sono que lhe será dado, você se encontrará exilada na Ravina Ashen, assim como você me deixou, em uma caixa cheia de cada criatura rastejante, voadora que você já esmagou debaixo do seu sapato, golpeado com um livro, ou alimentado a um pássaro. Se você escapar de sua tumba, enfrentará a culpa de seus crimes no lugar em que tudo começou - entre as mortalhas. No entanto, primeiro vou permitir-lhe uma chance de resgatar suas filhas, que momentos atrás receberam a mesma poção que você impõe aos contrabandistas goblins.

Dregs ordenaram a seus três ajudantes de meia-luz que se dirigissem para a borda do estrado. Os olhos de Griselda se arregalaram ao perceber que eram suas filhas.

—Não! — Ela gritou. Ela se dobrou, seus ombros afundando enquanto lamentava. Mesmo sem consciência, ela alegou amar suas meninas. Uma pena que o amor sempre fosse secundário em relação aos esquemas dela.

—Declara-me como sua rainha. — Continuou Lyra, o volume da voz do primeiro-ministro Albous se intensificando para recuperar a atenção da regente histérica. — Em voz alta, aqui antes de nossos representantes Eldorianos e todas as testemunhas de Nerezeth. Prometa sua fidelidade a mim e me dê a devoção que minha linhagem garante. Faça isso e, embora não vá salvá-la, libertará suas filhas de seu destino infeliz. Talvez isso possa compensar as experiências que você roubou enquanto as isolava do mundo.

O peito de Lyra se apertou quando Griselda levantou a cabeça e rosnou. Ela lutou contra as amarras segurando suas mãos em punhos em suas costas, trazendo os guardas para o lado dela. Esta foi a parte final do plano de Lyra: levar a qualidade temporária da poção de meia-luz um passo adiante. Os efeitos acabariam eventualmente, mas apenas Luce, Dyadia, Lyra e Vesper sabiam disso. Griselda não tinha esse conhecimento, mais do que suas filhas. Se sua tia cooperasse, Lyra anunciaria a todos que suas primas seriam libertadas após uma

curta prisão de suas maldições. Então Wrathalyne, Avaricette e Lustacia finalmente veriam sua mãe escolhê-las acima de seu orgulho. E elas a veriam aceitar Lyra como a governante legítima. Caso Griselda recusasse, Lyra mandaria suas primas com o goblin, ignorantes de sua sentença curta, e elas teriam os próximos dois anos para contemplar o egoísmo e a traição de sua mãe.

De qualquer forma, todas as três garotas precisavam testemunhar este momento, para realmente se libertarem da influência maligna de Griselda.

Lyra prendeu a respiração, esperando que sua tia fizesse a coisa certa.

Griselda recuperou a compostura. — Vou ver, que ninguém te chama de rainha! — Sua recusa ecoou no grande salão e ela girou de joelhos. Antes que os guardas pudessem avaliar sua intenção, ela abriu as mãos com os punhos, permitindo que uma pequena esfera - brilhando com a luz turquesa serpenteante - caísse de seus dedos.

Assustados suspiros atravessaram o público. O grito de Luce nas costas os afogou: —Ela quer dizer que a rainha esteja pegando fogo!

—Lyra! — Vesper saltou de seu trono e a pegou pela cintura, arrastando-a para fora da trajetória do orbe rolante e ao lado dos tronos onde o primeiro-ministro, Serena e a Rainha Nova já se amontoavam ao longo da parede.

—Deve ter sido na manga! — Um dos guardas gritou quando ele forçou Griselda mais perto do centro. No instante em que a esfera tocou a fita que cobria a borda do estrado - tão meticulosamente organizada para a coroação por Griselda no dia anterior - o segundo guarda bateu a bota para impedi-la de cair na platéia. O orbe explodiu em contato, envolvendo-o e sua armadura em chamas de turquesa, rosa e branco. Sua espada caiu de suas mãos enquanto as bolhas queimavam sua pele exposta. O fedor de carne assada manchava o ar. Ele gritou e caiu no chão abaixo. Na sua esteira, as flores e fitas ao redor da plataforma se acenderam. Um clarão subiu alto e rápido - cortando as escadas e selando todos no estrado em uma linha de chamas encantadas e mortais. Calor chamuscou a pele de Lyra, e ela tossiu com a fumaça ao redor dela e de seus companheiros enquanto pressionavam suas costas contra a parede. Todos

levantaram suas vestes e as apertaram firmemente ao redor de seus corpos, colocando distância entre as chamas e o tecido.

—Guardas! Tragam água! — ordenou Vesper.

Dregs enviaram suas aparições - as primas meio-claras de Lyra e os cinco que pertenciam a Lustacia - para pegar os baldes da cozinha, já que eles podiam se mover mais rápido do que qualquer outro pé humano.

—Agua? Traga o oceano. Não importa! — Griselda soltou uma gargalhada, como se tivesse enlouquecida.

Um acorde de terror atingiu o coração de Lyra, vendo os olhos escuros de Vesper refletindo as chamas - fora dele em vez de dentro - vendo sua mandíbula apertar em um torno, sem poder sobre este elemento que ele dominou. Ela acenou com as sombras. Elas mergulharam e se balançaram ao redor dela e dos outros, dispersando-se em fuliginosas impotentes e fulminantes e recuando para os cantos da sala enquanto as chamas as dominavam.

A platéia recuou em direção à porta enquanto os guardas Eldorianos e Nerezitistas juntavam forças e avançavam, ensopando o holocausto com a água trazida pelas aparições. O crepitar e o rugido só se tornaram mais altos, mais brilhantes, mais quentes - abafando os palavrões e gritos dos guardas em pânico.

Os cervos zurravam, cercando Lyra e seu grupo, onde o fogo ainda não havia incendiado. Seu local seguro estava encolhendo. Lyra segurou firme seu rei, apertando os olhos contra o brilho brilhante. A bainha de Griselda estava perigosamente perto da borda em chamas do estrado; uma parte de Lyra queria que ela explodisse em chamas, mas outra parte sabia que nunca seria justiça suficiente.

Luce apareceu no alto em sua forma etérea. — Essas chamas são encantadas, feita de luz solar. Apenas o mais puro fio de luar os sufocará!

Após essa revelação, a rainha Nova se aproximou de Lyra e seu filho, seus olhos lilases brilhando de medo. — Seus veados, meu filho. Você deve sangrar a magia do luar. É a nossa única esperança!

O rosto de fogo de Vesper empalideceu. Ele parecia doente com o

pensamento, torcendo-se com medo de considerar a lógica por trás de suas palavras. Se apenas Dyadia não tivesse ido para Eldoria, eles poderiam pedir ajuda a ela. Mas era apenas para eles.

Vesper olhou para a família e Lyra. Enquanto tirava uma faca do cinto, ele chamou um cervo para o lado. Ele veio de bom grado, abaixando suas dicas de pinos. Lyra sabia que ele faria o que devia como rei, embora isso o matasse.

Espera. Ela o parou assim que ele pegou o chifre do veado e segurou sua lâmina na base que brilhava como diamantes azul-prateados. *Seu sangue não é puro luar.* Ela piscou. *Você disse uma vez que meus cílios são lascas da lua. O que poderia ser mais puro que isso?*

Vesper a estudou sem expressão, como se estivesse remexendo em suas memórias como Scorch. Percepção atravessou seu rosto e ele embainhou sua faca, segurando seu queixo com a mão. *Juntos?* Sua pergunta silenciosa passou para ela.

Ela assentiu. As chamas estavam quase em seus tronos agora, perto o suficiente dos dedos de Lyra queimados dentro de seus chinelos no calor que se aproximava. Ainda assim, ela não olhou para lugar algum além de Vesper, lendo o pedido de desculpas em seu olhar enquanto ele tirava um longo cílio livre. Surpreendeu-a, que a dor pungente durou apenas um instante desta vez, embora parecesse cortar seu rei muito mais fundo. Fazendo uma careta, ele deixou cair o chicote sobre a perna de fogo que se aproximava deles. O cílio brilhante pegou uma corrente ascendente e voou em direção ao teto. Dentro do espaço de uma respiração, transformou-se em folhas de líquido incandescente que se espalharam por suas cabeças e o estrado em um dilúvio refrescante. Lyra levantou o rosto, saboreando a saturação de suas roupas e cabelos enquanto permanecia sob sua primeira tempestade. As chamas apagaram em contato, deixando a plataforma em uma névoa úmida e fuliginosa.

Os primeiros a chegarem ao estrado foram Luce ao lado das aparições de Dregs. Suas formas de meia luz se uniram a uma nuvem negra e esponjosa que absorvia toda a umidade, deixando tudo e todos secos. As filhas amaldiçoadas de

Griselda convergiram para ela por último. Ela enxotou as formas sombrias e caiu para a frente, encharcada e derrotada.

Uma vez Lyra e Vesper viram que todos - desde a família até o primeiro-ministro Albous e os veados brumal - estavam ilesos, deram um passo à frente para examinar as perdas quando o público voltou a entrar. As bordas do palanque suportavam o impacto, preto e manchado. As decorações de fita de Griselda pareciam cachos de carvão, nítidos e desmoronando em cinzas onde as flores pendiam uma vez.

—É ele? — A voz de Vesper rachou na pergunta quando ele olhou para o guarda que tentou parar o globo com o pé. Cyprian e vários dos camaradas do homem se ajoelharam ao lado dele. Cyprian assentiu com a cabeça, e uma profunda tristeza escalou o peito de Lyra, como se o fogo queimasse de novo dentro dela.

Vesper se virou para Griselda, cujo rosto permaneceu enterrado contra o estrado. — Lorde Tyron tinha uma esposa na enfermaria. — Ele rosnou. — E um bebê a caminho. — Vesper pegou a espada caída do guarda e segurou-a no pescoço de Griselda. — Você deveria morrer pela lâmina dele. — Ele ficou tenso para dar o golpe fatal.

Lyra segurou os ombros dele para acalmar os músculos enroscados sob as vestes dele. — Juntos, contaremos a sua esposa sobre o heroísmo dele. Mas deixe-me terminar isso. Eu vou ver que ela paga com o que ela mais quer.

Lutando pelo controle, Vesper soltou a espada com um estrondo. Ele se sentou em seu trono carbonizado, sua expressão tão dura e formidável quanto as pontas de sua coroa de ferro. A platéia ficou tão quieta que Lyra pôde ouvir a respiração de todos que estavam na plataforma. Ela trocou um olhar significativo com seu primeiro-ministro. Ele deu um passo à frente, seu inteligente olhar verde injetado de fumaça, e juntos deram o veredicto de Griselda.

—Tia Griselda, uma vez você disse que toda a magia do meu corpo não era páreo para a sua vida de sabedoria. Ainda te derrotei com nada além de um cílio. Você é impotente contra mim e meu rei. Os dois reinos pelos quais você

assassinou, mentiu e conspirou para roubar não são mais sua preocupação. Vesper e eu os temos bem na mão. Nós vamos produzir herdeiros para governar depois de nós, para sempre manter a linhagem do meu pai no trono. E para este ato mortal final. — Lyra fez uma pausa, redirecionando suas mãos ocupadas em direção àqueles que executaram o guarda queimado. — Eu vou apagar a palavra 'Griselda' da história de Eldoria, junto com todos os registros de sua parte na fruição da profecia. Na sua ausência, apenas a Glistenda permanecerá. A princesinha adequada, cuja pele machucada ao toque de uma pena. Sem voz - sem glória e sem história. Esquecida e desaparecida. Essa é a sua justa recompensa e meu presente para você.

O primeiro-ministro Albous sorriu para as últimas frases de sua interpretação.

Griselda ergueu os olhos e seu rosto se contorceu de raiva. Seus gritos de resposta prometiam vingança quando Lyra ordenou aos guardas que levassem sua forma contorcida para longe. A platéia mandou a regente com assovios e vaias que evoluíram para aplausos e elogios na direção de Lyra quando ela subiu ao trono e se sentou.

Vesper pegou a mão dela na dele, a severidade de sua careta se abrandou. — Obrigado. — Ele sussurrou.

Atando os dedos, Lyra colocou o passado e toda a sua fealdade para trás e olhou para o futuro e a promessa de um casamento que brilhava como estrelas por trás dos olhos escuros do rei.

32
Um céu cheio de Estrelas e luz solar



Algumas horas depois, os tribunais de Eldoria e Nerezeth seguiram a procissão do casamento pelo terreno coberto de neve e pela luz da lua, até o calor de Neverdark para testemunhar o piscar do amanhecer e a troca de votos que curariam os reinos. No mesmo instante, Griselda acordou em uma caixa escura para a sensação revoltante de pernas rastejantes e asas batendo esfregando sua carne semi-nua.

Nem mesmo uma rachadura de luz brilhou, deixando-a incapaz de ver seus agressores. O ignorante puxou sua barriga, secou a língua e apertou a garganta. Uma centena de pernas finas escalou o couro cabeludo careca e ela se contorceu para afastá-las. O movimento raspou seus chifres através dos painéis ao redor, causando uma dor aguda para disparar através de seus dentes. Ela engasgou, tendo esquecido sua mutação.

Ela uivava por trás dos lábios fechados, aterrorizada para abrir a boca por medo de engolir uma aranha, um grilo ou uma mariposa - quaisquer criaturas repugnantes que compartilhavam seu túmulo.

Túmulo. Isso é o que sua sobrinha miserável tinha chamado. Aquela garota horripilante com cara de fantasma conseguira de alguma forma vencer. Griselda

estava tão perto de derrubar todo mundo com ela. Enfaixando as fitas com o incendiário antes de deixar Eldoria como último recurso, caso algo desse errado, escondendo o orbe de fogo dentro de seu corpete enquanto os guardas de Vesper procuravam por armas antes de aprisioná-la. E então colocando em suas mãos em punhos antes de voltarem para a cela para se juntar a seus pulsos nas costas para a sentença. Teria sido o plano perfeito, se ela não tivesse sido impedida, *um cílio.*

Seu sangue fervia de raiva, lembrando-se do destino horrível de suas filhas, presas ao testamento de um goblin e forçadas a ajudar em sua queda. Ela não podia deixar isso ser o fim.

Ela bateu na tampa. As trepadeiras ao longo dos braços dela caíram como nuvens de chuva na madeira embaixo dela, depois atravessaram o diafragma e as pernas, mordendo e picando a pequena camisa que se agarrava a seu corpo.

Alfinetadas de calor floresciam sob as sensações agulhadas, fazendo seus ossos doerem e suas articulações pegarem.

Raspando insetos de seu rosto, ela segurou sua boca para gritar:

—Me deixe sair! Eu quero sair! —Então ela bateu na tampa novamente.

Houve uma confusão lá fora. Ela respirou fundo. Passos, o que significava um humano, não um sudário. Eles eram mais pesados, como os de um homem. Deve ser um ladrão ou um assassino. O desfiladeiro era o lar de nada além do esgoto da sociedade. Foi por isso que ela enviou o cadáver de Lyra aqui.

A bruxa deve ter feito algum tipo de troca, desistiu de sua imortalidade pela criança - tudo para enfraquecer os planos de Griselda.

Griselda cerrou as mãos.

A tampa começou a ranger, permitindo um brilho suave por dentro. Griselda cobriu o peito com fingida modéstia e praticou sua expressão mais assustada. O homem a veria vulnerável e ou com pena ou desejo dela. Ela usaria suas artimanhas para se libertar e se vingar de todos: sua sobrinha, o príncipe arrogante, a bruxa intrometida e a Elusion.

A infestação ardente e afoguosa recuou de seu corpo quando a tampa caiu,

lavando-a com uma luz esverdeada e nebulosa. O cheiro de penas e do vento flutuou até as narinas dela, batendo-a com nostalgia - quase como se a menção de seu nome o tivesse conjurado.

Ela sentou-se no ar viciado e sorriu presunçosamente. — Claro. Na sentença, você estava fazendo uma parte, fingindo me odiar. Tudo para que você pudesse me salvar aqui, onde ninguém poderia ver.

Antes que Elusion pudesse responder, ela pulou em seus braços.

Silenciosamente, ele a forçou a ficar de pé, os pés descalços ainda dentro da caixa. Ele tirou o paletó. Seus olhos cor de laranja brilharam na penumbra - não com avidez como antes, quando ele a olhou de camisola. Eles brilharam frios como gelo, uma folha de sua cor ardente.

Griselda sacudiu um pouco de insegurança. — Agora que você tem suas asas de volta, você deve ser grato que eu cuidei muito bem delas. — Ela levantou os braços, esperando que ele a ajudasse a entrar em sua jaqueta. Em vez disso, Luce dobrou-a em um quadrado e usou-a para espanar os poucos bichos restantes de seu corpo sem esmagá-los ou tocá-la.

—Bom atendimento, de fato. Não consigo sentir o cheiro de fumaça, não importa o quão alto eu voe. Mas qualquer coisa é melhor do que ser humano, amarrado a uma forma inescapável e envelhecida. — Ele inclinou o queixo para ela incisivamente, depois encolheu o paletó, as asas escarlates afundando no tecido e reaparecendo em arco atrás dele como névoa de penas.

Griselda fumegou, sentindo-se exposta em seu corpo humano - cada decair e rugas em plena exibição. — Eu pensei que você preferia abatido e medonho, considerando seu apego à bruxa do harrower.

O sílfide mostrou seus dentes pontiagudos em um rosnado vicioso e profundo. — Fale dela novamente e vou arrancar sua jugular e devorar seus ossos.

Griselda definhava com a ameaça, mas se recusava a deixá-lo ver seu medo.

Ele endireitou a lapela, recuperando a compostura. — Eu não vim reviver

os velhos tempos com você. Eu não vim para você em tudo. Quem seria? Você alienou ou matou todos os que uma vez poderiam ter se importado. — Ele balançou a cabeça ruiva de pena e ajudou-a a sair da caixa, apontando para uma árvore com uma fina camada de cinza ao redor. — Fique aí, você faria? Eu preciso de espaço para reunir esses pequenos queridos. Minha rainha estava preocupada com o bem-estar deles. Ela temia que as viúvas negras e os escorpiões pudessem sofrer contaminação, caso estivessem expostos por muito tempo à sua toxicidade.

A raiva cravou novamente no sangue de Griselda, mas ela só podia se apoiar no tronco - os membros pesados, o estômago enjoado e a cabeça leve. Ela foi picada inúmeras vezes e o veneno estava se espalhando. — Então, você é seu garoto de recados agora? — Ela rosnou, tentando manter o foco. — A sua 'rainha' sabe do seu passado? Ela sabe como você matou sua mãe?

—Nós a matamos, Glistenda.

O nome fez Griselda endurecer com fúria. Mas mesmo quando a espinha dela comeu na árvore, a casca ficou mais macia, mais suave, como se estivesse abaixo dela.

Alucinações. Sua visão vacilou, embora conseguisse ficar em pé.

—E não, a rainha Lyra não está ciente da minha mão em seu destino. Eu não confesso simplesmente para acalmar minha consciência culpada. A dor roendo em mim será meu fardo para suportar. Algo que eu nunca esperaria que você se identificasse.

—Claro. Porque você sabe quem eu sou. Assim como você sabe, você é o motivo pelo qual não tenho remorso.

Ele bateu as asas, inquieto, como se estivesse entediado com a conversa. — Eu uma vez me culpei, mas não mais. Eu não influenciei sua decisão, não usei nenhum dos meus presentes de Sílfide naquele dia. Mestra Umbra olhou dentro do seu coração e viu a verdade do seu desejo. Você escolheu desistir de sua consciência por conta própria.

Griselda pressionou mais fundo na árvore, sua pele febril e gelada. —

Como se suas escolhas fossem tão nobres. Escolhendo proteger sua pele escabrada mentindo para “sua rainha”.

—Eu estou protegendo ela. Ela teve muita perda em sua vida. Recuso-me a tirar outra pessoa - ou lugar ou coisa - ela precisa ou cuida. — Elusion abriu a bolsa a seus pés. — Mas há uma penalidade por minha desonestidade - uma obrigação. Embora eu nunca seja seu mensageiro, ou um cavaleiro branco, ou algum membro honrado de sua corte, vou passar o resto da minha vida atemporal amarrado a uma parte do céu, amarrado a ela.

Elusion colocou vários potes, depois se agachou para separar com ternura os insetos em cada um deles antes de recolocar as tampas de malha. — Se ela chamar, eu sempre voltarei. Há tarefas que ela precisa fazer que apenas uma sílfide pode fornecer. — Ele enfiou os frascos na sacola. — Tal como persuadir um regente corrupto a pensar que ela tem a vantagem quando o tempo todo ela recebeu o último prego para seu caixão. Um prego na forma de uma caixa cheia de lembranças. É apropriado, não acha? Eu te enganando da mesma forma que uma vez eu enganei a rainha de Eldoria para você.

Griselda uivou e se lançou, apenas para se encontrar presa à árvore, incapaz de se mexer. Os galhos das árvores seguravam seus chifres, mas eles não eram filiais em tudo. Eles eram braços e mãos e dedos ilusórios. Ela lutou para se libertar, congelando quando um grupo de silhuetas sem forma escorregou do tronco, seus olhos brancos piscando.

O coração de Griselda estremeceu. — Não!

Mestra Umbra se aproximou e Griselda gritou mais alto.

Elusion levantou sua bolsa e tirou uma caixa. Ele olhou da mãe da mortalha para o coletivo em torno de Griselda. — A dívida de Crony é paga. Como é minha. — Ele jogou a caixa aos pés de Griselda, mexendo uma nuvem de poeira. — Nosso negócio terminou e tenho um casamento para participar. Vejo você do outro lado da lua, Madame Umbra.

A criatura soltou uma risada sibilante. — Encantador como sempre, Elusion. É bom ter você de volta ao seu antigo eu. E hoje pode ser o começo da

noite de Eldoria.

—Espera! Não me deixe! — Griselda gritou quando o Silfide tomou uma mistura esfumaçada de um frasco e desapareceu.

A caixa aos pés de Griselda tremeu. Mesmo que o nome dela não tenha sido roteirizado, ela saberia os conteúdos que pertenciam a ela, reconheceria os sons internos, o clangor de asas e gemidos que invocavam a voz de seus muitos crimes.

—Não por favor! Eu não quero sentir!

A boca da Madame Umbra se transformou em um sorriso terrível quando ela começou a rasgar o vestido de Griselda. — Eu não te contei princesinha? Que você viria novamente para procurar nossa companhia. Eu não previ que você precisaria de um lugar para esconder os pecados que se torcem e se retorcem como os galhos de uma árvore? — O olhar dela mudou para a cabeça careca de Griselda.

Soluçando, Griselda desabou, sustentada apenas por seus chifres agora, pelas pontas que se projetavam como galhos de seu crânio.

Os dedos passeadores e criativos da Mestra Umbra abriram a caixa e soltaram os estorninhos cheios de penas. — E eu não prometi mostrar a mesma misericórdia que você praticou durante a sua vida? Não mais, não menos?

Linhas negras de tinta penetraram na carne de Griselda, tomando a forma de aranhas e escorpiões. Eles afundaram sob a superfície, engolfando seus braços e se espalhando pelo resto de seu corpo até que suas mãos não fossem mais as únicas coisas infestadas, até que tudo dela estivesse.

Griselda estremeceu sob a intrusão. Seus chifres se soltaram e ela caiu de joelhos. Seu corpo ficou sem peso e sua pele pura, não oferecendo nenhuma barreira para os estorninhos batendo em seus ossos. Suas garras e bicos rasparam seus órgãos e entranhas, incorporando a angústia e o remorso em cada pedaço de seu ser: envenenamentos, poções destrutivas, infâncias quebradas - suas próprias filhas forçadas a pagar a penalidade por seus erros com suas vidas: passado, presente e futuro. As feras que ela assassinou, a sobrinha que ela torturou, o

irmão que ela matou depois de matar sua esposa. E o primeiro cavaleiro leal de Kiran.

—Ah, e aqui estamos nós. — Disse a senhora Umbra, vendo os pensamentos e a dor de Griselda enquanto ela entrava em sua mente. — Finalmente nós o vemos, Sir Nicolet, esse cavaleiro que você matou, que era o garoto que você amou. Você veio aqui para fazê-lo retornar seu amor naquele dia, tanto tempo atrás. Bem, tinha sido uma jornada desnecessária, parece. Crony compartilhou sua memória final conosco. Você gostaria de saber agora?

Griselda não pôde responder, pois seus ossos estavam se despedaçando. Ela tossiu sangue, depois observou-o afundar em sua pele translúcida para formar contusões negras.

—Ele amava você. Como o menino, como o homem. Ele queria provar que era digno de você, então ele esperou até se tornar um cavaleiro para cortejar você. Mas então você já se casou com outro. Então ele esperou novamente. Ele pretendia pedir a sua mão no dia em que você o matou. Essa era sua memória final, pensando na vida que ele queria viver com você e suas filhas, de coração partido por sua traição. Seu nome em seus lábios com seu último suspiro.

Griselda chorou então, a agonia e o pesar eram grandes demais para suportar.

—Agora, meus filhos. — A senhora Umbra murmurou para suas mortalhas. — Nós nos banqueteamos com sua carne. Para o nosso coletivo não tem lugar para desespero tão profundo.

Enquanto as mortalhas chegavam para devorá-la, Griselda amaldiçoou seus anos perdidos. Ela implorou por misericórdia ao ar sufocante e cheio de cinzas, já que não havia mais ninguém para ouvir. Então ela se transformou em cinzas e não viveu mais.

Nos jardins de Eldoria, Crony acordou com a agitação das penas de Thana no pescoço. Ela conhecia a identidade de sua visitante antes que seu cheiro -

neve, folhas queimadas e enxofre - cortasse o fedor de cabelos e carne chamuscados. Ela sabia antes que aquelas mãos suaves tocassem suas bolhas para aliviar os pulsos agonizantes dos nervos de Crony. Ela só queria poder vê-la, pois isso seria uma cura para sua alma.

—Que bom que você trouxe outra dose. — Crony resmungou.

—Eu assumi que o que eu enviei com o Silfide seria evaporado agora. — Respondeu Dyadia.

—Sim. Ainda não posso acreditar que ele teve tempo de ir até você para tratamento, com a princesa desaparecida como ela.

—Ele manteve-se bastante ocupado nesse ínterim. O desgraçado regente de Eldoria tabém.

Crony tentou sorrir, mas sem lábios a tentativa foi fútil. Foi o suficiente para sentir isso em seu coração. — Eu vos disse que escolhi sabiamente. Você tem seu conjunto de asas e eu tenho o meu.

Thana grunhiu beligerantemente, ofendida pela comparação.

—A regente foi exilado no barranco. — Disse Dyadia sobre as artimanhas de seu pássaro. — Eu pensei que você gostaria de saber. A rainha Lyra mandou-a para o lar do sudário, seminua e careca num caixão cheio de insetos.

Crony gargalhou. — Eu teria me dado o chifre direito para ser um mosquito naquela caixa. — Seu riso parou abruptamente quando ela cuspiu um caroço esfumaçado.

Dyadia acariciou o peito de Crony - um gesto preocupado que Crony não esperava. — Seu Silfide queria que eu lhe dissesse que ele está lá agora, cuidando das coisas, amarrando as pontas soltas e resolvendo dívidas antigas.

—Bom. Vai tornar mais fácil sair, sabendo disso. Então, quando o casamento está tomando lugar?

—Enquanto falamos. E desde que tudo deve ser cronometrado corretamente, devemos assistir juntas?

—Eu estou gostando disso.

—Vá então, Thana. Vamos espiar através de seus olhos. — Raias de vento

atravessaram a pele entorpecida de Crony enquanto o corvo gigante levantava vôo. Suas batidas ficaram distantes e um silêncio estranho seguiu-se.

Crony lutou por algo a dizer, alguma maneira de manter as gentilezas, ainda não preparada para a exibição de desculpas e erros do passado.

—Bem, você foi e fez isso. — Dyadia salvou Crony do problema. — Ressuscitou a garota e fugiu das regras roubando suas memórias. Você tomou uma boa chance.

—Como você, dividindo o menino em dois.

—Ah, bem, nós duas sabíamos o quanto eles eram importantes. Tem sido difícil, esconder a profecia por todos esses séculos, esperando para compartilhar com os humanos até o momento certo. Esperando que aqueles dois nascessem e tivessem idade suficiente para sacudir os reinos de sua antipatia um pelo outro. Eu quase perdi a esperança. Finalmente, nosso momento chegou. Então tudo caiu para apodrecer.

—Ainda assim, o destino garantiu que eles se encontraram, apesar de todos os solavancos e estradas.

—Estou tão aliviada. Caso contrário, não teríamos essa oportunidade para corrigir nossos erros.

O pulso retorcido de Crony deu uma batida extra. — Nossos erros?

—Estou cega há tanto tempo, tão cega quanto você é hoje. Três olhos, mas nenhum deles podia ver o que meu filho havia se tornado, e a destruição que ele pretendia desencadear no mundo. Você fez o que eu não pude fazer, mesmo que você tenha mentido e partiu meu coração.

O próprio coração de Crony se encolheu com a dor na voz de Dyadia. — Isso é errado para mim. E eu vou. Pode me perdoar quando eu partir?

Dyadia colocou a mão sobre Crony. — Eu te perdoo agora. Nós duas sabemos que o seu foi o maior sacrifício. Eu entendo porque você deu a princesa o que você recusou meu filho. Porque ela era digna disso.

—Mais que isso. Haverá dois reinos dependentes dela, e não dela morrendo.

—Sim. — Sussurrou Dyadia.

Crony estendeu a mão cegamente com a mão livre e Dyadia curvou-se para que ela pudesse tocar sua bochecha. — Eu amado um. Eu não pude salvar seu Lachrymosa então, mas posso trazê-lo de volta para você agora, para lançar sua luz sobre suas janelas na véspera. — Ela deu um suspiro doloroso. — Foi um fardo suportar, a espera. Fico feliz que esteja quase aqui.

—Foi errado da minha parte colocar a maldição na sua cabeça. Todos esses anos, incapazes de fechar os olhos por causa da minha raiva.

O coração de Crony sorriu novamente com as palavras amáveis. — Não, eu tive que estar de qualquer maneira, então talvez eu não perca a oportunidade, então eu não posso passar do destinatário de mim ressuscitadora. Eu sabia o que tinha que ser entregue para endireitar o que me tornei torta. Manter meus olhos abertos me fez vigilante. Eu posso descansar agora, em breve.

—Sim. Suponho que nós duas possamos. — Dyadia forçou uma risada suave, embora a tristeza diminuísse as bordas.

—Diga-me, o que você pensa da princesa para seu rei?

Dyadia puxou gentilmente os poucos fios de cabelos quebradiços que saíam da cabeça de Crony. — Ela é tudo que sua rainha deveria ser. Inteligente, aventureira, indomável. Corajosa em suas paixões, ainda que terna e gentil. Ela equilibra sua brutalidade, mas apenas quando necessário. Ela tem um jeito com ele, nosso rei. Ele a respeita e a valoriza, como se ela fosse uma extensão de si mesmo. Não há dúvida de que eles trarão prosperidade e paz a ambos os reinos. Não há dúvida de que eles são os únicos que poderiam. — Ao dizer isso, Dyadia respirou fundo. Ela se sentou e apertou a mão de lugar para se empoleirar e oferecer uma boa visão.

—O arboreto? E a falsa luz do sol? A pele de Lyra é tão macia.

—Não mais. Tomar a maldição iluminada por Vesper e derrotá-la a fez mais forte. Ela não é mais sensível agora do que qualquer outro Nerezethite. Ao curá-lo, ela se curou.

Crony gargalhou entre suspiros. — Só vai mostrar, a troca nem sempre tem

que ser uma coisa ruim. Ela não precisava ver para saber. — Dyadia concordou com a cabeça.

—Dê-me sua mão aqui. — Dyadia guiou os dedos chamuscados de Crony até a órbita de sua testa. No momento do contato, Crony podia ver tudo o que Thana e sua feiticeira podiam - afiada e vívida em sua mente.

Espaços em treliças revelavam uma grande extensão de prados, campos, lagoas e lagos do lado de fora, dourados com o brilho suave de milhares de vaga-lumes à deriva na brisa. Uma multidão de convidados do casamento e testemunhas se estendia da passarela que levava à entrada da porta de ferro, a um bosque de flores silvestres sob um olmo em uma colina ao longe. Lá esperava uma raposa vermelha solitária, sentada em suas coxas. Crony riu dentro de si, sem se surpreender que ele tivesse usado aquela forma. Luce não poderia ser pego sendo sentimental, afinal.

O portador do corvo aterrissou no santuário sobre uma luminária, bloqueando as marcas estreladas de luz que chegavam ao teto. Ninguém pareceu notar ou se importar. A atenção de todos permaneceu fixa em seu recém-coroado rei e rainha quando eles entraram pelo arco da treliça, de mãos dadas, trocando olhares cheios de desejo e antecipação.

Eles eram lindos: claros e escuros, lado a lado, com cicatrizes ainda que encantadoras, representativas das duas entidades celestiais que antes compartilhavam os céus, mas eram separadas.

Ambos estavam envoltos em longas e elaboradas vestes prateadas forradas de peles que se juntavam na cintura. As algemas de pele do rei pararam no meio das mãos dele. Um cinto espreitava de seu manto - amarrando uma túnica jacquard azul embelezada com tranças e botões de aço. A sombra da túnica complementava a espada larga incrustada de sodalita amarrada na cintura, a ponta quase alcançando os dedos das botas pretas compridas. Era uma peça de família, passada de monarca a monarca na Casa de Astraeus. Crony se lembrava de tê-la visto em convocações, amarrada à cintura do rei Velimer séculos antes.

E então havia Stain em um vestido de contas, o azul de um céu de

primavera, com ondas de teia brilhante e aranhas brancas cintilando em cascata ao longo da saia e mangas de sino como rendas cravejadas de diamantes. Salamandras vivas se enroscavam em torno de seus pés, sua pele lisa brilhava como pedras preciosas. Seus cabelos prateados, grossos e lustrosos, varriam um ombro e desciam até a cintura, numa longa trança entrelaçada com ametistas e flores. Sua pele estava brilhando com a luz da lua e felicidade. Ela parecia uma princesa finalmente. Princesa Lyra.

Mas não, ela era uma rainha, usando a coroa de diamantes da mãe. Aquela mulher gentil e refinada que nunca conheceu, aquela mesma mãe, Crony, fez o melhor que pôde para substituí-la em seu próprio jeito rude e mal-humorado. Suas entranhas chamuscadas apertaram o pensamento.

—Nós fizemos isso. — Ela sussurrou, em seguida, estrangulado em um meio soluço. Ela se afastou do toque de Dyadia, empurrando os dois da cena.

—Cronatia? — Sua companheira agarrou seus dedos. — O piscar do amanhecer e do anoitecer está próximo; por que você faz uma pausa?

—Será realmente o melhor momento, para tornar um momento lendário — apesar de ninguém estar duvidando de sua credibilidade?

—O que voce tinha em mente?

—O beijo. Sim, quando eles se beijam.

—Para fazer isso pertencer ao rei e rainha sozinhos. — Disse Dyadia, sua mente em sintonia com Crony como era antigamente todos aqueles anos atrás. — Perfeito. — Ela se inclinou novamente, prestes a pressionar os dedos de Crony de volta ao lugar.

Crony hesitou. — Prometa para mim. Os reinos não podem saber a verdade disso. Que nenhum rei e rainha vivo tenha o poder de afetar o sol e a lua. Que está em mim sozinha, através do feitiço de lua-de-fogo de seu filho. Que a profecia não era sobre um casamento reunindo os céus, mas sobre um amor puro e verdadeiro reunindo reinos.

Dyadia suspirou. — De todas as coisas que a magia pode consertar, ainda assim não pode romper a mentalidade estreita.

—Serão tomadas as mãos de todos para derrubar paredes e reconstruir fundações.

—Bem, então esses dois serão os pilares. O exemplo.

—Sim. Então, vamos dar a eles um conto de fadas que acabe por se apoiar. Um pedestal de tipos. Ninguém sabe de nada. E as pessoas nunca mais duvidarão da força por trás da solidariedade. Estaremos de acordo?

—Sim. Eu prometo isso. — Dyadia pegou a mão de Crony mais uma vez. — Eu vou te ver nos céus, Madame Cronatia Wisteria.

—Cada uma e todas as noites.

Dyadia virou a palma da mão de Crony e pressionou os lábios macios no que restava da carne carbonizada. Ela então guiou os dedos de Crony para reviver a cena. O casal real apareceu de novo, em frente a um palanque coberto de seda branca e cheio de flores e hera que desciam em cascata pelos lados. Pétalas de panaceia de lavanda profunda, borrifadas sobre musgo turquesa, cobriam o chão e se estendiam por toda a entrada em arco, através de uma passarela e até a porta de ferro.

No outro extremo do tablado, de frente para a noiva e o noivo, estavam dois homens sagrados - Eldorianos e Nerezitas - cada um usando vestimentas adornadas pelos sigilos possíveis de seus reinos.

Os votos já haviam sido ditos, pois os pulsos esquerdos estavam presos com fitas e espinhos cerimoniais, para mostrar a unificação de seus reinos. O anel rosa da panacéia - que Crony tinha visto dentro da bolsa na sala de terra - já estava na mão da rainha. Quanto à parte de Lyra, ela tinha o nariz enrugado enquanto lutava com uma faixa preta metálica no dedo do rei. Eles começaram a rir da luta, e o amor e a esperança em seus rostos deram a Crony a força para invocar o feitiço sombrio do mago, deixando-o preencher seus pensamentos, deixando-o gelar seu sangue.

A voz e o rosto de Lachrymosa estavam amarrados, pois ele se tornara um com a lua e, quando Crony havia interceptado esse vínculo, tomando fôlego e o feitiço, a lua havia caído, esgotada e incapaz de se sustentar sozinha contra o sol.

Assim, ficou escondida debaixo da terra onde estaria segura. Agora Crony usaria o feitiço para trazer a lua de volta a Eldoria onde ela esperava. Ela se tornaria uma só - liberar seu espírito ao lado de Lachrymosa - para renovar a força da lua, mas ainda assim conter seu poder. Juntos, eles ajudariam a encontrar seu lugar mais uma vez ao lado do sol.

Tudo o que ela precisava era o beijo.

Como se na sugestão, o rei segurou o queixo da sua rainha, imitou as palavras "*Esposa*", então juntou seus lábios em um abraço doce e apaixonado enquanto todos aplaudiam ao redor deles.

Esperando uma batida para admirar a beleza de sua felicidade, Crony chamou a lua e deu seu último suspiro.



Os cronistas reais um dia o registrariam, enchendo pergaminhos com o evento milagroso, páginas e páginas de descrições: Como, quando o rei de olhos negros e sua rainha de cabelos prateados compartilharam seu primeiro beijo como marido e mulher, o mundo começou a tremer e tremer. Nerezititas do lado de fora do arboreto deram relatos de árvores, uma vez curvadas após a queda da nevasca, sacudindo pedaços de neve e gelo e se estendendo como se alcançassem a lua enquanto ela deslizava para a abertura reaberta da terra - como magicamente convertida em fumaça e nuvens, então sugadas através da fenda. E assim como a lua puxou a província de Nerezeth acima do solo - a população, a floresta, o castelo, o arboreto, o Rigamort e seus veados brutos, os goblins geadas - o rochedo Ashen caiu na fenda, deslizando na direção oposta através de sua própria bolha de magia, encapsulando e combinando todos os resíduos perversos e distorcidos da magia enquanto ela passava: os espinhos, o ermo do Grim, as mortalhas e os arbustos de cadáveres, as poças de peste e cinzas sem fim. Estes tomaram forma novamente dentro da barriga da terra em uma nova forma - escura e perigosa - antes que o rasgo na terra se fechasse com um selo mágico, prendendo o mal longe, muito abaixo do solo.

Uma inversão, os pergaminhos diriam. Posteriormente, a floresta de Nerezeth estava assentada ao lado das montanhas e colinas e vales de Eldoria, ambas cercadas pelos oceanos, como havia sido desde o começo.

Quando a poeira baixou, o sol, a lua e as estrelas compartilharam o céu por um dia, com uma barreira de arco-íris encantada, mantendo sua luz separada. O sol, quente e radiante sobre as florestas de Nerezeth, atraía as pessoas de pele macia de suas casas e das enfermarias. Protegidos pela sombra, eles ficaram dentro dos raios amolecidos e sentiram a verdadeira luz do sol pela primeira vez enquanto a neve e o gelo escorriam e derretiam ao redor deles. Acima de Eldoria, a lua e as estrelas vigiavam, seu brilho era tenro demais para alimentar a madressilva. Flocos brancos caíram do céu. Em poucas horas, a praga perfumada e infestada de videiras desintegrou-se sob cobertores de neve que se fundiram em uma lama rica em nutrientes. As pessoas da cidade aplaudiam, correndo de um lado para o outro com baldes, reunindo-os para uso em jardins e campos negligenciados.

No dia seguinte, o sol se partiu ao alvorecer sobre os dois reinos simultaneamente, depois se pôs ao entardecer e a lua dominou a noite. O equilíbrio havia retornado aos céus nas mãos de um menino-estrela e de uma ave canora, exatamente como a profecia previa. Ambos os reinos se uniram para se alegrar e reunir seus governantes com promessas de honra e fidelidade.

Naquela primeira noite, a rainha Lyra e o rei Vesper sentaram-se entre conselheiros e membros do conselho dentro do grande salão.

Eles não tinham tido um momento para si mesmos desde o evento - Lyra fazendo arranjos com o primeiro-ministro Albous para enviar os militares e o conselho de Eldoria de volta ao palácio de marfim para garantir que tudo estivesse em paz e informar ao povo que seu rei e rainha levaria a viagem de duas semanas até lá para realizar um tribunal aberto e conhecer todos os seus súditos muito em breve; e Vesper, enviando suas próprias forças militares para cercar os ladrões, assassinos e saqueadores correndo pela província florestal, agora que a ravina não os abrigava. No entanto, Lyra lhe dera uma lista daqueles

que ela achava que mereciam perdão por terem libertado Crony da prisão de Griselda, e após consideração, o rei encontrou posições para eles em seu castelo, conducentes a seus talentos peculiares e particulares.

Lyra e seu rei haviam acabado de emitir um decreto para derrubar as paredes do arboreto e libertar toda a vida selvagem quando viu a rainha Nova, Luce e Dyadia em pé do lado de fora da entrada do salão. Ela cutucou seu rei, que olhou por cima da assinatura do pergaminho.

Talvez eles tenham notícias sobre Crony, ela disse silenciosamente entre eles. A última vez que viu Luce e Dyadia juntas foi apenas de longe - quando o sol, a lua e as estrelas se estendiam pelos céus como uma trindade mística. Os dois conversaram profundamente, mas se afastaram antes que Lyra pudesse libertar-se de suas responsabilidades para interrogá-los.

Agora, com o rei a reboque, ela atravessou a sala cheia de velas iluminada, inclinando a cabeça coroada para pessoas que se ajoelhavam ao passarem.

Juntos, eles saíram para o corredor, onde a rainha Nova já havia aberto o caminho para que tivessem privacidade.

Luce e Dyadia se curvaram ao chegarem. Vesper assentiu e olhou para a mãe.

A Rainha Nova descansou as palmas das mãos nos ombros do filho e da nora. — Vocês dois parecem cansados. Eu ouvi rumores de que vocês ainda não foram para seus aposentos.

Vesper fez uma careta e esfregou a barba em sua mandíbula que escureceu consideravelmente nas últimas horas. — Estamos nos revezando para descansar. Toda vez que tentamos sair juntos, alguém precisa de um de nós para ficar.

A rainha Nova franziu a testa. — Você é o rei. — Ela se virou para Lyra. — E você, a rainha. Mas vocês também são humanos. Dois dias depois do casamento, e você ainda não compartilhou sua cama de casamento? É hora de você deixar seus primeiros ministros e assessores ganharem seus títulos. Eu me disponibilizarei para qualquer dúvida ou obstáculo até que vocês estejam bem descansados e bem alimentados. Vão agora para sua suíte. Eu tive um jantar

tardio enviado junto com um pouco de hidromel. Eu não quero ver vocês de novo até o dia seguinte, bem depois do amanhecer. — Sem discutir, ela se enfiou graciosamente no grande salão e desapareceu entre os servos e membros do conselho.

Vesper encontrou o olhar de Lyra. Ela sabia que o brilho dentro de seus olhos escuros: desafiando-a a fazer algo ousado. Ele tinha uma cauda, ele estaria balançando, desafiando-a a se afastar de uma aventura tão grandiosa. Seu corpo inteiro se iluminou com consciência quando ele passou um braço em volta da cintura dela, baixo o suficiente para roçar o quadril dela com os dedos.

—O que você diz, minha esposa? Devemos nos retirar para nossos aposentos por algum bem merecido e aguardado, dormir?

Ele não parecia nem um pouco nervoso, mas ela era o suficiente para os dois. Ela assentiu em silencioso acordo, todo o tempo se perguntando se o rubor em sua pele era evidente para Luce e Dyadia.

Luce limpou a garganta e acenou com um braço em direção à escadaria vigiada à distância. — Vamos acompanhá-lo até lá. Meu último dever antes de me aposentar como o cinturão de castidade da rainha Lyra.

Lyra tossiu uma risada chocada enquanto caminhavam em direção às escadas.

—Isso significa. — Vesper perguntou, aproximando Lyra de modo que seus músculos magros ondulassem contra ela a cada passo. — Que você não vai mais latir para nós se considerarmos declarações privadas de amor quando estivermos na sua presença?

Luce zombou. — Meu tempo como acompanhante chegou ao fim. Sua mãe é uma mulher formidável. Ela tem netos reais na mente, e eu não sou tolo o suficiente para ficar no caminho de herdeiros coroados.

—Nem eu. — Respondeu Vesper, sua voz profunda e rouca com convicção.

Lyra sorriu, seus nervos se fundindo lentamente em algo doce e faminto.

—Alteza. — Dyadia chamou a atenção de Lyra, movendo-se ao lado dela.

— Eu tenho a essência da sua voz. — Ela entregou um pote de cerâmica espessa com um topo de linho selado encerado amarrado no lugar com barbante. — Quando você estiver pronta, simplesmente beba o conteúdo. — Ela virou seus olhos felinos em direção a Vesper. O terceiro olho estava fechado dentro de seu soquete. — Eu pensei que talvez você gostaria de compartilhar a restauração entre vocês, em particular, como você está esperando por sua música mais do que qualquer um de nós.

Vesper sorriu para Lyra. — Esperando ouvir isso de seus lábios, sim.

Eles chegaram às escadas que levavam à câmara da torre de Vesper, agora servindo como a suíte do rei e da rainha. A fila de guardas que vigiavam a escadaria se afastou, preparada para retornar à formação sobre a ascensão de sua rainha e do rei.

—Então, nós nos separamos, por enquanto. — Luce deu um passo para trás.

Esperem, Lyra assinou. *Eu vi os olhares passando entre vocês dois. Vocêd obviamente viram Crony, ter recebido a receita da poção de transferência para minha voz. Por que ela não voltou com vocês? O que vocês não estão me dizendo?* O abraço de Vesper se apertou, como se ele pressentisse notícias ruins tanto quanto ela. Seus olhos arderam quando Luce e Dyadia tentaram manter suas expressões estóicas, mas falharam miseravelmente.

Eu não sou fraca, então pare de me tratar como eu sou. Suas mãos soletravam as palavras, embora tremessem como se refutassem sua afirmação. *Eu posso ficar forte. Mas vocês devem me dizer, ou eu sempre me pergunto. Eu vou sempre buscá-la em todas as sombras, em todas as viradas da lua, em cada amanhecer.*

Dyadia falou. — É exatamente onde você deve procurá-la.

Luce lançou-lhe uma carranca severa, mas ela ergueu a mão como se quisesse assegurá-lo.

—Crony amou a lua. A noite foi um conforto para ela. Noite e todas as suas criaturas. Você trouxe isso de volta, deu a ela as músicas dos grilos e o

cheiro da flor da noite. Mas você vê, ela esperou tanto tempo por seu retorno, que quando a lua passou, ela não se atreveu a deixá-la escapar novamente. Era lindo demais para ela resistir. Ela se envolveu dentro de sua magia que estava remendando nosso mundo de volta ao lugar, e deixou isso levá-la embora. Imortais, nós nos cansamos às vezes com a normalidade da vida, e doemos para encontrar novos desafios. Então foi o que ela fez, subiu aos céus para estar entre os outros da nossa espécie, buscando novas paisagens do sonho. Mas ela queria que você soubesse o quanto ela ama você e que ela está sempre olhando para você.

O coração de Lyra apertou insuportavelmente. Vesper a puxou contra seu peito, seu queixo derrubando sua coroa ligeiramente fora do centro. Ela fechou os olhos e deixou as lágrimas caírem. Crony valeu cada uma delas.

Lyra não tinha certeza de quanto tempo ficaram assim no final da escada. Ela sentiu a mão de Luce apertar seu ombro, ouviu-o prometer vê-la novamente no dia seguinte. Ela escutou os passos de Dyadia seguindo-os e se distanciou até que se desvaneceram em silêncio.

Quando seu rei finalmente a empurrou para o braço para enxugar as lágrimas e endireitar a coroa, ela encontrou seu olhar preocupado. *Havia mais na partida de Crony. Eu sinto que eles ainda guardam segredos.*

A expressão de Vesper mudou em cima de sua observação, suas sobrancelhas franzidas. — Eu sinto isso também. Mas também sinto que estão respeitando seus desejos. Então devemos fazer o mesmo. Podemos honrá-la mais sendo bons governantes. E por narrar tudo o que ela fez por você, para nós, em nossas histórias.

Lyra assentiu. Atrás dele, avistou a escadaria sinuosa e achou que parecia uma montanha. Todo o peso dos últimos dias se instalara em seus pés e a pregara no chão. Sem uma palavra, Vesper a ergueu sem esforço, embalou-a contra o peito e começou a carregá-la escada acima.

Ela passou um braço ao redor de sua nuca e encostou a cabeça contra a têmpora dele, o poderoso baque de seu coração chutando perto de sua caixa

torácica. Ela apertou a mão livre ao redor do frasco que continha a voz de sua ave canora. *Eu posso andar,* Pareceu assustador por um momento.

Vesper zombou. *Isso da menina que costumava me implorar para carregá-la todos os dias por cinco anos seguidos.*

Ela riu, seus olhos queimando de lágrimas novamente - embora estas fossem agridoces. *Você está certo. Escorregou em minha mente que você tem um pagamento a pagar. — Somente quando o sol e a lua compartilham o céu.*

Vesper riu dessa vez. Ele parou e encostou o ombro contra a parede para equilibrá-los nas escadas para que ele pudesse olhar nos olhos dela. — Só para você saber. Sou muito mais receptivo a tais solicitações neste formulário. Portanto, nunca hesite em perguntar.

Ele inclinou a cabeça para beijá-la, sua boca persuadindo a dela a abrir levemente, envolvendo-a em uma suave e lenta dança de lábios e língua. Quando ele se afastou com um sorriso tentador no queixo barbudo, ela estremeceu em antecipação a mais. Sua subida começou novamente, embora desta vez muito mais rápido.

Ela admirava como a lua passava pelas janelas durante a escalada, como a luz dourada da coroa de Vesper e o perfil forte com tremores suaves e prateados. Amanhã ela despertaria em seus braços e veria aquele precioso rosto inundado de luz amarela do sol.

O mundo realmente mudara. Ela havia recuperado seu reino e ela mesma, e de alguma forma, ela e Vesper haviam conquistado o céu. E ao longo do caminho, ela ganhou o coração do Pégaso. Agora, finalmente, eles voariam, embora não para escapar como ela sonhara uma vez. Em vez disso, como Crony, eles deveriam se engajar em esquemas grandiosos.

Epílogo



A maioria dos contos de fadas, não importa o quão trágico seja o começo, termina com um feliz para sempre. Entretanto, a rainha Lyra e o rei Vesper eram muito pragmáticos, devido a suas próprias experiências, para acreditar que seus futuros sempre seriam de rosas e arco-íris. O mundo deles estava cheio de monstros, espinhos, magia negra e maldições, por mais distante que fosse a terra onde os habitantes moravam agora. Então, cada um entrou em sua vida de casados compartilhando apenas a esperança de paz e união para seus dois reinos, e a sabedoria de trabalhar juntos através de desafios e perigos, de mãos dadas. Mais importante ainda, nunca ser muito orgulhoso para ter ajuda quando necessário, por mais inesperada ou humilde que seja a fonte: insetos ou sombras, um jardineiro anão com uma propensão a ternos de coelhinho, uma cozinheira desdentada, um goblin ganancioso, um ar elemental caprichoso com a zombaria e astúcia de uma raposa, ou uma bruxa com chifres, velha e murcha, com olhos de pântano e um sorriso que poderia murchar a erva mais resistente. Com o tempo, os dois reinos de Nerezeth e Eldoria se uniram como um só e adotaram o nome Nevaeh, pois acreditava-se que os céus reunidos haviam unificado o povo. Seguindo o exemplo de seus jovens monarcas, os cidadãos de Nevaeh

aprenderam a se aceitar novamente - contentes com a mudança de dias, noites e estações mais uma vez. E por isso eles foram recompensados com um final mais altruísta e atingível, no qual eles compartilharam uma esperança para sempre.



Notas

[←1]

Stain é mancha, mas como fica mais bonito chama-la de Stain, decidi manter por isso mesmo.

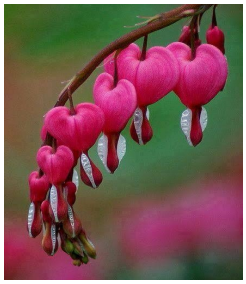
[←2]



[←3]



[←4]



[←5]

